

**GRAMÁTICA HISTÓRICA
DA LÍNGUA PORTUGUESA**

M. SAID ALI

*Revisão do Prof. Maximiano
de Carvalho e Silva*

“Associando-se às comemorações do centenário de MANUEL SAID ALI IDA, a Companhia Melhoramentos de São Paulo estabeleceu o plano da publicação das tão justamente renomadas gramáticas do grande Mestre — a *Gramática Elementar*, a *Gramática Secundária* e a *Gramática Histórica*. Obras de reconhecido valor, que tanto contribuíram para a renovação dos estudos lingüísticos no Brasil (a tal ponto que entre nós nenhum estudioso da língua portuguesa terá deixado de receber, direta ou indiretamente, essa benéfica influência), impunha-se já há muito tempo a sua reedição, reclamada por um publico bem numeroso que também deseja ter a oportunidade de possuí-las e consultá-las com mais freqüência.

“Incumbiu-nos a Companhia Melhoramentos de São Paulo de preparar a reedição da *Gramática Histórica*, tarefa honrosa que aceitamos com o maior prazer, apesar das perspectivas de dificuldades e canseiras no caminho de quem se dispõe a empreendê-la com a lembrança de outras experiências semelhantes. Assim também prestamos a nossa humilde homenagem a Said Ali, cujas lições admiráveis tanto nos têm ajudado a encontrar a solução de alguns dos mais sérios problemas da Filologia portuguesa.

“Queremos pois, concluído o trabalho, apresentar aos leitores o plano desta edição, na qual procuramos reproduzir com

M. SAID ALI

**GRAMÁTICA HISTÓRICA
DA LÍNGUA PORTUGUESA**

3.^a edição melhorada e aumentada de
*Lexeologia e Formação de Palavras e
Sintaxe do Português Histórico*
(1.^o Prêmio “Francisco Alves” de 1921
e de 1927 da Academia Brasileira de Letras)

Estabelecimento do texto, revisão,
notas e índices pelo
Prof. MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Mx
X-1964

Do Autor, nas Edições Melhoramentos:

GRAMÁTICA ELEMENTAR DA LÍNGUA PORTUGUÊSA (A sair)
GRAMÁTICA SECUNDÁRIA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

Nos pedidos telegráficos basta citar o cód. 0-07-072



APRESENTAÇÃO

Associando-se às comemorações do centenário de MANUEL SAID ALI IDA, a Companhia Melhoramentos de São Paulo estabeleceu o plano da publicação das tão justamente renomadas gramáticas do grande Mestre — a *Gramática Elementar*, a *Gramática Secundária* e a *Gramática Histórica*. Obras de reconhecido valor, que tanto contribuíram para a renovação dos estudos lingüísticos no Brasil (a tal ponto que entre nós nenhum estudioso da língua portuguesa terá deixado de receber, direta ou indiretamente, essa benéfica influência), impunha-se já há muito tempo a sua reedição, reclamada por um público bem numeroso que também deseja ter a oportunidade de possuí-las e consultá-las com mais freqüência.

Incumbiu-nos a Companhia Melhoramentos de São Paulo de preparar a reedição da *Gramática Histórica*, tarefa honrosa que aceitamos com o maior prazer, apesar das perspectivas de dificuldades e canseiras no caminho de quem se dispõe a empreendê-la com a lembrança de outras experiências semelhantes. Assim também prestamos a nossa humilde homenagem a Said Ali, cujas lições admiráveis tanto nos têm ajudado a encontrar a solução de alguns dos mais sérios problemas da Filologia portuguesa.

Queremos pois, concluído o trabalho, apresentar aos leitores o plano desta edição, na qual procuramos reproduzir com a maior fidelidade o texto definitivo da *Gramática Histórica*.

A primeira edição deste livro se constituiu de dois volumes autônomos, de épocas diferentes. Em 1921, a mesma Companhia Melhoramentos fazia publicar a *Lexeologia do Português Histórico*, assim dividida: "Os sons e sua representação" e "Os vocábulos". Dois anos após, em 1923, vinha a lume a *Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico*, em cujo índice se indica a seguinte distribuição da matéria: "Formação de palavras", "Sintaxe" e "Apêndices (I — História resumida da Língua portuguesa, II — Alterações fonéticas do latim vulgar)".

A segunda edição destas duas obras saiu como um volume só, intitulado *Gramática Histórica*; a capa e a folha de rosto não trazem data, mas o prólogo assim termina: "Rio, janeiro de 1931". A *Lexeologia* sofreu muitos acréscimos; fizeram-se retoques e correções na redação das duas partes então reunidas, e foram transpostos para o devido lugar os apêndices da *Formação de Palavras*.

Assim sendo, temos agora uma terceira edição do trabalho de Said Ali, com as mesmas características fundamentais da publicação anterior. Porém, não se trata de mera reprodução do texto de 1931, como se verá pelas explicações que aqui apresentamos. Serviu êle de base para o estabelecimento do texto definitivo, que confrontamos com o de 1921-1923 ao fazermos a correção das primeiras provas tipográficas, o que nos permitiu corrigir alguns lapsos não percebidos pela revisão de 1931.

Preparando os originais, cuidamos em primeiro lugar de adotar a ortografia vigente na transcrição das palavras de Said Ali. A atualização da ortografia, feita com o máximo cuidado, impôs-nos algumas pequenas adaptações, que se perceberão facilmente, pois as fizemos entre colchêtes. Fomos obrigados a suprimir uma ou outra observação, não mais necessária (ou até mesmo descabida) por se ter feito a referida atualização. Todavia, tivemos o maior empenho em conservar determinadas formas (e não simplesmente grafias) usadas por Said Ali, respeitando aliás a sua vontade,

manifestada expressamente, ou subentendida, em trechos desta mesma *Gramática Histórica: criar e criar* (v. § 682), *dous/dois e cousa* (§§ 43, 44, 142-149, 410), *poude* (§ 695), *peior* (§ 386), formas verbais em *-ámos* (§ 690), etc. Para comodidade do leitor menos familiarizado com certas abreviaturas, desfizemo-las quase tôdas (conservando, no entanto: *i. e. = id est*, isto é; *v. g. = verbi gratia*, por exemplo; etc.). Numeramos os parágrafos, para maior facilidade na localização das passagens referidas nos índices, mas a paragrafação de Said Ali foi respeitada. Quanto à pontuação, a não ser nos poucos exemplos de êrro de revisão evidente, preferimos também conservar a do Mestre, inclusive registrando tratamento diverso para o mesmo caso (como o do emprêgo de vírgula antes de *etc.*).

Na transcrição dos exemplos dos autores e obras citados por Said Ali, respeitamos fielmente o seu critério, assim expresso no Prólogo da *Lexeologia do Português Histórico*: "Na citação dos exemplos conservei em geral a grafia usada nos livros donde os extraí, sem todavia levar o rigor ao extremo de sacrificar a legibilidade. A atenção para com o leitor faz-me simplificar mais do que últimamente se costuma nas edições de obras antigas; pois que além de desligar palavras, desfazer abreviaturas, empregar o sinal hífen, etc., substituo freqüentemente o til por *m* ou *n* postos adiante da vogal, e escrevo *u* e *v* de acôrdo com a prática hodierna, desprezando a confusão que outrora reinava no emprêgo destas letras. Quanto às palavras de grafia indecisa, e sem interêsse fonético, não me julguei obrigado a variar supersticiosamente a escrita a todo o instante e ao sabor da fantasia do texto original".

Em vez de transcrever os exemplos como Said Ali o fêz, foi nosso propósito a princípio apresentá-los em rigorosa transcrição diplomática, a exemplo do que já fizéramos na quinta edição de *Dificuldades da Língua Portuguesa* (Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1957). Outra boa solução seria a transcrição crítica das mencionadas citações. Entretanto, não nos foi possível adotar qualquer das duas soluções, que impõem previamente um minucioso levantamento bibliográfico e, logo após, o cansativo confronto de textos — trabalho de muitos meses, pois convém lembrar que Said Ali nem sempre transcreve com o rigor desejado e nem sempre se vale de edições fidedignas (v. "Advertência aos leitores da quinta edição" de *Dificuldades da Língua Portuguesa*). Apenas, introduzimos as seguintes inovações: a) desfizemos as abreviaturas de nomes de autores (para identificação imediata, sem necessidade de recorrer ao índice); b) uniformizamos as abreviaturas de nomes de obras, que agora aparecem sempre grifados e separados por vírgula dos onomásticos.

Organizamos para a presente edição os índices onomástico e bibliográfico que se encontram no fim do volume. Preparamos ainda um valioso índice de assuntos e de palavras estudadas, mas a premência do tempo não nos deixou concluí-lo: aqui fica a promessa de apresentá-lo na próxima edição que êste livro certamente terá, muito em breve.

Não podemos terminar esta apresentação sem tornar públicos os nossos agradecimentos aos que tanto contribuíram para êste empreendimento cultural de alta significação: ao Dr. Augusto Meyer, diretor do Instituto Nacional do Livro, sempre disposto a promover e incentivar a divulgação das boas obras, a quem agradecemos a indicação do nosso nome para a realização do trabalho; à direção, ao corpo técnico e aos funcionários da Companhia Melhoramentos de São Paulo que, levando avante o plano traçado, atenderam da melhor maneira a tôdas as nossas ponderações e solicitações; à Prof.^a Lucy Nascimento Lantimant de Lacerda, que nos poupou a maior parte da cansaça de confrontar os originais datilografados com o texto básico, desempenhando magnificamente a incumbência que lhe confiamos.

Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1964

MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA

PRÓLOGOS DAS EDIÇÕES ANTERIORES

PRÓLOGO DA LEXEOLOGIA DO PORTUGUÊS HISTÓRICO

(1.^a edição — 1921. Reproduzido na *Gramática Histórica*)

Terreno vasto, árido e difícil de lavrar é a perspectiva que se oferece a quem se lembra de estudar o desenvolvimento de um idioma como o português desde a remota fase dos primeiros documentos escritos até os nossos dias. Consciente das dificuldades, senti-me todavia atraído pelo assunto. Tarefa intermínua, e limitadas as minhas forças para colher algum fruto, dediquei aqui tôda a atenção especialmente à lexeologia. Servem de introdução algumas páginas sobre a evolução fonética do português histórico segundo se conclui da maneira de representar os sons nas diferentes épocas.

Sem a menor preocupação de descobrir novidades ou tratar questões lingüísticas melhor do que outros o haviam feito, não podia contudo deixar de ir diretamente às fontes buscar a solução dos problemas, porque a isto me obrigava a natureza do trabalho. Averigüei que certas teses sabidas em parte se confirmavam, em parte porém se tornavam insustentáveis. Além disso, o estudo comparado do ponto de vista evolutivo veio revelando, com grande surpresa minha, fatos lingüísticos cuja existência a princípio nem suspeitava.

Não dissocio do homem pensante e da sua psicologia as alterações por que passou a linguagem em tantos séculos. É a psicologia elemento essencial e indispensável à investigação de pontos obscuros. As mesmas leis fonéticas seriam inexistentes sem os processos da memória e da analogia. Até o esquecimento, a memória negativa, é fator, e dos mais importantes, na evolução e progresso de qualquer idioma.

Adotado semelhante método de pesquisa, adquiriu o livro certo aspecto de lexeologia semântica, ou, se preferirem, de semântica lexeológica, destoando assim de vetusto sistema de classificação. Descanse em paz a contenda sobre a conveniência ou inconveniência de guardar costumes antigos; somente advirto que deixará de ser histórico o estudo de vocábulos que desprezar as alterações semânticas. No correr das seguintes páginas não faltará ao leitor oportunidade para ver como certos vocábulos variam de categoria gramatical em virtude da mudança de sentido.

Em pontos de nomenclatura evitei em geral o recurso de inovações desnecessárias. Preferi a denominação mais vaga de alternância vocálica a metaforia e apofonia por me parecer que estes termos, segundo os encontrados definidos, não exprimem com rigor a natureza da alteração fonética. Um ou outro termo novo que empreguei se impunha para designar fatos que ainda não haviam sido definidos ou se estudavam por aspecto diferente.

Distingo no português histórico dous períodos principais: o português antigo, que se escreveu até os primeiros anos do século XVI, e o português moderno. A esta segunda fase pertencem já a Crônica de Clarimundo (1520), de João de Barros, as obras de Sá de Miranda, escritas entre 1526 e 1558, as de Antônio Ferreira, a crônica de Palmeirim de Inglaterra e outros trabalhos literários produzidos por meados do século. Robustecida e enriquecida de expressões novas a linguagem usada nas crônicas desta época, que relatam os descobrimentos em Africa e Asia e os feitos das armas lusitanas no Oriente, culmina o apuro e gosto do português moderno nos Lusíadas (1572). É o século da Renascença literária, e tudo quanto ao depois se escreve é a continuação da linguagem desse período.

Não ficou, nem podia ficar, estacionário o português moderno; e assim temos de designar pelos qualificativos quinhentista, seiscentista, setecentista a linguagem própria das respectivas eras. Reservo a denominação de português hodierno para as mudanças características do falar atual creadas ou fixadas recentemente, ou recebidas do século XIX, ou que por ventura remontam ao século XVIII.

Limites entre os diversos períodos não podem ser traçados com rigor. Alterações lingüísticas não dependem do calendário, nem do ano em que o século acaba ou começa. Além disso, autores há cuja atividade literária se exerce, parte num século, parte no imediato. O que devemos entender por linguagem quinhentista, seiscentista, etc., é a maneira de falar dominante em grande parte da respectiva era, ou nela principalmente. Dizeres peculiares a qualquer das épocas continuam muitas vezes a ser usados por alguns dos escritores do período seguinte.

Ignora-se a data ou momento exato do aparecimento de qualquer alteração lingüística. Neste ponto nunca será a linguagem escrita, dada a sua tendência conservadora, espelho fiel do que se passa na linguagem falada. Surge a inovação, formulada acaso por um ou poucos indivíduos; se tem a dita de agradar, não tarda a generalizar-se o seu uso no falar do povo. A gente culta e de fina casta repele-a, a princípio, mas com o tempo sucumbe ao contágio. Imita o vulgo, se não escrevendo com meditação, em todo o caso no trato familiar e falando espontaneamente. Decorrem muitos anos, até que por fim a linguagem literária, não vendo razão para enjeitar o que todo o mundo diz, se decide também a aceitar a mudança. Tal é, a meu ver, a explicação não somente de fatos isolados, mas ainda do aparecimento de todo o português moderno.

Não é de crer que poucos anos depois de 1500, quase que brusca-mente e sem influxo de idioma estranho, cessassem em Portugal inveterados hábitos de falar e se trocasse o português antigo em português moderno. Nem podemos atribuir a escritores, por muito engenho artístico que tivessem, aptidões e autoridade para reformarem a seu sabor o idioma pátrio e sua gramática. Consistiria a sua obra antes em elevar à categoria de linguagem literária o falar comum, principalmente o das pessoas educadas, tornando-o mais elegante e desterrando locuções que lhe dessem aspecto menos nobre. Este falar comum remontaria aos tempos de Rui de Pina e Zurara, ou se usaria talvez antes. Mas os escritores antigos evitavam afastar-se da prática recebida de seus avós, e, pôsto que muitas concessões tivessem de fazer ao uso para serem entendidos, todavia propendiam mais a utilizar-se de recursos artificiais que dessem ao estilo certo ar de gravidade e acima do vulgar.

O século XVI, descerradas as cortinas que encobriam o espetáculo de novos mundos, e dada a facilidade de pôr a leitura das obras literárias ao alcance de todos, graças ao desenvolvimento da imprensa, devia fazer cessar a superstição do passado, mostrar o caminho do futuro e ditar a necessidade de se exprimirem os escritores em linguagem que todos entendessem. Resolveram-se a fazê-lo. Serviram-se da linguagem viva de fato, como o demonstram os diálogos das comédias de então, que reproduzem o falar tradicional da gente do povo. Trariam estes diálogos os característicos gramaticais do português antigo, se fôsse este ainda o idioma corrente.

Nos séculos que precederam a era quinhentista claro está que a linguagem sofreu também evolução. Entre os antigos autos de partilhas e a Crônica de D. João I é palpável a diferença. Seria contudo prematura qualquer subdivisão do português antigo, pois que nos faltam ainda muitos documentos e de vários códices publicados resta a saber a data certa em que foram pela primeira vez escritos.

Na citação dos exemplos conservei em geral a grafia usada nos livros donde os extrai, sem todavia levar o rigor ao extremo de sacrificar a legibilidade. A atenção para com o leitor faz-me simplificar mais do que ultimamente se costuma nas edições de obras antigas; pois que além de desligar palavras, desfazer abreviaturas, empregar o sinal hífen, etc., substituo freqüentemente o til por m ou n postos adiante da vogal, e escrevo u e v de acôrdo com a prática hodierna, desprezando a confusão que outrora reinava no emprêgo destas letras. Quanto às palavras de grafia indecisa, e sem interesse fonético, não me julguei obrigado a variar supersticiosamente a escrita a todo o instante e ao sabor da fantasia do texto original.

Elucidados estes pontos, cumpre acrescentar que escrevi este livro com o intuito de expor somente as conclusões a que chegara depois de ler e cotejar muitos e diferentes textos. Citei provas e exemplos. Não tomei compromisso de disreter com assuntos interessantes e questões obscuras para cuja solução não encontrei elementos bastantes

no passado do idioma, ou na comparação dêste com outros. Prefiro deixar por ora tais casos em silêncio.

Apesar destas precauções e de toda a boa vontade, não sairá o livro sem falhas. Eram inevitáveis, sobretudo em primeira edição.

Resta-me agora manifestar a minha gratidão para com aqueles que concorreram para que meus esforços pudessem ser levados a termo. João Ribeiro e Silva Ramos, distintos colegas e perscrutadores, a todo o momento deixaram que me utilizasse das raríssimas obras de que são possuidores. Prestaram-me serviços inestimáveis. O meu colega Capistrano de Abreu, não lhe bastando pôr à minha disposição os tesouros de sua biblioteca, auxiliou-me ainda na penosa tarefa de rever provas, sugerindo-me o seu saber opulento proveitosos acréscimos e modificações.

Agradeço a todos estas finezas, e agradeço também aos Srs. Weiszflog Irmãos, firma agora incorporada em sociedade anônima, a galhardia com que se houveram incumbindo-se da impressão do livro, e felicito-os pelo excelente trabalho e pela habilidade com que venceram os enredados meandros de grafias antigas.

Rio, março de 1921

M. SAID ALI

PRÓLOGO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS E SINTAXE DO PORTUGUÊS HISTÓRICO

(1.ª edição — 1923. Reproduzido na Gramática Histórica)

Na sessão solene em que ao autor da Lexeologia do Português Histórico se fez entrega do primeiro prêmio Alves, instituído para a melhor obra sobre língua portuguesa, ao agradecer declarei: "À confiança que a ilustre Academia Brasileira de Letras depositou em minhas investigações premiando a Lexeologia, espero corresponder publicando dentro de pouco a parte complementar dêste trabalho escrito com a mesma direção de vistas".

Isto foi em dezembro de 1921. Em cumprimento da promessa escrevi o presente volume. Um ano e tanto, ou mesmo dous anos, para o trabalho do autor, a composição tipográfica, a revisão de provas e impressão do livro, não se contará, creio eu, como prazo muito longo.

M. SAID ALI

PRÓLOGO DA GRAMÁTICA HISTÓRICA

A parte complementar que a Lexeologia reclamava saiu a lume dous anos depois. Constituía os dous volumes uma gramática histórica que, sem desprezar a evolução do latim para o português, estudava particularmente as alterações do idioma nas diversas fases do português histórico, isto é, no largo período decorrido desde o tempo que se conhece o português como língua formada e usada em documentos.

Na presente edição foram transpostos para o lugar devido os capítulos referentes a conhecimentos preliminares que, a título de apêndices, se haviam ajuntado à segunda parte. Expungiram-se falhas e incorreções e fizeram-se alterações e acréscimos para melhor esclarecimento de alguns fatos da linguagem.

Rio, janeiro de 1931

M. SAID ALI

ÍNDICE

1.ª Parte

HISTÓRIA RESUMIDA DA LÍNGUA PORTUGUESA	17
ALTERAÇÕES FONÉTICAS DO LATIM VULGAR	23
Vogais	23
Consoantes	25
OS SONS EM PORTUGUÊS E SUA REPRESENTAÇÃO	33
As vogais	34
Vogais simples	34
Vogais duplicadas	36
I, j, y	36
Vogais nasais	37
Inserção de <i>i</i>	40
Ditongos <i>oi</i> e <i>ou</i>	41
As consoantes	43
Consoantes geminadas	43
Emprêgo da letra <i>h</i>	44
Permuta de <i>l e r</i>	45
Influência dos enclíticos	47
As sibilantes <i>s e z</i>	49
OS VOCÁBULOS: ESPÉCIES, FORMAS E SIGNIFICAÇÃO	53
Nomes em geral	54
Nomes diminutivos	54
Nomes aumentativos	56
Substantivos coletivos	57
Plural dos substantivos	58
Gênero dos substantivos	61
Adjetivos	76
Formação do plural	76
Gênero	77
Comparação	79
Superlativo intensivo	82
Numerais	85
Numerais cardinais e multiplicativos	85
Números ordinais	88
Os pronomes: espécies, formas e significação	92
Pronomes pessoais	93
Pronomes possessivos	95
Pronomes demonstrativos	99
Pronomes relativos	106
Pronomes interrogativos	111
Pronomes indefinidos	114
O artigo	123
Verbos: espécies, formas e significação	129
Desinências pessoais	130
Alternância vocálica	131
Presente do indicativo	135
Verbos em <i>-ear</i> e <i>-iar</i>	138

Imperfeito do indicativo	140
Pretérito perfeito do indicativo	141
Derivações do pretérito perfeito	142
Futuro	143
Imperativo	143
Conjuntivo	145
Gerúndio	146
Particípio do presente	146
Particípio do futuro	146
Particípio do pretérito	147
Infinitivo	154
Verbos defectivos	156
Conjugação mista ou simbiótica	156
Verbos nocionais e relacionais	157
Conjugação composta	161
Verbos transitivos e intransitivos	164
Vozes ativa, passiva e medial	176
Advérbios: espécies, formas e significação	183
Advérbios pronominais e outros	184
Advérbios extintos	191
Advérbios pleonásticos	194
Advérbios acrescidos da terminação -s	195
Locuções adverbiais	196
A negação	198
Preposições: espécies, formas e significação	203
Conjunções: espécies, formas e significação	218

2.ª Parte

FORMAÇÃO DE PALAVRAS	229
Derivação em geral	229
Derivação sufixal	232
a) Substantivo e adjetivo	232
b) Verbos	247
Derivação prefixal	249
Derivação parassintética	254
Derivação regressiva	256
Composição	258
SINTAXE	265
Proposição em geral	265
Termos da proposição	268
Proposições secundárias — Parataxe e hipotaxe	272
Interrogação indireta	274
Linguagem afetiva	275
Concordância em geral	279
Casos particulares de concordância	281
Funções dos tempos verbais	310
a) Presente	310
b) Imperfeito e perfeito	313
c) Mais-que-perfeito	315
d) Futuro	317
Emprêgo dos modos	323
a) Imperativo	323
b) Indicativo e conjuntivo	324
Emprêgo do infinitivo	338
Infinitivo pessoal	342
Emprêgo do gerúndio	354

1.ª Parte

ESTUDO DOS SONS E LEXEOLÓGIA

INTRODUÇÃO

HISTÓRIA RESUMIDA DA LÍNGUA PORTUGUESA

1. Do latim procedem os diversos idiomas chamados românicos, romances ou neolatinos. O domínio destes idiomas abrange na Europa, a partir de este para oeste, a Romênia, como região isolada, a Itália (compreendendo a borda do Adriático com o Trieste e toda a Dalmácia), parte da Suíça, a França com parte da Bélgica e finalmente a Península Ibérica. Para o linguista todo este domínio constitui a România.

2. Os idiomas neolatinos não ficaram localizados somente na Europa. Com a colonização que alguns povos fizeram em certos pontos remotos da África e da Ásia e em grande extensão do continente americano, passaram a ser faladas as respectivas línguas também nestoutras partes do mundo. Assim veio o português ao Brasil, e o espanhol à América espanhola.

3. Não há rigoroso acôrdo entre os homens de ciência sobre a classificação dos diversos falares da România; mas está assentado hoje que não deve prevalecer somente a divisão política, nem se deve atender só ao desenvolvimento literário. Nas diversas regiões onde imperam as línguas literárias, há dialetos muito notáveis que a ciência não pode desprezar. De alguns deles o estudo está apenas no início, e isto dificulta sobremodo a classificação.

4. Segundo Meyer-Lübke, dividem-se as línguas românicas em: rumeno, dalmático, rético, italiano, sardo, provençal, francês, espanhol e português. Cada um destes idiomas compreende por sua vez uma série de dialetos.

5. Todas estas línguas e dialetos originaram-se do latim; não do latim literário, que em muitos pontos era linguagem artificial, e sim do latim vulgar, isto é, da linguagem viva, do latim falado.

6. Transformou-se o latim em tantos idiomas novos, principalmente porque teve de acomodar-se a antigos hábitos de pronúncia dos povos que o adotaram, hábitos em que os povos diferiam uns dos outros. E as modificações se davam não somente porque os órgãos de fonação, habituados aos sons indígenas, sentiam dificuldades em reproduzir sons estranhos, mas também porque o ouvido percebia mal certos sons que lhe não eram familiares.

7. Entre dialeto e língua não há diferença essencial senão a circunstância de ser a língua aquêlle dialeto que, entre outros muitos usados no mesmo país, se preferiu empregar como linguagem de chancelaria, servindo para a escritura de todos os documentos officiais. O dialeto, que se adotou na côrte dos reis, passou a ser o falar da gente culta, ficando por fim a linguagem usada nas produções literárias.

8. Ao cabo de algum tempo a língua assim constituída emancipa-se necessariamente do falar regional que lhe deu origem. Dá-se-lhe um caráter de uniformidade, submetendo-a a regras de bom gôsto, e a normas gramaticais mais fixas; introduzem-se nela expressões novas, que em grande parte se vão buscar ao latim. De popular que era, o antigo dialeto, agora língua official, adquire feição erudita e nobre, desprezando, por plebéias, certas maneiras de dizer que pareciam mal em bôca de gente de educação mais fina.

9. As inovações, tomadas ao latim ou a outro idioma, pronunciavam-se com terminações e formas similares às que já andavam em voga. Fazia-se sentir a ação da analogia. Mas já agora os homens, ao reproduzirem sons estranhos, tinham mais facilidade do que na época em que pela primeira vez aprenderam o latim e o substituíram ao falar nativo. Vocábulos que então penetram no idioma, os chamados vocábulos de origem erudita ou culta, não estão sujeitos às mesmas alterações fonéticas de outrora.

10. Em Portugal foi entre os dialetos falados no norte do país que se tomou aquêlle que constituiu a língua portugueza. Parece ter sido o de Entre Douro e Minho, quer dizer, o interamnense, ou talvez o galécio-português, isto é, o idioma falado nas margens do Minho.

11. Os mais antigos documentos escritos em português que se conhecem, datam do século XII. Vê-se por êles que o idioma se formou em época muito mais antiga, pois a linguagem nos aparece já bem caracterizada e mais semelhante ao falar de hoje do que ao latim. Essa antiguidade do idioma se confirma por alguns vestígios de português que se encontram em documentos de latim bárbaro do século IX.

12. Tomado o século XII como início do português histórico, distinguiremos na evolução do idioma dous períodos principais: o do português antigo, que é a linguagem escrita usada até fins do século XV e ainda nos primeiros anos do século seguinte; e o do português moderno, que é a linguagem empregada dessa época em diante.

13. O português antigo legou-nos, além dos textos de leis, forais, ordenações, etc., os *Cancioneiros*, a história do *Santo Graal*, a de *Santo Amaro*, a lenda de *S. Barlaão e S. Josafate*, o *Livro de Esopo*, o *Livro da Côrte Imperial*, o da *Virtuosa Benfeitória*, o *Livro da Montaria* de D. João I, o *Leal Conselheiro* e *Arte de Cavalgar* de D. Duarte, a *Crônica dos Frades Menores*, as *Crônicas* de Fernão Lopes, Zurara e Rui de Pina e várias outras obras. Alguns textos têm sido publicados ultimamente e há outros ainda por publicar.

14. Mostram êsses diferentes escritos não ser o vocabulário português de exclusiva procedência latina. Outros povos que depois dos Romanos dominaram a Península Ibérica deviam deixar vestígios de sua passagem. Nota-se principalmente no português antigo a adoção de vários termos de origem árabe.

15. O português moderno subdivide-se nas fases quinhentista, seiscentista e hodierna, podendo-se admitir como transição entre estas duas últimas a fase setecentista.

16. São notáveis, sobretudo, os escritores quinhentistas por terem ousado romper com a velha tradição, pondo a linguagem escrita mais de acôrdo com o falar corrente, que nessa época se achava bastante diferenciado do falar de dous ou três séculos atrás. Modernizaram a linguagem e tornaram-na também mais elegante.

17. Publicaram-se em português quinhentista alguns romances de cavalaria, como a *História do Imperador Clarimundo* de João de Barros, e o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes; mas a época foi sobretudo fecunda no gênero propriamente poético e em narrações e descrições relativas às conquistas de ultramar. Sá de Miranda e Antônio Ferreira escrevem poesias e fundam o teatro português. São seus contemporâneos muitos outros escritores igualmente ilustres. A todos porém excede Luís de Camões com o imortal poema d'Os *Lusiadas* publicado em 1572.

18. Camões não foi propriamente o creador do português moderno porque essa nova linguagem escrita já vinha empregada por outros escritores. Libertou-a, sim, de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portugueza, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as idéias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camonianiana, a sua influência fêz-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias.

19. Entre as obras em prosa da era quinhentista cabe o primeiro lugar, quer pela excelente linguagem, quer pelos vastos conhecimentos do autor, às *Décadas* de João de Barros publicadas entre 1552 e 1563, em cujas narrações se inspirou por vezes o autor d'Os *Lusiadas*. Diogo de Couto foi digno continuador das *Décadas*.

20. Historiadores contemporâneos de João de Barros foram: Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia e outros.

21. No gênero viagens sobressaem, entre outras obras, as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto e a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos. As cousas novas e curiosas do Brasil descrevem-nas minuciosamente Magalhães de Gandavo, Gabriel Soares de Sousa e Frei Vicente do Salvador, êste já em princípios do século XVII.

22. Nas descrições dos países de ultramar se revela o enriquecimento do vocabulário português, de um lado com termos asiáticos e africanos, de outro lado com expressões das línguas brasílicas.

23. Lugar à parte ocupam na literatura quinhentista as comédias, autos e farsas. São de valia inapreciável para o conhecimento da linguagem popular da época. Avultam entre as produções deste gênero os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado e de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos e o tesouro riquíssimo das obras de Gil Vicente.

24. A era seiscentista caracteriza-se sobretudo pelas obras moralistas, sermões, histórias da vida e milagres de santos, etc. Esta orientação literária não é inteiramente nova; teve também seus representantes no século anterior em escritores como Frei Heitor Pinto, Frei Amador Arrais, João de Lucena e outros. Por fins do século XVI e primeiros anos do século XVII viveram e escreveram Frei Luís de Sousa e Rodrigues Lôbo. As histórias da literatura portuguesa costumam incluí-los na época seiscentista. Usam estes escritores ainda de certas expressões próprias da época precedente e devem ser considerados, na história da linguagem, como representantes do período de transição.

25. O vulto mais notável de toda a nova época é sem dúvida o Padre Antônio Vieira, em cujos sermões encontram os estudiosos abundante material para as investigações de língua portuguesa.

26. Singulariza-se pela elegância de estilo e facilidade em cultivar diversos gêneros literários o polígrafo D. Francisco Manuel de Melo.

27. Mais moderno que estes dous escritores é o Padre Manuel Bernardes, autor da *Nova Floresta*, de *Luz e Calor* e outras obras.

28. Em poesia deu-nos a época seiscentista a *Ulisséia* de Gabriel Pereira de Castro e a *Ulissipo* de Sousa de Macedo, poemas modelados sobre *Os Lusíadas*.

29. À produção literária em língua portuguesa do século XVII costuma-se chamar escola gongórica. Há exagero neste qualificativo. Aplicável embora a certas obras de ficção, que hoje se acham na maior parte esquecidas, não se pode entretanto afirmar que revelem a mesma decadência de linguagem os escritos de um Vieira, de um Bernardes, de um Francisco Manuel de Melo, ou de um Frei Luís de Sousa ou Rodrigues Lôbo, autores mais antigos, porém computados na mesma escola. Encontram-se em alguns por vezes trechos cuja linguagem hoje nos parece amaneirada. Explicam-se essas singularidades, nomeadamente nos sermões, pela argumentação própria da escolástica de que se serviam os seus autores. Em exposições meramente narrativas ou descritivas usam todavia de linguagem simples, natural e elegante, como a que empregavam os quinhentistas.

30. O século XVIII é o das academias literárias. Floresce a poesia tanto em Portugal como no Brasil. Mal se notam modificações na gramática e contextura da linguagem. Mas a atenção dos homens de letras vai-se dirigindo para França, centro de grande movimento intelectual como de revolução política. A cultura francesa e a língua francesa passam a ser, em Portugal como em outras partes da Europa,

a principal fonte de informação e inspiração para a literatura, a filosofia, as instituições políticas e sociais. E assim penetram no idioma português vocábulos criados no estrangeiro e postos em voga pelas necessidades da civilização moderna. Reagem os puristas contra a onda de galicismos que, segundo imaginam, ameaça demolir tudo quanto é vernáculo. Consegue-se abafar várias expressões supérfluas; mas aquelas que satisfazem a necessidades reais, que exprimem com clareza e precisão idéias novas, incorporam-se definitivamente ao idioma.

31. O enriquecimento do vocabulário com expressões e processos devidos ao estrangeiro perdura no português hodierno. Perdura também a reação purista, implacável em alguns casos, e complacente em muitos outros.

ALTERAÇÕES FONÉTICAS DO LATIM VULGAR

I. Vogais

32. *U* tônico pronunciado em latim como vogal longa passou ao português sem sofrer modificações: *uva* (*ūva*), *lume* (*lūmen*), *luz* (*lūce-*), *duro* (*dūru-*), *fumo* (*fūmu-*), *puro* (*pūru-*), *cura* (*cūra-*), etc.

33. *U* tônico que em latim clássico era breve por natureza ou cuja pronúncia era forçadamente de pouca dura, por vir seguido de consoante geminada ou de um grupo de consoantes diferentes, aparece em nosso idioma ora como *u*, ora alterado em *o*: *bôca* <*būcca-*; *gôta* <*gūtta-*; *cruz* <*crūce-*; *noz* <*nūce-*; *junto* <*junctu-*; *ponto* <*punctu-*; *onde* <*unde-*; *onda* <*unda-*; *mundo* <*mundu-*; *fundo* <*fundu-*; *tórre* <*turre-*; *surdo* <*surdu-*; *tordo* <*turdu-*; *torpe* <*turpe-*; *soma* <*summa-*, etc.

34. A causa desta disparidade deve procurar-se na pronúncia da vogal em latim vulgar; *u* breve do latim clássico soaria aqui como um fonema intermediário entre *u* e *o* fechado, ou, se não estava fixada a pronúncia, oscilaria entre estas duas vogais, proferindo-se ora de um modo, ora de outro. Como quer que fôsse, certo é que por fim se decide a preferência ora por uma vogal, ora por outra, não só nos diversos vocábulos de um mesmo idioma, mas ainda nos diversos idiomas românicos quanto aos vocábulos considerados isoladamente. Comparem-se português *noz*, *cruz* e italiano *noce*, *croce*; português *junto*, *ponto*, espanhol e italiano *junto*, *punto*; português *surdo*, *tordo*, espanhol e italiano *sordo*, *tordo* (genovês *turdu*); português e espanhol *torpe* e italiano *turpe*; português e espanhol *mundo*, italiano *mondo*, francês *monde*; provençal *ongla*, catalão *ungla*, francês *ongle*, português *unha*, etc.

35. *Rôto* procede de *ruttu*-<*ruptu-*. Nas palavras em que entra a combinação *uct-*, de latim clássico, simplificada depois em *utt-*, a vogal *u* resiste em português à mudança em *o*: *fruto*, *produto* (italiano *prodotto*), *luto*, *luta* (italiano *lotta*). Compare-se também o português *muito* com o italiano *molto*<latim *multu-*.

36. Desaparecidos certos sufixos latinos, ficou a muitas palavras por terminação a vogal *u*, que passou a pronunciar-se como *o* na península

Ibérica e na Itália. Ainda hoje se profere em italiano e em espanhol este fonema terminal vibrando as cordas vocais como sucede com o tônico, de que difere pela menor intensidade. Em português porém a pronúncia atual difere da primitiva. Falta presentemente à vogal átona com que as palavras se terminam, a sonoridade que tão clara se percebe no castelhano. Proferindo o dito *o* átono, ou damos mui fraco movimento às cordas vocais, ou as deixamos em completo repouso, e, dando à bôca a forma própria à prolação do fonema, fazemos ouvir uma vogal cochichada que tanto pode ser *o* como *u*.

37. *I* tônico medial, pronunciado em latim demoradamente, conservou em português o valor de *i*: *vida* (*vīta*-), *pinho* (*pīnu*-), *vinho* (*vīnu*-), *amigo* (*amicu*-), etc. Mudou-se-lhe porém o timbre em *e* onde em latim tinha valor de fonema breve, quer por natureza, quer pela necessidade de articular depois da tônica uma consoante geminada ou grupos de consoantes diferentes: *sêco* (*siccu*-), *menos* (*mīnus*), *pena* (*pinna*-), *pêro* (*pīru*-), *vêrga* (*virga*-), *cêrca* (*circa*-), *êle* (*ille*), *cabelo* (*capillu*-), *pêlo* (*pīlu*-), etc. *Vila* soava em latim *villa* (v. Bourciez, *Ling. Romane* p. 41).

38. Prevaleceu a regra também nos casos de desaparecimento de certos fonemas no interior do vocábulo: *dedo* (*dīgitu*), *verde* (*vīride*), *seta* (*sagitta*), *sêlo* (*sigillu*-), etc. A mesma alteração vocálica observa-se em *-elho*, *-elha*, resultantes de *-iculu*-, *-icula*:- *ovelha* (*ovīcula*-), *orelha* (*aurīcula*-), *abelha* (*apīcula*-), *artelho* (*articulu*-), etc. *Coelho* ou é formação analógica portuguesa, ou originou-se de *cunīculu*-, por *cunīculu*-.

39. Contrariamente à regra, conservou-se *ī* tônico nas terminações *-iciu*-, *itiu*-, talvez por influência do segundo *i*: *vício* (*vītiu*-), *ofício* (*officiu*-), etc. A par da terminação *-iça* (*-itia*) existe a forma romanizada *-eza* (com *e* tônico): *justiça* e *justeza*, *malcia* e português antigo *maleza*, etc.

40. O latim *scribere* (com *i* longo) deu em português *escrever* (e não *escriver*) por analogia de *beber*, *receber*, *dever*, etc.

41. *I* final átono converteu-se em *e* átono e, à semelhança de *o* átono em igual posição, soa fracamente na pronúncia atual portuguesa. Tanto *i* como *e*, sendo vogais átonas, desaparecem quando se acham no interior da palavra, entre consoantes que sem a vogal constituem combinações de pronúncia fácil: *asno* (*asinu*-), *tenro* (*teneru*-), *êrmo* (*eremu*-), *obra* (*opera*-), *verde* (*viride*-), etc.

42. Nos derivados em *-idade* há exemplos de manutenção: *facilidade* a par de *faculdade*, *urbanidade* a par de *divindade*, etc. Entraram na linguagem em época relativamente moderna.

43. Os ditongos *ae*, *oe* do latim clássico estavam desde longo tempo simplificados em *e* quando se formaram os idiomas românicos. Foi maior a vitalidade do ditongo *au*, mas houve sempre tendência, principalmente em certas regiões, para transformá-lo em *ou* e simplificá-lo por último na vogal *o*. Assim veio de latim *auru*- português *ouro*,

espanhol e italiano *oro*, francês *or*; *paucu*- deu português *pouco*, italiano e espanhol *poco*, catalão *poc*. A par deste ditongo antigo surgiu, em latim vulgar, outro ditongo *au* resultante de *al* nas combinações *alte*-, *alce*- nos vocábulos **auteru* (**autru*) <*alteru*, **fauce* <*falce*), **cauce* <*calce*-). Também não tardou a simplificar-se: português *outro*, francês *autre*, espanhol *otro*; português *fouce*, francês *faux*; português *couce*. Assim alterados, introduziram-se em língua portuguesa os ditos vocábulos e outros semelhantes, parte diretamente, parte por analogia; mas o povo que os recebeu sabia pronunciar o ditongo *au* com facilidade e assim pode revivê-lo em *auto* (de *actu* e *aptu*), *trauto* (de *tractu*) e em palavras recebidas ulteriormente, como *pausa* (a par de *posou*), *causa* (a par de *cousa*), etc.

44. Por vocalização de consoante desenvolveram-se, além de *au*, os ditongos *ou* de *oc*, *ui* de *uc* e *ul*, *ei* de *ec* e *ep*, quando seguidos êstes grupos de consoante dental, como mostraremos ao tratar das consoantes.

45. Outro processo a que se deve a formação de ditongo é o contacto de duas vogais, quer em virtude do desaparecimento de uma consoante intermediária, como em *mais* (*magis*), *raio* (*radiu*-), *meio* (*mediu*-), quer por efeito de metátese, como em *contraio* (*contrariu*-), *primeiro* <*primairo* (*primariu*-), *raiva* (*rabia*-), *ajudoiro* (*adjutori*-). Na evolução das formas verbais constituiu-se como uma das terminações da 3.^a conjugação o ditongo *iu*: *seguiu*, *destruiu*, etc.

2. Consoantes

46. Em português, como em espanhol, passaram de surdas a sonoras as oclusivas latinas *p*, *t*, *k* (grafia *c*), em posição média, usadas depois de uma vogal: a) como consoantes simples: *riba* (*ripa*-), *vida* (*vīta*-), *lago* (*lacu*-), *fogo* (*focu*-), *jôgo* (*jocu*-), *mudo* (*mutu*-), *figo* (*ficu*-), *lado* (*latu*-), *amigo* (*amicu*-), *agudo* (*acutu*-), *espada* (*spatha*-), *roda* (*rota*-); b) nas combinações *pr*, *tr*, *cr*: *cabra* (*capra*-), *obra* (*op(e)ra*-), *vidro* (*vitru*-), *pedra* (*petra*-), *sogro* (*soc(e)ru*-), *padre* (*patre*-) *madre* (*matre*-).

47. Esta modificação das oclusivas produziu-se, nos citados exemplos, por efeito da sonoridade da vogal tônica precedente. Trata-se portanto aqui de um caso de assimilação parcial progressiva. Proferida a vogal tônica com certa demora, estendeu-se, por inércia, a vibração das cordas vocais à consoante oclusiva. Favorecia a esta vibração prolongada a vogal precedente longa, como o era as mais das vezes em latim a tônica seguida de oclusiva simples. É de supor que, na Península Ibérica, se passasse também a pronunciar com alongamento a tônica que em latim clássico fôra breve, quer antes de oclusiva simples, quer antes das combinações *pr*, *tr*, *cr*. Assim procederia *roda* de *rōta* <*rōta*; *padre* de *pātre* <*pātre*. Notamos ainda hoje certa demora na pronúncia de vogal anterior a *b*, *d*, *g*. (Confrontem-se *errada* e *errata*, *lado* e *lato*, *quadro* e *quatro*, *figo* e *fico*). A mudança de *u* tônico em *o* e de *i* tônico

em *e*, como vimos atrás, ter-se-ia dado em época anterior à do alongamento: *lūpu* > *lōpo* > *lōpo* > *lōbo*; *pūtre* > *pōtre* > *pōtre* > *podre*; *cīto* > *cēto* > *cēto* > *cedo*.

48. É claro que o processo da sonorização consonantal se havia de aplicar, por analogia, aos vocábulos derivados e a outros casos em que a vogal já não era nem longa nem tônica. Nos verbos, desde que se tornava sonora a oclusiva das formas rizotônicas, pronunciando-se *pagō*, *pagas* por *paco*, *pacas*, e *mudo*, *mudas* por *mutō*, *mutas*, também se passou a dizer *pagamos*, *mudamos*, *pagar*, *mudar*, por *pacamos*, *mutamos*, *pacar*, *mutar*.

49. Nos vocábulos esdrúxulos a sonoridade da vogal tônica refletiu-se sobre a consoante da sílaba final, ora deixando intacta a consoante mais próxima, como *hétogo* (de *hecticu-*), ora abrangendo-a igualmente, como em *padroádigo*, *sodomídigo* (substituído mais tarde por *sodomítico*), *achádego*, etc. Dêste processo do português antigo subsistem ainda *clérigo* (de *clericu-*), *cônego* (de *canonicu-*), *estômago* (de *stomachu-*), *pêssego* (de *persicu-*), *amargo* < **amarego* (de *amaricu-*) e poucas mais.

50. O sufixo latino *-itāt-* tomou a forma *-idade*, e *-dade* (com absorção de *i*): *felicidade* (de *felicitate-*), *verdade* por *veridade* (de *veritate*), *bondade* (por *bonidade*), etc. Sonorizou-se aqui, pelo processo normal, a consoante postônica, e sonorizou-se também a consoante pretônica.

51. Esta alteração da sílaba *ta* em *da* é devida, parte à influência regressiva da sílaba final, parte à presença da sílaba anterior com vogal *i*, cuja pronúncia excessivamente breve fêz reproduzir-se na consoante oclusiva fenômeno análogo ao que observamos nas palavras esdrúxulas. A sonorização não se pode efetuar em *ta* do vocábulo *vontade* (de *voluntate-*) por vir aqui a dental encostada diretamente a outra consoante.

52. Sonorização da oclusiva precedida de *i*, observa-se ainda em *cidade* (de *ci(vi)tate-*), *delgado* (de *delicatu-*), *amargoso* (de *amaricosu-*) à semelhança do já citado *amargo*, etc.

53. Seguida das geminadas *cc* (pronúncia *kk*), *pp*, *tt*, ou dos grupos *pt*, *ct*, ou de outra qualquer combinação de consoantes surdas, pronunciava-se a vogal tônica com decidida rapidez, cessando a vibração das cordas vocais bruscamente para fazer sentir a demora própria da geminada surda ou a articulação das duas surdas diferentes. Daqui procede o ficarem inalterados *c* e *t* em *bôca* (de *bucca-*), *vaca* (de *vacca-*), *gôta* (de *gutta-*), *dito* (de *dictu-*), *escrito* (de *scriptu-*), etc. Se nos grupos *ct* e *pt* a primeira consoante se resolvia em fonema que ia constituir ditongo com a vogal antecedente, êsse nôvo fonema, tendo o valor de subjuntiva ou consoante, não possuía sonoridade bastante para influir sobre a explosiva surda *t*: *oito* (de *octo*), *noute* ou *noite* (de *nocte-*), *peito* (de *pectu-*), *receita* (de *recepta-*), etc.

54. Vogal tônica seguida de *lp*, *lt*, *lc*, *rp*, *rt*, *rc*, *rs* não podia de modo nenhum exercer ação sobre o segundo fonema do grupo consonantal. Assim se conservaram como em latim: *culpa*, *consulta*, *alto*,

cálculo, *falso*, *arca*, *barca*, *porta*, *pôrto*, *fôrca* (*furca*), *forte*, *morto*, *parte*, *arte*, *pulso*, *sorte*, *marca*, *diverso*, *persa*, *polpa* (*pulpa*), etc. Se a vibrante e lateral tivessem aqui o mesmo valor que têm em *sala*, *caro*, podiam por ventura comunicar a sonoridade ao fonema contíguo *p*, *t*, *c*, *s*. Mas a vibrante e a lateral soam nestas combinações sempre como consoantes surdas. Percebe-se bem êste fato pronunciando *sala*, *saldo* e depois *salto*, *culto*, assim como *mora*, *morde*, e depois *morte*, *parte*, e verificando, com o dorso da mão colocado na parte anterior da garganta, a vibração das cordas vocais. O resultado será positivo no primeiro caso e negativo no segundo.

55. Quanto às constrictivas surdas, notamos que sentiram a ação da vogal tônica, porém não de modo idêntico ao caso das oclusivas.

56. São poucos os vocábulos com *f* simples intervocálico procedentes do latim. Neste limitado campo de observação aparecem com a consoante sonorizada *proveito* (*profectu-*), e antigos verbos em *-ivicar* < *-ificar*.

57. *Abrego* de *africu*, *ourives* de *aurifice*, *trevo* de **trifolo* < *trifoliu-* e *Estêvão* de *Stephanu-* mostram que a sonorização se fazia também em vocábulos de pronúncia esdrúxula.

58. Passou de surda a sonora a constrictiva *s*, usada em posição medial, como consoante simples e precedida e seguida de vogal. Realizou-se êste processo sempre que a vogal precedente correspondia a uma tônica longa em latim clássico: *uso*, *caso*, sufixo *-oso*, *improviso*, etc. Alongamento ulterior da tônica explica a sonorização da constrictiva em *casa*, *rosa*, etc. A articulação demorada da geminada *ss* compensava-se antecipadamente com a pouca dura de vibração das cordas vocais ao ser proferida a tônica, continuando portanto surda a sibilante em *osso*, *fôssō*, *promessa*, *classe*, *passo*, *sucesso*, *processo*, etc.

59. Vogais tônicas nasais não alteram o valor surdo de *s* + vogal da sílaba seguinte; convertendo-se porém em vogais puras, comunicam a sonoridade à sibilante: *mesa* (*mensa*), *defesa* (*defensa*), *prêso*, *aceso*, etc.

60. A sibilante média seguida de vogal difere essencialmente das oclusivas médias em adquirir sonoridade de um ditongo precedente: *causa*, *repouso*, *lousa*, *deuses*, *pausa*, etc. Êste processo, facilitado aliás pela própria articulação da constrictiva, deu-se talvez em época diversa daquela em que certos grupos consonantais tiveram uma das oclusivas resolvida em subjuntiva de ditongo (*oct* > *out*; *ept* > *eit*).

61. Empregando-se a letra *s* para representar a sibilante, sabe-se que em posição intervocálica o símbolo simples traduz modernamente em muitos idiomas a pronúncia sonora, e o símbolo duplicado corresponde à consoante surda. Prevalecendo esta convenção ortográfica em língua portuguesa, é certo que as regras de pronúncia hoje observadas remontam a vários séculos. Podem suscitar dúvida certos casos de divergência encontráveis em escritos antigos. A freqüente troca de *s* por *ss*, e *ss* por *s*, que se nos depara nos documentos anteriores ao século XVI, é naturalmente devida à circunstância de, naquele tempo, não se haver

ainda fixado o sistema ortográfico. Alguns casos análogos de confusão poderiam ainda persistir nos primeiros tempos do português moderno. Mas os exemplos de rima de *isso* com *riso*, *siso*, *paraiso*, de *missa* com *camisa* (Gil Vicente 3, 17; 3, 22; 3, 140; 3, 156; 3, 46; 3, 40) mostram que, a par da pronúncia culta, ouvia-se em Portugal, pelo menos em certas regiões, *s* simples intervocálico como sibilante surda à semelhança do que se dá na língua espanhola, onde a *s* intervocálico se atribui o mesmo valor que a *s* inicial.

62. Além do processo de sonorização de consoante intervocálica por efeito da tónica precedente, houve também o da sonorização antecipada por influência da tónica subsequente: *seguro* (*securu-*), *maduro* (*maturu-*), *cegonha* (*cicōnia-*), *sabor* (*sapōre-*), *cabelo* (*capillu-*), *lagosta* (*locusta-*), *agora* (*hac hora*), etc. É o caso da assimilação parcial regressiva.

63. Ao constituir-se o idioma português, a oclusiva *b* do latim clássico, vindo em posição intervocálica, pronunciava-se como constrictiva. Este fato é atestado pelos vocábulos *dever* (*debere*), *haver* (*habere*), *trave* (*trabe*), *fava* (*faba*), *escrever* (*scribere*), *cavalo* (*caballu-*), e outros. Nestas palavras perdura ainda hoje a pronúncia do *v*. Em outras restabeleceu-se a consoante antiga por influência erudita. *Beve*, *bêvado*, *avorrecer*, *távoa* (*tabula*), *tavoada*, *avondar* (*abundare*), usados ainda em linguagem quinhentista, volveram a *bebe*, *bêbado*, *aborrecer*, *tábuá*, *tabuada*, *abundar*.

64. Quanto a *v* intervocálico do latim clássico, sabemos que em português antigo se representava pelo símbolo *u*. Como a grafia daquele tempo aplicava as letras *u* e *v* sem discriminação de consoante ou vogal, não podemos decidir qual seria o valor exato do fonema. A pronúncia hodierna articula com firmeza a constrictiva *v* em *ave*, *vivo*, *grave*, *suave*, *oitavo*, *breve*, *ôvo*, *nôvo*, *uva*, *cavar*; mas não há certeza se nestes e noutros vocábulos análogos a intervocálica soava de modo idêntico em português antigo. Admitindo que soasse, é fato em todo o caso curioso o amortecimento e desaparecimento de *v* em *rio* (*rivu-*), e geralmente na terminação *-io*, do sufixo *-ivu*: *vazio* (*vacivu-*), *estio* (*aestivu-*), *sadio* (*sa(n)ativu-*), *fugidio* (*fugitivu-*), etc. A fácil absorção do fonema nestas palavras leva a crer que êle soasse aqui como a consoante *w* em inglês; de sorte que teríamos *rio* <*riwo* <*rivo*; *vazio* <*vaziwo* <*vazivo*, etc.

65. A consoante *g* precedida de vogal e seguida de *a*, *o*, *u*, soaria, na fase da formação do português, como oclusiva, do mesmo modo que em latim clássico, a julgar pela pronúncia que se conservou em *chaga*, *agouro*, *jugo*, *agosto*, *pagão*, *castigar*, *rogar*, *legume*, *praga*. Mas esta maneira de articular a consoante não seria um fato geral, porque não explica satisfatoriamente a mudança do fonema e sua absorção em *praia* (de *plaga-*), *vaadio* (de *vagativu-*), *real* (de *regal-*), *meestre* <*maestre* (de *magistre-*), *seeta* <*saeta* (de *sagitta-*), *leer* (de *legere*), *leal* (de *legal-*), e *eu* (de *ego*). Parece tratar-se antes de uma pronúncia

variável, que oscilava em *g* e *γ*, à semelhança do que sucede em alemão moderno, e que em certos casos, pelo menos, se daria preferência a *γ*.

66. É fisiologicamente mais fácil passar da fricativa *γ* para *i* do que da oclusiva *g* para *i*, e mais fácil é também que *vaadio* se originaria de *vaγadivo* <*vagadivo*; *real* <*reγal* <*regal*.

67. De *eyo*, e não diretamente de *ego*, procederia tanto o português *eu*, como espanhol *yo*, italiano *io*, etc.

68. Se *v* e *g* intervocálicos, preexistentes em latim, puderam persistir em muitos vocábulos portugueses, outro tanto não sucedeu a *d* intervocálico de igual procedência: *paraiso* (*paradis-*), *seer*, depois *ser* (*sedere*), *veer* (*vedere*), *creer* (*credere*), *pee*, depois *pé* (*pede-*), *roer* (*rodere*), etc. Ao mesmo tempo que a dental surda, em posição média, era sonorizada pela vogal tónica a que se encostava, a dental sonora preexistente, em igual posição, era absorvida pela mesma vogal tónica. Esta consoante soava talvez como fricativa (*), ao passo que a outra era oclusiva.

69. Do amortecimento da dental em **loudar* (de *laudare*), **oudir* (de *audire*) e **goudir* (de *gaudere*) resultou desdobrar-se *u* em *uv*, tornando-se estas palavras em *louvar*, *ouvir*, e *gouvir* (verbo êste que ocorre em português antigo e em *Ordenações de D. Manuel* 5, tít. 52, e 2, tít. 38, em concorrência com *gozar*, o qual acabou por suplantá-lo).

70. *N* intervocálico em uns casos conservou-se como consoante; em outros nasalizou a vogal precedente. A vogal nasalizada em muitos vocábulos mudou-se ulteriormente em vogal pura.

71. *L* não geminado, entre vogais, não se pôde manter em *paaço* (*palatiu-*), *door* (*dolor-*), *coobra* (<*colobra* <*colubra-*), *poombo* (<*paombo* <*palombo* <*palumbu-*), *beesta* (<*baesta* <*balista-*), *quente* (<*caente* <*calente*), e em outros muitos vocábulos.

72. Conservou-se todavia em *pêlo* ou *pello* (*pilu-*), em *malo*, *mala* a par de *mao*, *maa* ("quem malas manhas ha", Sá de Miranda 430), *valer* e alguns outros.

73. É sobretudo notória a absorção de *l* nos sufixos *-ulu*, *-ula*, *-olu*, nas palavras cujo tema acaba em consoante labial: *parvoo* (*parvulu-*), *poboo* (*populu-*), *távoa* (*tabula-*) *diavoo*, *diaboo* (*diabolu-*). Semelhantemente *perigoo* (*periculu-*), não se dando aqui a mudança de que passamos a tratar.

74. Nas palavras formadas com o sufixo *-culu*, *-cula*, conservou-se o acento na vogal precedente, e o sufixo alterou-se em *lho*, *lha*: *espelho* (*speculu-*), *artelho* (*articulu-*), *orelha* (*auricula-*). É mudança difícil de explicar com o simples recurso do sistema ortográfico de que a princípio dispunham as línguas românicas para representar os diversos sons. Aparentemente, deu-se o primeiro passo na alteração fonética, elimi-

(*) É pronúncia conhecida ainda hoje em Portugal (Veja Gonçalves Viana, *Portugais, phonétique et phonologie, morphologie, textes*. Leipzig, Teubner, 1903).

nando uma vogal: *-culu* > *-c'lu* > *clo*. Mas isto pouco adianta. Primeiro que tudo, a modificação em *lho*, *lha*, não se faria sem a prévia sonorização da consoante *k*, e o nôvo fonema devia ter qualidade palatal capaz de influir no fonema vizinho, palatalizando-o igualmente. Em vez de imaginar desde logo o desaparecimento da vogal entre as duas consoantes, deve-se antes supor que ela persistisse a princípio, e que não soaria rigorosamente como *u*, mas que, sendo átona, a sua pronúncia se aproximasse de *i*; teríamos pois *spek-ulu* > *spek-ilu* > *spe(g)ilu* ou *spe(γ)ilu*. Dar-se-ia depois metátese na terminação: *speilu* < *spe-liu*. Ao contrário da explicação antiga, que se limita a passar de um enigma a outro enigma maior, a que aqui proponho atende às possibilidades fisiológicas. Quanto ao desaparecimento da consoante, nada temos de acrescentar ao que atrás ficou dito sobre a palatal intervocálica.

75. Como puderam *vitulus*, *anulus*, *catulus* e outros semelhantes transformar-se em *vitellus*, *anellus*, *catellus*, etc.?

76. O fenômeno importante é o da deslocação do acento tônico. Quanto às outras modificações, são mais aparentes do que reais. A grafia *ulus* não é prova de que naqueles proparoxítonos o primeiro *u* correspondesse sempre à pronúncia; é mais natural que o fonema *u* cedo se convertesse por dissimilação em *e* (se é que não soava quase como *i*), pronunciando-se *vitəlus*, *ənəlus*, *katəlus*. Quando mais tarde se deu a deslocação do acento, definiu-se ə em *e* fechado e a consoante geminada *ll* vinha então significar que o dito *e* recebia o icto forte e era ao mesmo tempo vogal breve. A evolução seria *vitulus* > *vitəlus* > *vitellus*. Ulteriormente, *e* fechado podia tornar-se *e* aberto, como sucede com o português *vitela*, *cadela*, etc.

77. Persistiu *l* intervocálico naqueles vocábulos em que a língua latina pronunciava a consoante geminadamente: *cabelo* (*capillu-*), *cavalo* (*caballu-*), *pele* (*pelle-*), *belo* (*bellu-*), *cuitelo* e *cutelo* (*cultellu-*), *castelo* (*castellu-*), *vale* (*valle-*), *galo* (*gallu-*), *vila* (*villa-*), *vilão*, *mole* (*molle-*), etc. Vê-se que era nítida a articulação demorada do *ll*. Se, pelo contrário, a palavra tinha em igual posição somente um *l* simples, a pronúncia da vogal afetava a consoante contígua, dando em resultado articulação enfraquecida e final desaparecimento da consoante *l*.

78. Os grupos consonantais latinos *sp*, *st*, *sc* passaram inalterados ao português quando mediais, e com *e* protético quando iniciais: *vespa*, *suspiro*, *peste*, *gosto*, *esperar*, *estar*, *mósca*, *escrever*, etc.

79. Os grupos consonantais *rt*, *rd*, *rv*, *rp*, *rm*, *rn*, permaneceram intactos: *virtude*, *parte*, *corda*, *perder*, *corvo*, *servo*, *corpo*, *serpente*, *forma*, *romper*, *forno*, *tornar*, etc. A combinação *rb* transforma-se em *rv*: *erva* (*erba-*), *árvore* (*arbore-*). Grupos formados da lingual *l* com uma oclusiva (*lp*, *lt*, *lc*) persistiram em *culpa*, *alto*; em outros casos a lingual revelou-se instável, vocalizando-se em *u* nas combinações *alt* > *aut* > *out*, *alc* > *auc* > *ouc*, e em *i* na combinação *ult* > *uit*: *outro* (*alteru-*), *couce* (*calce-*), *fouce* (*falce-*), *muito* (*multu-*), *cuitelo* (*cultellu-*).

80. Dos grupos latinos constituídos por duas oclusivas (*ct*, *pt*) passou

intacta ao português a dental pronunciada por último. Os fonemas *c* e *p* vocalizaram-se: a) em *u* nas combinações *act*, *apt*, *oct*: *auto* (*actu-*), *trauto* (*tractu-*), *auto* (*aptu-*), *bautismo* (*baptismu-*), *noute* (*nocte-*), *doutor* (*doctur-*); b) em *i* nas combinações *ect*, *ept*: *aspeito* (*aspectu-*), *aceito* (*acceptu-*), *respeito* (*respectu-*), *direito* (*directu-*). Sete filia-se ao latim vulgar *sette* < *septe*. Em *ipt*, *opt*, *ict* houve primeiro assimilação de uma consoante a outra, dando lugar às geminadas *itt*, *ott*, *itt* em latim vulgar, e daí a dental simples em português: *escrito* < *scrittu* < *scriptu*; *rôto* < *rotto* < *ruptu*. De *uct* resultou a dupla forma *uit* e *ut* em *fruta* e *fruta*, *luita* e *luta*, *truita* e *truta*, prevalecendo porém a pronúncia *ut*.

81. A oclusiva *p*, consoante de transição no grupo latino *mpt* deixou de subsistir desde o momento em que *m* perdia seu valor de consoante labial, indo nasalizar a vogal precedente. Pronunciou-se *prōnto* (latim *promptu-*), *assūnto* (latim *assumptu-*), *isento* (latim *exemptu-*). Por outra parte, gerou-se em português entre *m* e *r*, em virtude de supressão da vogal intermediária, a labial de transição *b*: *ombro* < *hum'ru* < *humeru-*.

82. *Dv* reduziu-se a *v*: *avogado* (*advocatu-*), *aversário* (*adversariu-*).

83. *Mn* simplificou-se *n*: *dano*, *sono*, *condenar*.

84. O grupo *gn* em *agn*, *ogn* e *ugn* adquiriu o valor do fonema que hoje representamos com *nh*: *tamanho* (*tam magnu-*), *camanho* (*quam magnu-*), *anho* (*agnu-*), *punho*, *punha* (*pugna-*), *repunhância* (linguagem encontrável em escritores quinhentistas), *conhecer* (*cognoscere*), *cunhado* (*cognatu-*).

85. A combinação *ign* simplifica-se em *in*: *sino* (*signu-*), *dino* (*dignu-*), *ensinar*, etc. O latim *insigne* vem romanceado em quinhentistas (Heitor Pinto) ora como *insigne* ora como *insinhe*. A reação erudita deve-se o restabelecimento de *gn* em vários casos.

86. Nos grupos *rs*, *bs*, persiste a sibilante, e desfaz-se a articulação da vibrante e da oclusiva, podendo esta resolver-se em *u*. Nos vocábulos *usso* (*ursu-*), *dosso* (*dorsu-*), *cosso* (< *corso* < *cursu-*), e seu derivado *coçairo*, *coçário* restabeleceu o português moderno *rs*, por influência da linguagem culta. Outro tanto não sucedeu com *avesso* (*adversu-*), *travesso* (*travessu-*), *pêssego* (*persicu-*) e *pessoa* (*persona-*).

87. Da alteração do grupo *bs* são exemplos *ausente* (*absente-*), *assolver*, *assoluto*, *ausoluto* (*absolvere*, *absolutu-*), *asconder*, *esconder* (*abscondere*).

88. Quanto à mudança dos grupos *cl*, *fl*, *pl* na consoante chiente, veja-se [parágrafo 167 e seguintes] desta obra.

OS SONS EM PORTUGUÊS E SUA REPRESENTAÇÃO

89. Cabe à gramática histórica traçar e explicar, primeiro que tudo, as diversas modificações por que passaram os fonemas de uma língua no decorrer dos séculos. Da fase primitiva tratámos nas páginas precedentes. Daqui em diante teremos de atender ao objetivo bem definido da presente obra. Só incidentemente nos ocuparemos da época durante a qual o latim ou românico, em certa parte da Península Ibérica, se foi transformando em idioma português. Não cotejaremos fonética portuguesa com fonética latina, e sim textos portugueses com textos portugueses, os quais durante longo período não oferecem à pesquisa fonética outra informação mais que as letras representadoras dos fonemas.

90. Espinhosa e árdua, portanto, a estrada que permite chegarmos a resultados positivos. De boa mente cremos que a pronúncia dos lusitanos da era de D. Duarte diversificava bastante do falar dos tempos de D. Afonso Henriques, e que, proferidas por Filinto Elísio, as palavras já não soavam exatamente como em boca de Camões ou de Vieira. Mas as palavras de todos estes tempos voaram e desapareceram; ficaram somente os escritos. E nestes há mais semelhança que disparidade, pela sabidíssima razão de ser a tradição escrita muito mais conservadora que a oral.

91. Daqui se segue que a propósito de vocábulos que sempre se escreveram da mesma maneira, e de letras e combinações de letras cuja aplicação não difere da hodierna, só poderemos dizer que aparentemente a pronúncia não tem variado. A nossa fonética histórica ocupar-se-á, portanto, unicamente dos casos em que a diversidade da escrita fornece elementos para o estudo da evolução dos fonemas depois de constituída a língua portuguesa.

AS VOGAIS

Vogais Simples

92. A distinção que em Portugal se faz entre *a* aberto e *a* fechado data de longo tempo. Não teria nos primeiros séculos da língua escrita a mesma extensão que hoje tem; mas que *a* fechado existia em português antigo conclui-se da circunstância de representar-se às vezes, em sílaba átona, a etimológico pela letra *e*, e outras vezes *e* etimológico pela letra *a*: *ventajem*, *estronomia*, *estrolosia*, *estroso*, *rezom*, *epocalipse*, *fantasia*, *mes* (em *Leal Conselheiro* alternando com *mas*), *abóbedas*, *tomás de equino* (*Leal Cons.*), *apístola* (*ib.* 302), *avangelho* (*ib.* 302), etc.

93. A vogal *a* podia enfraquecer-se e desaparecer, como nas combinações *atèqui*, *atèli*, *atègora*, *algũora*, ainda usadas nos sermões de Vieira. *Jele*, *jela* (por já *êle*, já *ela*), encontráveis em Jorge Ferreira [de Vasconcelos], *Eufrosina* pertencem à linguagem popular. *Algorrêm* (Gil Vicente 1, 257) seria antes *algurem* de *algũrem* (*algũa rem*) à semelhança de *algũora*. *Algo* era pronome absoluto, não se dizia acompanhado de substantivo.

94. *a* proveniente de *e* é raro, sobretudo em sílaba tônica. Em português antigo havia a preposição *antre* (*inter*), usada ainda por vários quinhentistas. Camões e os que aprenderam a sua linguagem restabeleceram a forma *entre*. De *pietat*-vieram não somente *piiedade* e os respectivos derivados, mas ainda as variantes, *piiedade*, *piadoso*, *apiadar*. Para as formas rizotônicas firmou-se o uso da vogal *a*; para as restantes oscilam os escritores (ainda os seiscentistas) entre *a* e *e*. Vieira tem *piadoso* (*Serm.* 3,488, 489), *piiedade* (*ib.* 3,489).

95. Desaparece a vogal *e* da preposição *de* ligada a *êle*, *ela* e *o*. Em português antigo era usual ligar-se do mesmo modo a partícula a outros vocábulos, como *d'água*, *doutro*; mas de Camões em diante pratica-se semelhante elisão com bastante sobriedade.

96. Abandonou-se de todo a antiga prática, ainda seguida por alguns cronistas do século XVI (Castanheda por exemplo), de eliminar a vogal terminal de outras preposições e combiná-las com o pronome *êle* (*antrele*, *perantele*, *parele*, *sobrele*), ou com o demonstrativo (*sobristo*, *sobrisso*).

97. Perda efetiva de *e* terminal houve em certas formas verbais (*quis*, *fêz*, *pôs*, etc.), como veremos em seu lugar.

98. Não é próprio da evolução do idioma português, e sim a expressão de mero gosto literário individual, o emprêgo desenfreado da elisão que se nota nas obras de Antônio Ferreira. O autor dos *Poemas Lusitanos* quis talvez imitar o estilo italiano do poeta Dante ao escrever: *não m'és pai, rompa-s'alma, salvas-lh'alma, com que t'ama, t'andassem, se s'arte usar, qu'alma já via, que m'ouves qu'o vês*, etc.

99. *u* transformado no ditongo *ui* ocorre em *fruito*, *muito*, *mui*, *enxuito*, *ventuira* (Fernão Lopes, *D. J.* 227 e *passim*), *chuiva* (*Côrte Imperial* 36; 116, três vezes; Fernão Lopes, *D. J.* 310), *luita* (*Leal Conselheiro* 103), *truitas* (rimando com *fruitas*, Sá de Miranda 250), *escuitar* (*S. Josafate* 13).

100. Recente e pedantesca, sem fundamento na pronúncia nem na tradição, é a grafia que põe *e* em lugar de *i* nas palavras *igual*, *idade* e respectivos derivados. Topam-se inúmeras vezes êstes vocábulos, e sempre com a inicial *i*, em quaisquer escritos antigos ou modernos até o século XVIII. É a grafia de Filinto Elísio e é a de Herculano.

101. Quanto ao vocábulo *igreja*, a pronúncia primitiva era, como se vê pelos textos antigos, *eigleisa*, depois *eigreja*. A sílaba *ei* inicial, sendo átona, mudou-se finalmente em *i*. O vocábulo passou a pronunciar-se *igreja*.

102. *Igreja*, com *i*, é escrita usual em português quinhentista e seiscentista. Assim sempre em Heitor Pinto (2,214, cinco vezes; 2,137 *passim*), em Amador Arrais (468-70 cinco vezes; 502-505, dezoito vezes), em Castanheda (1, 56-57, seis exemplos), em Frei Luís de Sousa (2, 196-200, nove casos), em Antônio Vieira e Bernardes (inúmeros exemplos).

103. A pronúncia de *i* inicial no referido vocábulo documenta-se também na linguagem antiga. É *igreia* a lição de D. Duarte, *Leal Conselheiro* (54, três exemplos; 111, três exemplos; além disso, nas páginas 70, 103, 114, 115, 119, 121, 129, 138, 195 e 299). Em outras obras antigas adota-se contudo a grafia *egreja*. Tal é o caso em *Santo Graal*, em *Côrte Imperial* (à página 138 há quatro exemplos), em Fernão Lopes, *Crônica de D. João* (vejam-se as páginas 24, 25, 80, 86, 87 e outras).

104. Esta dissonância de representar a palavra com *e* inicial parece explicável por acudir à mente a escritura de *ecclesiasticus*, *ecclesia* da língua em que se celebra a missa. Não se estampando no espírito nem tão viva nem tão pronta a imagem dos étimos de *igual* e *idade*, puderam estourtar dicções ao mesmo tempo escapar da grafia reversiva.

105. O falar moderno, tomando por norma a linguagem de Camões, pôs termo à deslocação de *i*, corrigindo em *-ário* o outrora predileto *-airo* de *vigairo*, *campanairo*, *sudairo*, *contrairo*, *corsairo*, etc. De *cartairo* (Fernão Lopes, *D. J.* 299) ou *cartário* (*ib.* 6) fêz-se *cartório*.

106. Restabeleceu-se o prefixo latino em *inflamar* (*Leal Conselheiro* 41 a 50: *enframado*), *infamado* (Fernão Lopes, D. J. 349 e *passim*: *enfamado*), mas conservou-se *ensinar*, e escreve-se *engenho* por *ingenho*.

Vogais Duplicadas

107. Pela medição de versos dos antigos cancioneiros vê-se que *leer*, *creer*, *seer*, *teer* e *veer* eram vocábulos dissilábicos com acento tônico no segundo *e*. Menos fácil é atinar com a pronúncia que teria *aa*, *oo* e *ee* em outras palavras.

108. O primeiro dado para a solução do problema oferecem aquelas palavras em que houve aproximação das vogais pelo desaparecimento de algum fonema intermédio; em segundo lugar estão os vocábulos em que uma das vogais parece ter vindo em substituição da consoante desaparecida. Mas a ocorrência da antiga gemação ultrapassa êsse esquema; e se os escritores, ignorantes, como eram, das leis lingüísticas, faziam ortografia consultando o ouvido, trata-se de um caso de sumo interesse.

109. A vogal duplicada tanto podia vir em sílaba tônica, como em sílaba átona (*geeral*, *ceeos*, *doo*, *perigoo*, *pooboo*, *diaboo*, *door*, *voontade*), com o que se prova que era a sua pronúncia independente da acentuação. A regularidade com que se usava em certos vocábulos, ao mesmo tempo que em outros nunca se dobrava a vogal, permite admitir em *aa*, *ee*, *oo* pronúncia diversa de *a*, *e*, *o*. Consistiria, no primeiro caso, provavelmente em demorar um pouco a voz, fraca a princípio e logo mais forte.

110. Além de outros muitos casos, que aqui não enumeramos, é de notar em várias obras antigas o emprêgo constante da vogal dobrada na terminação *-aaes*, plural de *-al*, em *-ees*, plural de *-el*, e nas vogais nasais dos ditongos *-ãao*, *-ãaes*, *-õoes* provenientes de formas latinas, em *-anu*, *-ane*, *-one*, e também *ũu* nos vocábulos *ũu* (grafado às vezes *hũu*) e seus compostos, *commũu*, *consũu*.

i, j, y

111. Se na aplicação das letras do alfabeto, feita em português antigo diversamente do uso hodierno, se consegue descobrir em geral algum sistema ou tendência que projeta luz sobre a pronúncia daquele tempo, falham em todo o caso os esforços para explicar a notória confusão que então se fazia com o emprêgo das letras *i*, *j* e *y*.

112. Fato admissível como certo é que naquelas palavras onde hoje escrevemos e pronunciamos *j*, a pronúncia antiga não diversificaria da nossa, embora nas ditas palavras pusessem ora *j* ora *i*, como em *peleja* e *peleia*, *seja* e *seia*, *aja* e *aia*, *junto* e *iunto*, *jaz* e *iaz*. Mas

não se percebe o que viria fazer *j* em *ajnda* por *ainda*, nem em *jguaaes* a par de *yguaaes* e *iguuaes*.

113. Em sílabas átonas, e em geral nos casos onde ao *i* pronunciado rapidamente se seguia outra vogal, como em *speriencia*, *speciall*, *martires*, *proprio*, *giolho*, observa-se de preferência o emprêgo de *i*. Onde, pelo contrário, a voz se demorava, ou podia demorar-se, escrevia-se com mais freqüência *y*: *assy*, *sy*, *ryjo*, *todayya*, *hyr*. Isto, contudo, não era regra que peasse o escritor ou escrevente. A mesma palavra podia vir em uma frase com *y*, e com *i* na frase seguinte. Assim vemos *guysa* e *guisa*, *bullyr* e *bullir*, etc.

114. Também no princípio da palavra podia achar-se *y* como em *ydade* e *yqual*, que outras vezes se escreviam *hidade*, *igual* e *jqual*.

115. Usualíssimo era *y* nos ditongos, sendo esta prática seguida ainda por escritores quinhentistas e seiscentistas. De Heitor Pinto são êstes exemplos: *arrayal*, *atolleyro*, *primeyra*, *deyxou*, *côtrayro*, *desfeyta*, *roseyras*, *foy*, *peyto*, *muyto*, *pregoeyros*, *rey*, *reyno*, além de muitos outros. Com tudo isto escreviam-se de ordinário com *i* as palavras *mais*, *pois*, *depois*.

116. A duplicação *ii* ocorre em Fernão Lopes em *assiinadas* e a cada passo em *tinha*, além de outros vocábulos. O emprêgo de *ij* em *consijrar* é comum no *Leal Conselheiro* e outros escritores antigos.

Vogais Nasais

117. As vogais *ã*, *ẽ*, *ĩ*, *õ*, *ũ*, procedem em geral de vogais puras que tomaram antecipadamente a nasalidade de *m* ou *n*, desaparecendo a articulação destas consoantes. Observa-se o fenômeno nos monossílabos *tam*, *quam*, *cum* (*com*), *sum* (*som*), mas não se verifica na maior parte dos vocábulos que na língua-mãe se escreviam com *m* terminal, porquanto, para tais casos, já nesta língua se havia dado a redução da pronúncia da consoante final. (Veja-se a êste respeito Sommer, *Handbuch*, §§ 166 e 176,5).

118. Vogal nasal proveniente da absorção de *n* seguido de outra consoante é fato normal em português, como em outros idiomas românicos: *cīco* (*cinco*), *dāsa* (*dança*), *māso* (*manso*), *pēsar* (*pensar*), *frāgo* (*frango*), *domīgo* (*domingo*), *mōje* (*monge*), *trōco* (*tronco*), etc.

119. A dificuldade sentida em português de articular uma consoante nasal posta no fim do vocábulo, remediou-se nasalando a vogal que a precedia. Assim originaram-se de palavras em *n*: *bē* (*ben*), *ũ* (*un*), *cā* (*can*), *pā* (*pan*), *opiniō*, *forō*, *amā*, *virō*, *sentirō*, *recebiā*, etc. Além do *til* (que outra cousa não é senão *n* engenhosamente sobreposto à vogal), servia também de indicar a vogal alterada o acréscimo de uma das letras *m* ou *n*.

120. Semelhantes entre si, mormente se não eram oxítonas, as finais -*õ* e -*ã* deviam confundir-se ao cabo de certo tempo. Acelerou o processo o juntar-se a *ã* a vogal *o*, dando o ditongo -*ão*. Assim diversificavam em *Livro de Esopo* 27 e 28 *leom* e *leam*, e, entre os quinhentistas, se escreve na mesma linha *estavam* e *tornavão* (Heitor Pinto 1,97), *andam* e *andão* (ib. 1,98), *descobrirão* e *ganharam* (ib. 1,99), sem contar *virám* (futuro), *choram*, *hiam*, *nam*, *sam* (ib. 1,256). As duas edições dOs *Lusiadas* de 1572 empregam como diferença que mais dá nos olhos, segundo a frase de Epifânio Dias, uma, de preferência a grafia -*ão*, a outra -*am* tanto nas sílabas átonas como nas tônicas.

121. Em tempo de Vieira as duas terminações se usavam indiferentemente:

Depois os *seguiram* e *abraçárão*... e se *consagraram* (Serm. 3,52) — *Ouviram* a palavra de Deos e *guardarãona*... *ouvirão* a palavra de Deos e *guardarãona* (ib. 3,52) — *Petiçam*, *liçam*, *eleiçam*, *acçam* (ib. 3,66,67 e *passim*) — *Temerám*, *bastarám* (formas de futuro, ib. 3,88 e *passim*) — *Declaração*, *acção* (ib. 3,134).

122. Notável é o desaparecimento da terminação -*om*, usualíssima em português antigo e que se conserva na linguagem moderna, dos quinhentistas em diante, somente em *bom*, *dom*, *som*, *trom*, *com* e *tom*.

123. Concorreu para a fusão das primitivas terminações no ditongo *ão* a preexistência do referido ditongo em camada mais antiga da linguagem, e oriundo de *n* intervocálico: *mão* (*mã-o* de *manu-*), *crístão* (*crístã-o* de *christianu-*), *são* (*sã-o* de *sanu-*), *vão* (*vã-o* de *vanu-*), *chão* (*chã-o* de *planu-*), *pagão* (*pagã-o* de *paganu-*) e outros. Desta alteração escaparam *anno* e *panno*, vocábulos não menos antigos, certamente em virtude da consoante geminada. Nas formas femininas *christãa*, *pagãa*, *irmãa*, etc. pronunciou-se a princípio *ã-a*, isto é, separando a desinência da nasal temática.

124. Vogal nasal proveniente de *n* intervocálico ocorre ainda em *lũa* (*luna*, português moderno *lua*), *bõo* (*bonu*, português moderno *bom*). Redução da nasal à vogal pura observa-se em português antigo em *meos*, *al de meos*, *meor*, *comeos*, que em português moderno volveram a: *menos*, *menor*, *comenos*. Manteve-se entretanto *noa* (de *nona*) na locução *hora de noa*, e *mosteiro* (português antigo *mõesteiro* de *monasteriu-*).

125. *Antão*, *Fernão* e português antigo *diamã(o)* e *demom* resultaram respectivamente de *Antônio*, *Fernando*, *diamante* e *demônio*, tendo a pronúncia desprezado a sílaba final ou parte dela. Ao mesmo processo se devem as formas *sã(o)* (por *santo*) usada antes de nome que comece por consoante, e *grã(o)* por *grande*, de que se serviu Camões várias vezes e que se conservou em *Grão-Pará*, *Grão-Mogol*, etc.

126. Está à espera de solução o obscuro problema das vogais que se nasalaram sem terem após si *n* ou *m*. O fenômeno é, sobretudo, notável em *i* terminal, tendo-se dado depois de constituída a língua portuguesa. *Si* (latim *sic*), ainda usado nos séculos XVI e XVII, transformou-se em

sim; *assi*, freqüentíssimo ainda em Vieira, converteu-se em *assim*. A *rubi* de outrora prefere-se hoje *rubim*. Com o pronome *mi* já em português antigo pode coexistir a forma *mim*. De *madre* e *multu* vieram respectivamente *mai* e *muíto*, nasalando-se mais cedo a tônica do primeiro destes vocábulos.

127. No extraordinariamente usado *muíto*, foi tão tardia a mudança, que o cantor dOs *Lusiadas* ainda podia dar-lhe para rima *fruito* e *enxuito*. Não se sabe a data da alteração definitiva, porque em *muíto* e *mui* nunca se assinalou — caso único — a vogal nasal pela escrita. Que em português antigo se pronunciava a tônica como *u* puro é fora de dúvida, porque, em caso contrário, não lhe faltaria o til, sinal tão profusamente usado naquela época.

128. Se houve influência progressiva de *m* inicial, esta ação não foi além dos vocábulos monossilábicos terminados em *i*: *mãi*, *mī*, *mūi* e do possessivo *mīa* (*minha*) por *mia*. Por analogia de *mūi* se passaria a dizer *mūito*. Por efeito do *n* inicial o latim *nec* teria dado *nem* em português.

129. Para a forma pronominal *sim*, em lugar de *si*, usada por Damião de Góis (não ocorre em outros escritores), influiu em parte o advérbio *sim*, em parte o pronome *mim*.

130. Explicando-se como tendência geral os diversos casos de nasalização de *i* tônico no fim das palavras, não se saberá dar a razão da resistência da vogal nos pronomes *ti* e *si*, assim como em alguns substantivos. Isto sem falar de *i* como terminação verbal.

131. Uma nasal pode exercer ação sobre outra. Assim, por efeito da nasal interna de *membrar* (de *mem(o)rar*), desassimilou-se a consoante inicial, transformando-se o vocábulo primeiro em *nembrar* e finalmente em *lembrar*. Estas duas formas ocorrem simultaneamente em português antigo. *Nenbrar*, *nenbrança* testificam-se, v. g., em *Leal Conselheiro* 7, 11, 15, 76; *lembrar*, *lembrança* na mesma obra, página 11, 41, várias vezes.

132. Outro exemplo de desassimilação regressiva é o da locução *no'mais* por *não mais*. Além do conhecido exemplo camoniano *No'mais*, *Musa*, *no' mais*, que a *lyra tenho destemperada* e a *voz enrouquecida*, podem-se mencionar:

Mas pague-me vossa mercê o meu aluguer, *no'mais*, que me quero logo ir (Gil Vicente 3,220 e *passim*) — Estiveram para ho matar, *no'mais* que por ser christão (Castanheda 2, 15) — Avia *no'mais* de hũ anno (ib. 3,77) — *No'mais* que ho inverno da Índia (ib.).

133. Nas contrações *co*, *cũa* (de *com o*, *com hũa*), de há bastantes exemplos em quinhentistas (veja-se a edição dOs *Lusiadas* de Epifânio Dias), e que ainda hoje se ouvem em boca de lusitanos, deve-se a perda da nasalidade de *com* à rapidez e pouco esforço com que se pronuncia esta palavra átona seguida de artigo, que é outro vocábulo átono.

134. As formas *enxemplo*, *enxecucom*, *enleger*, freqüentes em português antigo, porém abandonadas em português moderno, produziram-se naturalmente por contaminação dos vocábulos formados com o prefixo *en-* (*ensinar*, *enduzer*, etc.).

Inserção de *i*

135. As dicções *meio*, *meia*, *veio*, *veia*, *seio*, *cheio*, *cheia*, *receio*, *correio* e outras do mesmo gênero, que hoje se escrevem com *i* por ouvir-se nelas claramente um som palatal, representavam-se em português antigo quase sempre simplesmente com a terminação *-eo*, *-ea*. Poucas vezes ocorrem as grafias *meeo*, *meyo*, *veyo*, a par de *meo*, *veo*, etc., nas obras daquele tempo.

136. Devia pois a pronúncia do português antigo diferir da moderna; que, a ser idêntica, não havia motivo para dispensar *i* ou *y* em tais dicções, quando em outras tanto uso e abuso se fazia destas letras.

137. Ao amortecimento de *n* entre a vogal tônica e a final em *vena*, *plenu* (a lingüística de hoje não permitiria crer em queda súbita) seguiu-se de certo a produção de outro fonema compensativo. A evolução fêz-se naturalmente dêste modo: *vena* > *vãa* > *veea* > *vea*. De sorte que o aparecimento de *i* é posterior.

138. Quanto às palavras que tiveram *di* antes da vogal terminal não se pode repudiar a conclusão da existência de *i* primitivo; pois que teríamos: *mediu* > *meeio* > *meio*. O desuso da palatal no português antigo em vocábulos desta espécie deve-se atribuir à influência da pronúncia de *vea*, *freo*, *cea*, *cheo*, etc.

139. Foi tal a ação da analogia, que a terminação *-eo* chegou a ser pronunciada como ditongo. Assim, conta-se como uma sílaba *veu* (= *veio* do verbo *vir*) em *Suspirou-se melhor*, *veu outra gente* (Sá de Miranda 223), e *seo* (= *seio*) rima com *deu* em *E meteo-lhe a mão no seo* (*ib.* 386). Análogos exemplos de *seo*, *receo*, *veu* ocorrem em Antônio Ferreira.

140. Camões não se conformou com a pronúncia consagrada pela linguagem literária, e ainda menos com a redução das duas vogais a ditongo. Que, segundo o poeta, se podia e devia pronunciar o *i*, conclui-se dos inúmeros exemplos de *creio*, *meio*, *seio*, *cheio*, *feito*, *alheio*, etc., que se encontram n^{os} *Lusitadas*, embora outras vezes as mesmas palavras apareçam grafadas — efeito da lei da inércia — pelo antigo sistema. Valia a terminação em todo o caso sempre por duas sílabas.

141. Autores posteriores a Camões preferiram muitas vezes a grafia tradicional.

Ditongos *oi* e *ou*

142. O ditongo *oi* procede de fonte diversa da que deu origem ao ditongo *ou*. A subjuntiva *i* representa um antigo *e* nas palavras *boi* (*bove*) e *sois* (*sondes*), e reproduz o *i* primitivo em *foi*. Em português antigo a vogal de sílaba tônica podia atrair a vogal *i* da sílaba seguinte terminada em *-io*, *-ia*. O ditongo *oi*, proveniente de metátese, observa-se em vocábulos como *coifa* (*cofia*), *goiva* (*gubia*), e particularmente na terminação *-oiro* por *-orio*: *Doiro* (*Duriu-*), *ajudoiro* (*a(d)jutori-*), *agoiro* (*a(u)guriu-*), *tesoira* (*to(n)soria*), *suadoiro* (*su(d)atoriu-*).

143. Inconfundível com esta terminação era *-ouro* procedente do latim *-auru*. Assim escrevia-se invariavelmente *louro* (*lauru-*), *ouro* (*auru-*), *mouro* (*mauru-*, porém *moiro* de *morior*), *tesouro* (*t(h)esauru-*, porém *tesoira* de *to(n)soria*), *touro* (*tauru-*). Outros exemplos, além dos desta espécie, mostram que o primitivo ditongo *au*, quer do latim, quer de outra procedência, deu em português literário *ou*, e não *oi*. Basta lembrar *ou* (*au(t)*), *pouco* (*paucu-*), *rouco* (*raucu-*), *outono* (*autu(m)nu-*), *ouvir* (*au(d)ir-*), *houve* (**habui* de *habui*), *soube* (**saupi* de *sapui*), *vou* (**va(d)u* de *vado*), *roupa* (**raubha*), etc.

144. Com o ditongo *ou*, e não *oi*, entraram na linguagem literária: *outro* (*alt(e)ru-*), *couce* (*calce-*), *loução*, *Sousa*, *Vouga*, *moução*, *outorgar*, *couto*, *doutrina*, *noute*, *souto*, *chouto*, *couve*, *choupo*, *rousar*, *açougue*, *azougue*, *açoute*, *mouco*, *amouco*, *louco*, *touca*, *roubar* e outros.

145. A influência dêste amplo emprêgo da subjuntiva *u* não puderam escapar os vocábulos que a princípio se diziam com a terminação *-oiro*: *Doiro* passou a ser *Douro*, e *moiro* (verbo *morior*) identificou-se com *mouro* (substantivo). Por outro lado porém gerou-se a par de *noute*, a forma *noite*, que é a usada atualmente; a par de *outo*, *outavo*, *outenta*, *outubro*, vieram a usar-se *oito*, *oitavo*, *oitenta*, *oitubro*, três dos quais conseguiram desalojar os antigos competidores. A forma *açoute*, ainda usada em *Leal Conselheiro* 276, prefere Vieira *açoite* em *Sermões* 3,236 e 446.

146. Os primeiros exemplos de uso de *oi* por *ou* não são contudo prova de evolução definitiva. Em *Leal Conselheiro* 302 e, entre quinhentistas, em Heitor Pinto 1,268 e *passim* lê-se *noite*, *noytes*; mas restabelece a antiga forma *noute* Bernardes em *Luz e Calor*, 511 e outros passos. Nesta mesma obra de Bernardes encontra-se *outeyro* à página 538, como em português antigo muitas vezes em *Crestomatia Arcaica* 53 e em *Santo Graal*, ao passo que *oiteiro* é a lição de Vieira em *Sermões* 3,94 e 5,169-170 (três vezes), mas *outeiro* 6 vezes em *Sermões* 5,404. No poema de Camões ocorre somente a forma *outeiro*. Assim em *Lusitadas* 5,30; 5,35; 5,83; 6,92; 8,35; 9,54 e 9,57.

147. Levadas em conta as palavras *oito* (e derivados excepto *outubro*), *noite* e outras, cujo número em todo o caso não é grande, o uso generalizado do ditongo *ou* perdurou até que no século XIX Castilho Antônio e alguns outros, a quem melhor soava a forma dialetal *oi*,

se puseram a escrever sistematicamente *oiro*, *tesoiro*, etc., vêzo esse que nunca se apossou de outros escritores não menos notáveis (e nesta conta está Herculano), como também não contaminou a maior parte dos escritores atuais, principalmente brasileiros, que preferem conservar-se fiéis à tradição.

148. Note-se que essa tentativa de dialetização parcial da linguagem literária ficou circunscrita a alguns tipos de palavras, deixando sempre ilesos da inovação termos como *outro*, *doutor*, *açougue*, *couve*, etc., nos quais certa pronúncia regional lusitana usa o ditongo igualmente com a subjuntiva *i*.

149. *Ou* por *u* inicial usou-se, durante algum tempo, em *oufano* (Heitor Pinto e outros). *Ou* por *o* inicial escreveu-se outrora em *ouceano*, *ouriente*, *oulá*, *oucioso* e alguns outros vocábulos. *Prouximo* por *próximo* lê-se a miúdo em D. Duarte, *Leal Conselheiro*.

AS CONSOANTES

Consoantes Geminadas

150. O emprêgo das consoantes geminadas *rr* e *ss* no interior das palavras, entre vogais, funda-se na necessidade de representar pela escrita sons que, sem essa precaução, se confundiriam com outros. Não dispunha o alfabeto comum senão de um símbolo único tanto para o *r* lene como para o *r* rolado. A duplicação da letra no segundo caso foi o engenhoso expediente que ocorreu para diferenciar *carro* de *caro*, *ferro* de *fero*.

151. Impunha-se igualmente a necessidade de representar de maneira diferente *s* surdo e *s* sonoro. Resolveu-se o problema, grafando *rosa*, *caso*, *cousa*, e, de outra parte, *nosso*, *vosso*, *possuir*.

152. O português moderno conservou até o presente o mesmo critério no emprêgo de *rr* e *ss* intervocálicos. Ao português antigo pareceu conveniente geminar, além disso, as consoantes ainda em casos onde *r* é sempre rolado e *s* é sempre surdo, a saber, no princípio dos vocábulos e em posição interna após consoante ou vogal nasal. Assim depararam-se nos freqüentemente *ssegundo*, *consselho*, *pulssso*, *rreyno*, *rrico*, *rrelição*, *onrra*, *hõrra*, *ssaber*, *sse*, *penssar*, *enssinar*.

153. Por muito estranha e desnecessária que nos pareça a geminação em tais vocábulos, ela tem em parte explicação razoável, desde que se leve em conta o antigo sistema de escrever.

154. Os proclíticos vinham, de acôrdo com a pronúncia, freqüentemente ligados à palavra seguinte, como *desseu* por *de seu*, *asseu* por *a seu*, *ossexto*, por *o sexto*, *orreyno*, e os enclíticos uniam-se à palavra precedente, não se recorrendo ainda ao emprêgo do sinal hífen; de sorte que aparecia *ss* como intervocálico em *devesse* por *deve-se*, *posesse* por *pose-se*, *faziasse* por *fazia-se*.

155. Obscuro é o motivo da geminação *ll* em *apostollo*, *epistolla*, *Paullo*, *capitulo*, *tall*, *mall*, *quall*, *geerall*, etc., de que há exemplos de sobra no *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, no *Leal Conselheiro* e em Fernão Lopes, *Crônica de D. João*. As obras latinas que constituíam a principal leitura desses tempos, e donde se tiravam alguns dos referidos vocábulos diretamente, deviam antes induzir a fazer uso do *l* simples.

156. Também não é nada transparente a causa da geminação, usual por essa época, de *ff* em *beneficio*, *benffeito*, *benffeituria*, *ffe*, *perffia*, *magniffico*, *signiffica* quando ao mesmo tempo se escrevia *benfazer*, *fazer*, etc.

157. Estas duplicações de *ll* e *ff*, desusadas na linguagem moderna, sem fundamento na etimologia nem na analogia, não se devem atribuir tampouco ao mero prazer de acumular letras inúteis para dar aos vocábulos aspecto mais elegante. Se dominasse este mau gosto, não haveria motivo para deixar de enfeitar também outras palavras da mesma maneira, ou para manifestar-se parcimônia ou abstinência quanto à duplicação de *p*, *t* e *c*.

158. Possível é que com essa curiosa geminação de *ll* e *ff* quisessem os antigos escritores significar que em alguns vocábulos, ou em algumas ocasiões, a vogal junto a *ll* ou *ff* recebia intonação ou icto forte, mas muito rápido.

159. Fôsse este o móvel ou outro qualquer, o certo é que deu por terra com tal sistema ortográfico a reação do português moderno, firmando cada vez mais a doutrina de subordinar a representação das palavras do nosso idioma ao que estava estabelecido na língua de Cícero e Vergílio. E aonde não podiam chegar os conhecimentos etimológicos, supria-se, em matéria de geminação, com a fantasia e o capricho, preferindo muitas vezes o supérfluo ao estritamente bastante, como em *chinello*, *panella*, *janella*, etc.

[160. Presentemente fazem-se tentativas no sentido de simplificar a escrita].

Emprêgo da Letra h

161. Em português antigo o emprêgo do *h* inicial não era determinado pela preocupação etimológica. Isto se vê nos documentos publicados na *Crestomatia Arcaica*² de J. J. Nunes e nos *Textos Arcaicos*² de Leite de Vasconcelos. No *Foral da Guarda* encontramos *homêes*, a par de *omêes*, *onrrar*, *ospede*. Na história do *Castelo Perigoso* ocorrem *horações*, *honde*, *oras* a par de *homem*, *homrrado*.

162. Com *h* aparece geralmente escrita a forma verbal *ha*, mas sem *h* *aver*, *ouve*, *avemos*, etc.

163. D. Duarte, no *Leal Conselheiro*, falando na duração dos diversos ofícios da capela, escreve a cada passo *oras* sem *h*. Fernão Lopes grafa, como os seus contemporâneos, *husar*, *husança*, *huniom*, *hi*, *hordenar*, *homde* alternando com *onde*, *hir*, *homrroso* e *desomrra*.

164. Denotaria o *h* inicial o pequeno esforço com que proferiam, ou supunham proferir, a vogal inicial de alguns vocábulos. Isto ressalta sobretudo dos monossílabos *he*, *hũ*, *hi* (ainda hoje *ahi*), nos quais se respeitou esta escrita ainda muito tempo depois de modernizado o sistema ortográfico medieval.

165. O espírito da Renascença, aproximando-se mais do latim, suprimiu *h* em algumas palavras, e restabeleceu-o em outras. Ficaram algumas excepções, como as que acabamos de mencionar, com a dita letra, e sem ela outras que etimologicamente a deveriam ter. Os quinhentistas não se puderam resolver todos a deixar de escrever *aver*, como dantes; e só entre os seiscentistas se começa a generalizar a grafia *haver*.

166. O *h* interno do possessivo do português antigo *mha*, também escrito *mia* (*Testamento de D. Afonso II*), e sempre contado como uma sílaba, equivalia ao som *i* pronunciado muito rapidamente, ou talvez como consoante. Igual pronúncia teria o *h* interno de *cambha*, *saibha*.

Permuta de l e r

167. Aos antigos incolos de Portugal que adotaram o falar dos dominadores romanos eram sobremodo estranhos os grupos consonantais latinos *cl*, *fl*, *pl*. Acomodando-os aos seus hábitos de fonação, substituíram-nos pela chiente surda: *chamar* (*clamare*), *chave* (*clavis*), *chama* (*flamma*), *cheirar* (*flagrare*), *Chaves* ([*aquas*] *Flavias*); *chão* (*planus*), *chuva* (*pluvia*), *chato* (*platus*), *cheio*, *encher* (*plenus*, *implere*), *inchar* (*inflare*), *chumbo* (*plumbum*), *chorar* (*plorare*), *chaga* (*plaga*), *chantar* (*plantar*), *choupo* (*plopus*, metátese de *populus*), *chus* (*plus*).

168. Não duraria muito a fase da surpresa. Com o descostume do falar indígena e o exercício da pronúncia na aquisição de novos vocábulos latinos, a dificuldade devia estar vencida mais ou menos na segunda geração. Não se reformou contudo a maneira de proferir certos termos de uso diário (a maior parte dos supramencionados), que desde logo se arraigaram, obliterando-se da memória a sua conexão com as respectivas expressões latinas.

169. Naquelas palavras que cedo se introduziram em português com os grupos consonantais latinos, observa-se a freqüente troca de *l* por *r*.

170. Esta permuta, de que resulta tornarem-se *cl* em *cr*, *fl* em *fr*, *pl* em *pr*, estendeu-se a *bl* e *gl*, que alternam respectivamente com *br* e *gr*. Em certos vocábulos, como *prazer*, *dôbro*, *regra* (*reg(u)la*), *nobre* (*nob(i)le*), *igreja* (*ecclesia*), a alteração ficou definitiva; em outros não passou de um fenómeno temporário, pôsto que, para certos casos, perdurasse até o século XVII.

171. A causa da longa vitalidade das formas duplas, conquanto não esteja explicada, deve, todavia, ser de ordem psicológica, e não fisiológica. Concorreu a analogia; mas por que se manteve o luxo das formas paralelas? *Praga* e *plaga*, com a mesma significação, se lê em Fernão Lopes, *D. J.* 279. *Claros*, *clara* no mesmo autor a páginas 2, 3, 345; mas em Sá de Miranda (edição Michaëlis), com ser autor bem mais moderno, volta, de vez em quando, a saudade de *craro*. *Planta* ocorre em *Côrte Imperial* 36; o quinhentista Heitor Pinto usa freqüentemente *prantar*, mas também *plantas* 1, 32. Notável predileção se manifesta em

português antigo por *simprez*, *pubrico*, *freyma*, *enframado*, *Ingraterra*, *ingres*.

172. Tenaz é a permanência de *ingres* ou *ingrez*. Quando em tantas outras palavras se havia restituído definitivamente o etimológico *l*, Vieira ainda lhe presta homenagem na dedicatória que serve de prefácio a um dos volumes dos seus *Sermões* (*ingrezes* 11, IV, *ingreza* *ib.* 11, IV). As duas edições dOs *Lusitadas* de 1572, além do pelicano com o bico para a direita em uma, e com o bico para a esquerda em outra, e pequenas variações de texto, diferenciam-se ainda, preferindo uma o *ingles* com *l*, a outra o *ingres* com *r*.

173. Da antiga linguagem persistem em ambas as primeiras edições do poema camoniano: *frauta*, *sembrante*, *Frandes*, *pubrico*, *pranta*, *pruma*.

174. A dúvida sobre a maneira de proferir os grupos consonantais, em que o segundo fonema era etimologicamente um *l*, influiu regressivamente em certas palavras com *r* etimológico. Exemplos disto são *descligom* (= *descriçom*) (*Leal Conselheiro* 13, 15); *complazer* (*ib.* 13).

175. Troca de *l* intervocálico por *r* é fenômeno raro; em *clelugos* (menos freqüente do que *clérigos*) (*Leal Conselheiro* 16), *pirollas* (= *pillulas*) (*ib.* 66 e 334), *priol* (*prior*) e *cellorgiães* (= *cirurgiães*) influiu a presença de *l* ou *r* em sílaba próxima. São casos de assimilação (ou dissimilação) ora progressiva, ora regressiva.

176. Em *Côrte Imperial* 46, ocorrem abundantes exemplos de *plular*, *plularidade*, em que é visível a ação da analogia de *singular*, *singularidade*. Seriam vocábulos de pronúncia difícil: um tanto melhor era *plurar*, preferido mais tarde por Vieira (*Sermões* 9, 115; 2, 283 e *passim*). A uma e outra forma avantajava-se o hodierno *plural*, de acordo com o latim, por alternarem regularmente as consoantes *l* e *r*.

177. A repetição de *r* evitou-se às vezes, omitindo o som na sílaba átona. Temos *prostar* (por *prostrar*) em Vieira, *Sermões* 6, 636; 7, 494 e *passim*; porém *Frandes* em Camões, *Lusitadas*; *rosto* em Camões, *Lusitadas*, e freqüentíssimo em Vieira 6, 319 e 334; 7, 282 e *passim*, ainda que *rostro* reapareça, alternando com *rosto*, em Bernardes, *L. e C.* 447 e *N. Flor.* 2, 132; *terrestes* (para quem teria concorrido *celeste*) em Vieira, *Sermões* 8, 437 e 438. Hoje preferimos *rasto* a *rastro*; mas conservamos *lastro* e dizemos *mastro*, apesar de *masto* em Barros, *Déc.* 1, 1, 13. Vieira tem *masto* (*Sermões* 9, 332) e *mastro* (*ib.* 7, 157).

178. Freqüente em português antigo era a metátese de *r*, procurando este som a contigüidade de outra consoante (principalmente *c*, *t*, *p* e *f*): *Fremoso*, *fremosura*, *afremosentado* (*S. Josafate* 27 e Fernão Lopes, *D. J.* 2, 2, 3, 3); *Crasto* (*Castro*). Restos deste processo são *preverter*, *trocer*, *retrocer* (Francisco Manuel de Melo, *Ap. Dial.* 149 e diversos passos dos *Sermões* de Vieira); *graganta* (Arrais 10).

179. A estas trocas de lugar, aliadas à possibilidade de se substituir um fonema a outro, devem-se as variantes *ffriglesia*, *ffijgrisia*, *ffiglisia*,

ffriglesia e *flijgisya* dos títulos galegos de venda e empraçamento reproduzidos por Leite de Vasconcelos em seu livro *Textos Arcaicos*. A única cousa que não aparece em meio de tanta variedade é a palavra *freguesia*.

180. Acrescentem-se a estes exemplos de permuta *competra* (*Leal Conselheiro* 301, 3 vezes) por *compreta* = *completa*, *entrepetar* = *interpretar* (*ib.* 306).

Influência dos Enclíticos

181. Escreviam-se outrora os enclíticos unindo-os, sem separação alguma, à palavra a que ficavam subordinados e continuou-se esta prática ainda em tempo de Vieira e Bernardes. Aqui servir-nos-emos do hífen de maneira tal, que se possa apreciar a ação fonética do vocábulo átono.

182. O enclítico *lo*, cujo emprêgo tem lugar junto às terminações verbais em consoante (*r*, *s* ou *z*), ou junto aos pronomes *nos*, *vos*, aparece desde os mais antigos tempos da língua portuguesa com efeito redutivo sobre a consoante precedente. As consoantes terminais assimilam-se primeiro ao *l* do enclítico, resultando daí: *nol-lo* por *nos-lo*, *vol-lo* por *vos-lo*, *amal-lo* por *amar-lo*, *dail-lo* por *dais-lo*, *destel-lo* por *destes-lo*, *fal-lo* por *faz-lo*. Mas o fonema geminado reduziu-se, finalmente, a *l* simples.

183. Nas mesmas condições empregou a linguagem popular — e esta prática perdura ainda em alguns falares regionais de Portugal — a palavra *lo* como artigo, em razão de poder o artigo, na pronúncia rápida, passar de proclítico do substantivo a enclítico de alguma palavra precedente.

184. Não teve a gente culta, entretanto, tal cousa por bastante elegante ou melodiosa para aceitá-la geralmente na linguagem literária. Admitiu a junção com certas preposições, como *pel-lo*, *pol-lo*, mas usou ainda por bastante tempo *per*, *por* seguido de *o*, e tolerou em concomitância com *ambos os* e *todos os*, *ambol-los* e *todol-los*, mas acabou por desprezar estourtas formas do século XVII em diante. Dicções como *Joanna e mai-lo* [= *mais o*] *marido* foram sempre consideradas plebeísmos. Em D. Duarte (*Ens. de Cav.* 88), ocorre *desvialla a cabeça* e (*ib.* 34, 90) *trallas ancas* por *desviar a cabeça*, *trás as ancas*. (Confronte-se *Tralos montes* por *Trás os montes*).

185. Em seguimento à palavra *pois* usa-se em geral o pronome acusativo sob a forma *o*; há todavia alguns exemplos de *lo*, com efeito redutivo sobre a consoante *s*:

Poi-la podedes veer (*Cancioneiro D. Dinis* 32) — E *poi-la* fez das melhores melhor (*ib.* 39) — Não hahi que debater *poilo* afirma o mesmo sam Jeronymo (Heitor Pinto 1,29).

186. Casos esporádicos de regeneração da primitiva linguagem, sem influência no falar usual, são:

Fosteslo aprazar a certas horas (Fernão Lopes, *D. J.* 72) — *Vão deposta* perfeiçom dalgũas virtudes (*Leal Conselheiro* 104) — Devemos *creerlos* [artigo] outros aprovados per a sancta igreja (*ib.* 121).

187. As terminações verbais em vogal nasal ou ditongo nasal ajunta-se, como acusativo enclítico do pronome da 3.^a pessoa, a forma *o*; mas com êste enclítico revive o antigo fonema *n*. Assim em português antigo *comyãnos*, *rreceberõno*, *levarõno*, que hoje se grafam *comiam-nos*, *receberam-no*, *levaram-no*. E semelhantemente: *tem-no*, *fazem-no* por *tẽno*, *fazẽno*.

188. O mesmo enclítico *o* ajunta-se também às terminações verbais em vogal pura, ou em ditongo puro, e neste caso conservam-se inalteradas as terminações. Devem-se atribuir à influência dialetal alguns casos de supressão da subjuntiva do ditongo tanto antes do enclítico *o*, como antes de outros enclíticos:

Cerceou-a e *vesti'-lhe* [= vestiu-lhe] o aveto (*S. Amaro* 514) — E el *beenzeos* [= benzeu-os] (*ib.* 511, 513), mas: e elle *beenzeoa* (*ib.* 515, bis) — *Vi'-os* hũu minhoto... e *comẽ'-os* ambos (*Livro de Esope* 11) — Matou-ho e *comẽ'-o* (*ib.* 10) — *Sai'-sse* [= saiu-se] do paaço do infante (*S. Josafate* 25).

189. As formas pronominais *me*, *te*, *lhe* seguidas do pronome *o*, *a*, *os*, *as* combinam-se em *mo*, *to*, *lho*. É linguagem usada já nos antigos textos. Remonta igualmente à época dêstes textos a supressão da vogal *e* na preposição *de* combinada com artigo definido (*do*, *da*, *dos*, *das* por *de o*, *de a* etc.).

190. Regido da partícula *em*, o artigo definido sofre modificação por influência da nasalidade da partícula. Em português antigo até o século XIV inclusive encontramos geralmente *ẽ no*, *ẽ na*, alternando com a grafia *em no*, *em na*: *mortas ẽno mar* (*S. Amaro* 508); *em na sancta igreja* (*ib.*); *andam ẽ nas teebras* (*ib.* 509); *em na regra* (*Frades Menores* 44); *em no caminho* (*ib.* 45). A par de *ẽ no*, *ẽ na*, ocorre, ainda que com menos frequência, a simples forma *no*, *na*: *deus no mũdo quis dar* (*S. Amaro* 508); *estava no parayso* (*ib.* 512).

191. O elemento preposicional *em* acabou todavia por obliterar-se, ficando o sentimento de que *no*, *na*, usado, diversamente de *o*, *a*, em frases de sentido locativo, equivaleria à contração da partícula com o artigo. E é assim que ainda hoje costumamos analisar.

192. O uso regular de *no*, *na* por *em no*, *em na*, aparece no *Livro de Esope* e acentua-se depois na linguagem do século XV. Encontramos a nova dicção, a cada passo, em Fernão Lopes e em D. Duarte. Deve-se atribuir à tendência arcaizante a preferência dada à dicção antiga no *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, composto pelo irmão de D. Duarte. Do século XVI em diante usa-se geralmente *no*, *na*.

193. A preposição *a* combina-se com o artigo definido, dando para o masculino *ao*, *aos*, ou, em linguagem popular de Portugal, *ò*, *òs*, e para o feminino *à*, *às*. A forma *ò*, *òs* foi aceita por alguns escritores

quinhentistas. A grafia *aa*, *aas*, usada outrora para o feminino, correspondeu a princípio à pronúncia de duas vogais; continuou, todavia, a usar-se durante algum tempo, quando a combinação da partícula com o artigo feminino já soava como uma só vogal aberta.

As Sibilantes s e z

194. Em português antigo havia dous fonemas parecidos, porém não idênticos, representados um por *s* ou *ss*, e outro por *ç* ou *c* [a cedilha (*), usada antes de qualquer vogal, acabou por ser dispensada antes de *e* e *i*]. Nos vocábulos de origem latina, coincide o uso de *s* com o desta letra em latim e o de *ç* ou *c* corresponde a *c* ou *ti* da língua-mãe. Mas nem por isso poderíamos atribuir a diversidade da escrita a motivo de etimologia. A reminiscência do latim teria influído, porém em medida assaz limitada. Os antigos escritores não tinham preocupação etimológica e, se a tivessem, a falta de preparo filológico os levaria a aberrações que todavia não lhes notamos.

195. É singular que vocábulos como *çoçobrar*, *açucar*, *çapato*, *çujo*, *çarça* e outros que não têm que ver com a evolução fonética latina, se escrevessem geralmente com *ç*. Quando o termo era tomado a idioma estrangeiro, nem sempre a pronúncia seria tal que não houvesse lugar para o emprêgo da letra *s*. Verdade é que nos nomes buscados à Ásia e África nos séculos XV e XVI a dúvida aparecia: *Massuá* ou *Maçuá*, *çamorim* e *samorim*, *Çocotorá* e *Socotorá*, *Cingapura* e *Singapura*, *Çamatra* e *Samatra*, como deixei documentado no livro *Dificuldades da Língua Portuguesa*², páginas 284-286.

196. Qualquer que fôsse a causa da primitiva distinção entre as referidas letras, certo é que *s* ou *ss* (entre vogais), *ç* ou *c* (antes de *e* ou *i*) representam, em português moderno, um só fonema, a sibilante surda, decidindo-se a escrita pela etimologia, quando esta é fácil de apurar. Êste critério fêz que o erudito *sc* viesse substituir o antigo *c* em palavras como *crescer* por *crecer*, *descer* por *decer*. Por desconhecimento da etimologia e influência analógica de outros vocábulos deixou-se de grafar *pessego* e *sossego* (ainda usados no século XVI) para escrever *pecego* e *socego*.

197. Não se percebendo a razão do excepcionalíssimo *ç* inicial, quando a cada instante se escreviam palavras começadas por *s*, passou-se a escrever também com esta letra *sapato*, *sarça*, *sujo*, etc. Mudou-se ainda *açucar* em *assucar* talvez por influência do francês *sucre* (**).

198. Mas não é somente a atual sibilante surda que se vê embaraçada diante de tanto símbolo apto para representá-la no papel; igual sorte

(*) O sinal a que chamamos cedilha resulta de um pequeno *z* e colocava-se entre a consoante e a vogal sempre que se empregava *C* maiúsculo, tomando depois a forma simplificada de vírgula: *Cingapura*; *Cunda*; *Cocotorá*, etc.

(**) A palavra *assucar* vem do árabe *as-sukar* (*as* alteração do artigo *al*), e não do latim *saccharum* ou grego *ζάχχαρον*.

toca à sibilante sonora entre vogais, ou em certas terminações em face das letras *s* e *z*.

199. Inconfundíveis foram a princípio os valores de *s* e *z* entre vogais e no fim das palavras, e o que a escrita distinguia era o que o ouvido então percebia. Este fato pode observar-se na grafia dos nomes patronímicos. Até fins do século XIV escreveram-se sempre com *-iz*, *-ez*: *Pirez*, *Fernandiz*, *Fernandez*, *Vaasquez*, *Alvarez*, etc. Do século XV em diante ocorrem já *Vaasques*, *Gonçalves* a par de *Vaasquez*, *Gonsalvez*; o que quer dizer que já não havia distinção fonética entre *-ez* e *-es*, mantendo-se a primeira forma somente pela força do hábito.

200. Outra particularidade da grafia antiga, que perdurou ainda entre os quinhentistas, era o emprêgo da letra *z* no interior das palavras, antes de consoante, como em *mezquita*, *mezquinho*, *mazcara*, *almazcar*, *tiznar*, *ezquerdo*. Se *z* tinha em geral o valor de consoante sonora, hipótese muito aceitável, em se tratando da sua situação antes de vogal e antes de consoante sonora, evidentemente havia de soar como fonema surdo se lhe seguia consoante surda.

201. Nas *Décadas* de Barros, nos *Lusiadas* e em outras obras publicadas no século XVI, nota-se, quanto à grafia de vocábulos já existentes no idioma, a distinção entre *s* e *z* feita em geral com a regularidade observada nos escritos de épocas anteriores. Devemos atribuir o fato em parte à tradição ortográfica, bem como à influência do espanhol. Barros, Camões e outros eram muito lidos em obras antigas e versavam o espanhol como a própria língua materna.

202. A falta ou ineficácia desse freio conservador fez com que em livros saídos a lume não muito tempo depois dos *Lusiadas* (1572), viesse notoriamente confundido o emprêgo de *s* e *z*. Não é de crer que a causa fôsse a identificação rápida, para não dizer súbita, de dous fonemas rigorosamente diferenciados até então, e desde longo tempo, tanto na escrita como na pronúncia.

203. Da edição de 1604, feita em Coimbra, na oficina de Diogo Gomes Loureiro, impressor da Universidade, dos *Diálogos* de Amador Arrais, "revistos e acrescentados pelo mesmo autor nesta segunda impressão" (da 1.^a, feita em 1589, creio não existir, no Brasil, exemplar algum), posso apontar: *portuguesa* (com *z* e não *s*) e *uzar* logo no Prólogo; *canonizou* (20); *anatomizou* (9, duas vezes), a par de *eternizar* (7); *introduzir*, *introduzio* (7 e 8); *pezares* (7); *loquases*, *efficases* (33); a terminação *-eza* escrita ora com *z*, ora com *s*, *fraquesa*, *grandesa* (31), *certesa* (8), *tristesza*. Os verbos *fazer*, *dizer* ocorrem umas vezes com *z*, de acôrdo com a tradição, outras vezes com *s*, *faserdes* (8), *fas*, *faseis* (5), *fasimento* (10), *faser* (33), *diser* (31), etc. No mesmo livro confunde-se também *s* com *ç* em *sapatos*, antigamente *çapatos* (2, 2), e *sujo* (13 e *passim*) a par do tradicional *çujo*.

204. Pelo século XVII não somente era nulo o critério do ouvido para decidir sobre o emprêgo das mencionadas letras, mas ainda devia ir-se enfraquecendo a influência da grafia tradicional. Interessados

entretanto os editôres, mais que os autores, em evitar a balbúrdia, esforçaram-se até certo ponto por conservar o costume antigo. Naqueles casos, porém, em que havia incerteza ou esquecimento da escrita usual de outrora e, por mingua de conhecimentos etimológicos, ou não acudia ao espírito a imagem do respectivo termo latino ou não se percebia a relação fonética entre os vocábulos de uma e outra língua, nesses casos vacilava-se na grafia, escrevendo o vocábulo ora de um, ora de outro modo, ou então firmava-se a maneira de escrever muitas vezes em pura contradição com a prática do passado.

205. No volume da *História de S. Domingos* de Frei Luís de Sousa, do ano de 1632, pôsto que publicado depois dos *Diálogos* de Arrais, empregam-se todavia as letras *s* e *z* menos irregularmente. Não são tantas as hesitações e a grafia se aproxima em geral mais do critério antigo. Esta melhoria na sistematização da escrita evidentemente não significa a restituição de um fonema desde muito tempo desaparecido. Casos de escrita duvidosa são: *thezouro* (Prólogo e 177) a par de *thesouro* (3); *dezejarão* (Prólogo); *roza* a par de *rosas*, *rosario* (178); *francez* (91), *ingrez* (31, 182), *aragonez* (20) ao lado de *ingres* (177, 181); *portuguez* com *z* (18, 19, 3 vezes, 20, 21, 23, 181) a par de *portugues* com *s* (20, 23, 24, 180, 187, 4 vezes, Prólogo 3 vezes) etc.

206. Nos *Sermões* de Vieira ocorrem freqüentemente *dezejo*, *dezejar*, *pezo*, *pizar*, *empreza* e outros. Nomes pátrios aparecem com *-ez* e *-es*. No "Sermão de S. Antônio" (volume 2) manifesta-se decidida preferência pela letra *z* na grafia *portuguez*, *portuguesa*, *portuguezes* em dezenas e dezenas de exemplos. Só nas páginas 130, 135, 131, 129 assinalamos respectivamente dous, quatro, seis e onze casos.

207. Em algumas das obras impressas no século XVIII encontramos *filozofia*, *quazi*, *curiozo*, *dezalmado*, *fermozo*, *carinhozo*, *Luzitania* etc., parecendo querer a letra *z* usurpar o lugar do *s* intervocálico. É a época em que Luís Antônio Verney propõe reforma ortográfica na qual inclui semelhante modificação, e logo aplica a reforma em seus escritos.

208. Contra esta prática revolucionária reagiu-se no mesmo século XVIII, bem como no século XIX, atendendo-se à etimologia latina, quando esta era evidente. Mas quando intercorriam palavras de origem menos conhecida, deixava-se de insistir no critério etimológico. Como alterações hoje geralmente aceitas, nota-se a terminação *-es* dos patronímicos (*Gonçalves*, *Soares*, *Nunes* etc.) em que já não se usa *-ez*, e bem assim o emprêgo de *s* antes de consoante (*mesquita*, *mesquinho*, *tiznar* etc.). Dúvida há sobre a terminação tônica primitivamente representada por *-ez* (ou *-ês*). A grafia *-ez* é mais simples; a outra, fiel ao antigo uso, requer o auxílio do acento circunflexo para diferenciar-se a terminação oxítônica da não acentuada.

209. Apesar de todas as regras, a representação ora por meio de *s* ora pelo símbolo *z*, de um só fonema — a sibilante dental sonora — não deixa de causar, por vezes, embaraços, mormente quando o fonema se acha entre vogais. Uma simplificação prática se adotou no século XIX

relativamente a um sufixo verbal em que a sibilante se filia a certa consoante grega transcrita, segundo a tradição, pela letra z. Rompeu-se com o passado e sistematicamente se substituiu *-isar* a *-izar*: *suavisar*, *caracterisar*, *tranqüilisar*, *horrorsar*, *agonisar*, *realisar*, *generalisar*, *judaisar*, *monopolisar*, *baptisar*, *escandalisar*, *civilisar* etc., vocábulos mjl vêzes repetidos com esta grafia e assim usados por Herculano e outros escritores coevos (*).

210. Com esta prática facilitou-se a escrita, passando a letra *s* a servir tanto para o referido sufixo, como para a representação da sibilante entre *i* e as vogais *a*, *o* e no interior de certos vocábulos cuja filiação é menos fácil de apurar, senão de todo obscura, como *brisa*, *avisar*, *aviso*, *liso*, *alisar*, *balisa*, *abalisar*, *friso*, *frisa*, etc.

211. Esta escassa conquista no sentido da uniformização e simplificação ortográfica tem sido últimamente menoscabada, graças à preocupação etimológica que leva a escrever *suavizar*, *realizar*, etc.

212. O estudante, para ter certeza da grafia de *balisa*, *frisa* etc., tem de consultar dicionário ou vocabulário ortográfico. Não poderá dar a razão do *s* em tais palavras, por muito que se jacte de saber que *z* de *-izar* provém do grego. A origem do sufixo *-iser* da língua francesa não seria cousa menos conhecida aos lingüistas da Sorbonne; entretanto, nem por isso se lembraram por lá de alterar a grafia de *réaliser*, *civiliser*, *baptiser*, etc.

(*) É digna de nota esta insistência em escrever sempre *-isar* no autor das *Lendas e Narrativas*, que estaria farto de ver *-izare* em latim e *-izar* em português antigo. Manteve sempre a mesma grafia ainda depois de 1859, quando, em atenção ao latim *-ense*, passou a escrever *português*, *inglês*, *irlandês*, etc.

OS VOCÁBULOS:

ESPÉCIES, FORMAS E SIGNIFICAÇÃO

213. A parte da gramática que estuda os vocábulos denomina-se *lexeologia*. Difere da fonética em considerar os sons combinadamente e denotando idéias e relações. No exame das palavras verifica serem estas geralmente formadas de duas partes: o *radical*, parte mais ou menos estável e de significação própria, e *afixos*, elementos variáveis, de significação relativa, isto é, de valor semântico somente na combinação com o radical. Palavras há que não apresentam mais que o radical, por ter desaparecido o elemento variável em que terminavam.

214. Os afixos, divididos em prefixos, sufixos, terminações e desinências, dão ao vocábulo a diversidade de formas. Daqui o costume de se chamar *morfologia* ao estudo destes elementos e de suas relações com o radical. Esta feição particular que se dá à lexeologia tem fundamento na gramática de línguas como o latim e o grego, com desenvolvido sistema de declinação e conjugação, e também na gramática das línguas românicas quando se mostra como as formas latinas se mudaram nas destes idiomas modernos. Porém vem menos a propósito o termo morfologia, e promete mais do que tem para dar, quando, pôsto em lugar de lexeologia, se propõe estudar a evolução das palavras em língua moderna já constituída.

215. Não examina a lexeologia as palavras sem primeiro dividi-las em um pequeno número de grupos de acôrdo com certos caracteres comuns. Base desta classificação é o sentido geral das palavras, inquirendo-se se denotam sêres, qualidades, ações, relações, etc.; e daí a divisão em nomes, pronomes, verbos, etc., que por sua vez se subdividem, atendendo sempre a caracteres de ordem semântica, como veremos em seu lugar.

NOMES EM GERAL

216. As palavras com que se designam os seres e seus atributos chamam-se simplesmente nomes. É o termo mais desprezioso e mais acertado de toda a nomenclatura gramatical. Fazendo-se, como se faz, distinção entre as denominações dos seres propriamente ditos e as denominações dos atributos de dimensão, tamanho, cor, consistência, etc., pelos quais os diferenciamos uns dos outros, torna-se necessário dividir os nomes em substantivos e adjetivos.

217. Os atributos, posto que sejam inerentes aos seres, são consideradas muitas vezes como se existissem separados deles, como se fossem outras entidades. Os substantivos que os representam chamam-se abstratos; são concretos os nomes de referência direta aos seres. *Alegria, tristeza, formosura, probidade* são substantivos abstratos; *casa, mulher, jardim, homem* são nomes concretos.

218. Dá-se ao substantivo o qualificativo *comum* se é nome aplicável não somente a um ser, mas a todos aqueles que tiverem os mesmos caracteres; e chama-se substantivo próprio o nome com que se distingue algum indivíduo de entre outros congêneres desprezando os caracteres genéricos.

219. Nomes com terminações adequadas para denotar diminuição ou aumento das dimensões, proporções ou condições usuais, são diminutivos ou aumentativos.

220. Uma ou mais unidades se assinalam pelos números, singular e plural; várias unidades em conjunto se dizem por meio de termos usados no singular e chamados coletivos.

221. Os substantivos têm gênero: masculino ou feminino.

222. Os adjetivos têm formas de singular e plural e gênero de acordo com o substantivo. De alguns podem-se formar aumentativos e diminutivos. Peculiar aos adjetivos são os graus de comparação.

Nomes Diminutivos

223. Querendo significar que certo ente possui dimensões notavelmente inferiores às que deveria ter segundo o conceito médio que formamos de outros seres congêneres, dizemos o respectivo nome seguido de um qualificativo apropriado ou juntamos ao nome um sufixo de

função diminutiva: *mesa pequena, mesinha; jardim pequeno, jardimzinho*.

224. Nomes derivados de outros por meio de tais sufixos chamam-se diminutivos. O sufixo *-inho -inha* acrescenta-se diretamente ao vocábulo terminado em consoante (*lugarinho*), e, se o substantivo terminar por vogal pura átona, esta será previamente suprimida (*livrinho*). Não serve este sufixo para as palavras terminadas em vogal nasal, em vogal pura tônica ou em ditongo. É necessário substituí-lo então por *-zinho, -zinha*: *jejunzinho, pažinha, liçãozinha, paizinho, mãezinha*. Pode-se usar este sufixo *-zinho* também para os demais substantivos, a que se junta diretamente, e é em geral a forma preferida.

225. Em linguagem familiar substituem-se, mais em Portugal que no Brasil, os mencionados sufixos não raro por *-ito, -ita, -zito, -zita*.

226. Noção diminutiva exprime também *-ola* nas palavras seguintes, ao passo que em outras tem sentido diferente: *aldeola, bandeirola, portinhola*. Limitado é o emprego de outros sufixos para derivar puros diminutivos, como em *ilheta, naveta, maleta, baleote*, etc.

227. A percepção dos seres pequenos, como crianças, crias de animais, objetos de uso comum, delicados e de pequenas proporções, associa-se facilmente o sentimento de carinho, e daí resulta dizerem-se muitas vezes, tão-somente para despertar este sentimento, sob a forma diminutiva os nomes de seres que na realidade não são pequenos, e estender-se este uso aos adjetivos: *mocinho, bonzinho, bonitinho, amiguinho, tolinho, grandezinho, pobrezinho*, etc.

228. Em alguns casos o adjetivo em *-inho* é usado com o valor de superlativo: *bolsa cheiinha, prato limpinho* (= perfeitamente limpo), etc.

229. O emprego, tão estimado na linguagem familiar de hoje, de adjetivo com a terminação diminutiva *-inho, -zinho*, ocorre, de alguns séculos a esta parte, também em linguagem literária, faltando naturalmente este sinal de tom carinhoso ao estilo rude e seco do português antigo. Em Frei Luís de Sousa, Vieira e Bernardes, para não mencionar outros autores, topam-se exemplos análogos ao falar de hoje:

Este *esfarrapadinho* inocente ensina a Fr. Bertolameu a ser arcebispo (Sousa, *Arc.* 1, 97). — Notou... a paciência do *pobrezinho* (*ib.* 1, 96). — Tomarão da terra, lançarão-na sobre a cabeça... Fazia o *surdinho* outro tanto (Sousa, *S. Dom.* 118). — Belchior, porque era *pretinho*, ficasse em Belem por escravo (Vieira, *Serm.* 4, 533). — E estes degradados... são os *santinhos* que lá se mandão (*ib.* 4, 538). — Aquella lesma tão *tenrazinha* (Bernardes, *N. Flor.* 1, 284). — E não somente fazer-se homem, mas menino, *pobrezinho* entre palhas, *enfaxadinho* em pannos... e tomando o peito da Virgem Mãe, para se fazer mais carinhoso, meigo e accessível (*ib.* 1, 242). — Contradizem-me a mim e me perseguem em meus filhos *pequenos* (*ib.* 1, 146). — Viu hum *velhinho* (*ib.* 1, 308). — A *pobrezinha* Roma (*ib.* 2, 144). — Não porque... se mostre ser *maiorzinho* o beneficio (*ib.* 2, 145). — Era tão *baixinho* que huma vez para ser ouvido se atrepeou a um cepo (*ib.* 3, 196) (*).

(*) O próprio advérbio *cedinho* na forma diminutiva não é nenhuma criação dos nossos tempos: "Ai de ti, oh terra cujos governadores almoçam *cedinho*" (Bernardes, *N. Flor.* 1, 28).

Nomes Aumentativos

230. Diz-se que está na forma aumentativa todo o nome (substantivo ou adjetivo) marcado de certa terminação por meio da qual se denota ir extraordinariamente além do comum a noção expressa pelo radical. A terminação pode ser: *-az*, precedido de outros fonemas, como em *fatacaz* (= fatia grande), *ladravaz* (= grande ladrão); *-aço*, como em *ricaço*, *ladroaço* (alguns *delles não são só ladroensinhos, se não ladroassos*: Bernardes, *N. Flor.* 4, 271), *pecadoraço* (Bernardes, *N. Flor.* 4, 340) e outros; *-il*, como em *corpanzil*, ou, finalmente, a mais usual de tôdas, *-ão*, que também pode ocorrer, conforme o vocábulo, desenvolvida em *-arão*, *-arrão*, *-eirão*, *-zarrão*, *-alhão*, *-gão*.

231. Quanto ao emprêgo e formação do aumentativo em *-ão*, continua-se em português, pôsto que com vocábulos novos, a história dos substantivos latinos em *-o*, gen. *-onis*, designativos de pessoas, os quais pertenciam, explica Lindsay, em geral à linguagem plebéia ou familiar e tinham sentido depreciativo. Derivavam-se de adjetivos, de substantivos e verbos.

232. Do aumento exagerado ao ridículo não é grande a distância; e assim se usam por ironia *valentão*, *sabichão*, *santarrão* aumentativamente. Nem é por elogio que chamamos *solteirona* à mulher que, carregada de primaveras, não se casou.

233. Francamente depreciativos são *comilão*, *beberrão*, *chorão*, *besuntão*, *trapalhão*, *pedinchão*, *pedintão*, *babão*, *brigão*, *resmungão*, *mandão*, *mandrião*, derivados de verbos para denotar a pessoa que pratica a ação com freqüência ou insistência.

234. Alguns aumentativos designam atos violentos: *empurrão*, *empuxão*, *trambolhão*, *bofetão*, *carapetão*, *escorregão*, *esfregão*, *mergulhão*, *apalpão*, *apertão*, *beliscão*, *arranhão*. *Comichão* exprime sensação viva de prurido (= alguma cousa que come).

235. Substantivos femininos designativos de cousas concretas passam a masculinos se se transformarem em aumentativos: *a casa*, o *casarão*; *a vaga*, o *vagalhão*; *a parede*, o *paredão*. Em vários destes termos em *-ão* operou-se a especialização de sentido. *Florão* não é qualquer flor grande, mas certo ornato de arquitetura em forma de flor; *portão* não é necessariamente porta grande, o de um gradil até pode ter dimensões bem pequenas; *garrafão* chama-se certa vasilha avantajada própria para aguardente; *facão* é utensílio diferente da grande faca de mesa; *palavrão* se diz de termo empolado e também de palavra obscena; *boqueirão*, aumentativo de *bôca*, usa-se como termo geográfico; *pulgão* é inseto diferente de *pulga*.

236. Aumentativos de sentido especializado, e também vários outros, podem tomar sufixo diminutivo: *portãozinho*, *caixãozinho*, *facãozinho*.

237. Comparada com a derivação diminutiva, caracteriza-se a derivação aumentativa pela maior variedade de formas, mas ao mesmo tempo pela sua extraordinária deficiência. Pode-se geralmente acrescentar *-inho*, *-zinho* a qualquer substantivo, mas é relativamente diminuto o número de vocábulos a que é possível ajuntar *-ão* ou alguma das suas variantes: *cabecinha*, *vestidinho*, *peninha*, *cadeirinha*, porém *cabeça grande*, *vestido comprido*, *pena grande*, *cadeira grande*, etc.

238. Os diminutivos, além disso, têm fácil acesso à linguagem elevada, ao passo que os aumentativos se usam antes no estilo cômico, na prosa facêta e na linguagem familiar. Sá de Miranda nas comédias empregou *toleirão*, *frieirões* (2, 92); *cachoparrão* (2, 85); *beliguinaz* (2, 101); Antônio Ferreira na comédia de *Bristo*: *velhancão* (2, 312); *doudarrão* (*ib.*); *mansarrão* (2, 322); *rafianaz* (2, 357); *ladravaz* (2, 358); Francisco Manuel de Melo, em *Ap. Dial.* 101: *o simplalhão do abbade Gabriel*; em *Fid. Apr.* 22 *queres sempre ser princeza e eu seja madra-ceirão*. Nada disto aparece nos *Lusíadas*. Nem haveria lugar para *moleirão*, *asneirão*, *mocetão*, *pobretão*. Em compensação: *eu o vi certamente — e não presumo que a vista me enganava — levantar-se no ar hũ vaporzinho* (Camões, *Lus.* 5, 19); e em Vieira, *Serm.*, *bordãozinho* (11, 269); *corposinho* (11, 223); *fradinho* (11, 362) etc.

Substantivos Coletivos

239. Sêres da mesma espécie aparecem aos nossos sentidos, ou à nossa imaginação, ora como indivíduos dispersos, ora como indivíduos agrupados. Designam em especial esta segunda situação nomes chamados coletivos, como *multidão*, *coleção*, *exército*, *banda* e outros.

240. O caso mais simples é o do coletivo dual, em que serve o termo *casal* para dous sêres de sexo diferente, e *par* significando dous objetos que costumam andar juntos, como *par de luvas*, *par de sapatos*, ou duas partes similares de um objeto que constituem o todo, como *par de óculos*.

241. Coletivos de pluralidade referentes a animais são: *manada* (de animais de certo vulto); *rebanho* (de ovelhas); *fato* (de cabras); *vaca* (de porcos); *cardume* (de peixes); *matilha* (de cães de caça); *enxame* (de abelhas, vespas ou outros insetos); *cáfila* ou *corja* (de camelos).

242. Esta distinção que hoje se faz era menos rigorosa na antiga linguagem; pois que se podia dizer:

Fezerom presa em dous fatos de *vaccas* (Fernão Lopes, *D. J.* 163) — Elefantes... quasi em manadas, como fatos de *vaccas* (Barros, *Déc.* 1, 10, 1) — Grande fato de ovelhas (*ib.* 1, 1, 11) — *Cardume de rans* (Vieira, *Serm.* 8, 52) — Lobo voraz que na manada das ovelhas entrou (Castro, *Ulis.* 6, 62) — Hum rebanho de *vaccas* vê defronte (*ib.* 2, 66).

243. Figuradamente aplicam-se também a pessoas algumas destas expressões. Não é raro por exemplo o termo *cardume* em Barros e Couto

para denotar massa compacta de gente. No mesmo sentido usam êstes escritores as metáforas *pinha*, *pêso*:

Logo acudio hum grande *peso de gente* (Barros, *Déc.* 2, 2, 1) — Logo que o vio [ao ilhéu] feito hũa *pinha de gente* (*ib.* 2, 2, 1) — Remetiam os elefantes ao *cardume de gente* (*ib.* 1, 6, 4).

244. Não menos freqüentes são *golpe*, *ramo* e *manga*:

Ajunta dos seos hũ boõ *golpe* pera ir sobre os nossos (Castanheda 3, 106) — E dalli mandou hum *ramo de gente* miuda ao passo de Agacij (Barros, *Déc.* 2, 5, 4) — A entrada delle foi com *golpe de gente* (*ib.* 2, 3, 6) — Foram dar com hum *golpe de Rumes* (*ib.*). — Tres *mangas* de arcabuzeiros (Bernardo da Cruz, *D. Seb.* 2, 65).

245. *Cáfila*, no árabe, donde o importámos, significa o mesmo que caravana. Esta noção não a haviam perdido os Portuguezes quando applicavam o térmo a pessoas, navios, etc. que caminham uns atrás dos outros:

Veio huma grande *cafila de gente* a pé toda preta (Barros, *Déc.* 2, 1, 2) — Despedio Fernão Rodrigues de Carvalho pera Barcelor com hũa *cafila de navios* de mercadores (Couto, *Déc.* 8, 37).

246. Diversamente usado vem o coletivo em Castilho (*Metam.* 133): *açulam a cafila* [de cães] *bravia*.

247. Às vêzes pode-se formar o coletivo por simples sufixação, como em *boiada*, *cavalhada*, *carneirada*, *casaria*, *fradaria*, *gritaria*. Por meio da terminação *-al* obtêm-se nomes que designam grande porção de vegetais da mesma espécie plantados ou que crescem em certa extensão de terreno: *bananal*, *feijoal*, *trigal*, *laranjaal*, *seringal*, *faial*, *rosal*, *pinhal* (ou *pinheiral*), *cafézal*, etc.

Plural dos Substantivos

248. Forma-se o plural dos substantivos acrescentando *-s* à terminação vocálica, e *-es* à terminação consonantal: *rio-s*, *pena-s*, *mar-es*, *cruz-es*. Palavras terminadas em vogal nasal simples em que se representa a nasalização pela letra *m*, mudam esta letra em *-n* ao passarem para o plural: *homem*, *homens*; *jardim*, *jardins*.

249. Vocábulos não-oxítonos terminados por sibilante, como *oásis*, *ourives*, conservam-se, segundo a linguagem hodierna, inalterados no plural. Em português antigo dizia-se porém *ouriveses*, de que há bastantes exemplos no *Livro Vermelho* (*Inéd.* 3, páginas 428, 448, 449, etc.) e ainda em escritores quinhentistas. Do plural *alferezes* dão testemunho: *Alferezes volteião as bandeiras* (Camões, *Lus.* 4, 27). — *Então se chegaram os alferezes ás bandeiras* (Sousa, *Arceb.* 2, 375).

250. Das palavras em *-l* seguem rigorosamente a regra geral *mal*, *males* e *cónsul*, *cónsules*. No plural dos demais nomes dá-se o desapa-

recimento de *l* [e substituição de *e* por *i*]: *dedais* (por *deda(l)es*); *lençóis* (por *lenço(l)es*). Em português antigo *sol* conservava a consoante no plural: *se o sol tomasse outra mulher, faria outros filhos que seriam soles e dariam tanta quentura de si* (*L. de Esopo* 14). Nas *Ordenações de D. Manuel* 1, tít. 45 usa-se ainda *roles* como plural de *rol*.

251. *Real* formou, segundo a regra, *reais* no plural. Aplicado o térmo à moeda portugueza, o plural *reais* ao cabo de certo tempo degenerou completamente em *réis*, apesar do voto de Fernão d'Oliveira: "*real reais* assi quando he substantivo como ajétivo. E não digamos dous reeis, tres reeis".

252. Nos vocábulos em *-el*, desaparecendo a consoante ao formar-se o plural, entram em contacto duas vogais semelhantes. Dissimila-se a segunda, ficando *-éis* por *ees* (de *-e(l)es*): *anel*, *anéis*; *papel*, *papéis*. O antigo *meles*, plural de *mel*, resistiu por muito tempo à alteração. Castilho ainda usou esta forma em *espremia aos panaes os meles espumantes* (*Geórg.* 241); mas em outros passos (*Geórg.* 19, 227, 235, 245, 251, 257, 295) emprega já o plural *méis*.

253. No plural dos substantivos em *-il* houve, pelo contrário, assimilação e final absorção da segunda vogal, resultando *-is* de *-iis* <*-ies* <*-iles*: *covil*, *covis*; *ardil*, *ardis*.

254. Os substantivos em *-il* são oxítonos. *Reptil*, apesar da origem latina, não se usa em português como adjetivo; toma, por analogia dos outros substantivos, acentuação na sílaba final, e o seu plural *reptis*, formado igualmente por analogia, acha-se documentado em Castilho (*Misant.* 18); em Garrett (*Viagens* 2, 112): *esmaga os reptis que te corroem*; em Herculano (*M. de C.* 2, 251): *os reptis mais extravagantes*; e em Filinto Elísio (14, 68): *mudados canta os numes, varões mudados em reptis, em aves*.

255. Nas mesmas condições se acha *projétil*, que, não se usando senão como substantivo, deve ser oxítono com o plural *projétis*. Em Portugal dizem contudo *projécteis*. *Fóssil*, pelo contrário, tanto substantivo como adjetivo, conserva a acentuação latina e tem o plural em *-eis*, *fósseis*, como os demais adjetivos paroxítonos.

256. Inúmeros são os substantivos terminados em *-ão*. Como procedem, salvo poucas excepções, uns por filiação directa, outros por criação analógica, de nomes latinos em *-o*, genitivo *-onis*, formam naturalmente o plural em *-ões*. Manteve-se aqui a regularidade do plural, ao passo que a antiga terminação do singular *-ō* (que também se grafava *-om*) se alterou em ditongo. Em *-ões*, dos velhos códices, o segundo *o* sem til representaria o prolongamento fonético da primeira vogal, cousa que hoje não se percebe: *oraçom*, *orações*; *entençom*, *entenções*; *coraçõ*, *corações*; *razom*, *razõ*, *razões*; *deleitaçom*, *deleitações*; *condiçom*, *condiçõ*, *condições*; *naçõ*, *nações*; *perfeiçom*, *perfeições*, *desposiçõ*, *desposições*; *tentaçõ*, *tentações*; *cuidaçõ*, *cuidações*, etc.

257. A regra geral do plural em *-ões* vigora para a linguagem moderna, sendo applicada naturalmente a quaisquer térmos novos: *civili-*

zações, vagões, salões, montões, felicitações, estremeções, etc. Deste oceano de substantivos em -ão mal tiramos umas duas dúzias de vocábulos com plural diferente, a saber:

a) com a terminação -ães: *pão, pães; cão, cães*, e do mesmo modo, *capitão, capelão, charlatão, escrivão, bestião* (Herculano, *M. de C.* 2, 247), *catalão, alemão* (também adjetivo), *guardião, sacristão, sultão, deão*.

b) com a terminação -ãos: *cristão, irmão, pagão, mão, chão, cidadão, alão, grão, cortesão, romão* (português antigo), *vão* (e o composto *desvão*). Acrescentem-se a êstes os paroxítonos em -ão: *acórdão, órfão, sótão, órgão* e outros. A mudança de acentuação deu lugar a que a palavra *benção*, cujo plural era *benções* (assim usado ainda pelo padre Vieira) viesse a fazer *bênçãos*. Inversamente, *zangão*, tornado oxítono, tem hoje o plural *zangões* (em vez de *zângãos*).

258. Nos seguintes, pôsto que passem por ter plural duvidoso, tende a fixar-se a forma regular em -ões: *aldeão, aldeãos e aldeões; ancião, anciãos, anciães e anciões; vilão, vilãos e vilões; truão, truães e truões*.

259. Entre os escritores antigos e, ainda, entre quinhentistas e seiscentistas, eram em maior número as excepções e oscilações. *Cidadães* (ocorre ainda em Sá de Miranda, vol. 2, páginas 105, 139 e 140); *gaviães* (Couto, *Déc.* 4, 7, 10); *anãos* (Bernardes, *N. Flor.* 1, 402); *cidadeões* (Bernardes, *N. Flor.* 2, 114); *ermitãos* (Arrais 440); *ermitães* (em português antigo e Vieira, *Serm.* 8, 403); *pãaos* (= pavãos, *L. de Esopo* 23); *cirurgiães* (Bernardes, *L. e C.* 334); *peães* (frequente entre os quinhentistas).

260. O plural do antigo *diamã* ou *diamão* (= diamante) era *diamães*.

261. Os termos em -ane e -anu, donde se originaram os plurais em -ães (português antigo -*ães*) e -ãos (português antigo -*ãos*), recebidos do latim, foram mui poucos em comparação da onda de nomes em -one com que se enriqueceu o idioma português; e teria havido menos dificuldade em formar o plural desses diversos nomes se no singular as terminações -om, -am e -ão houvessem permanecido sempre distintas entre si. Ao contrário disso, principiaram elas cedo a confundir-se na pronúncia, e daí o embaraço não somente para o plural de vocábulos de filiação latina, cuja etimologia era obscura ou esquecida, mas ainda para os termos que novamente se cunharam ou importaram do estrangeiro.

262. Certos nomes hoje usados no singular diziam-se antigamente no plural. Assim *peitos*, por influência do sentido especial de seios, mamas, narizes, por tomar-se também na acepção de ventas, e *queixadas* (= maxilares) denotando queixo:

Pela bocca e pellos *nareces* (*Santo Graal* 6) — Chegou-lhe ás *queixadas* e logo ho vazou com hũa estocada (Castanheda 5, 17) — Poseram-lhe hũa punhal nos *peytos* porque se calasse (*ib.* 2, 122) — Onde rosto e *narizes* se cortava (Camões, *Lus.* 3, 41) — Obrigou a que o anjo ao passar por elle tapasse os *narizes* (Bernardes, *N. Flor.* 1, 232).

263. *Costas*, a princípio mero plural de *costa*, significando o mesmo que o hodierno "costela", continua a usar-se no plural, esquecida esta significação, como equivalente de "dorso".

264. Nomes de matéria, empregados atualmente quase sempre no singular, podiam dizer-se outrora com a forma de plural:

Açucares, melles, manteigas (Pina, *D. J.* 2.º 116) — Todos os *arroz*es que vierão de fora (Castanheda 3, 72) — Quisesse trocar carnes por *azeites e vinhos* (Castanheda 5, 18).

265. Igualmente alterados na terminação eram os nomes de ventos *levante, ponente* para exprimir o cursar frequente:

Como já os *levantes* cursavão fez muy pouco caminho (Castanheda 5, 19) — Ora cõ *ponentes*, ora com *levantes* chegou a vinte legoas de Judá (*ib.* 5, 11) — E tornando os *levantes* avia de tornar a Judá (*ib.* 5, 11).

266. Dizemos hoje em dia tanto *gema* como *clara de ovo*, porém Diogo de Couto:

Este de hum ovo, que poz hum galo, formara o mundo todo, da *gema* os ceos, e das *claras* os elementos (*Déc.* 5, 8, 12).

267. Não costumamos pluralizar certos termos como *vontade, cabeça* e outros referidos a diversos individuos, ao contrário do antigo uso nestas frases:

Homens, mulheres e meninos metidos na agua com as *cabeças* de fora (Vieira, *Serm.* 7, 818). — La escrevo aos Pautagatins e regedores que lhe acudam com alguma *esmola*: fazei que seja por suas *vontades* e não por força (*ib.* 8, 288).

Gênero dos Substantivos

268. Apelativos que designam seres humanos tomam o gênero naturalmente de acôrdo com o respectivo sexo: *o homem, a mulher; o genro, a nora; o pai, o padre, o padrinho, o compadre; a mãe, a madre, a madrinha, a comadre; o padrasto, a madrastra*.

269. Raros são os casos como os exemplos precedentes, em que o feminino é vocábulo muito diverso do masculino. Basta em geral alterar a terminação, sendo característica do feminino a vogal -a: *filho, filha; noivo, noiva; menino, menina*. Semelhantemente *irmão*, pronunciado a princípio *irmã-o*, deu no feminino *irmãa*, isto é, *irmã-a*, hoje reduzido a *irmã*. *Avô* e *avó* resultam respectivamente de *avoo, avoa*, tornando-se aberta a vogal *o* do feminino por influência da terminação -a. *Rei, rainha* procedem do latim *rex, regina*.

270. *Rapaz* faz no feminino *rapariga*.

271. Certos nomes de títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações -issa, -isa, -essa, -esa: *sacerdote, sacerdotisa; diácono, diaconisa; prior, prioresa* (também *piora*); *abade, abadessa*;

conde, condessa; príncipe, princesa (em lugar de principesa); barão, baronesa; duque, duquesa.

272. Nomes em *-e* não compreendidos nesta categoria resistem em geral à mudança, tornando-se comuns de dous, como *amante, estudante, herege, agente, cliente, protestante, viajante*. Usam-se porém com a característica *-a*: *freira*, feminino de *freire* ou *frade*, *parenta, mestra, monja, hóspeda e infanta*.

273. Tornou-se o falar hodierno, neste ponto, mais sóbrio que a linguagem quinhentista e seiscentista, onde se encontram:

Casado com hũa *nayra* christãa (Castanheda 2, 28) — Duas *cafras* (*ib.* 2, 6 e *passim*) — Esta *giganta* era rica (Barros, *Clar.* 164 e *passim*) — Huma *comedianta* (Vieira, *Cartas* 2, 180) — Gracejando com as *farsantas* (Bernardes, *N. Flor.* 2, 314) — Huma *comedianta* (*ib.* 5, 248).

274. Não estariam, entretanto, grandemente convencidos os quinhentistas da correção desta linguagem se já hesitavam entre *a infante* e *a infanta*, como facilmente se vê na *Crônica de D. Manuel* por Damião de Góis. A forma *infanta* tornou-se, contudo, a preferida por Vieira e outros, e prevaleceu.

275. Feminino de *herói* é *heroína*. Os nomes de origem estrangeira *landgrave, margrave, czar* fazem respectivamente *landgravina, margravina, czarina*.

276. Dos apelativos em *-or* formam *embaixador, imperador, ator*, o feminino em *-triz*: *embaixatriz, imperatriz* (o povo português dizia *emperadora*), *atriz*. Desconhecia-se esta formação na fase primitiva da linguagem portuguesa; devem-se tais vocábulos à influência erudita ou à importação direta do estrangeiro. Vieira, pôsto que empregue *emperatriz* (*entre a emperatriz e Catharina, Serm.* 11, 571, *emperatriz de Alemanha, ib.*, app. 23), faz, todavia, concessão à linguagem popular quando diz: *rainha sobre todos os reys, e emperadora sobre todos os emperadores* (*Serm.* 11, 239).

277. Verdade é que a intenção aqui é dar relêvo não tanto ao título, como à efetividade do ato de imperar. Fala-se da Virgem Maria. No mesmo sentido se emprega o termo em Gil Vicente I, 144: *Deos te salve, Emperadora*.

278. O próprio processo de acrescentar *-a* ao substantivo em *-or* só com o tempo conseguiu generalizar-se. Assim vemos o termo *senhor* usado nos *Cancioneiros* ainda como substantivo comum-de-dous.

279. Em lugar da formação regular, usam-se, em certos casos, femininos em *-eira*: *varredeira, vendedeira* (*Livro Vermelho* ap. *Inéd.* 3, 480 e 482), *tecedeira, cerzideira, carpideira, arrumadeira* e outros. Nenhuma relação morfológica há entre estes femininos e os masculinos em *-or*. Prendem-se, sim, aos derivados em *-eiro*, designativos de indivíduos que exercem certos misteres ou profissões; e sendo várias ocupações exercidas, desde tempos remotos, principalmente pela mulher, fixou-se,

em tais casos, a forma feminina em *-eira*, antes que se creassem os respectivos termos masculinos, para os quais o uso preferiu muitas vezes palavras terminadas em *-or*.

280. Pôsto que se assinalem com a terminação *-a* os nomes femininos, não se infere daqui que femininos sejam, por sua vez, todos os nomes terminados por esta vogal. Assim, denotando varões, não podem deixar de ser masculinos *monarca, heresiarca, patriarca, pirata, agiota, jesuíta, homicida, nauta, camarada, espiritista* e muitos outros. Vários destes nomes podem-se aplicar a mulheres, ficando então inalterados, excepto *poeta, profeta* que fazem *poetisa e profetisa*.

281. Para os nomes em *-ão* dispomos de três maneiras de formar o feminino. Seguem o tipo *irmã*, feminino de *irmão*, *aldeã, anã, anciã, castelã, charlatã, cidadã, cirurgiã, foã* (Samuel de Usque 2, 129), *cortesã, peã, sacristã*; e também *cristã, pagã, cintrã, coimbrã, comarcã, catalã, bretã, alemã*, femininos de palavras usadas ora como substantivos, ora como adjetivos. *Romã*, adjetivo, é o feminino do antigo *romão* (= *romano*). Nada tem que ver com *romã*, substantivo, de origem árabe. *Sultão* faz excepcionalmente *sultana*.

282. Põem a terminação *-oa* em lugar de *-ão*: *abegoa, beiroa, bretoa* (também se diz *bretã*), *ermitoa, horteloa, patroa, rascoa, viloa* (ou *vilã*). Do substantivo *tabelião* formou-se o adjetivo *tabelioa*. *Ermitão*, como adjetivo, faz *ermitã*. *Japão*, usado outrora em lugar de *japões*, fazia *japoa*: *aos Japões á Japoa* (Vieira, *Serm.* 8, 164). De *capitão* usou-se outrora o feminino *capittoa*: *Esta foi eleita por capittoa de todas* (Couto, *Déc.* 6, 2, 2); *nau capittoa*.

283. O terceiro modo, finalmente, consiste em mudar *-ão* em *-ona*. É, sobretudo, nos aumentativos que se usa esta forma: *bonacheirona, chorona, figurona, mandriona, besuntona, fanfarrona, porcalhona, resmungona, trapalhona, solteirona, valentona, santarrona, pedinchona, sabichona* (há também o feminino em *-ã*: *as vossas velhas sabechans, Francisco Manuel de Melo, Ap. Dial.* 229), *feianchona, parlapatona*.

284. Importa notar que até o século XVI reinava ainda bastante incerteza quanto ao feminino dos nomes em *-ão*. Diz o gramático Fernão d'Oliveira assim: "Estes nomes eu nam os pronunciaria nesta forma *cidadoa: capittoa: viloa: rascoa: aldeoa*: mas pronuncial-os-ia assi: *aldeã: vilã: cidadã*: verdade he que *rascã* nem *capitã* não são mui usados: e, contudo, *zamboia* e *padoa* e quaesquer que o costume consentir".

285. Palavras em *-eu* fazem *-éia* no feminino: *uropeu, européia, plebeu, plebéia, hebreu, hebréia*. Diz-se, contudo, *judia* de *judeu*, *sandia* de *sandeu*, *ilhoa* de *ilhéu*, e *ré* de *réu*.

286. Para os nomes pátrios em *-ês* v. "Adjetivos".

Nomes de Cousas

287. Masculinos são todos os nomes de cousas terminados em -o átono, e femininos os que terminam em -a átono, exceptuando as denominações de letras do alfabeto, que como os demais nomes de letras são do gênero masculino (*o alfa, o jota, o capa, etc.*), *dia, tapa*, e os vocábulos de origem grega, quer vindos através do latim, quer tirados diretamente do grego, e que neste idioma tomariam o gênero neutro. Tais vocábulos são masculinos em português: *drama, tema, teorema, axioma, aroma, idioma, emblema, clima, problema, lema, dilema, cosmorama, panorama*, os compostos de -grama (*diagrama, epigrama, telegrama, monograma, etc.*), *diafragma, sintagma, magma, clisma, prisma, aneurisma, sofisma, etc.*

288. De alguns vocábulos de origem grega tem variado o gênero [v. parágrafo 323-327, 328, 331-334, 353]. Em outros altera-se o gênero incoerentemente, como *a cataplasma*, porém *o plasma, o protoplasma, o neoplasma*.

289. *Ordem e margem* (latim *ordo, margo*), masculinos em latim, passaram a termos femininos em português. Este mesmo gênero têm os demais nomes em -gem (*a imagem, a vagem, a viagem, a ferrugem, etc.*). *Linguagem e linhagem* também se usaram no masculino [v. parágrafo 336].

290. Nomes abstratos em -ião, como *legião, opinião, ocasião, região, rebelião*, são femininos conforme a regra dos nomes latinos em -io. Tomam o mesmo gênero os inúmeros termos abstratos em -ção, -ção, -zão, filiados a palavras latinas em -tio, -sio (*condição, razão, fusão, produção, ambição, dicção, apelação, ampliação, etc.*) ou criados por analogia, de expressões verbais modernas, como *mastreção, estagnação, civilização, vacinação, amalgamação, etc.* São ainda femininos: *multidão, solidão, fortidão* e outros, que se prendem com a formação latina em -tudo (*multitudo, solidudo, etc.*).

291. Usam-se, pelo contrário, no masculino os nomes concretos em -ão, exceptuando *a mão*, por exemplo: *chão, grão, alcatrão, algodão, agrião, bastão, bordão, diapasão, feijão, pilão, pirão, pistão, latão, galão, limão, melão, pulmão, sabão, torrão, coração, tostão, turbilhão, violão, verão, bastião, pavilhão, botão, galeão, trovão, etc.*

292. No masculino também se usam os aumentativos em -ão, -arão, -eirão, ainda que procedam de vocábulos femininos: *garrafão, carroção, casarão, boqueirão, caldeirão, pranchão, salão, florão, portão, barracão, caixão, palavrão, etc.*

293. São femininos *grade, cidade* e todos os nomes abstratos (*amizade, verdade, etc.*) em -ade, em -ice e -ez, derivados de adjetivos e substantivos (*altivez, solidez, velhice, macaquice, meninice, etc.*), e os abstratos em -ude (*saúde, virtude, altitude, etc.*). Acrescentem-se ainda a esta série de vocábulos, por serem de igual gênero, *vez, fraude*, e os termos con-

cretos *fez, tez, torquês, cegude* e *incude*. Outros nomes em -ez [ou -ês] e -ude são masculinos (*pez, revés, jaez, arnés, calcês, convés, pavés, gurupés, grés, viés, [enviês]; açude, alaúde, ataúde, almude, embude, grude, talude*).

294. Pondo de parte os nomes abstratos em -ão e os femininos em -ez a que acabamos de nos referir, são em geral masculinos os nomes oxítonos: *chá, tafetá, pé, dó, nó, pó, cipó, café, fubá, maracujá, gral, mal, sal, rubi, anel, mel, ar, lar, altar, lugar, chapéu, céu, calhau, grau, sarau, pau, som, dom, jardim, sol, lençol, funil, buril, barril, papel, tonel, vergel, anzol, cinzel, dossel, cordel, batel, ardil, redil, covil, canil, farol, paiol, castã, iatagã, tapinhoã, afã, ademã, armazém, desdém, harém, vintém, trem, bergantim, espadim, anexim, estoquim, capim, tamborim, alecrim, festim, flautim, nariz, país, matiz, tamis, chafariz, etc.*

295. Exceptuam-se desta regra:

- a) um nome em -á: *pá*.
- b) os seguintes em -é: *fé, sé, galilé, galé, maré, polé, ralé, libré*.
- c) os seguintes em -ó: *enxó, filhó, ilhó, mó*.
- d) um nome em -al: *cal*. Por subentender-se algum termo feminino, tomam este gênero os substantivados *bacanal, saturnal* (festa); *pastoral, credencial* (carta); *inicial* (letra); *catedral* (igreja); *diagonal, horizontal, vertical* (linha) e outros.
- e) um nome em -er: *colher*.
- f) três nomes em -or: *cór, dor, flor*.
- g) os seguintes em -ã: *cã, chã, lã, romã, grã, maçã, manhã, avelã, sertã, hortelã, barbacã, milhã*.
- h) um nome em -au: *nau*, e os de ditongo -ei: *grei, lei*.
- i) os seguintes em -iz: *boiz, cerviz, cicatriz, matriz, raiz*.
- j) os seguintes em -oz: *foz, noz, tardoz, voz*.
- k) dous nomes em -uz: *cruz, luz*.
- l) [dous] nomes em -az [e um em -ás]: *paz, tenaz, aguarrás*.
- m) um nome em -em: *cecém*.

296. Das palavras em -e átono, são do gênero feminino, além das já mencionadas:

1.º as que terminam em -ede, -ide (excepto *cabide*), em -ave (menos *conclave*), -eve, -ebe; em -ase, -asse, -ace (excepto *desenlace, passe* e compostos); em -ese, -ece, -esse (menos *interêsse*); em -ose. Tais são: *parede, rêde, sêde, sede; vide, lide; ave, chave, trave, clave; neve, greve; plebe, sebe; base, face, fase, gase, alface; prece, messe, tese* (e compostos), *análise, catálise, diocese; dose, apoteose*.

2.º as palavras *carne, tarde, glande, lande, falange, fome, febre, laje, haste, peste, veste, fouce, mole, prole, pele, hecatombe, crise, couve, gripe, sege, estirpe, elipse; árvore, tosse, posse, hoste, ode, noite*.

3.º os termos *glote* e *epiglote*, ao passo que são masculinos todos os mais nomes em *-ote*.

4.º *fonte*, *fronte*, *ponte*, em oposição a *monte*, *horizonte* e os compostos de *-odonte*, que são masculinos.

5.º os compostos de *-pole*: *metrópole*, *necrópole*, etc.

6.º *arte* e *parte*, sendo masculinos os demais nomes em *-arte*.

7.º *gente* (*), *frente*, *mente*, *semente*, *aguardente*, *vertente*, e os substantivados em *-ente* referidos ao conceito "água" (no sentido próprio ou figurado): *nascente*, *enchente*, *torrente*, *corrente*, ou "linha" (*tangente*, *secante*, etc.).

8.º os termos eruditos derivados por meio de *-ite*, designando doenças, rochas, plantas (*bronquite*, *fulgurite*, *clematite*, etc.).

9.º os seguintes nomes em *-orte*: *sorte*, *morte*, *côrte*, *coorte*.

10.º os terminados em *-ie*: *efígie*, *série*, *espécie*, *congérie*.

11.º *praxe* e os compostos de *-taxe* (*sintaxe*, *parataxe*, *hipotaxe*).

297. Levadas em conta estas restrições e casos especiais acima explicados, dá-se geralmente o gênero masculino aos nomes designativos de cousas, paroxítonos e proparoxítonos, desde que não terminem em *-a* átono. Dizemos *o caráter*, *o aljôfar*, *o açúcar*, *o âmbar*, *o órgão*, etc. *Benção* (do latim *benedictione*-) entrou na linguagem como vocábulo feminino com acento tônico na sílaba final. Esta pronúncia persistiu durante muito tempo. Hoje proferimos o vocábulo, deslocando o acento para a sílaba *ben*, mas conservando o gênero feminino.

Nomes de Animais

298. Na determinação do gênero gramatical não há diferença entre os nomes dos animais e os demais substantivos, quando se trate de entes em que a distinção do sexo, ou por difícil ou por desnecessária, não costuma ser feita na vida real. Assim são femininos, simplesmente por terminarem em *-a*, *baleia*, *águia*, *formiga*, *pulga*, *onça*, *cobra*, *taratuga*; e masculinos, por analogia de outros vocábulos, *badejo*, *rouxinol*, *gavião*, *salmão*, *sapo*, *tatu*, *rinoceronte*, *hipopótamo*, *rato*, *tamanduá*. Os nomes *perdiz*, *codorniz*, *serpente*, *rês*, são femininos à semelhança de certos nomes de cousas com a mesma terminação.

299. Sendo mister alguma vez determinar o sexo, acrescenta-se a estes nomes, conforme o caso, a palavra *macho* ou *fêmea*: *a águia macho* ou *o macho da águia*; *o sapo macho*, *o sapo fêmea* ou *a fêmea do sapo*, etc.

(*) *Gente* é nome coletivo aplicável somente a seres humanos considerados em conjunto; mas apesar desta particularidade o vocábulo é tratado em linguagem como os demais coletivos, como se fôra nome de cousa.

300. Chamam-se em gramática epicenos êsses substantivos que com um só gênero designam ambos os sexos; e epicenos são em geral os nomes de peixes, reptis e batráquios, de insetos e animais inferiores e, com poucas exceções, os de mamíferos e aves.

301. A distinção sexual impõe-se, e com ela a necessidade de vocábulos que designem o macho e a fêmea, em se tratando de certos animais domésticos, criados pelo homem para a alimentação, para a lavoura ou para outros fins. Assim, diferenciam-se, por vocábulos distintos, *boi* e *vaca*, *cavalo* e *égua*, *burro* (e *mu*) e *bêsta* ou *mula*, *carneiro* e *ovelha*, *bode* e *cabra*, *galo* e *galinha*, *cão* e *cadela*; e, mudando simplesmente a terminação da palavra, *gato*, *gata*; *porco*, *porca*; *leitão*, *leitoa*; *pombo*, *pomba*; *peru*, *perua*; *pato*, *pata*, *marreco*, *marreca*.

302. Denotam particularmente certos machos destinados para a reprodução êstes termos: *touro* (boi); *garanhão* (cavalo); *varrão* (porco).

303. Querendo-se designar a espécie ou quaisquer indivíduos da espécie, emprega-se a forma masculina, *cavalos*, *cães*, *porcos*, *gatos*, *perus*, *patos*, *leitões*; mas diz-se *criação de galinhas*, *de cabras*, atendendo ao número preponderante de fêmeas. De preferência a *rebanho de carneiros* usa-se *rebanho de ovelhas*. Falando do gado bovino, o termo *vaca* ou *vacas* individualará as produtoras de leite, criadas em geral separadamente do outro sexo.

304. Macho e fêmea de certos animais não-domésticos que ferem a vista pela grande dissemelhança no aspecto exterior, têm designações para os dous sexos: *faisão*, *faisã*; *pavão*, *pavoa*; *leão*, *leoa*; *veado*, *corça*.

305. Distinções que interessam particularmente a caçadores são *javardo* (javali macho), *lôba* e *ursa*. Êste último feminino aplica-se, fora do domínio de S. Huberto, somente às constelações *Ursa maior* e *Ursa menor*.

306. Os quinhentistas davam também forma feminina ao termo *elefante*:

Vinham dous elefantes grandes... e huma elefanta pequena. (Barros, *Déc.* 2, 9, 1).

Nomes Próprios

307. O gênero dos nomes próprios de pessoas, nacionais ou estrangeiros, dos sobrenomes, apelidos ou alcunhas, decide-se pelo sexo das pessoas portadoras de tais nomes: *Moisés*, *Judite*, *Ezequiel*, *Raquel*, *Norma*, *Numa*, *Jugurta*, *Cleopatra*, *João de Castro*, *a nova Castro*, *Chateaubriand*, *La Fontaine*, *a Dubarry*, *a Pompadour*, *Irene*, *Alexandre*, *o Magalhães*, *a (senhora) Guimarães*, *o Chora-vinagre*, *o Prata Preta*, *José*, *Salomé*, *Montesquieu*, *a Montespan*, *Apolo*, *Safo*, *Eduwiges*, *Bruno*, *Juno*, etc.

308. Certos nomes de batismo, como *Pedro*, *Adão*, *Artur*, servem somente para homens; outros, como *Marta*, *Leonor*, só se aplicam a

mulheres; outros, finalmente, usam-se para os dous sexos, fazendo-se a distinção na terminação do vocábulo: *Francisco, Francisca; Antônio, Antônia; Manuel, Manuela; Luís, Luísa; Paulo, Paula; Valenciano, Valenciana*, etc. Antigamente dizia-se também *Simoa* (como feminino de *Simão*) e *Julioa: a nao Julioa* (Barros, *Déc.* 1, 6, 3).

309. Esta prática de variar a terminação foi por vêzes adotada pelos cronistas com relação a apelidos de família:

Nom somente deu os bês delle, mas ainda de *Maria Anes Leitoa*, sua manceba (Fernão Lopes, *D. J.* 336) — Foi filha de dona *MariAffomso Chichorra* (*ib.* 348) — Foi casado com D. Maria filha de Fernão Pereira Barreto, de que houve duas filhas *Dona Catharina Pereira Barreta...* e *Dona Elena Mascarenhas* (Couto, *Déc.* 4, 4, 1) — Casado com *Dona Marianna Coutinha*, filha de Pero de Andrade de Caminha, que foi casado com *Dona Pascoela Coutinha* filha de Vasco Coutinho (*ib.* 8, 28).

310. Aos nomes dados a animais, edificios, navios e outros objetos ajunta-se o artigo de acôrdo com o gênero do substantivo comum que se tem em mente: *o (cavalo) Bucéfalo, a (égua) Swift, o (navio) Santa Catarina, o Rainha Margarida, o (palácio) Itamarati, o (navio) Dona Clara, o (cruzador) República, o Minas Gerais*, etc.

311. O artigo que sempre se antepõe aos nomes de rios e montes refere-se, não ao nome próprio, mas ao têrmo geográfico, claro ou subentendido: *o (rio) Amazonas, o São Francisco, o Madeira, o Paraíba, o (monte) Aconcágua, o Vesúvio, o Etna, os (montes) Alpes, os Andes*, etc.

312. Nas denominações *o Atlântico, o Pacífico* refere-se o artigo ao têrmo "oceano"; em *o Mediterrâneo, o Adriático, o Báltico* tem-se em mente a palavra "mar".

313. Pode-se deixar de mencionar o têrmo "ilha" junto aos nomes *Chipre, Naxos, Quio*, etc.; porém os adjetivos e pronomes irão para o feminino de acôrdo com o têrmo geográfico não expresso. Diz-se contudo *os Açôres, os Abrolhos*.

314. Por motivo análogo vão referidos à palavra "cidade" os qualificativos em *Nova York, Nova Friburgo, soberba Tui* (Camões, *Lus.* 3, 89); *Trancoso destruida* (*ib.* 3, 64); *sometida Bizancio* (*ib.* 3, 12); *a forte Arronches* (*ib.* 3, 55); *vê cercada Santarem* (*ib.* 8, 19); *fundada Arsinoe foi* (*ib.* 9, 2).

315. Esta regra relativa aos nomes de cidades sofre notáveis restrições. Diz-se por exemplo *o Rio de Janeiro, o Cairo, o Havre*. Fernão Lopes emprega *Londres* com o gênero masculino em: *a mim parece que boom Londres he este* (*D. J.* 40).

316. *Londres* e *Paris* são nomes masculinos para Fernão Mendes Pinto, que só dá o feminino aos nomes terminados em *-a* átono neste passo:

Porque se não ha de imaginar que he ella [cidade de Pequim] *hũa Roma, hũa Constantinopla, hũa Veneza, hum Paris, hum Londres, hũa Sevilha, hũa Lisboa* (*ib.* 2, 80).

317. Do mesmo gênero é *Fez* segundo estoutro trecho quinhentista:

Fez he uma cidade, a maior e mais principal de toda a Berberia... ha nella duas partes, convem a saber: *Fez o novo*, que contém alcaçova, paços reaes, casas de senhores, alfandegas, aduanas: e isto cercado de mui bons muros, faz huma pequena cidade: logo junto della, dous tiros de pedra, ladeira abaixo, está *Fez o velho*, bem murado e assentado entre alguns outeiros e chapadas (Jerônimo de Mendonça, *Jorn. de Afr.* 1, 112).

318. Camões põe no masculino:

Tangere populoso (*Lus.* 4, 55) — *Foi tomado Alcacere do Sal* (*ib.* 3, 90) — *O extremo Suez* (*ib.* 10, 98);

e, vacilando, escreve:

Dará na rica Dio (*ib.* 10, 64) e *hum ergue Dio*, outro *o* defende *erguido* (*ib.* 10, 67).

319. Vieira contradiz sèriamente a regra neste passo:

Por *huma Jericó* vos darey *hum Moçambique, hum Melinde, hum Socotorá, hum Bassorá, hum Ormuz, hum Diu, hum Damão, hum Chaul, hum Meliapor, hum Jafanapatam, hum Macao* (*Serm.* 8, 395).

320. Incluiu o orador nesta série de nomes masculinos *Socotorá*, que é uma ilha. Comparem-se com a linguagem de Vieira os trechos camonianos:

Verás de fronte estar no Roxo estreito *Socotorá* co amaro aloe famosa (*Lus.* 10, 137) — A canela com que *Ceilão* he rica, illustre e bella (*ib.* 9, 14).

321. Para os nomes próprios aplicados a grandes extensões de terra, a países, províncias ou estados, e usados sem o têrmo geográfico, regula-se o gênero pela terminação do vocábulo. São femininos os terminados em *-a* átono: *América, Asia, Europa, Austrália, Noruega, Dinamarca, China, Sibéria, Rússia, Índia, Abessínia, Patagônia, Colômbia, Andaluzia, Guiana, Holanda, Espanha, Bélgica, Pérsia, Califórnia, Galiza*, etc. São masculinos os que têm outra terminação: *Peru, Japão, Chile, Brasil, Goiás, Ceará, Sergipe, México, Panamá, Haiti, Marrocos, Egito, Irã, Indostão, Portugal, Aragão, Algarve, Pamir, Tibet[e]*, etc.

Mudança de Gênero e Gênero Duvidoso

322. Vários substantivos comuns têm ou tiveram gênero duvidoso:

a) PLANETA

323. *Planeta* (ou *praneta, preneta*, variantes em português antigo). Na linguagem pré-camoniana podia usar-se o vocábulo indiferentemente no masculino ou feminino. No *Leal Conselheiro* cap. 39 ocorre *as pranetas, das pranetas* nada menos de nove vêzes. Na obra *Côrte Imperial* notam-se a pág. 240 e 242 os casos seguintes de um e outro gênero:

A *planeta* que chamam Jupiter que he *hũa das sete planetas* ha propriedade e condiçom de significar fe e rreliogom. — E as outras seis *planetas*... — saturno he *hũu tal planeta* que he mais grave que *todos os outros planetas* e el nom se aiunta a *nehuũ dos outros planetas* e *totalas outras planetas* se ajuntam a el — o *planeta saturno* — o *dito planeta Jupiter* — *este planeta* — ao *planeta do Sol* — quando a *planeta Jupiter* se aiuntar com a *planeta* que he a *lũa* — do *planeta mercurio* — o *planeta Jupiter* — a *planeta mercurio* — o *planeta mercurio*.

324. No século XVI tende a fixar-se o uso da forma masculina. Em Gil Vicente ocorrem ainda:

Do védor he necessario | saber a *planeta sua*. | *Sua planeta* he a lua (3, 254)
— Ou que *planeta he aquella* | que o fez tão sabedor | pera que adoremos *nella?* (*ib.*).

325. Camões adota o masculino em:

Já neste tempo o *lucido planeta* (*Lus.* 2, 1) — A quem fez o seu *planeta* restituidor de Hespanha (*ib.* 3, 19).

326. Dificil de explicar é o passo:

Mas já o *planeta* que no ceo primeiro habita, cinco vezes *apressada* agora meio rosto, agora inteiro mostrara (*Lus.* 5, 24).

327. Segundo alguns, seria um caso de silepse de gênero; mas cumpre notar que não costumava o poeta lançar mão dêsse audacioso recurso. Outros entendem que Camões teria escrito *Mas já a planeta*, como o permitia o uso ainda naquele tempo, e que por êrro tipográfico sairia o *planêta*. Parece mais plausível a segunda explicação.

b) COMETA

328. Palavra masculina hoje, mas de gênero incerto entre os quinhentistas:

Appareceo no ceo da parte do oriente *hũa cometa* (Castanheda 1, 98) — Appareceo no ar *hum grande cometa* com hum raio... a qual foi vista per todos os d'armada (Barros, *Déc.* 1, 5, 2).

329. Vieira, referindo-se ao cometa de 1695 (*Serm.* 14, 225-265), não dá ao termo senão o gênero masculino.

c) TRIBO

330. Para os seiscentistas a *tribo*, como hoje usamos, era tão correto como o *tribo*:

Dando de barato a parte *das dez tribus* (Vieira, *Serm.* 8, 265) — *De huma tribu a outra tribu* (*ib.* 8, 264) — Juraram todos os doze *tribus de Israel* (*ib.* 2, 120) — *Das doze tribus*, que juraram... as dez lhe negaram obediencia (*ib.* 2, 121) — Ajuntou de todos os *tribus* que poude (*ib.* 9, 442).

d) MAPA

331. De gênero feminino no século XVI, passa a usar-se como masculino do século seguinte em diante:

Na mappa (Heitor Pinto 1, 353; 1, 208 e *passim*) — *O mappa* (Vieira, *Serm.* 7, 200 (3 vezes), 202 (2 vezes)).

e) CATÁSTROFE

332. Vocábulo outrora masculino:

O catastrophe da tragedia (*Serm.* 14, 241) — *Aquelle catastrophe* admiravel (*ib.* 9, 415) — *Um famoso catastrophe* (*ib.* 1, 459) — Depois *daquelle catastrophe* fatal (M. Aires 381) — Vem a ser mais *pathetico, vehemente* e *horroroso* o *catastrofe* da tragedia (Freire, *A. Poét. de Hor.* 71).

f) HIPÉRBOLE

333. Hoje usa-se êste termo no feminino; antigamente dizia-se o *hipérbole* a par de a *hipérbole*:

Isto he tão extranhado na Historia que melhor soffre *hum hyperbole* (Barros, *Déc.* 3, pról.) — Permitta-se o *hyperbole* (M. Aires 42) — Deixo tambem os *empollados hyperboles* (Bernardes, *N. Flor.* 4, 267) — Não he tão mal entendida a *hyperbole* (Vieira, *Serm.* 4, 203) — O estylo que segui, foi *huma hyperbole* às avessas (*ib.*).

g) AMETISTA E AMETISTO

334. Contrariamente ao uso atual encontramos a forma masculina em:

O amethisto pedra preciosa tem cor de vinho (Bernardes, *N. Flor.* 4, 124) — *O calix consagrado* e *calix de preciosos amethistos liquidos* (*ib.*).

h) FIM

335. Continuou a ter em português o mesmo gênero do latim *finis* até que com a era dos seiscentistas passou a ser vocábulo exclusivamente masculino. Com êste mesmo gênero já aparece nOs *Lusiadas*; autores de outras obras quinhentistas revelam tendência conservadora:

Ja na fim de dezembro (Castanheda 2, 74) — Aquel era *ho fim* pera que lhe elrey dera *aquella armada* (*ib.* 2, 68) — Era o *fim* a que seus imigos faziam todas estas cousas (*ib.* 2, 109) — *Da fim* de agosto até a *fim* de outubro (Barros, *Déc.* 2, 6, 1) — *Na fim* de junho (Castanheda 1, 68) — *Na fim* dagosto (*ib.* 4, 42) — Como quem entendia o *fim* *daquella* sua viagem a Malaca (Barros, *Déc.* 2, 6, 2).

i) LINGUAGEM, LINHAGEM

336. Em português antigo podia dizer-se: *Em linguagem grego* (S. Josafate 49). Dizia-se também *livro dos linhagens* (Port. Mon. Hist., S. 1, 143); seu *linhagem* (Fernão Lopes, D. J. 147, 149) a par de a *humanall linhagem* (*ib.* 299). Segundo a gramática de Fernão de Oliveira, *linguagem* e *linhagem* são femininos.

j) PERSONAGEM

337. Antepõe-se-lhe tanto o artigo *o* como o artigo *a*:

Todas as grandes personagens (Vieira, *Serm.* 2, 217) — Aparece uma *personagem* de grande autoridade (*ib.* 11, 182) — *Dous personagens* (Francisco Manuel de Melo, *Ap. Dial.* 278) — Vira a seu lado *huma veneranda personagem* em habito sacerdotal (Bernardes, *N. Flor.* 4, 367) — As turbas que cercão *as personagens illustres* (*ib.* 4, 361) — *Estas personagens* achavam-se reunidas (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 186) — Salvo *as personagens* (*ib.* 1, 187) — As palavras *dos dous personagens* (Herculano, *M. de C.* 2, 28) — Respondeu o *personagem* (*ib.* 2, 91) — Alli chegaram os *tres personagens* (*ib.* 2, 106) — *A personagem* que dera azo (*ib.* 2, 115) — Diante do *nedio personagem* (*ib.* 2, 229) — Deixaram ver um *novo personagem* (*ib.* 2, 234) — *Esta personagem* é D. Vivaldo (*ib.* 1, 161).

k) BANCO ROTO E BANCARROTA

338. Desde que em português se usa a forma masculina para designar o estabelecimento de crédito, lógico parece o emprêgo do mesmo gênero em: *Qualquer que se faz amigo do mundo faz banco roto com Deos* (Heitor Pinto 1, 411). Veio porém a prevalecer a forma feminina, naturalmente por influência do italiano *bancarrotta* e do francês *banqueroute*, linguagens estas de acôrdo com o gênero de *banca* e *banque*.

l) BARALHA E BARALHO

339. Tratando-se do jôgo de cartas, o português hodierno diz *baralho*. Do gênero feminino, usado outrora, ocorrem a pág. 209 dos *Ap. Dial.* de Francisco Manuel de Melo quatro exemplos. Igualmente em Vieira, *Serm.* 8: *As cartas não hão de ser de outra baralha, senão as mesmas* (261): *as naos fossem providas... não de baralhas de cartas* (262).

m) COPA E COPO (*)

340. Em linguagem hodierna servimo-nos geralmente da forma masculina para designar o vaso de beber. O feminino *copa* não é de uso corrente senão para denotar cousa diversa: lugar onde se guardam mantimentos, louça, etc.; a parte superior e arredondada de certos objetos (*copa de chapéu, copa de árvore*). Em português antigo usava-se do feminino *copa* com a significação de "taça", quer fôsse de metal o vaso de beber, quer de vidro. Exemplos de *copo*, no masculino, a par de *copa*, aparecem no século XVI, e tornam-se mais freqüentes dessa época em diante:

Eu bebo em taças e copas douro (*L. de Esofo* 24) — Cada huñ bebe por hũa grande *copa* de ouro (*M. Polo* 33 r) — Dai cá a *copa* que hontem vos dei (Camões, *Anfitriões*) — Eis aqui a *copa* vem testemunho da verdade (Camões, *ib.*) — Trazia hum vaso de prata dourado a modo de *copa* (Barros, *Déc.* 1, 6, 4) — Tinha *huma copa* d'ouro de bordas largas (Gaspar Correia

(*) Veja-se a propósito dos dois termos o respectivo capítulo em Said Ali *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*.

1, 99) — Trouxerão mais outras muitas peças, como forão pratos grandes, saleiros e *copos* tambem de ouro, com que a vista se deleitava muito (Fernão Mendes Pinto 1, 278) — Hum envoltorio em que vinhão muytos *copos* e jarros de prata (*ib.* 2, 275) — Lançando-lhe o vinho nos *copos* (Sousa, *S. Dom.* 90).

341. No seguinte exemplo seiscentista já a palavra *copa* vem tomada no sentido de armário em que se guardam vidros:

A este imperador apresentaram huns embaixadores de Veneza *huma copa* de varios vidros artificiosos e esmaltados de ouro (Bernardes, *N. Flor.* 4, 267).

n) ESPINHO E ESPINHA

342. Os seiscentistas serviam-se indiferentemente de uma ou outra forma, em exemplos como os seguintes, nos quais o português hodierno não usa senão o masculino:

Cabeça coroada de *espinhas* (Bernardes, *L. e C.* 539) — Jesus teceo de nossos *espinhos* a sua coroa (*ib.* 540) — Tu foste o que açoutaste a Jesus, tu o que o coroaste de *espinhos* (*ib.* 570) — Huns martyres caminhavão sobre *as espinhas* como sobre flores, outros a cada passo que davão, lhes brotavão dos pés encravados tantas fontes de sangue, quantos erão os *espinhos* (Vieira, *Serm.* 5, 265) — O trigo que parte cahio... entre *espinhos* e parte sobre pedras duras (*ib.* 8, 395).

343. Em português antigo dizia-se no feminino:

O leão e o pastor que lhe tira do pé *huma espinha* (*L. de Esofo* 27) — Sem cardos e sem *espinhas* (*S. Josafate* 12).

344. A forma feminina podia também designar, como hoje, osso de peixe:

A invenção desta peçonha he dos moradores da ilha Çamatra, a qual se compõe com a *espinha* do peixe (Barros, *Déc.* 2, 6, 4).

o) TEIRÓ

345. Da incerteza do gênero desta palavra dão testemunho os seguintes passos:

Ouvira o nome de Gil Eannes, a quem tinha *antigo teiró* (Herculano, *M. de C.* 1, 209) — Não obstante porém a *teiró* do donato (*ib.* 1, 251) — Sem saber porque, a *teiró* que tinha a Fr. Vasco sentia-a diminuir d'intensidade (*ib.* 1, 288).

p) TIGRE, LINCE

346. Usam-se geralmente no masculino. Alguns exemplos ocorrem, contudo, em que se tomam estas palavras no feminino:

As lynces mosqueadas (Castilho, *Geörg.* 177) — *Tigres raivosas* (*ib.* *Geörg.* 85) — *Tigre denegrada* (*ib.* 275); porém: *os tigres* apiedava (*ib.* 287) — *Crua tigre* faminta (Castilho, *Metam.* 238) — *A tigre* na selva (*ib.* 173).

q) ESPIA, GUIA

347. Dá-se-lhes hoje o gênero masculino em atenção ao sexo dos indivíduos que exercem o ofício de espiar, ou costumam guiar os outros. Outrora atendia-se à terminação dos vocábulos:

Foi avisado por *suas espías* (Castanheda 1, 75) — *A guia* fogio coeles (*ib.* 3, 151) — Como *espías domesticas* que sabião onde estavam os idolos tal vez escondidos (Vieira, *Serm.* 8, 475).

r) GUARDA

348. Usado hoje no feminino, na acepção de “ato de guardar”, e no singular no sentido coletivo de “soldados que estão de guarda”, toma contudo o gênero masculino quando referido a indivíduos, quer no singular, quer no plural. Contrariamente a esta regra dizia-se:

O que derrubou amortecidas *as guardas* (Vieira, *Serm.* 7, 290) — Entrai, se vol-o permittirem *as guardas* (*ib.* 31).

349. Vieira distingue todavia *guarda* (= sentinela) de *guarda* (= guardador, pastor) neste passo:

Vencendo a quatro reys só com *os guardas* das suas ovelhas (*Serm.* 3, 253).

s) LINGUA

350. Significando “intérprete” aparece com o artigo *o* freqüentemente em Castanheda. *Hum bom lingua* diz do mesmo modo Vieira, *Serm.* 1, 106. Continua a usar-se no masculino.

t) TROMBETA

351. Designando o soldado que toca o instrumento, ocorre em Fernão Lopes no masculino:

Mandou-lhe dizer per *hũu seu trombeta* (*D. J.* 257) — Nun Alvarez recebeu bem *ho trombeta* (*ib.*) — Com esta reposta se partio *ho trombeta* (*ib.* 258) — E em contando *o trombeta* a reposta (*ib.*)

352. No seguinte passo vem a palavra no feminino, por pensar-se menos na pessoa:

E levarom comsigo *hũa trombeta* que andava em companhia dhuĩ daquelles que se apartarom, e quando veo aa mea noite, *aquella trombeta*, per mingoa de boom avisamento, começou de tamger (259).

u) PIRAMES

353. *Pirames* por *pirâmides* ocorre várias vezes no masculino nas *Décadas* de João de Barros.

v) FANTASMA

354. Usou-se no feminino:

A continuação tinha criado em Frey Gil animo para desprezar *suas fantasmas* (Sousa, *S. Dom.* 87) — Revestiu-se de noite de *uma fantasma medonha* (Vieira, *Serm.* 11, 267) — *A fantasma* arremette (Francisco Manuel de Melo, *Fid. Apr.* 42) — Ainda que na verdade não seja mais que *huma fantasma* (M. Aires 272) — *Fantasmas varias* (Castilho, *Metam.* 275).

ADJETIVOS

Formação do Plural

355. Forma-se o plural dos adjetivos acabados em vogal, acrescentando-lhes -s, e o dos adjetivos acabados em consoante, por meio do sufixo -es exatamente como se fôsem substantivos: *ricos, bons, amáveis, audazes*.

356. Diversamente dos substantivos, existem adjetivos terminados em -il não somente oxítonos, mas também paroxítonos. Dêstes últimos ocorrem alguns com o plural regular em linguagem antiga: *fértiles* (Barros, *Déc.* 1, 1, 4); *esteriles* (*ib.* 2, 8, 1); *habiles* (Fernão Mendes Pinto 2, 114); *volatiles, aquatiles* (Heitor Pinto 1, 4); *difficiles* (*ib.* 1, 172 e *passim*). Era, aliás, a formação indicada, uma vez que no singular, além de *débil, estéril, fértil*, etc., também se admitiam *debile* (*L. de Esopo* 36), *esterele* (Barros, *Déc.* 1, 1, 10), *fertele*, etc.

357. O português hodierno não reconhece para êstes adjetivos paroxítonos senão o plural em -eis: *fáceis, úteis, férteis*. Fóssil com o seu plural *fósseis* usa-se muito como substantivo.

358. *Simples* ou *simpres* tinha outrora o plural *simplices* ou *simpreses*.

359. Não é prova de pronúncia diferente do hodierno -eis a grafia -ees do português antigo em *estavees* (*L. de Esopo* 30), *prazivees* (*S. Josafate* 7), *semelhavees* (*ib.* 11). É ainda de notar que por vêzes se hesitava entre -ávil e -ávil, e entre -ível e -ível. Em período menos remoto vemos o cantor d'Os *Lustadas* decidir-se sempre pelas terminações -ávil e -ível.

360. Os adjetivos em -ão formam geralmente o plural em -ões segundo a regra para os substantivos de terminação idêntica. Excepcionalmente, fazem em -ãos: *loução, são, chão, comarcão, temporão, vão*, além dos seguintes usados também como substantivos: *pagão, cristão, romão* (português antigo = romano). Em -ães fazem: *alemão, catalão, charlatão*, que também servem de substantivos.

361. Nas crônicas antigas lê-se *paçãos* (= português moderno *palacianos*), *castelãos* (= português moderno *castelhanos*); em Gil Vicente 2, 489 *cintrãos*; em Castanheda 3, 145 e *passim meãos*, e em Fernão Lopes, *Cr. D. F.* 214 *caãos* (= encanecidos): foram... sem barvas e que aa tornada veheram *caãos*.

362. Nos adjetivos, como nos substantivos, a característica do gênero feminino é a terminação -a, posta em lugar da desinência vocálica masculina, ou acrescida à terminação consonantal masculina. As modificações fonéticas que esta regra sofre foram desenvolvidas no capítulo sôbre os substantivos.

363. Entre os adjetivos que mudam -o em -a estão compreendidos o português antigo *bõ-o, bõ-a* e *ma-o, ma-a*, que, simplificados pelo freqüente uso, se tornaram respectivamente em *bom, boa* e *mau, má*. Procede o primeiro adjetivo do latim *bonu-, bona-*, e o segundo de *malu-, mala-*, sendo de notar que durante algum tempo perdurou em português antigo, a par do feminino *maa*, a forma *mala*, bem como o advérbio *malamente*. Vestígios desta primitiva linguagem conservaram-se em certos dizeres até o século XVI: *Cousa velha e certa he: quem malas manhas ha, não has perde em quinze dias* (Sá de Miranda 430). Do emprêgo de *malamente* basta mencionar: *Aviia trautado malamente os seus monjes* (*Frades Menores* 1, 41).

364. Aplicam-se a um e outro gênero sem sofrerem mudança alguma os adjetivos em -e, -l, -az, -iz, -oz e -ar, como: *forte, igual, fácil, sagaz, feliz, veloz, particular*. Por excepção dizemos *espanhol, espanhola*.

365. Em -uz existe a palavra *andaluz* com o feminino *andaluza*.

366. Das palavras em -ez [ou -ês] são invariáveis quanto a gênero: *cortês, montês, pedrês, soez, tremês*. Em português antigo esta invariabilidade estendia-se aos adjetivos pátrios em -ês. Fernão d'Oliveira dá como sendo de gênero comum *português, inglês, francês*, mas acrescenta: posto que tenham femininos em a como *portuguesa*. João de Barros preferia a forma invariável:

A nação portugues (*Déc. Pról. e* 1, 3, 12; 1, 4, 11) — *Da gente portugues* (*Déc.* 1, 1, 2; 1, 4, 9; 1, 4, 11) — *A nação genoës* (*ib.* 1, 3, 11) — *Lingoa portugues* (*ib.* 1, 8, 6; 2, 2, 5).

367. Camões adotou o feminino em -a:

A policia portuguesa na paz e na milicia (*Lus.* 7, 72).

368. Esta prática firmou-se, e dos seiscentistas em diante os adjetivos pátrios são definitivamente considerados como palavras variáveis em gênero.

369. A palavra *comum* serve, no falar hodierno, para ambos os gêneros sem sofrer modificação alguma, e assim serviria também a princípio, atendendo a que não se fazia distinção em latim. Fernão Lopes: *a commuñ voz*, *D. J.* 24 e semelhantemente em outros passos. Por analogia de *ũ, ãa* surgiu, contudo, o feminino *comũa*, sendo seu emprêgo condenado pelo gramático de 1536. Discordava desta opinião João de Barros, entendendo que no feminino tanto se podia dizer de um modo

como de outro, como o demonstram muitos passos das *Décadas*. Esta liberdade foi ainda reconhecida por Vieira, Bernardes e outros seiscentistas:

A gente commum (Barros, *Déc.* 2, 5, 8) — Segundo *a commum opinião* (ib. 2, 9, 5) — Sendo *ellas commuas* a elles (ib. 2, 5, 11) — Por as *móheres* serem *commuas* aos de suas dignidades (ib. 1, 9, 3) — *A conclusão mais commua*, mais recebida e mais certa (Vieira, *Serm.* 3, 34) — He *commum allegoria* (ib. 3, 62) — *A commum exposição* dos interpretes (ib. 3, 6) — Esta definição he fundada na *doutrina commua* dos Padres (ib. 2, 160) — Nesta *desgraça commua* (ib. 2, 166) — *Aquella devoção* dos Athenienses era tão *commua* e tão vulgar (ib. 9, 40) — He *commua frase* dos Santos Padres (Bernardes, *N. Flor.* 1, 237).

370. Ainda no século XVIII se usou freqüentemente o feminino *comua*. Assim em Durão, *Caramuru* 1, 15 e vários outros passos do mesmo poema. É de notar que com o tempo desnasalou-se a terminação *-úa*, tornando-se em *-ua*, à semelhança do que sucedeu com *lúa*, *lua*.

371. O desaparecimento do feminino *comua* deve-se naturalmente ao sentido baixo que veio a adquirir o vocábulo como substantivo.

372. Os adjetivos terminados em *-ão* formam de três maneiras o feminino. Em *-ã* existem: *chã*, *grã*, *sã* (e *malsã*), *louçã*, *meã*, *folgazã*, *temporã*, assim como os seguintes que também servem de substantivos: *alemã*, *bretã*, *coimbrã*, *cintrã*, *atalã*, *comarcã*, *cristã*, *pagã*, *romã* (português antigo = romana). Com referência a febres existem *terçã*, *quartã*, *quintã*, sem os masculinos correspondentes.

373. Raros são os femininos em *-oa*: *bretoa* (ao lado de *bretã*), *tabelioa*. Os aumentativos dizem-se geralmente com a terminação *-ona*: *fianchona*, *toleirona*, *bonacheirona*, etc.

374. Dos adjetivos em *-or* não distinguem o gênero senão pelo sentido os compostos de substantivos, como *multicor*, *sensabor*, e os comparativos e superlativos *melhor*, *peior*, *maior*, *menor*, *superior*, *inferior*, *interior*, *exterior* e *ulterior*.

375. Usa-se apenas o feminino *superiora* substantivamente como *superiora de um convento*.

376. De procedência erudita são *diretriz*, *bissetriz*, *motriz* (também se diz *motora*) usados como femininos de *diretor*, *bissetor* e *motor*.

377. Levados em conta estes casos particulares, os adjetivos em *-or* fazem em geral o feminino com o acréscimo da característica *-a*: *cortador*, *cortadora*; *vingador*, *vingadora*. Esta forma feminina é usada já desde João de Barros e Camões; porém nos séculos XIV e XV eram tais adjetivos em *-or* considerados ainda como invariáveis quanto ao gênero:

Espadas brancas muito cortadores (Fernão Lopes, *D. J.* 214) — Cada hufias *virtudes* som *meregedores* de seus pregoões (ib. 56) — E nom somente deu os beês delle, mas ainda da Maria Anes Leitoa, sua *manceba*, *morador* em Lixboa, se achassem que fugira com elle, ou era *comssetidor* naquella malldade (ib. 336) — E a dita comdessa era em ello *comssetidor* (ib. 336).

Comparação

378. Dous ou mais sêres podem ter o mesmo atributo ou qualidade em grau igual ou diferente. Observar êste fato equivale a comparar, e o resultado enuncia-se antepondo ao adjetivo a palavra *tão* para a igualdade, *mais* para a superioridade, *menos* para a inferioridade.

379. Tratando-se dos adjetivos *bom*, *mau*, *grande*, *pequeno*, usam-se, para denotar a superioridade, as formas sintéticas vindas do latim *melhor*, *peior* [*pior*], *maior*, *menor*.

380. Se a comparação se limita a assinalar a diferença ou igualdade entre dous entes ou duas séries de entes, diz-se que o adjetivo está no grau comparativo. Se tem por intuito fazer sobressair a qualidade de um ou mais sêres de entre a totalidade dos sêres da mesma espécie, ou semelhantes quanto a outros atributos, o adjetivo estará no superlativo (relativo).

381. Em português, como nas demais línguas românicas, êste superlativo não tem forma própria que o distinga do comparativo; e assim é que *maior*, *melhor*, *peior* [*pior*], *menor* se usam para ambos os graus de superioridade, ao passo que em latim eram meros comparativos.

382. O artigo não é privilégio do superlativo relativo. Acompanha-o sempre, é certo, por assim o exigir o sentido; mas a sua presença no comparativo depende somente da maneira de redigir a frase. Diz-se v. g.: *dos dous irmãos André e João, aquêle é o mais rico*, a par de *André é mais rico do que João*. Segundo a definição acima, o adjetivo *rico* está no comparativo tanto num como noutra exemplo.

383. A formação dos superlativos em *-imus* e *-issimus*, prolifera no latim clássico, esterilizou-se no latim vulgar, não chegando portanto ao português vocábulos desta espécie. A corrente erudita reviveu mais tarde o processo, restringindo contudo o caso de tais formas ao sentido de superlativo intensivo. Puro latinismo é o emprêgo de *péssimo* por *o peior* em Bernardes, *L. e C.* 263: "e nesta forma bem podia hum S. Francisco entender que elle era *o péssimo* de todos os nascidos".

384. Apesar desta regra, conseguiram insinuar-se na linguagem culta como superlativo relativo: a) *ótimo* na locução *o ponto ótimo* (= o ponto melhor); b) *máximo* e *mínimo* em certas locuções como *o grau máximo* e *o grau mínimo*, e também em substituição, não obrigatória, a *o maior*, *o menor*, tratando-se de cousas abstratas; c) *supremo* ou *sumo*, *infimo*, e *extremo*, usados, em certos casos especiais, para significar "o mais alto", "o último", "o mais baixo", "o que é chegado ao ponto derradeiro".

385. Por via erudita penetraram igualmente em nosso idioma os comparativos *superior*, *inferior*, *exterior*, *interior* (os três primeiros respondem morfológicamente aos superlativos acima mencionados em c), tendo contudo aplicação mais ampla), e, em época mais recente, *anterior*, *posterior* e *ulterior*. Diversamente dos outros comparativos de

superioridade, podem estes vocábulos subsistir sem os competentes adjetivos em grau positivo. Explica-se o paradoxo, por denotar a forma comparativa aqui tão-somente a oposição de idéias quanto às circunstâncias de lugar; e, se *superior* e *inferior* também se usam em sentido metafórico, convém notar que as metáforas não destroem processos gramaticais.

386. Fazendo abstração dos superlativos em *-imus* e *-issimus* extintos ao constituir-se o idioma português, notamos, quanto à formação sintética, que herdamos do latim *bom*, *melhor* (*bonus*, *melior*) e *mau*, *peior* (*malus*, *peior*) sem outra modificação mais do que a exigida pela diversidade da fonética. *Pequeno*, *menor* difere do latim *parvus*, *minor* por haver outro vocábulo no grau positivo tomado o lugar do adjetivo *parvus*, o qual, embora se conservasse em português (*parvo*, *parvo*), deixou de exprimir dimensão para aplicar-se especialmente à deficiência intelectual. *Grande*, *maior* corresponde ao latim *magnus*, *maior*, havendo aqui substituição do qualificativo no grau positivo por um vocábulo sinónimo. *Magnus*, com efeito, caiu cedo em desuso; os únicos vestígios que de seu emprêgo nos ficaram em português antigo encontram-se em *tamanho* (*tam* + *magnus*) e *camanho* ou *quamanho* (*quam* + *magnus*). O emprêgo de *Manho*, *Magno* junto a nome de pessoa, como título, p. ex. em Camões, *Lus.* 4, 32 *Julio Magno* (pronunciado *Manho* para rimar com *estranho*), introduziu-se em português indiretamente, por via de outro idioma românico.

387. Além das formas *melhor*, *peior* [*pior*], *maior*, usuais e frequentíssimas em qualquer escrito, topam-se uma ou outra vez *mais bom*, *mais mau*, *mais grande*. Extraídos das diversas obras, e reunidos, os exemplos dão a impressão de numerosos. Considerados, porém, relativamente aos incontáveis casos de emprêgo de *melhor*, *peior*, *maior*, a par dos quais ocorrem, são como raras ilhas esparsas por oceano vasto e sem limites. Quando os autores recorrem a tais formas analíticas, fazem-no em geral com o intuito de avivar melhor no espírito do leitor (ou ouvinte) as noções de “bom”, “mau”, “grande”. Por vêzes lançam mão de tal recurso exageradamente, parecendo-nos que se poderia dispensar, como neste caso:

Dentes... pouco *mais grandes* que de serra (Zurara, *Guiné* 275).

388. É sem dúvida para exprimir os conceitos com mais ênfase que vêm as formas analíticas nestes exemplos:

De mao que sejas serás feito boom, e de boom que sejas serás feito *mais boom*... De boom que sejas serás feito mao e de mao que sejas serás feito *mais mao* (*Frades Menores* 1, 225) — A frey Bernardo he dada cavalaria e vitoria de alguuns dos *mais grandes* e *mais sotiis diabos* (*ib.* 1, 67) — E porque moramos em terra de vyandas e beveres muyto avondosa contra este pecado de guargãtice nos convem aver *mayor avysamento*, e muyto *mais grande* aos que som postos em real estado (D. Duarte, *Leal Cons.* 110).

389. Prestando-se melhor à ênfase, permitem as formas analíticas particularizar o sentido de *grande* como “grandioso”, “magnificante”, “potente”, de *bom* como “bondoso”, de *mau* como “malvado”:

Entre os Reys que forão em Portugal, ata sua idade, elle foi avido por *mais grande*, e a sua magnificencia procedia de sua mui grande magnanimidade (Zurara, *D. J.* 2) — Nunca daquy partirey ataa que faça hũa cousa tão assiñada, que nunca jamais aquy venha outro semelhante, nem ainda *mais grande*, que a mayor nem melhor possa fazer (Zurara, *Guiné* 143) — Outros querram dar per comto tantas boas cousas, feitas per alguñ de menos auto-ridade e homrra, dando rrazões pera os iguallar a este de *mais grande* estado (Fernão Lopes, *D. J.* 56) — Elrey de Calicut era ho *mais mao* homem que podia aver no mundo (Castanheda 3, 99) — Eram os *mais maos* homens do seu [tempo] (Vieira, *Serm.* 4, 198) — Esta he a *mais má* terra de todo o mundo, pois nella se commettem tantas maldades (*ib.* 4, 313) — Ao seu rey, que era Sardanapalo, o *mais mao* rey e *mais mao* homem que houve no mundo, deu Deus de prazo quarenta dias (*ib.* 2, 457) — O moço *mais garrido*, *mais amavel*, *mais bom*, dar-se-ia por ditoso se chegasse a abraçar corpinho tão mimoso (Castilho, *Fausto* 239).

390. Todo o cabimento tem o emprêgo de *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* quando a comparação se faz com outro adjetivo:

Tornou o Santo com semblante grave: Madre minha, vós sois *mais justa* que boa; e convem serdes *mais boa* que *justa* (Bernardes, *N. Flor.* 2, 183).

391. O termo por onde a comparação se afere, enuncia-se, em caso de igualdade, antepondo-lhe a partícula *como*:

Tem a casca *tão doce como* o gomo (Castanheda 2, 22) — Não era Sancho, não, *tão deshonesto como* Nero (Camões, *Lus.* 3, 92) — Nem *tão mau como* foi Heliogabalo (*ib.*) — Inimiga não ha *tão dura e feroz como* a virtude falsa da sincera (*ib.* 10, 113) — A arthelaria dos inimigos não era *tão boa como* a nossa (Castanheda 1, 51).

392. A mesma partícula se usa na equiparação de dous adjetivos:

Assyria gente sugeita a feminino senhorio de hũa *tão bella como incontinente* (Camões, *Lus.* 7, 53) — Hum documento *tão necessario como util*, e *tão util como admiravel* (Vieira, *Serm.* 9, 297) — Hospedes *tão incommodos como frequentes* (Herculano, *M. de C.* 1, 227) — *Tão ignorante como altivo*, a raça burgueza era para elle uma raça vil e reproba (*ib.* 1, 169) — Circunstancias que fora *tão longo como inutil* enumerar (*ib.* 1, 190) — Homem *tão violento de genio como duro* de braço (*ib.* 1, 236) — *Tão contrarios* ao Evangelho... *como conformes* á largueza da vida (Vieira, *Serm.* 8, 144).

393. Exemplos literários do emprêgo de *tão... como...* são extremamente copiosos, mas os que acabamos de reproduzir bastam para dar idéia desta linguagem. Por excesso de lógica, substituem muitos, hoje em dia, sistematicamente *quanto a como*, dizendo, v. g. *tão rico quanto éle*. Os escritores tinham outrora antes o sentimento de equiparação que o da proporcionalidade em tais frases, e o uso de *quanto*, aliás bem restrito, nota-se quando a segunda parte da comparação é uma oração longa, ou tem verbo diferente, ou verbo igual, porém de tempo diferente:

Tão cega fica quanto ficareis se raizes criar lhe não tolheis (Camões, *Lus.* 8, 50) — A relação da fortuna deste príncipe Bemioj está tão curta quanto he copiosa em os louvores delrey (Barros, *Déc.* 1, 3, 6) — Hũa mesa fazem, que se estende tão bella quanto pode imaginar se (Camões, *Lus.* 9, 55).

394. Com os comparativos *superior, inferior, anterior, posterior* o termo de comparação vem precedido da partícula *a*. Com os demais comparativos de desigualdade usa-se *que* ou *do que* antes do termo de confronto. Esta última maneira de dizer prevalece na linguagem hodierna; os escritores antigos e os da Renascença davam preferência ao simples *que*.

395. Estando o adjetivo no grau superlativo, o termo de confronto virá precedido da preposição *de*.

Superlativo Intensivo

396. Não tem sentido a denominação de superlativo "absoluto" definida como forma adjetiva que denota a "qualidade elevada ao último grau". Pode-se, por comparação, formar conceito de uma série infinita de cambiantes da mesma qualidade, mas é impossível ter noção do limite extremo de cada qualidade em particular. Ninguém sabe o que possa ser o último grau da temperatura, do peso, da força, da grandeza, da riqueza, da bondade, da maldade, da expansibilidade, e, entretanto, os respectivos adjetivos têm a forma superlativa. Por muito intensa que seja a qualidade, sempre podemos imaginá-la mais intensa ainda:

No mesmo dia de sua coroação... nos assombrou este ceu austral com hum cometa maior que o *grandissimo* de 1680. (Vieira, *C.* 2, 308) — *Terribilissimos* foram os sonhos que Deus mandou ao Presbytero; mas, por ventura, *mais terrivel* é a sua significação (Herculano, *Eur.* 50).

397. Sendo assim, volvemos à noção de relatividade; e como podemos evitar um termo susceptível de confusão, preferiremos aqui a denominação de superlativo intensivo, definindo-o: é a forma adjetiva apropriada para expressar que a qualidade ou atributo ultrapassa a noção comum que se tem dessa qualidade ou atributo. Para traduzir isto em linguagem, dous processos se nos oferecem à escolha: ou antepor ao adjetivo um advérbio de intensidade (*muito, extraordinariamente, consideravelmente, extremamente, etc.*) ou acrescentar o sufixo *-issimo* ao tema adjetivo.

398. O superlativo formado por meio do sufixo *-issimo* é de origem erudita e regula-se em geral pelo superlativo latino. Assim *nobre* (de *nobil-e*) faz *nobilissimo*, *veloz* (de *veloc-e*) faz *velocissimo* e os adjetivos em *-ável, -ível, -ível* mudam estas terminações em *-ábil, -ível, -ível* ao tomarem o sufixo *-issimo*: *notabilissimo, horribilissimo, solubilissimo*.

399. A par desta formação sintética regular em *-issimo*, existem alguns superlativos em *-imo* tomados igualmente do latim: *ótimo, péssimo, humilimo, facilimo, difficilimo, paupérrimo, aspérrimo, miseríssimo, integérrimo, acérrimo, celebérrimo, salubérrimo*.

400. Algumas vezes, sem embargo da forma latina, tiram-se diretamente de vocábulos portugueses superlativos em *-issimo*. *Asperíssimo* (Camões, *Lus.* 3, 116; Couto, *Déc.* 4, 1, 3; 4, 3, 1; Sousa, *Arceb.* 1, 115) usa-se a par de *aspérrimo* (Camões, *Lus.* 5, 12; 5, 51; 8, 10); *pobríssimo* (Couto, *Déc.* 5, 7, 9; Fernão Mendes Pinto 1, 50; 1, 90; Bernardes, *N. Flor.* 2, 170; Vieira, *C.* 2, 100; Herculano, *M. de C.* 1, 79) é usado na literatura de preferência a *paupérrimo*, hoje mais em voga; *humildíssimo* (Arrais 700, 706; Bernardes, *N. Flor.* 4, 339) concorre com *humilimo* (Camões, *Lus.* 4, 54); *facilíssimo* era forma corrente entre quinhentistas (João dos Santos, *Et.* 1, 230; Arrais 47; Couto, *Déc.* 5, 1, 2; 4, 10, 3; *Itin.* 306).

401. *Bom* e *mau* têm, além de *ótimo* e *péssimo*, os superlativos intensivos *boníssimo* e *malíssimo*, aquêles referido principalmente à bondade moral e êste à maldade e caráter mau de alguma pessoa:

Entrava hum Castelhana, e rico, o qual lançou o filho pera a India por *malíssimo* (Couto, *Déc.* 8, 6) — E como era fraco e cruel (cousas que sempre andam juntas) e sobretudo *malíssimo*, mandando levar os Portuguezes ante si, os persuadio a se fazerem Mouros (*ib.* 4, 4, 9) — Saul, antes de se encarregar do Reyno de Israel, foy *boníssimo*; depois de ser Rey, foy *malíssimo* (Arrais 700) — Mas a cobiça e perversidade dos ministros não deixavam ser bom rei quem de seu era *boníssimo* varão (Sousa, *S. Dom.* 69) — Que seja bom e *boníssimo* o sacrificio do corpo e sangue de Christo sacramentado, não haverá quem o negue (Vieira, *Serm.* 5, 550).

402. De *sábio, magnífico, benéfico* não se tiram superlativos de formação sintética; porém servem para denotar o grau intensivo destas qualidades *sapientíssimo, magnificentíssimo, beneficentíssimo*, tirados respectivamente de *sapient-e, magnificent-e, beneficent-e*.

403. *Pio* admite, além do superlativo próprio *piíssimo* (Bernardes, *N. Flor.* 4, 201; 3, 79; 1, 182) a forma *piantíssimo* com o mesmo sentido (Arrais 288, 703), tomado ao latim *piantissimus* (de *piens*) muito usado nas antigas inscrições romanas.

404. *Grandíssimo* (latim *grandissimus*, superlativo de *grandis*, e) ocorre freqüentemente em quinhentistas e seiscentistas (Camões, *Lus.* 5, 12; 5, 59; Arrais 57; Fernão Mendes Pinto 1, 55; 1, 90; Couto, *Déc.* 8, 6; Vieira, *C.* 2, 308, etc.) desprezando-se, por plebéia e irregular, a forma *grandessíssimo* que registramos em *Esmeraldo* 55 e 81, e cujo emprêgo perdura na linguagem familiar.

405. Escritores da Renascença antepunham, a modo de refôrço, às vezes o advérbio *mui* ao adjetivo já terminado em *-issimo*. Ao sentir hodierno parece isso um pleonasma desnecessário:

Cidade... *mui antiquíssima* (Barros, *Déc.* 2, 7, 8) — Pao de aguila, e calamba excellentissimo e de *muito grandissimo* preço (*História Trágico-Marítima* 3,

85) — É *mui fertilissima* de todos os mantimentos do mundo (*ib.*) — E logo mais adiante está outra cidade chamada Confutá, cousa *mui antiquissima* (Barros, *Déc.* 3, 1, 3) — E logo lhes fazem huns pyrames *mui altissimos* (*ib.* 3, 2, 5) — Ficavam excluidos do Apostolado setenta discipulos, todos dignos e muito *dignissimos* (Vieira, *Serm.* 2, 364).

406. Outras vèzes consiste o refôrço em pôr a terminação *-issimo* a adjetivos exprimindo idéias tais, que parecem não comportar gradação:

Todos tinham *mortalissimas* feridas (Couto, *Déc.* 4, 4, 7) — O lume da gloria da Senhora e a visão beatifica com que vê a Deus, excede em *supremissimo* grau a de todos os bemaventurados (Vieira, *Serm.* 3, 27) — Neste mundo visível humas cousas são imperfeitas, outras perfeitas, outras *perfeitissimas* (Vieira, *Serm.* 1, 294) — Está *prontissimo* a tudo (Vieira, *C.* 2, 6) — Neste artigo *principalissimo* da vida espiritual (Bernardes, *N. Flor.* 1, 31) — A todos sarava do *mortalissimo* mal da peste (Vieira, *Serm.* 2, 170).

407. Outro modo de expressar a qualidade em grau intenso consistia em juntar ao adjetivo a locução adverbial *em extremo* ou *por extremo* (ou *em grande maneira*), podendo o adjetivo vir, ou deixar de vir, reforçado ainda com a palavra *muito* (ou *mui*):

Estes vasos sam *muy duros em gram maneira* e estam cheios de humas castanhas muito doces e *saborosas em extremo* (Gandavo 32) — A casca delle [caroço do caju] he *muito amargosa em extremo* (*ib.* 33) — Este peixe he *muito gostoso em grande maneira* (*ib.* 42) — Os quaes peixes são *muy peçonhentos por extremo* (*ib.*) — Andava na boca das gentes estimado e envejado e *por extremo contente* (Sousa, *S. Dom.* 85) — Estes taes demonios são pessimos e *por extremo malvados* (Bernardes, *N. Flor.* 1, 474) — Reconheceu que era mulher e *por extremo formosa* (*ib.* 1, 478) — Hum corpo morto, cheio de bichos e *asqueroso por extremo* (*ib.* 3, 260).

408. Mais antigo e talvez menos corrente era o superlativo formado com a locução *em cabo*:

ElRey se veste de vestidura de ouro, a qual he *preciosa muyto em cabo* (*M. Polo* 34) — Ha hy em aquelle lugar *muy fremosas arvores em cabo* (*ib.* 31) — Som mercadores *muy ricos em cabo* (*ib.* 37).

409. Como superlativos de *muito* existem, além de *muitissimo*, o hiperbólico *mais que muito* e a duplicação *mui muito* usada em português antigo:

Que te faço sabedor que dos *mui muitos* ciumes nace o *mui muito* amor (Gil Vicente 3, 276) — Meu muito amor, que, se elle não fora muito, e *mais que muito*, não me obrigara a escrever tanto (Vieira, *C.* 2, 310).

NUMERAIS

Números Cardinais e Multiplicativos

410. Os números cardinais são em geral vocábulos invariáveis. Ao gênero do competente substantivo acomodam-se apenas: *um, uma* (português antigo *ũ, ũa*); *dous* (ou *dois*), *duas*; *ambos, ambas*, e os compostos de *-centos* (*seiscentos, seiscentas, quatrocentas*, etc.).

411. A característica do plural ajunta-se a *cento* e a *milhão*, e demais formações em *-ão* (ficando *centos, milhões*, etc.) quando se trata de duas ou mais unidades destas classes. *Dous centos, três centos, cinco centos* convertem-se em *duzentos, trezentos, quinhentos*.

412. Variáveis, quanto ao número, são também as expressões coletivas *dezena, centena, milhar, milheiro* e o antigo *milhenta* (reproduzido em Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 9: *A la fé de cavalleiro, não darei uma, darei milhentas palavras*).

413. *Ambos* difere de *dous* em ser aplicável somente a dualidade já sabida ou anteriormente mencionada e não costuma segui-lo substantivo sem que venha determinado por demonstrativo ou artigo.

414. Pleonasticamente, ou, antes, reforçativamente usam os escritores por vèzes *ambos de dous, ambos os dous, ambos êstes dous* ou invertendo: *os dous... ambos; êstes dous... ambos... Exemplos da primeira espécie ocorrem na linguagem do século XVI e são mais difíceis de encontrar a partir da era seiscentista:*

Juraram *ambos de dous* em nome de seus senhores (Castanheda 5, 27) — *A ambos de dous* deu cavalos e joias (*ib.* 3, 47) — *Ambos estes dous* philosophos Platão e Xenofonte foram discipulos do grande Socrates (Heitor Pinto 1, 170) — *Ambas estas duas* partes (*ib.* 1, 155) — Pera proveito *dambos de dous* (Castanheda 4, 42) — He por desejar a honrra e proveito *dambos de dous* (*ib.* 2, 98) — Ainda que ho podião fazer ajuntandosse *ambos de dous* (*ib.* 3, 99) — Duas almadias grandes cõ traves pregadas em *ambas de duas* (*ib.* 3, 17) — E acordaram *ambos de dous* que tomassem a cidade (*ib.* 6, 96) — Mandou dar a *ambos de dous* senhos panos dalgodão e de seda (*ib.* 1, 15) — Ficando *ambas estas duas...* no mesmo clima (Luc. 1, 158) — Servindo-se Deos nosso Senhor de approvar e autorizar com milagrosos sinaes a fé *d'ambos os dous* (*ib.* 1, 241) — Partio pera Malaca com ricos presentes e ordem *d'ambos os dous* reys, pera em seo nome confirmar a irmandade na fé (*ib.* 1, 298) — De *ambos de dous* a fronte coroada (Camões, *Lus.* 4, 72) — Ajuntam-se aqui *ambas estas duas* costas (Barros, *Déc.* 2, 8, 1) — Porque *ambas estas duas* costas fazem o mar *mui çujo de ilhetas* (*ib.*) — Se *ambas estas duas* vierem á nossa noticia (*ib.* 1, 5, 10) — *Ambos estes dous* instrumentos (Vieira, *Serm.*

8, 139) — *Estas duas utilidades... ambas* estão sujeitas a dous perigos (*ib.* 8, 278) — *Os dous* mercadores *ambos* comprirão a condição do contrato (*ib.* 8, 283) — *Estes dous* desprimores nascidos *ambos* do mesmo vicio (*ib.* 5, 193) — Nadavam *ambos estes dous* imperios de Espanha felicissimamente (*ib.* 8, 490) — O que é certo é que *ambos os dous* monges... caminhavam juntos, mas em silencio, como dous cúmplices de um crime afastando-se do lugar onde o perpetraram (Herculano, *M. de C.* 1, 104).

415. Estes e outros exemplos não autorizam todavia a afirmar que fôsse tão corrente na linguagem literária de Portugal do século XVI o uso de *ambos os dous* ou *ambos de dous*, como o era o emprêgo dêsse pleonasma em francês antigo, em provençal antigo, em espanhol e em italiano (*). Em Castanheda ocorrem, além dos exemplos acima mencionados, ainda outros do emprêgo de *ambos de dous*. Aqui evidentemente nenhum escrúpulo se faz quanto à forma pleonástica. Em outros autores da mesma época rareiam os exemplos. Em alguns faltam de todo.

416. Escrevendo por extenso os números 16, 17 e 19 o português antigo ora separava os termos componentes, ora os ligava, de acôrdo com a pronúncia, em uma só palavra, mas sempre interpondo a copulativa *e* entre a dezena e a unidade. Seria uma questão de princípio o uso desta letra e não de outra; provável é que então, como mais tarde, proferidos os números rapidamente, a pronúncia da conjunção vacilasse entre *e* e *a*. Por lhes soar antes como *a*, alguns quinhentistas e, com mais firmeza, os seiscentistas passaram a escrever *dezaseis*, *dezasete*, *dezanove* em lugar de *dezeseis*, *dezeseite*, *dezenove* (**). De entre os vários exemplos de Vieira e Bernardes basta assinalar: *dezaseis* (*Serm.* 8, 215; *N. Flor.* 1, 234); *dezasete* (*Serm.* 5, 229; *ib.* 7, 57; *N. Flor.* 1, 256); *dezanove* (*L. e C.* 19; *N. Flor.* 2, 114; e *Serm.* 3, 160, onde ocorre cinco vêzes).

417. Em lugar de *cem* podia-se dizer *cento*, desacompanhado de outro número, em português antigo e ainda em linguagem quinhentista:

Avia nome Arguu, e avia *çem* olhos (*L. de Esopo* 41) — Eeste Arguu, o qual avia *çento* olhos, significava o senhor, que deve aver *çento* olhos a veer

(*) No *Poema del Cid* topa-se a cada momento *amos a dos* (=ambos a dos) alternando com o simples *amos*. Em francês antigo achamos inúmeras vêzes *ambedui* com as variantes *amdui*, *andui* e *amsdous*, *ambedeus*, etc. Semelhantemente no provençal antigo. O italiano antigo tem *ambedue*, *ambedoe* e na *Divina Comédia* de Dante ocorrem exemplos como os seguintes:

Gli diretani alle cosce distese,
E misegli la coda tr'ambedue

(*Inf.* 25, 55)

Latin siem noi che tu vedi si guasti
Qui ambedue, rispose l'un piangendo

(*Inf.* 29, 92)

Che due nature mai a fronte a fronte
Non transmuto, si che ambedue le forme
A cambiar lor materie fosser pronte

(*Inf.* 25, 101)

(**) Que a vogal *e* se podia trocar em *a* vê-se em *antreles* e *piadoso* por *entre êles* e *piadoso* [Cf. sobre vogais o parágrafo 94].

sua fazenda (*ib.*) — Morriam *çemto*, e *çemto* e *cimcoenta* (Fernão Lopes, *D. J.* 272) — Oito de cavallo e *çemto* homens de pee (*ib.* 220) — A vós outros mais vos lembra hum serviço por fazer que *cento* feitos (Sá de Miranda 2, 152) — Os quinhentos eram espingardeiros, e os *cento* bombardeiros (Castanheda 4, 7).

418. Os termos *bilhão*, *trilhão* e outros nomes de números em *-ão* acima de *milhão* vieram modernamente do estrangeiro, graças ao estudo da aritmética pelos compêndios franceses (*). O próprio *milhão*, usado há bastantes séculos, nem por isso deixa de ser palavra importada. Em português antigo a unidade de ordem superior às centenas de milhares chamava-se *conto* e é neste sentido que se usa o termo nos seguintes passos: *concorre a ella tanta gente, que se affirma que passa de tres contos de pessoas* (Fernão Mendes Pinto 289); *constava serem necessarias para o [muro] guarnecer e para os presidios das praças... seis contos e setecentos e noventa e quatro mil e trezentos e cincoenta soldados* (Bernardes, *N. Flor.* 2, 136). Conservou-se o nome até a linguagem hodierna somente em *contos de réis*.

419. O termo *milhão* era entretanto já conhecido dos quinhentistas: *Dizia-se que tinha [o Bramá] hum milhão e quinhentos mil homens e quatro mil alifantes* (Couto, *Déc.* 6, 7, 8).

420. Para enunciar um número de muitos algarismos, tiveram curiosa aplicação os termos *milhão* e *conto*, pelo menos até 1689, época em que se publicou o quinto volume dos *Sermões* de Vieira. A pág. 391 dá o autor conta de diversas multiplicações, e, como os produtos são felizmente enumerados por extenso, vê-se que a nomenclatura de hoje difere bastante da daquele tempo. Para se ler um número de muitos algarismos por semelhante sistema, seria preciso dividi-lo em séries alternadas de seis e três algarismos. A 1.^a série de seis algarismos dos números inferiores ia, como hoje, até centenas de milhares; subindo, seguiam-se os *contos* (três algarismos), os *milhões* (seis algarismos), novamente os *contos* (três algarismos), os *milhões de milhões* (seis algarismos), e novamente os *contos* (desta vez podiam ir a seis algarismos).

421. Assim, um número fabuloso como

413475,048449,671,90000,397,787136

se lê, segundo tal sistema: *quatrocentos e treze mil, quatrocentos e setenta e cinco contos quarenta e oito mil quatrocentos e quarenta e nove milhões de milhões seiscentos e setenta e um contos noventa mil milhões e trezentos e noventa e sete contos setecentos e oitenta e sete mil cento e trinta e seis*.

422. Só em época relativamente recente passou a usar-se o termo *milhão* com o sentido único que hoje tem. Ainda na segunda metade

(*) Parecido com *bilhão* havia em português o vocábulo *belhão*, com que se designava a moeda de cobre para trocos, cousa portanto muito diversa e de valor ínfimo. Vieira empregou o termo neste passo: *A prata se lhe tem convertido em cobre, e a fama e opulencia de tanto milhão em belhão* (*Serm.* 4, 418).

do século XVII Bernardes (*N. Flor.* 2, 136 e 4, 452), referindo-se a certas quantias de cruzados, julga necessário acrescentar esta explicação: *Chamo milhão de cruzados a dez vêzes cem mil cruzados.*

423. Não raro convém enunciar os números indiretamente empregando os multiplicativos. No falar de hoje usamos *duplo* a par de *dôbro* e as formas eruditas *triplo*, *quádruplo*, *quintuplo*, *sêxtuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*, as quais desbancaram as antigas formas *tresdôbro*, *quatrodobro*, *cendobrado* etc., ou *dous tanto*, *três tanto*, *quatro tanto*, etc.:

A qual soombra parecia a elle que era *duas tanta* carne que aquella que elle levava na boca (*L. de Esopo* 13) — E possa em ella morar *trestanto* tempo, do que lhe ainda ficava por morar... sem por ella pagando pensõem algũa pelo dito tempo do *tresdobro* (*Ordenações Afonsinas* 4, tít. 74) — Queremos que o comprador pague em *quatrodobro* a valia da dita cousa (*Ordenações de D. Manuel* 5, tít. 36).

424. Alguns exemplos ocorrem de indicação indireta em que se nomeiam apenas os números fatôres, deixando ao ouvinte o cuidado de calcular o produto:

E cada hũa [das três mulheres] trazia comsigo *nove noves* de damas... E cada hũa destas rainhas tem *nove setes* de camelos pretos (Castanheda 3, 144).

425. Na legislação antiga encontramos as expressões *noveas*, *anoveado* para denotar o multiplicativo de *nove*:

Encorrem em pena de perdimento para os ditos Mercadores *anoveado* o que assi delles tiverem recebido de seu soldo, as quaes *noveas* pagarâm da cadeia (*Ordenações de D. Manuel* 5, tít. 98) — Paguem a dizema por a primeira vez em *tresdobro* e pola segunda *anoveada*, e pola terceira percam os officios (*ib.* 1, tít. 24).

426. O antigo distributivo *senhos* (também se dizia *senhes* e *sendos*), cuja significação era "cada um o seu", teve ainda certa aceitação entre os quinhentistas, caindo em completo desuso do século XVII em diante:

Tres... fidalgos que tinham acesas *senhas* tochas de cera (Castanheda 2, 23) — Sete frades..., e os cinco tinham cada hũ sua cruz levantada, e os dous *senhes* retavolos de nossa senhora (*ib.* 5, 26) — Vinte aneis com *senhas* pedras finas (*ib.* 4, 43).

Números Ordinais

427. Os dous extremos da série ordinal são expressos pelos têrmos *primeiro*, *primo* de uma parte, e *postumeiro*, *derradeiro* e *último* da outra. A forma *primeiro* era tão usual em português antigo e na linguagem da Renascença como o é no falar hodierno. Apesar disso, consagrou o uso a forma erudita na expressão *primo coirmão*, reduzindo-a finalmente ao vocábulo *primo*, convertendo assim o antigo ordinal em tão bom substantivo como os demais nomes de parentesco.

428. Aparece a mesma forma erudita, além disso, nos compostos *primavera*, *primogênito*, e usa-se, com especialização de sentido, nas locuções *obra-prima*, *matéria-prima*, *números primos*. Ocorre também nas expressões *quarto da prima*, *hora de prima*, usadas outrora, aquella para denotar o quarto da primeira vigília da noite, esta para designar o espaço do dia correspondente a três das nossas horas e que começava ao nascer do Sol (*).

429. Para denotar o têrmo que remata a série havia em português *derradeiro* e o curioso *postumeiro*, derivado analógico bastante empregado apesar do desuso de *póstumo*. Diferença de sentido entre *derradeiro* e *postumeiro* não haveria, como se deprende dos seguintes exemplos:

Sua *postumeira* conclusom foi esta (Fernão Lopes, *D. J.* 285) — *Derradeira* domaa (*ib.* 282) — Na *postumeira* parte de tamanha lastima e amgostura (*ib.* 279) — Huũa quarta feira pela manhã *postumeiro* dia do mez dagosto (*ib.* 264) — O *postumeiro* remedio (*ib.* 253).

430. Entrando em competência com as duas palavras o têrmo *último*, coube a êste o triunfo. *Derradeiro* passou a ter uso mais restrito, e *postumeiro* desapareceu da linguagem.

431. Nenhum abalo padeceu o têrmo *segundo* no sentido rigoroso de ordem numérica. Os derivados eruditos *segundário* e *secundário* ocorrem algumas vêzes em linguagem científica com a mesma acepção. Fora disso, usam-se em geral como equivalentes de "accessório", cousa "de somenos importância".

432. A formação do usualíssimo *terceiro*, que desbancou a *têrço* (excepto em *têrça-feira*, *têrça*, parte da herança, na antiga locução *hora de têrça* e nas expressões fracionárias), serviu de modelo sem dúvida a palavra *primeiro*.

433. *Quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *décimo*, nada oferecem de interessante no domínio da língua portuguesa, a não ser a variante *sésimo* (de **sextimo*), há já muito esquecida, que deixou contudo vestígios em *sesmar*, *sesmaria*, *sesmeiro*.

434. O feminino de *nono* tomou a forma *noa* na antiga locução *hora de noa* [V. a nota ao parágrafo 428].

435. Conquanto pareça muito natural formarem-se, de *décimo* em diante, os ordinais *décimo primeiro*, *décimo segundo*, *décimo terceiro*,

(*) Na divisão do dia em espaços que duravam três horas das nossas distinguam-se *hora de prima* (das 6 às 9 horas da manhã), *hora de têrça* (das 9 ao meio-dia), *hora de nona* ou *noa* (das 3 às 6). As 6 horas da tarde começava a *véspera* ou *hora de vésperas*. Os quartos da vigília da noite abrangiam cada qual três horas, e tinham estas denominações: *quarto da prima*, *quarto da lua*, *quarto da modorra*, e *quarto d'alva*. Há engano da parte de Manuel Bernardes (*N. Flor.* 1, 281) quando põe por último o quarto da modorra e procura dar a razão disso. Basta ler os cronistas para ver que êste lugar não podia caber senão ao quarto d'alva. Em Castanheda (8, 64), por exemplo, encontramos esta narração:

Parecendo isto bem a todos assi se fez, porem nam durou mais que até o quarto da modorra rendido, que se dom João e Antonio Galvão acolheram a suas camaras a dormir, e ainda bem o piloto e ho mestre não sentirão que dormião, derão com as velas embayxo... Feita esta boa pilotagem... deitão-se a dormir muy descansados, e duas oras por passar do quarto dalva, começa-se douvir o leme da nao, que ya roçando polo chão.

etc., haveria em todo o caso temeridade em afirmar serem êstes e outros ordinais superiores devidos à formação popular. O homem do povo aprende a contar, isto é, adquire a ciência dos numerais cardinais com certa facilidade, digamos, até milhares e centenas de milhares; porém, desde o momento que se trate de ordinais, para cuja formação se exija processo complicado, o seu saber e habilidade depressa se esgotam. As denominações *undécimo*, *duodécimo*, *decimotércio* (Vieira, *Serm.* 2, 362), *tredécimo* (*Inéd.* 2, 5), *vigésimo*, *trigésimo*, e outras em *-ésimo* não passam de injeções de latim em língua lusitana. Os nomes *quaresma* e *cincoesma* ou *coreesma*, *cinquoesma* (*Frades Menores* 1, 260), alterações de *quadragésima*, *cinquagésima* (latim *quingagesima*), dão idéia do amoldamento que o povo daria a semelhantes números ordinais se lhe fôsem tão familiares como certos nomes do calendário da Igreja.

436. Obviou-se à dificuldade e sem grande custo, pois há um ponto em que a ignorância de uns se encontra com a negligência de outros. Resume-se isto em usar como ordinais os próprios cardinais. É o que geralmente fazemos, referindo-nos a certo dia do mês: *aos 24 dias do mês de agosto* em lugar de *ao vigésimo quarto dia*; ou à hora *são três horas por é a terceira hora* (depois de meio-dia ou meia-noite); ou à idade em frases dêste gênero: *faleceu aos doze anos*; ou à página ou capítulo de um livro (pelo menos de certo ponto em diante): *a páginas sessenta e três por a página sexagésima terceira, capítulo trinta e dois*, etc. Falando dos monarcas, dizemos o nome acompanhado do ordinal, de primeiro até décimo; daí por diante valem-nos cômodamente os cardinais: *Luis XI, Carlos XII, Luis XV*, etc.

437. O disparate, sancionado pelo uso, de pôr no plural o que de fato está no singular, como o fazemos com a indicação da data, da hora, da página, os escritores antigos, e ainda os quinhentistas, mui logicamente o estendiam por vêzes à referência de algum capítulo de livro e à indicação do ano como data de qualquer sucesso:

Aos dezesseis capitulos de Sam Matheu (*Virtuosa Benfeitoria* 164) — Da primeira destas faz Plínio menção *aos vinte capitulos* do quarto livro da sua estoria natural (Fernão d'Oliveira 9) — No terceiro livro *aos tres capitulos* do segundo livro (*ib.* 39) — Faleceu nos annos de 1331 (Couto, *Déc.* 4, 10, 1) — Esta batalha foi perto *dos annos* do Senhor de 1187 (*ib.* 4, 10, 2) — *Nos* [anos] de 1247 o Papa Innocencio IV mandou... (*ib.* 4, 10, 1) — Estava profetisado em Ezechiel *aos vinte e quatro capitulos* (*ib.* 4, 10, 2) — *Nos annos* de seiscentos e cincoenta e seis (*ib.* 7, 10, 10) — *Aos doze capitulos* do Genesis diz a divina escriptura que... (Heitor Pinto 1, 244) — Christo... *aos XXI capitulos* de São Lucas diz... (*ib.* 1, 247) — Affirma-o São João *aos XX capitulos* do Apocalypse (*ib.* 1, 480).

438. Em lugar dos vocábulos *quadragésimo*, *quingagésimo*, *sexagésimo*, *septuagésimo* etc., calcados sobre o latim e que pressupõem algum conhecimento dêste idioma, poderia haver uma formação analógica mais acessível ao vulgo como já há em outras línguas modernas (cf. o francês *quarantième*, *cinquantième*, o italiano *ventesimo*, *trentesimo* etc.); mas a isto se opõe o nosso eruditismo.

439. Além das formações e maneiras de dizer até aqui estudadas, havia em português para o número "sete" e os números "nove" em diante a formação ordinal em *-eno*, continuando-se, ainda que com alteração semântica, o processo latino creador dos distributivos *septenus*, *noventus*, *deceni*, etc. Dizia-se *dezeno sexto* (= 16.^o) e *dezeno oitavo* (= 18.^o), porque "seis" e "oito" não permitiam a formação em *-eno*. Admiravelmente simples e ao alcance de todo o mundo pela sua uniformidade, êste processo teve porém de sucumbir ante a reação pedantesca dos escritores. Resistiu, apesar disso, com vivacidade tal que ainda quinhentistas e seiscentistas o usaram de vez em quando, e o próprio Filinto Elísio não o desdenhou. Certos autores, principalmente os mais antigos, entremeiam, às vêzes, com aparente deleite, números ordinais em *-eno* e números ordinais de aspecto gravemente latino:

Dom Joam terceiro do nome, *quimzeno* dos reis de Portugal (*Inéd.* 5, 1) — Dos reys o *tredecimo* (*ib.* 2, 5) — Em o *dezenno* capitullo de sam matheu (*Virtuosa Benfeitoria* 163) — Em o *viceno septeno* capitullo do Genesy (*ib.* 168) — No capitullo *dezeno sexto* (*ib.* 168) — Em o *quadrageno nono* psalmo (*ib.* 168) — Em a *quadragésima quinta* defynçom (*ib.* 168) — Em o *dezeno septeno* capitullo de sam luca (*ib.* 168) — Em o psalmo *quingageno* (*ib.* 169) — Em o *quatorzeno* capitullo (*ib.* 170) — Em o *decimo nono* (*ib.* 170) — Em a *quadragena quinta* defynçom (*ib.* 170) — Tomava já de Roma a *dozena* vez (*Frades Menores* 1, 284) — D. Duarte deste nome o primeiro, dos reis de Portugal o *onzeno*... D. Duarte vosso avô, dos reis o *undecimo* (Pina, *D. Du.* 14-15) — O sexto, setimo, *onzeno*, decimo sexto (Barros, *Déc.* 1, 10, 1) — Foi Joanne segundo e rei *trezeno* (Camões, *Lus.* 4, 60) — Naquella casa *dozena* (Gil Vicente 2, 395) — Elrei de Espanha D. Affonso *onzeno* (Jerônimo de Mendonça, *Jorn. de Afr.* 1, 27) — Carlos *noveno* de França (*ib.* 1, 50) — Ao *seteno* [dia] falleceo (Barros, *Déc.* 8, 28) — O *onzeno* e *dozeno* capitulo (*ib.* 7, 10, 5) — No mesmo dia de seis de fevereiro, em que entrei nos oitenta e sete annos, foi tão critico para a minha pouca saude este *seteno*, que apenas por mão alheia me permite deitar estas regras (Vieira, *Cartas* 2, 355) — Tem como por *onzeno* mandamento jantar ás nove horas (Francisco Manuel de Melo, *Ap. Dial.* 23) — Sobreposto ao meu lustro *quatorzeno* (Filinto Elísio 2, 253) — No anno *dezeno* (*ib.* 3, 147) — Pela *novena* vez (*ib.* 14, 6).

440. Conservam-se com sentido especializado os substantivos *novena*, *onzena*, *trezena* (de Santo Antônio), *quinzena*, *vintena*, *quarentena*.

OS PRONOMES:

ESPÉCIES, FORMAS E SIGNIFICAÇÃO

441. Por muito sugestivo que seja o termo, não satisfaz, contudo, à ciência da linguagem definir o pronome como palavra supridora do nome substantivo. Nada autoriza a crer que o homem, ao designar pela primeira vez os seres por meio de nomes com que os distinguir uns dos outros, se lembrasse ao mesmo tempo de crear substitutos para esses nomes.

442. Correto, me parece o ponto de vista de Henry Sweet, que define os pronomes como nomes e adjetivos gerais, em oposição aos ordinários nomes e adjetivos especiais, devendo-se advertir que alguns nomes e adjetivos são mais gerais em sua significação do que outros. Assim, um nome de significação geral é, muitas vezes, quase equivalente a um pronome. Pouco importa que num livro o autor, falando de si, diga *eu* ou *o autor*, e, referindo-se ao leitor, o trate de *vós* ou *o leitor*. E tanto é correta esta observação que vemos certos nomes transformados em verdadeiros pronomes só por adquirirem um sentido geral. Assim *homem* em português antigo era muitas vezes usado como pronome nos mesmos casos que o francês *on* (o qual é a própria palavra *homme* alterada). *Senhor* com sentido especial é nome, mas *o Senhor*, referido geralmente a qualquer pessoa a quem dirigimos a palavra, é pronome. O latim *rem*, pela sua aplicação geral, passou a ser pronome em românico. E quantas vezes não nos serve a expressão *a cousa*, como equivalente de *isto*?

443. Todo o pronome é ou um substantivo (pronome-substantivo), ou um adjetivo (pronome-adjetivo). Alguns se usam ora como substantivos, ora como adjetivos. Para não confundir a categoria dos pronomes com a dos nomes, diremos que são pronomes absolutos os que fazem vezes de substantivo, e pronomes adjuntos os que se empregam como adjetivo.

444. Dividem-se os pronomes em *personais* (com as variedades *reflexivos* e *recíprocos*), *possessivos*, *demonstrativos*, *relativos*, *interrogativos* e *indefinidos*.

Pronomes Personais

445. Os pronomes pessoais usam-se todos como absolutos. Têm singular e plural e formas de nominativo, dativo e acusativo. Alguns (os da 3.^a pessoa) distinguem o gênero. Dividem-se em pronomes da 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoa. *Eu*, pronome da 1.^a pessoa, representa o indivíduo que fala; o seu plural *nós* significa esta mesma pessoa associada a outra ou outras: *eu + tu*; *eu + ele*; *eu + vós*, etc. *Tu* e *vós* são pronomes da 2.^a pessoa; *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, são os da 3.^a pessoa.

446. Do latim vieram os pronomes *tu* e *vós* como tratamento direto da pessoa ou pessoas a quem se dirigia a palavra. Tornando-se *tu* insuficiente para expressar o sentimento de humildade e respeito, recorreu-se ao tratamento indireto. Por um dos expedientes, o mais antigo em linguagem portuguesa, o atrevimento de vir perante um indivíduo de hierarquia superior, e olhar para ele face a face, se disfarçou fingindo repartida a vista pelo seu cortejo ou nimbo, real ou imaginário. Desta atenção, com que se magnificava e lisonjeava a pessoa única, se originou o costume de empregar o plural *vós*, em vez do pronome singular, como simples prova de respeito e polidez, depois de apagada da memória a imagem da situação primitiva.

447. Outro modo de tratamento indireto consistiu em fingir que se dirigia a palavra a um atributo ou qualidade eminente da pessoa de categoria superior, e não a ela própria. Assim, aproximavam-se os vassallos de seu rei com o tratamento de *vossa mercê*, *vossa senhoria*, substituído depois por *vossa alteza* e finalmente por *vossa majestade*; assim usou-se o tratamento ducal de *vossa excelência* e adotaram-se na hierarquia eclesiástica *vossa reverência*, *vossa paternidade*, *vossa eminência*, *vossa santidade*.

448. Generalizando-se, de fins do século XVI em diante, o costume de dar "majestade" aos reis, reservou-se "alteza" para os príncipes, e deram-se os demais tratamentos não-eclesiásticos aos nobres, aos que ocupavam certos cargos públicos, e finalmente às pessoas de notória posição social. É de notar todavia que diversas ordens régias proibiram aos governadores do Brasil aceitarem o tratamento de *excelência*. Na monarquia brasileira uma das graças era o tratamento de *excelência*; os barões sem grandeza não o tinham.

449. Do uso e abuso da fórmula *vossa mercê* nasceu em boca do povo a variante *você*, a qual não só perdeu todo o antigo brilho, mas acabou por aplicar-se a indivíduos de condição igual, ou inferior, à da pessoa que fala; e dirigindo-nos a mais de um indivíduo, servimo-nos hoje de *vocês* como plural semântico de *tu*. Outra forma alterada de *vossa mercê* é *vossancê*: *Guarde Deus a Vossancê* (Francisco Manuel de Melo, *Fid. Apr.* 9).

450. O pronome *vós* caiu em desuso, quer para denotar pluralidade de pessoas, quer como tratamento de polidez; conserva-se todavia nas

preces, no estilo oratório, na poesia, na linguagem de ficção quando a pluralidade não se refere a seres humanos e no estilo oficial.

451. A deficiência de um pronome aplicável igualmente a qualquer pessoa a que se deva certo respeito, supre-a o tratamento *o senhor* com as competentes variações de gênero e número. A generalização desta linguagem no uso comum data do século XVIII. Filinto Elísio diz a este propósito: *Quando eu sahi de Lisboa, ainda não se tinha espriado muito o tratamento do Senhor* (Obr. 13, 305).

452. Na primeira pessoa, o plural em vez do singular, emprega-se em duas situações diametralmente opostas. Em bôca de rei ou prelado é plural majestático, mas, saído da pena de um escritor, *nós* parece sinal de modéstia.

FORMAS OBLÍQUAS, ÁTONAS E TÔNICAS, DOS PRONOMES PESSOAIS E O REFLEXIVO *SE, SI*

453. O português literário moderno conhece duas séries de formas oblíquas que se correspondem respectivamente. Umhas, não podem ser regidas de preposição e figuram sempre como vocábulos átonos, a saber: *me, te, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as, se*; as outras são sempre tônicas e dependentes de preposição: *mim* (outrora *mi*), *ti, nós, vós, êle, ela, êles, elas*, e o reflexivo *si*. Assim dizemos: *peço-te um obséquio; escrevo-lhe, escrevo-te; procurei-o; estas cartas são para mim, para ti, para êle*, etc.; *move-se por si*. Coerentemente se diz também *entre ti e mim; entre mim e ti está a cruz ensangüentada* (Herculano, *Eur.* 46); porque a conjunção *e* só liga cousas homogêneas.

454. As formas tônicas que acabamos de mencionar empregam-se com as preposições em geral; sofrem todavia uma modificação quando regidas da partícula *com*. Dizemos *com êle* na 3.^a pessoa, mas em vez de *com mim, com ti, com si*, etc. temos de dizer *comigo, contigo, consigo* (outrora *migo, tigo, sigo*), *conosco, convosco*. Diz-se, porém, *com nós outros* (Camões, *Lus.* 5, 69) e *com vós outros*.

455. *Lhe* com o seu plural (*) é a forma de dativo (objeto indireto); *o* com suas variações é o acusativo (objeto direto) da mesma 3.^a pessoa. Tôdas as demais formas átonas servem indiferentemente para um e outro caso.

456. As expressões *a mim, a ti, a êle, a si, a nós*, etc., além de indicarem um objeto indireto, usam-se também para exprimir o objeto direto enfático: *viu-me a mim e não a êle; A quem cuidas que venceram os godos? a mim? não por certo, se não a ti* (Bernardes, *N. Flor.* 5, 206). Anteriormente, porém, ao período dos quinhentistas, os nossos escritores empregavam as formas oblíquas tônicas como acusativo enfático, dispensando a partícula *a*:

Contando como cativaram *elle* e os outros oito (Zurara, *Guiné* 190) — Sojugam sy meesmos (Zurara, *ib.* 460) — Segure *mim* e meus portos (Zurara, *P. Men.*

(*) A forma *lhes*, com *s*, é relativamente recente. N^{os} *Lusíadas* e mesmo mais tarde, ainda encontramos *lhe*, quer para o singular, quer para o plural.

342) — Desomrramdo *ssi* desomrra nos e todo seu linhagem (Fernão Lopes, *D. J.* 11) — Leixarei *elle* (*Santo Graal* 129) — *El*, amiga, achei eu (*Canc. Din.* 2029) — Nom poss'eu... nem *mi* nem *el* forçar (*ib.* 1370).

AS FORMAS *MIM (MI)* E *TI POR EU E TU*

457. O emprêgo curioso das formas acusativas em lugar do nominativo repugna à linguagem culta de hoje. Já não era assim no falar antigo em certas frases comparativas como as seguintes (cf. com o francês atual):

Mais o coração pode *mais ca mi* (*Canc. Din.* 1326) — Com'er poderom viver... senom coitados *come mi* (*C. B.* 141) — Porque mataste aquelle mouro que era *melhor que ti* (*Livro de Linh.* XXI) — Ca tu vees que *milhor cavalleiro ca ti* a guanhou (*Santo Graal* 14) — Sodes *milhor cavalleiro e mais ardido ca mim* (*ib.* 141) — Porque fui *tal como ti* (Gil Vicente 3, 391).

458. Em Vieira ainda ocorre este exemplo:

O mundo em estatua he muyto maior que *si mesmo* (*Serm.* 5, 547).

459. Em lugar de *como eu* dizem ainda hoje na Beira *como mim*. Muito vulgar é em Portugal a frase: "Se eu *a ti* fôsse" ou "Se eu fôsse *a ti*". Em Gil Vicente 3, 325, lê-se:

A grandeza da misericordia e largueza que tu es e *ella he ti*.

460. Mais arrojadas ainda parecem frases como estas:

Ora vamos *eu e ti* ó longo desta ribeira (Gil Vicente 1, 165) — Casemo-nos *eu e ti* (*ib.* 1, 137) — Amores que *mi e vós* sempr'ouvemos (*V.* 358).

O REFLEXIVO DA 3.^a COMO 2.^a PESSOA

461. Em Portugal emprega-se, porém abusivamente, em linguagem familiar *si, consigo* com referência à pessoa com quem se fala. Este modo de substituir as expressões *o Senhor, com o Senhor* repugna em geral ao ouvido brasileiro, mormente por dar, em certos casos, lugar a ambigüidade: "Falou *consigo*" será "*com o Senhor*" ou "*consigo próprio*?" "Não se referiu *a si*" será "*a si mesmo*" ou "*ao Senhor*?"

Pronomes Possessivos

462. Os pronomes possessivos designam, como o nome indica, a noção de posse; designam, além disso, outras relações de dependência, parentesco, situação moral ou social, com respeito a outrem, partes componentes de um todo, atributos de um ser, etc.

463. Os possessivos da nossa língua usam-se ora como absolutos, ora como adjuntos e são os seguintes: *meu, minha, meus, minhas* para o possuidor na 1.^a pessoa do singular; *nosso, nossa, nossos, nossas* para o mesmo possuidor no plural; *teu, tua, teus, tuas* para o possuidor na

2.^a pessoa do singular; *vosso, vossa, vossos, vossas* para o mesmo possuidor no plural; e finalmente *seu, sua, seus, suas* para o possuidor na 3.^a pessoa tanto do singular, como do plural.

464. *Seu, sua*, etc. aplica-se também à pessoa com quem se fala, desde que a tratemos por *o senhor, vossa mercê (você), vossa excelência*, etc. Esta prática tornou-se regra da linguagem seiscentista para cá.

465. Além das formas *minha, tua, sua* encontram-se em documentos de português antigo os femininos *mha, ta, sa (ssa)*, mas somente como possessivos adjuntos.

466. Os possessivos derivam-se dos pronomes pessoais, sendo formados, em latim, do caso genitivo; o seu tema por isso refere-se ao possuidor. Na terminação seguem o gênero e número do nome que indica a coisa possuída.

467. Em português o possessivo admite o artigo antes de si: *o meu, o teu, o nosso, o seu*, etc. Como pronome absoluto, o possessivo requer êste reforço, devendo porém omitir-se o artigo quando o possessivo vier junto dos verbos *ser, tornar-se*, ou de algum verbo que signifique “considerar como pertencente”, sem pressupor confronto com alguma coisa pertencente a outrem. Assim, são pensamentos diversos “Esta casa é *minha*” e “Esta casa é *a minha*”. Os seguintes passos esclarecem a regra:

Tem determinado de vir por agoa... o capitão *dos seus* acompanhado (Camões, *Lus.* 1, 80) — *Os vossos...* novos mundos ao mundo hirão mostrando (*ib.* 2, 45) — Este povo, que é *meu...* por elle a ti rogando choro e bramo (*ib.* 2, 40) — Sou *tua, tua* para sempre (Herculano, *Eur.* 292) — Podes ter por *tua* a Cintra (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 91) — Lisboa... essa sabe Deus se tornará a ser *minha* (*ib.* 1, 90) — Havia de lograr... eu *o meu*, porque é *meu*; e vós *o vosso*, porque é *vosso* (Vieira, *Serm.* 5, 451) — Assi tambem com falsa conta e nua á nobre terra alheia chamão *sua* (Camões, *Lus.* 3, 110) — Cuidam que é para si o que chamam *seu* (Vieira, *Serm.* 5, 455).

O POSSESSIVO ADJUNTO PRECEDIDO DE ARTIGO

468. O possessivo adjunto ocorre em português, anteposto a um nome, ora sob a forma simples e originária (*meu, teu, seu*, etc.), ora reforçado com o artigo (*o meu, o teu*, etc.). Não podemos precisar a época do aparecimento desta segunda forma. Existia provavelmente muito antes dos primeiros documentos escritos. Certo é que o seu emprêgo era relativamente restrito e só de Camões para cá se torna, de século para século, cada vez mais notória a freqüência do possessivo reforçado. Fernão Lopes poucas vezes se socorria desta forma; em seus escritos ela figura, ao lado dos exemplos de possessivo destituído de artigo, em proporção muito pequena: 5 % aproximadamente. Já nOs *Lusíadas* sobe a porcentagem a 30 %, na linguagem de Vieira a mais de 70 % e finalmente na de Herculano a mais de 90 % (*).

(*) Tal estatística sem pretensões a rigor absoluto foi por mim obtida, examinando, em páginas seguidas, todos os casos (em número de 100 a 150 para cada autor) não sujeitos a regras especiais e portanto parecendo permitir o emprêgo de possessivo com ou sem artigo. Ministraram exemplos: Fernão Lopes, *Crônica de D. João*, pág. 161 a 200; Camões, *Lusíadas*, cantos V a VIII; Vieira, *Sermões*, vol. 5, pág. 1 a 45; Herculano, *Eurico*, pág. 1 a 71.

469. A diferença entre os adjuntos *o meu, o teu*, etc. de um lado, e *meu, teu*, etc. do outro, baseou-se a princípio num sentimento de linguagem que se foi esquecendo com o tempo. O possessivo, aliado ao que originariamente era um demonstrativo, devia melhor determinar o nome, chamar a atenção antes para o possuidor do que para a coisa possuída, e o seu emprêgo vinha muito a propósito onde se tornava necessário estabelecer contrastes, v. g.: “os senhores e fidalgos que hi eram com elle viam *da sua parte* [i. e. da parte do rei] tantas ajudas” (Fernão Lopes). O princípio de economia (no português antigo), a analogia e outros fatores fizeram porém surgir casos numerosos, nos quais ou se deixou de aplicar o artigo requerido pela clareza, ou se passou a aplicar, como hoje se pratica, sem visível necessidade.

470. Prevalece na linguagem pós-camonianiana em geral o emprêgo do possessivo reforçado antes de um substantivo. Alguns dos exemplos em contrário subordinam-se a regras fixas, como veremos mais adiante. Os outros porém não parecem ser mais do que concessões que a tendência geral faz às vezes às exigências do estilo conciso e elegante. Cotejem-se, entre outros, os seguintes passos que se encontram em Vieira e Herculano:

Comereis o fruto *dos vossos* trabalhos, ou os mesmos trabalhos de *vossas* mãos (Vieira, *Serm.* 5, 456) — Resplandece *o seo* rosto (*ib.* 5, 434) — Nenhuma coisa viram *seus* olhos nem inventaram *seos* pensamentos (*ib.* 5, 438) — Dia que tem mais alegre *na sua* vida (*ib.* 5, 470) — Para que se veja *o nosso* engano (*ib.* 5, 440) — Apascenta *minhas* ovelhas (*ib.* 5, 303) — Apascenta *os meus* cordeiros (*ib.* 5, 304) — Que me dêem *o meu* arnez brunido... e *o meu* estoque francez (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 118) — [Volto] a cumprir com *minha* obrigação (*ib.* 1, 116) — Eu costume cumprir com *as minhas* promessas (*ib.* 1, 125) — Estes penhascos empinados sobre *nossas* cabeças (Herculano, *Eur.* 64) — Armas penduradas por cima *das suas* cabeças (*ib.* 180) — *A minha* mão desfallecida abandonou-te (*ib.* 293) — Quero-o vivo em *minhas* mãos (*ib.* 216) — É preciso que em breve estejam *nas minhas* mãos Pelagio e sua irman (*ib.* 217).

471. Em vez de vir antes do nome, aparece o possessivo adjunto às vezes colocado depois dêle; mas nesta posposição nunca pode arrastar consigo o artigo:

Não é premio vil ser conhecido por um pregão do ninho *meu* paterno (Camões, *Lus.* 1, 10) — O rei... alvoroçado da vinda *tua*, tem tanta alegria que não deseja mais que agasalhar-te (*ib.* 2, 2) — A *sêde tua* nem com lagrimas se mitiga (*ib.* 3, 119) — Mova-te a piedade *sua* e *minha* (*ib.* 3, 127).

O POSSESSIVO ANTEPOSTO — Condições especiais

472. Palavras como *êste, êsse, aquêle, um*, que não podem ser empregadas juntamente com o artigo definido antes de um nome, excluem igualmente êste artigo quando se ajuntem a um possessivo:

Para que *estes meus* versos vossos sejam (Camões, *Lus.* 1, 18) — *Esta sua* fuga (Vieira, *Serm.* 5, 310) — *Êstes meus* olhos — *Aquêle vosso* amigo — *Um seu* criado.

473. Frases que se costumam dizer sem o artigo, dispensam-no também se nelas incluímos o possessivo. Assim, em certas locuções como *em poder de, em nome de, por vontade de, a respeito de, a gosto de, a favor de*, e outras semelhantes:

Falou em meu nome, a nosso respeito, a teu favor — Está em meu poder a carta — Nós mesmos sem outro inimigo ou ladrão bastamos e por nossa vontade para nos despojar delles (Vieira, *Serm.* 5, 450) — Pai meu, eu em vossa presença pequei contra o céu (cf. algumas linhas adiante: peccado cometido em presença do Rei (ib. 5, 457) — Legio cahiu hontem em nosso poder (Herculano, *Eur.* 151) — Eis o que Suintila alcançou a teu favor (ib. 141) — Sangue derramado em seu nome (ib. 144). — Aquelle que eu cria viesse em meu soccorro não se esconderá de ti (ib. 197).

474. Por outro lado, e contrariamente à recíproca da regra anterior, pode o artigo vir junto ao substantivo e entretanto desaparecer ante o possessivo. Isto se verifica em certas expressões consagradas, como: *a seus pés, a meu lado* (apesar de se dizer *aos pés d'ele, ao lado de alguém*), *a seus olhos* ou *ante seus olhos, a meu ver, a meu cargo*, etc.

475. Semelhantemente se fixaram na língua sem a palavra *o* ou *a* as expressões *Nosso Senhor, Nossa Senhora*, assim como os tratamentos *vossa mercê, vossa senhoria, sua excelência, sua majestade*, etc.

476. Hoje, como outrora, os nomes que indicam parentesco requerem o possessivo sem artigo. Ocorrem todavia casos em que se reforça o pronome para torná-lo enfático.

477. Mais liberdade há, todavia, quando os nomes de parentesco não são tomados no sentido próprio; v.g. *filho* significando individuo "natural de um lugar", *irmão* aplicado a pessoa pertencente a uma determinada classe, comunidade, nação ou raça.

1. *Tua* irman será salva ou nenhum de nós voltará mais (Herculano, *Eur.* 182) — Promettia acompanhar o rei godo com um esquadrão mais lustroso que os de seus sobrinhos (ib. 82) — A sombra do escudo de seu irmão (ib. 182) — Perdoai a meu velho pai, que não tem culpa da pobreza de seu filho (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 125) — Salvar a honra do nome de seus avós (ib. 167) — Não vos abandonarei eu; que o devo... á... memoria de vosso virtuoso pai (ib. 178) — Jurava-o pelo céu, pelos ossos de seus avós (ib. 193) — Jura-lhe que tua filha repelliu o seu amor por obedecer-te (Herculano, *Eur.* 142).

2. Eu não te amaldiçoarei, oh meu pai. *A tua* filha nunca te accusará ante o supremo juiz (Herculano, *Eur.* 283) — É o cemiterio em que jazem os ossos dos nossos pais (ib. 70).

3. Considerava-o como o mais veneravel entre os seus irmãos no sacerdocio (Herculano, *Eur.* 19) — É d'aqui que debes sahir com os teus irmãos do deserto (ib. 64) — São os nossos valentes irmãos. São nossos irmãos, que nos esperam (ib. 211) — Junto ao Chryssus a Hespanha pedia aos seus filhos que morressem sem recuar (ib. 223) — Podeis dizer aos nossos irmãos que o primeiro em fugir foi aquelle que nunca fugiu (ib. 225) — As recordações... embriagavam-lhes os animos ao lembrarem-se de que as armas dos seus avós da Germania tinham brilhado victoriosas (ib. 57) — Dize aos teus irmãos do Herminio que venham aqui (ib. 271).

478. A forma possessiva é às vêzes mero recurso de linguagem usado ou para referir o sentido de um nome a um caso particular, ou para indicar a pessoa a quem em especial interessa o individuo de que se fala. Numa ou outra hipótese é de praxe o emprêgo do possessivo reforçado:

Direi que tens algum receio que se escureça o teu querido Orpheio (Camões, *Lus.* 3, 2) — [Dario] mais o seu Zopyro são prezara que mil Babylonias que tomara (ib. 3, 41) — Do teu principe ali te respondiam as lembranças (ib. 3, 121) — Magoa e saudade do seu principe e filhos que deixava (ib. 3, 124) — O nome do seu Pedro que lhe ouvistes por muito grande espaço repetistes (ib. 3, 133) — E como o nosso menino cessava do choro e tomava o peito com Christo diante dos olhos... (Vieira, *Serm.* 5, 290) — Comprio melhor que todos o nosso peregrino o que Deos prometeo (ib. 5, 307) — Não foi admiravel o nosso santo velho porque isto fez (ib. 5, 307) — Contemplação... do nosso anachoreta (ib. 5, 311) — Os doze de Inglaterra com o seu Magriço (Camões, *Lus.* 1, 12) — E vereis ir cortando o salso elemento os vossos Argonautas (ib. 1, 18) — Não temais perigo algum nos vossos Lusitanos (ib. 2, 44) — Não ha Rachel que não tenha o seu Labão e a sua Lia (Vieira, *Serm.* 5, 441).

Pronomes Demonstrativos

479. Do latim *iste, ista, istud* provieram em português as variações pronominais *êste, esta, esto* (mudando-se a última forma mais tarde em *isto*). Reforçadas com a anteposição de **eccu-*, as mesmas formas latinas produziram em nossa língua *aqueste, aquesta, aquesto*, que se deixaram de usar no falar moderno. Em escritores pré-camonianos, e ainda em Gil Vicente, são freqüentes os exemplos:

Nom foram os requerimentos e vozes *daquestes* de tanta eficacya (Zurara, *Guiné* 12) — E *aquesto* foe feito por seer em lembrança do maravilhoso millagre (ib. 6) — Nom foram Mouros tomados com tam honrada vitorya como *aquestes* (ib. 219) — Tange as patas pera cá. Como es *aqueste*, Jesu (Gil Vicente 3, 44) — *Aqueste* so animal tem veias no coração, onde lagrimas estão (ib. 3, 114).

480. De *ille, illa, illud* procederam *êle, ela, elo* e, com o reforço **eccu-*, *aquêle, aquela, aquelo* (convertendo-se *êste* ulteriormente em *aquilo*). Passaram contudo *êle* e *ela* a servir desde logo de pronome pessoal, e *elo* usou-se somente em português antigo. A par destas formas plenas do antigo demonstrativo, existem desde o começo da língua até hoje as formas reduzidas *o, a* (e *lo, la*), sendo estas empregadas não somente como pronome pessoal (acusativo), mas ainda como pronome demonstrativo.

481. O latim *ipse, ipsa, ipsum*, deu-nos *êsse, essa, esso* (português moderno *isso*). Não produziu formas reforçadas paralelas às dos outros dous pronomes.

482. Todos os demonstrativos terminados em *-e* ou *-a*, assim como a forma reduzida *o, a*, variáveis não somente em gênero, mas também em número, funcionam ora como pronomes absolutos, ora como prono-

mes adjuntos. Tôdas as formas plenas terminadas em -o ocorrem como pronomes absolutos, invariáveis, significando "esta cousa", "essa cousa", "aquela cousa" (*).

483. O emprêgo de *aquilo*, em lugar de *aquelo*, remonta ao século XVI. Mais antiga é a admissão de *isto*, *isso*; em Fernão Lopes ocorrem já com freqüência estas formas a par de *esto*, *esso*. Exemplos do uso das diversas formas de pronomes demonstrativos absolutos, privativas da linguagem de outrora:

A muytos *esto* nom peza (D. Duarte, *Leal Conselheiro* 5) — Pouco dello se contentom (ib. 5) — O entendimento encomenda que logo de nossa mocidade a *ello* per afeição nos enclinemos (ib. 8) — E *esso* medes faz a outra spiritual (ib. 14) — Saibham bem husar *daquello* por que som antre os outros tam avantejados (ib. 16) — E *naquesto* se desvaira esta quarta voontade (ib. 14) — Por ter em *ello* nom boa e fraca voontade (ib. 23) — Algũa enssynança acerca dello vos entendo declarar (ib. 235) — Filharemos em *ello* prazer (ib. 237) — Que lhe outorgava *aquello* que lhe demandava (S. Josafate 37) — Que lhe ensinasse *aquello* que conpria (ib. 36) — *Esto* dizia Josaphate (ib. 45) — *Esto* me prometeo Jesu Christo (ib. 45) — Nom fallemos em *ello* mais (Fernão Lopes, D. J. 28) — Nom curarom *desto* (ib. 29).

DESIGNAÇÃO DE COUSAS MAIS OU MENOS NÍTIDAS

484. Se compararmos as impressões do nosso espírito a um quadro representando figuras e objetos diversos, podemos dizer que o demonstrativo *este* serve para indicar as imagens nítidas do primeiro plano, ao passo que *esse* designa as imagens mais apagadas do segundo plano.

485. *Este* é o demonstrativo das noções claramente delimitadas, conhecidas ou que facilmente sugerimos na mente de quem nos ouve. *Esse* aplica-se àquilo de que nós temos, ou o ouvinte tem, noções vagas, indecisas; aplica-se às cousas longínquas ou que se estendem para longe.

486. Se o emprêgo do demonstrativo tiver por fim sugerir uma noção do tempo, *este* indicará fatos atuais ou fatos cujos efeitos perduram na atualidade; *esse*, pelo contrário, se referirá ao que existiu no passado ou existirá no futuro.

OS DEMONSTRATIVOS CORRESPONDENTES A 1.^a E A 2.^a PESSOA

487. Com o demonstrativo *este*, *isto* indicamos cousas que dizem respeito a nós mesmos; com o pronome *esse*, *isso*, apontamos, pelo contrário, aquilo que tem antes relação mais íntima com a pessoa a quem nos dirigimos. Esta regra se aplica quando se trata de cousas que residem nas próprias pessoas (*esta alma*, *esta <minha> dor*, *essa <tua> paixão*) ou de partes do corpo, ou de lugar onde uma ou outra pessoa se acha (*esta casa*, *este país*, *este mundo*, *nesta cidade <onde eu resido>*, *nessa cidade <onde vós residis>*), como se vê nos seguintes passos:

(*) Alguns autores não seguem esta regra a rigor. Assim lemos em Duarte Galvão, D. Af. Henr. (28-29): "dando-vos nellos para o diante"; "ao bem e honra *destos* reinos", e em Francisco Morais, *Palmeirim d'Inglaterra* (1, 171): "E por esta razom se chamam *estos* montes os montes das tres hirmãs".

Doce amparo *desta* cançada já velhice minha (Camões, *Lus.* 4, 90) — Para que *estes* meus versos vossos sejam (ib. 1, 18) — Inspira immortal canto e voz divina *nesta* peito mortal (ib. 3, 1) — *Esta* perna trouxe eu d'ali ferida (ib. 5, 33) — A que novos desastres determinas de levar *estes* reinos e *esta* gente (ib. 4, 97) — *Esta* ilha pequena que habitamos (ib. 1, 54) — O Regente que *esta* terra governa (ib. 1, 55) — Se *este* nosso trabalho não te offende (ib. 6, 82) — Porque is aventurar ao mar iroso *essa* vida que é minha e não é vossa? (ib. 4, 91) — Inclinaí por um pouco a majestade que *nesse* tenro rosto vos contemplo (ib. 1, 9) — *Esse* gesto que mostras claro e ledo (ib. 3, 105) — Quem és tu? que *esse* estupendo corpo certo me tem maravilhado? (ib. 5, 49) — Não temais... que ninguem comigo possa mais que *esses* chorosos olhos soberanos (ib. 2, 44).

488. Cousas que se acham próximas de nós indicamos com o demonstrativo *este*, e para mostrar que se acham um tanto afastadas empregamos *esse*, ainda quando não tenham relação alguma com a pessoa a quem falamos:

Eu só com meus vassalos e com *esta* (e dizendo isto arranca meia espada) defenderei... a terra (Camões, *Lus.* 4, 19) — Eu sou o illustre Ganges...; est'outro é o Indo, Rei que *nesta* serra que vês seu nascimento tem primeiro (ib. 4, 74) — E se te move a piedade *desta* misera gente peregrina (ib. 2, 32) — Gastar palavras em contar extremos de golpes feros, cruas estocadas, é *desses* gastadores que sabemos (ib. 6, 66) — Vê que *esses*, que frequentam os reaes paços, por verdadeira e sã doutrina vendem adulação (ib. 9, 27) — E guarde-se não seja inda comido *desses* cães que agora ama, e consumido (ib. 9, 26) — *Essas* honras vãs, *esse* ouro puro verdadeiro valor não dão á gente (ib. 9, 93) — A *estas* criancinhas tem respeito (ib. 3, 127) — *Estas* reliquias suas (ib. 3, 129) — Fulgurara uma luz de alegria como *esses* astros que brilham a espaços nos abismos do firmamento (Herculano, *Eur.* 277).

489. Quando apontamos para cousas ou pessoas, próximas ao mesmo tempo de nós e daquele com quem falamos, prevalece o demonstrativo *este*:

Vês *este*, que sahindo da cilada dá sobre o rei...? (Camões, *Lus.* 8, 16) — *Estas* figuras todas, que apparecem...; *este*, que vês, é Luso (ib. 8, 2) — *Este* é o primeiro Affonso, disse o Gama (ib. 8, 11) — *Este*, que vês olhar com gesto irado... Egas Moniz se chama (ib. 9, 13) — *Este* orbe, que primeiro vai correndo... Empyreo se nomeia (ib. 10, 81) — Olha est'outro debaxo, que esmaltado de corpos lisos anda (ib. 10, 87).

490. Semelhantemente fazem a distinção entre *isto* (que *eu* penso ou faço) e *isso* (que *tu* pensas ou fazes) ainda escritores portugueses do século XIX:

— Sabe? estou com idéa de mudar de casa — Mudar de casa! Ora *essa!* Por que?... Então só hoje é que pensa *nisso*, creatura?! — É verdade, tenho estado a pensar hoje *nisto*. Tenho minhas razões (Eça de Queirós, *Crime* 133); Embirro que faças *isso* diante do sr. parcho (ib. 100); nem me digas *isso* (ib. 114) — Nada: uma cousa de sentimento para o sr. parcho fazer idéa. — *Isso*, *isso*, disseram, uma cousa de sentimento! (ib. 65).

491. Na mesma obra de Eça de Queirós há freqüentes exemplos de "nem diga *isso*" e "digo-lhe *isto*" (= é o que lhe digo), a págs. 194, 195,

198, 199, 257; "deixe-se disso" 257; "lá isso" 258 e *passim*. Confronte-se ainda:

— A senhora está certa *disso?* — Ora *essa*, sr. conego! (259); *Isso* [que tu dizes] não faço eu! (290) — *Isso* dizeis vós outros (Herculano, *M. de C.* 1, 30).

O DEMONSTRATIVO REFERIDO A NOÇÃO DE TEMPO

492. Nas determinações do tempo mais ou menos longo que abranja o momento em que se fala, emprega-se *este*, como: *esta semana, este mês, este ano, este século*. Reduzido o espaço de tempo à hora ou instante presente, usa-se, em linguagem familiar, muitas vezes o demonstrativo *isto* em lugar de *agora*:

Isto he noite fechada (Gil Vicente 2, 467) — I-vos embora, senhor, que *isto* quer amanhecer (*ib.* 3, 37) — *Isto* vai sendo dia (*ib.* 3, 24) — Mas *isto* é cedo (Garrett, *Fr. Luis de Sousa*, 126) — *Isto* são oito horas (*ib.* 57).

493. O demonstrativo *este* serve também para assinalar tempo muito próximo ao momento atual, mas *este* uso cinge-se a mui poucas expressões: *esta noite* (pode referir-se tanto à noite passada, como à vindoura), *esta manhã* (a manhã de hoje), *estes dias* (passados ou vindouros, mais próximos), *estes primeiros dias*.

494. *Nisto* no sentido de "então", "em tal momento" é expressão predileta com que, durante uma narrativa, interrompemos o curso das idéias e chamamos a atenção para uma ocorrência nova:

Mas moura emfim nas mãos das brutas gentes, que pois eu fui... E *nisto*, de mimosa, o rosto banha em lagrimas ardentes (Camões, *Lus.* 2, 41) — Não disse mais o rio illustre... Acorda Emanuel cum novo espanto, e grande alteração de pensamento. Estendeu *nisto* Phebo o claro manto pelo escuro hemispherio somnolento (*ib.* 4, 75) — Partiu-se *nisto* emfim co'a companhia (*ib.* 1, 72) — Dai velas, disse, dai ao largo vento;... Alevanta-se *nisto* o movimento dos marinheiros (*ib.* 2, 65) — *Nisto* Phebo nas aguas encerrou co carro de crystal o claro dia (*ib.* 1, 56).

495. Em frases como as precedentes, *nisto*, indicando tempo, é expressão consagrada, que não se substitui por *nisso*. Não obstante dizemos *nesse instante, nesse dia, nessa hora, nesse ano*, aludindo a uma época distante da atual:

E logo *nesse instante* concertou pera a guerra o belligero aparelho (Camões, *Lus.* 1, 82) — Repartem-se e rodeião *nesse instante* as naos ligeiras, que hião por diante (*ib.* 2, 21) — Eis o que eu vi *nessa hora* de agonia (Herculano, *Eur.* 51) — *Nessa noite* fria e humida, arrastado por agonia intima, vagava eu pelos alcantis escaldados (*ib.* 28).

496. A simples anteposição do pronome *esse* a um substantivo supre muitas vezes a locução adverbial de tempo:

Depois, *esse* clarão sinistro [=o clarão sinistro que havia nesse momento] verberou na terra (Herculano, *Eur.* 52) — Ao cruzar os umbraes domesticos, *esses* terrores [i.e. existentes nessa ocasião] sumiram-se com os objectos que

os geraram (*ib.* 50) — O espectáculo maravilhoso que se passava *nesse* espaço insondavel fazia-me erriçar os cabellos (*ib.* 51) — Deixarei submergir o meu debil esquite, sem que a *esses* gemidos que ouvi se vão ajuntar os meus (*ib.* 55).

AFASTAMENTO OU APROXIMAÇÃO MENTAL

497. O demonstrativo *este* sugere a noção de proximidade em relação à pessoa que fala; por isso também o empregamos, na linguagem animada, para dar a impressão de que nos interessa muito de perto alguma cousa ou pessoa, conquanto de fato se ache um tanto afastada. O contrário se dá com o demonstrativo *esse*. Por outras palavras: com o pronome *este* a imaginação aproxima de nós cousas na realidade afastadas; com o pronome *esse* a imaginação arreda ou afasta de nós cousas que estão ou poderiam estar próximas:

Partimo-nos assi do santo templo... Certifico-te, oh rei, que se contemplo como fui *destas* [em vez de *dessas*] praias apartado, cheio dentro de duvida e receio, que a penas nos meus olhos ponho o freio (Camões, *Lus.* 4, 87) — Se *esta* gente, que busca outro hemispherio... não queres que padeçam vituperio (*ib.* 1, 38) — Que gente será *esta?* em si diziam (*ib.* 1, 45) — Entendido tenho *destes* christãos sanguinolentos que quasi todo o mar tem destruido com roubos, com incendios violentos (*ib.* 1, 79) — Vês Africa, dos bens do mundo avara... olha *essa* terra toda, que se habita *dessa* gente sem lei, quasi infinita (*ib.* 10, 92) — [Neste último passo a deusa, apontando para uma das muitas figuras que mostra ao Gama, deixa de empregar em opposição aos outros casos, o dêictico *este*, indicando assim que Africa com seus habitantes é em tudo diferente e apartada da gente e terra européia.]

498. Notem-se ainda os seguintes exemplos:

Sabe que quantas naos *esta* viagem que tu fazes fizerem de atrevidas [*esta* por *essa* indica que quem fala é pessoa vivamente afetada ou interessada], inimiga terão *esta* paragem (Camões, *Lus.* 5, 43) — Que descuido foi *este* em que viveis? (*ib.* 6, 28) — Oh tu geração daquelle insano, cujo peccado e desobediencia... te poz *nesta* terra e triste ausencia (*ib.* 4, 98) — Já que *nesta* gostosa vaidade tanto enlevas a leve fantasia (*ib.* 4, 99) — Oh vã cubiça *desta* vaidade a quem chamamos fama (*ib.* 4, 95) — *Esta* vinda *desta* gente estranha (*ib.* 8, 45) — Senhor... *estes* treedores *destes* Judeus dom Yuda, e dom Davi Negro que ssom da parte da rainha, teem grandes tesouros escondidos (Fernão Lopes, *D. J.* 30) — Heide dar uma lição a *este* escravo *deste* povo que os soffre (Garrett, *Frei Luis de Sousa*, 58) — Tens as mãos tão quentes! Beija-a na testa. E *esta* testa, *esta* testa!... escalda. — Se *isto* está sempre a ferver (*ib.* 84) — *Estes* ricos, *estes* grandes, que opprimem e desprezam tudo o que não são as suas vaidades (*ib.* 81) — Que cerimoniaes são *estas!* Que Deus é *esse* que está *nesse* altar e quer roubar o pai e a mãe a sua filha? (*ib.* 153) — Que mal te fiz eu para que *esse* desejo, *essa* idéa [a do aniquilamento] seja o que unicamente resta ao precito?... (Herculano, *Eur.* 48) — Contam-se cousas incriveis *desses* povos que assolam a Africa (*ib.* 54).

O DEMONSTRATIVO ANAFÓRICO

499. Nos casos até aqui estudados consideramos o demonstrativo na sua função pura de *dêictico*, isto é, indicando a situação de pessoas e cousas e o momento da ação em relação à pessoa que fala. Mas o demonstrativo desempenha também outro papel na linguagem: pode

referir-se às nossas próprias palavras, ao que acabamos de enunciar, como ao que vamos ainda enunciar. Neste caso diz-se que o demonstrativo é *anafórico* (*).

500. Serve à pessoa que fala *este, isto* de pronome anafórico, para chamar a atenção tanto para o que se vai nomear ou citar em seguida, como para o que se mencionou ou explicou já anteriormente:

Entre *este* mar [que acabo de mencionar] e o Tanais (Camões, *Lus.* 3, 11) — E com *esta* victoria [que acabo de descrever] cobiçoso, já não descança o moço até que veja outro estrago, como *este*, temeroso (*ib.* 3, 76) — Entrava com toda *esta* companhia o Mir-almumini em Portugal (*ib.* 3, 78) — Passada *esta* tão prospera victoria (*ib.* 3, 118) — *Este* [o citado Pedro] castigador foi riguroso de latrocínios, mortes e adulterios (*ib.* 3, 137) — *Estas* palavras taes falando orava: Sublime rei (*ib.* 2, 78) — Sentia escripta na consciencia... *esta* sentença cruel: nem a todos dá o tumulto a bonança das tempestades do espirito (Herculano, *Eur.* 21) — *Isto* [que acabo de expor] chama prudencia o mundo estúpido e ambicioso (*ib.* 46) — Mas se *isto* assim é, ao sacerdote não foi dado comprehendel-o (*ib.* 7) — Os arabes! eis o unico grito... e *esta* palavra é como a peste quando passa (*ib.* 61) — *Estes* aproximaram-se emfim (*ib.* 139).

501. Se aludimos a duas pessoas ou cousas diferentes mencionadas antes, fazemos a distinção com o demonstrativo *aquê* para a palavra nomeada em primeiro lugar, e *este* para a que vem por último:

Não pudera desvanecer no coração do sacerdote os generosos affectos do guerreiro, nem as inspirações do poeta. O tempo havia santificado *aquelles...* e tornando (**) *estas* mais solemnes (Herculano, *Eur.* 12) — O somno ou a vigilia, que me importa *esta* ou *aquelle* (*ib.* 119).

502. A necessidade que sentimos de avivar bem a impressão deixada por nossas próprias palavras dá ao pronome anafórico tal importância, que o pronome *este, isto* predomina em geral, até mesmo em casos nos quais, pelas condições de afastamento ou tempo remoto, deveríamos esperar o uso do dêictico *esse, isso*:

Ouvio-lhe *estas* palavras piadosas a formosa Dione (Camões, *Lus.* 2, 33) — E *destas* brandas mostras commovido... as lagrimas lhe alimpa (*ib.* 2, 42) — Já *neste* tempo o lucido planeta... chegava á desejada e lenta meta (*ib.* 2, 1) — Tanto com *estas* novas se alegrou (*ib.* 1, 98) — *Neste* tempo que as ancoras levavam (*ib.* 2, 66) — *Isto* dizendo, os barcos vão remando pera a frota (*ib.* 2, 106) — *Nestas* e outras (*ib.* 4, 92) — Pelejai verdadeiros Portugueses. *Isto* disse o magnanimo guerreiro (*ib.* 4, 38) — E dizendo *isto* arranca meia espada (*ib.* 4, 19) — Ser *isto* ordenação dos Ceos divina por sinaes muito claro se mostrou (*ib.* 4, 3) — Por *estes* vos darei um fero Nuno (*ib.* 1, 12) — Emquanto eu *estes* canto (*ib.* 1, 15) — Hum só homem houve no mundo, que nascesse homem. *Este* foi Adam (Vieira, *Serm.* 8, 285) — *Neste* momento... soava um correr de cavallo á redea solta (Herculano, *Eur.* 105) — Desde *este* momento a ala direita dos mosselemanos começou de affrouxar (*ib.* 108) — Vingança! — *Este* brado foi repetido por Oppas (*ib.* 109) — A *esta* hora duvidosa entre a claridade e as trevas, uma numerosa cavalgada atravessou o ribeiro (*ib.* 131) — *Neste* momento *aquellas* vozes harmoniosas cessaram (*ib.* 136) — E é *neste* paiz [de que acabo de falar] que os caminhos de ferro estão devolutos por

(*) Dêictico e anafórico são termos tirados do grego e usados na lingüística moderna.

(**) No original está *tornando*.

tudo o tempo do officio divino (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 214) — *Nesta* cidade de Manchester [a que me estou referindo] ha jardins zoologicos e botanicos que o povo frequenta gostoso (*ib.* 2, 214).

503. Querendo aludir ao que acaba de ser dito não por nós mesmos, mas pelo individuo ou individuos com quem falamos, servimo-nos do pronome anafórico de 2.^a pessoa *esse, isso*:

Antiocho: Dai algum conforto a este desditoso a quem faltou a ventura — Calydonio: *Essa* [que tu acabas de proferir] palavra desditosa he alhea da escola de Christo (Arrais 582) — Por *essas* e outras taes visitas [de que vós falais] ficou o pobre do rei tão bem creado (Francisco Manuel de Melo, *Ap. Dial.* 220) — Para que he fallar nesses [que dizes]? *Nesses* e outros semelhantes fallão todos, por isso não fallo eu (*ib.* 233) — Rogo-te... que me perdoes *isso* que dizes que te fiz (Fernão Mendes Pinto 3, 176) — Confronte com: E como tu *disto* que eu digo não podes ser o juiz.. ey por escusado responder por mim (*ib.* 3, 170) — Mas... *nesse* caso... visto *isso* [= segundo o que tu acabas de dizer]... Visto *isso*, só o sr. Augusto pode explicar o mysterio (Júlio Dinis, *Morg.* 2, 114).

EXPRESSÕES CONSAGRADAS

504. Pôsto que o emprêgo dos demonstrativos dependa em geral das regras até aqui expostas, há contudo certos dizeres em que se fixou, ou tende a fixar, o uso de um dos demonstrativos, sem atender a quaisquer considerações.

505. Assim, para indicar que vamos esclarecer um pensamento anterior, recorremos à expressão *isto é* (e nunca *isso é*).

506. Para representar pleonasticamente o sujeito, ou objeto, usa-se *esse, isso*:

Comer a baleia a Jonas, *essa* he a sepultura que o mar costuma dar aos homens (Vieira, *Serm.* 9, 321) — Quem fizer a vontade de meu pai... *esse* he minha mãe (*ib.* 3, 25) — A podenga negra, *essa* corria pelo aposento (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 12) — A podenga negra, *essa* sumiu-se por tal arte, que ninguém no castello lhe tornou a pôr a vista em cima (*ib.* 2, 14) — Neves da serra no inverno, soes..., noites e madrugadas, *disso* se ria elle (*ib.* 2, 8) — Cujos eram os arreios, *isso* sabia-o o diabo (*ib.* 2, 41) — D. Diogo, *esse* ficou-o crendo (*ib.* 2, 45) — O Lidador, *esse* tinha sido posto em cima dumas andas (*ib.* 2, 90) — A sciencia, *essa* é invulneravel (C. Castelo Branco, *Bo.* 436) — Quanto ao... Simões... *esse* (*ib.* 446) — *Aquelle* que o alcançar, *esse* achou a tragedia nova (Garrett, *Frei Luís de Sousa* 10).

507. Diz-se comumente *por isso*; mas encontra-se também a locução *por isto*. Na negativa usa-se dizer *não por isso* e *nem por isso*:

O pay pode não amar o filho, mas *nem por isso* deixa de ser pay; o filho pode não amar o pay, e *nem por isso* deixa de ser filho (Vieira, *Serm.* 8, 238) — Mas *nem por isso* vos negarei (*ib.* 2, 332) — João era parente, e parente muy querido; mas *nem por isso* João foi anteposto a Pedro (*ib.* 2, 358) — He verdade, que o primeiro amor he o primogenito do coração, porem a vontade sempre livre não tem os seus bens vinculados. Seja o primeiro, mas *não por isso* o mayor (*ib.* 2, 385).

508. *Isto de* equivale a “no tocante a”, “no que diz respeito a”:

Isto das filhas tem muyta necessidade de atençaem (Vieira, *Serm.* 8, 170) — *Nisto de lugares* vai grande engano (*ib.* 3, 152) — Como amasse, amou; e *isto de amor* sobre haver amado, não he só amar, senão amar mais (*ib.* 2, 388) — *Isto de politicos* (Júlio Dinis, *Morg.* 112) — *Isto de metter scismas ás crianças* (*ib.* 2, 158).

DEMONSTRATIVO E ARTIGO

509. O demonstrativo *o* seguido imediatamente de substantivo confunde-se em geral com o artigo. Acompanhado porém de preposição (geralmente *de*), v. g. na frase “fôrça maior que *a dos homens*”, ou de uma oração adjetiva, v. g. “fôrça maior do que *a que os homens possuem*”, ressalta bem o caráter de pronome anafórico. No segundo caso *o* também pode ser substituído por *aquêle*. Ainda é pronome demonstrativo a palavra *o*, junto ao verbo *ser*, referindo-se a predicado mencionado antes, como “podia ser honrado, mas não *o é*”, ou referindo-se a uma frase inteira, que não queremos repetir. Nestes dois casos o demonstrativo tem a forma invariável *o*, equivalente a *isso*, *tal* (cousa).

Pronomes Relativos

510. Chamam-se pronomes *relativos* aquêles que, referindo-se a um nome ou a outro pronome anteriormente mencionado, o antecedente, iniciam oração subordinada a êste. Pode a oração relativa delimitar o sentido do antecedente, como no exemplo “pedra *que rola* não cria bolor”, e neste caso é *restritiva*; ou acrescentar simplesmente uma explicação, e então será *explicativa*, como neste exemplo: “contei o fato a Paulo, *que por sua vez o contou a Antônio*”.

511. Num e noutro exemplo a palavra *que* é pronome relativo, tendo para antecedentes respectivamente *pedra* e *Paulo*. No segundo caso vê-se que o pronome tem o mesmo sentido que *e êle*, e *êste*; mas ao passo que os dous últimos pronomes podem ocorrer em orações principais, cabe ao relativo *que* sempre papel secundário e dependente.

512. Possuímos em português os pronomes relativos *que*, *o (a) qual*, *quem* e a forma possessiva *cujo* comum aos três pronomes. Podemos ainda acrescentar a palavra *onde* quando equivalente de *em que*, e admissível somente quando se referir a nome que exprima cousa ou lugar:

Terra *onde* se informe da India e *onde* a gente se reforme (Camões, *Lus.* 1, 40) — Empresa *onde* rosto e narizes se cortava (*ib.* 3, 41).

513. Variáveis são apenas: *o (a) qual*, plural *os (as) quais*, de acôrdo com o antecedente, e *cujo*, que segue o gênero e número do substantivo posposto representando a cousa possuída.

514. *Que*, vocábulo átono ou de tonalidade fraca, é o relativo de emprêgo mais comum. Ocorre em oração explicativa como em oração restritiva, e tem para antecedente um nome ou um pronome.

515. O *qual*, pronome de tonalidade forte, presta-se a melhor avivar uma noção enunciada pouco antes (o seu antecedente); presta-se por isso mesmo também a evitar o sentido ambíguo em períodos com orações adjetivas subordinadas umas às outras. Já se usou igualmente na acepção de “êste”, ou como pronome demonstrativo anafórico, segundo se depreende da leitura de documentos diferentes até o século XVI, nos quais com freqüência ocorre depois de pausa forte (ponto e vírgula ou ponto final). Exemplos em que *o qual* alterna com *que* a fim de evitar o sentido dúbio:

A mui grande Mandinga... *que* do curvo Gambea as agoas bebe, *as quaes* o largo Atlantico recebe (Camões, *Lus.* 5, 10) — Como o febricitante em dia ardente de estio, *que* aspira a brisa da tarde, *a qual* não pode saral-o, mas *que* lhe refrigera... o ardor do sangue, assim eu ainda me deixo afagar (Herculano, *Eur.* 77) — Torrentes de guerreiros *que*... acomettiam ao lado dos Arabes, *os quaes* vacillavam e retrocediam (*ib.* 91).

516. Como demonstrativo anafórico referido a um fato ou a um pensamento inteiro podia usar-se em português antigo, em lugar de *isto*, a expressão *o que* alternando com *a qual cousa*:

Elrei dom Fernando lhe tomou a molher, rreçebemdoa depois de praça, *o que* fazer nom podia seemdo seu marido vivo (Fernão Lopes, *D. J.* 348) — E ell despemssando com elles... leixallo hia estomçe em emcarrego de sua comçiença; *a qual cousa* nom ouve, nem numca lhe foi supplicado (*ib.* 359) — E posto *que* casar podessem sem despemssaçom, *o que* nom podiam... isto soo he abastamte (*ib.*) — E per esta guisa sse passaram sobre este feyto outras muytas rrazoões. *Ao que* elrey rrespomdeo *que* elle avia por melhor de teer assy seu arrayall (Zurara, *Ceuta* 186) — E se trabalhariam de fazer alguña novidade em vossos rreynos, *o que* seria azo de grande prigo (*ib.* 184) — E mandou logo fazer prestes toda a frota... *a qual cousa* foy feita muy ledamente (*ib.*) — Vos verees, disse elle, muito çedo aquillo *que* agora chamaes fantasmas... *A qual cousa* nenhum dos outros podia creer (*ib.* 167) — Nom duvidou deçemder do çeeo, e poersse antre nós... ataa seer morto na cruz e livrarnos. *Em o que*... nos deu exemplo maravilhoso (*ib.* 162) — Rrogo... *que* façaes delles [pecados] penitência, avemdo firme proposito de vos guardar de pecar daqui em diante. *Polla qual cousa* serees assolltos de culpa (*ib.* 161).

517. Os escritores da Renascença poucas vêzes empregaram *a qual cousa*, *da qual cousa* etc., e adotaram geralmente *o quê*, *do quê*, *no quê*, *pelo quê*, maneira de exprimir mais simples, mais elegante e que continuou a usar-se até os nossos dias. Dos exemplos sem conto desta linguagem bastará mencionar os seguintes:

Estes tres irmãos ficaram moços per falecimento de seu pai, *pelo que* o Emperador seu tio os criou em sua casa (Damião de Góis 574) — As quaes partes o fizeram vingar o adulterio *que* a Emperatriz... cometia com hum seu veador della, e a matou com o mesmo adultero na cama, *do que* depois sobcedeo fazer o conde... crua guerra aos Saxões (*ib.* 574) — Tomou o castello de Cule... *o que* feito se foi a Arles (*ib.* 574) — Ficava por saber... donde

procede esta real genealogia... *no que* assi como achei pareceres e opiniões diferentes, achei tambem muito trabalho pera com verdade poder dizer cousa (*ib.* 577) — E lhe disserão que sem falta nenhũa seu filho morreria aquella noite, *pelo que* lhe seria melhor a elle mandarme cortar a cabeça (Fernão Mendes Pinto 2, 221) — Elrey lhes respondeo que bem via quanta razão tinham..., *pelo que* lhes rogava que lhe aconselhassem o que então devia de fazer (*ib.* 2, 222) — Passado o primeiro sono acendia candeia, *pera o que* levava aparelho de fuzil e pederneira (Sousa, *S. Dom.* 198) — Acudio o prior... dizendo que seria bem tomar primeiro ordens de missa, *pera o que* logo deu traça (*ib.* 186) — Avia juntas mais de cem molheres... hñas lavrando em suas almofadas, outras cozendo, outras fiando...; *do que* tudo resulta ajudarem em hña grande parte a despesa commum (Sousa, *Arc.* 1, 202) — Ganhou grande nome com os estrangeiros e naturaes, com grande alegria e aplauso dos padres que o criaram. *Do que* resultou declararem-no logo por Leytor de Artes do Collegio de Lisboa (*ib.* 1, 31) — Lembrava a elrey a obrigação que tinha... de ser S. Magestade o primeiro e mais riguroso zelador dos santos decretos... *pera o que* convinha que nem quizesse dispensação do Papa (*ib.* 1, 366) — Diz a mesma prophetiza que Deos para isso ha de conservar os pés dos seus santos... *O que* literalmente não só se póde, mas deve entender dos pés de São Francisco Xavier (Vieira, *Serm.* 8, 440) — Não podia mover-se por espaço de tres ou quatro horas, que durou a conversação que tiveram [as ossadas] com ella. *Pelo que*, foi força accomodar-se áquelle trabalho peno-sissimo (Bernardes, *Nova Flor.* 2, 130) — Desejará o leitor saber alguma cousa destas mysteriosas significações das vestes sagradas. *Ao que* satisfaremos brevemente (*ib.* 3, 382) — Logo o verdugo lhe cortou a cabeça. *O que* vendo St. Epitecto, deu gloria e louvor a Deus (*ib.* 3, 419) — *Ao que* elle respondeo (*ib.* 1, 28) — *Do que* tudo redundaram grandes cumulos de gloria (*ib.* 1, 85) — Em confirmação *do que* referirei... (*ib.* 1, 90).

518. As expressões *o quê*, *no quê*, *pelo quê* (ou *polo quê*, como tambem se dizia) referidas a fato que se acaba de enunciar, conservam sempre o determinativo *o*; diz-se porém, geralmente *com quê*, e alguns autores costumam simplificar *ao quê* em *a quê*. Algumas vêzes encontra-se tambem *de quê* por *do quê*:

Os nomes... achamos tambem no pergaminho... usando delles o autor... com pouca differença do poeta... *Com que* se fica acreditando bastantemente o poeta e o pergaminho, hum ao outro (Sousa, *Arc.* 1, 157) — Acudiram juntamente todos os fidalgos e gente nobre da cidade: *com que* foy tanto o rumor... que não pudera ser mayor se entrara a pessoa delrey (*ib.* 2, 43) — Considerando que as monçoens estavam no fim e que naquelle tempo se fechavão os portos, *com que* seria obrigado a invernar alli... no meyo desta afflictção fez voto a S. Francisco Xavier (Vieira, *Serm.* 8, 282) — Executou fielmente... e logo se ausentou para a sua patria. *Com que*, não houve lugar nem via por onde se soubesse... (Bernardes, *N. Flor.* 1, 489) — E assim lhe foi concedido; *com que*, chegou huma capa a cobrir toda huma cidade (*ib.* 2, 177) — *A que* elle replicou (Fernão Mendes Pinto 2, 235) — Qual foy a causa por que as vossas gentes... mataram os nossos tanto sem piedade...? *A que* respondemos que seria pelo successo de guerra (*ib.* 2, 236).

519. Com referência a antecedente expresso por nome ou pronome, existe, ao lado da forma átona *que*, a forma tônica *quem*, usada porém sempre com preposição. Assim dizemos: “aquê *que* procuras” e “aquê *le com quem* andas”; “o filho *que* obedece” e “o pai *a quem* respeita”. Este depender da presença ou ausência de preposição é caso análogo

ao das formas pessoais *mim* e *me*, *ti* e *te*, etc. Mas como, em princípio, não se applicam a cousas as expressões *a quem*, *de quem*, etc., o fenômeno deixa de ter a latitude que era de esperar.

520. Esta direção no sentido dos seres animados, ou, mais rigorosamente, dos entes humanos, é devida sem dúvida à influencia da palavra *quem* empregada como pronome interrogativo.

521. De fato, o pronome *quem*, preposicionado e com antecedente expresso, reserva-se hoje para seres humanos (de um ou outro sexo, no singular ou no plural), raramente para outros entes animados:

Abasteciam a mesa desses godos, *a quem* a desgraça e a vida dura das solidões fizera mais fero (Herculano, *Eur.* 103) — Comparavel ao bramido de cem leoas *a quem* os caçadores do Atlas houvessem... roubado os seus cachorrinhos (*ib.* 302) — Abandonado pelos mais nobres guerreiros, *para quem* a paz com os infieis seria incomparavel deshonra (*ib.* 165) — Quem fallava commigo sabei que he o anjo de Deus, como era o que S. Valeriano viu que fallava com Santa Cecilia sua esposa, *a quem* elegi por protectora do negocio que agora vos communicarei (Bernardes, *N. Flor.* 2, 344) — Converteu-se a Deus, e lhe entrou a luz do desengano com a morte de sua mulher, *a quem* muito amava (*ib.* 3, 338) — Nelle tinha já destinadas as pessoas *a quem* havia de fazer o provimento (Vieira, *Serm.* 2, 112).

522. Ao sentir da linguagem atual parece pois um tanto arrojada a prodigalidade com que *nOs Lusíadas* se emprega êste pronome. Deixamos a impressão de que o poeta quis dar vida e personalidade ainda às cousas mortas; e de boa vontade substituiríamos *quem* por *o qual* nas seguintes passagens:

Jaz a soberba Europa, *a quem* rodeia... o Oceano e... o mar Mediterraneo (*Lus.* 3, 6) — Cidade nobre e antiga, *a quem* cercando o Tejo em torno vai, suave e ledô (*ib.* 4, 10) — Desta vaidade *a quem* chamamos fama (*ib.* 4, 95) — Deixando a serra asperrima Lioa co cabo *a quem* das Palmas nome demos (*ib.* 5, 12) — Eu sou aquelle occulto e grande cabo *a quem* chamais vós outros Tormentorio (*ib.* 5, 50) — Chamam-te fama e gloria soberana, nomes *com quem* se o nescio povo engana (*ib.* 4, 96) — Andando, as lacteas tetas lhe tremiam *com quem* Amor brincava e não se via (*ib.* 2, 36).

523. Tambem na linguagem atual pode-se usar *o qual* em lugar de *quem* (referido a ente humano). A substituição é possível quando o antecedente vem enunciado por um nome e não por outro pronome. Assim dizemos: “um amigo *a quem* (ou *ao qual*) devo muitos favores”, “uma filha *a quem* quero muito bem”, porém “tu *a quem* obedece todo o mundo”; “aquê *a quem* tudo está sujeito”; “outros *em quem* poder não teve a morte”.

PRONOME RELATIVO INDEFINIDO

524. Em proposições como “*quem* porfia mata a caça”, “*quem* espera sempre alcança” servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de “homem (ou mulher) que”, “alguém que” sentimo-nos propensos a

ladear a questão lingüística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que*, expressão ampliada do mesmo pronome *quem* nestas proposições: "*quem quer que o disse*"; "não façás mal a *quem quer que te ofenda*" (*).

525. Sweet propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (Delbrück e Brugmann) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogações indiretas e ao indefinido *quem*.

526. O relativo indefinido gera orações de caráter substantivo; o relativo propriamente dito (com antecedente) dá origem a orações de caráter adjetivo. Comparemos *quem trabalha* (o trabalhador) e o *general que venceu* (o general vitorioso).

527. Constituem as orações do primeiro tipo um todo e se forem precedidas de preposição dependente de verbo ou nome de outra oração, esta partícula regerá não a palavra *quem* sujeito, mas a frase toda como se fôsse um substantivo:

O sprito deu a / *quem* lh'o tinha dado (Camões, *Lus.* 3, 28) — Por via irá direita / *quem* do opportuno tempo se aproveita (*ib.* 1, 76) — Não sabem nesta pressa / *quem* lhe valha (*ib.* 2, 25) — Tem cuidado de / *quem* sem ti não pode ser guardado (*ib.* 2, 31) — Por ter sujeito o coração a / *quem* soube vencel-a (*ib.* 3, 127) — Sabe também dar com clemencia a / *quem* para perdel-a não fez erro (*ib.* 3, 128).

528. Evidentemente *quem* também pode servir de objeto na oração substantiva e como tal poderá ter sua preposição própria:

Não tendo Gothfredo / a *quem* resista (Camões, *Lus.* 3, 27) — Não tendo / a *quem* vencer na terra (*ib.* 4, 48) — Assi recebem junto e dão feridas como / a *quem* já não doe perder as vidas (*ib.* 4, 39).

529. Tudo quanto até aqui expusemos a propósito de *quem* refere-se unicamente à função e emprêgo deste pronome. Quanto à origem do vocábulo, importa saber que o pronome *quem* nada mais é do que o acusativo latino *quem* dos pronomes relativo, interrogativo e relativo-indefinido *qui, quis*. O vocábulo, pronunciado diferentemente do latim, acomodou-se a funções que não tinha, podendo servir não só de complemento, mas ainda de sujeito de oração (**).

(*) Que seria forçada a decomposição em "homem que", ainda se evidencia formando frases análogas em outras línguas, v. g. em francês com *quiconque*, em latim com *quisquis, quicumque*, etc.

(**) A função de acusativo que tinha a forma latina *quem* só persiste — diz Meyer-Lübke — no dialeto logudorense, ao passo que nos demais falares que se servem deste vocábulo (romeno, campidanês, obwaldês, sulço, malhorquês, espanhol e português), é êle empregado também como nominativo.

Pronomes Interrogativos

530. Os pronomes interrogativos da língua portuguesa desde os seus primeiros tempos são: *quem, qual, que*. Como equivalente de *que* (= que cousa), e em certos casos preferida, surdiu e fixou-se em português hodierno a forma tônica *o quê*.

531. *Quem* (do latim *quem*) é sempre pronome absoluto, invariável, com o qual em pergunta nos referimos a pessoas desconhecidas ou indeterminadas, quer do sexo masculino, quer do sexo feminino:

Quem está aí? — Quem te disse tal cousa? — Quem é aquela mulher? — Quem são os filhos do Egypto senão os filhos deste mundo? (Bernardes, *N. Flor.* 3, 458) — *Quem são teus pais?* (*ib.* 3, 404) — *Ó filhinhos, filhinhos meus, gerados agora de novo no interior de minha alma, quem fora tão bemaventurada que pudera remir vossas vidas...?* (Fernão Mendes Pinto 2, 304).

532. Tem este pronome a forma possessiva *cujo*, dando-se-lhe gênero e número da cousa possuída.

Cujas sã estas coroas tã esplandeçentes (S. Josafate 47) — *Cuja he esta barca que preste?* (Gil Vicente 1, 232) — *Cuja he esta imagem?* (Vieira, *Serm.* 5, 334) — E as despesas deste injusto intertenimento... por *cuja* conta correm? (*ib.* 2, 92) — E todos esses bens que juntaste a que chamas bens, *cujos* serão? (*ib.* 5, 456).

533. Esta forma possessiva é desusada hoje em dia nas interrogações. Em seu lugar diz-se geralmente *de quem*: "*De quem são estas coroas?*" "*De quem é esta barca?*" etc.

534. *Que* pode ser pronome absoluto ou adjunto. No primeiro caso é usado em oposição a *quem* para denotar cousa e não pessoa. No segundo caso tem o sentido de "que espécie de":

Que é isso? — Que te disse eu? — Que gente será esta?... (Camões, *Lus.* 1, 45) — *Que contos poderemos ter melhores pera passar o tempo, que de amores?* (*ib.* 6, 40) — *Que má tenção, que peito em nós se sente, que de tão pouca gente se arreceia?* (*ib.* 2, 81).

535. *Qual* com o seu plural *quais* indica seleção entre diversas pessoas ou cousas e emprega-se em geral isoladamente, mas algumas vêzes também com o nome logo depois:

Qual será o amor bastante de nympha que sustente o de hum gigante? (Camões, *Lus.* 5, 53) — *Orgulho humano, qual és tu mais — feroz, estúpido ou ridículo?* (Herculano, *Eur.* 25) — *Em qual coração resta hoje virtude e esforço, no vasto imperio de Hespanha?* (*ib.* 27) — *Quaes d'entre vós... sois neste mundo sós... — Quaes de vós sois, como eu, desterrados no meio do genero humano?* (*ib.* 185) — *Em qual das atalaias estão os traidores?* (*ib.* 208) — *Qual caminho seguem os arabes?* (*ib.* 262) — *E quaes foram as novas dos pegureiros?* (*ib.* 262) — *Era necessario que as monjas soubessem qual futuro as aguardava* (*ib.* 143).

INTERROGAÇÕES INDIRETAS

536. As perguntas não se fazem só diretamente, isto é, elevando a voz no fim da proposição ou pondo um sinal particular na escrita. Tornando a questão dependente de verbo que exprima ignorância ou dúvida, também denunciámos muitas vezes o desejo de uma resposta. Comparem-se estes exemplos: “*Que gente é esta?*” e “*Não sei que gente é esta*”. Sob a mesma feição indireta (oração dependente) também podemos dar conhecimento a outrem de perguntas que na realidade se formulam diretamente. Assim transformamos em “*Perguntou-me quem eu era e qual o meu officio*” a questão direta “*Perguntou-me: Quem és tu? Qual o teu officio?*”

537. São ainda interrogações indiretas proposições como “*Vejam quem elle é, e o que nos traz*” correspondendo ao tipo primitivo “*Vejam (estas questões): quem é elle? e (o) que nos traz?*”

538. Vê-se claramente que as palavras *quem, qual, que* sendo pronomes interrogativos nas questões diretas, também o são nas respectivas questões indiretas, nem podem ser outra cousa.

ORIGEM E EMPREGO DO INTERROGATIVO O QUE

539. Esta forma foi a princípio estranha à língua, mesmo nas interrogações indiretas onde mais tarde se generalizou.

540. Restam-nos provas disto em passagens como as seguintes:

Sei eu bem *que* [= o *que*] vus van dizer (*Cancioneiro* 36, 155) — Vedes *que* [= o *que*] lhê rogarei (*ib.* 75, 105) — Vedes *que* mi aven (*ib.* 99, 206) — Seu coração nunca soube *que* era medo senom de pecar (*Zurara, Guiné* 24) — Nom sabyam *que* [= o *que*] era pam nem vinho (*ib.* 137) — Não sei *que* he nem *que* não (*Gil Vicente* 3, 73) — A vizinhança *que* [= *que* *cousa*] dirá se meu marido aqui não 'stá e vos ouvirem cantar (*ib.* 3, 35). — Nunca sabe *que* [= o *que*] é temor (*ib.* 3, 112).

541. Em muitos casos o sentido era dúbio, ou pelo menos confuso, porque a palavra *que*, além de pronome, também pode ser partícula (conjunção); *eu bem sei que dizem* tanto corresponderia ao inglês *I know what they say* como a *I know that they say*. Daí a necessidade de um expediente, e este expediente se encontrou nas expressões *a cousa que, aquilo que*, ou, mais simplesmente, *o que*.

542. O confronto de *não sei o que é* com as frases paralelas *não sei quem é, não sei qual é*, determinou o escurecimento da noção demonstrativa no vocábulo *o*, passando elle a funcionar, nas interrogações indiretas, como um reforço do pronome *que*.

543. Admitida a forma *o que* na interrogação indireta, estava dado o primeiro passo para a sua admissão nas perguntas diretas. Aqui de fato penetrou, menos pelo sentido dúbio da forma primitiva do que por uma questão de ordem fonética. *Que* tornara-se vocábulo átono ou quase átono; *o que* possuía acentuação forte, que conservou até hoje.

544. Colocado no fim da frase, o interrogativo necessariamente tem de sobressair pela intonação; por isso o antigo *quê* foi suplantado por *o que* nestas frases:

Vais escrever o *quê*? [por *vais escrever quê?*] — Via-se descer, romper, saltar... o *que*? (*Herculano, Lendas e Narr.* 2, 39) — Foi aqui o *que*? (*Garrett, Viagens* 1, 72) — Mas... ella o *que*? (*ib.* 1, 133) — Senão o *que*? (*Garrett, Camões* 1, 122) — Deveis o *que*? (*ib.* 68) — Dizem o *que*? Devo... o *que*? Dizes o *que*? Fazer o *que*? (exemplos de António Feliciano de Castilho).

545. Nenhuma alteração requer o interrogativo *que* quando regido de preposição; esta, como palavra proclítica que é, basta para reviver a tonalidade amortecida dos pronomes (*): *Escreves para quê?* (ou *para que escreves?*) *Falarás de quê?* *Divertiram-se com quê?* *Dedicou-se a quê?* (ou *a que se dedicou?*) *Em que consiste a felicidade?* (ou *a felicidade em que consiste?*).

546. No princípio ou no meio da oração, o simples *que* (não preposicionado) pode ser substituído por *o que*, desde que o escritor queira pôr em relêvo o interrogativo. A necessidade dêsse relêvo no comêço de pergunta não se animaram os escritores a manifestar senão modernamente. Ao senso comum parece tão legítimo *dizes o quê?* como *o que dizes?* A gramática, reconhecendo interrogativo acentuado no primeiro caso, reconhece-o também no segundo (**). É isto o que explica as seguintes passagens:

O que é que eu vejo? Estes gritos, que são?! (Castilho, Metam. 154) — *Eu, nympha, eu, menos forte, o que podia? (ib.* 264) — *O que foi isto? (Castilho, Fausto* 177) — *Logo, se não é drama, o que é? (Castilho, Camões pról.)* — *Agora por isto, que será feito de frei Timotheo?!... — O que será feito delle? (Herculano, Lendas e Narr.* 2, 135) — *O que hade ser della e de nós? (Garrett, Frei Luís de Sousa* 41) — *E a voz da terra, o que é? (Herculano, Harpa do Crente)* — *O que é o direito da propriedade? o que é o livro? (Herculano, Opúsc.* 2, 64-65).

547. Pôsto que os supracitados exemplos de *o que* a par do simples *que* sejam de autores do século XIX, não se colhendo exemplos análogos em seiscentistas nem na linguagem grave dos quinhentistas, é certo entretanto que o emprego do interrogativo *o que* na linguagem falada remonta pelo menos ao século XVI. Houve, neste longo período, da parte dos escritores o receio de afastar-se da tradição, não ousando elles admitir em suas obras uma expressão já sancionada pelo falar usual. Provam a antiguidade do emprego do interrogativo *o que* os trechos seguintes:

(*) O mesmo fenómeno se observa nos pronomes pessoais. Comparem-se *me e a mim, te e de ti, nos e para nós*. Em outras línguas também vemos fatos análogos (v. g. em francês *me e à moi*, em alemão *er sicht mich e das ist für mich*).

(**) Tentaram alguns explicar o caso de *o que* posposto, e só esta hipótese, pela elipse, esquecendo-se de que a elástica figura torna por idêntico raciocínio muitíssimo legítimo também o caso de *o que* iniciando a oração.

Veja-se sobre este assunto o meu livro *Dificuldades da Língua Portuguesa*, capítulo “Fenômenos de intonação”.

O que farey a estes rostos que tão asinha se mudam? (Sá de Miranda 2, 98) — Riqueza ou grande poder, ou muito alta senhoria, ou bonança ou alegria, pois logo deixa de ser, quando era, o que seria? (Gil Vicente 3, 344) — Ora, senhor, o que dizeis? (Antônio Prestes 199) — Agora o que has de fazer? (ib. 490) — O que hão botas com chinelas? (ib. 159) — Moço, isto o que quer ser? (ib. 315).

Pronomes Indefinidos

548. Os pronomes pessoais, referindo-se, segundo vimos, ao indivíduo que fala e àquele com que se fala, representam, cada vez que se empregam, pessoas certas e determinadas. O pronome da 3.^a pessoa, substituindo um nome anteriormente mencionado, lembra um ente determinado e conhecido pelo discurso. Poderíamos, pois, dizer que o pronome pessoal é um pronome *definido*.

549. A par destes pronomes existe um grupo de vocábulos de caráter pronominal que, como a palavra “êle”, requerem o verbo na 3.^a pessoa, diferindo todavia do pronome pessoal por indicarem um ente vagamente, como a palavra *alguém*, ou um ente qualquer, que recordará, mas não necessariamente, algum nome enunciado antes. Constituem tais vocábulos o grupo dos pronomes *indefinidos*.

550. Parte dos pronomes indefinidos são invariáveis, v. g. *alguém*, *outrem*, *ninguém*, e, como os pessoais, só se usam substantivamente; parte são variáveis, v. g. *algum*, *outro*, e empregam-se as mais das vezes como adjuntos, isto é, como adjetivos a delimitar os seres expressos pelos nomes a que se ajuntam. Excepcionalmente é o indefinido *cada* a um tempo adjunto e invariável.

551. Os pronomes indefinidos confundem-se às vezes com os quantitativos ou numerais. E a classificação em uma ou outra categoria na verdade só é possível pelo sentido, apurando-se se domina a noção de pessoa ou coisa vaga e indeterminada, ou se a de quantidade ou número. Confronte-se o sentido de “muita” nestes exemplos: “*Muita gente não pensa assim*”, “*Havia muita gente na praça*”.

INDEFINIDOS DISTRIBUTIVOS

552. Indicam distribuição, em frases coordenadas, dous ou mais pronomes diferentes, como *um... outro*, ou o mesmo pronome repetido, porém reportado a seres diferentes, como neste exemplo: “*Quem o abraça, quem o beija*” por “*Um o abraça, outro o beija*”.

553. Possuía a nossa língua uma variedade notável de indefinidos distributivos. Foram porém caindo em desuso com excepção de *um... (o) outro*, variáveis em gênero e número. O primeiro elemento “um” admitia também a anteposição do artigo definido, como se observa frequentemente na linguagem dos antigos cronistas e ainda nas *Décadas* de João de Barros:

As humas como as outras (Zurara, *D. P. de Men.* 441) — Desculpando-se o hum e o outro (ib. 448) — *Da huma* como da outra parte (ib. 460) — Por duas razões: a *uma... a outra* (Fernão Lopes, *D. Fern.* 327) — Duas cousas: a *huma* que saqueassem a cidade primeiro; e a *outra* que cometessem o palmar (Barros, *Déc.* 1, 8, 8) — *Os huns* nem os outros (Zurara, *D. P. de Men.* 466).

554. No plural também se usava *dêles* alternando com *uns*, *outros*, ou *dêles... dêles* simplesmente:

Delles armados, *outros* sem armas (Fernão Lopes, *C. F.* 362) — *Huns... delles... outros...* (Fernão Lopes, *ib.* 195) — *Delles* (= *uns...*) *delles* (= *outros*) (Zurara, *C. P.* 378, 436, 532, 534, 540, etc.).

555. A repetição do pronome *al* tinha o sentido de “uma coisa”... “outra coisa”, como o prova este adágio antigo: *all cuyda o bayo e all cuyda quem no seela*.

556. *NOs Lusíadas* não há exemplos dêses modos de dizer antiquados; mas aí encontramos precedentes para o uso, hoje restrito, de *quem... quem...*, *qual... qual...*, *êste... êste...*:

Quem se afoga nas ondas encurvadas, *quem* bebe o mar e o deita juntamente (Camões, *Lus.* 1, 92) — *Qual* vai dizendo: Oh filho a quem eu tinha só para refrigerio e doce amparo...; *qual* em cabelo: oh doce e amado esposo... (ib. 4, 90-91) — *Qual* do cavallo voa, que não dece; *qual*, co cavallo em terra dando, geme; *qual* vermelhas as armas faz de brancas; *qual* cos pennachos do elmo açouta as ancas (ib. 6, 64) — *Este* rende munidas fortalezas...; *este* a mais nobres faz fazer vilezas...; *este* corrompe virginaes purezas...; *este* deprava às vezes as sciencias...; *este* interpreta mais que subtilmente os textos; *este* faz e desfaz leis; *este* causa os perjuros entre as gentes (ib. 8, 98-99).

OS PRONOMES REM, NADA

557. A vulgaríssima palavra *nada* é um exemplo de adjetivo ou, antes, de participio transformado em pronome. Semânticamente, equivale a “nenhuma coisa”, isto é, refere-se de modo negativo a qualquer ser inanimado.

558. *Nada* é pròpriamente o participio feminino do verbo “nascer”, e a expressão primitiva *rem nada*, significava o mesmo que “coisa nascida” (= latim *rem natam*). Cedo se obliteraram estas duas noções, e como para pronome um dos vocábulos fôsse suficiente, veio a desaparecer o outro. Curioso é ter o adjetivo suplantado o substantivo. *Rem* com o mesmo sentido que o francês *rien* (em que prevaleceu o substantivo sobre o adjetivo), já de todo desconhecido no tempo do cronista Fernão Lopes, dominou no período mais antigo da nossa língua e foi com predileção usado nos *Cancioneiros*, onde a cada passo se topam exemplos como os seguintes:

Mas empero direi vos ãa *rem* (*Cancioneiro D. Dinis* 23) — Desej’eu mui mais d’outra *rem* (ib. 26) — Ca s’ão certo d’ũa *rem* (ib. 29) — Nom dou eu por tal enfinta *rem* (ib. 71) — Nunca Deus fez tal coita qual eu ei com a *rem* do mundo que mais amei (ib. 18).

559. "Cousa nascida" ou "rem nada" era metáfora de que a língua se socorria em frases negativas, para exprimir a inexistência absoluta de qualquer cousa; processo análogo ao que se mostra posteriormente com as metáforas *nem migalha, nem ponta, nem sombra* e outras. E o que a estes dizeres menos remotos impede de nos darem impressão perfeita de pronomes indefinidos como aquêles dois vocábulos antigos, é o não ter-se de todo apagado da memória o sentido próprio destoutros vocábulos.

HOMEM E A GENTE

560. Têm de comum estes dois pronomes o mostrarem visivelmente que se originaram cada qual de um substantivo; ou, melhor, são nomes que assumem caráter pronominal quando usados, não já na acepção própria, mas para indicar agente vago e indeterminado.

561. Quanto à época de seu emprêgo, ocupam pólos opostos na história da língua. *Homem* era de uso comum no português primitivo; menos freqüente no século 15, perdura todavia, mormente na linguagem popular, deixando vestígios até o século 16. *A gente* é usado principalmente na linguagem familiar da atualidade. Exemplos do pronome indefinido *homem*:

Em aquel tempo nom podia *homem* achar em todo o regno de logres donzel tam fremoso nem tam bem feito (*Santo Graal* 4) — Eu te farei taaes cousas quaaes nunca *homẽ* fez a *seu* inimigo (*S. Josafate* 24) — Era tam esprandecente que bem se podia *homem* veer em ella como em espelho (*Côrte Imp.* 6) — Logo vossa tençom seria boa se *homem* tevesse lugar aparelhado em que trabalhando sperasse receber proveito (*Zurara, Guiné* 313) — E *homem* dá-se mais que deve muitas vezes ó cuidado (*Sá de Miranda* 387) — Comem trigo e nós d'avea. Eles bebem, *homem* sua, doe-lhes pouco a dor alhea (*ib.* 360) — Certo he grande erro não conhecer *homem* seu erro (*Heitor Pinto* 2, 480). Platão dizem, que dizia, que os amigos eram ladrões do tempo. Bem me parece tel-o de contino, mas nanos conversar se não raramente: porque como *homem* tem seus exercicios ordinarios, dão-nos os amigos molestia, se nos visitam amiude (*ib.* 2, 382) — Eu perdi a mor ventura que *homem* nunca perdeo (*Gil Vicente* 3, 293).

562. A linguagem literária, principalmente a partir da era camoniana, prefere indicar o agente indeterminado por outro modo. Os recursos mais comuns são: a forma reflexiva do verbo, o verbo na 3.^a pessoa do plural sem nomear sujeito algum, o verbo na 1.^a do plural.

OS INDEFINIDOS: ALGUÉM, NINGUÉM, ALGUM, NENHUM, UM

563. Os dois primeiros denotam, um afirmativamente, outro negativamente, qualquer ente humano. Os três últimos, sendo pronomes adjuntos, não podem ser empregados para o mesmo efeito senão unidos a substantivo como *homem, pessoa*. No português antigo porém os pronomes *algum, nenhum* usavam-se não somente como adjuntos, mas ainda como absolutos e, neste caso, na acepção de "alguém", "ninguém":

Quando elle chegou aos tendilhões, catou dentro, mas nom viu *nenhuũ* fora hũa dona que jazia hi dormindo (*Santo Graal* 122) — Nõ osabe *nenhuũ* hu he (*Santo Amaro* 118) — Tam grande sandice he... desprezar o estado das virtudes e escolher o estado dos pecados, como seria se *alguũ* quisesse passar alguũ ryo perijgoso e tormentoso (*Leal Conselheiro* 297) — Se *alguũ* que leer ou ouvir esta estoria fezzer pergunta (*Fernão Lopes, C. J.* 6) — Nem era *alguũ* ousado de tall cousa dizer (*ib.* 6) — Disse mui escusamente ao comde de Barcellos que o nom sentio *nenhuũ* (*ib.* 28) — Nom que ell descobrisse a *nenhuũ* tall segredo (*ib.* 15).

564. Em Camões encontramos *algum* como pronome absoluto, no sentido acima definido e, além disso, o mesmo vocábulo como pronome adjunto na acepção de "muito" (francês *maint*) no seguinte passo:

Algum d'ali tomou perpetuo somno, e fez da vida ao fim breve intervalo; correndo *algum cavallo* vai sem dono, e noutra parte o dono sem cavallo (*Lus.* 6, 65).

565. Exemplos de *um* na acepção de "alguém" não são raros na *Nova Floresta* de Bernardes. Mas como dificilmente se encontra o indefinido com tal significação em escritores anteriores, parece antes que o seiscentista se utilizou de um estrangeirismo (cf. o uso do italiano *uno*), o qual todavia não conseguiu aclimar-se em nossa língua:

Quanto *hum* he mais pobre, tanto tem menos parentes (*N. Flor.* 1, 259) — Não he por certo esta a humildade que o Padre Affonso Rodrigues chama de garavato, que he dizer *hum* males de si proprio, para que os ouvintes acudam por elle (*ib.* 5, 272) — Avisa o Espirito Santo que não queira *hum* ser juiz, senão sente em si virtude poderosa para contrastar iniquidades (*ib.* 5, 269).

CADA, QUALQUER

566. Servem para individualizar os seres: *cada* aplica-se a um por um dos seres de que se trata; *qualquer* e seu plural *quaisquer* referem-se a indivíduo ou indivíduos tomados indiferentemente dentre outros da mesma espécie.

567. *Cada* não ocorre isoladamente, senão em certos exemplos antigos como:

Soom porem tam triste *cada* que della ouço fallar (*Santo Graal* 87) [por *cada vez que*] — *Cada* que as ouço (*ib.* 84) — Dizem que devem hy pousar *cada* que hi verherem (*C. d'Elvas* 47).

568. Diz-se *cada um, cada qual*, ou então a palavra *cada* seguida de um substantivo: *cada ano, cada hora*. Ainda neste último caso mantinha-se outrora freqüentemente a palavra *um*, v. g. *cada um ano, cada uma hora*:

Em dia de sam johã bautista ouverõ antre sy gram batalha... e *cada huũ* anno lidam assy en aquell dia (*S. Am.* 510) — Ella hya em *cada huũ* anno tres vezes aaquelle moesteiro (*ib.* 514) — Apartando logo quatro pera *cada hũa* parte (*Zurara, Guiné* 197) — Huũ grande dito e mui proveitoso, que *cada hũu* Rei e Principe deve haver em sseu comselho (*Fernão Lopes, D. J.* 88).

569. Outra particularidade do português antigo é a variabilidade de número do vocábulo *um* na combinação pronominal:

Cada huns pera suas casas (Zurara, *Inéd.* 2, 480) — *Cada hūus* pera seu cabo (Zurara, *Guiné* 197) — *Cada huūs* se foram pera suas terras (Fernão Lopes, *D. J.* 13) — *Cada huūas* virtudes som mereçedores de seus pregoões (*ib.* 56).

570. Na antiga legislação portuguêsã usa-se *cada um* não somente com o valor aditivo de “um por um”, mas ainda como sinônimo de “qualquer”. Exemplos desta segunda espécie:

Nem [haverá lugar a pena] em mestre ou piloto de navio que castigar *cada huū* dos marinheiros, ou servidores do navio, em quanto estiverem sob seu mandado (*Ordenações de D. Manuel* 5, 11) — Pero naquelle que for ordenado por tal crime em *cada hū* dos sobreditos casos nom se fará execuçom atee no-lo fazerem saber (*ib.* 5, 18) — E se o cavallo morrer a *cada huū* dos sobreditos, que obrigados sam de o teer, pera gozar dos ditos privilegios, ou liberdades, será obrigado dentro de seis meses, do dia que elle morrer, comprar outro cavallo, pera gozar dos ditos privilegios (*ib.* 2, 38) — Todo homem que com outrem viver, quer por soldada, quer a bem fazer, e casar com a filha, ou madre, ou irmã, ou prima com irmã daquelle ou daquella com que viver, quer esteem das portas adentro, quer fora de casa, sem mandado, ou licença do senhor com que viver; ou dormir com *cada hūa* das sobreditas, quer dentro em casa de senhor, quer fora... moura por ello morte natural (*ib.* 5, 17).

TODO e TUDO (*)

571. O primeiro dêstes vocábulos, variável em gênero e número, pertence à língua desde os mais remotos tempos; o segundo, invariável, data da literatura quinhentista e substitui o antigo *todo* empregado no sentido de “tôda a cousa”.

572. Serve o singular *todo* para designar o conjunto ou inteireza, e antepõe-se ou pospõe-se a nomes previamente determinados por outro pronome adjunto, ou pelo artigo: *todo êste país* ou *todo o país está arruinado*. Se se trata de nome próprio, a presença do artigo dependerá de o dito nome usar-se ou não com artigo. Assim diz-se *todo o Brasil*, *tôda a Índia*, porém *todo Portugal*, *tôda Goa* (Veja-se o capítulo sôbre o artigo).

573. Documentam a regra do emprêgo de *todo* denotando inteireza os seguintes passos:

Das grandes naos do Samorim potente, que encherão *todo o mar*... fará pedaços (Camões, *Lus.* 10, 28) — *O mar todo* ferve (*ib.* 10, 29) — *O polo todo* ardia (*ib.* 6, 76) — *A terra toda* possuia (*ib.* 7, 16) — Cabeça... de *Europa toda* (*ib.* 3, 17) — Não tirarão *toda a Índia* e *Egypto* (*ib.* 10, 37) — *Todo Portugal* aos Mouros toma (*ib.* 8, 18) — Fernão Peres o seguio *hūa tarde toda* (Barros, *Déc.* 2, 9, 3) — Esperarão *todo hū dia* (Castanheda 1, 50) — Com *toda hūa coxa* fora (Camões, *Lus.* 10, 31) — Neste mesmo exemplo vemos como Deos castiga *todo um reyno* por culpa do seu rey (Arrais 187) — Inficionão *toda hūa republica* (*ib.* 62) — E ás vezes de não apagar *hūa palha* se vem atear o fogo *nūa* e noutra até que vem a queymar *toda hūa casa* (Heitor Pinto 1, 3)

(*) Veja-se a propósito de *todo*, *tudo* Said Ali, *Dificuldades da Língua Portuguêsã*², págs. 169-187.

— Que será ver a Deus por *toda hūa eternidade* (Bernardes, *L. e C.* 339) — Abrahão dividido e por partes teve muytos semelhantes; *todo Abrahão*, e por junto, ninguem lhe foy semelhante (Vieira, *Serm.* 1, 414) — Segue-se que *todo Nabucodonosor* cabia dentro do dedo meminho da sua imagem (*ib.* 5, 342) — Se Christo está em *toda a Hostia*, *todo Christo* não pode estar em qualquer parte della (*ib.* 1, 192) — Em qual destes lugares ou tempos estava mais applicado *todo Xavier?* (*ib.* 8, 324) — A rainha... substituiu a severidade antiga do paço *todo o brilho* de um luxo insensato (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 186).

574. A locução *todo o mundo* usa-se não somente no sentido rigoroso de “o mundo inteiro”, mas ainda em acepção translata, designando-se hiperbolicamente pelo Orbe terrestre simplesmente a coletividade humana. Neste segundo caso, a locução tem caráter fixo, ao passo que na primeira hipótese é indiferente colocar a palavra *todo* antes ou depois de *o mundo*:

Posto que em *todo o mundo*... resuscitassem (Camões, *Lus.* 2, 55) — A santa providencia... governa *o mundo todo* (*ib.* 10, 38) — Para o juizo de Deos hade ir ao valle de Josaphat *todo o mundo*; para o juizo dos homens *todo o mundo* he valle de Josaphat (Vieira, *Serm.* 5, 81) — Para eu não sahir condenado, he necessario que *todo o mundo* seja innocente (*ib.* 5, 84) — Peccados... os quaes não só Deos, mas *todo o mundo* está conhecendo (*ib.* 5, 33).

575. Nas expressões de velocidade máxima *a tôda a brida* (Herculano, *Eur.* 212), *a todo o galope* (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 91), *a tôda a pressa* (Vieira, *Serm.* 2, 181; *ib.* 6, 539; Bernardes, *L. e C.* 303; Bernardes, *N. Flor.* 1, 14; 1, 125; 1, 148; 1, 210; 1, 215; 1, 273; 2, 5), usa-se o artigo como no superlativo de adjetivos e advérbios.

576. Com as expressões *o resto*, *o restante*, *o mais*, *o outro* considera-se em conjunto a parte complementar de pessoas ou cousas mencionadas anteriormente. Como refôrço a estas locuções se lhes antepõe a palavra *todo*, sendo que com *o mais* desacompanhado de substantivo e equivalendo a “as mais cousas”, se usa, em português moderno, *tudo* em lugar de *todo*:

Tudo o mais eram cousas pera dar aos Reys (Barros, *Déc.* 1, 4, 3) — *Toda a mais* povoação era de madeira cuberta (*ib.* 1, 4, 7) — Destes dous generos de gente [Brâmanes e Naires], sendo a mais nobre da terra, viviam nella [cidade] mui poucos: *toda a outra* povoação era de Mouros e Gentio mecanico (*ib.* 1, 4, 7) — Convoca as filhas de Nereu com *toda a mais* cerulea companhia (Camões, *Lus.* 2, 19) — Animaes, que elles tem em mais estima que *todo o outro* gado das manadas (*ib.* 5, 63) — Logo *todo o restante* se partiu de Lusitania postos em fugida: O Miralmomini só não fugio, porque antes de fugir lhe foga a vida (*ib.* 3, 82) — De *toda a mais* commodidade e alfayas que a velhice permite e as doenças desculpão estava [a cela] erma (Sousa, *S. Dom.* 275) — Não renderá menos lustre a *todo o resto* de Hespanha (*ib.* 21) — Assim passa somente por ella a vida, e *tudo o mais* [que são os pecados] fica dentro, e nada passa (Vieira, *Serm.* 5, 25) — Que um homem só e desassistido de *toda a outra* companhia e poder, se atrevesse (*ib.* 3, 312) — O mesmo professa toda a escola cega e torpe deste infame mestre... e com seu collega Calvino *toda a outra* sentina dos hereges de nosso tempo (*ib.* 9, 397) — Dá conta... de todas as palavras de tua lingua e *tudo o mais* que tu sabes (*ib.* 5, 49) — *Tudo o mais* contrastava... com ellas (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 181).

577. Prática usualíssima desde o português antigo é reforçar o pronome demonstrativo o acompanhado do pronome relativo *que*. O português moderno introduziu apenas a novidade de substituir *todo* por *tudo* nos dizeres onde o *que* equivale a *aquilo que*:

Cesse *tudo o que* a Musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta (Camões, *Lus.* 1, 3) — Que os mouros cautelosos se guardaram de lhe mostrarem *tudo o que* pediam (*ib.* 2, 9) — Desbaratareis *tudo o que* quiserdes, quanto mais a quem já desbaratastes (*ib.* 4, 18) — Porem disto que o Mouro aqui notou, e de *tudo o que* vio com olho atento, hum odio certo na alma lhe ficou (*ib.* 1, 69) — *Tudo o que* nasce na terra, o sol e a chuva o cria (Vieira, *Serm.* 5, 455) — *Tudo o que* se move neste mundo... será sogeito a teo imperio (*ib.* 5, 476) — O que sucede depois he *tudo o que* dissestes antes (*ib.* 5, 108) — Já vi *tudo o que* havia de ver nesta vida (*ib.* 5, 139) — No Ceo ha *tudo o que* quiserdes (*ib.* 5, 447) — É *tudo o que* pode contra mim dizer (Herculano, *M. de C.* 2, 267) — Seria impossivel dizer-te agora *tudo o que* está aqui dentro (*ib.* 2, 210).

578. Aos adjetivos substantivados o *necessário*, o *possível*, o *útil*, o *supérfluo*, etc., significando o conjunto das cousas necessárias, possíveis, úteis, etc., antepõe-se hoje em dia a forma *todo* como em português antigo. Os seiscentistas usavam com êstes dizeres ora *todo*, ora *tudo*:

He necessario desbasta-me de *todo o superfluo* e descartar-me de mim mesmo (Heitor Pinto 2, 386) — Tereis *tudo o necessario* para o sustento da vida (Vieira, *Serm.* 8, 179) — Em *todo o necessario* á vida temporal (*ib.* 8, 293) — Recuperar... *tudo o perdido* (*ib.* 5, 221) — Tendo depositado *tudo o precioso e lustroso* de seus thesouros (*ib.* 2, 14) — Ver junto *todo o raro e curioso* do mundo (*ib.* 5, 437) — Despreza *tudo o ameno e frondoso* das felicidades e glorias do seculo (Bernardes, *L. e C.* 498) — *Tudo o bom e tudo o fermoso* que Christo fez, he o Divinissimo Sacramento (Vieira, *Serm.* 9, 294) — *Tudo o raro e admiravel* das regioens novamente sogeitas (*ib.* 5, 21) — *Tudo o precioso* que havia em seu palacio (Bernardes, *N. Flor.* 1, 133).

579. A pluralidade dos seres enuncia-se por meio de nomes apelativos na competente forma do plural. Ajuntando-se *todos*, *tôdas* a êstes nomes aludir-se-á expressamente à totalidade numérica: *tôdas as palavras*; *tôdas as lágrimas*. Muitas vêzes porém — e em especial se as unidades se acham dispersas no espaço ou no tempo, não se formando então no espírito a imagem de indivíduos reunidos — representam-se todos os seres congêneres por um ser típico, nomeia-se o indivíduo pela espécie inteira, usa-se o singular em vez do plural, como quando dizemos: *o leão é animal feroz, a manga é fruta saborosa*, por *os leões são animais ferozes, as mangas são frutas saborosas*.

580. Nestas condições, a *todos os leões*, *tôdas as mangas*, *tôdas as palavras* correspondem logicamente os dizeres *todo o leão*, *tôda a manga*, *tôda a palavra* no singular. Sucede porém que, tomando-se o indivíduo pela espécie, confunde-se o conceito do número singular com o de qualquer indivíduo, e o vocábulo *todo* se nos afigura como sinônimo do vocábulo *qualquer*. E como êste último exclui a presença do artigo, somos levados a dizer também sem artigo *todo leão*, *tôda manga*, etc.

581. Exemplos desta confusão se topam em português moderno, não porém em tão larga escala como na era pré-camioniana, na qual se chegava a omitir o artigo ainda quando *todo* tinha sentido bastante arredado de *qualquer*, como em *Côrte Imperial* 71: *obrando Deos obra toda a bondade e toda grandeza e toda eternidade, e nestes passos da Lenda dos Santos Baarlão e Josafate: era-lhe obediente... e toda subjeição e toda humildade trabalhando em toda virtude; abraçou-o cõ todo amor; livre de todo error.*

582. Qual seja a tendência da linguagem a partir do século XVI, pode-se ver pela maneira por que se tem tratado os dizeres *em tôda a parte*, *por tôda a parte*, *de tôda a parte* usados em vez de *em tôdas as partes*, *por tôdas as partes*, *de tôdas as partes*. Camões emprega estas locuções no singular ora com artigo, ora sem êle:

Cantando espalharei *por toda parte* (*Lus.* 1, 2) — *Por toda a parte* andava accessa a guerra (*ib.* 3, 51) — *Tudo provê com animo e prudencia, que em toda a parte* ha esforço e resistencia (*ib.* 3, 79) — Se t'o tem dito já aquella ventura que *em toda a parte* sempre anda comigo, ó não na creias, porque eu quando a cria, mil vezes cada hora me mentia (*ib.* 9, 77) — Com Joanne, Rei forte *em toda parte*, que escurecendo o preço vai de Marte (*ib.* 4, 25) — Porque a gente maritima e a de Marte estão pera seguir-me *a toda parte* (*ib.* 4, 84) — Volvendo, ora se abaxe, agora se erga, nunca se ergue ou se abaxa, e hum mesmo rosto *por toda a parte* tem, e *em toda a parte* começa e acaba, em fim, por divina arte (*ib.* 10, 78) — Voar co pensamento *a toda parte* (*ib.* 8, 89).

583. A incerteza de que dão testemunho os trechos citados desaparece entre os escritores do século seguinte, passando-se a usar desde então até o século XIX as ditas locuções adverbiais somente com o artigo. Nos diversos volumes de Vieira, Bernardes, Francisco Manuel de Melo e Herculano, em que pacientemente procurei tudo quanto se referisse ao caso, não consegui achar senão exemplos dêste gênero:

Andando a morte com a fouce ensanguentada *por toda a parte* entre gentios e christãos (Vieira, *Serm.* 8, 354) — *Em toda a parte* ou ardião, ou servião em odoríferos licores todos os aromas da India (*ib.* 8, 359) — Notai a palavra *ubicunque, em toda a parte*. *Em toda a parte*, diz Christo, onde estiver o corpo, alli voarão e concorrerão as aguias (*ib.* 5, 250) — Assim devemos nós multiplicar as nossas [presenças] para assistir ao divinissimo Sacramento *em toda a parte* (*ib.* 5, 250) — Todos os males do genero humano carregavam *de toda a parte* sobre o coração de Paulo (*ib.* 5, 465) — Se estes dous espiritos são os que vos levam *a toda a parte* (*ib.* 1, 505) — Assi o faz a Virgem Piedosissima a todos os que a invocarem *em todas as partes* do mundo. Christo presente *em toda a parte* pelas palavras, com que o Sacerdote consagra a Hostia, Maria presente *em toda a parte* pelas palavras com que o necessitado a invoca (*ib.* 1, 747) — Soando temerosamente ao longe *por toda a parte* (*ib.* 8, 54) — O Ceo cerrado *por toda a parte* (Bernardes, *N. Flor.* 1, 86) — Concorrendo *de toda a parte* muitos mancebos (*ib.* 1, 292) — A presença de Deos, que hum Christão *em toda a parte* deve trazer diante dos olhos (*ib.* 1, 404) — Perigos e defeytos *em toda a parte* os ha (*id.*, *L. e C.* 51) — *Por toda a parte* não via... senão um crime (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 161) — *Em toda a parte* deixara agentes e amigos fieis (*ib.* 1, 45) — Vassallos, que de

toda a parte haviam corrido (ib. 1, 188) — Por toda a parte se verteu sangue (ib. 1, 263) — Alongava os olhos por toda a parte em busca de Theodemiro (Herculano, Eur. 120) — A traição... está por toda a parte (ib. 69).

584. Este alvitre de não empregar senão a forma com artigo não se decidiram os seiscentistas a tomar ante os dizeres *todo o gênero* e *todo gênero*. Lançavam mão do segundo, se queriam enunciar o conceito de modo mais vago, e utilizavam-se do primeiro se lhes importava expressar-se com mais ênfase:

E que quer dizer toda a lagrima? Quer dizer *todo o genero* de lagrimas (Vieira, Ser. 5, 448) — Então conheço que a vontade de Deos era que admitisse ao gremio da Igreja *todo o genero* de Gentios e tratasse da sua conversão (ib. 8, 23) — Quando S. Roque estava na sua prisão, concorrião ao carcere os enfermos de *todo genero*, os cegos, os mancos, os aleijados (ib. 2, 163) — Bastavão só sem memorias do passado, como pregoeiros presentes, os cegos, os aleijados, os tolhidos, os leprosos, e os outros enfermos de *todo o genero* (ib. 8, 360) — Só se acharam no arsenal de Malaca sete fustas...; boa parelha contra huma Armada de sessenta velas... fornecidas de tudo o necessario para a navegacão e para a guerra; e sobretudo de muyta artilharia de *todo o genero* (ib. 8, 205) — Aprendam a jugar as armas maritimas de *todo genero*: a espada, a machadinha, o chuço, a pistola, o bacamarte, a alcanzia (ib. 8, 262) — Pollutos com *todo o genero* de vícios e enormidades (Bernardes, L. e C. 446) — Florido em *todo o genero* de virtudes e dons (ib. 454).

585. Alexandre Herculano opta pelo emprêgo de *tôdo o gênero* nestes e outros passos:

No soveral havia *todo o genero* de caça (Lendas e Narr. 2, 20) — Accusacões de *todo o genero* (ib. 2, 189) — Prohibindo em sua casa *todo o genero* de divertimento (ib. 2, 301) — Tu evangelisavas a liberdade e condemnavas *todo o genero* de tyrannia (id., Eur. 34) — Dos godos restam-nos... monumentos escriptos de *todo o genero* (ib. 308).

586. Em escritores quinhentistas encontramos muitas vêzes *todo o homem* (= *todos os homens*) e outros dizeres. Estes exemplos se multiplicam do século XVII em diante. Dignos de nota são os seguintes passos:

Todo ho gentio, assim homê como molher (Castanheda 3, 80) — Fará que *todo o Naive* se mova (Camões, Lus. 10, 14) — Em *toda a cousa viva* a gente irada provando os fios vai da dura espada (ib. 3, 64) — *Todo o homem* neste mundo deseja melhorar de lugar (Vieira, Ser. 5, 194) — *Toda a Republica* em *todo o tempo* ha mister paz, e a nossa no tempo presente dobrada paz (ib. 2, 203) — *Todo o homem* que acaba a vida pendurado de hum pao he maldito (ib. 2, 420) — *Todo o lugar* mais alto que outros está sempre ameaçando ruina (ib. 5, 211) — *Todo o ministro* emquanto não cae é grande (Herculano, M. de C. 2, 230) — *Todo o Regras* tem um Bugalho (ib. 2, 232).

587. O adjetivo substantivado, tendo caracterizada esta função pela presença do artigo, não pode perder este artigo, quando se lhe antepõe a palavra *todo*, ainda que se tenha em mente a noção de "qualquer".

Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros... receberão de *todo o illustre* os ossos (Camões, Lus. 5, 83) — *Todo o cativo* que levava punha consigo á

mesa (Sousa, D. J. III, 146) — Recorra *todo o cahido* ou tentado ao deparador das almas perdidas (Vieira, Ser. 3, 234) — *Todo o proximo* tem direito (Bernardes, L. e C. 267) — *Todo o rico* de repente ou he ladrão ou herdeiro de ladrão (id., N. Flor. 2, 214).

588. Achando-se a totalidade numérica dos sêres rigorosamente definida por um numeral cardinal, a anteposição reforçativa de *todos* exigirá a supressão do artigo somente quando esteja subentendido o substantivo:

As Dorçadas passamos, povoadas das Irmaãs... que de vista total sendo privadas *todas tres* dhum só olho se servião (Camões, Lus. 5, 11) — Por *todos os quatro* lados (Vieira, Ser. 8, 36) — Subissem *todos tres* ao monte (ib. 8, 315) — Os criados... eram tres; *todos tres* tiveram cabedal (ib. 2, 22) — *Todos os quatro* Doutores da Igreja (ib. 2, 421) — A *todos os doze* Apostolos disse Christo (Bernardes, N. Flor. 1, 390) — Andou tanto... que pudera supprir o caminho de *todos doze* (ib. 1, 390).

O Artigo

589. Procede o artigo definido do pronome demonstrativo latino *ille, illa, illud*. Da primitiva forma, que seria *elo, ela*, dão testemunho *el*, usado unicamente em *el-rei*, e, por outra parte, *lo*, evidente nas contrações dos plurais *tôdolos, âmbolos, e pelo, polo*, ainda usadas no século XVI e outras da linguagem popular, como *ulo* (u = onde), *mailo* (= mais o). Excluídos estes casos, aparece por tôda a parte, desde a mais remota fase da língua portuguesa, o vocábulo já sem vestígios do radical, inteiramente gasto, e reduzido à terminação átona *o, a* (escrito às vêzes *ho, ha*).

590. A função demonstrativa pode perceber-se ainda em dizeres nos quais, ou pelo contexto, ou por ajuntar-se ao nome algum qualificativo ou frase equivalente, se aponta o ente ou entes de que se trata. Mas esta função se amorteceu desde que se tornou em costume o antepor, sem grande necessidade, a qualquer substantivo o vocábulo *o, a*, tornando-o seu companheiro quase inseparável. Desde então passou o demonstrativo a ser artigo.

591. É condição essencial do artigo o ter após si claro o nome de que depende, o qual será um substantivo ou outro vocábulo usado como tal. É por isso que a palavra *o*, originariamente a mesma, é artigo em *o bom livro, o escrever*, ao passo que continua na categoria de pronome demonstrativo em *livro melhor que o de Pedro, o que Pedro possui*.

592. A anteposição do artigo ao nome tem por fim avivar a atenção da pessoa a quem nos dirigimos. Lembra-lhe que o de que falamos lhe é conhecido, servindo o artigo para apontar mentalmente o dito objeto, como em *o Sol, a Lua, o mundo, o ar, a terra, o mar*. Aponta igualmente para cousas e indivíduos de que se tem conhecimento pela educação religiosa, literária ou outra, como *o céu, o inferno, o paraiso*,

o demônio; mas não se ajunta à palavra *Deus*, salvo se vem acompanhada de expressão que lhe restringe o sentido.

593. Nomes de virtudes e vícios, e noções abstratas em geral, dizem-se com o artigo. Têm também artigo o apelativo concreto no singular, não somente quando o apelativo se refere a um indivíduo determinado, mas ainda quando figuradamente, se toma o indivíduo pela espécie inteira: “*o cão me mordeu*”; “*o cão é útil ao homem*”. No plural o artigo assinala a totalidade tanto dos indivíduos em geral, como dos compreendidos em certo espaço ou tempo. A ausência do artigo, pelo contrário, dará a entender que se fala apenas de indivíduos de número incerto.

594. Apesar da incerteza numérica, o substantivo levará artigo se já houver sido mencionado anteriormente. Este emprêgo anafórico pode ver-se em: “*a casa foi assaltada por ladrões*; mas, sendo pressentidos, *os ladrões fugiram*”.

595. Nas enumerações, a repetição do artigo, chamando a atenção para cada um dos substantivos, mostra que se consideram os respectivos sêres como distintos entre si, ou separados pelo espaço ou pelo tempo:

O vento e o oceano são as duas únicas expressões sublimes (Herculano, *Eur.* 28) — Depois é que surgiu *o homem e a podridão, a arvore e o verme, a bonina e o emmurcheçar* (*ib.*) — *A generosidade, o esforço e o amor* ensinaste os tu em toda a sua simplicidade (*ib.* 34) — *Os frankos e os vasconios* talam as provincias do norte (*ib.* 36) — *O entusiasmo e o amor* tinham resurgido naquelle coração (*ib.* 12).

596. A não repetição do artigo indica que se consideram as cousas como estreitamente associadas, que os termos são sinônimos ou quase sinônimos, que os sêres, embora diferentes, coexistem ou a ação se passa com êles simultaneamente:

Se a tanto me ajudar *o engenho e arte* (Camões, *Lus.* 1, 2) — *Do capitão e gente* se apartou com mostras de devida cortezia (*ib.* 1, 56) — *Vestindo a forma e gesto humano* (*ib.* 1, 77) — *Pelo affecto e entusiasmo* nos impelle a quanto ha bom e generoso (Herculano, *Eur.* VII) — *Regulava os direitos e deveres communs* (*ib.* 3) — *Cederam por fim... á fortuna e ousadia* do ambicioso soldado (*ib.* 4) — *A luz ia... estampar nelles [muros] as sombras das columnas e arcos* enredados das naves (*ib.* 9) — *As idéas grosseiras do culto de Odin* não se tem apagado de todo *nos filhos e netos* dos barbaros, convertidos ha tres seculos á crença do Crucificado (*ib.* 9) — Era por uma destas noites... em que a soledade *das praias e ribas* fragosas do oceano é absoluta e tetrica (*ib.* 23).

597. A supressão total do artigo nas enumerações equivale a reunir ou associar rapidamente, tumultuariamente às vêzes, cousas diversas em um mesmo quadro:

Ao pôr do sol, gepidas, ostrogodos, scyros, burgundos, thuringios, hunos, misturados com outros, tinham mordido a terra catalaunica (Herculano, *Eur.* 26).

598. A ausência do artigo nas enumerações pode contudo ser devida à circunstância de se tratar de um número indeterminado de sêres:

Vem arnezes e peitos reluzentes, malhas finas e laminas seguras; escudos de pinturas differentes, pelouros, espingardas de aço puras, arcos e sagittiferas aljavas, partasanas agudas, chuças bravas (Camões, *Lus.* 1, 67).

599. É de notar que em seguida a este trecho o poeta, querendo chamar a atenção, escreve: *as bombas vem de fogo e juntamente as panellas sulfureas, tão danosas; porem aos de Vulcano não consente que dem fogo ás bombardas temerosas.*

600. Quando se usam os distributivos *um... outro...* com referência a palavras mencionadas antes, a linguagem hodierna só permite ante-por-se o artigo ao segundo termo. Data esta regra da era dos seiscentistas. Na linguagem antiga dizia-se *o um... o outro...* (como ainda hoje em francês *l'un... l'autre*):

Desculpando-se *o hum e o outro* (Zurara, *Inéd.* 4, 293) — *As humas* como *as outras* (*ib.* 441) — *Tomaste dous principios ambos falsos...* — *O hum* he o que disseste dos effectos... *O outro* principio falso he... (Heitor Pinto 1, 435) — É como a elle chegasse o Portuguez, e visse que falavam ambos a lingua italiana, *o hũ* por ser sua natural, *o outro* pola ter adquirida... saudou cortesmente (*ib.* 1, 305).

601. Este mesmo uso do artigo se fazia quando os distributivos eram expressos por numerais definidos:

Mil mouros... de que *os quinhentos* eram espingardeiros, e *os cento* bombardeiros... e *os outros* se chamaram servidores (Castanheda 4, 7) — Sete frades..., e *os cinco* tinha cada hũ sua cruz levantada, e *os dous* senhos retavolos de Nossa Senhora (*ib.* 5, 26).

602. Por outra parte, certas locuções, nas quais hoje nos parece indispensável o artigo, como *aos milhares, aos gritos*, etc., eram usadas outrora, e ainda no século XVII, sem tal determinação:

Os... que se bautizaram e fizeram christãos, não só se contaram *a milhares*, senão *a milhões* (Vieira, *Serm.* 8, 395) — Para que o sangue... dissesse *a gritos* quão verdadeiramente amava (*ib.* 2, 395) — Os vão contando *a pares* e nomeando de dous em dous (*ib.* 2, 356) — Guardas e escuitas, *a longe e a preto* [= perto] (Fernão Lopes, *D. J.* 219; porém em Vieira já: nem se doam *ao longe...* nem *ao perto*, *Serm.* 8, 464) — Lá hão de estalar *a pedaços* (Vieira, *Serm.* 2, 428) — Se no altar dera pão *a moyos* (*ib.* 5, 423).

603. Em português antigo usava-se a locução *em outro dia* como equivalente do moderno *no outro dia, no dia seguinte*:

Em outro dia pella manhã veo Barlaão ao infante Josaphate (*S. Josafate* 16) — E mandou dizer a Zardã que *em outro dia* o queria ir veer (*ib.* 19) — *Em outro dia* foi fama polla terra que Barlaão era preso (*ib.* 22) — *Em outro dia* pella manhã foi elrei veer seu filho (*ib.* 34).

604. Em princípio, os nomes próprios de pessoas não levam artigo, porque aquê a quem falo em geral não conhece, uma por uma, as

peças que eu conheço. Seguem esta regra a linguagem literária e o falar culto; alguns autores todavia abrem às vezes excepção para os nomes de indivíduos de que já tinham feito menção anteriormente:

Dos dous primeiros seus filhos Cain e Abel, o Cain foi reprovado, e o Abel escolhido (Heitor Pinto 1, 344) — Foi muito ter o Imperador Vespasiano dous filhos Tito e Domiciano tão diferentes, que do Tito não se contam senão cousas boas, e do Domiciano senão muito más (ib. 1, 156) — Os galeões de Nuno Alvares Pereira, e de João da Silva, e de Gonsalo Pereira de Castro escaparam por novos, que puderam melhor sofrer os mares: das galeotas a do Ferreira desapareceu, Diogo Nunes Pedroso e o Tavares, em vendo os signaes da tormenta, se acolheram onde melhor puderam: o Tavares entrou pela barra de Baçaim sem saber por onde hia; Diogo Nunes Pedroso atinou com a barra de Dio (Couto, Déc. 8, 11).

605. Na linguagem de intimidade, e no falar do povo, antepõe-se com frequência o artigo a nomes de pessoas conhecidas daqueles com quem conversamos.

606. As vezes, a necessidade de distinguir um indivíduo de outro obriga a indicá-los por meio da palavra o:

Hũ Joseph foy o que sonhou, e outro Joseph foi o sonhado. O Joseph que sonhou foi Joseph o filho de Jacob, o Joseph sonhado foi Joseph o esposo de Maria (Vieira, Serm. 7, 496) — O Joseph filho de Jacob sonhou sómente... Segue-se logo que o Joseph verdadeiramente sonhado foi o esposo de Maria (ib. 7, 496).

607. Nomes de rios, montes, e de certos mares usam-se com o artigo, não se referindo contudo êste ao nome próprio, mas ao apelativo (rio, monte, mar) que se tem em mente: o Paratba, o Vesúvio, o Báltico, o Adriático, o Atlântico, o Danúbio, etc.

608. Análogamente, por subentender-se o termo "ilhas" se diz as Hébridias, as Cícladas, as Berlengas, as Antilhas, as Bermudas, as Canárias. Dizemos todavia no masculino os Abrolhos, os Açóres (ilhas dos Abrolhos, ilhas dos Açóres) por influência do gênero dêstes nomes considerados como apelativos.

609. Raras vezes se permite a elipse, tratando-se de ilha no singular, como a Trindade por a ilha da Trindade. Em geral, enuncia-se sómente o nome próprio, diz-se: Sardenha, Córsega, Malta, Madagascar, Chipre, Santa Helena, Cuba, Jamaica, etc.

610. Sem artigo se dizem os nomes de cidades, exceptuando o Cairo (em que outros idiomas também empregam o artigo, por influência do arabe *el-Kahira*, "a Vitoriosa"), assim como a Bahia, o Pôrto, o Rio de Janeiro, o Rio Grande por efeito da sua origem apelativa. Do francês tomou-se o Havre, a Haia (*la Haye*, tradução abreviada do holandês *s'Gravenhaag*). O uso atual, eliminando o artigo neste último nome, contraria a linguagem de Vieira, Sermões 11, 500: "da Haya passou a Lisboa".

611. Como o emprêgo do artigo não tem que ver com a maior ou menor extensão do território, deveriam usar-se sem êle não sómente as

denominações de cidades, mas ainda as de províncias e países. Vê-se, de fato, aplicada esta regra aos antigos nomes Portugal, Castela, Aragão, Leão, Múrcia, Valência, Granada, Marrocos, Navarra, Borgonha, aos modernos Bengala, Sofala, Angola, Benguela, Moçambique, Cambaia, Malaca, Colômbia, Honduras, Venezuela, Guatemala, Nicarágua e outros.

612. Mas a maior parte dos nomes em -a átono, de origem latina, ou creados segundo o tipo latino, e referentes a países e grandes regiões, aparecem em português moderno, principalmente a partir do século XVII, com a faculdade de admitirem o artigo feminino. Teria influído aqui a noção latente de "terra".

613. Exemplos camonianos por si sós não são decisivos, atendendo à circunstância de que o poeta mais de uma vez se referiria aos países como a cousas personificadas. Levando-se porém em conta a linguagem dos prosadores daquele tempo, conclui-se que de Africa, de Asia, em Africa, de Turquia, de França, etc., era ainda linguagem predominante. Já o padre Vieira admite francamente o artigo em: pela Africa, pela Asia e pela America (Serm. 5, 38); pelas terras da Africa, da Asia (ib. 5, 322); na Asia e na America (ib. 5, 321); santuarios da Europa (ib. 5, 343). Nem tem dúvida em escrever para a Grecia (ib. 5, 18); nas cidades da Grecia (ib. 3, 199); com a Turquia, da Turquia (ib. 5, 19); na Scithia (ib. 5, 494); nos desertos da Arabia (ib. 3, 200); pôsto que se revele ainda bastante conservador ao tratar de outros países: em Hespanha... em França... em Allemanha... (ib. 5, 374). Algumas vezes o artigo pode ser ditado pela necessidade da clareza: "deixa a João a Asia, a André a Grecia, a Felipe a Sythia, a Bartolomeu a Armenia, a Matheus a Ethiopia" (ib. 5, 200).

614. A anteposição do artigo aos referidos nomes tornou-se cada vez mais comum e parece generalizada hoje em dia.

615. Em a Índia, a China, a Indo-China o emprêgo da palavra a foi sempre obrigatório, assim como o masculino o em o Japão, o Indústão, o Tibet[e], o Pamir, o Montenegro. Fixou-se também o emprêgo do artigo em o Egipto. (Em Vieira há bastantes exemplos, pôsto que de vez em quando ocorra também Egipto sem artigo). A forma masculina nestes nomes deve-se parte às terminações, parte à circunstância de subentender-se o termo "país".

616. Em o Brasil antepôs-se ao nome o artigo no tempo em que o vocábulo ainda era apelativo, mas decisivo para a sua conservação no nome próprio foi a noção "país".

617. O primitivo conceito de "rio" determinou o uso do artigo em o Amazonas (província, estado), o Maranhão, o Amapá, o Paraná, o Pará, o Ceará, o Piauí. Perdeu, pelo contrário, o termo apelativo toda a sua influência em Mato Grosso, Alagoas e Minas Gerais, desaparecendo nestes dous últimos, com o artigo, o conceito de pluralidade (diz-se

por exemplo "Minas Gerais produz muito"; "Alagoas é um estado marítimo").

618. Deve-se provavelmente à elipse o uso do feminino em *a* (capitania) *Paraíba*.

619. Em *o Peru, o Chile, o México, o Canadá, o Panamá*, o artigo pode ser atribuído à noção latente de "país", assim como à circunstância de serem geralmente masculinos os substantivos comuns com tais terminações. Pode também ser imitação do estrangeiro.

620. *Portugal* não toma artigo; mas diz-se *a Beira, o Minho, a Galiza, o Alentejo*, e, superfetadamente, *o Algarve* (*al Garb* em árabe quer dizer *o Ocidente*).

VERBOS:

ESPÉCIES, FORMAS E SIGNIFICAÇÃO

621. Verbo é a criação lingüística destinada a expressar a noção predicativa. Denota ação ou estado e nas línguas do grupo ariano possui sufixos próprios, com que se distingue a pessoa do discurso e o respectivo número (singular ou plural; em alguns idiomas também o dual), o tempo (atual, vindouro ou pretérito) e o modo da ação (real, possível, etc.).

622. O desaparecimento de certos sufixos pessoais determinou em várias línguas modernas a necessidade de antepor ao verbo o pronome pessoal da 1.^a e 2.^a pessoa e o da 3.^a quando não vem enunciado o substantivo sujeito. Em português o uso do pronome pessoal não é obrigatório senão na 1.^a e 3.^a pessoa do singular de certas formas verbais idênticas quando assim o exigir a clareza do pensamento. Nos demais casos o pronome serve apenas de refôrço enfático.

623. Chamam-se formas *finitas* do verbo tôdas aquelas que vêm sempre referidas a uma das três pessoas do discurso e têm ou tiveram a respectiva desinência, como *escrevo, escreve* (latim *scribi-t*), *amava* (latim *amaba-m*) e *amava* (latim *amaba-t*).

624. A par destas, gera-se em todos os verbos um pequeno grupo de formas com aparência e função de substantivo (infinitivo), adjetivo (particípio) e advérbio (gerúndio). São estas as formas infinitas do verbo, assim chamadas por constituírem vocábulos sem referência especial a qualquer das pessoas do discurso.

625. Uma destas formas infinitas, o infinitivo, admite (no idioma português) uma formação secundária com as diversas desinências de pessoa; havendo portanto, além do infinitivo próprio ou impessoal, o infinitivo pessoal ou flexionado.

626. Os tempos do verbo são: para a ação que se passa no momento em que se fala, o presente; para a ação que já se passou o pretérito, subdividido em *imperfeito, perfeito* e *mais-que-perfeito*; e para o fato vindouro o futuro, o qual pode ser em relação ao presente, isto é, *futuro do presente*, ou em relação ao passado, isto é, *futuro do pretérito*. A êste último tem-se dado imprópriamente o nome de modo condicional.

627. De muitas maneiras se pode imaginar uma ação ou estado; mas

as formas verbais simples de que a nossa língua dispõe não nos permitem considerar mais de três modos verbais: o indicativo para a ação real, o conjuntivo, também chamado subjuntivo, para o fato duvidoso, provável, potencial, optativo, etc., e o imperativo, por meio do qual se expressa a ordem, o pedido, o convite, a súplica, etc.

628. A exposição sistemática de tôdas as formas de um verbo, finitas e infinitas, constitui a conjugação do verbo. São três os tipos de conjugação: na 1.^a o verbo tem o infinitivo terminado em *-ar*, na 2.^a em *-er*, e na 3.^a em *-ir*.

629. O verbo *pôr*, conquanto pareça constituir um quarto tipo, não é mais que a contração de *poer*, e devemos considerá-lo como verbo irregular da 2.^a conjugação.

Desinências Pessoais

630. Das desinências pessoais latinas não vieram ao português nem *-m* da 1.^a do singular (excepto o vestígio na forma *som* < latim *sum*, usada nos primeiros séculos do português antigo), nem *-t* da 3.^a do singular. A forma latina *est* reduziu-se a *é*. O sufixo *-nt* da 3.^a do plural entrou para a linguagem depois de reduzido a *-n*, resultando daí a nasalização da vogal precedente em *-un*, *-om*, *-am* ou *-ũ*, *-õ*, *-ã* (que por fim se fundiram no ditongo nasal *-ão*) e *-em* ou *-ẽ*.

631. Na 1.^a do plural todos os verbos conservam *-mos* < latim *-mus*. Intacto ficou *-s* da 2.^a do singular; *-sti* e *-stis* latinos tornaram-se *-ste*, *-stes*.

632. As desinências *-tes*, *-te* da 2.^a do plural continuaram a usar-se, abrandada a dental, sob a forma *-des*, *-de* ainda na linguagem do século XIV, estendendo-se êste uso a *sondes*, criação analógica por influência de *som* (português moderno *sou*), *somos*. Desta época em diante *sondes* simplifica-se primeiro em *sodes*, depois em *sois*, a dental do sufixo desaparece por tôda a parte, excepto no futuro do conjuntivo e infinitivo flexionado (nos quais se manteve, apesar da vacilação havida ainda entre seiscentistas), nas formas *vades* (presente do conjuntivo de *ir*), *sêde* (imperativo de *ser*), e no presente do indicativo e imperativo dos verbos monossilábicos (e compostos) da 2.^a e 3.^a conjugação *ver*, *crer*, *ler*, *ir* (que também tem a forma *is*: "porque *is* aventurar" Camões *Lus.* 4, 91), *rir* (*rides* a par de *ris*: *Senhores, lhes disse elle, de que vos ris?* Barros, *Clar.* 2, 209), *pôr*, *ter* e *ver*. Êstes três últimos fazem *pondes*, *ponde*, *tendes*, *tende*, *vindes*, *vinde*, com o vestígio da consoante nasal das radicais primitivas; os restantes verbos fazem *vêdes*, *vêde*, *credes*, *crede*, *ides*, *rides*, etc.

633. A tendência, que a reação conservadora não deixou ir por diante, de omitir a dental no futuro do conjuntivo e infinitivo pessoal, é atestada por exemplos muitos entre os quais êstes passos dos *Sermões* de Vieira: *para [vós] seres bem julgados* (5, 83); a par de *julgardes* (5,

85); *depois de vos pões em estado de penitencia* (5, 135); *se vos não converteres* (duas vêzes) (5, 151); *se morreres no estado presente, se não chegares a esse depois, que ha de ser de vós?* (5, 152); *que vos ouça quando o chamares* (5, 154); a par de *se chamardes a Deos de todo o coração* (5, 155), etc. A manutenção definitiva da dental deve-se naturalmente à necessidade ou conveniência, no tratamento cerimonioso, de diversificar a 2.^a do plural da 2.^a do singular.

Alternância Vocálica

634. Damos êste nome à mudança sofrida pela vogal temática em certas formas rizotônicas. Está neste caso a troca das vogais puras fechadas *e*, *o* respectivamente nas vogais puras abertas *é*, *o*.

635. Conservam-se alheias a esta alternância tôdas as formas rizotônicas de *chegar*, *ensebar*, *amancebar*, dos verbos em *-oar* (*voas*, *coroas*, etc.), em *-ear* (*ceio*, *passeias*, etc.), em *-elhar* (*emparelhas*, *aconselha*, etc.), em *-ejar* (*almeja*, *deseja*, etc., exceptuando *inveja*, *inveja*, *invejiam*), a forma *foi*, e atua finalmente como obstáculo à alternância, em falar brasileiro, a consoante nasal posta imediatamente depois da vogal: *gema*, *tema*, *ordenha*, *comes*, *tomam*, etc.

Nota. — No falar lusitano a tônica *o* soa como vogal aberta, em *come*, *tomas*, etc.

636. Exceptuados êstes casos, verifica-se a alternância regularmente na 2.^a e 3.^a do singular e 3.^a do plural do presente do indicativo, bem como na 2.^a do singular do imperativo de qualquer verbo com uma das mencionadas tônicas puras, desde que esta venha seguida de outro fonema: *queres*, *quer*, *choras*, *chora*, *adorna*, *rolas*, *chove*, *escreve*, *bebe*, *percebe*, *recebem*, *alegra*, *espera*, *fornece*, *resolve*, *fenece*, *cresce*, *descem*, *apóia*, *róis*, *dói*, *mói*, *tornas*, *tornam*, *jorras*, *olhas*, *olham*, *desfolham*, *rogas*, *jogas*, *rega*, *leva*, *sega*, *pegas*, *negas*, *despreza*, *perdes*, *governa*, *verte*, *fere*, *merece*, *adoece*, *veste*, *conserva*, *processa*, *refrescam*, *cessa*, *cede*, *gozas*, *afoga*, *escolhes*, *empregas*, *alterna*, *altera*, *berras*, *afivela*, *nivela*, *começas*, *protegem*, *mexem*, *forma*, *dorme*, *morre*, *torras*, *torce*, *despoja*, *arrojas*, etc.

637. A alternância estende-se à 1.^a pessoa do presente nos verbos da 1.^a conjugação: *adorno*, *corto*, *afogo*, *pego*, *nego*, *meço*, *levo*, *toco*, *noto*, *jogo*, *erro*, *sossego*, *esfrego*, *prego*, *choro*, *adorno*, *renovo*, *consolo*, *olho*, *molho*, *esboço*, *atravesso*, *cesso*, *alegro*, *espero*, *opero*, *altero*, *alterno*, *emprego*, etc.; e também a *peço*, *impeço*, *despeço* e *meço* dos verbos em *-ir*. Nos verbos em *-er*, porém, exceptuando a forma *quero*, a 1.^a pessoa resiste a qualquer mudança, ficando em contradição com as demais formas rizotônicas: *bebo*, *escrevo*, *movo*, *cedo*, *concedo*, *corro*, *esqueço*, *mereço*, *escolho*, *colho*, *devo*, *resolvo*, *mordo*, *estabeleço*, *pro-*

tejo, desço, cresço, mereço, apareço, forneço, reço, estabeleço, torço, aborreço, mexo, verto, etc.

638. O presente do conjuntivo, calcado todo, como é, no tema da 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo, necessariamente não terá senão vogal fechada nos verbos da conjugação em *-er*: *deva, resolveva, escrevas, mereça, mereças, apareça, escolham*, etc.; ao passo que com alternância se hão de usar *peça, peças, peçam, meça, meças, meçam*, assim como as formas conjuntivas da 1.^a conjugação: *comece, console, alegre, olhe, orne, cesses, espere, esperem, empregue, logre, negues, pegue, peguem, peque, chore, adore*, etc.

639. O verbo *dormir* tem as formas *dormes, dorme, dormem* com vogal tônica aberta, mas transforma em *u* a rizotônica de 1.^a pessoa: *durmo* (fenômeno este de que trataremos daqui a pouco).

640. Inversamente, os verbos *bulir, consumir, cubrir* (ou *cobrir*, mais usada na grafia moderna), *cuspir, destruir, engulir* [engolir na grafia atual], *entupir, fugir, sacudir, subir, sumir* e *tussir* [tossir na grafia atual], por analogia das formas *dormes, dorme, dormem* e imperativo *dorme* acabaram por transformar *u* em *o* aberto nos mesmos casos, dizendo-se, por exemplo, no indicativo: *subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem* e no imperativo: *sobe, subi*, etc. Na linguagem brasileira pronuncia-se *o* fechado nas formas alteradas de *sumir* e *consumir*.

641. A princípio estes verbos em nada diferiam dos demais verbos regulares (exceptuada apenas a forma *coverto* ou *coberto*, participio de *cubrir*). Assim no português antigo:

Quando fores em tal perigo... entam o *descubre* e dize (*Santo Graal* 37) — *Sube* [imperativo] em cima de mim (*Livro de Esopo* 11) — Porque fuges de my? (*Santa Maria Egípcica* na "Revista Lusitana" 20, 189) — *Fugem* ao mundo (*ib.* 200); Os sentimentos *acudem* (*Virtuosa Benfeitória* 104) — *Acudem* (*Inéd.* 5, 591).

642. Vestígios desta antiga linguagem são ainda:

Nunca o rio o *cubre* (*Lam. Inéd.* 5, 564) — Primeiro que entrem no mar se *sumem* por baixo no veram (*Barros, Déc.* 2, 8, 1) — *Sube* já este sobrado (*Gil Vicente* 3, 262) — Outra adição nos *acude* (*ib.* 3, 287) — *Encubres* (*ib.* 1, 333) — *Sumem-se* (*Arrais* 449) — *Descubre-me* [imperativo] sempre seus segredos (*Antônio Ferreira* 2, 344) — E tu Coimbra, *cubre-te* de tristeza (*ib.* 2, 236).

643. A adoção de *o* em vez de *u*, mais pronunciada a partir do século XVI, fêz-se contudo de modo desigual para os diversos verbos. Assim, ao passo que *foges, foge, fogem, acodes, acode, acodem* são formas do indicativo perfeitamente estabelecidas na linguagem de Camões e Antônio Ferreira, o imperativo na mesma linguagem continua a ser invariavelmente *fuge, acude*; por exemplo:

Acude cedo... *acude* e corre (*Lus.* 3, 105) — *Acode* o sangue (*ib.* 4, 29; 4, 37) — *Fuge, fuge*, lusitano, *fuge* das gentes perfidas (*ib.* 2, 61; 2, 62) — A luz clara *foge* (*ib.* 4, 67) — *Lhe foge* a vida (*ib.* 3, 82) — *Fuge* antes que o mao vulgo te profane (*Antônio Ferreira* 2, 282).

644. Durante todo o século XVI persistem *destrues, destrue, destruem* (assim como a forma *estruie*, etc.); no século seguinte entram a fazer-lhes concorrência *destroes, destroe, destroem*, *Vieira, Serm.* 9, 250 e 9, 252 (a par de *destruem*, *Serm.* 5, 17) para se tornarem finalmente a linguagem usada no português hodierno. *Consume, consumes, consumem*, desusados hoje, foram empregados por Antônio Ferreira (2, 146; 1, 61), Camões (*Lus.* 5, 2), Arrais (58), *Vieira (Serm.* 1, 258), *Gil Vicente* (2, 144) e *Filinto Elisio* (20, 92; 20, 211; ao lado de *consome* 20, 275). *Entupe, entupes, entupem* ocorrem em todos os quinhentistas e seiscentistas e, até, em Antônio Feliciano de Castilho: *entupem-se-lhe* as ventas (*Geórg.* 289).

645. Outro caso de alternância é o da transformação das vogais fechadas *o, e* respectivamente em *u, i*.

646. Mudança de *o* em *u* verifica-se em *durmo* e *durma, durmas* etc., do verbo *dormir* e nas formas de 1.^a pessoa *pus, pude* (latim *posui, potui*) ao lado das de 3.^a pessoa *pôs, pôde* [na grafia atual *pôde*].

647. Mudança de *e* para *i* dá-se na 1.^a do singular do presente do indicativo (e todo o presente do conjuntivo) de alguns verbos pertencentes à conjugação em *-ir*: *firo* (<português antigo **fero*<*feiro*); *sigo, sinto* (e compostos destes três verbos); *dispo, visto, minto* e *advirto*. A alternância estendeu-se a princípio às demais rizotônicas do indicativo e a outros verbos da mesma conjugação. Vestígios disto são, no português antigo, os imperativos *pidi* (por *pide*) (*S. Josafate* 16), e *viste-te* (*ib.* 13); e no português moderno, os imperativos *minte-lhe* (*Gil Vicente* 1, 303), *prosigue tu* (*ib.* 1, 319), *viste-te da sua lam* (*Heitor Pinto* 1, 176), *dá e fire quanto quizeres* (*ib.* 1, 45), *sigue-me firme e forte* (*Camões, Lus.* 10, 76), e o singularíssimo indicativo *prosigue* em português moderno (*Castro, Ulis.* 10, 49). Importa notar que na linguagem de Camões e outros escritores da mesma época, e também em documentos de eras anteriores lê-se somente *sigo, segues, segue, seguem* para as formas rizotônicas do indicativo de *seguir*.

648. Quanto às rizotônicas de *servir, sentir* (e compostos), *vestir* e *advertir* houve hesitações no português antigo e ainda nos autores de século XVI se nos deparam alguns exemplos discordantes do falar hodierno:

Vestam (*Santa Maria Egípcica*, "Rev. Lus." 20, 198) — *Servo, servamos, servo* (*S. Josafate* 26, 30; *Santa Maria Egípcica*, "Rev. Lus." 20, 198; *Inéd.* 3, 487; *Fernão Lopes, J.* 23) — *Sento* (*Santo Graal* 33; *Gil Vicente* 3, 314; *Arrais* 464) — *Consento* (*Gil Vicente* 2, 60) — *Sintem* e *sentem* (*Inéd.* 5, 566; *Leal Cons.*) — *Synto* (*Leal Cons.* 63) a par de *consente* (*Leal Cons.* 14) — *Sintem, sinte* (*Fernão d'Oliveira, Gram.* 38, 39) — *Consintem* (*Fernão d'Oliveira* 45) — *Advirtem* (*Arrais* 105).

649. Mudança de *e* para *i* sofreu também a 1.^a pessoa do singular de *impedir* e *despedir*, fazendo *impido, despido* (daí o conjuntivo *impida, despida*) e a alteração se estendeu ao imperativo. Perdurou muito tempo esta linguagem, sendo ainda usada por escritores seiscentistas:

Despide essa tu'alma (Ferreira 2, 263) — Com esta ultima advertencia vos *despido*, ou me *despido* de vós (Vieira, *Serm.* 2, 343) — Não havendo violencia que as [águas] *impida*, se unem debaixo de huma superficie planissima (Bernardes, *N. Flor.* 4, 419) — Nem os [pobres] *despidamos* de todo vasio, nem a vida dos necessitados se converta em despojos de embusteiros (*ib.* 4, 405).

650. Em Francisco Manuel de Melo (*Ap. Dial.* 141 e 33) ocorrem já *despeço*, *despeça*, que com *impeço*, *impeça* acabaram por desalojar de todo as dicções antigas. Crearam-se estas novas formas por analogia de *peço*; modelou-se pelo verbo *pedir* a conjugação de *impedir*, *despedir* por dominar o sentimento de serem êstes dous verbos oriundos daquele. Na realidade, porém, filiam-se ao latim *impedire*, *expedire*, ao passo que *pedir* procede do latim *peto* (>**petio*), *petii*, *petitum*, *petere* (*).

651. Da alternância vocálica resultaram ainda *fiz*<português antigo *fize*<latim *feci*, em contraste com *fêz*<português antigo *feze*<latim *fecit*, e *quis*<português antigo *quise*<latim *quaesii* e *quaesiiit*.

652. Do verbo *remir* são desusadas as rizotônicas, suprimindo-se a sua falta com o emprêgo do erudito *redimir*. Em escritores de outrora ocorrem exemplos do emprêgo das formas rizotônicas:

Onde as culpas se encobrem, ou escusam facilmente, e se *rimem* mais levemente as penas (Luc. 1, 271) — Não só os *rime* e livra da cadea (Vieira, *Serm.* 2, 196) — Almas e corpos se *rimem*, almas e corpos se resgatam (*ib.* 2, 201).

653. Para os verbos *ferir* (e *conferir*, *referir*, *proferir*, *inferir*, etc.), *seguir* (e *conseguir*, *perseguir*, *prossequir*), *despir*, *servir*, *advertir*, *digerir*, *ingerir*, *divergir*, *competir*, *discernir*, *aderir*, *inserir*, *repetir*, *refletir*, *sugerir*, *repelir*, *divertir* fixou-se o uso da dupla alternância nas rizotônicas do indicativo e imperativo a saber: vogal *i* na 1.^a pessoa, e *e* aberto na 2.^a e 3.^a: *firo*, *feres*, *fere*, *ferem*, *repito*, *repetes*, etc.

654. Em *mentir* e *sentir* dá-se a modificação na rizotônica de 1.^a pessoa, não se tolerando, em português moderno, modificação alguma nas outras rizotônicas, por não o permitir a vogal nasal.

655. Em *agredir*, *progredir*, *transgredir* e *prevenir* usa-se a alternância em *i* em tôdas as rizotônicas: *agrído*, *agrides*, *agride*, etc.; *previno*, *prevines*, etc.

(*) Do verbo *petere* ocorrem na Ibero-România duas formas para a 1.^a pessoa do presente do indicativo: *peço* (de **petio*), usado em Portugal e fixado na linguagem literária deste país desde os mais antigos tempos; e *pido* (de *peto*), próprio do espanhol e de alguns falares regionais de Portugal. Observo a este propósito que laboraram em equívoco os que afirmam se usasse antigamente em português literário *pido*, *pida*, *pidas* etc., em vez de ou a par de *peço*, *peça*, *peças*, etc. Tal maneira de dizer era tida por plebeísmo. *Peço* é a forma sempre usada nos textos antigos: *peço te que tu a çerçassas* (Santo Amaro 514); *eu mais bem te peço que nom tenho merecido* (D. Duarte, *Leal Cons.* 320); *Senhores peço-vos hãu dom: que me outorguedes o que vos quero pedir* (*Livro de Linhagens* fl. XVI); *ora vos peço que me talhedes a cabeça com esta spada* (Santo Graal 31); *peçovos por merçee que me leixedes hir em vossa companhia* (*ib.* 45); *eu vos peço tanto que sejades meus ospedes* (*ib.* 51); *porém vos peço por merçee que me perdoees* (Fernão Lopes, *D. J.* 27); *desto vos peço eu perdom e nom doutra cousa* (*ib.*).

656. Desaparecida a desinência *-t*, e simplificada a forma latina *est* em *é*, todos os verbos necessariamente tiveram de terminar em vogal na 3.^a do singular. Todavia em *val*, *quer*, *faz*, *jaz*, *praz*, *traz*, *diz*, *luz* e compostos de *-duz* (*produz*, *conduz*) não conseguiu a final *-e* sustentar-se como nos demais verbos de 2.^a e 3.^a conjugação. Da existência de antigas formas dissilábicas dão testemunho os seguintes passos:

Dizede que escudo *traze* (Santo Graal 62) — *Traze* hũ escudo (*ib.*) — Que armas *trage?* (*ib.* 86) — A vontade do padre *traze* a nossa alma a perigo (S. Josafate 26) — *Traze* (*ib.* 13) mas *praz* (*ib.* 14) — E que esto assy que fosse compydo *dize-o* o livro dos Rex em muytos logares (*Leal Cons.* 136) — Tira-lhes o booo e virtuoso prazer e *faze-os* desconhecidos (*ib.* 35) [porém na mesma página: "*fal-os* tornar ao primeiro cuydado"] — *Faze-o* antrepoer (*ib.* 56).

657. (*Êle*) *faze* e (*êle*) *traze*, *dize*, ocorrem na linguagem de D. Duarte ocasionalmente e já como concessão ao falar arcaico. Regular era naquele tempo o uso da terminal *-e* nos verbos em *-uzir*, como *enduze*, *produze*, prática de que ainda ficaram exemplos na linguagem quinhentista:

Vam per meia agua per que *transluze* a cor (Barros, *Déc.* 2, 8, 1) — Ali natura *produze* diferentes (Camões, *Lus.* 9, 58) — Qual *reluze* nas faces da donzella (*ib.* 9, 61) — Todos os effectos tem hũa só causa propria que os *produze* (Arrais 56) — Todas as vezes que os *reduze* á memoria, doe-se de si (*ib.* 80) — Nas *quaes* [embarcações] se vendião todas as cousas quantas a terra *produze* (Fernão Mendes Pinto 2, 333).

658. A forma *requere* (de *requerer* com a 1.^a pessoa do singular *requero*), foi sempre corrente, tanto no português antigo como entre quinhentistas e seiscentistas; mas, fato interessante, para a 3.^a do singular do frequentíssimo verbo *querer*, seiscentistas como quinhentistas não empregaram senão a forma simplificada *quer*. A forma dissilábica que a precedeu, e que ultimamente se tentou restabelecer em Portugal, não foi, que me conste, documentada sequer em português antigo. Infundada é a alegação da inexistência da dicção *quê-lo*, encontrável, pelo contrário, em:

E naquillo tambem comeo muito, *quello* metter em dieta (Sá de Miranda, *Vilhalpandos* 2, 218) — Pois ha tanto tempo que os leixou e *quellos* inda fazer mais saudoso (Barros, *Clar.* 2, 485) — *Quelo* a torto e a direito (Jer. Rib., *Fis.* 35) — Mas *quelo* a morte jantar (Antônio Prestes 281) — Está severo: *quelo* assy? (*ib.* 31) — Ella não perde quilate na linha, e *quela* lavrada? (*ib.* 451) — Crece a cubiça como a dita, *quella* elle seguir emquanto lhe respondem tambem as cartas (Luc. 1, 385) — Quer achar o menino Jesus... *quello* achar pendente dos braços e peitos de mãy (Vieira, *Serm.* 11, 262) — Quer ver-vos;... sim quer ver-vos; *quel-o* e deseja-o (Filinto Elísio 20, 173) — Cede á força: os teus vassallos o *querem*; *quello* o teu povo (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 83) — *Quel-o* sondar (Castilho, *Tart.* 82) — Ama ao senhor Tartufo e *quel-o* (Castilho, *Tart.* 57).

659. De *quere-o* é que não se sabe precedente algum em linguagem literária. A fundar-se a reforma do idioma escrito e falado hodiernamente no uso pré-clássico, os argumentos aproveitariam antes à restauração dos supramencionados, *praze, traze, faze*, etc. para a 3.^a pessoa e, até à restauração do pretérito *quise*, apesar da dicção *qui-lo*, à semelhança de *quê-lo* nestes passos:

Este commettimento *quillo* também fazer com este ardil (Couto, *Déc.* 8, 22) — Reccando o Biscaíno que se lhe fossem poucos e poucos, *quillos* atemorizar com mandar lançar pregões (*ib.* 8, 25) — *Quillo* ter junto a *sy* na corte (Vieira, *Serm.* 2, 41) — Bem pudera Agostinho retratar-se verbalmente... mas *quillo* fazer e publicar por escripto (*ib.* 3, 122).

660. Por efeito do fonema *j* (iota) passou o radical da 1.^a pessoa do singular a divergir das formas restantes em *faço* (<facio), *jaço* (<jaceo), *valho* (<valio <valeo), *meço* (<metio (r)), *peço* (<*petio <peto), *ouço* (<*autio <audio), *ouso* (<audeo), *vejo* (<*vedio <video).

Nota. — A 1.^a pessoa do singular do verbo *jazer* não se usa no falar hodierno, tendo-a suplantado a locução *estou deitado*. Encontra-se porém *jaço* em quinhentistas (Sá de Miranda 1, 5), e sobretudo no português antigo.

661. *Mouro*, a que no século XVI começa a fazer concorrência *morro*, por analogia das demais formas do verbo *morrer*, é a variante de *moiro*, metátese de *morio*(r).

662. *Trago* deve referir-se a **traco*<*traho*; para as outras pessoas se dizia *trajes* ou *trazes*, *traje* ou *traze*, *traz*, etc., prevalecendo finalmente as formas com a consoante *z*.

663. *Posso, podes, pode*, etc., e *digo, dizes, dizemos, dizeis, dizem* explicam-se facilmente pela evolução fonética.

664. Obscura é a questão da mudança do latim *perdo* em *perco*; ao passo que o português antigo *perço* (presente do conjuntivo *perça, perças*, etc.) resulta naturalmente de **pertio* **perdeo*.

665. *Arço*, usado ainda por quinhentistas, ao lado de *ardes, arde*, etc., e devido, como *perço*, ao parasitário fonema *j* (iota), provém de **artio*<**ardeo* por *ardo*.

666. A presença de *iota* e *i* depois da consoante *n* nos verbos latinos *tenere, venire* e *ponere* determinou a ação regressiva da nasalização da própria vogal radical, resultando daí *tẽio* (*tenho*), *tẽes* (*tens*), *tẽe* (*tem*), *tẽem* (*têm*), e semelhantemente *vẽio* (*venho*), *vẽes* (*vens*), *vẽe* (*vem*), e *vẽem* (*vêm*). Em *tẽ(e)mos* (*temos*), *tẽ(i)des* (*tendes*) de uma parte, e *vĩ(i)mos* (*vimos*), *vĩ(i)des* (*vindes*) da outra fêz-se sentir o tipo de conjugação a que cada um destes verbos pertence. Pôsto que *põer* pudesse desnasalar-se na forma infinitiva, em todo o caso não o fêz no presente indicativo nem em outras formas com o mesmo tema. Vieram assim ao idioma *põio* (*ponho*), *pões*, *põe*, *põ(e)mos* (*ponhos*), *põdes* (*pondes*) e *põem*.

667. Dos verbos românicos *cader(e), seder(e), creder(e)* e *leger(e)* resultaram *caer, creer, seer* e *leer* em português antigo, anulando-se a pronúncia de *d* e *g*. Dissilábicos foram a princípio estes verbos tanto no infinitivo como nas rizotônicas *crees, cree*, etc., do que dão testemunho vários exemplos da poesia antiga. Na 1.^a do singular evitou-se o ditongo que proviria do acréscimo direto de *-o* aos radicais acabados em vogal, inserindo o fonema *i* (iota) *caio, creio, seio* (e *sejo*) e *leio*.

668. *Caer* mudou-se em *cair* (*cahir*), dando portanto *caimos* (*cahimos*), *cais* (*cahis*). *Creer* e *leer* abreviaram-se em monossílabos, com as formas correspondentes; *crês, cré, cremos, lês, lê, lemos*. A tendência para o monossilabismo verifica-se também na grafia *crêm, lêm* por *crêem, lêem*. *Seer* sucumbiu pela forte concorrência que lhe fêz a locução *estar sentado*, e só através de algum velho anexim consegue aparecer no cenário da moderna linguagem literária.

669. *Sair* (*sahir*) de *salir(e)* é notável pela 3.^a do singular do português antigo *sal*, depois mudado em *sae* (*sai*), única forma em que se reflete intacta a radical latina. Nas outras pessoas temos *saio, saes* (*sais*), *saimos, sais, saem*.

670. Em *caibo* e *paio* patenteia-se a metátese de *capio* e *pario*. *Saber* é regular em *sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem*. A forma *sei* da 1.^a pessoa do singular teria resultado de **savio* <**sabio* <*sapio* análogamente a *hei*, que proveio de **haveo* <*habeo*.

671. *Aver* (ou *haver*, segundo grafia adotada mais tarde), perdendo a consoante *v* no presente, produziu as formas contratas *ei, ás, á, emos* (ao lado de *avemos*), *eis* (ao lado de *avedes*, português moderno *aveis*), *ão*.

672. *Dar* e *estar* formam respectivamente *dou, dás, dá, damos, dais* (português antigo *dades*), *dão; estou, estás, está, estamos, estais* (português antigo *estades*), *estão*.

673. *Sobreestar* conjuga-se como *estar*, ao passo que o contrato *sustar* e os compostos *prestar, restar, obstar, constar* (impessoal), assim como *circundar* seguem o tipo geral dos verbos da 1.^a conjugação.

674. O verbo defectivo **var* ou **vaer* (latim *vadere*) tem o presente do indicativo *vou, vais* (português antigo *vás*), *vai, vamos, vão*, faltando a 2.^a do plural. As três primeiras formas e a última suprem as formas pessoais de que ficou privado o verbo *ir*. *Vamos* concorre com *imos* e é linguagem geralmente mais aceita.

675. De *es, est, estis* do verbo latino *esse* ficaram em português *és, é*, desaparecendo a 2.^a do plural. *Sum* alterou-se em *som, são* e português moderno *sou; sumus* em *somos, sunt* em *som, são*. Para a 2.^a do plural criou-se, por analogia, *sondes, sodes, sois*.

Verbos em -ear e -iar

676. Todos os verbos em *-ear* fazem as três pessoas do singular e a 3.^a do plural do presente do indicativo respectivamente em *-eio*, *-eias*, *-eia*, *-eiam* (ou *-eo*, *-eas*, *-ea*, *-eam*, segundo a antiga grafia continuada por quinhentistas e seiscentistas).

677. Estas formas tem-nas todo o verbo a par do qual exista substantivo ou adjetivo da mesma raiz, terminado em *é* tônico, em *-eio*, *-eia*, ou *-éa*: *cear* (substantivo *ceia*), *assear* (substantivo *asseio*), *ratear*, *re-crear* (substantivo *recreio*), *recear*, *arear*, *arrear* (substantivo *arreio*), *sofrear*, *enfrear* (substantivo *freio*), *sopear*, *apear* (substantivo *pé*), *pear* (substantivo *peia*), *afear* (adjetivo *feio*), *alhear*, *enlear*, *permear*, *mear* (de *meio*), *bloquear*, *passear*, *prear* (substantivo *preia*), *menear*, *manear*, *estear* (de *esteio*), *idear*, *bolear* (de *boléia*), etc.

678. As mesmas formas do presente são próprias dos inúmeros verbos em *-ear* derivados de substantivos e adjetivos que terminam em consoante, ou em vogal átona *a*, *e* ou *o* precedida de consoante (exceptuando-se contudo *breve*, *amplo* e *lume* que deram *abreviar*, *ampliar* e *alumiar*): *marear*, *senhorear*, *vozear*, *florear*, *granjear* (de *granja*), *folhear*, *gorjear* (de *gorja*), *branquear*, *arquear*, *tartamudear*, *prantear*, *hastear*, *enxamear*, *sortear*, *nortear*, *banquetear*, *patentear*, *presentear*, *serpear*, *serpentear*, *afogear*, *enlamear*, *bronzear*, *esfaquear*, *boquear*, *cabecear*, *mimosear*, *falsear*, *saquear*, *tornear*, *nomear*, *esporear*, *escoucear*, *guerrear*, *macaquear*, *tutear*, *tourrear*, *sombrear*, *saltear*, *pratear*, *rodear*, *re-gatear*, *relancear*, *pleitear*, *desfeitear*, *rastear*, etc.

679. Seguem o mesmo tipo de conjugação: *vadear* ("passar a vau", derivado de *vadum*), *semear*, *atear*, *bruxolear* [na grafia atual, *bruxulear*], *bambolear*, *derrear*, *cecear* (pronunciar *cé*), *favonear*, *pavonear*.

680. Aos verbos em *-iar* pertencem as terminações *-io*, *-ias*, *-ia*, *-iam* (acento tônico em *i*) para as três pessoas do singular e a 3.^a do plural do presente do indicativo. Indicam estes verbos em geral a coexistência de substantivos e adjetivos em *-io*, *-ia*, dos quais em grande parte se originaram: *esfriar*, os derivados de *via* (*aviar*, *desviar*, *enviar*, *obviar*, *transviar*), de *lia* (por *liga*: *liar*, *aliar*, *desliar*), *enfiar* e *fiar*, *afiar*, *desfiar*, *expiar*, *viciar*, *iniciar*, *oficiar*, *copiar*, *enfasiar*, *basofiar*, *caluniar*, *bugiar*, *cambiar*, *ataviar*, *embaciar*, *arrepilar*, *propiciar*, *noticiar*, *esvaziar*, *auxiliar*, *conciliar*, *domiciliar*, *elogiar*, *vigiar*, *principiar*, *fantasiar*, *demasiar*, *policiar*, *seviciar*, *deliciar*, *beneficiar*, *prefaciolar*, *inebriar*, *ludibriar*, *industrializar*, *supliciar*, *cariciar*, *divorciar*, *preludiar*, *repudiar*, *tripudiar*, *contagiar*, *privilegiar*, *pressagiar*, *refugiar*, *plagiar*, *variolar*, *contrariar*, *salariar*, *secretariar*, *gloriar*, *inventariar*, *estriar*, *anistiar*, *injuriar*, *expatriar*, *repatriar*, *pronunciar*, *anunciar*, *renunciar*, *denunciar*, *aliviar*, *guiar*, *tosquiar*, *assobiar*, *insidiar*, *vadiar* (de *vadio*); os onomatopaicos *ciciar*, *piar*, *miar*, *chiar*; os verbos *sitiar*, *radiar*, *associar*, etc.

681. São ainda verbos regulares em *-iar*: *alumiar*, *abreviar* e *ampliar*, acima mencionados; *fiar* (radical *fid-*), *confiar*, *anuviar*, *saciar*, *extasiar*, *agraciolar*, *apreciar*, *depreciar*.

682. Com o verbo *crear* deu-se a singularidade da alteração das formas latinas *creo*, *creas*, *creat*, *creant* em *crio*, *crias*, *cria*, *criam*, que se conservaram na literatura português. Nas formações e derivados, em que o acento tônico passava para a terminação, o ouvido não distinguiria a vogal *e*; de sorte que somente à lembrança do étimo latino em conflito com a consciência da pronúncia se deve atribuir a vacilação entre *creador* e *criador* (falando de Deus), *creação* e *criação* (do mundo), etc., observável ainda em escritores seiscentistas. Desta incerteza tira partido o falar hodierno, sobretudo no Brasil, para definir dous conceitos distintos com dous verbos diferentes: *crear* (com formas próprias dos verbos em *-ear*), dar existência, tirar do nada, e *criar*, educar, cultivar, promover o desenvolvimento, crescimento ou cultura de coisa existente. Conseqüentemente diz-se: *Creator do mundo*, *creação do mundo*, *criador da lei*, *criação dos filhos*, *criador e criação de gado*, *de galinhas*, *de flôres*, *de hortaliças*, etc. São distinções exigidas pelas condições modernas da vida.

683. *Alumiar* conjuga-se como derivado regular do substantivo *lume* em Sá de Miranda 227, onde a forma *alumea* rima com *vea* e *chea*, e ainda no mesmo autor página 396. Heitor Pinto não conjuga o verbo senão *alumio*, *alumias*, *alumia*, etc. e o emprega muitíssimas vezes. A dúvida porém continuou a existir ainda em tempo de Vieira:

Deos a allumea (Serm. 5, 254) — *Deos que allumea* (ib.) — *Allumia* (repetidamente em Serm. 1, 264 e 1, 272) — *Allumea* (ib. 2, 260).

684. Vingou por fim a forma em *-ia* de que ocorrem abundantes exemplos em Manuel Bernardes.

685. Notória é a circunstância de certos verbos em *-iar* invadirem, com êxito variável, o domínio da conjugação em *-ear*. *Odiar* e *ansiar*, apesar dos substantivos *ódio*, *ânsia*, fazem *odeio*, *odeias*, *odeia*, *odeiam*, *anseio*, *anseias*, *anseia*, *anseiam*. Do mesmo modo *incendiar*, *mediar*, *remediar*. Conjugação análoga aconselha-se (*Dicionário de Aulete*) para *premiar*; mas ainda que se aponte um ou outro exemplo antigo neste sentido, vem isso contrariado pela formação normal cinco vezes usada em Vieira (Serm. 2, 425): *Deus sempre premia misericordia*, etc., e em este *Senhor premia com bemaventurança* (Bernardes, *L. e C.* 336); *Deos premia* (ib. 392). *Negocêo*, *negocêa* ocorrem em Sá Miranda (215, 226, 199), Vieira (Serm. 3, 332, 7, 327, 7, 419), e em Bernardes (*L. e C.* 109); *commercêam* em Vieira (*Cartas* 1, 37); *agencêa* em Bernardes (*L. e C.* 2, 50) e Filinto Elísio (3, 54); *reverenceão* em Vieira (Serm. 3, 195, 3, 473, 5, 293, 14, 143). No Brasil o falar vulgar é propenso a não abrir excepção para estes últimos verbos, dizendo *negocias*, *negocia*, *agenciam*, *comerciam*, *reverenciam*, do mesmo modo que *associas*, *influençias*, *evidenciam*, *silenciam*, *providenciam*, *estipendiam*, *vilipendiam*,

compendiam, diligenciam, distanciam. Pôsto que parte dêstes verbos em *-enciar* e *-endiar* se conjuguem em Portugal amaneiradamente como se pertencessem ao tipo *-ear*, parece que, tratando-se de criações modernas, sem apoio no uso tradicional, a analogia pediria se usassem as terminações *-io, -ias, etc.*, a par dos substantivos em *-io, -ia* de que os verbos se derivam.

686. *Gloriar-se* conjugado segundo o tipo dos verbos em *-ear* pertence talvez à linguagem popular de Portugal. Em linguagem escrita não teve boa aceitação. Ocorre em S. Josafate 11: *ẽ que te gloreas*, e em Jorge Ferreira (*Eufr.* 352): *que se glorea*. Êstes exemplos solitários nada provam; podem ser devidos a êrro de cópia. Filinto Elísio escreveu conscientemente: *de imitar meu nome te gloreias* (rimando com *alheias*) (2, 121), e *della se gloreia* (2, 158). Porém o que representa a tradição literária, e se nos depara em geral em linguagem antiga e moderna, é o verbo conjugado *glorio-me, glorias-te, gloria-se, etc.*:

E quem se quizer gloriar, em el se gloriij (D. Duarte, *Leal Cons.* 48) — E se gloriã em esta voontade carnal (*id.*, *Ens. de Cav.* 80) — Como te glorias (Sá de Miranda 428) — *Glorie-se* (P. A. Cam., *apud* Sá de Miranda 664) — Que se gloriã em haver muitas [mulheres] (Barros, *Déc.* 3 Pról.) — S. Paulo diz que se gloria nas tribulações (Heitor Pinto 2, 557) — Os verdadeiros religiosos gloriã-se de ser bem obedientes (*ib.* 1, 133) — E se gloriã nas tribulações sofridas (*ib.* 1, 271) — *Gloriam-se* tanto das galas os perdidos por esta vaidade (Vieira, *Serm.* 7, 398) — He possível que... não estime e se glorie muito (*ib.* 7, 400) — Hum engano de que a tua piedade muito se gloria (*ib.* 11, 462) — Quem se gloria na feitura da obra (*ib.* 11, 572) — Mais tem a inclita Lisboa de que se glorie por este só filho Antonio (Bernardes, *N. Flor.* 4, 368).

Imperfeito do Indicativo

687. Forma-se o imperfeito do indicativo acrescentando *-ava* ao radical dos verbos em *-ar*, e *-ia* ao radical dos verbos da 2.^a e 3.^a conjugação: *louvava, louvavas, louvava, louvávamos, louváveis* (de *louvávades*), *louvavam; recebia, recebias recebia, etc.; punia, punias, punia, etc.*

688. O complexo verbo *ser* tem o imperfeito *era, eras, era, etc.* filiado ao radical *es-* (verbo *esse*), cujo estudo compete à gramática da língua latina.

689. Do modelo em *-ia* afastam-se, aparentemente, as formas do português moderno *tinha*, imperfeito de *ter*, *punha* de *pôr* e *vinha* de *vir*. Êstes imperfeitos conservaram todavia até nossos dias, ainda que larvada, a nasal dos radicais latinos *ten-, pon- e ven-*, para os quais se transplantou o acento tônico próprio da terminação. Originaram-se as formas atuais de *vīia, tīia, pūia*.

Pretérito Perfeito do Indicativo

690. Os verbos em *-ar* formam o pretérito perfeito do indicativo acrescentando ao radical *-ei, -aste, -ou, -ámos, -astes, -aram*: *cantei, cantaste, cantou, etc.* Excluem-se *estar* com o pretérito perfeito modelado segundo o de certos verbos da 2.^a conjugação, e *dar*, com a 1.^a do singular *dei*, mas as outras pessoas como se fôra verbo da 2.^a conjugação (*deste, deu, etc.*). Nos verbos em *-ir* estas terminações se substituem por *-i, -iste, -iu, -imos, -istes, -iram*: *senti, sentiste, sentiu, sentimos, etc.* Exceptua-se o irregular *vir* com algumas terminações do tipo geral da 2.^a conjugação.

691. Êste tipo geral dos verbos em *-er* forma o pretérito perfeito com as terminações *-i, -este, -eu, -emos, -estes, -eram*: *nasci, nasceste, nasceu, etc.*

692. *Vir* faz *vim*, retendo a nasalização antiga, *vieste, veio, viemos, viestes, vieram*. Em português antigo havia *vēeste, vōo, vēeron*, de que se encontram exemplos em Nunes, *Crest. Arc.* 43, 63, 64, 68 e *passim*.

693. O verbos *teer* (português moderno *ter*) e *seer* (extinto, de *sedere*) produziram *teve* (desnasalização de *tēui*) e *seve* (de *se(d)ui*); *estar* deu *estêve* de *ste(t)ui* por *steti*. Para a 1.^a do singular ocorre em português antigo *seve* e *sive, tive, estive*; as demais pessoas eram *teveste, teve, te-vemos, etc., esteveste, estevemos, etc., seveste, seve, etc.* Hoje diz-se e escreve-se com *i*: *estiveste, tiveste, estivemos, tiveram, etc.* (*).

694. A formação latina em *-ui* é responsável não somente pela existência do pretérito perfeito excepcional dêstes três verbos, mas ainda pela produção de *houve, soube, coube, jouve, prouve e prougue, trouxe, trougue e trouxe*, para os verbos *haver, saber, jazer, prazer (**)* e *trazer*. O ditongo *ou* resulta de *au* por metátese: *habui* > **haubi* > *houve*; *sapui* > **sabui* > **saubi* > *soube* e análogamente *capui* deu *coube*, *placui, prougue. Trouxe* proviria de **traucsi* por *tracsi* e *trougue* de **traugue. Trouve* e *jouve* parecem resultar de *tra(g)ui* e *ja(c)ui*. Talvez se filiem diretamente a **trar* e **jar*, donde procederam as formas do futuro *trarei* e *jarei*.

695. O pretérito latino *potui* deu *pude* para a 1.^a do singular e *podeste, poude, podemos* (ou *podeste, pôde, podemos*), etc. para as outras pessoas. Hoje costuma-se pronunciar e escrever *pude, pudeste, [pôde], podemos, pudestes, puderam*.

696. *Posui* e *posuit* deram *puse* e *pose* e semelhantemente os compostos *propuse, dispuse, etc.* para a 1.^a pessoa e *propose, dispose, etc.*

(*) Os compostos *prestar, obstar, restar, constar*, enquadram-se perfeitamente na categoria dos verbos regulares da 1.^a conjugação.

(**) *Comprazer* forma regularmente *comprazi, comprazeste, comprazeu, etc.*: *Valem mil festins, nos quaes sabeis que nunca me comprazi* (Herculano, *M. de C.* 2, 235). Encontra-se todavia *comprouve* em Castilho, *Out.* 71. O pretérito *jouve* é desusado em português hodierno, sendo substituído pela formação regular: *Aqui jazeu criança* (Castilho, *Fausto* 216). Conseqüentemente dizemos *jazera, jazesse* por *jouvera, jovesse*: *Tinha-se atirado para cima da enxerga monasticas e ahi... jazera insensível* (Herculano, *M. de C.* 2, 222).

para a 3.^a Já no português antigo se manifesta tendência para reduzir estas formas a *pus*, *pôs*, etc.:

Pose-a [grafia *possea*] (*Santo Graal* 31) — *Pos-se* em oração (*S. Josafate* 18) — *Pose-o* (*ib.* 38) — *Pose-lhe* (*ib.* 40) — *Pos-se* de gíolhos (*ib.* 41) — *Pose* o pee (*Livro de Esopo* 27) — *Pose-os* (Fernão Lopes, *D. J.* 150) — *Pose-se* (*ib.* 234) — *E poz* na villa (*ib.* 238) — *Pos os pees* (*ib.* 246) — *Pose-lhe* nome (*ib.* 293) — *Propose* aquelle doutor (*ib.* 360) — *Eu propuse* (*ib.* 363) — *Me despuse* a padecer (*ib.* 307).

697. A linguagem literária moderna desde os quinhentistas aboliu, definitivamente em todos estes casos, o uso da vogal terminal.

698. Triunfou da mesma maneira a tendência simplificadora na luta entre *fize* (ou *fije*) e *fiz*, entre *feze* e *fêz*, e entre *quise* (ou *quije*) e *quis*:

Esto fige eu (*S. Josafate* 7) — Aquello que nom *quise* pera elles (*ib.* 17) — *Fize-o* [grafia *fizio*] (*ib.* 27) — *Feze-o* (*ib.* 10 e 15) — *Feze-lhe* (*ib.* 10) — *Fez-lhe* (*ib.* 30) — *Eu te fiz* (*Livro de Esopo* 50) — *Feze-o* (Fernão Lopes, *D. J.* 150).

699. Em alguns documentos antigos (*Cancioneiros*) ocorre também a forma *fezo* por *feze*.

700. Os compostos de *fazer* conjugam-se como o verbo simples: *refiz*, *refizeste*, *refez*, *refizemos*, *refizestes*, *refizeram*. *Requerer* segue a conjugação regular: *requeri*, *requereste*, *requereu*, *requeremos* *requerestes*, *requereram*; ao passo que *querer* faz *quis*, *quiseste*, *quis*, *quisemos*, *quisestes*, *quiseram*.

701. O pretérito perfeito *fui*, que em português tanto serve para o verbo *ser* como para o verbo *ir*, faz *fui*, *fôste*, *foi*, *fomos*, *fôstes*, *foram*. Em português antigo usou-se *foi* para a 1.^a pessoa e *fuste* para a 2.^a:

Eu soom natural de gualiléa e *foy* pagão (*Santo Graal* 85) — *Ey* nome juam o bastardo e *foy* filho de rei briam (*ib.* 108) — Tanto [eu] *foy* peccador, uelho e mancebo, que todos meus dias tenho perdudos (*ib.* 135) — *Entom fuste* prasmado (Fernão Lopes, *D. J.* 231) — *Porque fuste* revatada (*Santa Maria Egipcíaca*, "Rev. Lus." 20, 189).

702. *Ver* forma o pretérito perfeito como se se tratasse de verbo da 3.^a conjugação: *vi*, *viste*, *viu*, *vimos*, *vistes*, *viram*.

Derivações do Pretérito Perfeito

703. Com o acréscimo de *-ra* ao tema do pretérito perfeito, obtém-se o mais-que-perfeito; juntando *-sse* ao dito tema, forma-se o imperfeito do conjuntivo, e, finalmente, com a junção de *-r* ter-se-á o futuro do conjuntivo. O tema puro, que dá lugar a estas derivações, pode achar-se obscurecido na 1.^a e 3.^a do singular, mas revela-se bem nas demais formas pessoais. Exemplos: *houve*, *houvera*, *houvesse*, *houver*; *tiveste*, *tivera*, *tivesse*, *tiver*; *viemos*, *viera*, *viesses*, *vier*; *vimos*, *vira*, *visse*, *vir*;

quisemos, *quisera*, *quisesse*, *quiser*; *fomos*, *fôra*, *fôsse*, *fôr*; *pudeste*, *pudera*, *pudesse*, *puder*; *pusemos*, *pusera*, *pusesse*, *puser*; *cantaste*, *cantara*, *cantasse*, *cantar*; *merecemos*, *merecera*, *merecesse*, *merecer*; *servi*, *servira*, *servisse*, *servir*; *soube*, *soubera*, *soubesse*, *souber*; *fizemos*, *fizera*, *fizesse*, *fizer*, etc.

Futuro

704. As línguas românicas ficaram privadas das formas de futuro do indicativo que possuía o idioma latino. Supriu-se a falta, unindo ao infinitivo o presente de *haver* para o futuro do presente e criando análogamente o futuro do pretérito pela junção do imperfeito *havia* (contraído em *hia*) ao infinitivo. Deu este processo em português *cantarei*, *cantarás*, *cantará*, *cantaremos*, *cantaredes* (português moderno *cantareis*), *cantarão*; *cantaria*, *cantarias*, *cantaria*, *cantariamos*, *cantariades* (português moderno *cantarieis*), *cantariam*. E assim para os demais verbos.

705. De *fazer*, *trazer*, *dizer*, *jazer* não podiam proceder senão formas regulares como as dos seguintes passos:

Dizel-o ei logo ao infante (*S. Josafate* 8) — *Fazel-o emos* de manhã (*Livro de Esopo* 45) — *E ostras, trazerei* dellas? (Gil Vicente 3, 34) — *Ali onde seo corpo jazerá* ("Jos. Arim.", Nunes, *Crest. Arc.* 62).

706. Porém, além destas, usavam-se já no português antigo, e com mais frequência, estouras formas: *direi*, *diria*, *farei*, *faria*, *trarei*, *traria*, assim como o hoje quase desconhecido futuro *jarei*, *jaria*:

E jará ainda hi tres annos (*Santo Graal* 136) — *E a tua alma... jará* i ataa o dia que os mortos há de resurgir (*S. Josafate* 11) — *Se dormires jarás* e grã folgança (*ib.*) — *Jarei* (*Zurara, Inéd.* 3, 306) — *Jariam* (*Zurara, Guiné* 188) — *Até quando jaremos* neste somno (Sá de Miranda 28, 2).

707. Durante bastante tempo se atribuiu a existência destas formas mais breves à sincopação das formas mais extensas, sem no entanto dar a razão do curioso desaparecimento da sílaba em tão poucos casos. Hoje explica-se o fenômeno referindo os futuros *direi*, *farei*, *trarei* diretamente aos infinitivos *dir(e)*, *far(e)*, *trar(e)*, já existentes em latim vulgar. Para *jarei*, caso não se trate de uma forma analógica, haveria o infinitivo *jar*.

Imperativo

708. As formas próprias do imperativo, 2.^a pessoa do singular e 2.^a do plural, em geral não diferem das respectivas formas pessoais do presente do indicativo senão pela eliminação do *s* final: *canta*, *cantai*; *traze*, *trazei*; *faze*, *fazei*, etc.

709. O verbo *ser*, português antigo *seer* (latim *esse*), faz todavia *sê* (português antigo *sei*), *sêde*, formas idênticas às do extinto *seer* (latim *sedere*).

710. Para a 2.^a do singular de *dizer* usava-se em português antigo ora *dize* ora *di*, forma esta semelhante ao imperativo de *dicere* em outras línguas românicas:

Padre, di-me... todas as cousas (S. Josafate 16) — Dize-me [grafia *dizi-me*], padre, donde ouveste esta vistidura (ib. 13) — Dy ao abbade (S. Maria Egípcia, "Rev. Lus." 20, 188).

711. Na linguagem popular registrada por Gil Vicente:

Di, rogo-te... (2, 32) — Dize... (2, 161).

712. O imperativo latino *habe* deu em português (*h*)*ave*, que se usou em todo o período do falar antigo:

Ave ssiso e farás tua proll (Livro de Esopo 22) — Ave grã prazer (S. Josafate 46) — Ave misericórdia e piedade de mim ("Santa Pelágia", Nunes, Crest. Arc. 104).

713. No século XVI o falar popular ainda dizia:

Have tua gaita á mão (Gil Vicente 2, 309).

714. A linguagem literária neste mesmo século filia porém o imperativo diretamente ao presente do indicativo do verbo português:

Ha dó desta velhice (Ferreira, Poem. Lus. 2, 195) — Ha piadade e mágoa dos seus fermosos olhos (ib. 2, 211) — Ha piedade e mágoa de tanta fermosura (ib. 2, 213).

715. O verbo *ir* tem *ide* e *i* para a 2.^a do plural correspondentes às duas formas pessoais do presente do indicativo. Exemplos de *i*:

Por mercee hii la, amte que comecem e nom lho leixees fazer (Fernão Lopes, D. J. 30) — I lá tomar cuidado de filhos alheios (Sá de Miranda 2, 77) — I-vos aparelhar (Ferreira, Poem. Lus. 2, 195).

716. Os imperativos *tira* e *guarda* seguidos de pronome reflexivo reduziram-se a *tir-te* e *guard-te*:

Mas *guard-te* de fazeres peor ("Jos. Arim.", Nunes, Crest. Arc. 59) — *Guard-te* de arrependimentos sem cura (Ferreira, Obras 2, 292) — *Tir-te* lá, que não hei hoje lá d'ir (ib. 2, 308).

717. A linguagem literária moderna, exceptuando a frase *sem tir-te nem guar-te*, restabeleceu as formas completas destes verbos. Filinto Elísio 13, 292 ainda escreveu *guard-te*; não *m'as enxotes*, tendo o cuidado de dar em nota a explicação de *guard-te*.

718. A 2.^a pessoa do singular do imperativo de certos verbos distingue-se da respectiva forma pessoal do presente do indicativo não só-

mente pela falta da desinência, mas ainda pela diversidade da vogal tônica durante certo período da linguagem. Assim, sendo correntes as formas *pedes*, *vestes*, *mentes*, *segues*, *feres* dizia-se:

Pide a teu padre (S. Josafate 16) — *Viste-te* (ib. 13) — *Minte-lhe* (Gil Vicente 1, 309) — Essa licença *pide* tu á justiça (Ferreira 2, 317) — Isso *lhe pide* em tuas orações (Ferreira, Bristo 2, 362) — *Sigue* minha razão, minha vontade (id. 2, 220) — *Sigue-me* firme e forte (Camões, Lus. 10, 76) — E diz [S. Paulo] na primeira a Timotheo: Homem de Deus, *sigue* a justiça (Heitor Pinto 1, 152) — *Viste-te* de sua lam (ib. 1, 176) — *Dá e fire* quanto quizeres, o vaso de Anaxoras, que a Anaxoras nunca o ferirás (ib. 1, 45) — *Pide-me* quanto quiseses, que eu to darei (ib. 2, 734) — *Vai e vende* quanto tens, e dá-o aos pobres, e *sigue-me* (Vieira, Serm. 7, 172) — *Se me queres* lograr, *sigue-me* (ib. 4, 165).

719. Os quinhentistas, usando embora já invariavelmente *acodes*, *foges*, *cobres*, conservaram contudo a vogal *u* no imperativo:

Fuge minha ira (Ferreira 2, 225) — *Fuge*, coitada, *fuge* (ib. 2, 253) — *Acude* e corre, pai (Camões, Lus. 3, 105) — *Fuge, fuge*, lusitano (ib. 2, 61) — *Fuge* das gentes perfidas e feras (ib. 2, 62) — E tu, Coimbra, *cube-te* de tristeza pera sempre (Ferreira 2, 281) [Vide supra Alternância] — *Fuge* dos muytos, *fuge* dos poucos, *fuge* ainda dhum só (Heitor Pinto 1, 318).

720. O imperativo *fuge* ocorre ainda em Vieira:

Fuge delles [aduladores] como de inimigos (Serm. 4, 228) — *Fuge* daqui e vayte para a tua patria (ib. 4, 241).

721. *Poder* e *querer*, dada a sua significação, difficilmente se dizem no imperativo. Não se usa a 2.^a do singular. Do plural registram-se:

Queredes-vos de mim doer (Cancioneiro D. Dinis 40) — *Queredes*-vos doer do meu mal (ib.) — *Querei* ora a quem vos quer, dai ó demo a opinião (Gil Vicente 3, 151) — Estimai quem vos estima; se vos quizerem, *querei* (Prestes 333) — Amay a quem vos ama, e aborrecey a quem vos aborrece; isto he, *querey* bem a quem vos quer bem, e *querey* mal a quem vos quer mal (Vieira, Serm. 4, 77) — *Querey* tudo o que podeis (ib. 8, 80) — *Podey* e *querey* (ib. 6, 309-10).

Conjuntivo

722. Substituindo a terminação *-o* da 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo por *-e* nos verbos da 1.^a conjugação e por *-a* nos da 2.^a e 3.^a conjugação, obtém-se o tema do presente do conjuntivo: *cante*, *escreva*, *sirva*, *durma*, *sinta*, *faça*, *perca*, *jaça*, *meça*, *peça*, *acuda*, *veja*, *saiba*, *caiba*, *venha*, *tenha*, *ponha*, *possa*, *ouça*, *diga*, *siga*, etc.

723. Tão regular é esta formação que as rizotônicas estão sujeitas às mesmas regras de alternância relativas a 1.^a do singular do presente do indicativo. Confrontem-se *adores*, *adore*, *adorem* e *adoro*; *escreva*, *escrevas*, *escrevam* e *escrevo*; *durma*, *durmas* e *durmo*; *sinta*, *sintas*, *sintam* e *sinto*, etc.

724. Excepções: *haver* faz *haja*; *ser* faz *seja*; ao indicativo *vou* corresponde *vá*, *vás*, *vá*, *vão* em contradição com *dou* e conjugação *dê*, *dês*,

dê, etc. De *estar, estou*, usou-se em português antigo e entre os quinhentistas a formação regular: *estê, estês, esté, estemos, esteis, estêm (estêem)*. Por influência de *seja* alterou-se depois *estê* em *esteja*, que suplantou de todo a antiga forma.

725. *Querer, quero* faz *queira*; *saber* faz *saiba*.

726. A modelação do presente do conjuntivo pela 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo, levadas em conta as excepções que acabamos de mencionar, é regra resultante de condições fonéticas similares (v. g. *facio* e *facia-m*, *vides* e *videa-m*) completadas pela analogia.

Gerúndio

727. Como as demais línguas românicas, o idioma português não herdou do gerúndio latino senão a forma ablativa. Termina o nosso gerúndio em *-ando, -endo* ou *-indo*, conforme a conjugação a que pertence o verbo. Tem aplicação muito mais ampla que em latim, fazendo as vês do participípio do presente, o qual perdeu a função verbal, passando a servir de adjetivo e substantivo.

Participípio do Presente

728. O participípio do presente latino deu em português formas em *-ante, -ente, -inte*. Usadas porém em geral como substantivos e adjetivos próprios ditos, poucos vestígios deixaram da antiga função verbal. Diz-se ainda hoje *homem temente a Deus*, e os quinhentistas ainda podiam escrever:

Rei e senhor natural, não *reconhecente* superior em o temporal (Barros, *Déc.* 4, 7, 1) — Cousas *tocantes* a piedade natural (Arrais 511) — Ilheos de Ires e Meitarana, *circumstantes* a Ternate (Barros, *Déc.* 4, 7, 9) — Perlas ricas e *imitantes* a cor da Aurora (Camões, *Lus.* 10, 102).

729. Mas êstes dizeres dos quinhentistas devem-se levar antes à conta de latinismos do que à da linguagem espontânea e natural própria da época. A mesma cousa se há-de entender dos profusos exemplos de participípio do presente existentes na *Regra de S. Bento* e dos que se encontram nos documentos oficiais e legislação da idade média. Se fôsse próprio do falar usual, o participípio do presente não escassearia, como escasseia, nas narrações, descrições e crônicas que possuímos do mesmo período.

Participípio do Futuro

730. O participípio do futuro latino, de voz ativa, aparece em português apenas em alguns verbos intransitivos, com o mesmo conceito

de ação ainda não realizada: *vindouro* (latim *venturus*), *morredouro* (latim *moriturus*), *futuro*.

731. O participípio do futuro, de voz passiva, criação puramente erudita, em português, usa-se em *execrando* (= que deve ser execrado), *venerando, doutorando, examinando* e poucos casos mais. Uns empregam-se como substantivos, outros como adjetivos.

Participípio do Pretérito

732. Regra geral para formar o participípio do pretérito: mudar a terminação *-ar* do infinitivo em *-ado*, e *-er* ou *-ir* em *-ido*. Para os verbos da 2.^a conjugação possuía o português antigo também a forma *-udo*. *Leer, crear, teer* (e compostos) faziam constantemente *leúdo, creúdo, teúdo, reteúdo, conteúdo, manteúdo* (de que ainda hoje se conservam alguns vestígios). Quanto aos outros verbos vacilava-se entre *-udo* e *-ido*:

Sabudo (Fernão Lopes, C. J. 146, 227, 151) e *sabido* — *metudo* (ib. 170) e *metido* (ib. 245) — *conheçudo* e *conhecido* (ib. 197) — *atrevedo* (ib. 226) e *atrevido* (ib. 197) — *avudo* (ib. 204) e *avido* — *rreçebudo* (ib. 238) e *rreçebido* (ib. 263) — *proveudo* (ib. 293) e *provido* — *vemdudo* (ib. 337) e *vemdido* — *devudo* (ib. 343) e *devido* — *movido* (ib. 12) e *movudo* (ib. 32) — *Convertudo* (Santo Graal 42) e *convertido* — *confundidos* (ib. 43) e *confundudos* (ib. 44) — *comprendudo* (ib. 27) e *comprendido* — *ascondudo* (S. Josafate 29) e *ascondido* (ib. 36 e 37) — *vençudo* (ib. 34) e *veñçudo* (ib. 45) — *perduto* (ib. 38) e *perdido* — *estendudo* (ib. 44) e *estendido*, etc.

733. Livres do processo nivelador ficaram desde os começos do idioma português até os nossos dias *feito, dito, escrito, coberto, aberto, pôsto* respeitando-se a formação latina, e *visto* correspondendo ao latim *visum*. O participípio de *vir, vindo*, não resulta diretamente do latim *ventum*, e sim do português antigo *viir*, do mesmo modo que *findo* procede do português antigo *fiir*.

734. Alguns verbos têm, ou tiveram, dous participípios: um regular em *-ido* ou *-ado*, e outro irregular, proveniente do latim ou creado no próprio idioma português. A história dêstes participípios varia de verbo para verbo. Para obviar ao embaraço da superfluidade, procura-se em geral ou eliminar uma das formas, ou dar-lhe aplicação diferente:

735. ACEITADO e ACEITO: Participípio de *aceitar* é *aceitado* conforme a linguagem de quinhentistas e seiscentistas, que o empregavam junto a *ter*, junto a *ser*, nas construções de participípio absoluto e também como adjetivo:

Acceitada esta obediencia per elrey de Lião (Barros, 2, 6, 1) — Começava de denunciar a secta que *tinha acceptada* (ib. 1, 9, 3) — Que a fé de Jesus Christo Nosso Redemptor *fosse* per elles *acceptada* (ib. 1, 9, 5) — *Acceitadas* estas pazes (João dos Santos, *Et.* 1, 104) — A rainha, *aceitado* o governo... começou com muita severidade a tratar os negocios (Bernardo da Cruz, *D. Seb.* 1, 29) — Publicada esta sentença, *foi acceitada* de ambas as partes com grande contentamento (Fernão Mendes Pinto 3, 165) — Entrava em novo escrupulo

de *ter aceitado* (Sousa, *Arc.* 1, 64) — No anno seguinte... no qual *foi aceitado* o convento polla Provincia (*ib.* 1, 155) — O credito de Antonio Rodrigues de Moraes *está aceitado* (Vieira, *Cartas* 1, 71) — Renunciando-a depois de *aceitada* (Vieira, *Serm.* 2, 11) — Pois se as espadas *erão* duas e ambas *aceitadas* e aprovadas por Christo, como necessarias, porque prohibio o Senhor a segunda...? (*ib.* 1, 804) — Dizendo-se que os thesouros forão offeredicos, não se diz se *forão aceitados*, ou não (*ib.* 4, 530) — Morte de cruz, escolhida e *aceitada* livremente (Bernardes, *L. e C.* 318) — *Tinha aceitado* o principio de morrer (*ib.* 468).

736. Conjuntamente com o particípio *aceitado*, andava em uso o vocábulo *aceito*, servindo êste de adjetivo e tendo o sentido de “agradável”:

Foi eleito, e *aceitado* com muita conformidade, e alegria de todos os Religiosos... Aos padres mais graves da provincia foy em especial *aceita* a eleyção, entre os quaes o Mestre frey Luis de Granada (Sousa, *Arc.* 1, 37) — E por ser mais *accepta* [esta infernal doutrina], tomavam-lhe as filhas por molheres (Barros, *Déc.* 1, 9, 3) — Pera offerer oblação *accepta* a Deos (*ib.* 1, 8, 2) — Pera nella e por ella ser mais *aceito* e agradável a Deos (Vieira, *Serm.* 9, 291) — As outras taes razões a todos forão *aceitas* (Barros, *Déc.* 2, 3, 7).

737. Referindo-se a pessoas, o vocábulo *aceito* podia tomar a acepção “favorito”, “preferido”:

Dadivas... que deo aos seus *acceptos* (Barros, *Déc.* 1, 9, 6) — Transtornavam o animo dos *aceitos* delrey (*ib.* 3, 2, 2) — Gastava... em grossas peytas aos *aceitos* a elrey (*ib.* 2, 2, 9).

738. Em português hodierno dá-se a *aceito* a função de particípio em competência com *aceitado*, privando o vocábulo da significação que outrora tinha; e já como concessão à tendência da linguagem popular nota-se um ou outro trecho em Vieira:

Mas que faria o Divino Assegurador, *tendo* já recebido, ou *aceita* em promessa a parte do cabedal? (*Serm.* 8, 283) — A mesma lançada que recebo depois de morto, já a *tinha* antevisto e *aceito*, estando vivo (*ib.* 7, 351).

739. COMESTO, COMIDO: A forma herdada do latim foi cedo substituída pelo uso do particípio em *-ido*. Ocorrem todavia exemplos de *comesto* em português antigo e na linguagem quinhentista a par da forma regular:

Depois que o Conde e ho Meestre ouverom *comido* (Fernão Lopes, *D. J.* 26) — Nuno Alvarez se deceo do cavallo... nom avendo ainda *comido* nenhũa cousa (*ib.* 159) — E seendo já delle muito *comesto* [pelos cães] soterrarom-no (*ib.* 26) — Que vejão os Mouros se temos nós os cavallos *comestos* (Zurara, *Inéd.* 3, 128) — Tres dedos de taboa ás vezes *comesto* do busano (Barros, *Déc.* 2, 7, 1) — [As tapiocas] querem-se *comidas* quentes (Gabriel Soares 155) — Ha uma casta de mandioca que se quer *comesta* de anno e meio por diante (*ib.* 153).

740. CINTO, CINGIDO: Recebeu do latim o português antigo o particípio *cinto*, e dêle fêz largo uso:

Espada que tinha *çinta* (Fernão Lopes, *D. J.* 47) — Com cotas e braçaes e espadas *cintas* (*ib.* 362), etc.

741. Mas *cingir* não escapou à tendência de formar o particípio dos verbos em *-ir* segundo um só tipo:

[Vio levar] *cingida* a espada (Fernão Lopes, *D. J.* 320).

742. Generalizando-se em português moderno o emprêgo da forma nova, desapareceu de todo o vocábulo *cinto* como particípio. Dêste modo, em lugar da obscura linguagem *cintos de cintas ou de cordas* (Nunes, *Crest. Arc.* 29) passou-se a dizer: *tirada a cinta com que andava cingido* (Barros, *Déc.* 3, 2, 1).

743. SITUADO e SITO: Do substantivo *situs* derivou o latim escolástico o verbo *situare* com o part. *situatum*. Além daquele substantivo usava o latim clássico o particípio *situs*, do verbo *sinere*, com a acepção de “situado”. O verbo português *situat* tem o seu particípio naturalmente em *-ado*. Raras vêzes dão os escritores preferência ao latinismo:

Gurupi, que é outra capitania *sita* entre o Maranhão e o Pará (Vieira, *Cartas* 1, 135) — Era o monte Horeb, *sito* no mais interior daquelle deserto (Vieira, *Serm.* 3, 197).

744. Em Arrais, *Diálogos* 255, há *sita* e *situada*. Conhecida é ainda a fórmula: *prédio sito à rua tal*.

745. PAGADO e PAGO: O português antigo oferece-nos inúmeros exemplos das duas formas usadas indiscriminadamente:

Se a divida he já *pagada* (“*Foros de Beja*”, *Inéd.* 5, 470) — Queremos e mandamos que seião *pagos* pelos nossos almuxariffes (*Livro Vermelho, Inéd.* 3, 394) — E já sabes como teu serviço ha de ser *pagado* (Zurara, *Inéd.* 3, 267) — E foi-lhe logo *pagado* o soldo dhuũ mes (Fernão Lopes, *D. J.* 148), etc.

746. A mesma prática foi continuada em português moderno tornando-se todavia mais freqüente o uso de *pagado*:

Os quaes damnos se os não pagou com a fazenda, foram *pagos* com sua morte (Barros, *Déc.* 1, 6, 8) — Foram *pagos* de seus soldos e mantimentos (Castanheda 3, 112) — Tu, de quem ficou tão mal *pagado* hũ tal vassallo (Camões, *Lus.* 10, 25) — O proprio povo tinha *pagado* uma parte das arrhas do seu casamento (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 185) — De sobejo tens *pagado* o erro de um coração inexperto (*M. de C.* 2, 180), etc.

747. O português hodierno dá em geral preferência ao particípio *pagado* omitindo de todo a linguagem *ser pagado*.

748. A origem de *pagado* particípio parece devida a uma nova adaptação semântica do substantivo deverbais *pagos* (como mais tarde succedeu a *gasto, ganho*) em frases dêste gênero: *êste dinheiro é pagado* (= pagamento) *para tal serviço*. Inaceitável é a hipótese da contração ou sincopação da vogal tônica (e mais a consoante seguinte) no vocábulo português *pagado*. Nem se percebe a que propósito viria tão singular redução de esforço, uma vez que perdurava o uso de *pagado* para os mesmos efeitos a que servia o particípio *pagos*.

749. O sentido primitivo de “pacificar” que teve o verbo *pagar* (latim *pacare* derivado de *pax, pacis*) manteve-se na expressão *irado e pagado* usada na fórmula estabelecida, com que os vassallos juravam fidelidade ao rei:

Eu Joam vos faço preito e menagem pelo vosso Castelo e Fortaleza... e vos acolherei e receberei no alto e no baixo della, de noute e de dia, e a quaesquer oras e tempos que seja, *irado e pagado*, com muitos e com poucos... (*Ordenações de D. Manuel* 1, tit. 55).

750. GASTADO e GASTO: O verbo *gastar* nunca teve outro participio do pretérito senão *gastado* no português antigo e no português moderno até o século XVIII, época em que se começa a introduzir na linguagem literária o substantivo deverbal *gasto* com função participial. Tem tomado tal incremento o seu uso, que já agora se evitaria o antigo participio em frases como as seguintes:

Munições *gastadas* (Castanheda 2, 79) — Tanta fazenda quanta tinha *gastada* (*ib.* 2, 10, 1) — Uns as armas alimpam e renovam que a ferrugem da paz *gastadas* tinha (Camões, *Lus.* 4, 22) — O tempo se resgata dando... tempo bem *gastado* por tempo mal *gastado* (Vieira, *Serm.* 9, 928) — Se foy mal *gastado* está cativo (Vieira, *ib.*).

751. GANHADO e GANHO: Participio sempre usado em português antigo e português moderno é *ganhado*. Igual atribuição se deu ao vocábulo *ganho* no século XIX, e na incerteza entre as duas maneiras de dizer, vai-se manifestando hoje predileção pelo participio intruso. Cotejem-se com o falar hodierno:

Vintém poupado, vintém *ganhado* (Provérbio) — Sustentaremos a honra que temos *ganhada* (Castanheda 1, 83) — Estas cousas estão *ganhadas* (Barros, *Déc.* 1, 1, 11) — Foram perdendo o que tinham *ganhado* (Vieira, *Serm.* 8, 267) — Adornos... *ganhados* pelo trabalho (Francisco Manuel de Melo, *G. Cas.* 117) — Tinham *ganhado* a immobildade (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 90).

752. MORTO e MORRIDO: A forma regular *morrido* só teve acção em linguagem literária de português hodierno. Não registrei exemplo anterior à época de Filinto Elísio:

O que porem é certo é não *ter morrido* o Duprez em casa do marquez de S. Jorge (Filinto Elísio, *Obr.* 20, 243).

753. Infinitas vêzes se emprega o verbo *morrer* nas descrições antigas, nos escritos de quinhentistas e seiscentistas, mas sempre com o participio *morto* conjugado naturalmente com o auxiliar *ser*, como nestes exemplos:

Nos tres dias que cometeo o vao, *eram mortos* vinte Portugueses (Barros, *Déc.* 1, 6, 5) — *Eram já mortos* trinta e sete homens [da doença] (*ib.* 3, 5, 10).

754. MORTO e MATADO: É singular a aversão que sempre manifestaram os escritores portugueses pelo participio derivado naturalmente do verbo *matar*. Existia todavia o vocábulo *matado*, sobretudo em boca de judeus, do que dão testemunho os três exemplos que ocorrem em

Gil Vicente 1, 350-351. Empregou-o freqüentemente Samuel Usque; porém a gente letrada cristã, quinhentista e seiscentista, conservou-se fiel à tradição de pedir o participio emprestado ao verbo *morrer*, dando-lhe significação ativa. São inúmeros nas crônicas e outros escritos os exemplos semelhantes aos seguintes:

Por elle Soldão neste tempo *ter morto* tres grandes capitães (Barros, *Déc.* 2, 8, 3) — Dous trabucos nossos que lhe *tinham morta* alguma gente (*ib.* 2, 5, 7) — *Tendo* hum Domoio, chamado Asmodeo *morto* até sete maridos a Sara (Vieira, *Serm.* 2, 318) — Respondeo elle que já *tinha morto* hum urso e hum leão (*ib.* 9, 417).

755. Excepcionalmente, encontramos em *Marco Polo* 45, v: *Muytos* [homens] *forom ally matados*.

756. Atualmente já não há prevenção contra *matado*, quer com o verbo *ter*, quer o auxiliar *ser*.

757. DEFESO e DEFENDIDO: A forma regular não era desconhecida do português antigo:

Esta ley seera *defendida* sotilmente per tantas provas e argumentos (*Côrte Imp.* 242).

758. Mas os escritores preferiam o participio alatinado:

Eram bem *defesos* dos que estavam em cima do muro (Fernão Lopes, *D. J.* 314) — O reino de Portugal foi por elle *deffeso* (*ib.* 88).

759. O verbo *defender* tinha também o sentido de “vedar”, “proibir”, e assim o empregaram ainda escritores do século XVI com o participio *defeso*:

Tinha o governador *defeso* a ele e aos outros que não passassem (Castanheda 3, 59) — Affonso d’Albuquerque tinha *defeso*... que nenhum homem de armas fosse em companhia dos mareantes (Barros, *Déc.* 2, 3, 4).

760. Hoje, *defeso* só se usa como adjetivo predicativo.

761. DESPESO e DESPENDIDO: Extremamente raro é o emprêgo de *despendido* na linguagem antiga. Na *Crônica de D. João* de Fernão Lopes ocorre este exemplo:

Vissem como o que elle avia era *dispendido* (2, 145).

762. Em compensação, era de uso freqüente o participio alatinado:

Os quaes contos... havia *despesos* na guerra (Fernão Lopes, *D. J.* 2, 181) — Tantas razões como... foram *despesas* (*ib.* 2, 190) — Foi todo aquell trabalho *despeso* em vaão (*ib.* 185).

763. João de Barros continuou a usar o mesmo participio:

Tinham já *despesa* toda a polvora (*Déc.* 2, 9, 5) — *Ter despeso* todo o cabedal (*ib.* 1, 1, 12).

764. Dos seiscentistas para cá não se conhece senão o particípio *dependido*.

765. RESOLUTO e RESOLVIDO: Em português hodierno o verbo *resolver* não tem outro particípio do pretérito além de *resolvido*. O seu antecessor *resoluto*, rebaixado hoje à categoria de simples adjetivo, serviu largamente à conjugação no período dos escritores seiscentistas. Vieira não emprega outra forma:

Ambas estas cousas sahirão hoje *resolutas* de hum conselho — Tenho *resoluto* de lhes tirar a vida e a coroa — Tem *resoluto* ou permittido (*Serm.* 2, 215, 218).

766. Filinto Elísio ainda usa *resoluto*, mas já admite também a forma regular:

Ficou *resolvido* que d'ali a dous dias partiriamos (*Obr.* 20, 163).

767. ASSOLTO, AUSSOLUTO (ABSOLTO, ABSOLUTO) e ABSOLVIDO: As duas primeiras formas são peculiares ao português antigo; em seu lugar usaram-se mais tarde as parentéticas como restituições eruditas:

Aquell que legasse e assolvesse na terra, seria legado e *assolto* nos ceos (Fernão Lopes, *D. J.* 301) — *Absoltos* de seus peccados (Sá de Miranda 1, 212) — Dom Lourenço se achou sem culpa e foy *ausoluto* (Castanheda 2, 35).

768. O português hodierno reconhece por particípio somente *absolvido*, já empregado por Bernardes em:

Foi *absolvido* [o corvo da excomunhão] e recuperou a saude (*N. Flor*, 1, 274).

769. F. J. Freire serviu-se da forma antiga em:

Quem morre fica livre de toda a obrigação e *absoluto* de toda a divida (*Sec. Port.* 94).

770. Vieira ainda usava o particípio alatinado:

Do cativoiro do peccado... ficamos *absolutos* e livres (*Serm.* 7, 190) — Lá huns hão de ser *absolutos*, outros condenados; cá todos saem *absolutos* (*ib.* 7, 191) Quando os dous havião de ficar *absolutos*, todos tres forão condenados (*ib.* 7, 208).

771. ELEGIDO e ELEITO: Os escritores do português antigo não tiveram escrúpulo em adotar o particípio em *-ido*. Assim Fernão Lopes:

Pode seer *emlegido* — Pessoa que ha de ser *emlegida* — Elles aviam *emlegido*, etc.

772. Porém a reação erudita em português moderno tanto insistiu no emprêgo de *eleito*, que hoje é a forma geralmente aceita. Vieira, no sermão para o dia de S. Bartolomeu (2, 346-370), só se utiliza do particípio *eleito*. Mas os seiscentistas nem por isso desprezavam o particípio regular:

Doze apóstolos *elegidos* por Christo (Bernardes, *N. Flor.* 5, 523) — Forão *elegidos* (*ib.* 1, 333) — Tem *elegido* o meyo (Bernardes, *L. e C.* 32).

773. ENTREGUE e ENTREGADO: O vocábulo antigo *entregue*, provavelmente do latim *integer*, com alteração semântica, serviu de étimo ao verbo *entregar*, cujo particípio normal é *entregado*. Identificados porém os conceitos expressos pelos dous vocábulos, adjetivo e particípio, passou o antigo termo *entregue* a servir de particípio e a ser usado mais freqüentemente ainda do que a forma *entregado*. O trecho *e já entregado espera pelo golpe* (Camões, *Lus.* 3, 40) e alguns passos de Francisco Manuel de Melo indicam que *entregado* pode usar-se também com o sentido especial de “confiado”, “resignado”. Note-se ainda, na linguagem de outrora, o uso de *ser, estar* ou *ficar entregue de alguma cousa* e *entregar-se de alguma cousa*:

Fazendo por esto guerra a ell... ataa que fosse *entregue* dos ditos çem mill marcos douro (Fernão Lopes, *C. D. J.* 350) — Jorge d'Albuquerque tanto que foi *entregue* da fortaleza de Malaca, quiz logo entender nas cousas d'Elrey de Bintam (Barros, *Déc.* 3, 5, 4) — A toda conta e maneira queria elle *ser entregue* de tudo (*Itin.* 151) — Em me darem terlado de todo este processo, e hũa fee de como o consul *fyca*va *entregue* de tudo (*ib.* 260) — E por esta razão ficou o coja beirão por testamenteiro e absoluto senhor de tudo, e logo tomou e se *entregou* de toda a fazenda e dinheiro (*ib.* 141) — E logo lhescreevo a tripoly... e que... fosse laa *entregarse* daquela fazenda (*ib.* 260).

774. NADO e NASCIDO: Do particípio primitivo ficou em português até hoje o vocábulo *nada* (= nenhuma cousa), proveniente do latim *rem natam*. Com função participial conservou-se *nado* apenas na locução *sol nado*. Em linguagem medieval ocorre com freqüência o particípio de filiação latina sem contudo desprezar-se a formação popular *nascido*, e esta última vem a prevalecer do período quinhentista em diante.

775. TOLHEITO, TOLHIDO: Da forma antiga são exemplos:

(*Cancioneiro D. Dinis* 94) vol-o tem louqu'e *tolheito*, e (Duarte, *Ens.* 19): como se acertar em outra sella sera meo *tolheito*.

776. COSEITO, COSIDO: O antigo particípio foi ainda usado por João de Barros:

Zambucos *coseitos* com cairo (*Déc.* 7, 8, 4) — Meteo a nao ao fundo com os Mouros que a navegavam, todos *coseitos* em huma veela por não haver memoria delles (*ib.* 2, 14) — E Diego Pires com a galé grande e Payo de Sousa com a pequena fossem demandar as dos imigos *coseitas* em terra (*ib.* 2, 2, 7) — Hiam diante *coseitos* com a terra por descubridores (*ib.* 2, 1, 4).

777. COLHEITO, COLHIDO e compostos: Registra-se o particípio *colheito* em Sá de Miranda 500: *antes que este fruto fosse colheito*. Vingou o particípio regular, continuando contudo a usar-se sempre até hoje o termo *colheita* como substantivo. Para os demais verbos formados de *colhêr*, oscilava-se no século XVI entre as duas formas participiais, o que prova que já então estava condenada a desaparecer a forma mais antiga:

Como... esteve *recolheito* em as naos... *Recolhido* Affonso d'Albuquerque ás naos (Barros, *Déc.* 2, 6, 5) — Convinha ser *recolhido* (*ib.* 1, 8, 10) — O qual achou já desafrontado dos mouros por serem *acolheitos* ao palmar (*ib.* 1, 8, 8) — Souberam ser elle *acolhido* pera o palmar (*ib.*) — Está *recolheita* na maior fortaleza (Barros, *Clar.* 1, 9) — Era *escolheito* antre todollos os outros (*ib.* 1, 327).

778. SALVO, SALVADO: O verbo *salvar* tem várias acepções. Significando “saudar”, seu particípio é *salvado*. Tem o mesmo particípio se é tomado no sentido de “saltar”. Significando porém “livrar de perigo”, e conjugado com o verbo *ter*, diz-se ora *salvo* ora *salvado*. Desta forma regular são exemplos:

De lhe haveres *salvado* o redil (Filinto Elísio 13, 356) — O ter-me *salvado* de pretensões (*ib.* 20, 105) — Elle Nunalvares tinha em cem combates *salvado* a patria do dominio estranho (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 278) — Dez como elle haveriam *salvado* o imperio de Theodemiro (Herculano, *Eur.* 185) — Por terem... a elle... *salvado* infante (Castilho, *Geórg.* 243).

779. Diz-se também *os salvados do incêndio*, falando de objetos. Em outros casos é mais geral o uso do particípio *salvo*.

780. *Salvo* (e não *salvado*) também se usa, desde o português antigo, com o valor de preposição, significando o mesmo que “excepto”:

Salvo clerigos e homens (Fernão Lopes, *D. J.* 4, 310) — *Salvo* a tomada (*ib.* 4, 325) — *Salvo* aquella que fogira (*ib.* 4, 402) — Nom sayo ha peleja com mays armas, nem mays homens, *salvo* estes cynquo (*Doc. T. T.* 93) — Nam possa aver outras rendas nem direitos, *salvo os dizimos* (*ib.* 59) — Não toca as orelhas, nem a frente, nem outra parte do corpo, *salvo as mãos* (Arrais 31) — Acordarão... que os medicos não entendessem em curar *salvo os doentes das breves e remediaveis* [enfermidades] (*ib.* 65) — Lazaro, que ha de dar, *salvo as suas chagas*, a lambar aos cães? (Bernardes, *N. Flor.* 2, 168) — Foram todos pelo rio arriba, *salvo as galés* (Damião de Góis, *D. M.* 203) — Já ninguém ahí estava, *salvo os dous cavalleiros* (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 70).

Infinitivo

781. Além dos verbos com o infinitivo em *-ar*, *-er* e *-ir*, possui o português moderno o verbo *pôr*, o qual, tendo por terminação somente a consoante *r*, parece, à primeira vista, constituir uma conjugação à parte. Procede contudo este vocábulo do português antigo *po-er* < *pō-er* (latim *ponere*). É portanto um verbo contracto da 2.^a conjugação e explicável pela deslocação do acento tônico para o radical. Deu-se este fenómeno, ao que parece, por fins do século XV. Provas evidentes do acento tônico na terminação se encontram na antiga poesia dos *Cancioneiros*, já pela contagem das sílabas, já pela rima de *poer* com outros vocábulos em *-er*.

782. No infinitivo *vir* é costume considerar *-ir* como terminação, ficando *v-* para radical. Fazendo-se a análise à luz da história, chega-se a outra conclusão. Trata-se aqui de um verbo contracto. O latim *venire*

deu em português **vē-ir* > *vī-ir*. Deslocando-se depois o acento para o radical, ficou *vī-ir* e finalmente *vī-r*. O emprêgo dêste infinitivo com vogal nasalizada era corrente em português antigo como se vê a cada passo nos documentos daquela época (grafado *vinr* e *vijnr*). Dos quinzentistas para cá usa-se *vir* com a vogal pura.

783. Outros infinitivos contratos são *rir* de *riir*, *ter* de *teer* < *tē-er*, assim como *ver*, *ler*, *crer*, *ser* que procedem respectivamente de *veer*, *leer*, *creer*, *seer*.

784. Dos verbos de origem latina pertencentes à 2.^a e à 3.^a conjugação naquela língua só uma parte se ficou usando com a terminação *-er*, passando-se os restantes para a conjugação do tipo *-ir*. Estão no segundo caso *proibir*, *cumprir*, *fugir*, *pedir*, *falir*, *consumir* (e compostos), *repelir* (e demais compostos do latim *pellere*), *aspergir*, *persuadir*, *evadir*, *invadir*, *trair*, *espargir*, *aplaudir*, *submergir*, *discernir*, *dividir*, *residir*, *afligir*, *dirigir*, *exigir*, *oprimir*, *suprimir*, *comprimir*, *exprimir*, *extinguir*, *assistir*, *resistir*, *desistir*, *existir*, *consistir*, *abolir*, *atribuir*, *distribuir*, *argüir*, *anuir*, *delinquir*, *restituir*, *instituir*, *instruir*, *estruir*, *construir*, *incumbir*, *sucumbir*, *ungir* e outros.

785. Muitos dêstes verbos não ocorrem em português antigo senão como verbos da conjugação *-ir*, não se podendo apurar a época da transformação; outros, por sua vez, usaram-se, sem a menor dúvida, ainda por bastante tempo na linguagem literária com os característicos da 2.^a conjugação como se vê pelas seguintes formas:

cingeo-a (Santo Graal 13) — *confondeo* (*ib.* 90) — *confonderom* (*ib.* 92) — *fingeo* (Fernão Lopes, *D. J.* 15, 45, 155) — *enfinger*, *enfingede* (*Cancioneiro D. Dinis* 71) — *rreduzer* (Fernão Lopes, *D. J.* 297) — *produzellas* (*ib.* 272).

786. Com alguns verbos vacilava-se sobre a conjugação. Assim:

requerir-vos (Fernão Lopes, *D. J.* 151) — *requerer* (*ib.* 85) — *requerer* (*ib.* 28) — *requerir* (*ib.* 28) — *requerisse* (*ib.* 148 e 250) — *requeriom* (*ib.* 370) — *requerio* (*ib.* 114) — *requerisse* (*ib.* 17) — *requeresses* (*ib.* 53) — *requerissem* (D. Duarte, *Leal Cons.* 65).

787. E semelhantemente *querer*, de que usamos *requerer*, ao passo que se diz *inquirir*, *adquirir*; *verter*, *converter*, *perverter* e *advertir*, *divertir*; *eleger*, *colhêr* e *coligir*.

788. As formas *rreçebiste* (Fernão Lopes, 367), *offereçiste* (*ib.* 231), *perdiste* (Nunes, *Crest. Arc.* 143), *prendiste* (Santo Graal 37 e Nunes, *Crest. Arc.* 145), *mitiste* (S. Josafate 27), *moviste* (Nunes, l. c. 148) indicam também tendência para transportar os respectivos verbos para a 3.^a conjugação, pôsto que se conservasse o infinitivo em *-er*.

789. É de notar o latim *mittere* que deu *meter*, com os compostos *prometer*, *arrometer*, *acometer*, *remeter*, *submeter*, *entremeter*, e por outra parte os compostos *admitir*, *permitir*, *demitir*, *omitir*, *transmitir*.

Verbos Defectivos

790. Verbos que se desviam da conjugação normal por lhes faltarem formas pessoais, temporais ou modais, chamam-se *defectivos*. Tais são: *precauer, aguerrir, empedernir, falir, florir, fornir, adir, buir, condir, poir, embair, cernir, renhir*, desusados nas formas em que o acento tônico deveria cair no radical (as três pessoas do singular e a 3.^a do plural do presente do indicativo, assim como a 2.^a do singular do imperativo) e em todo o presente do conjuntivo (o qual se regula pela 1.^a do singular do presente do indicativo), mas empregado em tôdas as formas que têm o acento na terminação: *precavemos, precaveis, precavia; embaimos, embais, embaindo; delinqüimos* etc.

791. Dos verbos *demolir* e *abolir* não se usa a 1.^a do singular do presente do indicativo, nem o presente do conjuntivo.

792. Preenchem-se os claros dos citados verbos defectivos por meio de circunlóquios ou outros verbos de significação equivalente.

793. A esquivança em completá-los com os próprios recursos de *precauer, falir, condir*, etc., deve-se ora ao receio de proferir expressões desagradáveis, por obscuras ou lembrarem outros verbos, ora à dúvida relativa à aplicação da alternância vocálica. Esta última causa faz-se sentir nos verbos defectivos em *-ir*, cuja lista, outrora bastante longa, o tempo se tem incumbido de ir reduzindo. *Digerir* por exemplo faz hoje *digiro, digira*; Frei Heitor Pinto não se conformaria com tal decisão e diria antes: *não ha ferro, por duro que seja, que não digistam* (1, 266) — *(a galinha) crua não ha quem a digistu* (1, 107). Bento José de Oliveira (1879) incluía entre os defectivos: *compelir, discernir, expelir, submergir*. Mas hoje é usualíssimo *discerne, expele, submerge* e parece não haver repugnância pelas formas *discirno, expilo, submirjo*.

794. Verbos que designam gritos de animais são por alguns considerados defectivos, isto é, falhos da 1.^a pessoa, por inaplicáveis ao homem que fala. Contesta-se êsse argumento pela linguagem das fábulas, em que imaginamos os animais falantes, e, referindo-se a si próprios, usam o verbo na 1.^a pessoa. Além disso, em linguagem metafórica pode-se atribuir ao homem o que é próprio das chamadas criaturas irracionais.

795. Verbo defectivo que em forma finita não tem senão 3.^a pessoa chama-se verbo *impessoal* ou também *unipessoal*, como *chover, nevar, acontecer, constar* etc.

Conjugação Mista ou Simbiótica

796. Alguns verbos, de si defectivos, preenchem os claros de sua conjugação com o auxílio de restos de antigos verbos existentes na língua sem forma infinitiva e exprimindo o mesmo conceito que o verbo principal. Esta associação íntima de verbos fragmentários, oriundos de raí-

zes diversas e incapazes de vida própria e independente, constitui a conjugação mista ou simbiótica.

797. Como exemplos típicos de simbiose temos a conjugação de *ser* e a de *ir*.

798. O latim *esse*, constituído pelas raízes *es* e *bhu* (*fui, fuisti* etc.), e portanto já simbiótico antes de constituídos os idiomas românicos, forma em português o presente do conjuntivo tomando ao verbo *seer* (latim *sedere*) as formas *seja, sejam, seja*, etc.

799. Do não menos interessante verbo *ir*, desaparece a deficiência, graças à associação de alguns restos que ficaram ao português do latim *vadere* e às formas de pretérito *fui, fôste* etc. e respectivos derivados, tomadas de empréstimo ao verbo *ser*.

Verbos Nacionais e Relacionais

800. Ao verbo acrescenta-se muitas vezes um adjetivo ou substantivo que indica o estado ou condição do sujeito durante a ação verbal, como nestes exemplos:

Partiu doente e voltou são — Partiu criança e regressou homem — Vive feliz — Alçado lhe disse eu (Camões, *Lus.* 5, 49) — *Caiu morto — Chegam cansados — Nasceram mudos — Chegou rico á patria* (Vieira, *Serm.* 8, 249) — *As flores anoitecem murchas e quasi seccas*, mas com o orvalho da noite *amanhecem frescas, vigorosas e resuscitadas* (*ib.* 1, 882).

801. O adjetivo ou substantivo nestas condições é o anexo predicativo referido ao sujeito (*).

802. Em construções dêste gênero singularizam-se alguns verbos, como *ficar, parecer, tornar-se, ser, estar*, ou, ainda, *andar, vir* e *ir* usados em lugar de *estar*, por não se atribuir a tais verbos a significação concreta que a princípio tiveram ou ainda têm em outras construções. *Ficar triste* não designa a permanência, e sim a transformação do estado de alegria no de tristeza. O sentido existencial de *ser*, cujos vestígios ainda se conservam em frases como *era uma vez um rei* (cf. o latim *adhuc sumus* e *omnium qui sunt, qui fuerunt, qui futuri sunt* Cícero) e em outros dizeres, obliterou-se completamente, e de longa data, nas combinações com adjetivo ou substantivo. Mais evidente é o esquecimento da noção concreta do verbo *estar*, o qual necessita de arrimar-se à locução *em pé* para que se lhe perceba a acepção própria do latim *stare*, e é usado, além disso, em *estar sentado, estar deitado* sem que se repare na catarse de semelhantes construções.

(*) Nada mais claro nem mais conciso do que êsses dizeres em que dous vocábulos valem, associados, por duas proposições distintas. *Partiu doente* resulta dos pensamentos *partiu* e *estava doente quando partiu*. Daqui o uso, em latim e outros idiomas, do caso nominativo para o anexo em tais frases. A análise do gramático ou linguísta não compete, claro é, volver a essa operação psicológica nem decompor em muitas palavras o que a linguagem se limita a expressar em dous vocábulos.

803. Compete ao verbo expressar o predicado, termo essencial a toda a proposição; e se esta prerrogativa desaparece ou se diminui em *ficar*, *parecer*, *tornar-se*, *ser*, *estar*, etc. acompanhados de outro termo predicativo, compensa-se a perda, por assumir estoutro vocábulo, a princípio usado como anexo, funções próprias do verbo. Em *F. está ou ficou doente*, *F. parece médico*, etc. é o segundo termo (*doente*, *médico*), e não o verbo, que nos dá a informação precípua acerca do sujeito. E se este segundo termo aqui já não figura como simples anexo ou elemento accessório da oração, mas antes como o verdadeiro predicado, o verbo, por sua vez, degradado a servir de expressão subsidiária, é um vocábulo de significação extinta (*ser*, *estar*), ou de significação incompleta (*parecer*, *ficar*), ou de sentido latente (*andar*, *ir*, *vir*).

804. *Ser* e *estar* continuam a ser usados junto a adjetivo ou substantivo não somente pela tradição da linguagem, mas ainda em razão de seus elementos flexionais. Um adjetivo, pôsto como predicado imediatamente depois do sujeito, nenhum esclarecimento daria acerca das relações de tempo e modo. Por supérfluo o omitem o latim e outros idiomas em proposições como *vita brevis*, *ars longa*, que exprimem verdades gerais ou fatos que se presumem verdadeiros em todos os tempos e em todas as circunstâncias. Em português, a tradição da linguagem não permite essa prática.

805. O anexo predicativo pode vir referido ao objeto ou complemento do verbo:

Deixei-o menino, encontrei-o homem — Conheci-o soldado — As frutas comeu-as êle verdes — Deu [a setada] a hũa das cafras e derribou-a morta (Castanheda 2, 6) — [Insulas] que possui soberanas (Camões, *Lus.* 9, 21) — Conserva-os [i. e. os homens] vivos... e tel-os ociosos (Vieira, *Cartas* 2, 383) — Creou-as Deus fracas (Francisco Manuel de Melo, *G. Cas.* 118) — Abriu-se a terra e enguliu-os o inferno vivos (Vieira, *Serm.* 1, 1049).

806. Com alguns verbos o anexo predicativo referido ao objeto representa, não o estado simultâneo, mas a consequência ou resultado do ato expresso pelo verbo:

Nomeou-o diretor — Elegeram-no deputado — Aclamaram-no presidente — Fizeram-no sócio — Tornaram-no invejoso.

807. Os verbos *fazer* e *tornar* perdem aqui o primitivo sentido material para simplesmente denotar o produzir a mudança de condição ou estado. *Nomear*, *eleger*, *aclamar* conservam a significação concreta.

808. De um modo geral chamaremos verbos de função nocional ou, simplesmente, verbos nocionais àqueles que não sofrem a influência do anexo predicativo, e vêm usados com o mesmo sentido e o mesmo officio de predicado como se tal anexo não existisse. Verbos de função relacional, ou verbos relacionais são, pelo contrário, aquêles cuja aceção própria se apaga ou modifica por virem combinados com outro termo, originariamente anexo, ao qual transferem, ou com o qual dividem, o officio de predicado da oração.

809. Como anexo predicativo pode usar-se o particípio do pretérito em vez do adjetivo propriamente dito, com a diferença que o particípio, estando ainda viva a consciência da sua origem verbal, exprimirá não uma qualidade, mas o estado resultante de um ato anterior. Comparem-se êstes exemplos:

Tinha os olhos grandes e os lábios grossos — Tinha os olhos vendados e a boca ferida — Conservou-os vivos — Trouxe-os presos.

810. O particípio passa a servir de predicado e o verbo a que vem junto torna-se relacional em proposições como as seguintes:

A cadeira está quebrada — O seu nome vem mencionado na lista — As rosas andam espalhadas pelo jardim — Doações que andam registradas na Torre do Tombo (Damião de Góis, *D. M.* 1, 6) — O animal parece ferido — O leite ficou estragado — O escritor tornou-se conhecido.

811. Nas construções com *fazer*, *tornar*, *ter* e *haver* usou-se o particípio passado a princípio como anexo predicativo referido ao objeto. Daqui a concordância do particípio com este objeto, conservada até princípio do século XVII, em frases onde *ter* funcionava já como verbo relacional.

812. Nos seguintes passos não há dúvida que o particípio continua a exercer função de anexo predicativo referido ao objeto, e o verbo *ter* conserva ainda a aceção concreta do latim *tenere*:

As aguias nas bandeiras tem pintadas (Camões, *Lus.* 8, 5) — Sometida Bizancio tem a seu serviço indino (*ib.* 3, 12) — Tinha nelle postos os olhos (Bernardes, *L. e C.* 2, 235) — Por muitos dias tive perdido o juízo, e mui arriscada a vida (Vieira, *Cartas* 2, 255) — Não acabam de sahir as resoluções que têm suspensa a especção do mundo (*ib.* 2, 110).

813. Não menos evidente é a função primitiva do particípio na frase *ter prêso a alguém*, significando "conservar a alguém prêso", como ainda a usaram, e com frequência, os antigos escritores, v. g. em:

Diego Lopes foi tragido a ElRei de Castella, e tinha-o prêso no arreal, avendo dell mui grande queixume (Fernão Lopes, *D. J.* 200) — Elle tinha oitenta homens do arraial presos (*ib.* 2, 26).

814. Interpretação análoga tem estoutro passo:

ElRey per dezoito ou vinte dias continuos teve os nossos cercados (Barros, *Déc.* 3, 3, 2).

815. Desta concepção primitiva de dous atos diferentes, expressados um pelo verbo *ter* e o outro pelo anexo predicativo participial, originou-se uma forma verbal composta pelo esquecimento ou apagamento da noção concreta de *ter* ao mesmo tempo que vinha avultando o adjunto como conceito precípua. Passou-se assim da justaposição de formas verbais simples, independentes e de igual valia, à subordinação de um elemento ao outro, considerando-se como verbo principal o par-

participio e *ter* como simples auxiliar. Esta combinação naturalmente só era possível quando um e outro ato procediam do mesmo autor, isto é, quando o agente da ação expressa pelo participio não differia do sujeito do verbo *ter*.

816. O mesmo papel de auxiliar cabe também ao verbo *ser* nos exemplos seguintes e outros da mesma espécie, devendo-se contudo entender que o participio passado nestas combinações resulta de um anexo referido, não ao objeto, mas ao sujeito da oração:

Lopo Soares *era chegado* (Barros, *Déc.* 1, 10, 2) — *Era fallecido* ElRey Bolife (*ib.* 3, 6, 7) — *Era ido* o capitão (*ib.* 3, 1, 5) — Quasi dous annos que *eram corridos* depois de aberto o Concilio (Sousa, *Arc.* 1, 349) — Melhor lhe fora a tal homem nunca *ser nascido* (Vieira, *Serm.* 3, 238) — *Sou vindo* a Portugal com pretensão de hũa commenda (Arrais 257).

817. Da junção de *ser* com o participio de verbo intransitivo resultam, como vemos, dizeres de sentido similar a *ter chegado*, *ter falecido*, *ter corrido*, *ter nascido*, *ter vindo* etc., cujo uso prevalece no falar hodierno. Unindo-se porém *ser* ao participio de verbo transitivo, dará a voz passiva dêste segundo verbo.

818. Do contacto ou contigüidade de certos verbos com outras formas infinitas que não o participio do pretérito podem originar-se também combinações semânticas, em que a forma infinita representa a ação principal e o outro verbo lhe serve de auxiliar, como nestes exemplos:

Está correndo — *Está escrevendo* — *Vou ler* êste livro — *Vou pensar* — *Andar lendo* — O gosto de escrever que *vou perdendo* (Camões) — Por seguirem o alcance aos que *andavam nadando* (Damião de Góis, *D. M.* 2, 33) — Abrirão de par em par as portas á malícia sameando enganos e hypocresias de que *andão* mays *inçadas* as escolas que de manteos de festa (Rodrigues Lôbo, *C. na Ald.* 160) — Não só se *vão diminuindo* os alimentos (Vieira) — A tempestade *foi crescendo* — Destruem tudo quanto *imos dizendo* (*ib.*) — O reino dos ceus... *vem chegando* (*ib.*) — *Tornou a falar*, etc.

819. Se, em qualquer destas frases, estivessem os verbos ainda no primitivo estado de independência, o gerúndio, como advérbio, expressaria um ato secundário, pôsto que simultâneo ao do primeiro verbo; e o infinitivo denotaria um ato ulterior e accessório ao do verbo *ir*. Nas citadas frases vemos, pelo contrário, invertidos os papéis, por efeito da combinação semântica. Gerúndio e infinitivo de fato representam aqui os verbos principais; *está* faz de auxiliar, dando o caráter de atualidade às ações de correr, escrever, etc.; em *vou*, *imos*, *vem* apaga-se o conceito da locomoção, servindo tais vocábulos de elemento subsidiário, junto a gerúndio, para pôr em evidência a atualidade e continuidade do ato expresso pelo dito gerúndio, e, junto a infinitivo, para denotar, a respeito destoutro verbo, a intenção, vontade ou futuridade. Do mesmo modo, quem diz *torno a falar* não tem em mente a idéia de “retroceder” a um ponto, a um fim, mas a de “repetir” o ato de falar.

820. Pôsto que êstes exemplos, e muitos outros do mesmo gênero, não deixem a mínima dúvida sôbre a função auxiliar de *ir*, *andar*, *vir* e

tornar, é preciso contudo advertir que êstes mesmos verbos trazem muitas vêzes a par de si outro verbo sob a forma infinita sem todavia operar-se a fusão semântica. Nesta hipótese, os dous verbos justapostos enunciarão cada qual um ato concreto. Será o caso de dous verbos simples pertencentes a orações diferentes.

821. Sendo assim, devem naturalmente ocorrer também casos intermediários, em que será difficil decidir se se dá fusão perfeita ou se há mera justaposição de verbos concretos.

Conjugação Composta

822. Da combinação de um verbo relacional (auxiliar) em suas diversas formas com o infinitivo, gerúndio ou participio do pretérito de um verbo nocional (verbo principal), resulta a conjugação composta. *Anda*, *andou*, *andara* são formas do verbo *andar* na conjugação simples; *tem andado*, *terá andado*, *tivesse andado* pertencem ao mesmo verbo, porém na conjugação composta *ter andado*; *está andando*, *estava andando*, *esteja andando* fazem parte do mesmo verbo na conjugação composta *estar andando*.

823. Segundo praxe antiga dos gramáticos, consideram-se “tempos compostos” e conjugação perifrástica como cousas distintas. Não o faremos aqui, depois de explicar, como nas páginas precedentes explicámos, que *ter andado* e *estar andando* nasceram de processos análogos. A primeira destas duas formas é linguagem antiga e comum a outros idiomas, e deve à circunstância de ser desconhecida dos primeiros gramáticos a verdadeira história das formas analíticas o ter sido encaixada como um “tempo composto” especial no sistema de conjugação do verbo simples. Nasceu daí a terminologia confusa (perfeito composto, *passé indéfini* etc.) e a dificuldade enorme de perceber o sentido exato, nas diversas línguas, de *tenho visto*, *j'ai vu*, *I have seen*, *ich habe gesehen*, etc.

824. *Ver* e *ter visto* (ou *haver visto*) são dous aspectos do mesmo verbo *ver*. No primeiro caso exprime-se a ação vagamente; no segundo define-se a ação como perfeitamente consumada. Em outro lugar (*Dificuldades da Língua Portuguesa*², página 205) propus as denominações de *aspecto imperfectivo* e *perfectivo* respectivamente para as duas espécies de ação. Paralelamente ao aspecto imperfectivo *vejo*, *via*, *viu*, *verei* etc. conjuga-se no aspecto perfectivo *tenho visto*, *tinha visto*, *tive visto* (português antigo), *tereí visto*, etc.

825. Desta conjugação composta emprega-se o tempo presente em português para denotar ato de realização perfeita, porém durativo ou iterativo, abrangendo o momento em que se fala e podendo excedê-lo, e raras vêzes para exprimir com ênfase um ato que durou sômente até êste mesmo momento; nos demais tempos, não tem o aspecto perfectivo

outro fim senão assinalar o ato perfeitamente executado no passado ou no futuro.

826. No pretérito perfeito, o verbo desta conjugação composta significava a mesma cousa que na conjugação simples. *Teve visto* e *viu* eram cousas idênticas. O uso banuiu por supérflua a forma mais longa. Esquecida hoje, atestam o seu emprego, entre outros, os seguintes passos:

Depois que el Rei *teve determinado* de pelejar... mandou duas gallees (Fernão Lopes, *D. J.* 26) — E como *teve feito* nella o que quiz, foi cercar D. João no forte em que esteve (Couto, *Déc.* 4, 10, 6).

827. O pretérito imperfeito *tinha visto* de *ter visto*, cuja significação em virtude do aspecto perfectivo é mui próxima à do pretérito mais-que-perfeito *vira* de *ver*, manteve a sua vitalidade e substitui muitas vezes, sobretudo na linguagem familiar, o dito mais-que-perfeito.

828. Nas conjugações compostas em que o verbo principal se usa sob a forma de particípio passado, servem de auxiliares *ter*, *haver*, *ser* e, por vèzes, outros verbos, segundo vimos no capítulo precedente.

829. Nas combinações em que se emprega o verbo principal no infinitivo, o elemento auxiliar é *haver de*, ou *ter de* ou algum outro verbo que, de nocional, passa a funcionar como relacional. *Haver de partir* é linguagem antiga, e caracteriza o aspecto necessitativo. Do século XVIII para cá usa-se, a par desta forma, *ter de partir*, com sentido especializado, indicando que a ação a praticar não depende da vontade do sujeito.

830. Com o gerúndio por verbo principal combina-se *estar* como auxiliar, ou também *ir*, *vir* ou outros, apagando-se nestes a significação concreta de locomoção. Na conjugação composta assim formada enuncia-se a ação como passando-se rigorosamente no momento em que se fala (presente) ou do qual se fala (pretérito ou futuro).

831. No seguinte quadro, pondo de parte a forma do imperativo, que é desusada em algumas das conjugações compostas, e o particípio, que é privativo da conjugação simples, se demonstra que as diversas formas da flexão verbal se encontram tanto num como noutro tipo conjugativo. E o que é verdade para os quatro exemplos de conjugação composta aqui figurados, também o é para os demais casos a que acima aludimos.

	CONJUGAÇÃO COMPOSTA			
	Aspecto perfectivo	Aspecto passivo (ou voz passiva)	Aspecto necessitativo	Aspecto do momento rigoroso
INFINITIVO	ter visto	ser visto	ter de ver	estar vendo
PARTICÍPIO DO PRETÉRITO	tendo visto	sendo visto	tendo de ver	estando vendo
GERÚNDIO	tenho visto	sou visto	tenho de ver	estou vendo
INDICATIVO:	tinha visto	era visto	tinha de ver	estava vendo
Presente	tive visto (<i>port. ant.</i>)	fui visto	tive de ver	estive vendo
Pretérito imperfeito	tivera visto	fôra visto	tivera de ver	estivera vendo
Pretérito perfeito	terei visto	serei visto	terei de ver	estarei vendo
Futuro	teria visto	seria visto	teria de ver	estaria vendo
Futuro do pretérito	tenha visto	seja visto	tenha de ver	estêja vendo
IMPERATIVO	tivesse visto	fôsse visto	tivesse de ver	estivesse vendo
CONJUNTIVO:	tiver visto	fôr visto	tiver de ver	estiver vendo
Presente				
Pretérito imperfeito				
Futuro				

Verbos Transitivos e Intransitivos

832. Definido o verbo como palavra que exprime ação ou estado, não se conclui daí que esta significação se deva conter tôda sômente no verbo. Para que isto fôsse possível, seria necessário possuir nosso idioma uma textura morfológica extremamente complexa. Muitos verbos requerem o acréscimo de um têrmo que lhes complete o sentido.

833. Chama-se transitivo o verbo cujo sentido se completa com um substantivo usado sem preposição ou ocasionalmente com a preposição *a*, como nestes exemplos:

Amar o estudo — Amar a Deus — Feriu o pé — Antônio feriu a Pedro — Deus creou o mundo — O ourives fêz um anel — A terra produz trigo.

834. O têrmo que integra o sentido do verbo transitivo tem o nome de objeto direto ou acusativo e toma a partícula *a* quando denote ente animado e convenha por essa forma tornar bem clara a função objetiva do substantivo.

835. Examinando o papel semântico do objeto direto nos citados exemplos, notaremos que *a Pedro, o pé* postos em seguimento a *feriu* exprimem a pessoa ou cousa que recebe a ação; porém *o mundo, um anel, trigo*, que completam o sentido de *creou, fêz e produz*, denotam o produto da ação. Num caso o acusativo significa um ser cuja existência é anterior à da ação verbal; no outro caso, o ser aparece ulteriormente como resultado do ato que se pratica. Diferente destas duas hipóteses é a significação do acusativo ou objeto direto de *amar*. Denota o ponto para onde se dirige um sentimento, sem que o objeto seja forçosamente afetado pelo dito sentimento. Exemplo típico:

Otelo ama a Iago, e Iago odeia a Otelo.

836. Certos verbos transitivos, tais como *dar, entregar, pedir, mostrar, dedicar, ceder, transferir, restituir* e outros, pôsto que se lhes acrescente o objeto direto, continuam todavia com o sentido incompleto. Requerem ainda outro substantivo que designe o ente a quem a ação se destina. Êste segundo têrmo, precedido sempre da preposição *a*, denomina-se objeto indireto, ou, particularizando, objeto dativo; e com êle não pode concorrer o acusativo senão desprovido de partícula. Assim diz-se:

Entregar o prisioneiro ao general — Mostrar o escravo ao rei — Restituir o filho à mãe, etc.

837. Substituído o substantivo pelo pronome pessoal da 3.^a pessoa, caracteriza-se o acusativo pelas formas *o, a, os, as*, e o dativo pelas formas *lhe, lhes*.

838. O dativo também pode ser usado para designar o ente a quem a ação aproveita ou desaproveita. Será então um têrmo necessário para

alguns verbos, porém acessórios para outros. Algumas vêzes, confunde-se com as noções de lugar, posse, etc.

839. Verbos que não admitem acusativo chamam-se intransitivos. Aquêles que, como *viver, morrer*, não necessitam de complemento algum são os intransitivos puros ou absolutos. Os que não se usam senão com um têrmo complementar preposicionado, como *depende de alguma cousa, precisar de alguém ou de alguma cousa, concordar com uma opinião*, são os intransitivos relativos.

840. A êste têrmo regido de preposição, com que se completa o sentido de verbos intransitivos, dá-se de ordinário o nome de objeto indireto. Por ter alguma semelhança com as circunstâncias expressas pelos advérbios, poderemos denominá-lo objeto indireto circunstancial.

841. A expressão preposicionada que, sem ser exigida pelo verbo, se lhe acrescenta como explicação acessória — e êste é o caso em *viver do ganhado, morrer de fome*, — classifica-se como locução adverbial.

842. Pôsto que em geral não se confunda o verbo transitivo com o intransitivo, a linha de demarcação nem sempre pode ser rigorosa. Assim, se transitivos são os verbos *comer e beber* em *comer carne, beber vinho*, não há dúvida que êstes mesmos verbos vêm empregados intransitivamente em expressões como *o doente não come nem bebe*, ou quando se usa o verbo *beber* sem objeto algum no sentido de “entregar-se à embriaguez”. *Ouvir*, significando “não ser surdo”, *engolir, sonhar, ver ou enxergar*, na acepção de “não ser cego”, *mastigar, pensar, meditar* e outros, quando usados sem objeto algum para denotar apenas o funcionamento ou privação de um ato fisiológico ou psicológico, tornam-se verbos tão intransitivos como *dormir, andar, manquejar, endoudecer, tossir e expectorar*. O próprio verbo *falar*, um dos que mais frequentemente ocorrem na linguagem quotidiana, não pode gabar-se de pertencer a um tipo definido. Transitivo em *falar uma linguagem, ouvir o que alguém fala, falar verdade, sem falar outra palavra*, emprega-se contudo as mais das vêzes como verbo intransitivo.

843. Casos há também de sério embaraço para a classificação e análise determinado pelo fato de considerar-se como instrumento da ação o que se devera ter como objeto direto. Assim em vez de *atirou-lhe a pedra*, — caso em que é claríssima a análise e o sentido — pode-se dizer *atirou-lhe com a pedra*, desabonando, nesta segunda hipótese, os complementos instrumental e locativo a transitividade de atirar. É maneira de exprimir usada não sômente na linguagem familiar, mas também na literária:

Atirou este homem a um pobre com hum pão d'esmola (Bernardes, *N. Flor.* 1, 410) — *E atirou violentamente com o livro* que tinha na mão para dentro da arca (Herculano, *M. de C.* 2, 39).

844. Verbos que significam “extrair”, “tirar para fora” empregam-se como verdadeiros transitivos em *tirar o joio, tirar ou sacar proveito*,

arrancar árvores ou *cabelos* e outras frases similares, em que é inadmissível o uso de qualquer preposição antes do nome integrador do sentido verbal. Tratando-se, porém, de objeto que alguém traz guardado no bolso, no seio, na manga, na cinta ou na bainha (no caso de espada, punhal etc.) e que tira de todo para fora, é de uso enunciar com a preposição *de* o nome que serve de complemento a *tirar*, *puxar*, *arrancar*, *levar* (*):

Logo *arrancou da espada* e se pos á porta a defender-lhe a entrada (Castanheda 8, 39) — *Arrancão das espadas* de aço fino os que por bom tal feito ali apregoão (Camões, *Lus.* 3, 130) — Do que se indignou tanto o capitão que *arrancou da espada* e remetteo a Francisco Gomes Leitão para o matar (Couto, *Déc.* 8, 3) — E *levando da espada* derrubou outro (*ib.* 8, 38) — E *levando da adaga* lhe foi dando huma e outra (*ib.* 8, 26) — *Levey de hũa grande faca* que trazia cingida para o matar, e elle *de hũa adaga* (*Itin.* 173) — *Levou o soltão baiazit dũ punhal* e matou-o (*ib.* 195) — Respondeo o arcebispo com muyta mansidão... e logo *tirou do caderno* que trazia no seio, e mostrou-lhe nelle seu nome escrito (Sousa, *Arc.* 1, 101) — Não teve o arcebispo mais saborosa iguaria... e cheyo de alegria, *tirou de hũa faca* da cinta e abriu hum pão (*ib.* 1, 189) — Por partes contrarias da praça ameaçaram a apontar duas companhias de soldados... os quaes vindo-se a encontrar no seio da praça *levaram das espadas* e acometendo-se furiosamente, começaram a brigar com muyta destreza (*ib.* 2, 354) — Elle, não *puxando da sua espada*, senão da de seu amo morto, brigou com o matador e o matou (Bernardes, *N. Flor* 1, 447) — Quando já estava a cavallo, *puxando do papel*, lia: Primeiramente, o frade... — (*ib.* 2, 28) — E logo, *tirando de huma faca*... foi descobrindo terra (*ib.* 2, 272) — *Levou da espada* para defender-se (*ib.* 1, 443) — O amouco... *puxando de huma grande navalha* vai cortando de seu corpo postas de carne (*ib.* 3, 182).

845. Exemplos há, embora menos freqüentes, de *arrancar espada*, *tirar espada*, sem preposição:

Gonsalo Pereira, sem *tirar espada*, se meteo em meio (Couto, *Déc.* 8, 16) — Assi se não *arrancou espada* (Sousa, *Arc.* 2, 415) — Entra outro representando a Nero, e *tirando a espada* manda que cortem cabeças (Vieira, *Serm.* 5, 90) — Cinge a espada... e logo, *arrancando a espada*, esgrime com ella, ferindo a terra e o ar tres vezes (Bernardes, *N. Flor.* 1, 444) — Os quatro sarracenos pozeram-se em pé de um pulo, e *arrancaram as espadas* (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 9).

846. Não tem cabimento a partícula *de* quando a arma não se tira senão parcialmente da bainha ou cinta:

Eu só com meus vassalos e com esta (e dizendo isto, *arranca meia-espada*) defenderei... a terra (Camões, *Lus.* 4, 19) — Cavalleiros polacos, que costumam... *arrancar meia-espada*, como em protestação do animo pronto (Bernardes 1, 438) — Dizendo estas palavras, levei a mão á cinta e *arranquei meio-punhal* (Herculano, *M. de C.* 1, 47).

(*) *Tirar*, *puxar*, dizem-se de qualquer objeto; *arrancar*, *levar* não se usam senão com referência a arma branca. *Levar da espada* não é a mesma cousa que *levar mão da espada*. Com esta segunda maneira de dizer exprime-se apenas o ato de pôr a mão na espada, ao passo que *levar da espada*, como claramente se vê pelos exemplos que apontamos, equivale a "arrancar da espada". *Levar* aqui tem o sentido de "levantar". "puxar fora e para cima", que ainda ocorre em *levar âncora*, *levar ferro* (Castanheda 5, 19; Vieira, *Serm.* 8, 271 e *passim*). *Leva da espada* quem desembainha a arma e a levanta para o ar.

847. A presença da preposição *de* com os verbos *arrancar*, *tirar*, etc. é devida provavelmente ao duplo contágio das noções de lugar donde a ação procede e instrumento com que o ato se pratica. Pôsto que não seja comum usar-se a partícula *de* nesta última acepção, há entretanto provas evidentes desta possibilidade, como se vê em exemplos com outros verbos:

Hiam-lhe *dando das esporas* chãs muy grandes feridas (*Santo Graal* 119) — *Feriram todos os cavallos das esporas* (Zurara, *Inéd.* 3, 22) — *Dei rijamente da vara* ao palafrem (Barros, *Clar.* 1, 97).

848. *Puxar*, quando seguido de nome que denote instrumento ou arma, pode construir-se não sòmente com *de*, mas ainda com a preposição *por*, devido a nôvo contágio qual o do conceito de lugar por onde: *Todos puxam pelas armas* (Vieira, *Serm.* 11, 182). *Tirar*, empregado na acepção de "puxar", pode ser verbo transitivo, ou intransitivo seguido da partícula *por*:

E *tirando pela campainha*, acudiu a porteira (Barros, *Clar.* 1, 19) — *Tira pela espada* (Vieira, *Serm.* 2, 164) — *Tirando a espada* (*ib.* 5, 90) — Os que *tiram por esta carroça* (*ib.* 9, 176) — Hũa carroça dourada *pela qual tiravam* hũa ovelha e hũ leão (*ib.* 9, 175) — Moyses com todo aquelle amor, desce do monte, convoca os Levitas, *tira pela espada* e matou naquelle mesmo dia vinte tres mil homens (*ib.* 11, 136).

849. *Pegar*, verbo transitivo em *pegar o ladrão*, *o inimigo*, etc., tornando-se intransitivo, tem o luxo da construção com as partículas *de*, *em*, *por*:

Pegou da tesoura (Bernardes, *N. Flor.* 1, 328) — *Pegando-lhe das redeas* (*ib.* 403) — *Pegou de hum pão* e lhe atirou com elle (*ib.* 408) — *Pegando-lhe por outros cabellos* (*ib.* 405) — O anjo lhe disse que *pegasse no peixe pela barbata* (Vieira, *Serm.* 2, 318) — *Pegou na taça* (Herculano, *M. de C.* 179) — *Pegando em huma escudela* (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 293) — *Pegando numa lanterna* (*ib.* 2, 136) — O senhor de Biscaya *pegou então de um osso* com sua carne e medula (*ib.* 2, 12).

850. Quando não concorram os conceitos de instrumento ou lugar, *pegar* é verbo transitivo, como no citado *pegar o ladrão*, etc., ou intransitivo com a partícula *em*, como *pegar no sono*. Este uso hodierno difere da antiga linguagem, que se valia da preposição *de* em:

Querendo *pegar do somno* (Bernardes, *N. Flor.* 3, 492) — E *pegando delle* [mancebo] o procurava mergulhar como por zombaria (*ib.* 1, 404) — Ainda o Senhor não quiz que tão depressa *pegassem delle* [Jesus], mas com toda a brandura falou aos principes dos Fariseos (Tomé de Jesus, *Trab.* 2, 30) — O qual [Malcos] querendo-se desmandar *pera pegar* primeiro do Senhor (*ib.* 2, 31).

851. O verbo *obedecer*, seguido de seu têrmo integrante, era tratado, na linguagem dos séculos XVI e XVII, não sòmente como intransitivo, mas ainda como transitivo:

Lhe havia de obedecer (Barros, *Déc.* 2, 5, 11) — *Obedecer-lhe* (Arrais, 357) — Não só offendiam a Antonio, mas o *obedeçiam* e reverenciavam (Vieira, *Serm.* 3, 193) — [Os animais] todos por instinto natural e sogeição inviolavel o *obedeçião* (*ib.* 5, 451) — Lançou bando que todos os subditos do seu imperio... *lhe viessem offerrecer sacrificio publico*, sob pena da vida e da sua indignação aos que assim o *não obedeçessem* (*ib.* 11, 14) — Excusae de vos cançar com quem teve a ventura de ver a Mafoma e de *obedeçer-lhe* (Bernardes, *N. Flor.* 3, 11) — Todos a *obedeçel-a* concorriam (Castro, *Ulis.* 5, 22).

852. *Resistir* usou-se amplamente como verbo transitivo a par da construção com o nome preposicionado, servindo neste caso ora a partícula *a*, ora *contra*:

Crês tu que já não foram levantados contra seu capitão se os *resistira* (Camões, *Lus.* 5, 72) — Eu vi que *contra os Minyas...* todos *resistiram* (*ib.* 6, 31).

853. É de notar como Antônio Vieira, naqueles sermões onde repete o verbo frequentemente, varia a construção utilizando-se das três maneiras de dizer:

Para esperar e *resistir os assaltos* de tão bravo... inimigo (*Serm.* 8, 118) — *Não resisto estes unguentos* da Madalena (*ib.* 8, 125) — *Resistiu contra o peccado* (*ib.* 8, 117) — *Resistiu contra a morte e contra a honra* (*ib.* 8, 127) — E comtudo *resistir-lhe* com tanta violencia (*ib.* 8, 127) — *Dá nas velas hum vento tão forte em popa para Japão*, que não o podendo *resistir* nem o navio, nem o piloto, nem o demonio, foi tomar terra e dar fundo em Congoxima (*ib.* 8, 308) — [Deus] não consentirá jamais que sejaís tentado sobre o que podeis *resistir* (*ib.* 9, 22) — Como pode ser que *lhe* pudesse *resistir* (*ib.* 9, 33), etc.

854. *Comprazer, agradar e desagradar* aparecem pela mesma época, ora como verbos transitivos, ora como intransitivos:

Por *lhe comprazer* (Bernardo da Cruz, *D. Seb.* 1, 156) — Querendo alguns fidalgos *comprazel-o* e contental-o (*ib.* 2, 67) — Tal era o amor de todos de desejarem servir el rei e o gosto de o *agradarem*, que não havia quem sentisse gastos e custos pera este fim (*ib.* 2, 23) — Por *lhe parecer* que como vassallos o queriam *comprazer* com esta offerta (*ib.* 2, 188) — Chorem vossos olhos diante de seus pais, e *agradalloeis* (M. Pinto, 3, 29) — [Estas impurezas] tanto offendem a Deus e o *desagradam* (Vieira, *Serm.* 9, 357) — Deve... procurar *agradallo* em tudo (Bernardes, *N. Flor.* 4, 358).

855. Mui numerosos são os exemplos da dupla construção *socorrê-lo* e *socorrer-lhe* em escritores quinhentistas. Vieira construiu o verbo em geral com acusativo. Mencionaremos os seguintes passos de uma e outra época:

O vento não servia pera *lhes* poder *socorrer* a tempo (Barros, *Déc.* 3, 3, 6) — A nao *lhe* podia *socorrer* (*ib.*) — Este, que *socorrer-lhe* não queria, por não causar discordias intestinas, *lhe* diz... (Camões, *Lus.* 6, 48) — *Viestes logo a socorrer-o* em tempo que elle disse tinha necessidade (Heitor Pinto 2, 234) — Sem terem conta com a ley d'amizade que he fazer bem ao amigo que lho fez, e *socorrer-lhe* em sua necessidade, podendo-o fazer (*ib.* 2, 270) — Amoesta a seu amigo, e *socorre-lhe* no tempo da necessidade (*ib.* 2, 314) — Pedindo-lhe o *socorresse* naquella perplexidade (Vieira, *Serm.* 7, 406) — Assim o

socorro Deos (*ib.* 7, 406) — Não tinha outra cousa com que os *socorrer* (*ib.* 7, 444) — Pois se os ia *socorrer* (*ib.* 3, 531) — Foi o divino Mestre desde a praya a *socorrer-os* (*ib.* 3, 531) — Nem com as migalhas que *lhe* cahiam da mesa o *socorrria* (*ib.* 7, 329).

856. O verbo *tocar* pode ser transitivo ou intransitivo (*tocar em*). Repare-se nos seguintes passos, em que Heitor Pinto exprime o mesmo pensamento, construindo este verbo ora com acusativo, ora com o objeto preposicionado:

Antre as cerimonias que goardava hũa era que não podia *tocar hera nem fava*. Blondo... diz que não podia elle *tocar em hera*; mas da fava não faz menção; e pelo contrayro Gaudencio Merula... diz que não podia *tocar na fava*, mas não faz menção da hera. (2, 543) — O que agora desejo saber he porque causa era vedado áquelles sacerdotes *tocar hera e favas* (*ib.*) — Quem quizer vida tranquilla não *toque favas* (*ib.* 2, 545) — Mandavam que os sacerdotes diaes não *tocassem hera nem favas* (*ib.* 2, 547) — Vedes aqui a causa porque os sacerdotes diaes não *tocavam hera nem fava* (*ib.* 2, 549).

857. *Igualar* ocorre nOs *Lusladas*, já como verbo transitivo, já como intransitivo:

Tal ha de ser quem quer co dom de Marte imitar os illustres e *igualal-os* (*Lus.* 8, 89) — A terra de Bengala, fertil de sorte que outra não *lhe iguala* (*ib.* 7, 20).

858. Em Vieira encontram-se estes passos:

Lucifer... não aquietou naquelle lugar, e quiz *igualar o seu* com o do mesmo Deus (*Serm.* 5, 194) — Que podem os homens fazer açoens tão heroicas e levantadas que comparadas com as suas, *as igualem*, e ainda as excedão (*Serm.* 8, 124) — A grandeza do Pantheon de Roma não *igualava os maiores templos* da Christandade (*ib.* 8, 438) — A fortuna nunca *igualava os desejos* dos homens; mas se houvesse hũa fortuna tão grande, que não só *igualasse*, mas vencesse e excedesse os *desejos*; esta seria a mayor fortuna que se pode imaginar (*ib.* 2, 16).

859. É certo que o verbo *igualar* pode ter mais de uma acepção; mas, como se vê pelos exemplos precedentes, nenhuma das construções corresponde a uma cambiante de sentido definida. Há, além disso, a forma pronominal *igualar-se* com uma variedade de complementos:

A branca areia as lagrimas banhavam, que em multidão *com ellas se igualavam* (Camões, *Lus.* 4, 92) — Nũa camilha jaz, que não *se igualava de outra algũa* no preço e no lavor (*ib.* 7, 57) — Nenhum gentio... *se lhe igualava* nesta idolatria (Vieira, *Serm.* 8, 273 etc.).

860. Aos verbos *investir* (na acepção de "acometer", "atacar"), *encontrar*, *topar* e *cumprir* ajunta-se o termo integrante ou diretamente ou mediante a preposição *com*. Exemplos com o verbo *investir*:

Investio hum [navio inimigo] (Couto, *Déc.* 8, 37) — Tornou a *investir o inimigo* (*ib.*). *Investio com elle* (*ib.*) — *Investiu os inimigos* e começou a cortar orelhas (Vieira, *Serm.* 5, 479) — Eis que o [i. e. Tobias] *investe hum grande*

peixe com a boca aberta, em acção de que o queria tragar (*ib.* 2, 318) — [Aristeu] com grão clamar o investe e algema-o sem dar azo a que se possa erguer (Castilho, *Geórg.* 279) — Como has de co'os polos investir (Castilho, *Metam.* 69).

861. Quanto ao segundo destes verbos construíveis com a partícula com, há manifesta identidade de sentido em *hũa vez hũu asno encontrou com hũu porco montez* (*Livro de Esofo* 16), e *hũu dia aquelle asno o encontrou no caminho* (*ib.* 29). O termo integrante preposicionado empregou-o Vieira em *e tomando eu nas mãos o livro do mais diligente, abri e o primeiro passo com que encontrei, foy este* (*Serm.* 8, 3). Hoje dizemos encontrar alguém ou alguma cousa, e encontrar com alguém, ou, antes, encontrar-se com alguém, forma reflexa também usada, a par das outras, na linguagem arcaica. Desconhece a forma reflexa o sinónimo *topar*, o qual no falar hodierno continua a ser empregado com a mesma indecisão de outrora:

Toparam naquelle golfam *hũa nau grande* (Castanheda 2, 83) — *Toparam dous milaneses* (*ib.* 2, 24) — *Toparam com Lucas dafonseca* (*ib.* 2, 31) — *Topou com hũa nau pequena* (*ib.* 2, 15) — *Se ho topasse* (*ib.*) — *Ho topou* (*ib.*) — *Topou com a caravela de Alvaro Gonçalves* (Barros, *Déc.* 1, 1, 11) — *Topou huma nau mui grossa* (*ib.* 1, 5, 9) — *Vá logo topar com a peor enfermidade* (Vieira, *Serm.* 2, 170).

862. Data de longe a dicção *cumprir com* e são inúmeros os passos em que ela ocorre, alternando com frases onde o mesmo verbo aparece sem a partícula. Basta atentar nos seguintes exemplos, entre os quais se acham expressões familiares ao nosso falar quotidiano:

São tão verdadeiros que *cumprem com sua palavra* (Barros, *Déc.* 1, 10, 1) — *Mas tu me dá que cumpra, ó gram rainha das musas, co que quero á nação minha* (Camões, *Lus.* 10, 9) — *Cumprissem com sua palavra* (Barros, *Déc.* 1, 8, 7) — *Não cumpria sua palavra* (*ib.* 1, 5, 9) — *Por cumprir sua palavra* (*ib.* 2, 3, 8) — *Pera ser dignamente eleyto e cumprir com sua obrigaçam* (Heitor Pinto 1, 189) — *Quanto tenho que fazer pera cumprir com a obrigação de quem sou* (*ib.* 1, 300) — *Cumpriam com o que tinham prometido* (Damião de Góis, *D. M.* 256) — *Pera que... podessem mais facilmente cumprir com sua obrigaçam* (Luc. 1, 172) — *O que fez cumprindo com as obrigações que tinha* (*ib.* 1, 361) — *Por onde se diga que não cumpres com o que juraste* (Fernão Mendes Pinto 3, 92) — *Não deixeis de cumprir co que deveis* (*ib.* 1, 75) — *Queria cumprir inteiramente com a obrigação do officio* (*ib.* 1, 81) — *Hade ser forçado cumprir eu co que devo* (*ib.* 2, 234) — *Cumpriram como deviam as obrigações de seu sangue, não só com a obrigação de valerosos capitães, mas ainda com a de esforçados e valerosos soldados* (Couto, *Déc.* 8, 38) — *Quão mal cumpria a promessa* (Castanheda 1, 38) — *Cumprir com minha obrigaçam* (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 116) — *Costumo cumprir as minhas promessas* (*ib.* 1, 125) — *Cumprir com o seu dever* (*ib.* 2, 138) — *Como quem tinha cumprido com seu officio* (Vieira, *Serm.* 8, 357) — *Encomendou aos colossenses que dissessem a Archippo... que cumprisse com as obrigações do ministério* (Bernardes, *N. Flor.* 3, 107) — *Não via o modo de cumprir com essa obrigaçam* (*ib.* 1, 465) — *Alguns confesores cumprem com esta obrigaçam* (*ib.* 3, 303).

863. A linguagem *cumprir com* é applicável, tanto como *cumprir* simplesmente, quando o termo integrante exprime cousa íntima ou pró-

pria do sujeito do verbo, como dever, obrigação, palavra, promessa. Tratando-se de cousa exterior ao individuo, costuma-se hoje omitir a preposição, apesar de exemplos em contrário na linguagem quinhentista:

Cumprir ao pé da letra o que elrey seu senhor mandasse (Castanheda 2, 92) — *Cumprir o mandado* (*ib.* 2, 93) — *Jurou Meliquiaz de cumprir as condições da paz* (*ib.* 2, 101) — *Cumprir com o regimento* (Barros, *Déc.* 1, Pról.) — *Cumprir com o regimento* (*ib.* 1, 1, 6) — *O qual regimento elle cumpriu* (*ib.* 1, 7, 2) — *Cumprir degredos* (*ib.* 2, 1, 1) — *Ambos cumpriram o precepto de seu capitão* (*ib.* 1, 10, 3) — *Duas cousas lhe convinha fazer pera cumprir com a instrucção que lhe elrey... mandava* (*ib.* 3, 4, 3) — *Donde se causou querer elle cumprir ante com a vontade da gente de armas* (*ib.* 3, 4, 6) — *Muy deseioso de cumprir em tudo com o serviço delrey* (Luc. 1, 272).

864. O verbo *apontar*, significando “mostrar com o dedo”, usa-se acompanhado de nome, algumas vêzes diretamente, mas em geral mediante a preposição *para*:

Está-nos Deos mostrando todos os Reynos desse novo mundo... E *apontando para a Africa, para a Asia, para a America*, nos está dizendo... Reyno de Portugal, eu te prometo a restituição de todos os Reynos (Vieira, *Serm.* 2, 84) — *O servo de Deos, apontando para os enfermos*, disse (Bernardes, *N. Flor.* 3, 16) — *Perguntando-lhe o estribeiro-mór que cavallo mandava Sua Alteza sellar, apontou el-rei um que era rebellão* (*ib.* 2, 238) — *Isto se entende da especificação notavel, que aponta como com o dedo alguma pessoa em individuo* (*ib.* 3, 91) — *E logo, apontando para este ou aquelle servo...*, lhe mandava que proseguisse ou emendasse ao certo (*ib.* 2, 232) — *Apontaria o ministro para a espada da justiça* (Herculano, *M. de C.* 2, 41) — *Aquelle fez mais do que isso... E apontava para o crucifixo* (*ib.* 1, 57) — *Judeul replicou D. Leonor, apontando para um cofre pequeno* (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 122) — *Ao lusco-fusco ainda se viu sahir da manga do albornoz um braço felpudo e mirrado, que apontava para as bandas de Cordova* (*ib.* 1, 11).

865. Tomado o verbo na acepção de “fazer pontaria” assim como na de “dirigir-se alguma cousa em certo sentido ou para um ponto determinado” diz-se *apontar para*:

Tirou a espingarda... e a poz no rosto e *apontou para hũa larangeyra* que estava defronte, e pondo-lhe fogo... arreventou por tres partes (Fernão Mendes Pinto 2, 217) — *Está apontando o agudo cipariso pera onde é posto o etereo paraíso* (Camões, *Lus.* 9, 57).

866. Com a significação de “mencionar, citar, referir”, ou “assinalar, marcar”, emprega-se *apontar* sem preposição:

Se bem não *aponto* o autor, passou [o caso] assim na verdade (Bernardes, *N. Flor.* 3, 480) — *Não apontei a duvida senão para saber mais fundamentalmente a resposta* (*ib.* 2, 53) — *Para lhes apontar o direito caminho do céu* (Herculano, *Lend. e Narr.* 1, 257) — *Seria fazer injuria aos que antes de nós escreveram, se deixassem de apontar os casos* (Sousa, *S. Dom.* 115).

867. Fácilmente podemos distinguir, segundo o exposto [nos parágrafos 832] e seguintes as noções de objeto direto, ou acusativo, e indirecto, ou dativo, quando se trate dos termos necessários para completar o sentido de *trazer, dar, dizer* e muitos outros verbos do mesmo género.

Outro tanto não sucede se nos acharmos em presença do verbo *ensinar*, e, ainda, de mais alguns daqueles que em latim se constroem com duplo acusativo. O nome da creatura a quem se ensina vem representado pelo acusativo, se se calar o nome da cousa ensinada, como em *ensinar os animais, havemos de ensiná-los*; converter-se-á pelo contrário em dativo, desde que se mencione o nome da cousa ensinada por meio de um substantivo, ou pronome, ou um termo substantivado ou oração substantiva, dizendo-se:

Ensinei-lhe o alfabeto, a música — Ensinei-lhe isso — Ensinar o Padre Nosso ao vigário — Christo principalmente nos ensinou... o fazer a sua vontade (Vieira, Serm. 9, 65) — Ensinou-lhe que havia Deus (ib. 9, 56).

868. Sendo porém o nome da cousa ensinada expresso por um infinitivo regido da preposição *a*, o nome da pessoa se dirá indiferentemente no dativo ou no acusativo. Exemplos de diversas épocas:

Ensinaste-o a servir ao Deos alheo (S. Josafate 27) — Quando o [sabujo] primeiro começam a ensinar a achar (L. de Mont. 88) — O andar ao monte lhe ensina a teer bôo tento na terra (ib. 28) — Quando o ensinam a andar na treela (ib. 68) — E nesta reputação os mandam ensinar a ler e escrever (Jerônimo de Mendonça, Jorn. 2, 100) — A boa sabedoria lhe ensina a passar avante (Heitor Pinto 1, 270) — Ensinou os homens a fugirem da sensualidade (ib. 1, 171) — Quasi sempre estava calado, ensinando elle a falar os outros (ib. 2, 589) — O sabedor calando ensina os outros a falar (ib.) — Hû Deos que lhe ensina a desprezal-os (ib. 2, 66) — A necessidade inventora dos remedios lhe ensinou a favorecer as boas letras (ib. 2, 234) — Ensinou-o [a Aristóteles] Platão a nadar (ib. 2, 486) — Ensinando-lhe a distinguir e conhecer em si mesmo o grau heroico da virtude (Vieira, Serm. 14, 126) — E que pudessem [os meninos] estar no palacio do rei, para que elle os ensinasse a escrever e a fallar a lingua dos caldeus (Fig., Dan. 1, 4) — E os ensinaste a santificar o teu sabbado (Fig., II Esdr. 9, 14) — Alumiaeste os povos e a ser reis os ensinaste (Filinto Elísio 3, 142) — Ensinando-lhes a pedir beijos a todas as mulheres (Camilo, Bo. do Esp. 434).

869. Enuncia-se hoje como dativo o nome do indivíduo a quem se faz pergunta, quando se empregue o verbo *perguntar*, e explícito venha, como acusativo, aquilo que se deseja saber. Não era geral esta prática no português da idade média, em que também se usava, e a princípio com muita frequência, o nome da pessoa como acusativo, sendo portanto o verbo susceptível de dous objetos directos. Exemplos de uma e de outra construção:

Perguntaram-na que demandava (Santo Graal 1) — Perguntou-o se era chagado (ib. 35) — Perguntou-o que homê era (ib. 37) — Perguntou-lhe que faria (ib. 50) — Perguntou-lhe quem matara aquel cavaleiro (ib.) — O padre o perguntou que eyxeco ouvera (ib. 53) — Perguntou-lhe se virom a besta desasemelhada (ib. 68) — Preguntava-o se lhe fazia mester algũa cousa (S. Amaro 514) — Perguntou-lhe como avia nome (ib. 518) — Perguntou-o como avia nome (Santo Graal 45).

870. Este mesmo hesitar entre a applicação do acusativo duplo e differenciação dêste em acusativo de cousa e dativo de pessoa, aparece

também nas construções com *rogar*; mas com êste verbo teve sempre vida mais longa o uso do acusativo de pessoa, de que se encontram até exemplos na língua da Renascença:

Rogaram-no por deos que lhe dissesse daquelle sonho (Santo Graal 109) — Rogou-lhe que lhe perdoasse (ib. 127) — Rogou-o mui aficadamente que lhe mostrasse o santo (S. Josafate 43) — Rogou-lhe amaro por deos que o benzesse (Santo Amaro 511) — E este rrouxinol ho rrogava, quanto podia, que lhe dêsse o seu filho (Livro de Esofo 31) — Rrogaram-no que lhe dêsse hûu senhor (ib. 46) — Vendo [quem o não conhece] que vós Senhora, sendo quem sois, o rogais [i. e. a Cristo], assim como atêgora lhe confessava o ser humano, já lhe não pode negar o Divino (Vieira, Serm. 9, 86) — Emquanto Mãy, porque o gerou; em quanto intercessora, porque a roga (ib. 9, 87) — Se forçado da fraqueza do espirito a rogardes, descobris amor pera azo de maior sojeição (Ulis. 55).

871. São transitivos os verbos *fazer*, *ver* e *ouvir*, e, completando-se-lhes o sentido por um nome ou pronome, será êste vocábulo sempre um objeto directo. Nem o enunciaremos por outra forma naquelas frases mais complexas em que êste mesmo termo sirva, por sua vez, de sujeito ao infinitivo de um verbo intransitivo ou de verbo usado intransitivamente:

Quando as outras os vissem andar, neste cuidado (Zurara, P. M. 275) — Viam ir os barcos pera ella (ib. 312) — Fizeram-nos encalhar (Fernão Lopes, D. J. 308) — No desejo de o ouvir (Heitor Pinto 1, 311) — Por vezes o ouviram falar cos demonios (ib. 3, 237) — Os deuses faz descer ao vil terreno, e os humanos subir ao ceo sereno (Camões, Lus. 9, 20) — A cubiça do proveito... o faz obedecer e ter respeito ao capitão (ib. 8, 77) — Ouve mugir os bois (Castilho, Geórg. 125) — Euro as fez cahir naquelle mar tão vasto (ib. 227) — Nem isto as fez calar (Castilho, Misant. 103) — Cárta de Magdalena! Era quasi ouvil-a falar, prazer a que já tinha renunciado (Júlio Dinis, Morg. 2, 246).

872. Achando-se pelo contrário os verbos *fazer* e *ouvir* combinados com o infinitivo de um verbo transitivo acompanhado de seu próprio objeto directo, enunciar-se-á então o agente dêste infinitivo sob a forma de objeto indirecto:

Lhe fez perder o sem e lhe fez perder todo o coração (Santo Graal 99) — O homem boom quando lhe ouviu dizer, que todavia queria poer maão em tall feito, foi tam ledo, que mais ser nam pode (Fernão Lopes, D. J. 12) — E quando lhe tall rrazom ouviu dizer, ficou hûu pouco como torvado (ib. 60) — Fez a afeição escprever a algũus em favor del Rey de Castella da guisa que nom aconteceram (ib. 250) — Fez logo aos prisioneiros que lhe beijassem a maão como a seo senhor (ib. 199) — Lhe fizeram crer que as cousas... eram bem differentes (Barros, Déc. 1, 6, 2) — Lhe fazia saber que (ib. 1, 6, 4, bis) — Para o fazerem saber ao Çamorim (ib. 1, 7, 9) — Lhes fazia perder a vista (ib. 1, 8, 5) — Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto, que presuppoz de nella morrer santo (Camões, Lus. 7, 33) — A mi lembra... que lhe ouvi eu louvar hûa vez aquella sentença de Thales (Heitor Pinto 1, 410) — E fazendo oração... lhe ouviram dizer com hû grande suspiro: ó Jesu Christo, amores de my anima, pôe, Senhor meu, os olhos em ti (Fernão Mendes Pinto 3, 208) — Fizeram-lhe perder a constancia, fizeram-lhe perder a paciencia, fizeram-lhe perder a conformidade, e até a consciencia lhe fizeram perder (Vieira, Serm. 1, 825) — Muitas vezes ouvi ao confessor da Rainha nossa Senhora estas palavras formaes (ib. 13, 17) — Ao que devia cem cantaros de azeite fazia-lhe

escrever oitenta (ib. 232) — Pode ser que esteja neste auditorio quem *lho ouvio* (ib. 8, 151) — Mais de uma vez *lhe ouvira citar passagens* de autores romanos (Herculano, *M. de C.* 1, 178) — *Ouvi-lhe rosnar não sei o que* de Zilla de Restello (ib. 2, 103) — O espanto de D. Dorothea, quando *lhe ouviu dizer que* as ceias não *entravam* nos seus habitos, foi tal que *lhe tirou* o animo de rejeitar (Júlio Dinis, *Morg.* 1, 31).

873. Se se usar *ver* como verbo regente da combinação com infinitivo transitivo, o vocábulo denotador do indivíduo que é visto praticar a ação virá expresso de ordinário pelo acusativo se fôr substantivo, e pelo dativo se fôr pronome pessoal:

E como *lhe vira matar* patrides (*Santo Graal* 99) — Persival foy todo espantado do *que lhe vio fazer* a aquel tempo e aquella ora (ib. 134) — *Vio-lhe teer huã espada* muito limpa e bem corregida (Fernão Lopes, *D. J.* 63) — Quando *lhes viram apanhar os mortos* (Zurara, *P. M.* 275) — *Verão os cafres... tirar á linda dama seus vestidos* (Camões, *Lus.* 5, 47) — *Vê na agua salgada ter o Tigres e o Euphrates uma entrada* (ib. 10, 102) — *A mesma sorte viu ter a muitas suas vizinhas* (ib. 3, 89) — E *vereis ir cortando o salso argento os vossos Argonautas* (ib. 1, 18) — Cousas... de alto espanto *ver as nuvens* do mar, em largo cano, *sover as altas aguas* do Oceano (ib. 5, 18).

874. O verbo *deixar*, acompanhado de infinitivo de verbo transitivo com o competente objeto direto, e, tendo a acepção de “permitir”, construi-se como estoutro verbo com o dativo de pessoa *lhe*:

Mandamos aos Alcades que *lhe leixem veer as cousas* sobreditas (*Ordenações de D. Manuel* 1, tit. 39) — Davam graças a Deus pela mercê que *lhes fezera em lhes deixar ver gente* daquella qualidade (Damião de Góis, *D. M.* 1, 55) — No outro [dia] entretinha os curiosos da sua terra *deixando-lhes entrever os thesouros* da experiencia adquirida á custa de muitos annos de fadiga (Júlio Dinis, *Morg.* 1, 106).

875. Com um infinitivo intransitivo dir-se-á:

Que a deixem morrer e ao desamparo (Júlio Dinis, *Morg.* 3, 263).

876. Serve também a forma pronominal *lhe* para denotar a pessoa a quem se ordena que faça alguma cousa nas construções do verbo *mandar* com infinitivo transitivo, tendo êste seu complemento expresso:

Qualquer cousa *que lhes mandar fazer* o moço (*L. da Mont.* 233) — E com esto nom devem a atender que seu senhor *lho mande fazer* [i.e. servir em todallas outras cousas] (ib. 47) — Deshi que aquellas cousas *que lhes mandarem fazer*, que as nom errem de as fazerem como *lhes elle mandar* (ib. 204) — Apareceu Deus na çarça a Moyses e *mandou-lhe descalçar os çapatos*. Solve calceamenta de pedibus tuis (Vieira, *Serm.* 2, 380).

877. Causa primordial de se substituir, em certos casos, o dativo ao acusativo foi a necessidade da clareza. Exprimindo-se pela mesma forma pronominal tanto a pessoa como a cousa, teríamos, a permanecer rigorosa a construção dos dous acusativos, a duplicação confusa do pronome em *perguntou-o-o* por *perguntou-lho*, *ensinou-o-os* por *ensinou-lhos*, etc., e pouco lúcidas deveriam parecer aos antigos portugueses dicções como

fê-lo, cré-lo, pela circunstância de atrair o verbo regente muitas vêzes o objeto do verbo regido. Sem dúvida que nos exemplos *lhes fazia perder a vista, lhe fizeram crer que...*, *quando lhes viram apanhar os mortos, quando lhe ouviu dizer que...*, *pode ser que esteja neste auditorio quem lho ouviu*, há outro fenômeno a considerar além da mudança da forma pronominal. Nas orações assim constituídas, *lhe, lhes* não se referem a um vocábulo isolado, mas ao conjunto da expressão predicativa. E desta mesma maneira se entende o objeto indireto nos seguintes passos:

Aos seus almoxarifes mandou fazer toda a despesa (Fernão Lopes, *D. J.* 129) — Não cumpria o que *ElRey... lhe mandava fazer sobre isto* (Barros, *Déc.* 1, 6, 3).

878. Pronunciada ao acaso, e sem ligação com outros pensamentos, uma frase como *mandei-lhe escrever a carta* deixa por certo dúvida sobre o verbo a que se há de referir o termo *lhe*; mas isto não sucede no discurso, em que pelo contexto, pela situação, se esclarece sempre a referência.

879. Pôsto que a integração de sentido, em grande parte dos verbos que a exigem, não seja possível ou usual senão por meio do substantivo (ou vocábulo substantivado) e do pronome, casos há contudo em que pode igualmente ser expressa por um infinitivo. Sòmente não se deve ter por tão seguro aqui o critério da ausência ou presença da preposição para decidir se o infinitivo funciona, ou não, como objeto direto.

880. Complemento de verbo intransitivo é por certo todo o infinitivo preposicionado que fizer as vêzes de um nome igualmente preposicionado, como em *desiste de combater* e *desiste do combate*. Complemento é, além disso, o infinitivo expresso com partícula e dependente de verbo intransitivo cujo sentido não se integre por outro vocábulo senão pelo infinitivo preposicionado. Tratando-se porém de verbo que pede objeto direto, i. e. de um verbo regente transitivo, deveria esperar-se que as frases se construíssem sempre paralelamente: o infinitivo, pôsto em lugar do nome, ou do pronome *o*, havia de aparecer por tôda a parte sem partícula alguma. Entretanto tem restrições êste princípio. Assim é que, sendo regente um dos verbos *desejar, prometer, propor, jurar, determinar, esperar, procurar, pretender, merecer, resolver*, vemos como fato não raro, mas usual, em português antigo e quinhentista e, até, seiscentista, a preposição *de* anteposta ao infinitivo-objeto, podendo esta linguagem alternar com a da eliminação da partícula, sem prejuízo do sentido:

Depois que eu conheçi Jesus Christo e *merçi de seer* seu servo (*S. Josafate* 39) — En tal guisa que *mereçamos seer* contados (ib. 49) — Tethys... *deseja de comprar-vos* pera genro (Camões, *Lus.* 1, 16) — Qualquer dos corteços aventureiro *deseja ser* com fervida vontade (ib. 6, 51) — *Eu desejo* ha muito de *andar terras* estranhas (ib. 6, 54) — *Procuramos*, como proprios da terra, *de habital-a* (ib. 1, 54) — Se *pretendes*, rei alto, *de vingarte* (ib. 3, 38) — *Só de seguil-o* o exercito *procura* (ib. 3, 67) — Ellas *prometem... de ser* no Olympo

estrellas (ib. 4, 85) — *Determinei de assi nos embarcarmos* (ib. 4, 93) — *Tirar Ignez ao mundo determina* (ib. 3, 123) — *Determinei por armas de tomal-a* (ib. 5, 53) — A que novos desastres *determinas de levar estes reinos* (ib. 4, 97) — *Determinam mata-o em fim de tudo* (ib. 10, 116) — *Prometiam de o fazer* (Vieira, *Serm.* 8, 407) — Nova ley que elrey não só promulgasse, mas *jurasse de a cumprir* (ib. 8, 232) — Eu vos *prometo de vos compor um cantico novo* (ib. 9, 427) — *Resolveu de acabar com o homem e tiral-o da face da terra* (ib. 9, 239) — *Tinha resoluto de não tratar mais daquelle convento* (ib. 9, 191) — Nem [sei] que conta *esperam de dar a Deus* (ib. 9, 471) — *Juro de nunca mais te favorecer toda a vida* (Bernardes, *N. Flor.* 3, 8) — *Juro de nunca mais vestir armas* (ib. 3, 196) — *Has de jurar de não descobrir* isso a pessoa alguma (ib. 1, 410) — *Eu proponho de a guardar*, ajudando-me vós cõ vossa oportuna graça, e *de fazer* quanto em mi for, porque todos os homens a guardemos (Bernardes, *L. e C.* 432).

881. Reconhecendo-se a inutilidade da partícula entre o verbo transitivo e o infinitivo-objeto, foi esta desaparecendo do uso, nuns casos mais cedo, noutros mais tarde, até que por fim se fixou a linguagem hodierna, a qual, depois de qualquer dos mencionados verbos, só emprega o infinitivo puro como equivalente do objeto expresso por substantivo ou pronome.

882. Com o verbo *começar*, igualmente transitivo, prevaleceu, pelo contrário, a prática das construções discordantes, dizendo-se *começo o trabalho* e *começo a* (ou *de*) *trabalhar*, sem haver alteração semântica no verbo comum às duas frases. Que à linguagem de outrora já deveria parecer dispensável a partícula, verifica-se por vários exemplos do português antigo e pelos muitíssimos passos de João de Barros:

Começa singlar esta noyte (Santo Amaro 510) — *Começou fazer suas orações* (S. Josafate 31) — *Começou fazer vida solitaria* (ib. 37) — *Começou servir Nosso Senhor* (ib. 48) — *Começou tirar e dar com ssua espada grandes golpes* (Livro de Esopo 54) — *Começando descobrir* (Barros, *Déc.* 1, 1, 13) — *Começaram lograr as novidades* (ib. 1, 1, 7) — *Começou todo correr* (ib. 1, 1, 11) — *A gente começou entrar* (ib. 1, 7, 5) — *Começam ventar os ponentes* (ib. 1, 7, 4) — *Começaram despender sua palavra* (ib. 1, 7, 11) — *Já começavamos chegar às portas do mar Roxo* (ib. 1, 8, 1), etc.

883. Sem dúvida que a par destes exemplos ocorrem outros, em número muito maior, de *começar de* e *começar a*.

Vozes Ativa, Passiva e Medial

884. O sujeito de verbo transitivo pode ser considerado não sòmente como ponto donde parte a ação, mas ainda como o ponto para o qual a ação se dirige; e neste segundo caso se empregará o verbo no particípio do pretérito combinado com o auxiliar *ser*. Diz-se então que o verbo denotador da ação está na voz passiva, e que o sujeito é paciente, como nesta frase — *a ave foi ferida pelo caçador*; e chama-se, pelo contrário, voz ativa, com sujeito agente, à conjugação simples, como em — *o caçador feriu a ave*. Por extensão, diz-se que está na voz ativa, ou

que tem forma ativa, todo o verbo usado nos diversos tempos e modos da conjugação simples. Esta classificação facilita o estudo das formas, mas nem por isso se harmoniza sempre com a significação do verbo. *Andar, fugir, ir, voar* e outros intransitivos representam atividade em que o sujeito é, como nos transitivos ativos, verdadeiro agente; porém em *padecer, adoecer, morrer, envelhecer, durar*, não se revela nenhuma atividade da parte do sujeito. São atos que nêle se consomem, estados pelos quais passa, sem que para isso concorra o seu esforço. A condição do sujeito aqui é a de paciente. Estoutros intransitivos, ainda que tenham forma ativa, aproximam-se pois, quanto à significação, antes dos transitivos passivos que dos transitivos ativos.

885. Resta a considerar a terceira forma típica, sob a qual se apresenta ou pode apresentar o verbo. É aquela em que o conjugamos com o pronome reflexivo. É a forma intermediária entre a voz ativa e a passiva. Cabe-lhe por isso a denominação de voz média ou medial, que abrange as funções de reflexividade, reciprocidade e outras que vamos examinar.

886. Ocorrem a cada passo em português, como em outros idiomas, verbos acompanhados do pronome reflexivo. Servindo ocasionalmente aos verbos transitivos, e usualmente a alguns dos intransitivos, o pronome vem a exercer funções diferentes. Verifica-se aqui mais uma vez a deficiência da linguagem, a desproporção entre os limitados meios de expressão e a variedade de conceitos e cambiantes de conceitos que nos importa exprimir.

887. A mais palpável confusão que a linguagem faz, mas a inteligência desfaz pelo encadeamento das idéias, consiste em utilizar-se ela das mesmíssimas formas pronominais *nos, vos, se* tanto para a reflexividade como para a reciprocidade. Não raro temos por de bom aviso acrescentar termos esclarecedores, como em *honramo-nos a nós mesmos* e *honramo-nos uns aos outros*.

888. Pondo de parte a hipótese da reciprocidade, nota-se facilmente que o verbo transitivo acrescido do pronome *se* pode exprimir situações diferentes. Se dissermos por exemplo *Pedro, querendo matar-se, só conseguiu ferir-se*, significarão ambos os infinitivos atos rigorosamente reflexos, atos que, em lugar de se dirigirem para algum ser exterior, seguiram sentido contrário, praticando-os o sujeito sôbre si mesmo. Mas nestoutro pensamento *Pedro, atravessando o jardim, feriu-se nos espinhos das roseiras*, já o ato de ferir não emana do sujeito, e queremos significar apenas que êle ficou ferido.

889. Usam-se para um e outro fim, além de *ferir-se*, os verbos *arranhar-se, molhar-se, sujar-se, machucar-se, afogar-se* e vários outros.

890. Muitos verbos porém têm significação de tal espécie que, conjugados pronominalmente, não se prestam a ser interpretados como se executasse o sujeito algum ato reversivamente sôbre a própria individualidade. *Espantei-me, enganei-me, convenci-me, enfadei-me, aborre-*

ci-me, zanguei-me, só podem equivaler a "fiquei espantado, enganado, convencido, enfadado, zangado, aborrecido". A forma reflexa vem aqui dizer que o mesmo efeito que o sujeito, como agente, produz em outros indivíduos, se produziu inversamente nêle por uma causa qualquer do mundo exterior. Estes verbos conjugados pronominalmente têm de comum com uma série de verbos intransitivos essencialmente pronominais, o significarem sentimento. Por outras palavras para expressar o sentir zanga, mêdo, vergonha, piedade, arrependimento, etc. socorre-se a linguagem de verbos pronominais, ora de um tipo, ora do outro: *angustiar-se, enfurecer-se, envergonhar-se, arrepende-se, amedrontar-se, espantar-se, pascar-se, entusiasmar-se, apaixonar-se, apiedar-se, amerciar-se, condoer-se, comiserar-se, enganar-se, zangar-se, irar-se, impacientar-se, compadecer-se, vexar-se, aborrecer-se, enfastiar-se* etc.

891. O estado d'alma pode despertar impulsos, e assim o sentimento virá a manifestar-se exteriormente por alguma atividade. Verbos pronominais, neste caso, têm significação ativa, denotando o pronome reflexivo a pessoa vivamente afetada. Tais são: *gloriar-se, vangloriar-se, jactar-se, ufanar-se, gabar-se, atrever-se, lamentar-se, queixar-se, obstinar-se, lastimar-se, desabafar-se* etc.

892. Não é contudo verdadeira a recíproca desta regra. A linguagem tem caprichos. Dizemos *atrever-se*, ao passo que o seu sinônimo *ousar* se usa sempre na forma ativa.

893. Atos materiais, em geral movimentos, que o sujeito executa em sua própria pessoa iguais aos que executa em cousas ou em outras pessoas, ou de que resulta efeito idêntico ao destoutros atos, dizem-se dando aos respectivos verbos transitivos a forma reflexa: *levantar-se, sentar-se, deitar-se, atirar-se, arremessar-se, dirigir-se, encaminhar-se, acolher-se, arredar-se, vestir-se, despir-se, ajoelhar-se, alçar-se, erguer-se, coçar-se, pentear-se, abaixar-se, preparar-se, afastar-se, apartar-se* etc.

894. Verbos desta espécie dispensam por vêzes o pronome, como *mudar* ou *mudar-se* (para outro lugar), *ajoelhar* ou *ajoelhar-se*. Dos seguintes exemplos coligimos que, em diálogos, certos verbos podem repetir-se omitindo entanto o pronome reflexivo:

VILHALP. I: Não te queres calar; *recolhamo-nos*. PAJE: *Recolhamos*, que emfim sempre ouvi dizer que melhor era o meu que o nosso. (Sá de Miranda 2, 266) — Disse o peregrino: *assentemo-nos* ao longo desta fresca ribeira... *Assentemos*, disse o religioso (Heitor Pinto I, 86) — *Ergamo-nos* e caminhe-mos [disse o peregrino]... *Ergamos*, disse o religioso, e caminhe-mos. (*ib.* 1, 140) — E porque isto he noite, *recolhamo-nos* para o lugar que daqui está parecendo logo alem desta ribeira (disse o portuguez). *Recolhamos*, disse o italiano, pois se nos encubriu de todo a clara luz do sol (*ib.* 1, 398) — Como (disse Antonio) nam *se chama* v.m. Joam d'Eyro? Si *chamo* (respondeo elle...) (Luc. 1, 363) — Ou nós não entendemos que cousa he justiça, ou nesta sentença *se encerra* algum mysterio? Sim, *encerra*, e muito grande (Bernardes, N. Flor. 3, 200).

895. Os atos expressos pelos verbos na forma reflexa referem-se, uns unicamente a pessoas, outros a pessoas ou a animais, outros a entes ani-

mados ou inanimados, outros, finalmente, só a entes inanimados. Merece, além disso, atenção a linguagem figurada, em que nos referimos a plantas e a sêres inertes como se fôssem dotados de vida animal e executassem movimentos próprios de homens e animais. Neste exemplo de Herculano *o rio cobre-se com o seu manto de névoas*, o sujeito *rio* está personificado, e o verbo tem rigorosamente o mesmo sentido que teria se falássemos de um rei que se cobre com o seu manto de arminho. Nem menos audaciosa se revela a imaginação nestoutra frase a *palmeira ergue-se altiva*, onde se troca um verbo de situação vulgar por outro de movimento para produzir a impressão de altura grandiosa.

896. Nas frases seguintes e em outras do mesmo gênero, em que o verbo, tomado na acepção própria, tem para sujeito um nome de cousa, a voz medial significa que a ação se executa por si mesma no objeto de que se fala:

O prédio incendiou-se, a vida extinguiu-se, a luz apagou-se, a água congelou-se, o gelo derreteu-se, o leite estragou-se, a árvore desfolhou-se, o véu rasgou-se, o vestido descoheu-se, a nuvem desfez-se, a parede fendeu-se, a epidemia alastrou-se, a tábua despregou-se, o rochedo despenhou-se, o galho bifurca-se, a flor abriu-se, o tronco partiu-se, a água sumiu-se, o navio perdeu-se, a retina descolou-se, a pupila dilatou-se, a ferida abriu-se.

897. É como se disséssemos *ficou incendiado, ficou extinta, apagada, congelada*, etc.

898. Nestas frases os verbos na forma medial denotam atos espontâneos, sem agente ou causa aparente. A linguagem, aproveitando-se desta facilidade, torna o mesmo processo extensivo a casos de outra espécie e trata como se espontâneos fôssem atos emanados de agente que não se quer ou não se sabe mencionar. Tal é a origem de *vendem-se casas, alugam-se quartos, alarga-se a rua, desbarata-se a fortuna*, etc. Mas aqui, sendo latente a noção do agente humano, costuma-se colocar o substantivo no lugar que compete ao objeto direto, isto é, depois do verbo. Algumas vêzes basta trocar a ordem das palavras para alterar o sentido, como em *estraga-se a roupa* e *a roupa estraga-se*. E vai-se mais longe. Como se tem em mente o conceito de alguém como agente, como sujeito psicológico, não se põe dúvida em dar ao substantivo caracteres próprios de objeto e se usa o pronome *se* até com verbos intransitivos:

1. Um paço onde *se serve a Deus* he um deserto edificado (Vieira, *Serm.* 5, 538) — Olhos com que *se vê a Deus* (*ib.* 5, 372) — *Louva-se ao Deus* Termino (Castilho, *Fast.* 1, 149) — Por tudo isto *se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se* (Castilho, *Excerptos de Bern.*, 2, 285).

2. É fraqueza *desistir-se da cousa* começada (Camões, *Lus.* 1, 40) — Não *se procede* mais na demanda (Barros, *Déc.* 1, 10, 2) — Na cruz *morre-se* huma só vez, no Sacramento *morre-se* cada dia (Vieira, *Serm.* 5, 560) — *Andava-se* de porta a porta não menos que em tres dias de caminho (*ib.* 5, 13) — *Creia-se* em cousas (Castilho, *Fast.* 1, 157) — *Acode-se* em tropel (*ib.* 1, 49) — *Trata-se* de salvar o imperio (Herculano, *Eur.* 74) — *Vive-se* á luz da esperança (*ib.* 135).

899. Dos verbos intransitivos usados de ordinário na forma ativa, admitem alguns ocasionalmente a forma medial, acrescentando o pronome reflexivo algum conceito nôvo ao verbo ou exprimindo êle a ação mais enèrgicamente. *Êle ficou-se com a fortuna* significa que o sujeito ficou com a fortuna definitivamente para si, ou que a tomou a outrem sem intenção de a restituir; ao passo que em *êle ficou com a fortuna* o verbo tem sentido mais vago, equivalendo por ventura simplesmente a “coube-lhe em sorte a fortuna”. Ao verbo *ir*, que na forma ativa denota locomoção no sentido geral, damos a forma *ir-se* quando o ato é definitivo, ou violento ou equivale a desaparecimento. Assim distinguimos “*Antônio foi para o mato*”, “*Antônio foi-se para o mato*” e “*O dinheiro foi-se*”.

900. Por êstes exemplos vê-se que, sendo o sujeito um ente animado, o pronome reflexivo mostra que êle é vivamente interessado no ato que executa. O interêsse consiste às vêzes na satisfação de um impulso, mostrando-se o sujeito despreocupado do mundo exterior. Tal é a causa do emprêgo do verbo medial nestes passos:

E assim por esta razão, que por si só bastava, como pelo pouco gosto com que ali sou visto dos que assistem mais de perto, *estou-me* na minha cella (Vieira, *Cartas* 2, 158) — Porem Elias... *estava-se* no seu paraiso, em summa quietação, em summo socego, em summa felicidade (Vieira, *Serm.* 1, 1112) — *Eú me vou* passando as ferias em Villa Franca, onde alternativamente vai tendo seus oito dias toda a nossa universidade (Vieira, *Cartas* 1, 229) — Os peixes pelo contrário lá *se vivem* nos seus mares e rios, lá *se mergulham* nas suas grutas, e não ha nenhũ tão grande que *se fie* do homem (Vieira, *Serm.* 2, 315).

901. As formas *partir-se*, *subir-se* e *descer-se*, de uso freqüente em português antigo e na linguagem da Renascença, diferiam de *partir*, *subir* e *descer* em aliarem ao conceito de locomoção o de resolução firme ou de movimento brusco. *Partir-se* emprega-se, além disso, também como sinônimo de “*apartar-se*, *separar-se*”:

Fazem que se atreva Fernão Velloso a hir ver da terra o trato e *partir-se* co elles pelo mato (Camões, *Lus.* 5, 30) — Já da real presença veneranda *se parte* o capitão pera onde peça... embarcação (ib. 8, 78) — *Co elle parte* ao caes (ib. 8, 79) — Diz que lhe daria embarcação bastante em que *partisse* (ib. 8, 80) — Não *parte* o Gama em fim, que lho defende o regedor (ib. 8, 84) — Do porto amado *nos partimos* (ib. 5, 1) — Começa a embandeirar-se toda a armada... por receber com festas e alegria o regedor das ilhas que *partia*. *Partia*, alegremente navegando, a ver as naos ligeiras lusitanas (ib. 1, 60) — Isto disse, e nas aguas se escondia o filho de Latona; e o mensageiro co'a embaxada alegre *se partia* pera a frota no seu batel ligeiro (ib. 2, 89) — Antes de *me partir* para o Brasil (Vieira, *Cartas* 2, 221) — Estes navios *se partem* tão arrebatadamente como quem vai fugindo á morte (Vieira, *Serm.* 2, 277) — Põe-se a cavallo, *parte-se* para sua casa (ib. 5, 520) — Na terra cautamente aparelhavam armas e munições, que, como vissem que no rio as naos ancoravam, nelles ousadamente *se subissem* (Camões, *Lus.* 2, 17) — Começou a chover o dilúvio de Noé... *subiram-se* os homens aos quartos altos... *subiram-se* aos telhados... *subiram-se* ás torres... *subiram-se* aos montes... Postos neste estado, os homens já não tinham para onde *subir* (Vieira, *Serm.* 3, 293) — *Dece-se* [o rey] do trono real em que se assentavam sempre os reys, conforme o costume daquelles tempos: rasga a purpura, veste-se de

hum aspero cilicio (ib. 5, 145) — A mayor fineza que fez por nós aquelle incomparavel espirito, para desengano e remedio do reyno, foy *decer-se* da magestade á alteza (ib. 13, 57).

902. De *rir* e *sorrir*, na forma ativa, diversificam *rir-se* e *sorrir-se* em vir o riso ou sorriso acompanhado de um sentimento íntimo de zombaria, gracejo, contradição, descaso ou descrença. A frase *nesta casa tudo ri* significa a pura manifestação da alegria. Troque-se *ri* em *ri-se*, e entenderemos que a alegria vem com malícia. Emprega-se, contudo, às vêzes a forma ativa onde conviria a forma medial. Cotejem-se os exemplos:

Disse então a Velloso hum companheiro — *começando-se* todos a *sorrir*: “Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro he melhor de *decer* que de *subir*”. (Camões, *Lus.* 5., 35) — Que tarantula tomou a esse doudarraz de Minos, que *ri* ás gargalhadas? (Filinto Elísio 19, 247) — Tam bem são nella [tragédia Astrate] manejadas as paixões que os espectadores ás gargalhadas *riem* desde o principio da tragedia até ao fim (ib. 19, 265) — *E ria-se* com a mesma alma e a mesma intelligencia, da galhofa de Gil Vicente que os herejes como Erasmo admiravam e applaudiam (Camilo, *Bo. do Esp.* 283). — E a cõrte de D. João 3.º, o Inquisidor, a *rir* ás escancaras (ib. 284) — Mas onde está a thaumaturga, que fez o milagre de converter este celibatario emerito, que eu conheci em Lisboa a *rir-se* do casamento? (Júlio Dinis, *Morg.* 2, 200) — Com grande espanto meu, ella olhava-me de longe *sorrindo* e na apparencia decidida a dirigr-me a palavra (Júlio Dinis, *Ser. da Prov.* 138) — *Rindo-se* das suas proprias façanhas (ib. 150) — *Sorri-me* á observação e continuei (ib. 156) — *Se*, pelo contrario, alguma cousa acontecia, que fizesse *sorrir* o filho — *se* as caricias lhe estancavam as lagrimas, olhava-o, esperando quasi vel-o *sorrir* também (ib. 168) — Dei a entender isto mesmo a Thomaz, elle *sorriu* (ib. 188) — Com o tempo falaremos [disse]. *E riu-se* (ib. 194) — *Sorri-me* da ingenuidade da confissão (ib. 196) — Apresentou-me logo á mãe, que, ao cumprimentar-me, *sorriu* e me fez signal de não falar a Thomaz na carta que eu recebera della (ib. 198) — Cada qual no gabinete lê uma obra de duvidosa moralidade; *ri-se*, diverte-se com a leitura (ib. 226).

903. *Lembrar* (a alguém alguma cousa) é verbo causativo. Diz o mesmo que “fazer alguém lembrar-se”, “sugerir a lembrança”, como em *lembrei-lhe a promessa que me fizera*. Nem sempre a causa determinante é, como neste exemplo, um agente pessoal; a memória também pode ser despertada por uma cousa, um fato qualquer. Às vêzes as imagens do passado acodem ao espirito como que espontâneas, sem causa aparente. Para todos êstes casos costumam os escritores portugueses, sobretudo os modernos, utilizar-se do verbo *lembrar* na forma ativa, reservando a forma medial *lembrar-se* de preferênciã para o despertar de idéias resultante do esforço próprio de meditar e em harmonia com êle. No Brasil não é uso distinguir tanto. Dizemos *lembrar* quando o agente é pessoal, como no exemplo acima, e para o mais serve-nos perfeitamente *lembrar-se* “de alguma cousa” ou “de alguém”. Trechos de autores lusitanos:

Lembra-me acerca do entranhavel medo que esta gente tem, uma historia muitas vezes repetida e celebrada dos Mouros (Jerônimo de Mendonça, *Jorn. de Afr.* 2, 10) — *Lembra-me* que fui um dia a um carcere destes visitar um cativo, onde vi hum judeu mui bem disposto e membrudo (ib. 2, 12) —

Comtudo lhe pediram que *se lembrasse* do que os soldados daqui pretendiam (Fernão Mendes Pinto 3, 160) — E passando eu no caminho pela porta Appia... vendo muytos pedaços de edificios antigos... *me lembrou* que lera em Fulvio... que aquelle era o lugar... E tambem *me lembrou* que lera isto em S. Augustinho (Heitor Pinto 1, 282) — Mas quando pensava que seria padre, *lembravam-lhe* aquelles que tantas vezes vira em casa da Sra. Marqueza (Eça de Queirós, *Padre Am.* 29) — Amaro foi para o seu quarto, começou a rezar o Breviario, mas estava fatigado, vinham-lhe distracções, *lembravam-lhe* as figuras das velhas, os dentes podres de Arthur, sobretudo o perfil de Amelia (*ib.* 69) — Diante della, ao pé della, quando a via, não *lhe lembrava* que elle era — o padre Amaro, parcho da Sé (*ib.* 98) — Adeus, mãe, adeus. Pense em mim e *lembre-se de...* Paulina (Júlio Dinis, *Ser. da Prov.* 181) — E qual é a mãe que *se não lembra* de seus filhos? (*ib.*).

904. O contrário de *lembrar-se* é naturalmente *esquecer-se*. A par desta forma medial possuímos, para casos especiais, a forma ativa *esquecer*, usada ora como verbo pessoal, ora como verbo impessoal com o dativo do nome da pessoa a quem a memória falha. Com esta última linguagem se assinala que alguma lembrança não acode de pronto ou no momento oportuno; ao passo que esquecer uma pessoa a outrem, esquecer cousas, atos ou sentimentos que ocupavam a atenção, é cessar de pensar, de dirigir a atenção em tal sentido, e pode equivaler a “desprezar”, “não fazer caso”.

905. Postas estas diferenças gerais como pontos culminantes, cumpre todavia advertir que na prática podem aparecer apagadas as fronteiras entre as três maneiras de dizer. Assim, falando de algum objeto que, por desatenção e contrariamente ao desejo, se deixa de levar a outro sítio, emprega [Júlio] Dinis *Ser. da Prov.* 155 o verbo na ativa: *Thomaz esqueceu isso um dia de manhã sobre a mesa*, o que é diferente de *esquecer estudos*. Outras vezes, onde podia estar *esquecer alguma cousa a alguém*, escreve-se de preferência *esquecer-se alguém de alguma cousa*. Esta linguagem é a mais usada no Brasil.

906. Exemplos portuguezes com os três tipos de linguagem:

Aquella sombra, ou antes aquelle corpo... afastou-se alguns passos e voltou-se de novo, passando em revista todas as janelas com escrupulosa atenção; porem *esquecendo-se* neste exame exactamente da unica que o havia trahido (Júlio Dinis, *Ser. da Prov.* 133) — E assim eu me deixava então enlevar pela reminiscencia das passadas scenas, que tão profundamente me fazia *esquecer* tristezas e alegrias presentes (*ib.* 136) — Talvez que essa idéa *esquecesse* (*ib.* 144) — Respondi ao abbade, que me havia dirigido não sei que pergunta que por insignificante *me esqueceu* (*ib.* 157) — O medico e o abbade *esqueceram* por um pouco a reciproca antipathia (*ib.* 163) — *Esquecer Thomaz!* (*ib.* 176) — *Ia-me esquecendo* participar-lhe que me formei em medicina (*ib.* 186) — E *esquecendo* toda a etiqueta, levantou-o ao ar como lhe fazia em criança (*ib.* 190) — E *esquecendo* até o habitual laconismo (*ib.* 193) — Agostinho *esquecera-se* de comer (*ib.* 235) — Ao ouvir estas palavras, Augusto *esqueceu* toda a hesitação (Júlio Dinis, *Morg.* 2, 256) — Não *lhe* podiam *esquecer* as claras eiras (Eça de Queirós, *Padre Am.* 32) — As vezes mesmo *esquecia-se* de marcar (*ib.* 68) — Se ás vezes ao deitar *lhe esquecia* uma Salve Rainha, fazia penitencia no outro dia (*ib.* 74) — E não podia *esquecer* aquelles beijos de noite no pinheiral serrado (*ib.* 85) — Resolvia então *esquecel-a* (*ib.* 104) — Veja lá, não *lhe esqueça* alguma cousa, sr. parcho (*ib.* 137) — *Tel-a-ia esquecido?* (*ib.* 146) — Desejou *esquecel-o* [ao padre Amaro] (*ib.*).

ADVÉRBIOS:

ESPÉCIES, FORMAS E SIGNIFICAÇÃO

907. O advérbio é um vocábulo determinativo do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio. Acrescenta a estoutras palavras o conceito de tempo, lugar, modo, etc. que lhes delimita ou esclarece o sentido, sem contudo exercer, como o acusativo, o dativo e o objeto indireto circumstancial [veja parágrafo 840], função puramente complementar.

908. Dos advérbios latinos, originados, na maior parte, de nomes ou pronomes, poucos passaram às línguas românicas. Enriqueceram-se estas todavia com algumas formações desconhecidas do latim literário, com várias creações novas e, em especial, com os advérbios em *-mente* que se tiram de adjetivos. Esta terminação nada mais é do que o ablativo do latim *mens*, v. g. em *bona mente*. Por algumas locuções deste tipo se modelaram outras muitas, acabando por obliterar-se a significação primitiva do substantivo e passando êste a valer tanto como um sufixo derivativo.

909. Inumeráveis são as locuções adverbias resultantes da combinação de preposições com substantivos. Diferem dos advérbios propriamente ditos apenas por serem frases mais ou menos longas. Na prática muitas vezes se lhes aplica, por comodidade, o nome de advérbios. *Com prudência, com energia, com brandura*, etc. equivalem a *prudentemente, enérgicamente, brandamente*, etc.

910. Por êste processo de combinar preposições com substantivos se crearam *acima, em cima, por cima, embaixo, debaixo, para baixo, à força, por força, depressa, com pressa, de dia, de noite, de manhã, à manhã, apenas, a grandes penas* (português antigo), *de coração, de maravilha, de graça, a fio, sem dúvida, por um triz, às rebatinhas, em silêncio, de corrida, no mesmo ponto, devagar, com efeito, em verdade, acaso* (português hodierno *por acaso*), *de nenhum modo, de propósito, de indústria, de caso pensado, destarte, desta maneira, porventura, enfim, por fim, a giros*, etc. Escreve-se hoje ligado *arriba* (em vez de *a riba*), *acima, debaixo, enfim*.

911. Em algumas locuções fica subentendido o substantivo (*maneiras, maneira, moda, modo*, etc.): *às occultas, à inglêsa, à francesa, às direitas, às boas, às claras, às cegas, ao natural*, etc.

912. Algumas vezes, por analogia de outros advérbios, antepôs-se pre-

posição a advérbio preexistente: *de súbito* (a par de *súbito*), *de repente*, *decerto*.

913. Da combinação, em período românico, de preposições com outras preposições ou com advérbios procedem: *depois* < *de pos* (*de post*), *diante*, *detrás* (*de trans*), *acêrca*, *dentro* (*de intro*), *então* (*intunc*), *assaz* (*ad satis*).

914. Dividem-se os advérbios segundo a sua significação em advérbios de tempo, de lugar, de modo, de negação, afirmação, de dúvida, de quantidade, de ordem. Muitos dentre eles exprimem condições e circunstâncias de caráter determinado; outros denotam conceitos capazes de aumento ou diminuição. Estes últimos são, como os adjetivos, suscetíveis de graus de comparação.

915. Faremos em seguida o histórico de alguns advérbios.

ADVÉRBIOS PRONOMINAIS

916. Originaram-se os nossos advérbios *aqui*, *cá* e *lá* das formas ablativas *hic*, *hac* do pronome demonstrativo latino aglutinadas a outras palavras (*eccu(m)*, *ill(e)*). *Ai*, outrora *hi* ou *i* ainda que pareça filiar-se a *ibi*, é provavelmente o próprio vocábulo *hi(c)* com função adverbial. *Ali* procede de *illíc*. Poderíamos, pois, atendendo à etimologia, classificar as formas portuguesas como advérbios pronominais.

917. Além das formas *cá* e *lá*, ocorrem em português antigo *acá* e *alá* com a variante *aló*, e, como estas têm sentido directivo, deve-se concluir que se trata aqui da junção da preposição *a* àquelas antigas formas:

Nunca ouvemos tal tempo pera fazer a vontade de aquelle que nos *aqua* enviou (S. *Josafate* 32) — Temerô-se de nõ ir elrei *allo* aaquella festa (ib. 30) — Pois di-me, filho muito amado, como veeste *acá* e que se fez de ti depois que me de ti parti (ib. 44) — Elrei Barachias foi-se logo *alla* cõ muita gente (ib. 48) — Logo foy *alla* apos elles (Santo *Graal* 7) — A menos de el Rei *allo* hir com seu poder (Fernão Lopes, *D. J.* 130) — Foi Nun Alvarez *alla* por fallar ao Meestre (ib. 362) — Foi *alla* muita gente pera esto (ib. 316).

918. O moderno *ai* adquiriu a inicial *a* por influência de *aqui* e *ali*. Em escritores quinhentistas ainda se encontra a cada passo o advérbio sem a vogal protética. Por esta mesma época vogava o emprêgo do dito advérbio na expressão *hi aver* com significação idêntica ao francês *y avoir*, não sendo porém obrigatório em português o emprêgo da partícula. Assim, a par de frases com o verbo existencial simples, aparecem exemplos como os que se seguem:

Elles movem-se com dizerem que he verdade que não *ha i* verdade. Se *hi* não *ha* verdade, logo elles nã na dizem (Heitor Pinto 2, 62) — [Alexandre] ouvindo dizer a Anaxarcho que *avia hi* muytos mundos, se pos a chorar (ib. 2, 68) — *Averá hi* sinaes no sol, e na lua, e nas estrellas (ib. 2, 169) — Onde *ha i* sol, *ha i* sombra (ib. 2, 592) — Onde *ha i* muyto beber, não *ha i* segredo (ib. 2, 613).

U (HU), ONDE, DONDE, AONDE

919. Para denotar o lugar de presença, e o lugar de procedência, serviram à linguagem antiga os advérbios *u* (latim *ubi*), também grafado *hu*, e *onde* (latim *unde*), podendo ambos fazer as vêzes de pronome relativo:

Perguntou... que lhe dissesse, *hu* era o escudo, *onde* [=de que] tamto fallavam pella terra (Santo *Graal* 33) — Soo aquella aruor sta ho muymento, *honde* saae a voz (ib. 41) — Aquel cavalleiro *honde* [=de quem] me vos fallastes (ib. 83) — E perguntou-os *honde* [=de que lugar] eram (ib. 84) — O lugar *u* pousava (S. *Josafate* 15) — *U* he aquel enganador (ib. 20) — Mostra-nos a casa *u* mora (ib.).

920. Como porém a noção de procedência se indicava em geral pela preposição *de*, creou a analogia o pleonasma *donde*, o qual já em bem antigos documentos ocorre ao lado da forma primitiva e com a mesma acção. No *Santo Graal* lê-se:

Ataa que sayba *donde* saae estas vozes [a par de: quem soubesse *honde* estas vozes saae (59); contou-lhe *donde* era (36); *donde* veeo ho scudo (35)]

921. A vulgarização de *donde*, tão expressivo para denotar procedência, deu lugar a crer-se que o mesmo vocábulo, desprovido da característica partícula *de*, era tão-sòmente o sinónimo do advérbio *u*. A esta modificação semântica precedeu naturalmente um período de confusão, de que dão eloqüente testemunho estes passos do *Livro de Esopo*:

Pol-a [a linha] darredor da arvor *domde* a aguya tijnha sseus filhos (19) — Chegou a rraposa ao pee da arvor *omde* a aguya tijnha sseus filhos (18) — Levou-hos a hũu ninho *hu* estavam sseus filhos (18).

922. Supérfluo pareceu afinal o advérbio *u*, e fadado a desaparecer. Na segunda fase do português antigo vai escasseando o seu emprêgo, até tornar-se raridade na linguagem quinhentista e seiscentista, onde se nos depara combinado com o artigo sob a forma interrogativa *ulo* (significando “onde é o”, “onde está o”) e, até, *adulo* por influência do superfetado *adonde*, de que adiante falaremos:

E *ulas* cavallarias que tendes para me levar (Gil Vicente 3, 46) — Onde está o entendimento? *Ulo* ser e autoridade de fidalgo? (Sousa, *Arc.* 1, 433) — *Adullo* o teu malvaisco, Britez filha, e o solimão? (Francisco Manuel de Melo, *Fid.* Apr. 25) — Pois *adullos* mariolas? (ib. 52).

923. *Ulo* podia vir seguido de um demonstrativo como em Gil Vicente 3, 67: *Hulos esses namorados?*

924. Cedido o pôsto do antigo advérbio ao vocábulo *onde*, nem por isso se mostram daí por diante convencidos os escritores de que o termo sem algum reforço preposicional basta sempre para indicar o que o latim *ubi* indicava; e assim *aonde* e *donde*, só ou aumentado em *adonde*, passam a usar-se também como sinónimos de *onde*.

925. Exemplos quinhentistas:

Poderia passar a gente nos bateis das naos a outra banda do rio, *donde* a fortaleza está situada (Jerônimo de Mendonça, *Jorn. de Afr.* 1, 40) — Na casa *donde* estes homens estavam com o capitão (*ib.* 1, 98) — Tornando ás tendas *donde* passámos a noite (*ib.* 1, 99) — *Donde* estará ella agora? (Jorge Ferreira, *Ulis.* 357) — Verás a última terra *adonde* viviam tres irmãs (Gabriel Pereira de Castro, *Ulis.* 7, 71) — Num aposento *adonde* repousando em alto sono a Gorgoris achava (*ib.* 8, 13) — Undoso leito, *donde* repousava o mar (*ib.* 1, 30).

926. Exemplos seiscentistas:

Nem o será nunca *aonde* a ley e a religião não for a mesma (Vieira, *Serm.* 8, 486) — Isto acontece *aonde* falta a resolução (*ib.* 8, 486) — E logo me ausentey daquelle lugar para este *aonde* agora me vedes (Bernardes, *N. Flor.* 2, 75).

927. Abundantes exemplos de *aonde* por *onde* encontram-se em Vieira, *Serm.* 14, 130-131:

Roma, *aonde* os exemplos de todo o genero de virtudes são tantos... em outras cidades e côrtes do seculo, *aonde* o costume dos vicios se fez ley — No inferno, *aonde* todos são maus, nenhum se envergonha dos outros — Porque ha de envergonhar-se hum demonio, *aonde* todos são demonios, e hum condenado *aonde* todos são condenados? — *Aonde* a cobiça... se tem por fortuna e se inveja, quem se envergonhará de ser avaro? — *Aonde* a maior arte he o engano... quem se envergonhará de mentir?

928. Exemplos setecentistas:

Por saber *donde* habite, ou quem seja ella, seguiu, voando, os passos da donzella (Durão, *Caram.* 4, 7) — Nem cuidio que outro [terreno] visses mais ameno, nem *donde* com mais gosto a gente viva (*ib.* 6, 176) — E na escura caverna, *adonde* Jove [outro espirito] espalha a luz tremenda (*ib.* 1, 10).

929. *Donde* e *adonde* foram usados também com significação diretiva:

Leva-me *adonde* reynas (Bernardes, *L. e C.* 500) — Levanta o coração *adonde* és chamado para a eternidade (Bernardes, *N. Flor.* 2, 75) — Sobe até *donde* quer (Francisco Manuel de Melo, *Ap. Dial.* 272) — São como mercadorias, que segundo a parte *donde* [=para onde] se encaminhão, valem ou não valem (*ib.* 272).

930. Muito dignos de ser notados são êstes passos de Francisco Manuel de Melo, *Apólogos Dialogais*:

Fonte V. Emfim, *donde* [=para onde] o levão agora?

Sold. A deytallo no mar como cisco, ao que suspeito (272) — *Donde* [=onde] os não houve? (279) — Auth. *Aonde* [=onde] força ha, direito se perde — Bocalino. E ás vezes *onde* não ha força (299).

931. Do diálogo à página 8 do *Fidalgo Aprendiz*, do mesmo autor, conclui-se que *donde* são? equivale a *unde sunt* e *donde estão?* a *ubi sunt*.

932. Apesar de todos êstes exemplos e outros que deixamos de mencionar, prevaleceu a doutrina de considerar tais casos como aplicação secundária ou imprópria dos advérbios *onde*, *donde* e *aonde*, cabendo-lhes expressar respectivamente a noção locativa, a de procedência e a diretiva. O português literário hodierno cinge-se a esta regra e não toma para modelo exemplo clássico que, porventura, dela se afaste.

PORENDE, PORÉM

933. Filiados ao advérbio latino *proinde* e respectiva forma abreviada *proin*, usam-se na antiga língua português *porende* e *porém*, tendo ambos o sentido de “por isso”:

E vay-se tam taste que o nom poderedes já oje acalçar. E *porende* vos louvária de ficardes (*Santo Graal* 116) — Comendo do fruto que lhe elle defendera, e *porẽ* foi tirado e lançado do paraiso terreal (*S. Josafate* 10) — Quando elrei esto ouvio, sospeitou que algũa sanha ouvera delle o infante, e que *porẽ* se partira delle (*ib.* 18) — Destruio pois *porende* o castello (*Santo Graal* 90) — Me parecem poucos; *por emde* tornei pera me dardes mais vassalos (Fernão Lopes, *D. J.* 17) — [O Mestre disse] que nom compria a seu serviço de se desavirem a tall tempo: e que *por em* lhe rrogava que em tall sazom nom ouvesse com elles desaveença (*ib.* 361).

934. Deu o uso geral a preferência ao termo mais curto, de modo que *porende*, cada vez mais raro, acabou por extinguir-se, ficando desconhecido do português moderno. Mas a palavra *porém* não penetrou na linguagem da Renascença sem uma notável transformação semântica. Em vez de significar “por isso”, “por essa razão”, passa a dizer o mesmo que “mas”, “apesar disso”, “contudo”. Deixa de expressar a noção de causa determinante de certo ato, para denotar oposição de idéias ou pensamentos. O primitivo advérbio transmuda-se em conjunção adversativa.

935. Ponto de contacto entre situações tão diversas está nas frases negativas, e foi naturalmente por elas que principiou a transição semântica. Cotejem-se com a linguagem antiga certos passos do falar moderno, nos quais, sem prejudicar o sentido, se poderia substituir *não porém* por *não por isso*, ou *nem por isso*:

Forom feridos... *nom por em* de perigosas feridas (Zurara, *Guiné* 452) — E ainda que quando o levaram diante del-rei desmaiou, *não* desfalleceu *por em* em sua firmeza, mas foi hum natural pejo (Jerônimo de Mendonça, *Jorn. de Afr.* 2, 129) — A corda quebrou outra vez, parece que com piedade, mas *não* quebraram *por em* os duros animos dos crueis algozes, antes com gram presteza foram buscar a um poço outra (*ib.* 2, 122).

936. A origem adverbial de *porém* dá a razão da possibilidade de colocar-se esta palavra no meio e, até, no fim da oração, lugar impróprio das conjunções:

O forte Baçaim se lhe dará, *não* sem sangue *por em* (Camões, *Lus.* 10, 61) — Dizem. Eu não o creio *por em* (Garrett, *Viag.* 1, 68) — O floreo nome não te engane *por em* (Castilho, *Fast.* I, 93).

937. Operada a alteração semântica, só pela lei de inércia se explica o continuarem os quinhentistas a empregar as linguagens e *porém*, mas *porém* nas orações adversativas. Leitores modernos d'Os Lusadas atribuíram a segunda expressão a liberdade poética, deslize ou cousa que o valha. Sem razão; ela ocorre mui freqüentemente em João de Barros e outros e, até, em Fernão d'Oliveira. São dêste gramático os exemplos seguintes:

Desta letra q parece Quintiliano duvidar... a quem segue Diomedes, mas *porem* Marçiano diz outra cousa, e comtudo os latinos aperfiem consigo (40) — *Mas porem* para saber todas estas cousas requiere-se ler e ver muyto (66) — *Mas porem* podemos saber (70) — *Mas porem* se achassemos hũa cousa nova (83) — *Mas porem* dos nossos e tirados ha hi alghús que não seguem a regra que demos (98) — *Mas porem* dos verbaes... tiraremos isto (*ib.*).

938 Pôsto que a diferença de significação do vocábulo *porém* seja um dos característicos entre a linguagem antiga e a moderna, cumpre notar que no antigo falar já podiam ocorrer, de quando em quando, frases em que *porém* teria o sentido que se lhe dá hoje, como nestes exemplos:

Nom embargamdo esto que assi he dito... algũus *porem* teem oppeniom que amballas cousas que dissemos... neeste feito concorrerom (Fernão Lopes, *D. J.* 330) — Era hũu homem pequeno de corpo, de boas feições *poremde* (*ib.* 314).

POIS, DEPOIS

939. Da partícula latina *post* procede a forma portuguêsã *pois*, usada a princípio como advérbio e logo como conjunção. Ao advérbio simples não tardou a preferir-se a forma reforçada *depois* e também *despois*. Existem contudo na linguagem antiga exemplos da forma simples empregada com função adverbial e tendo o sentido de “mais tarde”:

Quando el esto ouvjo, sayo e foy-sse ao paaço. E *pois* achou seu filho com gram companha de cavaleiros que vjnham com elle do torneio (*Santo Graal* 52) — E fez logo hũa promessa que em toda aquella demanda nom comesse senam pam e agoa; e teve *pois* esta promessa muy bem (*ib.* 119) — Em tam foy a seu cavallo e cavalgou e leixou o cavaleyro e a donzella que bem fezerom *pois* quanto prometerom (*ib.* 121) — Daquel cavaleyro e daquella donzella sayo *pois* licanor o grande, boo cavaleyro, que matou meragis (*ib.* 121).

TALVEZ

940. Antigamente, quando não havia plena certeza da veracidade de um fato, era costume inserir a ressalva *porventura* na informação que a outrem se dava. Hoje damos preferência a *talvez*, tendo-se perdido de todo o sentimento da acepção primitiva dêste dizer. Não reparamos, sequer, na justaposição *tal vez*, com que se denotaria, não a dúvida por parte do indivíduo informante, mas um conceito de tempo referido ao verbo da oração.

941. *Tal vez* foi a princípio, de fato, nada mais que um advérbio de tempo, significando “certa vez”, “alguma vez”, “uma vez por outra”:

Deus nosso Senhor no Testamento Velho commummente fallava por Anjos. Assim fallou a Abrahão, a Jacob, a Isaac e a outros. E *tal vez* fallou de hũa çarça, como a Moyses; *tal vez* de hũa tempestade como a Job (Vieira, *Serm.* 12, 75) — Daqui naceu o ditado dos mareantes, que *tal vez* basta hum pão para fazer cem leguas, e *tal vez* para fazer huma legua não bastam cem pães (*ib.* 8, 176) — Muitas vezes passava os tres e os quatro dias, e *tal vez* a semana inteira, sem comer bocado (*ib.* 8, 184) — *Tal vez* convem a afabilidade com o amigo... e *tal vez* convem... mostrar-se austero ainda ao igual (Francisco Manuel de Melo, *Ap. Dial.* 148) — *Tal vez* succede que a mãi ama com maior excesso o filho de que teve peyor parto (*ib.* 405) — Agora nos parecem altos montes, agora soberbos edificios; *tal vez* rios caudalosos, e *tal vez* fresquissimos arvoredos (*ib.*) — Algumas [testemunhas de vista] juraram que *tal vez*, dizendo-se missa, succedeu florecer a casula e o calix, com que o sacerdote a dizia (Bernardes, *N. Flor.* 2, 321) — Hião amontoados [os cadáveres] em grandes carroças... e pendurados braços, pés e cabeças, que *tal vez* se despedaçavão entre as rodas. Não havia mortalha bastante, e andavão estas ás rebatinhas. *Tal vez* se vio hũa criança ainda viva puxar pela teta da mãi já morta (*ib.* 3, 74).

942. Nos *Sermões* de Antônio Vieira há muitos exemplos como os precedentes, mas também já aparecem outros em que a expressão adverbial pode ser interpretada no sentido que se lhe dá hoje. Isto quer dizer que já então se vinha operando a evolução semântica. *Tal vez* referido, a princípio, somente à incerteza da época dos sucessos, passava a aplicar-se à incerteza da realidade dos mesmos sucessos. Sem embargo desta evolução, perduraram ainda longo tempo reminiscências do antigo uso.

943. No *Caramuru* de Santa Rita Durão (1781) deparam-se-nos os exemplos seguintes:

A lingua aprendem, recebendo alimentos commutados pelas especies que ao gentio vendem; *talvez* os tem co'a cithara encantados, *talvez* com cascadeis todos suspendem; mas o objecto que a vista mais lhe assombra é ver dentro do espelho a propria sombra (6, 67) — De ouro fino os cabellos pareciam... e uns dos outros *talvez* se dividiam, e outra vez um com outro se enredava (10, 3).

EMBORA

944. Pôsto que a instituição dos oráculos e agouros estivesse morta desde muito tempo, perdurou na era medieval, e ainda na idade moderna, a crença de que o êxito dos atos humanos dependia da hora em que eram empreendidos. Daí o costume de se acrescentar a frases optativas ou imperativas, por sinceridade, ou mera cortesia, a locução *em boa hora*. Se dominava a má vontade para com outrem, e convinha manifestá-la, recorria-se, pelo contrário, ao agouro *em hora má*.

945. Entre gente menos educada a necessidade de desabafar o malquerer era tão imperiosa como a de expressar desejos bons; e o freqüente uso de *em hora má* na bôca do povo teve por efeito não somente conglobar-se a locução em um só vocábulo, mas ainda ficar êste alterado e desbastado em *eramá*, *ieramá*, *aramá*, e transformado, até, em *amará*. Comédias e farsas do século XVI consignam êstes plebeísmos. *Amara* (leia-se *amará*) ocorre em Gil Vicente 3, 73 (2 vêzes) e 3, 74.

946. O agouro benevolente enunciado pela fórmula *em boa hora* entende-se claramente de passos como os seguintes:

Vamos *em boa hora* nosso caminho (Zurara, *Guiné* 337) — Que dissesse *em boa hora* o que lhe aprouvesse (*ib.* 186) — Venhaes *em boa hora*... e nam perdoeis a minhas orelhas, porque já entendo ao que vindes; avezado sou a ouvir cousas que me dão pena (Arrais 555).

947. Fundiu o uso as três palavras em uma só, *embora*, sendo adotada sem o mínimo escrúpulo pela linguagem literária. Deixando em silêncio, por desnecessários, outros muitos exemplos de escritores antigos e modernos, mencionarei apenas isto de Vieira: *Vay-te embora, ou na má hora* (*Serm.* 1, 208).

948. Tornou-se usual acompanhar a forma imperativa de *ir* e *vir* dos votos de bom êxito. Esta noção, compreendida no advérbio *embora*, desluziu-se da consciência hodierna, que confusamente descarrega nêlo o conceito de “afastamento”, como se os verbos não dissessem já a mesma cousa. Com êste critério, e desconhecendo-se o sentido que outrora teve o advérbio *embora*, torna-se ininteligível o seu emprêgo junto a verbos que denotam repouso, v. g. em Vieira, *Serm.* 11, 422:

Queria Christo introduzir o Sacramento, e lançar fora o cordeiro da Ley, e para isso permittio que o cordeiro estivesse *embora* na mesma mesa com o Sacramento: que desta maneira se desterram com suavidade as sombras das leys velhas... Estejão agora juntos o Sacramento e o Cordeiro, que amanhã irá fora o cordeiro, e ficará o Sacramento.

949. Não se usou êste advérbio somente para augurar bem ou desejar hora propícia às emprêsas humanas. Introduziu-se também em orações optativas e outras para denotar que se concede a possibilidade do fato, ou que o indivíduo que fala não se opõe ao seu cumprimento. Da alteração semântica dão testemunho os seguintes passos:

Ria *embora* quem quizer, que eu em meu siso estou (Gil Vicente) — Respondeu por vezes que morressem *muito embora*, que melhor era morrerem cá que no sertão, porque morriam baptizados (Vieira, *Cartas* 1, 118) — O que está mais longe perca-se *embora* (*ib.* 1, 463) — As promessas do premio dilatam-se *embora* (Vieira, *Serm.* 2, 395) — Honrem-se *embora* com essas arvores os seus montes, que os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação (*ib.* 5, 360) — Mate-me *embora*, comtanto que seja imperador (*ib.* 5, 466) — Mas Francisco Xavier, venha-lhe *embora* a tentação dormindo, que dormindo e acordado, sempre está seguro (*ib.* 8, 104).

950. Desta prática veio o transformar-se, em português hodierno, o advérbio *embora* em conjunção concessiva, mudando-se naturalmente a contextura das orações. A principal passou a servir de subordinada, e a correlata despe-se da partícula *que*, convertendo-se em principal, dizendo-se v. g.: *embora honrem essas arvores os seus montes, os nossos vales não hão mister quem procure a sua exaltação*. Em Filinto Elísio 14, XIX já se encontra: *embora cumpra o traductor com esses tres deveres*.

Advérbios Extintos

951. Alguns advérbios do falar antigo caíram em desuso, acabando por ficarem de todo esquecidos, em virtude da concorrência triunfadora de outros dizeres de significação equivalente.

SUSO, A SUSO; A JUSO (*)

952. Correspondiam os dous primeiros às modernas dicções *acima*, *para cima*, ao passo que o terceiro exprimia a noção oposta de *abaixo*:

De X maravedis *a ssuso* dem 1 maravedi, e de X maravedis *a iuso*, dem meio maravedi (*Foros de Santarém* 1179, *apud Port. Mon. Hist., L. et Cons.* 404) — Aquel de que *suso* falamos (*S. Josafate* 40) — Depártiam todas aquestas decimas e todas aquestas outras cousas, assi como *suso* é nomeado (*Testamento de D. Afonso II*, 1. c. 16).

953. Estas expressões eram geralmente usadas na primeira fase do português antigo, mas ao mesmo tempo já se iam insinuando na linguagem *a cima* e *em fundo* para suplantá-las de todo mais tarde:

De dez maravedis *a cima* dem huum maravedi, e de dez maravedis *a iuso* meyo maravedi. (*Foros de Beja*, ap. 1. c. 641) — Paguem os direitos reaes... como *em fundo* som scritos (*ib.* 640).

A FUNDO, EM FUNDO

954. O período áureo do domínio das locuções adverbiais formadas com o substantivo *fundo* estende-se do século XIV ao século XV:

O lobo da parte cima, e o cordeyro... da parte de *fundo* (*Livro de Esopo* 10) — A rrã tirava *pera fundo*... e ho rrato tirava *pera cima* (*ib.* 11) — Vjrom vyr huñ cavalleiro *por fundo* da ribeyra (*Santo Graal* 15) — Deceo *afundo* e cavallgou (Fernão Lopes, *D. J.* 23) — Como o Bispo de Lixboa e outros forõ mortos e lançados da torre da See *afundo* (*ib.* 23) — Que tardada he essa que vos la fazees, que nõ deitaes esse treedor *afundo?* (*ib.* 25) — Sahiu Nun Alvarez a folgar pela praya *afundo* (*ib.* 63).

955. Pôsto que andasse em uso a palavra *baixo* e o seu derivado *abaixar* (*encobrirom-se os de cavallo e os de pee em huñ baixo*, Fernão Lopes, *D. J.* 170; *abaixarom as lamças*, *ib.* 159), as locuções *em baixo*, *para baixo*, servindo de advérbios eram em todo o caso no século XV ainda metáforas arrojadas que vinham aparecendo rara e furtivamente.

956. Entre numerosos exemplos de *a fundo* do *Livro Vermelho* de D. Afonso V (*Col. de Inéd.*), depara-se-nos um de *abaixo* a página 477. Fernão Lopes, *D. J.*, página 16, arrisca o advérbio *embaixo*, voltando porém logo ao *em fundo*:

E corremdo assi com grande prazer, descoseo o vemto os sinaes de Portugall que hiam *em baixo* e ficaram pendurados... E disserom a ElRei que nom era bem de os sinaes de Portugall andarem assi *em fundo*.

(*) De *juso* conservamos ainda o derivado *jusante*, que significa “baixa-mar”.

957. Dos quinhentistas em diante, em vez de *em fundo, a fundo, etc.*, não se diz senão *embaixo, abaixo, etc.*

ACIMA, EM CIMA

958. Se consideramos somente o conceito de lugar superior, que ainda hoje denotam, evidentemente não devem figurar estes advérbios na lista das dicções caídas em desuso. Mas o substantivo *cima* se usou, durante algum tempo, para significar a parte terminal de alguma cousa não somente no sentido da altura, mas ainda no sentido do comprimento, designava fim, termo em geral. Assim *dar cima* ou *cimar* = *dar fim, pôr termo*: *E lhe fezesse dar boa cima ao que começara* (S. Josafate 18); *este he o que ha de dar cima aas aventuras* (Santo Graal, 11); *e járá ainda hi tres annos, ante que cime sua pendenza* (ib. 136). Daqui veio a aplicação secundária, hoje desconhecida, do advérbio e locuções prepositivas, em que *cima* equivale a *fim*:

E por esto soffreo tanto que *aa cima* foi vencido (Santo Graal 103) — Depois que conhoçerom, forom muy ledos e *aa cima* acordarom-se que se nom partissem (ib. 88) — Matou Meragis... assi como este conto devisará [= explicará] *em cima* do nosso livro (ib. 121).

TOSTE

959. Chegado ao francês *tôt*, pelo seu aspecto fonético, usou-se todavia com acepção diferente. *Toste* em nosso idioma queria dizer *depressa*:

Quando virom hir tristam assi fazendo tam gram doo e hir tam *toste*, como se corresse em pos elle (Santo Graal 72) — Entam caeu el rei em terra, er levantou-se o mais *toste* que pode (ib. 81) — Começou-se de hir tam *toste* que nom ha beesta no mundo que a alcançar podesse (ib. 83).

ASINHA

960. De mais vitalidade que o termo precedente, que desapareceu da linguagem no próprio português antigo, estoutro sinônimo de *depressa* ocorre com grande frequência ainda na linguagem dos quinhentistas:

Nunca me pareceo quando vos tinha que vos visse mudadas tão *asinha* em tão compridos annos de tormento (Camões, *Son.*) — Começou ho governador de fazer a fortaleza de pedra e barro pola acabar mais *asinha* (Castanheda 4, 43) — Quam *asinha* elles e ellas fenecem (Heitor Pinto 2, 240).

ESTONCE

961. Não se generalizou o uso d'este advérbio no português antigo. Ocorre frequentemente em concomitância com *entom* em Fernão Lopes:

Entrarom *estomçe* quantos quiserom (Fernão Lopes, *D. J.* 24) — Per ventura *estomçe* ou depois (ib. 16) — E falladas *estomçe* muitas rrazões (ib. 368) — Contra este nom seendo ingrata, o promoveo *estomçe* a alteza de gramde e homrroso offiço (ib. 373).

SAMICAS, CAJUSO, A FOR

962. *Samicas* (= talvez), *cajuso* (= por acaso), *a for* (= à moda) e outras dicções de que temos notícia pelas obras de Gil Vicente, pertencem à linguagem plebéia ou provincial, e como tais não tiveram entrada na linguagem culta dos escritores.

DESI

963. Como sinônimo de *depois* e alternando com este termo, se usou em português antigo o advérbio *desi* (grafado também *deshi* e *dessi*), resultante da combinação da preposição *des* com o advérbio *i* (*hi* ou *ahi*). Encontra-se ainda com frequência em João de Barros e Heitor Pinto.

E ferio aquel meo filho... E depois ao outro, *dessi* ao terceyro, *dessi* ao quarto, *dessi* ao quinto (Santo Graal 67) — Elle partio pera Estremoz, e *desi* pera Evora, e depois pera Monte Moor (Fernão Lopes, *D. J.* 162) — Mandou lançar em cada huí seu harpeo e *deshi* começou de ferir nos Gigantes (Barros, *Clar.* 2, 26).

INDE, ENDE, EN

964. A forma mais antiga, idêntica ao latim *inde*, ocorre em uma notícia de torto do tempo de D. Sancho I, publicada por Leite de Vasconcelos em *Textos Arcaicos* 14, 15. A sua significação é “disso”, “dêles” “da!”: *filarū-li illos inde VI casales* (=tiraram-lhes disso seis casais); *que desfructarū e que li nunca inde derū quinnōs* (= lhes nunca disso deram quinhões).

965. Em documentos posteriores aparece o mesmo advérbio alterado em *ende*, usando-se raramente a respectiva forma contrata *en*, a qual se assinala entanto na linguagem dos *Cancioneiros*:

Maravilhan-s'en (*Canc. Aj.*) — Ei noj'e pesar *em* (ib. *apud* Vasc., *Text. Arc.* 20 e 24) — Aja *ende* a meiadade (Nunes, *Crest. Arc.* 14) — Assi começamos nos hir apos ella e nom nos partiremos *hende* (Santo Graal 83) — Elrey, quee era *ende* mui ledo (ib. 1) — Que mal vos *hende* verra (ib. 84) — Maravilhou-se *emde* muito (Fernão Lopes, *D. J.* 139).

966. Este advérbio caiu em desuso no século XVI. Em algumas obras anteriores à *Crônica de D. João* nota-se a sua ausência ou, pelo menos, já a extrema raridade d'este vocábulo. Fernão Lopes o empregaria como arcaísmo por espírito conservador.

TAMALAVEZ

967. Encontrável uma ou outra vez em algum autor quinhentista ou seiscentista, o advérbio *tamalavez* entra no rol dos vocábulos de emprêgo raro. Não se pode afirmar que é reliquia de uso anterior mais generalizado, porque faltam as provas. Com a significação de “um pouco”, “um tanto”, “alguma cousa”, foi empregado este advérbio por Francisco Manuel de Melo:

Hora que livro bem encadernado e melhor impresso he essoutro, que está ali diante roido dos ratos *tamalavez?* (*Ap. Dial.* 336) — Se houver lugar podeis aqui *tamalavez* detervos com dous manuscriptos encadernados, que não parecem senão livros (*ib.* 388).

968. E do mesmo modo se interpreta o sentido do advérbio nestes passos de Gil Vicente:

Má nova he essa pera mi. Se assi for como dizes, digo qu'eramá cá vim. Porem esperac-me assi, fallarei *tamalavez* (1, 269) — Idé antre as nove e as dez; assoviaes vós bem, meu rei? Ou tossi *tamalavez*, que logo vos entenderei (*ib.* 2, 157) — S'eu trouguera mais vagar, sorrira-me eu *tamalavez* (*ib.* 1, 247).

969. Na *Crónica dos Frades Menores* (edição Nunes) ocorre o advérbio *malavez*, que parece relacionar-se com *tamalavez*. Nos dous exemplos apontados pelo comentador, o sentido é porém diverso. *Malavez* equivale a “apenas”, “difícilmente”:

E vio aquelle fraire levantar-se e estava ferventemente em oraçom e foy levantado em no aar aquella noite tres vezes ataa altura do paço e fazia em no aar tam grande chamto e choro por alma de aquelle senhor que *malaves* foy visto alguum que a tam amargosamente chorasse por seus parentes e amigos finados (1, 57) — E o poboo dava vozes, dizendo comtra os fraires que esto era feito por arte diabolica... E aa çima [=finalmente] *malaves* amansado o poboo, [o diabo], ouvindo todos, ameaçava a frey Antonio (2, 208).

Advérbios Pleonásticos

970. Os advérbios *logo*, *agora*, e *hoje*, ocorrem às vèzes acrescidos de outra locução adverbial de sentido equivalente, tendo êste refôrço por fim dar ao advérbio mais vigor e ênfase. Para o primeiro dêstes vocábulos permite o falar hodierno a repetição *logo logo* e também certos dizeres como *logo no mesmo instante*, *logo no mesmo dia*, etc. Em português antigo e ainda na linguagem popular do século XVI se dizia *logo essora* e *logo nessora*:

Mando que *logo nessora* se cumpra o que tens pedido (Gil Vicente 1, 377) — Como o rato sente o gato, me sentira *logo essora* (*ib.* 1, 363) — Já t'eu dera hũa tamanha, que tu foras *logo essora* (*ib.* 3, 226) — Eu virei *logo nessora*, se m'eu la não detiver (*ib.* 3, 38) — Ellas [companhias] virão *logo essora* (*ib.* 2, 45) — I buscar asinha *logo nessora* hũa honrada lavradora de leite pera criar (*ib.* 3, 25).

971. Ao advérbio *agora* ajuntava-se pleonàsticamente *est'hora*, tornando-se porém o sentido igual ao que hoje se diz por *agora mesmo*, *há bocadinho*:

Não falleis em Deus agora, porque está aqui Pedreanes, que chegou *agora est'hora* (Gil Vicente 3, 250) — Caroto: Ha muito? [subentende-se: que passou o rasto do ladrão?]. Draguinho: *Agora est'hora* passou pos estes penedos. Eil-o aqui fresco d'agora não ha meia hora, nem creio que ha dous credos (*ib.* 2, 18).

972. O sentido de *hoje* avivava-se pelo acréscimo de *em êste dia* ou *êste dia*. Bastantes exemplos se colhem em *Vida de S. Amaro*, texto publicado por Otto Klob:

O meu senhor deus que me tanta graça fez que me *oje* *ê este dia* mostrou a cousa deste mûdo que eu mais desejava de veer (511) — Eu ey desejos muy grandes de meus cõpanheiros de que party *oje este dia* (513) — *Oje em este dia* averedes huũ boõ ospede e de muy sancta vida (514) — *E oje em este dia* veeredes quanto *ê este mûdo* desejustes (515) — Que *oje* *ê este dia* eu vejo quanto bem em este mûdo cobijcey (516) — *Oje em este dia* aa hora de terça (517).

973. Desta antiga locução pleonástica conservou o português moderno a dicção *hoje em dia*, a qual porém já desde o século XVI aparece com o sentido alterado. Em lugar de se referir sòmente a um dia, passa a significar vagamente a época atual. Pouco usada como sinônimo de *hoje em dia* é o *dia de hoje*:

Inda que a terra Santa e os lugares della estem ao presente quasi de todo destruidos, tem-se o *dia de hoje* tão particular memoria das cousas de que a Escripura Sagrada a faz, que parece de fé o que contam os da terra (Arrais 317) — Esta amizade... ha *hoje em dia* entre os varões justos (Heitor Pinto 2, 288) — Muytos ha *hoje em dia*, que com verdade se podem chamar sal da terra e luz do mundo (*ib.* 2, 558).

Advérbios Acrescidos da Terminação -s

974. É do domínio do falar plebeu, e não da linguagem culta, o uso de vários advérbios com acrescentamento de -s, como se se tratasse da formação de plural. Gil Vicente nas Comédias e Farsas registra vários casos; entre êles figura *quicais* e sua metátese *sicais*, não se tendo contudo creado a metátese correspondente à forma simples *quicá*:

Entonces vos abrirei de muito boa vontade (Gil Vicente 3, 31) — *E siquaes* sereis vós minha, *entonces* veremos nós (*ib.* 3, 131) — Ella [a Virgem Maria] lhe promettia de lhe dar um bom castigo, que horas nunca lhe rezou, nem della *soes* se acordou (*ib.* 1, 140) — Nem tam *soes* para o barqueiro, não me deixaram nem tanto (*ib.* 1, 351) — *Quicais* era Sancto este Jesu Christo (*ib.* 1, 348) — E eu feri-me por esse chão... sem *soes* motrete de pão (*ib.* 1, 257) — *E sicais* andou com ella (*ib.* 1, 125) — Depois que a eu usar *entonces* poderá ser (*ib.* 3, 151).

975. Um único advérbio com aumento de -s, *antes* por *ante*, conseguiu implantar-se na linguagem literária acabando por cercear o domínio da forma primitiva. Deve-se a inovação, ao que parece, à influência de alguns advérbios (*depois*, *atrás*) de significação correlata terminados em consoante sibilante. De notar é todavia que, funcionando como preposição, *ante* jamais sofreu mudança. Igualmente sem acréscimo consonantal se disse sempre o advérbio *deante*, *diante*, com sentido local, resultante de *de + ante*, ao passo que esta mesma combinação com sentido temporal produziu *de ante*, *de antes* e *dantes*, fixando-se

estas formas aumentadas da sibilante definitivamente em português moderno. A dúvida que na linguagem antiga reinava entre *ante que* e *antes que*, decidiu-a o falar moderno em favor desta última forma. Do antigo uso de *ante* diferente do atual dão testemunho estes passos:

Os outros nom aviam ende pesar; *ante* eram mui ledos (*Santo Graal* 12) — Nom he direito que o outrem saiba *ante* que vos (*ib.* 36) — *Ante* de hora de prima (*ib.* 45) — *Ante* de hora de terça (*ib.* 54) — *Ante* ora de terça (*ib.* 102).

Locuções Adverbiais

976. Para os efeitos da análise lexeológica costuma-se distinguir a locução adverbial do advérbio simples. Este é um só vocábulo, aquela é uma combinação de vocábulos, a qual tem a mesma função que o advérbio simples.

977. A locução adverbial é formada de *preposição + substantivo*, ou também de *preposição + substantivo + adjetivo*. Há contudo certos dizeres em que se deixa de mencionar um dos termos principais da locução.

1.º OMISSÃO DO SUBSTANTIVO

978. Por se usarem frequentemente e parecerem dicções assaz inteligíveis sem a constante repetição do mesmo substantivo, dispensou-se, por economia de linguagem, a palavra *modo* em *de ordinário*, *de pronto*, *de leve*, *de ligeiro* (*perto está de se arrepender quem julga de ligeiro*, Vieira, *Serm.* 2, 716) e outras semelhantes.

979. Em *à primeira*, *da primeira* subentende-se ora o termo *vez*, ora o termo *vista*, adequando-se êste mais ao português moderno:

Dona Enes, quando *aa primeira* veu pera a corte (Fernão Lopes, *D. J.* 354) — Hia... desacompanhado dos senhores fidalgos que *aa primeira* consigo trouvera (*ib.* 292) — Husavom de seu livre poder, desdenhamdo quem *aa primeira* tomavõ por capitaães (*ib.* 79) — E foram logo *aa primeira* muito dacordo (*ib.* 113) — Mal fizemos! Que melhor viviamos *da primeyra* que aguora (*Livro de Esopo* 46) — O cavalleiro *á primeira* mostrou-lhe bom rosto, e deshi tornou mui furioso (Barros, *Clar.* 1, 226) — Um capa em collo, que *á primeira* parecia algũa cousa, já agora não terá que despender, e parece que cahiu da forca (Sá de Miranda 2, 110).

980. Completa a palavra *hora* o sentido de *à derradeira*, *na derradeira* nestes exemplos:

Agora estais carregada e embaraçada com cousas que, *á derradeira*, não de ficar (Gil Vicente 1, 194) — Eu não digo nada. Eu lhes fallarei *lá na derradeira* (*ib.* 1, 312) — E dei-t'eu a roca, Catalina, e subi em cima da pereira, e tu agora *á derradeira* jogas comego almolina (Gil Vicente 1, 131) — A cristaleira e o almotacel pequeno bailarão *á derradeira* (*ib.* 1, 128).

981. Na locução *de primeiro*, equivalendo a *princípio*, o substantivo que falta pode ser *momento* ou outro com o mesmo sentido:

E quando tornou, quise chegar aas reliquias, como *de primeiro* (*Crónica dos Frades Menores* 1, 32) — E logo, oramdo Samto Antonio, os cabellos hordendados foram restituídos a cabeça daquela molher asy como *de primeiro* (*ib.* 1, 237) — E me mandou outra vez chamar, e me fez a mesma pergunta de novo e tornala a escrever ao que respondi como *de pymeiro* (*Itin.* 59) — *De primeiro* tivemos o tempo tão quente e calmoso, que andavam os homens a bordo como na Ribeira de Lisboa. (*Hist. Trag. Mar.* 3, 16) — Os doentes iam melhorando, e os mais convalescendo, e já não recahiam tantos como *de primeiro*, do que parece era a causa a carne salgada assada e muito roim que comiam (*ib.* 3, 19) — Não teve todo o gaudio que esperou *de primeiro* (Filinto Elísio 13, 42) — Sahiu mal *de primeiro*, depois menos, logo melhor; por cabo ás maravilhas (*ib.* 13, 278) — Segredo é *de primeiro*; depois conquistas são (*ib.* 13, 280) — Essas bizarras damas que *de primeiro* me tinham deslumbrado (*ib.* 19, 82).

2.º AUSÊNCIA DA PREPOSIÇÃO

982. Certas locuções adverbiais de tempo como *esta noite*, *outro dia*, *um dia*, *êste mês*, *êste ano*, *todo o dia*, *todos os dias*, *tôda a noite* e outras, em que o analista dá por falta da preposição *em*, estão consagradas pelo uso e têm sentido tão definido, que êste se altera, em algumas delas, em se empregando a partícula.

983. Não seria caso aqui de restabelecer a preposição, porque não houve desaparecimento. Em português sempre assim se disseram estas locuções sem o vocábulo *em*. Fato análogo se dá em outras línguas românicas. Vê-se bem que se trata da continuação do emprêgo de um caso oblíquo sem preposição usado em latim e, em especial no latim vulgar, para certas expressões quotidianas.

984. Os escritores quinhentistas e seiscentistas estendem esta prática de não mencionar a partícula a outras locuções de tempo, notadamente referindo-se a datas, ano, dias da semana ou do mês, ou dias de denominação particular segundo o calendário cristão:

Partio-se Vasco da Gama *hũa quinta feyra* pela menhã que forão dezaseis de novembro (Castanheda 1, 3) — Partio-se *hũa sexta feira oyto dias de dezembro* (*ib.* 1, 3) — A qual [alma] deo a Deus a cinco horas *hum domingo* pela manhã dezesseis de dezembro (Barros, *Déc.* 2, 10, 8) — E partio da ilha *o primeiro de Agosto* de onze (*ib.* 2, 7, 2) — A primeira terra que tomaram foi a barra de Goa *dia da Assumpção de N. Senhora*, que he a quinze dias de Agosto (*ib.* 2, 7, 3) — A maior parte dellas partiram deste porto de Lisboa *dia de N. Senhora da Annunciação* (*ib.* 2, 7, 2) — Determinou-se... de sahir em terra em amanhecendo *sabbado vespera* de Pascoa (*ib.* 2, 7, 9) — A esta lembrança nos excita a igreja catholica, quando *dia de cinza* nol-a põe na cabeça (Heitor Pinto 2, 630) — Chegou a Lisboa *ho primeiro de Setembro* do mesmo anno (Castanheda 1, 48) — Não folgou nada, porque se não fiava deles pola deslealdade que tinham cometida *ho anno passado* (*ib.* 2, 74) — Tendo dito que *dia das Cadeias de S. Pedro* se havia de desatar a sua alma do corpo (Vieira, *Serm.* 8, 270) — Succedeu esta batalha *dia de Pascoa da Resurreição onze de abril* de mil e quinhentos e doze (Bernardes, *N. Flor.* 1, 150).

985. Não tem preposição *uma vez*, *duas vezes*, *três vezes*, etc. e sem ela podem-se dizer as expressões em que *vez* é precedido de numeral ordinal:

Perdeu *uma vez* a bolsa — E a *primeyra vez* que o embaixador foy ver ho governador, lhe deu hũa manilha douro (Castanheda 3, 118) — Julgaram que ou a *primeira vez* que passou a linha... ou a *segunda*... lhe refervera o juizo (Vieira, *Serm.* 8, 298).

986. Valem por advérbios *rumo, via, caminho, rota batida* e outros dizeres, que, desprezada a preposição, se acrescentam a verbos intransitivos, como *ir, partir, etc.*, a fim de denotar direção:

Com a qual presa *rota batida* se fez *via* do Reino (Barros, *Déc.* 1, 1, 10).

987. Da antiga locução *outra hora* formou-se o nosso advérbio *outrora*, equivalente a “em tempo passado”. Esta especialização de sentido é moderna. *Otra hora* tinha significação mais literal e podia referir-se a uma hora futura:

A qual astucia foi mandar a todos os seus capitães... que *outra hora* não fizessem tal cousa, senão que os castigaria (Barros, *Déc.* 2, 1).

988. Com a preposição *a* ocorre esta locução em Zurara (*Inéd. Port.* 3, 300):

Quando *a outra hora* ouverdes mester.

A Negação

989. Com a palavra *não* enunciamos em geral o conceito negativo. Além dêste vocábulo livre, existe também a negativa incorporada em certas expressões pronominais, adverbiais e conjuncionais: *nem* (do latim *nec, neque = e não*); *nenhum* (do latim *nec unus*); *nunca* (do latim *nunquam, ne unquam*); *ninguém* equivalente a *não alguém*; e *nada*, que significa exatamente *não alguma cousa* por evolução semântica de um antigo participio do verbo “nacer”. O advérbio *jamais* usa-se em sentido negativo como sinónimo de *nunca*.

990. Aos advérbios compete, por principal função, modificarem a idéia expressa por verbo, adjetivo ou outro advérbio. Que se usam também para alterar o sentido de outras palavras além destas, deprende-se não somente da criação de *nem, nenhum, ninguém*, mas ainda da colocação da negativa em frases como *não os antigos habitantes, mas os invasores são os donos da terra*. Redistribuir, em atenção à análise, as palavras de orações dêste gênero, de modo que a negativa venha a ficar junto do verbo, dá lugar a fazer-se esta objeção: E por que se recorre, em certas ocasiões, à “desordem” oracional?

991. Quanto à presença, dentro da mesma oração, de outros termos negativos além da palavra *não*, é fácil de ver que não anda o raciocínio dos homens cultos bem emparelhado com o sentimento popular. Para o povo, o acúmulo de negativas indica refôrço. Entende a gente de letras, pelo contrário, que negar o negado equivale a afirmar; mas abre excep-

ção — admitindo, pois, que se suspenda êste raciocínio — desde que o nôvo termo negativo não anteceda o advérbio *não*. Segundo esta doutrina, aceita na linguagem literária do português moderno, é lícito dizer:

Na feitoria *não* avia *nem hum só* prego..., *nem* outra cousa *nenhũa* das que erão necessarias (Fernão Mendes Pinto 3, 203) — *Não* tinham cousa *nenhũa* pera comerem (*ib.* 3, 214) — *Não* aparecia cousa *nenhũa* (*ib.* 3, 276) — *Não* falou mais palavra *nenhũa* (*ib.* 7, 277).

992. Diferentemente de nós, e de acôrdo com a linguagem vulgar, os escritores antigos, e ainda alguma vez os quincentistas, empregavam sem restrições a negação dupla, e até tríplice, com efeito reforçativo:

Nem eu nom vos faço prazer (*Canc. Aj.* 6) — *Nem doo nom* avedes de mi (*ib.* 218) — Posto que *nada nom* vissem (Zurara, *C. P.* 237) — *Nenhum nom* lhe soube dizer (*ib.* 372) — *Nem... nom* estavam (*ib.* 445) — *Nenhuma não* sahisse (*ib.* 571) — *Nõ digas a nenhũu nẽhũa* cousa de teu feito (*Santo Amaro* 111) — *Nũqua hy morya nẽgũu de nẽhũa door* (*ib.* 111) — As galles de Castella *nom* poderom alcançar as de Portugall, *nem* ellas *nom* quizerom aferrar com ellas (Fernão Lopes, *D. J.* 231) — Que todos tivessem olho na bandeira real pera *nenhum não* tomar terra senão depois que a elle tomasse (Barros, *Déc.* 2, 3, 4).

993. Ao contrário da prática moderna, a oração dependente dos verbos *escapar de* e *defender*, significando “proibir”, ou expressão análoga, dizia-se antigamente sob a forma negativa:

Nom guardando aquel conselho de sancto agostynho em que *defemde* que jamais *nom* se acoste acerca dalgũa molher. (D. Duarte, *Leal Cons.* 105) — E assi *escapou* o comde Joham Fernandez de *nom* seer morto (Fernão Lopes, *D. J.* 7) — E por decreto publico foi *defeso* que *ninguem* navegasse (Barros, *Déc.* 1, 3, 11) — E quasi *escapou de o não* matarem os seus escravos (*ib.* 2, 6, 7) — Affonso d'Albuquerque tinha *defeso*... que *nenhũu* homem de armas fosse em companhia dos mareantes (*ib.* 2, 3, 4) — E quasi milagrosamente *escapou de não* ser morto com toda a gente que levava (*ib.* 3, 7, 3).

994. *Defender* seguido de negação é linguagem usual nas *Ordenações de D. Manuel*:

Defendemos geralmente em todos Nossos Reynos, que pessoa algũa *nom* mate, *nem* cace perdizes, *nem* lebres (5, tit. 84) — E bem assi *defendemos*... pessoa algũa *num* mate, *nem* cace coelhos (*ib.*) — *Defendemos*, que *ninhũa* pessoa *nom* tenha manceba theuda em mancebia (5, tit. 30).

995. Com o verbo *proibir* usou-se também a negativa na oração complementar:

Prohibido tinha Deos a nossos padres sob pena de morte que *nam* comessem fruita de certa arvore plantada em o Paraiso terreal (Arrais 591) — Havia outro novo e segundo decreto seu, em que *prohibia* que *nenhum* homem *nem* mulher pudesse entrar á sua presença sob pena de perder no mesmo instante a vida (Vieira, *Serm.* 11, 24).

996. Desusada no falar culto de hoje é a expressão negativa *até não* para significar “enquanto não”. Topam-se bastantes exemplos desta linguagem em escritores quinhentistas e alguns nos *Sermões* de Vieira:

Mas o malvado Saul *não* descansava *até* o *não* matar (Heitor Pinto 1, 251) — E lhes disse que elle tinha feito voto solenne e jurado... de não deixar aquelle cerco *até não* pôr a cidade por terra (Fernão Mendes Pinto 3, 59) — Tentou logo tornar a proseguir seu intento e effectuar o que tinha determinado, que era não levantar aquelle cerco *até não* ser senhor da cidade (*ib.* 3, 119) — Não se quiz desembarcar nem sahir em terra *até* elle *não* vir (Bernardo da Cruz, *D. Seb.* 1, 57) — Não haviam de afrouxar dos combates, *até não* arrasarem os muros (*ib.* 1, 77) — Não querem cessar estes barbaros, *até não* beberem o nosso [sangue] (*ib.* 1, 133) — Não hão de desistir do que começaram *até não* levarem a obra ao cabo (Vieira, *Serm.* 7, 124) — Nas Ilhas Baleares para costumarem as muchachas a acertar ao alvo, não lhe dão de almoçar *até* o *não* acertarem (Bernardes, *N. Flor.* 4, 11).

997. A negativa reforçada *nunca jamais* aceita-se hoje por boa, sendo menos conhecida a inversão *jamais nunca* (*Canc. Aj.* 52). Em português antigo ocorrem também *jamais não* e *já nunca*:

Ay terra minha madre porque te *não* abres e colhe-me *dêtro* que *jamai não* viva *ê* este mundo? (*Santo Amaro* 512) — *Nunca jamais* aqui venha outro semelhante (Zurara, *Guiné* 143) — Reynava gozando daquelle Oriente... onde *nunca já* mais anoitece (Sousa, *Arc.* 2, 380) — Que... *nunca jamais* se pudesse alcançar d'elle que para os taes provimentos, mayores *nem* menores intercedesse por pessoa alguma (Vieira, *Serm.* 8, 235).

998. Uma das maneiras de produzir bem a impressão de alguma qualidade ainda não excedida até o momento atual, consiste em acrescentar à expressão superlativa uma oração adjetiva em que introduzimos o advérbio *jamais*. Escritores antigos assim como quinhentistas e seiscentistas, e, entre estes, principalmente Antônio Vieira, empregavam para o mesmo fim de preferência a palavra *nunca*:

A melhor dona que eu *nunca* vi (*Canc. Aj.* 118) — Cantavã melhor, que *nunca* foy homê que ovisses (*Santo Amaro* 122) — Ho mais rico presente que te *nunca* foy dado (Castanheda 1, 50) — Foy o melhor gentio que *nunca* ouve naquella terra (Fernão Mendes Pinto 3, 94) — A honra mais cruel que *nunca* vio o mundo (Vieira, *Serm.* 8, 351) — A maior e mais poderosa armada que *nunca* partio da India (*ib.* 8, 382) — A frota deste anno é a mais rica que *nunca* partio do Brasil, porque vai nella embarcado o Sr. D. João de Lencastre (Vieira, *Cartas* 2, 344) — Era o zelador mais verdadeiro que *nunca* teve a sua patria (Vieira, *Serm.* 2, 159) — O mais formoso theatro que *nunca* vio o mundo, a mais grave e ostentosa disputa que *nunca* ouviram as academias (*ib.* 3, 254).

999. O mesmo efeito que nos exemplos precedentes se consegue dando à oração adjetiva forma positiva, mas aditando-lhe outra com a conjunção *nem* e o verbo em tempo diferente:

O mais perfeito amor que ha *nem* pode haver, he o das tres Pessoas Divinas (Vieira, *Serm.* 3, 505) — Quero referir dous breves exemplos dos dous melhores filhos que houve, *nem* hade haver, que são Jesus e Maria (Bernardes, *L. e C.* 304).

1000. Frequente em quinhentistas e seiscentistas, e sobretudo no vigoroso estilo de Antônio Vieira, é a inserção de *nunca, nem, ou ninguém* em frases interrogativas, como para antecipar que a resposta só poderá ser negativa:

Quem se contentou *nunca* com o primeiro desejo? (Heitor Pinto 2, 67) — Quem vio *nunca* tal? Quem ovio *nunca* dizer d'outro tal amor? (*ib.* 2, 185) — Viste-me *nunca* andar em demanda com ninguém, senão hũa em Santarem? (Gil Vicente 3, 172) — O sal está carregado com a dívida da Hollanda, e, se carregarem mais e o tabaco excessivamente, quem irá comprar um *nem* outro? (Vieira, *Cartas* 2, 122) — Quem poderá bastantemente considerar *nem* compreender as infelicidades... quem em si contém a desgraça geral de hũa peste? (Vieira, *Serm.* 2, 174) — Que poder se viu *nunca* no mundo que fizesse hũa risca no ar, e puzesse limites ao de hũa parte, para que não passasse á outra? (*ib.* 2, 182) — Pode haver tesouro *nem* mais precioso, *nem* mais barato? (Bernardes, *N. Flor.* 1, 209).

1001. As alternativas negativas enunciam-se usualmente por *nem... nem...* Mas antes de nomes ou pronomes cala-se às vêzes o primeiro *nem*, produzindo o segundo *nem* a surpresa de que o termo anterior também se há de tomar em sentido negativo:

Peroo um *nem* outro nom recebeo morte *nem* ferida (Zurara, *D. P.* 550) — Creendo que el Rei Dom Hemrrique *nem* o Principe nom aviam poder de passar (Fernão Lopes, *D. J.* 132) — Elrey meu senhor *nem* eu nom vos poderemos acorrer (*ib.*) — Os astrologos tratam do porvir, de que *elles nem ninguém* sabe pouco *nem* muito (Sá de Miranda 2, 117) — Tambem vos cabe aqui ficardes mãi do perturbador, do falsario que *vós nem elles* ereis, *nem* sois (Tomé de Jesus 2, 59) — Tu *nem* algum dos homens não me podeis dar mais (Bernardes, *L. e C.* 384).

1002. Curiosa é a presença de *nem* no seguinte passo, em que não se nega cousa alguma:

Peroo estes, *nem* outros muitos que feridas ouverom neste cerco, per graça do Senhor todos cobraram saude (Zurara, *P. P.* 446).

1003. A negativa aqui provém decerto de ter o autor em mente este pensamento:

Peroo estes, *nem* outros muitos nom morreram.

1004. Caso parecido com este é o passo de Barros, *Clar.* 2, 194:

[Clarinda] tornou-se como hum leão bravo, dizendo mil injurias a Arfila, pois tivera o atrevimento de falar a *ninguem* pela janella de sua camera.

1005. Este *ninguém* provém de anterior proibição de falar com pessoa alguma.

1006. Em lugar da conjunção *ou* vem às vêzes *nem* para expressar com mais vivacidade a não-existência de alguma cousa em certa época:

Os convidados para o banquete da Gloria antes de virem os apóstolos, *nem* os profetas, já estavam convidados (Vieira, *Serm.* 3, 433) — Já estavam convidados antes de haver apóstolos *nem* profetas (*ib.*).

1007. *Nunca* significa o contrário de "sempre". Refere-se a toda e qualquer época sem outra demarcação senão o ponto desde quando, se o verbo estiver no futuro; ou o ponto até quando, se o verbo estiver no pretérito. Assim em *nunca irá* equivale a "em qualquer tempo a partir do momento presente", e em *nunca foi* diz o mesmo que "em qualquer tempo até o momento presente". Por hipérbole aplica-se este advérbio a um fato de duração curta e bem delimitada, para negá-lo de um modo absoluto, significando *nunca* o mesmo que "nenhum só instante", "nenhuma só vez".

E sayo-se da caravella tam passamente, que *nunca* dos nossos pode seer sentido (Zurara, *Guiné* 143) — É como quer que os moços da camara... soubessem nadar, *nunca* quiserom desamparar seu capitam (*ib.* 145) — O qual [Dinis Dyaz] partido com sua companhia, *nunca* quis amaynar, ataa que passou a terra dos Mouros, e chegou aa terra dos negros (*ib.* 158) — Pretendendo... entrar na Igreja... *nunca* poude meter o pé dentro da porta: porque quantas vezes a isso acomettia com toda a sua força, tantas era rebatida (Bernardes, *N. Flor.* 2, 331).

PREPOSIÇÕES:

ESPÉCIES, FORMAS E SIGNIFICAÇÃO

1008. Há pontos de contacto entre os advérbios e as preposições, e sabe-se que as preposições latinas foram primitivamente advérbios. Mas ao passo que a função destes é ajuntar-se a verbo, adjetivo ou também a advérbio e modificá-los, desempenham as preposições papel análogo ao dos sufixos dos antigos casos oblíquos. Usam-se antepostas a substantivos e pronomes (e também ao infinitivo como forma nominal) para lhes acrescentar noções de lugar, instrumento, meio, posse, etc., e este resultado se obtém mais completamente e com mais clareza do que era possível com os poucos casos oblíquos da declinação latina.

1009. A preposição pode ser representada por um vocábulo ou por uma combinação de vocábulos: *sôbre o outeiro, em cima do outeiro; em uma gaveta, dentro de uma gaveta; sob o domínio, debaixo do domínio*, etc. Havendo necessidade ou conveniência, diferenciamos as maneiras de exprimir umas das outras, reservando para as do segundo tipo o nome de locuções prepositivas.

1010. Vieram-nos as preposições parte do idioma latino que conhecemos através da literatura, parte do românico; outras foram tiradas de advérbios portugueses acrescentando-se-lhes a palavra *de*: *depois de, diante de, defronte de, em cima de*, etc.

1011. Grande número das partículas usadas na língua mãe desapareceram ou ficaram desaproveitadas como preposições. Passaram ao português: 1) sem modificação de forma, *ante, contra, de, per*; 2) alteradas, *ad* > *a*; *post* > *pós*; *cum* > *com*; *inter* > *antre, entre*; *sine* > *sem*; *trans* > *trás*; *pro* > *por*; *secundum* > *segundo*; *in* > *em, em*; *sub* > *sob, so*. De *tenuis* viria, segundo alguns, *ataa, até, té*; segundo outros, filiar-se-ia esta partícula ao árabe *hatta*. De *super* resultou *sôbre*, forma esta que, em português antigo, ocorre com síncope de *r* quando seguida do artigo *lo, la*: *sôbello, sôbolo* por *sôbre lo*. Camões ainda se utilizou da antiga maneira de dizer em: *Ali a cabeça a flor Cefisia inclina sobolo tanque lucido e sereno* (*Lus.* 9, 60).

1012. Algumas destas partículas continuaram a usar-se como em latim; outras tiveram novas aplicações além das antigas; em *trás* alterou-se completamente o sentido primitivo. Cada preposição teve originariamente um sentido delimitado; mas a associação de idéias tornou possí-

vel o alargamento do domínio semântico de algumas a ponto de invadirem umas o domínio das outras e se confundirem por vezes as partículas na aplicação prática. É o que passaremos a estudar.

DE

1013. *De* é a preposição empregada com mais freqüência e para fins os mais diversos. Expressa em latim a princípio afastamento no sentido “de cima para baixo”, diferindo de *ab* que significava afastamento no sentido horizontal. Executando-se porém na prática os movimentos segundo linhas mais ou menos inclinadas, desfazia-se o sentimento rigoroso das noções “vertical” e “horizontal” e *de* se confundia com *ab*. Sacrificada foi afinal esta última. Não estava fadada a perpetuar-se a distinção que se fazia, por meio de preposições, entre o afastamento precedido de movimento de dentro para fora e a separação partida dum ponto da superfície. *De* torna-se equivalente a *ex*, e estoura preposição desaparece por supérflua.

1014. Muito antes de anexado por completo o domínio semântico das duas outras partículas, para o quê concorreu principalmente o latim vulgar, se diferenciara do sentido de afastamento e procedência contido em *de* o conceito de “referente”, “a propósito de” usado em *de aliquo loqui*. Compete a latinistas examinar como se operou a transição para esta aplicação secundária.

1015. A tendência para conquistar mais terreno acabou por fazer que *de* se tornasse “la préposition favorite de la latinité postérieure”, como a caracterizou Goelzer.

1016. A combinação *de* + *substantivo* pareceu então apta não somente para substituir com mais largueza o ablativo, mas ainda para tomar o pôsto do genitivo, nos diferentes conceitos que a êste caso competia exprimir na declinação latina. Assim reconhecemos o chamado genitivo subjetivo em *amor de mãe* (*amor matris*), o genitivo objetivo em *amor da pátria* (*amor patriae*), o genitivo possessivo em *casa do rei* (*domus regis*), o genitivo especificativo em *vício da embriaguez, virtude da abstinência* (*virtus abstinentiae*), o genitivo de qualidade em *homem de grande talento* (*homo magni ingenii*), o genitivo partitivo em *muitas das casas*, e os de quantidade, pêso, medida e grandeza em *multidão de homens, libra de carne, vala de quinze pés* (*fossa quindecim pedum*). A forma equivalente ao genitivo de idade (*puer decem annorum*) empregou-se em português não somente em dizeres como *menino de dez anos*, mas ainda depois de certos verbos: *sendo de dez annos e vendo um religioso...* *acodio* (Bernardes, *N. Flor.* 1, 378); *morrendo de vinte e seis annos* (*ib.* 2, 335); *morreu Joseph de idade de cento e dez annos* (Vieira, *Serm.* 2, 419).

1017. Da significação mais antiga e principal de “lugar donde” procede o emprêgo da preposição *de* para denotar causa.

1018. Buscar retrospectivamente o motivo ou causa determinante de alguma ação é de fato um processo que, projetado no espaço, equivale a remontar ao *lugar donde* alguma cousa toma origem e tem seguimento. Nesta analogia se funda o emprêgo da preposição *de* com sentido causal:

Passamos a grande ilha da Madeira, que *do muito arvoredo* assi se chama (Camões, *Lus.* 5, 5).

1019. O motivo de que resulta o ato não é necessariamente extrínseco; pode residir no indivíduo de que se fala, ser uma qualidade, estado ou atributo próprio dêle, usando-se então da palavra *de* não somente antes de substantivos (*de medo, de nojo, de raiva, de susto*, etc.), mas também antes de um simples adjetivo:

Saltaram embaixo apos os inimigos que já *de quebrados* se retiravam (Castanheda 5, 63) — E nisto, *de mimosa*, o rosto banha em lagrimas (Camões, *Lus.* 2, 40) — He Velloso no braço confiado e *de arrogante* crê que vai seguro (*ib.* 5, 31) — Vereis este, que agora pressuroso por tantos medos o Indo vai buscando, tremer d'elle Neptuno *de medroso* sem ventos suas agoas encrespando (*ib.* 2, 47) — Com huma benção que lhes lançava ás redes, as não podiam arrastar *de muyto cheas* (Vieira, *Serm.* 8, 236).

1020. Estando o verbo na passiva, o nome do agente se dizia, quer em português antigo, quer em linguagem da Renascença, de ordinário com a preposição *de*, por ser o agente o ponto de procedência do ato dirigido sobre o sujeito paciente. Devia entretanto confundir-se êste conceito com os de causa e meio ou instrumento. Mas a tradição, em todo aquêle período, poude mais que esta tendência, sendo relativamente poucas as vezes em que se deu preferência à preposição *por*. No falar hodierno aparece invertida a situação; predomina *por*, ao passo que *de* ou é de uso ocasional, ou se reserva para certos e determinados verbos.

1021. Exemplos do século XVI:

Não consente que em terra tam remota se perca a gente *della* tanto *amada* (Camões, *Lus.* 1, 100) — Foi *delle* alegremente *agasalhado* (*ib.* 1, 95) — O cabo Arsinario o nome perde, *chamando-se dos nossos* Cabo Verde (*ib.* 5, 7) — Já descoberto tinhamos... nova estrella, não *vista de outra gente* (*ib.* 5, 14) — O Zaire passa claro e longo, rio *pelos antigos nunca visto* (*ib.* 5, 13) — Os mares nunca *d'outrem navegados* (*ib.* 5, 37) — [Vi] levantar-se no ar hum vaporzinho e subtil fumo, e *do vento trazido*, rodear-se (*ib.* 5, 19) — Fortalezas, cidades e altos muros, *por elles* vereis, filha, *edificados*; os Turcos, *bellacissimos e duros, delles* sempre vereis *desbaratados* (*ib.* 2, 46).

1022. Certos verbos transitivos como *encher, adornar, guarnecer, rodear, cercar, cobrir* e outros são susceptíveis de duas construções: uma, em que lhes basta o sujeito e o objeto direto, v. g. em *flôres adornam a sala*; outra em que, sendo sujeito um ente animado, se requer, além do acusativo, um termo denotador daquilo com que se preenche ou põe em efeito a ação, como em *as crianças adornam a sala de flôres*. Prevaleceria a princípio a intuição de lugar ou cousa *donde* se tira o

material para a execução do ato, explicando-se assim o emprêgo habitual da preposição *de* para o segundo complemento. Ocorrendo todavia casos em que tal intuição se confundia com a de meio ou instrumento, ou estoura se impunha nítida ao espírito, necessariamente surgiu a concorrência de *com*.

1023. Diz-se *cobrir a mesa de flôres*, porém *cobrir a mesa com um pano*, *cobrir o rosto com as mãos*, o que mostra que o emprêgo de *com* vem a propósito quando uma cousa única ou duas ou mais cousas unidas têm por fim tapar ou encobrir por completo; ao passo que *cobrir de* se diz de cousas esparzidas ou acumuladas sôbre outra. Assim se explicam os passos:

Sentaram-se ambos em suas cadeiras, que estavam cubertas com pannos de borcadinho (Barros, *Déc.* 1, 9, 4) — *Hum elefante cuberto de pannos de seda e arraiado de borlas* (ib. 1, 9, 5) — [A outra terra da ilha] *cuberta de arvoredos* (ib. 1, 10, 1) — O corpo ficou sobre o presbyterio *cuberto com hum panno de brocado* (Sousa, *Arc.* 2, 380) — Não era menos de ver a praya *cuberta de povo sem numero* (ib. 2, 352) — *Armou-se hũa mesa, cobrio-se com hum panno de brocado* (ib. 2, 381) — [Os altares todos estavam] *cubertos de flores* (ib. 2, 341) — Em Jerusalem havia hum monte mais alto, *cuberto de oliveiras*, que era o Olivete, e outro *outeiro*, ou monte mais baixo, *cuberto de caveiras*, que era o Calvario (Vieira, *Serm.* 2, 404) — Bellos e veneraveis eram os dois platanos. O adro, *cubriam-no todo com as suas sombras fechadas* (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 122).

1024. Diferença análoga existe entre *coroar de* e *coroar com*:

Pagaram parias em perolas o Indo e o Ganges, não *coroados de juncos e espadanas*, como o padre Tibre, mas *com grinaldas de rubis e diamantes* (Vieira, *Serm.* 2, 20) — Misericórdias *coroadas* ou *com a coroa sacerdotal*, como era a de Judas, ou *com a coroa de Faraó* (ib. 2, 408).

1025. Sem embargo da usualíssima linguagem *vestir de* (todos *vestiam de pelles*, Vieira, *Serm.* 5, 4, *veste-se de hum aspero cilicio*, ib. 5, 145, *o soldado... se vestiu de hũ habito religioso*, ib. 8, 304), serviram-se os escritores também de *vestir com*, *estar vestido com* ou *em*:

Hia *vestido com huma opa* de brocado (Barros, *Déc.* 1, 5, 5) — Mas quando o viram pelas ruas em corpo, sem capa... *vestido com huma roupeta* tão pobre... julgaram que... lhe refervera o juizo (Vieira, *Serm.* 8, 298) — Vedes por ventura entre esses Gentios hum homem de melhor cor que elles, mal *vestido em huma roupeta* preta (ib. 8, 394) — Vindo o Anjo *vestido em hum pelote* (ib. 5, 92) — *Via-se... hum homem vestido em sobrepelliz* que... parecia ser clérigo (Sousa, *Arc.* 2, 346).

1026. Falando de vestes de cerimônia, diz-se *vestir* ou *revestir com* ou *em*:

Depois da morte... o *revestir com* esta nova *estolla* (Vieira, *Serm.* 8, 392) — O bispo de Fez *revestido em pontifical* (Sousa, *Arc.* 2, 391).

1027. O conceito instrumental que se acrescenta a *dar* (significando "bater", "dar pancadas") e *ferir*, era enunciado em português antigo, e

ainda em linguagem quinhentista e seiscentista, já pela preposição *de*, já pela preposição *em*:

Deo das palmas e dos geolhos em terra (Santo Graal 81) — *E hiam-lhe dando das espadas chaás muy grandes feridas* (ib. 119) — *Ferio o cavallo das sporas e ferio-o [a Boorz] dos peitos do cavallo* (ib. 128) — Saibha bem *ferir das sporas*. (D. Duarte, *Ens. de Cav.* 13 e semelhantemente 59 e 103) — Continuavam sempre *de dar cõ as sporas* ao cavallo (ib. 70) — Deve-se *de dar com as sporas* poucas vezes (ib.) — Estimulando minha propria carne, se rebella contra mim, e me dá *de bofetadas* (Vieira, *Serm.* 8, 115) — Seu corpo estimulado pelo demônio, *lhe deu de bofetadas* (ib. 8, 116) — *Dando-lhe de punhaladas* (Francisco Manuel de Melo, *Ap. Dial.* 78).

1028. Denotadora de separação e afastamento em geral, *de* também serve para exprimir o desvio da iminência do perigo e assim se emprega depois de certos verbos como *defender*, *guardar* e adjetivos de significação cognata; mas a tais atos se pode associar a resistência e *de* poderá equivaler a *contra*:

Não se souberam *goardar das* correntes (Castanheda 2, 22) — *Vão seguros de ladrões* (ib. 2, 16) — Por isso só vos guia e vos *defende dos* immigos, do mar, do vento irado (Camões, *Lus.* 7, 31) — Os Naires sós são dados ao perigo das armas, sós *defendem da* contraria banda o seu rei (ib. 7, 39).

1029. Serve a preposição *de* não sòmente para assinalar o ponto no espaço donde alguma cousa começa e se estende para outro ponto, mas também para marcar a época ou o instante desde quando algum acontecimento perdura. Torna-se então sinônima de *des*, *desde* com sentido temporal:

Erão na corte dous mancebos Fidalgos que Elrey criara *de moços* (Zurara, *Inéd. Port.* 3, 277) — Como se *de longo tempo* ho ouvessem por senhor (Fernão Lopes, *D. J.* 152) — Assi foy desbaratada a frota dos imigos *de horas* dalmorço até toda aquela noyte (Castanheda 2, 26) — Durou *de pola manhaã* até tarde (ib. 2, 51) — Sempre os guia já *de longos annos* (Camões, *Lus.* 9, 18) — A noite se passou na lassa frota com estranha alegria e não cuidada, por acharem da terra remota nova *de tanto tempo* desejada (ib. 1, 57) — A mesma Senhora achou a seu filho, perdido *de tres dias* (Vieira, *Serm.* 3, 25) — *Arvorezinhas plantadas de pouco* (Bernardes, *N. Flor.* 1, 167) — Nunca, *de memoria* de homens, mercador Judeu... recusara aceitar (Herculano, *M. de C.* 1, 98).

1030. O conceito de procedência dá à locução *de si* o sentido "sem causa exterior", "sem influência vinda de fora", "espontâneamente" e pode algumas vêzes interpretar-se como "pessoalmente":

Estando no altar, em quanto se disse a missa, arvorada huma bandeira da Cruz da Ordem da Cavallaria de Christo, que no fim da missa o mesmo Bispo benzeo, e *de si* Elrey a entregou a Pedralvares Cabral (Barros, *Déc.* 1, 5, 1) — Emquanto o negocio *de si* não dava outro conselho (ib.) — Sentindo Vasco da Gama a torvação delles, mandou fazer sinal com que cessou aquelle tom, que os assombrava, e *de si* chegou-se ao zambuco del Rey, o qual o receboo como homem, em cujo peito não havia má tenção (ib. 1, 4, 6).

DES, DESDE

1031. Explicar o vocábulo *des* como proveniente da combinação *de ex* é lançar mão de uma etimologia cômoda e, à primeira vista, razoável. É contudo tal origem posta em dúvida por bons investigadores. Não sei se devemos aceitar o étimo *de ipso*, proposto por Meyer-Lübke, mas descreio da possibilidade de se haver fixado em latim vulgar e no românico o uso de *ex* para uma combinação à parte e pleonástica quando esta preposição já vinha sendo suplantada por *de* e tinha a vitalidade antiga prestes a extinguir-se.

1032. Como quer que seja, *des* se emprega durante todo o período do português medieval, significando ponto de partida e referindo-se tanto a lugar como a tempo. A forma *desde*, empregada na linguagem da Renascença, nada mais é que o artigo *des* acrescido da preposição *de*, por analogia de *antes de*, *depois de*, etc. O português antigo utilizou-se da forma primitiva:

Des dia de pinticoste (*Santo Graal* 58) — *Des* entom nom vivo eu (*S. Josafate* 11) — *Des* omde o mar mais lomge espraya ataa terra jumto com a cidade (Fernão Lopes, *D. J.* 197) — *Des* a porta de Samta Catherina ataa torre d'Alvoro Paaez (*ib.*).

1033. Da coincidência do valor desta preposição com uma das aplicações de *de* é excelente exemplo êste passo de Vieira:

Conheciam *de mais tempo* a Joseph porque o conheciam *desde* menino (*Serm.* 2, 151).

COM

1034. Esta preposição exprime companhia, instrumento, causa, maneira. Das duas primeiras relações dimanam as demais, havendo companhia quando a um ente se associa outro para pôr em efeito ou sofrer a mesma ação; ao passo que é instrumento o ente, igualmente ligado a outro e para o mesmo fim, mas de si inerte, ou considerado como tal:

Eu só *com* meus *vassallos*, e *com esta* [espada]... defenderei da força dura e infesta a terra nunca de outrem sojugada (Camões, *Lus.* 4, 19) — Partir-se *co elles* pelo mato (*ib.* 5, 30) — Porem eu *cos pilotos*, na arenosa praia, por vermos em que parte estou, me detenho em tomar do sol a altura (*ib.* 5, 26) Um dia a vi *co'as filhas* de Nereo (*ib.* 5, 52) — Perseguem-no *co'as lanças* (*ib.* 4, 34) — Gedeão *com panellas* de barro desbaratou os Madianitas (Arrais 307) — Cortando vão *co rudo arado* os campos lioneses (Camões, *Lus.* 4, 8) — A verdura tinge *co sangue* alheio (*ib.* 4, 35).

1035. Ao termo "instrumento" costuma-se preferir o termo "meio" quando aquilo com que se põe em efeito algum ato, é cousa abstrata. Assim diz-se que a preposição *com* denota o meio nos seguintes passos:

Com mercês sumptuosas me agradece, e *com razões* me louva esta vontade (Camões, *Lus.* 4, 81) — Foram de Emanuel remunerados... e *com palavras* altas animados (*ib.* 4, 83) — As cousas arduas e lustrosas se alcançam *com trabalho* e *com fadiga* (*ib.* 4, 78) — Se queres *com pactos* e *lianças* de paz

e de amizade sacra e nua, comercio consentir das abundanças das fazendas (*ib.* 7, 62) — Huns pelejam *com esforço* e *valentia*, outros *com ardis* e *artifícios* (Arrais 318).

1036. A transição do conceito de instrumento ou meio para o de maneira observa-se em certos dizeres referentes a partes do corpo, ou atos próprios delas, podendo-se às vêzes substituir tais expressões por algum verbo acompanhado de advérbio de modo:

Mas ella, *c'um* fermoso *riso* honesto, respondeu: Qual será o amor bastante de nimpha, que sustente o de hum gigante? (Camões, *Lus.* 5, 53) — Assi contava, e *c'um* medonho *choro* subito d'ante os olhos se apartou; desfez-se a nuvem negra, e *c'um* sonoro *bramido* muito longe o mar soou (*ib.* 5, 60) — *Com torva vista* os vê (*ib.* 4, 35).

1037. Locuções formadas com substantivos abstratos, ainda que se possam transformar em advérbios terminados em *-mente*, nem por isso perdem o caráter de instrumentalidade ou meio:

E sopesando a lança quatro vezes, *com força* tira (Camões, *Lus.* 4, 38) — E os inimigos que domarom *com violencia*, trataram e conservaram *com humanidade* (Arrais 311) — Notam *com diligencia* o curso das estrellas (*ib.* 318) — Usam de cavallos armados e arreados *com muyta elegancia* (*ib.*).

1038. Pôsto que ao conceito de companhia se associe em geral o de conformidade de ação, pois se costuma ajuntar um ente a outro como participante da mesma situação ou para o ajudar ou acompanhar em algum ato, todavia pode às vêzes o ajuntamento significar luta e antagonismo entre os seres, como em *pelejar com*, *estar em guerra com*, *combater com*, onde a linguagem se limita a assinalar o conceito de companhia, da ação praticada em comum, deixando ao bom senso o cuidado de acrescentar o resto: oposição, contrariedade, ação recíproca, etc.

1039. Nos exemplos seguintes, em que se usa *pelejar com*, significa o complemento ora instrumento, e portanto conformidade de ação, ora o indivíduo contrário, e portanto ação antagonica:

Tanto que chegaram á vista dellas, logo lhe fallcem as forças *com que* dantes *pelejaram* (Camões, *Lus.* 6, 88) — Não ha peito tão alto e tão potente que de desconfiança não se afronte, em quanto não conheça e claro veja que *co braço dos seus* Christo *peleja* (*ib.* 3, 109) — Ao capitão pedia que lhe dê mostras das fortes armas de que usavam quando *cos inimigos* *pelejavam* (*ib.* 1, 63) — Que tornará [o Mouro] a vez septima, cantava, *pelejar co invicto e forte Luso* (*ib.* 10, 18).

1040. A preposição *com* pode também denotar fato simultâneo ou paralelo a outro:

Já na cidade Beja vai tomar vingança [de Trancoso destruída] Affonso que não sabe sossegar, por *estender co'a fama a curta vida* (Camões, *Lus.* 3, 64) — Não *perde a presteza co'a idade* (*ib.* 3, 80) — *Co este o reino prospero florece* (*ib.* 3, 96) — O claro estreito aonde Hele deixou *co nome a vida* (*ib.* 3, 12) — *Crescendo cos successos* bons primeiros no peito *as ousadias* (*ib.* 8, 72) — Se é certo que *co rei se muda o povo* (*ib.* 4, 17).

1041. O fato simultâneo, ou que acompanha a alguém, pode atuar sobre este indivíduo e manifestar-se como causa determinante da sua ação ou situação:

As mulheres peçadas moviam co estrepito horrendo da artelharia (Arrais 307) — Não poudes *cos temporaes* chegar á cidade de Gidda (*ib.* 307) — Os animos altivos *co'a prospera fortuna* da guerra (*ib.*) — E estando nesta afronta chega a maré que *se não via com a grande revolta* (Castanheda 1, 75).

1042. Outras vezes, pelo contrário, cabe ao sujeito exercer ação sobre a pessoa ou cousa que se acha junta a êle ou se supõe estar em face dêle e à sua mercê:

Nas brutas feras... e nas aves agrestes... *com pequenas crianças* viu a gente *terem tam piadoso sentimento*, como *co'a mãe* de Nino já mostraram, e *cos irmãos* que Roma edificaram (Camões, *Lus.* 3, 126) — Mas vendo Mafamede que muytos o tinham em pouco..., buscou *invenção efficaz com gente do povo*, para se segurar deste desprezo, dizendo que era profeta e nuncio de Deos (Arrais 315) — A Ley de que Christo *usa com os seus* (*ib.* 340) — Juntamente a cobiça do proveito que espera do contrato lusitano, o faz obedecer e *ter respeito co capitão*, e não *co mauro engano* (Camões, *Lus.* 8, 77) — Se o peito, ou de cioso, ou de modesto... *cos seus* hũa ira insana *não refreia*, põe na fama alva nodã negra e feia (*ib.* 10, 47).

CONTRA

1043. Usou-se esta preposição a princípio com o sentido de "face a face", "frente a frente", e conforme a esta acepção se dizia em português antigo:

Tu es *boo* homẽ *contra deos* (*Santo Graal* 134) — E elrei tendeo as mãos *contra o ceo* e disse: Jesu Christo... beento sejas tu (*ib.* 10) — E leixou de colher suas verças e *foe contra elles* e salvou-os. E elles se humildarom muyto *contra elle*, e salvarom-no (*ib.* 109) — E disse estomce o Meestre *contra elles*: Que he isto, amigos? (Fernão Lopes, *D. J.* 30).

1044. Da era camoniana para cá substitui-se sempre em tais frases a preposição por outra (*para, a*), entendendo-se que *contra* denotaria sentimentos de inimizade ou atos de ameaço e resistência.

1045. Em linguagem quinhentista usava-se freqüentemente *contra* nas referências a pontos geográficos a que se dirige algum movimento, ou para onde alguma cousa se estende; casos êstes em que o falar ho-dierno dá preferência à preposição *para*:

Fez armadas que *correram* as prayas de Africa, e os mares *contra o mar Austral* (Arrais 296) — [Sagres] dista hũa legua do cabo de S. Vicente, donde partiam as frotas a *abrir caminho contra as regiões Orientaes* (*ib.* 296) — Os Chinas que *habitam contra o Meio Dia* são morenos (*ib.* 318) — Viu *correr a gente contra a praia* (Barros, *Déc.* 1, 3, 2).

1046. Empregamos porém *contra*, hoje como em outros tempos, quando se trata de movimento contrário a outro movimento, ou esforço oposto a outro (*remar contra a maré*), ou ir de encontro a algum obstáculo (*bater contra a parede; ir contra a lei*), ou dirigir um movimento perpendicularmente a uma superfície (*colocar as pedras contra o muro*).

A

1047. A partícula *ad* começou a usar-se em latim para enunciar o conceito de direção ou movimento para algum ponto, de aproximação e final junção de uma cousa a outra. Êste mesmo sentido vive ainda em nossa preposição *a*, apesar da concorrência de *para*, que lhe cerceia por vêzes o emprêgo.

1048. Serve a preposição, além disso, para exprimir noções decorrentes do conceito primitivo. Com o sentido de lugar onde, isto é, denotando, não a direção em que se encaminha o movimento, e sim o ponto terminal, já se usava *ad* no latim vulgar e ocorrem, até, alguns exemplos dêste gênero em Varro e Tito Lívio. O emprêgo em francês de *à* com os nomes de cidades filia-se a esta prática antiga. Em português não podemos dizer senão com a preposição *a*: *ir com a trouxa às costas, trazer o colar ao pescoço, estar alguém à cabeceira, à mesa*, etc. Com outra qualquer partícula se alteraria aqui o conceito da situação. Nas locuções *à direita, à esquerda*, pôsto que se trate de lugar onde, a palavra *a* indica que êste lugar fica na direção de uma ou outra das nossas mãos.

1049. À imagem que temos na mente de um ponto de aferência, que serve de norma, ou segundo o qual alguma cousa se faz, devemos o uso de *a* nestes dizeres: *a meu ver; vestir-se à inglêsa* (i. e. "segundo a moda inglêsa"); *estar à vontade, formado à imagem do primeiro Adam* (Arrais 450); *a gôsto de alguém; a jeito*.

1050. Notável é o emprêgo de *a* para significar instrumento e meio: *a ferro e a fogo; à fôrça; à viva fôrça; salvar-se a nado; a remo surdo; à voga arrancada; a trôco de trabalho; a tôda a pressa, viver à custa alheia, matar a tiro, à traição*, etc.

1051. A conexão entre o sentido instrumental e a primitiva acepção diretiva não é nada transparente; mas em todo o caso só ela explicará o haver-se fixado o uso de *a* nestes dizeres, quando a linguagem podia dispor — e a cada momento dispunha — de outras preposições mais aptas para expressar o meio e a instrumentalidade. Parece que a transição de sentido se teria feito, ao menos em alguns casos, através do conceito de aferência. *Fazer alguma cousa à fôrça* ou *à pressa* significaria a princípio fazê-la segundo, ou à maneira de fôrça ou pressa.

1052. Serve-nos ainda a preposição em certas locuções de "tempo em que" alguma cousa se passa, como sejam: *a esta hora; ao outro dia* (a par de *no outro dia*); *ao tempo que; às três horas* (diferente de *em três horas*); *a 22 de julho*, etc.

EM

1053. Esta partícula exprime interioridade com referência tanto a lugar como a tempo. Mas não se limita a isto o seu emprêgo. Pode denotar mera superposição (*pôr pé em terra*), estado de alguma cousa (*árvore em flor, ouro em pó*), divisão, distribuição (*obra em dous tomos*), etc.

1054. Ocorre a cada momento no discurso para significar o lugar onde as cousas se passam. Menos conspícuo é o emprêgo de *em* com acepção diretiva; mas é justamente esta tão importante que sem o seu conhecimento não saberíamos explicar a presença de *em* em bom número de locuções.

1055. Dizeres que signifiquem "lugar para onde", se constroem em português geralmente com *a* ou *para* e, às vêzes, *contra*. Usa-se todavia *em* com evidente sentido diretivo junto aos verbos *lançar*, *meter*, *pôr*, *deitar*, *admitir*, *sair*, *saltar*, *sair em terra*, *passar* e *passar-se em* (para algum país) e outros:

Assi fogem os Mouros, e o piloto, que ao perigo grande os guiara, crendo que seu engano estava noto, tambem foge *saltando na agua amara* (Camões, *Lus.* 2, 28) — Despois, *lançando arpeos ousadamente na capitaina* imiga, dentro *nella saltando*, a fará só com lança e espada de quatrocentos Mouros despejada (*ib.* 10, 28) — Da alma *transborda em o corpo* e vestidos a verdadeira fermosura (Arrais 740) — Do ceo o *precipitou no Inferno*, e do supremo lugar, que affectou no Empireo, ao infimo dos abismos (Vieira, *Serm.* 5, 229) — Por tres cousas, como todo o mundo sabe, se moveu elrei a *passar em Africa* (Jerônimo de Mendonça, *Jorn. de Afr.* 1, 25).

1056. Podem-se, sem dúvida, imaginar com vários dêstes verbos situações de "lugar onde", isto é, casos em que o complemento significa o ponto em que a ação se efetua, e não aquêle para o qual ela se encaminha ou destina.

1057. Nas dicções *crer em*, *pensar em*, *meditar em*, *refletir em* e outras congêneres, a preposição evidentemente significa a direção da crença, do pensamento, da meditação, etc.

1058. As locuções *em honra de*, *em prêmio de*, *em castigo de*, *em favor de*, *em pena de*, *em pago de*, *em recompensa de*, *em louvor de* são formações analógicas creadas segundo o tipo latino *in honorem alicujus*, em que a preposição denota o fim que se tem em vista, o objetivo a que algum ato se destina, o efeito que dêle deve resultar. Vem pois a preposição *em* usada aqui com sentido diretivo.

1059. Verbos que significam "passar de um estado a outro", como *transformar*, *converter*, etc., têm, além do objeto direto, um complemento formado com a preposição *em*. A construção latina a que êste complemento se filia é *in* com acusativo, usando-se êste caso, por significarem tais verbos movimentos encaminhados em determinado sentido. Em português não pode ser outra a interpretação e a razão do emprêgo de *em* nos exemplos seguintes:

Converte-se-me a carne em terra dura, em penedos os ossos se fizeram (Camões, *Lus.* 5, 59) — *Iam-se as sombras lentas desfazendo sobre as flores da terra em frio orvalho* (*ib.* 2, 92) — Mas Affonso... em nossa Hesperia, que a soberba do barbaro fronteiro *tornou em baxa e humillima miseria*, fora por certo invicto cavalleiro (*ib.* 4, 54) — Nem temais, Herculano, que se *transformem os Portuguezes animosos em mercadores cubicosos* (Arrais 312) — Com outro "eu sou no Egypto" se *trocaram* aos Irmãos de Joseph as tristezas em festas, os temores em parabens, e as prisoens em abraços (Vieira, *Serm.* 2, 165).

1060. Nas frases *em comprimento*, *em largura*, *em altura*, *em profundidade* tem a preposição a mesma explicação que nas frases latinas *in longitudinem*, *in latitudinem*, as quais se usaram com acusativo de acôrdo com o sentimento de "lugar para onde" seguem as linhas de medição.

TRAS, ATRAS (DE), DETRAS (DE)

1061. Filia-se a preposição *trás* ao latim *trans*, tendo havido perda da consoante nasal e notável alteração de sentido. Com a anteposição de *ad* e *de* formaram-se os advérbios *atrás*, *detrás*, dos quais por sua vez se geraram as locuções prepositivas *atrás de* e *detrás de*.

1062. *Trás* emprega-se com verbos de movimento e significa "após", "em seguimento de", "em busca de":

E assi corremos *tras elle*, como *tras* quem nos leva enganados e roubados os desejos (Heitor Pinto 1, 409) — Não vas *tras* tuas concupiscencias (*ib.* 1, 112) — Tres cousas diz aqui Christo aos que quiserem ir *tras elle* (*ib.* 1, 113).

1063. Pode-lhe fazer as vêzes a preposição *após*:

Será bom irmos com o padre, que com suas palavras e doutrinas nos levará *tras si*, assi como homem que leva *após si* cachorros soltos com lhe ir lançando pedaços de pão, que vão comendo (Heitor Pinto 1, 84) — Vai *após* as pegadas das manadas de teus gados (*ib.* 1, 48).

1064. *Atrás (de)* e *detrás (de)* usaram-se por muito tempo indiscriminadamente, e com mais freqüência a segunda forma, o que se deve attribuir à influência de *de frente*, *diante (de ante)*, etc. Semelhante ao falar hodierno é o emprêgo de *tornar atrás*, significando "reconsiderar um ato" neste passo de João de Barros:

Algumas pessoas notaveis... o faziam *tornar atras* do que estava assentado (*Déc.* 2, 10, 1).

1065. Todavia, quer neste sentido metafórico, quer na acepção material de volver em direção contrária a caminho já percorrido, empregou Camões ora os advérbios *atrás* e *pera trás*, ora *por detrás* e *pera detrás*:

Da determinação que tens tomada não *tornes por detrás*, pois é fraqueza desistir-se da cousa começada (*Lus.* 1, 40) — Põe no madeiro duro o brando peito, *pera detrás* a forte nao *forçando* (*ib.* 2, 22) — *Torna pera detrás* a nao forçada (*ib.* 2, 24) — Era maior a força em demasia, segundo *pera trás* nos *obrigava*, do mar que contra nós ali corria, que por nós a do vento que assoprava (*ib.* 5, 67) — Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana *atrás tornou* as ondas de medroso (*ib.* 4, 28).

1066. Outros exemplos do emprêgo da forma *detrás (de)*, discordantes em parte do falar corrente de hoje:

Da besta nom podemos seer derribados senõ *pera hũa* de quatro partes, *pera deante*, e *pera detrás*, ou *pera* cada hũa das ilhargas (D. Duarte, *Ens.* 20) — Os que me deviam alguma cousa, já ficam *detrás de* mim (Barros, *Déc.* 2,

3, 9) — Os nossos per *detrás* lhe escalavam as carnes de morte (*ib.* 2, 5, 9) — Chegaram estoutros que ficaram *detrás* (*ib.* 2, 7, 3) — Foi esperar o impeto dos nossos *detrás dos* muros e não fora delles (*ib.* 2, 7, 9) — Per *detrás* lhe deo com o cris pelas costas (*ib.* 2, 9, 3) — Os que *hiam* diante, e os que *hiam* *detrás* (Vieira, *Serm.* 3, 57 e 58).

1067. Raros exemplos de *trás* empregado junto a preposição além das citadas se nos deparam em português antigo:

Os caães corriam em *tras* ell (*Livro de Esopo* 41) — E lançar-se o peca da outra parte aa maneira de desvyo mais derriba *contra tras* (D. Duarte, *Ens.* 106).

PÓS, APÓS, EM PÓS, DE PÓS

1068. O latim *post*, perdida a consoante final, deu ao português as formas *pós* e *pois*, servindo uma de preposição, a outra de advérbio e conjunção.

1069. Cedo se generalizou a prática de usar a preposição reforçada com a anteposição de *a*, *de* ou *em*. Da forma simples primitiva encontram-se todavia alguns exemplos em português antigo:

Cavalgou em seu cavallo e foy-se *pos* elle (*Santo Graal* 115) — Veemos *pos* vos atee aqui (*ib.* 5) — Quando boorz esto ouvio, nom foy bem seguro, ca *pos* morte de Calagrenac matal-o ya seu jrmaão, se o desarmado achasse (*ib.* 130) — Começou-se a hir muj de rrixo *pos* elle (*ib.* 59).

1070. Servia-se o português antigo indiscriminadamente de *em pós*, *a pós* e *de pós*, com os mesmos verbos de movimento, sem atender a que as partículas de refôrço consideradas em si exprimiam relações diversas:

E dom Juam o bastardo foi atras a besta ladrador, e galaaz *depos* o çervo... e dom dinac *depos* dom tristam (*Santo Graal* 60-61) — E nom andou muyto e scoytou e vjo vyr em *pos* elle tam rijamente huũ cavaleyro sobre huũ cavalo (*ib.* 61) — Quando a vio, começou de hir *após* ella (*ib.* 69) — Começou hir em *pos* ella (*ib.*) — Vi vyr tristam em *pos* mim (*ib.* 72) — Amdando em *pós* ell com huũm paa na mão (*Livro de Esopo* 18).

1071. Com referência a tempo ou a um sucesso ulterior, usava-se de preferência de *pós*. Talvez também *após*:

Depos esto envjou el rei pella rainha e pellas donzellas e donas (*Santo Graal* 23) — *Depos* elle chegou ho ermjtam (*ib.* 11) — Nem que amedes outro *depos* mjnha morte (*ib.* 57) — *Depos* vespervas... aveeo que acharom huũ castello (*ib.* 73) — Logo se rrecearom de o Iffante poder reinar *depos* sua morte (Fernão Lopes, *D. J.* 93).

1072. Também se usou, ainda que menos freqüentemente, *empós* de em lugar do simples *empós*:

E queremdo seguir *empós* de aquelle que o avia roubado... foy aa praça pera alquiaar huũa mula (*Crônica dos Frades Menores* 1, 358) — Ouciosas fabulas que seguem em *pós* do vento e careçem de toda verdade (*D. Fern.* 2).

1073. Hoje em dia estas diversas formas são desusadas, exceptuando unicamente *após*, que equivale tanto a “depois de”, como a “atrás de” com verbos de movimento.

PER, POR, PERA, PARA

1074. Do emprêgo outrora florescente de *per* preposição não conserva a linguagem moderna mais que os vestígios de *per si*, *de per meio*, *perante* e *pelo* < *pello* (contração de *per + lo*), forma esta que, usada a par de *polo* < *pollo* (contração de *por + lo*) e com ela confundida, acabou por suplantá-la definitivamente.

1075. Tinha *per*, como em latim, o valor de “através de”, “por meio de”, e podia significar “lugar por onde” alguma cousa se estende e duração “de algum acontecimento”:

Nom devemos cõstramger nenhũa perssoa que digua nenhũa cousa *per forza* nem *per* medo (*Livro de Esopo* 53) — Depois *per dias* começarõ de sse asse-nhorar delles (Fernão Lopes, *D. J.* 123) — Quando elle *per hi* passara (*ib.* 124) — Sahirom huũ dia *per mandado* do Meestre (*ib.* 126) — *Per aquestes avysamentos* que screvo se pode veer como convem guardar tempo (D. Duarte, *Ens.* 112) — Se *per graça* special do senhor deos nõ for ajudado (*ib.* 115) — Correrem *per mato* espesso... *per lama*, augua ou ervaçal (*ib.* 118).

1076. Em alguns dizeres parecia apagar-se a fronteira entre o sentido próprio desta partícula e o domínio semântico de *por* do latim *pro*. Esta confusão ocasional não seria todavia o bastante para determinar o desaparecimento de uma das preposições. Atribuiremos o fenômeno antes à pronúncia mui parecida dos dous vocábulos átonos, prevalecendo a partícula que, pelas oportunidades de sua aplicação, se usava com mais freqüência.

1077. Entre as funções de *por*, além das que competiam a *per*, destacaremos em primeiro lugar o sentido de “em favor de”:

De nove desembargadores que eram, teve Sua Alteza quatro *por si*, e todos os outros seguiram o voto contrario, que foy em favor do capitão (Arrais 333).

1078. Dêste sentido originou-se — já em latim com a preposição *pro* — a significação de “em lugar de”, da qual *por* sua vez decorre a de “em troca de” e “equivalência”. Estes valores conservaram-se em português:

Na cabeça *por gorra* tinha posta uia mui grande casca de lagosta (Camões, *Lus.* 6, 17) — Têm *por mestra* a longa experiencia (*ib.* 5, 17) — *Polos doze Pares* dar-vos quero os doze de Inglaterra e o seu Magriço (*ib.* 1, 12) — *Por cobre* teriam ouro (Arrais 311).

1079. Mais fácil e mais pronta foi, por outra parte, a transição do conceito de “em favor de” para o de “fim”, “intenção”. Mas em português antigo e ainda em linguagem camoniana se usou a preposição confusamente, tanto para denotar o fim propriamente dito, como para significar a causa:

1) Fim — E *por saberem* o esmo em que logar eram, traziam dous traadores (Fernão Lopes, D. J. 325) — E com hum delles furavõ a terra per cima *por veerem* o çerto onde já chegavam (ib. 325) — Foi *por cobrar* Villa Viçosa (ib. 321) — *Por vos servir*, a tudo aparelhados (Camões, Lus. 10, 143) — Deixas criar ás portas o inimigo *por ires* buscar outro de tão longe (ib. 4, 101) — Cos principaes senhores se aconselha mas só *por ver* das gentes a sentença (ib. 4, 12) — *Por nos não magoarmos* ou mudarmos do proposito firme começado, determinei de assi nos embarcarmos sem o despedimento costumado (ib. 4, 93) — Queimou o sagrado templo de Diana... Herostrato, *por ser* aa gente humana *conhecido* no mundo e nomeado (ib. 2, 113).

2) Causa — Cuidou *por a gram festa* e prazer em que seriam postos em aquell dia,... que de salto e cupitamente podia tomar o logar (Fernão Lopes, D. J. 331) — Deu muitas graças a Deos, que *por sua grande misericórdia* o quisera guardar (ib. 333).

1080. Persiste até os nossos dias o emprêgo de *por* para denotar a causa; porém quanto a significar efeito a atingir, caiu esta preposição em desuso, sendo suplantada por *para*. A delimitação de sentido trouxe a vantagem de evitar ambigüidades que só pelo contexto, e às vêzes nem assim, se podiam resolver. Empregava-se também *porque* como equivalente de *para que*; mas o sentido aqui se percebia logo pelo verbo no conjuntivo.

1081. A forma *pera* usou-se em todo o período do português antigo e ainda no português moderno do século XVI e princípios do século XVII. NOs *Lustadas* ocorre a forma *para* somente com pronomes e com o artigo definido (v. as notas à edição de Epifânio Dias); Frei Luís de Sousa ainda continua a utilizar-se de *pera*; Vieira e Bernardes não escrevem senão *para*.

1082. O aspecto e a significação do vocábulo induzem a crer que *pera* se teria originado de *per* + *ad*. Podia contudo ter resultado, e esta etimologia parece mais correta, da combinação de *pro* + *ad*.

1083. Empregada com o valor de “destinação” e “lugar para onde”, rivaliza fortemente com a partícula *a*, sendo a diferença tão difícil de perceber que os casos de regência fixa, em que certos verbos e adjetivos se constroem uns sempre com *a* e outros sempre com *para*, não se explicam senão pelo capricho do uso. Compete ao dicionário, e não à gramática, particularizá-los. Evidentemente, apresentam-se também casos em que o uso vacila. Assim, ao mesmo tempo que se diz *partir para algum lugar*, dando ao complemento sempre a mesma preposição, junto a *ir*, *caminhar*, *fugir*, sinônimos de *partir*, é lícito optar entre *a* e *para*. Cito alguns passos de Antônio Vieira, nos quais varia a partícula sem aparente alteração de sentido:

Só Christo *caminhou* voluntario *á morte* sabida, todos os outros sem vontade *á morte* ignorada (Serm. 2, 390) — Abraham [*caminhava*] *ao sacrificio* sabido, Isaac *ao sacrificio* ignorado (ib.) — *Caminhou* animosamente *a ella* (ib.) — Desde este ponto começava Christo a *caminhar para a morte* (ib. 391) — Despedido por despido não he melhor *hir* com o bom ladrão *ao Paraiso*, que com o mau *ao Inferno?* (ib. 3, 354) — Ou são absoltos, e *vão para o Ceo*, ou condenados, e *vão para o Inferno* (ib. 2, 435) — *Fugio para o Egypto* (ib. 3,

179) — *Foge para o monte* (ib.) — *Fugir com Christo ao monte* (ib. 3, 199) — *Para hir ao Ceo*, não nos pede Deus mais que a pureza do coração e das mãos (ib. 9, 361) — Vejo que nos *imos ao Inferno* sem remedio (ib. 2, 307) — [Dia] em que os bons hão de *hir para o Ceu*, e os maos *para o Inferno* (ib. 435).

1084. Não é entretanto provável que o padre Vieira repetisse, na mesma página, o complemento com outra preposição sem o levar a isso o intuito de estabelecer diferença, ainda que subtil. Com *a* significaria o escritor, ao que parece, simplesmente o movimento direto; *para* denotaria o movimento mais demorado.

1085. Mais palpável é a diferença entre as partículas quando a um verbo expresso em qualquer das suas formas se acrescenta outro verbo, porém no infinitivo, que indique o resultado ou fim a que visa a ação. Sendo este fim um successo futuro, mais ou menos remoto, e contingente, emprega-se geralmente *para*, como preposição mais apropriada. Algumas vêzes, porém, o resultado a alcançar parece prender-se mais intimamente ao ato determinante, vindo logo após êle ou entrando em via de execução desde o momento em que o ato determinante se inicia. Parece aqui vir mais a propósito a preposição *a*, e seria este sentimento o que ditou o seu emprêgo nos trechos seguintes:

Quando Christo redemptor nosso entrou no horto *a orar* a seu Padre, apartou consigo os tres mais favorecidos discipulos (Vieira, Serm. 8, 102) — Decião tambem a terra *a adoral-o* (ib. 8, 104) — Partiram em hum catur *a encontrar* o sagrado hospede (ib. 8, 357) — Eu me parto *para o cabo* de Comorim... *a soccorrer* aquelles pobres Christãos (ib. 8, 188) — Tirou hũa cruz que trazia sobre o peito, deu-a a hũm menino, dizendo que a *dêsse a beijar* ao endemoninhado (ib. 8, 165).

1086. Depois do verbo *ser* dizem a noção de destino com a preposição *para*: *é para êle*, *para todos*; *é para ver*, etc. Depois de *estar* usa-se *para* com verbo no infinitivo para significar ato de realização futura: *está para casar*, *para mudar-se*, etc. *Estar* seguido de *a* + infinitivo denota a ação mais próxima ou imediata, e também se usa, principalmente em Portugal, para exprimir o tempo presente (*estar a dizer* = *estar dizendo*).

CONJUNÇÕES:

ESPÉCIES, FORMAS E SIGNIFICAÇÃO

1087. A conjunção é geralmente tida por uma palavra invariável que serve para ligar as orações. O qualificativo "invariável" vem aqui como reminiscência do antigo sistema gramatical que dividia as palavras em flexivas e inflexivas. Fora disso, não tem valor; nem poderíamos imaginar sequer que um vocábulo destinado a funcionar como elo entre os enunciados mais ou menos complexos dos pensamentos fôsse susceptível de gênero, número e caso. Com quem haveria de concordar? Se é para distinguir a conjunção do pronome relativo que se mantém aquela característica, importa não esquecer que o pronome relativo, representando sujeito ou objeto, é termo essencial à oração, ao passo que a conjunção, como o quer a referida maneira de definir, é elemento estranho.

1088. Discutível é a serventia de ligar orações. Elemento nôvo interposto entre dous sistemas homogêneos tanto pode cimentar como desunir; e para ligar palavras a palavras, frases a frases, orações a orações, basta pronunciá-las seguidamente sem pausa. Que a linguagem creasse vocábulos expressamente para êste efeito, por não poder encadear os enunciados dos pensamentos sem tal recurso, não é cousa crível. Aí estão as construções assindéticas, tão inteligíveis para os povos atrasados, e tão claras e elegantes para os homens de cultura superior. E até aquela partícula a que damos o nome de "integrante" e raras vêzes omitimos em português, em certos dizeres comuns do inglês ou do alemão mais vale desaparecida que ostentando-se, v. g. em *I think he is here* por *I think that he is here*; *ich glaube, er kommt* por *ich glaube, dass er kommt*.

1089. Do ponto de vista fonético, a presença ou ausência da partícula não acelera nem retarda o ligamento entre duas orações. A pausa, imperceptível entre a oração principal e a subordinada substantiva, é e continua a ser a mesma entre a principal e outras subordinadas, ou entre coordenadas, podendo-se marcar por vírgula, ponto e vírgula, dous pontos e, até, por meio de ponto final.

1090. De que natureza será pois o valor da conjunção? Consideremos dous trechos do *Monge de Cister* (1, 18 e 1, 94): a) *Elle percebeu que tornara a mim: pos-se em pé: eu estendi para elle as mãos: deu-me*

uma das suas: apertei-a entre as minhas e levei-a à boca e beijei-a. b) *Entrei: ninguém reparou em mim: todos andavam como pasmados.*

1091. No exemplo a) narram-se fatos que se passam sucessivamente e a partícula *e* anteposta somente aos dous últimos verbos, poderia vir iniciando também cada uma das demais orações que se seguem a *Êle percebeu que tornara a mim*, caso o autor quisesse reduzir as pausas e sacrificar a vivacidade do estilo.

1092. No exemplo b) a construção é tôda assindética. O segundo fato *ninguém reparou em mim* contradiz a expectativa que acompanhava a ação de entrar. Querendo significar explicitamente esta contradição, o autor poria no rosto da segunda sentença a adversativa *mas*. E esclarecendo afinal a causa do inesperado acontecimento, servir-se-ia da partícula *porque* como introdução a *todos andavam como pasmados*.

1093. Dêste exame se depreende que a conjunção faz parte, como elemento acessório, somente daquela oração em cujo início se acha, tendo por objeto apresentar o respectivo pensamento como correlato a outro. Mostra a partícula que não se deve tomar tal pensamento como asserção absoluta e independente, segundo sucederia com dous aforismos ou dous teoremas reunidos ao acaso.

1094. Faz-se a construção assindética por concisão ou elegância de estilo, quando se conta com a inteligência do ouvinte para perceber o sentido sem a partícula. Como porém é limitada a capacidade desta inteligência, predomina o emprêgo da construção sindética, e certas conjunções não se podem subentender em caso algum.

1095. Chamaremos *proposição inicial* àquela que, enunciada de ordinário em primeiro lugar, serve de ponto de referência a outra ou outras que denominaremos proposições seqüentes. Pertencem a esta segunda categoria tôdas as coordenadas, copulativa, adversativa, causal, alternativa (disjuntiva), etc., e tôdas as subordinadas. Feita esta distinção, observaremos que as conjunções pertencem em geral às proposições seqüentes; a algumas porém respondem outras partículas correlativas nas proposições iniciais. Servem elas às vêzes de mero refôrço, como no caso de *ou... ou...*, onde a partícula só é imprescindível na alternativa seqüente. Outras vêzes, como em *não somente... mas também...*, o sentido ficaria incompleto sem a correlativa.

1096. Acrescentemos, para completar estas considerações, que um enunciado seqüente em relação a outro anterior, pode por sua vez servir de inicial relativamente a proposição ulterior. E é assim que se torna possível o encadeamento lógico dos pensamentos de qualquer discurso.

1097. Não tem a conjunção valor de simples elo mecânico pôsto entre orações; mas serve à linguagem para evitar que duas proposições se apresentem ambas como iniciais. A partícula dá a uma delas o caráter de seqüente, parecendo-se de alguma sorte o seu papel com o dos sinais com que em meio de um trecho musical se anuncia mudança da tonalidade. Mas a conjunção faz mais: assinala a relação lógica em que a

seqüente está para com a inicial. É pois uma partícula que exerce sua influência, não como o advérbio e a preposição sobre um vocábulo, mas sobre uma oração em conjunto.

1098. Obscura é a origem de certas conjunções latinas; porém, a julgar por aquelas cujo histórico se conhece, a linguagem não teria criado vocábulos especiais para constituir a nova categoria. Serviram a este fim advérbios que, de modestos determinantes de um conceito único, se usaram como determinantes de toda uma sentença; e serviram também pronomes do tipo relativo-interrogativo, ou temas pronominais acrescidos de novos elementos.

1099. Da respeitável série de conjunções que faziam parte do idioma latino muito poucas passaram às línguas românicas. Em português existem *e (et)*, *ou (aut)*, *nem (nec)*, *quando, se (si)*, *como* (tem o sentido de *quum* e de *quomodo*, pôsto que pelas leis da fonética só se filie ao segundo destes vocábulos), e *que*, usada no latim vulgar. A substituição de *sed*, *autem*, por *mais* (depois *mas*), do advérbio *ma(g)is*, data do período pré-lusitano. Sobre a evolução de *proinde* em *porende*, *porém*, veja-se [parágrafos 933-938].

1100. A falta das demais partículas suprem-na criações novas, isto é, advérbios, que se adaptaram ao papel de conjunção, assim como o amplo emprêgo de *que*, simples, ou combinado com preposições e com advérbios ou locuções de caráter adverbial, e, ainda a forma verbal *quer* (em *quer... quer...*, *onde quer que, quando quer que*) para expressar o conceito optativo.

1101. Segundo nas frases *segundo vejo, segundo dizem, segundo se afirmou* (Barros, *Déc.* 2, 3, 1), *segundo parece* (Vieira, *Serm.* 9, 44) e outras do mesmo gênero, é exemplo da possibilidade de uma preposição servir de conjunção. A linguagem antiga usava, além disso, *segundo* com sentido causal:

E *segundo* estão victoriosos... hey medo que nos fação daqui alevantar (Castanheda 1, 85) — Que elrey folgaria coele *segundo* ho vira amigo de honrras (*ib.* 1, 25) — Se os mouros nos aferram *segundo* sam muytos e nós poucos, não temos salvação (*ib.* 1, 43) — E *segundo* a cidade era rica, foi o despojo de roupa e alfaías pouco mais de cincoenta mil cruzados (Barros, *Déc.* 2, 6, 6) — Informa o cauto Gama das armadas... Diz-lhe que vem de gente carregadas e dos trovões horrendos de Vulcano, e que pode ser delles opprimido, *segundo* estava mal apercebido (Camões, *Lus.* 9, 7) — Eis pelo monte apparece e, *segundo* ao mar caminha, mais apressado do que fora vinha (*ib.* 5, 31) — O recado que trazem he de amigos, mas debaxo o veneno vem cuberto, que os pensamentos erão de inimigos, *segundo* foi o engano descuberto (*ib.* 1, 105). Era maior a força em demasia, *segundo* pera trás nos obrigava (*ib.* 5, 67) — Mais nascimentos havíamos mister, *segundo* são muitas as mortes, assim de doença como violentas (Vieira, *Cartas* 2, 183).

1102. Chamam-se geralmente coordenativas as conjunções que estabelecem paralelismo sintático entre duas orações, e subordinativas aquelas que apresentam uma oração como elemento integrante ou modificativo de outra, isto é, dão-lhe o caráter ou de substantivo ou de advérbio. Mas a linha de demarcação entre as coordenativas e as subordina-

tivas adverbiais não é bastante clara. Nenhuma dúvida há sobre as espécies copulativa, adversativa e disjuntiva, que pertencem ao primeiro grupo; porém entre as partículas causais figura *porque* ora como coordenativa, ora como subordinativa, enquanto *visto que, já que, como* são sempre da segunda classe.

1103. Entre as subordinativas integrantes separamos *que*, partícula da asserção (*sei que ele virá*), de *se, como, quando, porque*, partículas da dúvida ou interrogação indireta (*não sei se virá, quando virá, como virá, porque virá*). As três últimas são advérbios interrogativos com aplicação secundária; *se* é conjunção que, a par de seu antigo papel de partícula condicional, se usa também para fazer vèzes das extintas partículas interrogativas latinas *num, an, ne, utrum*.

1104. Se não filiamos a integrante *que* diretamente à conjunção latina *quod*, por se oporem a isso as leis fonéticas, somos todavia forçados a admitir que o étimo verdadeiro, qualquer que fôsse (*quia, quid, etc.*), teria, a partir de certa época, adquirido valor semântico igual ao daquela partícula, cursando então simultaneamente com ela na linguagem vulgar e acabando por suplantá-la. (Veja-se Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*², 105).

1105. Mas com indicar somente que a oração equivale a um substantivo, o qual serve de sujeito ou objeto a outra oração, a partícula não revela nenhum colorido próprio, sendo de estranhar, a julgar pelo estado atual da linguagem, que para assumir a sentença a desejada feição integrante fôsse necessário e bastasse antepor-lhe o pronome relativo. Não foi entanto rigorosamente este o processo primitivo. *Quod* tinha seu antecedente demonstrativo (*hoc, illud, id*), com que à guisa de sumário se antecipava um enunciado, como em *hoc uno praestamus vel maxime feris, quod exprimere dicendo sensa possumus*. O antecedente podia, sem prejuizo do sentido, omitir-se, e sendo esta prática mais simples, tornou-se ela pouco a pouco em costume ao mesmo tempo que se ia obliterando a consciência da função pronominal de *quod*. O enunciado *non pigritia facio, quod non mea manu scribo* era a alteração semântica de outro que, reconstituído, equivaleria a “não faço por preguiça isto (= o seguinte), *que* não escrevo de próprio punho”. O esquecimento, fator essencialíssimo na evolução da linguagem, transformou, em tais construções, o valor primitivo de *quod* ora em conjunção causal, ora em partícula tão inexpressiva que já no latim da decadência veio a servir de mero expoente das orações subordinadas cujo caráter não se definisse por meio de outra partícula. Herdeira de *quod* assim diferenciado é a conjunção portuguesa *que*, com a variante *ca (qua)* usada no falar antigo para exprimir o sentido causal (*).

(*) Os fatores de um fenômeno lingüístico são múltiplos, e é possível que a conjunção *quod* procedesse não somente do pronome relativo, mas também do pronome interrogativo. Para admitir, como alguns lingüistas se inclinam a crer, que todos os fatos se devam referir somente a frases interrogativas, faltam argumentos convincentes. Sobre a questão se *ut*, desbancado por *quod*, teria tido histórico semelhante ou diferente, apenas se sabe que aquela partícula também é de origem pronominal.

1106. Se equivalia a substantivo, a oração subordinada podia, como o nome propriamente dito, ser regida de preposição. Isto se verifica quanto a *de*, a *a*, a *com*, que regem a oração inteira. Nas mesmas condições se acharam a princípio *por* e *pera* (*para*); não tardaram porém a combinar-se com *que*, nascendo desta união conjunções de causa e fim. *Des* (*desde*) *que* e *até que* constituem conjunções de tempo; *sem que* denota exclusão.

1107. Serve a oração integrante de objeto direto a *dado*, *pôsto*, *admitido* e outros participios usados como o ablativo absoluto em latim, para expressar concessão, hipótese, etc. Perdura nestes participios geralmente o sentido próprio do verbo; *pôsto* entretanto ligou-se semânticamente à partícula, produzindo a conjunção concessiva *pôsto que*. Vieira (*Serm.* 3, 76) empregou o participio ainda com a acepção primitiva: *Mas eu tão longe estou de encalhar neste baxo (posto que o seja [isto é: suposto que o seja]), que antes o exercício de pescador me parece o melhor noviciado que estes Apóstolos podiam ter.*

1108. Este processo creador de novas conjunções ou locuções conjuncionais revela-se sobremodo fecundo nas combinações de advérbios e dizeres de caráter adverbial com a partícula *que*: a fim *que* (português hodierno a fim *de que*), *sem embargo que*, *contanto que*, *ante(s) que*, *depois que*, etc.

1109. Nestas, como em outras locuções conjuncionais, o elemento advérbio nada mais é que um vocábulo deslocado de uma oração para outra. Devia modificar a um verbo, mas afasta-se dêle, emigra da respectiva oração, atraído por uma partícula, à qual se une, resultando desta liga uma conjunção de nova espécie. Basta ver o histórico do adventício *ainda* em *ainda quando* e *ainda que*.

1110. As partículas *que* e *quando* de per si bastam para denotar concessão, uma vez que o verbo esteja no modo conjuntivo. Segundo esta primeira fase estão redigidos os exemplos: *eu por huma parte hey dô deste coitado, que não seja mais que pelo pão que lhe como* (Antônio Ferreira, *Bristo* 2, 396); e *quando de seu cuidado e trabalho colham algum fruto, esse quando menos ficará onde nasceo* (Vieira, *Serm.* 5, 356). Na segunda fase, insere-se na oração principal enfaticamente o advérbio *ainda*. Dêste tipo é: *E quando a fortuna tanto mal me fizesse, ainda prestarei pera chocarreiro de hum príncipe, que he o melhor officio que se agora usa* (Antônio Ferreira, *Bristo* 2, 397). Exemplo da última fase, em que o advérbio se transfere para a oração subordinada: *Toda a vida de Xavier era huma perpetua oração e contemplação, ainda quando parecia mais divertido* (Vieira, *Serm.* 8, 320).

1111. As vezes a locução conjuncional vem a adquirir valor muito diverso do sentido de advérbio. *Tanto que* se emprega geralmente como conjunção temporal até o século XVIII, mas o falar hodierno lhe restitui o sentido de quantidade ou intensidade. *Assi que* mantém por muitos séculos a acepção modal, conforme ao advérbio componente, mas na linguagem de hoje se usa como conjunção temporal.

1112. A maneira de dizer própria de certa época pode sofrer mudança pondo-se de acôrdo com outras dicções de uso mais geral. *Logo que*, locução temporal hoje usualíssima, sucedeu a *logo quando* e *logo como*:

Logo como tomou do reino cargo, tomou mais a conquista do mar largo (Camões, *Lus.* 4, 66) — *Logo quando* a [carta] ly, entrei comigo em grandes differenças (Diogo Bernardes, *O Lima* 218) — *Logo quando* [a procissão] acabou de despegar da igreja, ouve muyta gente devota que... quiz empregar a tarde em visitar á vontade a sepultura (Sousa, *Arceb.* 2, 375).

1113. Entre os advérbios de reforço que costumam deixar a oração principal para juntar-se com a partícula da oração secundária está *então*, correlato de *quando*. Esta construção, empregada com liberalidade por vários quinhentistas, parece ser imitação do idioma latino:

A riqueza *entam* a alcançaram, *quando* a perderam (Heitor Pinto 2, 67) — Porque *entam* a tribulação perde sua força, *quando* se lhe atravessa diante a paciencia (*ib.* 2, 139).

1114. Correlatos enfáticos das conjunções concessivas são *todavia*, *contudo*, *entretanto*, *ainda assim*. Não se transferem para a oração concessiva:

E *ainda que* alguns sejam de obscura geração, *todavia* são venerados e acatados (Heitor Pinto 1, 133) — E *ainda que* tomar este cargo seja contra minha vontade, *contudo* faço-o por cumprir com a vossa (*ib.* 1, 147).

1115. *Contudo* pode vir em companhia da adversativa *mas*:

Não deixo de entender... *Mas contudo* eu vejo que os príncipes... sempre estimaram muyto homens letrados (Heitor Pinto 231).

1116. O emprêgo de *contudo*, *todavia*, *entretanto*, *entanto* como correlativos enfáticos é uma aplicação puramente ocasional dos ditos vocábulos. Resta a saber se fora dêste caso servem de conjunção ou de advérbio. A tendência de inclui-los na categoria das partículas adversativas em atenção a terem sentido semelhante ao da palavra *mas*, objecta-se que a sinonímia é imperfeita, e tanto que se usam, ou se podem usar, concomitantemente com essa partícula. Parece antes acharem-se na fronteira indecisa que medeia entre o advérbio e a conjunção.

1117. Na linguagem da Renascença, *entretanto* e *entanto* têm valor temporal de “entrementes”, “enquanto isto sucede”:

As halcyoneas aves triste canto junto da costa brava levantaram... Os delfins namorados, *entretanto*, lá nas covas maritimas entraram, fugindo á tempestade e ventos duros (Camões, *Lus.* 6, 77) — E que *entanto* podia do trabalho passado ir repousar, e em breve tempo daria a seu despacho um justo talho (*ib.* 7, 65).

1118. Em português antigo aparece *entretanto* com o caráter de conjunção equivalente a “enquanto”, mas é redução de *entretanto que*, cujo uso perdura no português moderno.

Entretanto elle assy anda soo, he bem que digamos dos aquecimentos dos outros (Zurara, *Guiné* 309) — Nom se quis de todo leixar em repouso com esta vitorya... mas *entretanto* os outros estavam em seus fallamentos, apartou hũ daquelles Mouros preguntando-lhes se sabya (*ib.* 427) — E [o catual] fez que mandava buscar almadias, e dissimuladamente mandou esconder os donos dellas, porque as não dessem. E *entretanto* que as yão buscar levou Vasco da Gama ao longo da praya (Castanheda 1, 71).

1119. Ininteligíveis à primeira vista nos parecem hoje em dia as orações iniciadas pelos dizeres — *por tal que* e *com tal que*, de que se encontram ainda exemplos em escritores do século XVI. São reduções de *por tal razão* (ou *fim*) e *com tal condição que*, denotando a primeira forma “fim”, e a segunda “condição”:

Tu me queres dar este pam *por tall que* nom ladre (*Livro de Esopo* 47) — Para saberes aquello pera que foste feito e conheçeres o teu creador, *por tall que* leixes as trevas em que ataa ora viveste (*S. Josafate* 16) — Porem me praz assi della seer nomeada *por tal que* o nome deste meu scripto concorde com a maneira em que per mercee do senhor deos me trabalho sempre viver (D. Duarte, *Leal Cons.* 3) — Por tanto faça-se, *com tal que* em quanto o duque for vivo não se vá Cademia de casa da rainha (Barros, *Clar.* 1, 155) — Eu vos juro e prometo de fazer quanto me mandardes, *com tal que* me deis a vida (*ib.* 1, 102) — Aqui chovão sobre mim penas e dores temporaes, *com tal que* me perdoeis as eternas (Arrais 433).

1120. A conjunção *caso* (em *caso venha*, *caso chova*, etc.) procede da redução de *caso que*, a qual maneira de dizer é por sua vez forma reduzida de *sendo caso que*. Além dêste sentido condicional ou hipotético podia, antigamente, *caso que* usar-se com acepção concessiva decorrente do pensamento *pôsto* (= suposto) *caso que*. Vem explícita estoutra fórmula em Rui de Pina, D. Duarte 85: *Mas posto caso que passasseis e tomasseis Tanger, Alcacer, Arzila, queria, Senhor, saber que lhe farieis*. Êste duplo sentido afeta a locução *em caso que*, a qual à página 20 do mesmo livro de Rui de Pina tem valor diferente do hodierno:

Excuso de as [lamentações] especificar: somente saiba-se que *em caso que* [= *pôsto que* ou português hodierno *ao passo que*] nas mortes dos reis e príncipes geralmente se fazem sempre signaes de grandes sentimentos, na deste glorioso rei, assim em prantos e lagrimas, como na tristeza das vestiduras de todos se fez por muitos com muita especialidade de dor.

1121. Entre os quincentistas freqüentemente se topam exemplos de *caso que* com valor concessivo de “pôsto que”, “ainda que”:

E como os religiosos dalta estofa, *caso que* sejam spirituaes, todavia são humanos, parece que terão pouco merecimento com o desgosto de servirem (Heitor Pinto 1, 129) — Os cervos feridos da erva, *caso que* vão fugindo do caçador, todavia como levam nas entranhas o farpão emervado, vem-lhe morrer nas mãos (*ib.* 1, 97).

1122. *Como quer que seja* e *como quer que fôsse* usam-se hoje como frases cristalizadas para significar dúvida ou incerteza sôbre se é real um fato referido antes ou se é real outro que o contradiga. Em portu-

guês antigo ocorrem os mesmos dizeres, tendo o verbo “ser” sujeito e o competente adjetivo predicativo, e também aparece *como quer que* antes de outros verbos. Nestas orações completas *como quer que* equivalia a “pôsto que”:

Aparelhou logo Pallenço sua fusta pera sayr a terra, e *como quer que* a calma fosse muy grande, todavya eram muy grandes vagas na costa, as quaaes nunca derom lugar que a fusta podesse prooar em terra (Zurara, *Guiné* 337) — *Como quer que* o mar comunalmente per todas suas partes, em aquelles tempos seja perigoso, ally o he muyto mais, por aazo das grandes correntes, que ally ha (*ib.* 28) — Quando El-Rei D. Affonso vio que não podia achar este Santo Corpo, *como quer que* muito lhe pezasse, remeteu seu pezar á vontade de Deus. (Duarte Galvão, D. Af. Henr. 81).

1123. *Mentre*, com as variantes *mentres que*, *em mentre*, pertence ao português antigo. Suplantou-o o sinônimo “enquanto”:

Destruio pois porende o castello; mas nom *mentre* persival foi vivo (*Santo Graal* 90) — Ca ja mais nom serei leda, *em mentre* vos fordes triste (*ib.* 75) — Huũ cam furtou hũa posta de carne; e fugindo com ela passava per hũa pomte, e *mentres que* passava, guardou na augua, e vio a ssombra da carne que levava na boca (*Livro de Esopo* 12).

1124. *Em que* diz o mesmo que *ainda que*; mas a linguagem literária, a não ser na frase *em que pese*, dá-lhe em geral menos aprêço que a outras locuções concessivas. Ocorre bastantes vêzes em Gil Vicente, e não é raro em Heitor Pinto:

E mais sereis avisada que não me respondereis nada, *em que* ponha fogo a tudo (Gil Vicente 3, 145) — Não ha hi por hu correr, *em que* m'esfolem a pelle (*ib.* 3, 178) — Nunca mais hei de fiar em fidalgo desta sorte, *em que* o mande San Matheus (*ib.* 3, 220) — *Em que* hũ homem seja no corpo mais feo que Thersites, sendo virtuoso, he mais bello que Nireu (Heitor Pinto 2, 677) — Aqui acha hũa cousa que lhe contenta, e alli outra, *em que* seja com trabalho (*ib.* 2, 629) — Assi como as arvores que não dão fruto, *em que* estẽ verdes e viçosas, todavia são cortadas e lançadas no fogo; assi os maos, *em que* vivam ricos e prosperos, e comtudo quando se não percatarem, serão cortados da morte e lançados no inferno (*ib.* 2, 577).

1125. Ao português antigo pertencem *peró*, *em peró*, *em peró que* e *peró que*. Escritores do século XVI que se utilizavam dêstes dizeres só o faziam por tendência arcaizante. NÔs *Lusiadas* não há exemplo. João de Barros manifesta predileção por tais conjunções sem atender a que já vinham sistematicamente substituídas por outras em certas publicações mais antigas do que as *Décadas* e o *Clarimundo*. *Peró que* e *emperó que* em geral, como *peró* e *emperó* em orações com verbo no conjuntivo, empregavam-se como sinônimas de *ainda que*, *pôsto que*. Com o verbo no modo indicativo *peró* e *emperó* adquiriam valor de conjunções adversativas como *porém*, *contudo*:

E *em peró que* o caminho era muito temeroso por muitas serpentes e muitas bestas bravas que andavã em aquel ermo, o santo mancebo todo tinha em

nada (S. Josafate 42) — E elle já quanto ameeçou de conhecer a fraqueza dos falsos deoses *pero que* nõ quis entõ receber perfeitamente o lume de Jesu Christo. *Em pero* já nõ honrrava os seus saçerdotes nõ fazia as festas nõ oferecia sacrificios aos idolos como soia, mais tinha o coraçõ e duvida (ib. 29) — *Pero* negros fossem, assy tinham almas como os outros (Zurara, Guiné 94) — O qual artificio, *pero que* a invenção delle se dê a diversos authores, mais parece per Deos inspirado (Barros, Déc., Pról.) — Gomes Eannes de Zurara... em soma diz que ambos estes cavaleiros descobriram esta ilha; *perõ* sempre nomea a Tristão Vaz por Tristão, como pessoa menos principal (ib. 1, 1, 3).

2.^a Parte

FORMAÇÃO DE PALAVRAS E SINTAXE DO PORTUGUÊS HISTÓRICO

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

DERIVAÇÃO EM GERAL

1126. Não nos ocuparemos aqui com a criação dos vocábulos *ab ovo*, mas apenas com a formação corrente de palavras por meio dos processos de derivação e composição, excluindo dêste estudo os termos novos, geralmente internacionalizados, e creados por homens eruditos com material puramente grego ou latino para suprir a falta de denominações apropriadas a certos conceitos modernos.

1127. Importa primeiro fixar o que se deve entender por derivação e composição. Sôbre o sentido dêstes termos e o domínio lingüístico que lhes compete correm opiniões encontradas. Consiste a composição em crear palavras novas combinando vocábulos já existentes. A derivação, por outra parte, toma palavras existentes e lhes acrescenta certos elementos formativos com que adquirem sentido nôvo, referido contudo ao significado da palavra primitiva. Postos êstes elementos no fim do vocábulo derivante (geralmente com a supressão prévia da terminação dêste) chamam-se sufixos, e o processo de formação toma o nome particular de derivação sufixal.

1128. Elementos formativos existem diferentes dêstes, que se colocam antes da palavra derivante, e se chamam prefixos; tal processo é o da derivação prefixal. Mas os prefixos são, na maior parte, preposições e advérbios, isto é, vocábulos de existência independente, combináveis com outras palavras. Equivale isto a dizer que não está bem demarcada a fronteira entre a derivação prefixal e a composição.

1129. A divisão em derivação sufixal e prefixal que aqui fazemos e adotamos nas seguintes páginas, coincide com a maneira de ver de Meyer-Lübke, Nyrop e outros modernos lingüistas, contrariando portanto aquêles que excluíam ou excluem do conceito de derivação os prefixos e tôdas as palavras formadas com prefixos. Estoutra doutrina, plausível à primeira vista, em se tratando de partículas usadas como vocábulos independentes, tropeça contudo ao chegar o momento de analisar elementos formativos do tipo *dis-*, *re-*, *in-* negativo, e aquêles que, como *pre-*, *ob-*, já não usamos como palavras isoladas. É fácil afirmar que *dis-*, *re-* e o negativo *in-* representam partículas inseparáveis que são ou foram preposições ou advérbios. Equivale êste argumento

a uma petição de princípio. Nada se sabe da existência de tais vocábulos independentes nem em latim nem em outra qualquer língua indo-européia. Por tôda a parte ocorrem êstes elementos funcionando sempre como prefixos. Além disso, muito é de notar que, quando se demonstrasse a existência real dessas sílabas em passado remoto, não já como elementos formativos, mas como verdadeiros advérbios ou preposições, ainda assim não poderia prevalecer tal fato como argumento, a menos que com a noção do prefixo se derrocasse também a de sufixo, o qual, segundo a lingüística admite e por vêzes claramente demonstra, procede também de expressão que a princípio se usou como palavra independente. De modo que, tiradas as últimas conseqüências do vicioso raciocínio, ficariam compreendidas no domínio da composição não só as palavras creadas com elementos preformativos, mas também as que se constituem com elementos pós-formativos, desaparecendo por completo o conceito de derivação.

1130. Que mesmo na derivação sufixal nem sempre é fácil determinar a linha que a separa do processo da composição, vê-se pelo histórico dos advérbios em *-mente*. Enquanto em latim só se usaram dizeres como *fera mente*, *bona mente* (ou *feramente*, *bonamente*, pois se pronunciariam ligando as palavras), em que se combinava o substantivo com qualificativos adequados à sua significação, o processo em vigor era, quando muito, a composição, formavam-se palavras compostas. Desde porém que com igual facilidade puderam combinar-se como *râpidamente*, *recentemente*, já a palavra *mente* tinha perdido a significação e valor de substantivo e, de termo componente, passava a funcionar como sufixo creador de advérbios.

1131. Evolução semelhante se observa nas línguas germânicas, em que bom número de sufixos de derivação nominal procedem de antigos substantivos e adjetivos. Basta lembrar o sufixo *-ly*, em inglês, o qual procede de *like*.

1132. As línguas enriquecem seu vocabulário, não somente combinando palavras entre si ou ajuntando-lhes prefixos e sufixos, mas ainda dando a certos vocábulos sentido nôvo, fazendo-os servir em categoria diferente. *Ser*, *jantar*, *dever*, *poder* tanto são infinitivos como substantivos. *O frio*, *o belo*, *o sublime* aplicam-se a noções abstratas; *o cego*, *o louco*, *o rico*, *o avaro* referem-se a pessoas, funcionando pois o adjetivo como substantivo. Tais fatos se observam na linguagem, quer estudada sincrônicamente, como nos exemplos que acabamos de referir, quer examinada diacrônicamente. *Lente*, *ribeiro*, *receita*, *estado*, *oriente*, hoje usados só como substantivos, procedem de antigos adjetivos e participios.

1133. No entender de alguns gramáticos, faz parte da derivação o estudo dêste enriquecimento do vocabulário sem auxílio de elementos formativos, e dão-lhe o nome de derivação imprópria por ser processo notôriamente dissemelhante do processo comum. Não adotaremos aqui êsse

parecer. A mudança de sentido e de função que sofrem as palavras, examina-se em outras partes da gramática, e, a dedicar-se uma parte especial a tão interessante assunto, deverá denominar-se semântica e não derivação.

1134. Parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplos como *pedreiro*, *pedraria*, *pedregulho* ou *fechamento*, *laranjal*, *bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra*, *fechar*, *laranja*, *banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para se perceber a filiação. Outras vêzes tem havido tal evolução de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica.

1135. Para o comum dos homens que falam português, a palavra *esquecer* se apresenta como um verbo primitivo, do qual se tiram *esquecimento*, *esquecedor*, *esquecediço*; para o lingüista, é alteração de *escaecer* e palavra derivada, em última análise, de *caer*, forma antiga de *cair*. *Receber*, para quem fala em português, é outro verbo primitivo; se lhe lembrarem que *re-* é elemento formativo, objetará que não existe nenhum verbo *ceber*. O lingüista analisa de outro modo e, deixando o português, remonta ao latim para decompor o dito verbo em *re + cipere* <*re + capere*.

1136. Há entretanto exagêro neste método de análise erudita. O sentimento de linguagem é fator essencial, sem o qual as formas e criação de palavras perderiam sua significação. E muito de levar em conta é êsse sentimento se, diversificado da língua-mãe, aparece desde a constituição do nôvo idioma e assim se conserva até os nossos dias. De maneira que a fórmula mais razoável para explicar *esquecer*, *receber*, *vingar*, *julgar*, *resistir*, etc., seria declarar que são antigos verbos derivados que passaram a funcionar como verbos primitivos.

DERIVAÇÃO SUFIXAL

a) Substantivo e Adjetivo

-ARIA (-ERIA)

1137. Ao elemento formativo *-aria* do português antigo correspondem castelhano *-eria*, italiano *-eria*, francês *-erie*. O seu histórico é comum a estas diversas línguas. Para evitar prolixidade, deixaremos de parte o estudo comparativo; explicaremos a proveniência do sufixo à luz de alguns exemplos do nosso idioma. Palavras do gênero de *cavalaria*, *rouparia*, *feiticaria* devem a sua origem à junção do sufixo *-ia* aos derivantes *cavaleiro*, *roupeiro*, *feiticeiro*, do mesmo modo que *frontaria*, *romaria*, *padaria* procederam de *fronteiro*, *romeiro*, *padeiro*; mas por um erro de análise veio a imaginar-se que aquêles vocábulos se filiariam diretamente a *cavalo*, *roupa*, *feitico*, e dêste erro resultou o nôvo sufixo *-aria*, com o auxílio do qual se crearam, por analogia de sentido, inúmeras outras palavras.

1138. Por que preferiu o português antigo *-aria* a *-eria*, forma mais próxima de *-eiro*? Que assim o exigisse a pronúncia, é possível; mas seria caso particular, pois que exemplos como *fantasia* permitem pôr em dúvida que a não acentuado soasse realmente como a vogal pura quando tônica. Concorreu talvez para fixar-se a escrita, senão a pronúncia, a reminiscência da terminação latina *-aria*, embora esta tivesse acentuação diferente. Como quer que seja, certo é que em português antigo ocorre geralmente *cavalaria*, *frontaria*, *montaria*, etc. Os quinhentistas, e em parte também os seiscentistas, receberam e continuaram o uso tradicional; mas por meados do século XVI já se sente a influência do espanhol, a que se junta depois a influência do italiano, ocorrendo de vez em quando a forma *-eria*. Nas *Décadas* de Barros publicadas em 1552, 1553 e 1563 (que são as primeiras edições): *cantaria* (1, 8, 9), *artelharia* (2, 3, 4, oito vezes; 2, 1, 6, oito vezes; 2, 1, 5, duas vezes, etc.), *frontaria* (1, 8, 9; 2, 1, 7; 2, 3, 4, duas vezes; 2, 3, 5), *cavalaria* e *cavallaria* (2, 1, 3; 1, 1, 2; 1, 1, 11), *feitecerias* (2, 1, 4; 3, 6, 6).

1139. NOs *Lusíadas* (edição de 1572) ocorrem: *infantaria* (7, 45), *especiaria* (2, 4), *artelharia* (7, 12) e também *artilheria* (1, 89), *tapeçaria* (9, 60).

1140. Na *Vida do Arcebispo* de Frei Luís de Sousa (edição de 1619) há: *tapeçarias* (livro 5, cap. 2); *artilharia* (livro 6, cap. 25, cap. 13 bis,

cap. 9), *infantaria* (livro 6, cap. 13), *cavallaria* (livro 6, cap. 9 bis), *arcabuzaria* (livro 6, cap. 9, três vezes), *arcabuzeria* (livro 6, cap. 25, cap. 13), *mosquetaria* (livro 6, cap. 25, cap. 13, cap. 9, bis), *imagineria* (livro 6, cap. 12).

1141. Nos *Sermões* de Vieira — refiro-me sempre à primeira edição — encontramos: *caça* e *montaria* (5, 437), *artelharia* (5, 452; 5, 473; 5, 492; 5, 494 bis; 5, 495; 5, 496 quatro vezes; 5, 497; 9, 451, etc.), *infantaria* (5, 502), *tapeçarias* (3, 245; 11, 460); *tapecerias* (5, 459), *cavallaria* (5, 493; 2, 418) e *cavallerias* (1, 368, três vezes), *bufonerias* (1, 596).

1142. Pelos séculos XVIII e XIX perturba-se ainda mais a antiga grafia com a freqüente leitura dos livros franceses, escrevendo-se, a par de *laçaria*, *pedraria*, *cavalaria*, etc., com bastante insistência *infanteria*, *artilheria* e outros, na ilusão de se tirarem tais derivados com todo o rigor da lógica lingüística. Recentemente, vai-se reagindo contra semelhante dualismo, procurando-se restabelecer a antiga terminação *-aria*. Resistem a êste tentâmen, entre outras palavras, principalmente *galéria* (cf. Vieira, *Serm.* 2, 445: *salas e galarias douradas*), *parceria*, *loteria*, vocábulo importado do italiano, e *bateria*, do francês, com sentido diferente do termo *bataria*, usado por quinhentistas e seiscentistas, e que denotava a ação de bater.

1143. A produtividade do sufixo *-aria* manifesta-se sobretudo na formação de nomes que exprimem:

a) ramos de negócio e indústria e lugares onde êles se acham estabelecidos: *drogaria*, *luvaria*, *chapelaria*, *ourivesaria*, *alfaiataria*, *tinturaria*, *marcenaria*, *carvoaria*, *tanoaria*, *lavandaria*, *confeitaria*.

b) noção de coletividade: *sacaria*, *pedraria*, *arcaria*, *fradaria*, *frascaria*, *casaria*, *confraria*, *caixaria*, *armaria*, *bervaria*, *fuzilaria*, *gritaria*. Diz-se *correria*, e não *corraria*, por influência do verbo *correr*.

c) atos próprios de certos indivíduos, ou o resultado dêstes atos: *patifaria*, *velhacaria*, *pirataria*, *sovinaria*, *judiaria*, *zombaria*, *galantaria*, *tafularia*.

-EZ, -EZA, -ICIA, -ICE, -ICIE

1144. Filiam-se ao latim *-itia*, *-itie*, sendo de notar que a alteração em *-ez*, *-eza* denuncia serem estas as formas populares mais antigas do idioma. O primeiro dêstes sufixos *-ez*, parece ter sido no começo menos produtivo que o segundo. Vocábulos há de forma dupla: *altiveza* e *altivez*, *rudeza* e *rudez*, *dobreza* e *dobrez*, *pequeneza* e *penequez*, *ardidez* e *ardidez*, *intrepidez* e *intrepidez*, *escasseza* e *escassez*.

1145. Alguns termos em *-eza*, por efeito da concorrência de outras formações que significavam a mesma cousa, tornaram-se menos usados ou desapareceram de todo. *Igualiza* (V. Benf. 93, 100, 189, *Leal Cons.* 281), *favoreza* (Fernão Lopes, D. J. 1), *maleza* (V. Benf. 100), *cruelleza* (ib.), *liberaleza* (*Leal Cons.* 96, V. Benf. 188), *blandeza* (*Leal Cons.* 96),

foram substituídos por *igualdade, favor, maldade, crueldade, liberdade, brandura*.

1146. O sufixo *-ice*, se fizermos abstração do seu papel em *ledice, velhice, meiguice* e poucos exemplos mais, revela em geral forte afinidade eletiva por adjetivos que exprimem vícios ou defeitos pessoais, produzindo substantivos denotadores de atos que aberram do procedimento de pessoas sérias ou sensatas: *malandríce, sandíce, tolíce, parvoíce, gatuníce, bebedíce, patetíce, perríce, doudíce, rabugíce, fanfarríce*.

1147. Por analogia, adquirem sentido pejorativo também outros nomes em *-ice* formados de vocábulos que originariamente significam qualidades, condições ou ocupações sérias: *beatíce, bacharelice, moderníce, gramatiquíce*, etc.

1148. O sufixo *-ícia* ocorre em *carícia, delícia, malícia, milícia, notícia, perícia, polícia, imundícia* e alguns outros vocábulos tomados ao latim. Falta-lhe a facilidade de produzir novos substantivos no seio da língua portuguesa. Tomou a forma *-iça* em *justiça, cobiça, cortiça, preguiça*.

1149. A terminação *-ície*, modelada sobre o latim, é própria do português moderno: *calvície, canície, superfície* (outrora *superfícia*), *imundície*, etc.

-ANÇA, -ENÇA, -ÂNCIA, -ÊNCIA

1150. Pôsto que do latim *-antia, -entia* procedesse *-ança, -ença*, o número de palavras que com a terminação assim modificada passaram ao português popular ou nêle se crearam segundo este modelo, é todavia muito inferior ao dos vocábulos em *-ância, -ência* que ulteriormente se foram buscar ao latim clássico. Alguns, como *igualdança* (*Leal Cons.* 209), *perdoança* (*Leal Cons.* 55), *significança* (*Côrte Imp.* 116), caíram em desuso; *querença* conservou-se em *malquerença* e *benquerença*; *nascença* tem sido eclipsado por *nascimento*; a *ensinança* preferiu-se *ensino* e *ensinamento*; *peendença* (*S. Josafate* 37 e *passim*) foi substituído por *penitência*; *conhecença* pelo vocábulo *conhecimento* (perdurando o emprêgo de *conhecença* apenas como termo de marinha); *convença* (*Ordenações de D. Manuel* 4, tít. 52) por *convenção*; *criança*, de equivalente a "criação", "cria de qualquer animal" (*criança de peixe* em *História de Lamego, criança de vacca, de veado*, etc., em Gabriel Soares), passou a ter sentido especializado. Conservaram-se como outrora: *mudança, esperança, confiança, perseverança, governança, bonança, lembrança, matança, folgança, herança, temperança, fiança, semelhança, parecença, licença, presença, sentença, diferença, doença, tença* e outros.

-AME, -UME

1151. Acrescentam ao termo derivante a noção de coletivo em *velame, vasilhame, cordoame, vergame, pelame, chorume, cardume*. *Tapume* é porção de tábuas dispostas para tapar. *Negrume* é grande massa negra.

-AGEM, -ADEGO, -ADIGO, -ÁTICO

1152. Do latim *-aticu-* se originaram estas diversas terminações. *-ádigo* e *-ádego* ocorrem em português antigo *padroadigo* (*Auto de partilhas* apud Nunes, *Crest. Arc.* 11), *compadradigo* (Fernão Lopes, *D. J.* 359), *achadego* (*Ordenações de D. Manuel* 5, tít. 41) e outros. *-ático* só aparece em termos da linguagem culta. *-agem* produziu o adjetivo *selvagem* (também usado como substantivo) e uma série de substantivos que, em português moderno, são todos do gênero feminino, exceptuando *personagem*, termo que se usa ora no masculino, ora no feminino. Tem o sufixo *-agem* sentido muito variável. Em *plumagem, ramagem, pastagem, roupagem, ferragem, folhagem*, acrescenta aos termos derivantes a noção coletiva; *portagem, barcagem, carceragem, fumagem* significam ou significavam certos impostos; *abordagem, hospedagem, malandragem, ladroagem, vadiagem, aprendizagem* denotam atos ou estados.

-UGEM

1153. Poucos os derivados com esta terminação: *ferrugem, salsugem, penugem, rabugem, lanugem, babugem, amarugem, lambugem*.

-DÃO, português antigo -DOM, -DOË; -TUDE

1154. Procede a terminação *-dão* do latim *-tudine-*: *multitudine* > *multidoõe* > *multidom* > *multidão*. Produz nomes abstratos tirados de adjetivos. Alguns dos vocábulos vieram diretamente do latim. Outros são formações análogas que surgiram depois de constituído o idioma português. O grupo das palavras hoje mais em voga consta de: *amplidão, certidão, fortidão, laxidão, escravidão, lentidão, mansidão, multidão, negridão, podridão, pretidão, solidão, vastidão, vermelhidão, amarelidão, escuridão, gratidão e ingratidão, exatidão e inexatidão, frouxidão, prontidão*.

1155. O termo *simildom* do português antigo foi substituído por *semelhança*. A linguagem culta tem buscado ao latim outras palavras em *-tudine-*, limitando-se porém a alterar esta terminação em *-tude*: *amplitude, magnitude, latitude, longitude, acritude, mansuetude*.

1156. Do italiano tomámos, através do francês, *atitude*, que se filia ao latim *aptitudine-*.

-DADE

1157. Forma portuguesa do latim *-tate-*, própria de grande número de substantivos abstratos tirados de adjetivos.

1158. Se o termo derivante termina em *-ável, -ível* ou *-ível*, restituiu-se-lhe a forma latina primeiro que se forme o derivado: *probabilidade* (de *provável*), *falibilidade, possibilidade, amabilidade, afabilidade, solubilidade*, etc. Se em latim *-tate* era precedido da sílaba *-ni-*, nasalisa-se em português a vogal anterior a esta, e suprime-se *i*: *virgindade* (de *virginitate-*), *divindade* (de *divinitate-*), *orfanidade* (de *orphanitate-*), *trindade, bondade*. Exceptuam-se: *unidade, imunidade, impunidade*.

1159. Houve igualmente supressão de *i* em *beldade, maldade, crueldade, fieldade, igualdade, humildade*.

1160. Nas palavras posteriormente tomadas ao latim e cuja parte temática acabava em *li-*, conservou-se a vogal: *fidelidade, debilidade, realidade, fragilidade, legalidade, frugalidade, gentilidade, criminalidade, irrealidade, docilidade, parcialidade, pontualidade*, etc.

1161. Em [*h*]umidade, do latim *humiditate-*, houve supressão da sílaba *di-* por influência da consoante dental seguinte.

-AL, -AR

1162. Com as terminações *-alis, -aris* tirou o latim de substantivos numerosos adjetivos. Procedem ambas de um antigo elemento formativo *-li*, trocando-se *-alis* em *-aris* por dissimilação, quando havia um *l* prévio situado no fim do radical, ou, menos freqüentemente, no meio dêle ou no princípio. Passando tais adjetivos ao português, fêz-se distinção análoga no emprêgo de *-al* e *-ar*: *final, fatal, igual, total, dorsal, geral, rural, usual, substancial, causal, anual, principal, espiritual, legal, frugal, penal, natural; particular, consular, circular, solar, regular, popular, singular, escolar, exemplar, familiar* (porém *filial*), *vulgar, palmar, militar, lunar, luminar, limiar, preliminar, linear* (a par de *lineal*).

1163. *Plural* aparece alterado em *plurar* em Vieira, *Serm.* 2, 283 e 9, 115, provávelmente por analogia de *singular*. A linguagem antiga oferece-nos em *Côrte Imperial plular, plularidade*, formas repetidas inúmeras vêzes na página 43.

1164. A maior parte dêstes vocábulos usaram-se sempre como os adjetivos em geral; alguns, a par da função de adjetivos, desenvolveram o sentido e a função de nomes comuns, sendo aplicados para denominar certas pessoas e cousas (*capital, pessoal, oficial*, etc.); outros finalmente, tomando o lugar dos substantivos cujo sentido especificavam, transformaram-se em verdadeiros nomes comuns. Perdida a noção da função primitiva, tornou-se possível crear, por analogia dos vocábulos dêste último tipo, outros substantivos diretamente sem passar pela fase intermediária de qualificativos. Sobremaneira notáveis são as palavras em *-al* que se derivam de nomes de vegetais e com que se designa o conjunto de plantas da mesma espécie que cobrem certa extensão de terreno: *bananal, feijoal, cafézal, pinhal, faial, carvalhal, funchal, rosal, laranjal, morangal, cerejal, arrozal, olival, batatal, faval, mamoad, pepinal*, etc.

1165. Nos adjetivos *divinal, celestial, eternal, perenal, humanal, angelical, mundanal, apostolical, perpetual*, há excesso de elementos formativos. Significam o mesmo que *divino, celeste, eterno, perene, humano, angélico, mundano, apostólico, perpétuo*, a par dos quais ocorrem em linguagem religiosa. Formaram-se por analogia de outros termos de derivação regular pertencentes ao mesmo círculo de idéias. Os ministros da Igreja, creando *divinalis, aeternalis*, inspiraram-se nos muitos

vocábulos em *-alis* com que se designavam cousas próprias do rito pagão. Esta reminiscência e a circunstância de ter o pleonasma por efeito reforçar a idéia, fizeram com que as novas criações soassem mais eficazes que os simples qualificativos *divinus, aeternus*. Outros adjetivos crearam-se depois segundo o modelo *divinalis, aeternalis*. Em *Virtuosa Benfeitoria, Côrte Imperial* e outras obras de português antigo usam-se com freqüência as formas ampliadas em *-al*. O povo devoto, ouvindo-as dos sacerdotes, não teria dificuldade em as repetir. Gil Vicente entretanto as costuma pôr em bôca de personagens que falam linguagem culta: *eternal* (3, 328; 1, 182; 1, 206; 1, 210) a par de *eterno* (1, 172); *mundanal* (3, 348); *divinal* (3, 354; 1, 186; 1, 207; 1, 210); *humanal* (3, 354) a par de *humana* (1, 187); *angelical* (3, 354); *celestial* (1, 202).

-DOR, -TOR, -SOR, -OR, -DURA, -TURA, SURA, -URA

1166. As consoantes *d, t* e *s* com que alguns dêstes elementos formativos começam, e que nêles parecem incorporadas, são em rigor sufixos próprios de temas participiais. O histórico dêstes elementos formativos remonta ao latim. Em português, observaremos que, juntando *-or* ou *-ura* a temas do participio do pretérito, obtêm-se respectivamente nomes de agente e nomes de ação, sendo necessária, em verbos regulares da 2.^a conjugação, a mudança prévia de *-id-* em *-ed-*: *escritor, escritura; armador, armadura; atador, atadura; benzedor, benzedura; mordedor, mordedura; roedor, roedura; urdidor, urdidura; polidor, polidura; torcedor, torcedura; brunidor, brunidura*, etc.

1167. Em geral há maior facilidade para a formação dos nomes de agente que para a dos nomes de ação, constituindo-se êstes muitas vêzes com outros elementos formativos. Certos substantivos em *-ura* sofreram mudança de sentido, sendo aplicados para designar objetos materiais: *fechadura, ferradura*.

1168. Em alguns nomes em *-or* deu-se transferência de sentido do nome da pessoa agente para o nome do objeto com que se pratica a ação: *regador, aquecedor, abotoador, ascensor, raspador*.

1169. Muitos termos de origem verbal, quer em *-or*, quer em *-ura*, introduziram-se no idioma por via erudita; outros foram recebidos diretamente do latim, desaparecendo porém os respectivos verbos, ou tomando êstes forma diferente: *ensor, censura, fratura, clausura, pintor, pintura* (de *pictor, pictura*, verbo *pingo*), *genitura, cultura*, etc.

1170. A sobrevivência, na linguagem popular, de nomes em *-ura*, perdida a relação associativa que tinham com certos verbos latinos, emprestou ao elemento formativo nôvo aspecto, habilitando-o para juntar-se também a adjetivos. Assim é que já nos primeiros tempos da língua portuguesa havia substantivos em *-ura* derivados de adjetivos, aos quais pouco a pouco se foram juntando outros muitos: *longura, largura, brançura, verdura, grandura, negrura, grossura, formosura*, etc.

1171. Alguns dos nomes em *-ura* existentes em português antigo cederam o lugar a outras formações. Tais são: *tristura* (*Livro de Esopo* 54;

Virt. Benf. 93; Gil Vicente 3, 24) a par de *tristeza* (*S. Josafate* 12, 19, 20; D. Duarte, *Leal Cons.* 55, 77); *folgura* (*Virt. Benf.* 93; Gil Vicente 3, 41) a par de *folgança* (*Virt. Benf.* 125); *frihura* da mão (D. Duarte, *Ens.* 87), *friura* da neve (*S. Josafate* 43); *dulçura* (D. Duarte, *Leal Cons.* 85; *S. Josafate* 24); *calçadura* (*Côrte Imp.* 6), *falsura* (*ib.* 51).

-DOURO

1172. A dental tem aqui a mesma origem que em *-dor*, *-tor*, acima estudados. O elemento formativo *-douro*, que em português antigo se dizia *-doiro*, procede do latim *-toriu-*; em alguns casos filia-se ao part. do futuro em *-turu-* (*vindouro* de *venturu-*; *morredouro* de *morituru-*, etc.). Os substantivos formados com a terminação *-douro* denotam, na maior parte, lugar onde uma ação se pratica ou pode praticar: *miradouro*, *ancoradouro*, *escoadouro*, *batedouro*, *cevadouro*, *sangradouro*, *mata-douro*, *desaguadouro*, *sorvedouro*, *surgidouro*, *bebedouro*.

1173. Alguns exprimem meio ou instrumento: *dobadoura*, *suadouro*, *cingidouro*.

1174. Há também bastantes vocábulos que penetraram na linguagem por via erudita, mantendo êstes a terminação *-tório*: *purgatório*, *oratório*, *auditório*, *refeitório*, *vomitório*, *dormitório*, *laboratório*, *consistório*, *infusório*, *genuflexório*, *vesicatório*, *lavatório*, *escritório*, *diretório*, etc.

1175. É sobretudo considerável o número de adjetivos de fonte culta com que se tem enriquecido o idioma: *preparatório*, *expiatório*, *declamatório*, *derrogatório*, *gratulatório*, *exprobratório*, *peremptório*, *informatório*, *divinatório*, *derivatório*, *revogatório*, *deprecatório*, *emigratório*, *transitório*, *inibitório*, *satisfatório*, *propiciatório*, etc.

1176. Pertencem a êste grupo os adjetivos derivados de temas participiais em *-s*: *suasório*, *compulsório*, *divisório*, *ilusório*, etc.

-ADO, -ADA, -IDO, -IDA, -ATO, -ATA

1177. Possuem as diversas línguas românicas, umas mais, outras menos, substantivos abstratos e concretos cuja criação se deve à simples adaptação semântica do participio do pretérito de certos verbos. Em português, são dêste gênero *defesa*, *prêsa*, etc., e de entre os nomes produzidos por verbos regulares: *finado*, *legado*, *achado*, *cercado*, *entrada*, *tornada*, *chegada*, *tomada*, *picada*, *bordado*, *passado*, *caçada*, *saida*, *subida*, *partida*, *partido*, *vestido*, *sentido*, *comida*, *bebida*, *arremetida*, *investida* e muitos outros.

1178. Tem-se perdido, em parte ou de todo, — principalmente no caso dos nomes concretos — a noção da identidade morfológica de tais nomes com os participios, prevalecendo por fim o sentimento de serem derivados imediatos de verbos no infinitivo. Quer isto dizer que *-ado*, *-ada*, *-ido*, *-ida*, em vocábulos com função de substantivo, passaram a

ser considerados como elementos formativos, como sufixos. Isto se efetuou sobretudo com a forma feminina *-ada*, que até veio a aplicar-se como elemento formativo extraordinariamente fecundo, para derivar substantivos.

1179. Varia muito o sentido dos derivados desta espécie, mas podem-se agrupar em tipos semânticos mais ou menos compreensivos. Distinguem-se como principais e bastante característicos os seguintes:

1180. 1) O sufixo *-ada* acrescenta a um substantivo a noção de golpe ou ferimento. O termo derivante será então:

a) nome de arma ou de instrumento capaz de ferir ou outro objeto empregado para êste fim ou simplesmente para dar golpe: *punhalada*, *facada*, *canivetada*, *bombardada*, *paulada*, *zargunchada*, *navalhada*, *chibatada*, *cajadada*, *bengalada*, *machadada*, *fouçada*, *frechada*, *pedrada*, *enxadada*, etc.;

b) nome de parte do corpo que serve ou pode servir de arma agressiva: *chifrada*, *dentada*, *trombada*, *unhada*, *ferroada*, *bicada*, *punhada*, *patada*;

c) nome de parte do corpo com a qual se bate contra alguma cousa: *umbigada*, *cabeçada*, *palmada*;

d) nome de objeto próprio para escrever, riscar ou pintar, denotando o derivado um golpe, traço ou movimento: *pinclada*, *penada*.

1181. 2) Pode o mesmo sufixo significar medida ou quantidade que comporta o objeto representado pelo termo derivante: *batelada*, *barcada*, *garfada*, *fornada*, *tigelada*, *carrada*, *carroçada*, *colherada*, *cestada*, *braçada*.

1182. 3) Outras vêzes tem sentido coletivo: *meninada*, *boiada*, *rapaziada*, *carneirada*, *garotada*, *canzoada*, *estacada*, *ramada*, *galhada*, *enxurrada*, *paapelada*.

1183. 4) Unido a alguns nomes de frutas e outros alimentos, denota bebidas, conservas e preparados culinários: *cajuada*, *laranjada*, *limonada*, *cocada*, *marmelada*, *goiabada*, *feijoada*, *bacalhauada*, etc.

1184. Todos os nomes da categoria 1) exprimem sempre um ato praticado com rapidez e parece que por esta mesma relação associativa se criaram por outra parte vocábulos como os seguintes: a) *lufada*, *norlada*; b) *risada*, *gargalhada*; c) *fanfarronada*, *quixotada*, *espanholada*; d) *cartada*, *jogada*.

1185. A noção comum de duração de tempo deu origem à formação do grupo *jornada*, *noitada*, *temporada*.

1186. Entre os derivados masculinos típicos em *-ado* devemos assinalar os que se aplicam a títulos honoríficos, a territórios governados por certos titulares, a alguns cargos elevados, a certas instituições, posições e condições sociais e políticas: *viscondado*, *arcebispado*, *principado*, *ducado*, *patriarcado*, *bispado*, *pontificado*, *protetorado*, *condado*, *arqui-*

ducado, almirantado, eleitorado, apostolado, chantrado, noviciado, bacharelado, reitorado, consulado, etc.

1187. Em alguns casos, em vez de *-ado* usa-se *-ato*, como forma mais próxima do latim: *clericato, tribunato, sindicato, generalato, triunvirato, baronato, cardinalato, etc.*

1188. A forma erudita *-ato* é também empregada na nomenclatura científica: *nitrito, carbonato, silicato, sulfato, etc.*

1189. Os derivados em *-ata* tomaram-se, uns do latim, outros do italiano ou outra língua românica: *concordata, sonata, serenata, vulgata, etc.*

-ÇÃO, -SÃO

1190. Procedem respectivamente do latim *-tion-*, *-sion-*, em que as consoantes *t* e *s* pertencem a temas formativos do particípio do pretérito. Servem para derivar nomes abstratos dos verbos. Muitos destes vocábulos datam da mais antiga fase do português; outros se criaram depois e ainda se vão criando segundo o modelo da formação latina. O verbo derivante pode ser de linguagem popular ou de fonte erudita; em qualquer caso o sufixo toma sempre forma portuguesa: *povoação, audição, persuasão, fusão, perseguição, coroação, consecução, nomeação, posição, declaração, obrigação, invocação, solução, comparação, etc.*

-MENTO

1191. Ajunta-se este sufixo a temas verbais para constituir substantivos que denotam ação. Se entre os nomes assim formados alguns há com sentido concreto, é que o vocábulo com que a princípio se designava o ato foi posteriormente aplicado para denominar o meio ou o produto. Certos termos, como *documento, monumento*, vieram com sentido especializado do latim para o português, desamparados dos verbos que lhes deram origem e que se extinguíram com a língua-mãe. *Instrumento*, aplicado a objetos concretos, usa-se em português como nas demais línguas românicas, como se não tivesse nenhuma conexão com *instruere, instruir*, de que se derivou *instrução* como nome abstrato. Só em linguagem jurídica é que o termo *instrumento* nos recorda ainda a significação primitiva (*público instrumento, etc.*).

1192. Notável facilidade tinha o português antigo para criar substantivos abstratos terminados em *-mento*. A prodigalidade de seu emprego é, até, um dos traços característicos da linguagem escrita daquela época; mas quando começa a prevalecer o gosto quinhentista, desde logo se nota o desuso de muitos dos ditos vocábulos, dando-se preferência, sempre que era possível, a palavras com outras terminações.

1193. Em português antigo encontram-se a miúdo: *lembramento* (D. Duarte, *Leal Cons.* 41, 82, 170) a par de *lembrança* (ib. 82); *repousamento* (ib. 52); *mostramento* (ib. 61, 95) a par de *mostrança* (ib. 314); *curamento* (ib. 62, 68); *tiramento* (ib. 63); *mudamento* (ib. 64, 107) a par

de *mudança* (ib. 72); *gastamento* (ib. 65), *avysamento* (ib. 68); *fallamento* (ib. 89, 310; *Côrte Imp.* 18); *desprezamento* (D. Duarte, *Leal Cons.* 86, 223) a par de *despreço* (ib. 315); *soltamento* (ib. 89); *defendimento* (ib. 233; S. Josafate 17); *aballamento* (ib. 305); *contrariamento* (D. Duarte, *Ens.* 80); *satisfazimento* (*Virt. Benf.* 228); *remimento* (*Côrte Imp.* 214, 215); *reduzimento* (ib. 153); *duramento* (ib. 18) a par de *duração* (ib.); *produzimento* (ib. 74); etc.

1194. A eliminação destes vocábulos não impediu contudo que se continuassem a empregar muitos outros e que a eles se juntassem ainda várias criações novas. A linguagem hodierna tem sentido a necessidade de recorrer freqüentemente a este processo de formação, sobretudo quando tem a escolha entre as terminações *-ção* e *-mento*.

-EIRO, -ÁRIO (-AIRO)

1195. Os nomes que em latim clássico tinham o elemento formativo *-ariu-* passaram para o português, ao tempo em que este idioma se constituiu, geralmente com essa terminação alterada em *-eiro*: *primeiro* (*primariu-*), *celeiro* (*cellariu-*), *dinheiro* (*denariu-*), *ribeiro* (*ripariu-*), etc.

1196. A evolução foi naturalmente *-ariu-> -airo> -eiro*; porém não possuímos documentação de **primeiro, *dinheiro, etc.*

1197. Ocorrem todavia em português antigo alguns termos, uns por se terem introduzido posteriormente, outros por constituírem excepção à regra geral, nos quais *-ariu-* aparece com a forma *-airo*: *sudairo, contrairo, fadairo, vigairo, boticaire, etc.*

1198. Sob a influência erudita, foi-se desfazendo a metátese, voltando tais vocábulos à forma primitiva, e enriqueceu-se o idioma com outros termos em *-ário*, tomados à língua-mãe. Este processo de haurir diretamente na fonte latina ou de criar vocábulos novos segundo a norma latina tomou incremento em português moderno e ainda em nossos dias se recorre a ele com freqüência. Deste tipo são: *argentário, monetário, mostruário, aviário, funcionário, horário, fracionário, etc.*

1199. A lista dos nomes de origem erudita é extensa, como também o é a série das palavras que se formaram com a terminação *-eiro*; notam-se entretanto poucos casos de formas paralelas como *operário* e *obreiro, ovário* e *oveiro, solitário* e *solteiro*.

1200. Extraordinariamente produtivo é o sufixo *-eiro, -eira*, na formação de nomes com que se caracterizam homens e mulheres pelos seus ofícios, negócios e outras ocupações: *pedreiro, barbeiro, peixeiro, artilheiro, lavadeira, fiandeira, parteira, cesteiro, banqueiro, bombeiro, carteiro, sineiro, toureiro, carroceiro, leiteiro, sapateiro, cozinheiro, relojoeiro, aventureiro, corrieiro, gaioleiro, pregoeiro, marinheiro, taverneiro, catraeiro, vendeiro, luveiro, mineiro, copeiro, chaveiro, etc.*

1201. Em alguns casos especializou-se ou modificou-se o sentido que a princípio teria o vocábulo. *Pedreiro* não é qualquer homem que se ocupa com pedras, e somente aquêle que levanta muros e paredes. *Caixeiro* já não se aplica ao indivíduo a cujo cargo está a caixa, mas equivale a empregado vendedor. Nem sempre se tira o nome de pessoa diretamente do nome do objeto ou objetos materiais em que se ocupa. Pode filiar-se também a nomes de ofício em *-aria*, como *marceneiro*, *serralheiro* que se prendem aos vocábulos *marcenaria*, *serralharia*. Pode também ser um termo introduzido do estrangeiro, como *joalheiro*.

1202. Muitos dos vocábulos em *-eiro* são nomes adjetivos: *foreiro*, *verdadeiro*, [veado] *galheiro*, *campeiro*, [cão] *perdigueiro*, *fragueiro*, *dianheiro*, *fronteiro*, *passageiro*, *poedeira*, *grosseiro*, *certeiro*, *rasteiro*, [vento] *ponteiro*, *costeiro*, *ordeiro*, etc.

1203. São igualmente adjetivos grande número das formações em *-ário*: *originário*, *ordinário*, *diário*, *plenário*, *precário*, *funerário*, *tributário*, *subsidiário*, etc.

1204. De muitos nomes de frutos, flôres e outros produtos vegetais se derivam por meio dos sufixos *-eiro*, *-eira* substantivos que designam a respectiva planta ou árvore. A forma masculina ou feminina depende geralmente do gênero do nome primitivo. Exemplos: *mangueira*, *jacqueira*, *limoeiro*, *laranjeira*, *pereira*, *cidreira*, *nogueira*, *cerejeira*, *amendoeira*, *goiabeira*, *roseira*, *craveiro*, *jasmineiro*, *goiveiro*, *amoreira*, *palmeira*, *paineira*, *caneleira*, *loureiro*, *oliveira*, *macieira*, *aveleira*, *coqueiro*, *cafeeiro*, *sovereiro*, *jambeiro*, *sabugueiro*, *abieiro*, *abacateiro*, *jenipapeiro*, *morangueiro*, *pessegueiro*, *parreira*, *videira*, *marmeleiro*, *joazeiro*, *cajueiro*, *espinheiro* ou *espinheira*.

1205. De *castanha* deriva-se *castanheiro* e *castanheira*; de *cânfora*, *canforeiro*; de *figo*, *figueira*. Se da denominação de flor, fruto, etc. não se costuma formar derivado, designa-se o vegetal por meio de locuções adequadas: *pé de dália*, *planta de chá*, etc.

1206. De vários nomes de cousas derivam-se outros nomes em *-eiro* ou *-eira* para denotar aquilo em que tais cousas se guardam: *charuteira*, *cigarreira*, *cartucheira*, *alfineteira*, *paliteiro*, *açucareiro*, *agulheiro*, *cinzeiro*, *tinteiro*, *saleiro*, *papeleira*, *compoteira*, *geladeira*, *manteigueira*, *leiteira*, *cafeteira*, *chocolateira*, *saladeira*, *sopeira* etc.

1207. *Carteira* sofreu alteração semântica; pode significar certo móvel, e também o objeto que se traz no bolso e em que se guarda dinheiro. *Chaleira*, que a princípio significava "vasilha própria para chá", cedeu êste sentido ao termo concorrente *bule*, reservando para si a acepção de "vasilha em que se ferve água".

1208. Designativos de lugares onde se guardam animais são *galinheiro*, *potreiro* e *coelheira*.

1209. O derivado pode também designar um objeto que tem qualquer serventia referente à cousa denotada pelo vocábulo primitivo:

assadeira (objeto em que se assa), *frigideira*, *pulseira* (jóia que serve para o pulso), *banheiro* e *banheira*, *gorjeira*, *perneira* (peça que resguarda a perna), *mosquiteiro* (cortinado que resguarda dos mosquitos), *calçadeira*, *candeeiro*, etc.

1210. Algumas vêzes vem o sufixo acrescentar ao termo primitivo a noção de grande massa ou acúmulo intenso: *nevoeiro*, *poeira*, *papeira*, *lameiro*, *chuveiro*.

1211. *Pedreira* é nome que se aplica à pedra de vulto de onde se fragmentam e extraem pedras menores. Por analogia de *pedreira*, formaram-se *caieira*, *carvoeira*, *ostreira*, *nitreira* e outros. Neste tipo de derivados podemos incluir *formigueiro* e *vespeiro*, que significam ajuntamento dos respectivos insetos e também a habitação por êles feita.

1212. De *cabelo* se forma o coletivo *cabeleira*. *Berreiro* significa "muitos berros" que se soltam consecutivamente, sem intermitência.

1213. *Barreiro* no sertão é nome dado a terrenos salitrados, muito procurados pelos animais.

1214. O sufixo *-eira* serviu também à formação de alguns nomes abstratos ou não, que exprimem, na maior parte, defeitos físicos ou morais, ou situações e atos desagradáveis, maus ou ridículos: *cegueira*, *gagueira*, *gafeira*, *manqueira*, *catarreira*, *ladroeira*, *maroteira*, *pasmaqueira*, *bandalheira*, *borracheira*, *asneira*, *bebedeira*, *lazeira* (de *laz[ar]eira*), *choradeira*, *frioleira*, *canseira*.

-EDO

1215. Tem sentido coletivo em: *olivedo*, *arvoredo*, *olmedo*, *vinhedo*. Significa objeto isolado de grande vulto em *rochedo*, *penedo* (de *pena* por *penha*). Ocorre também em *lajedo* (pavimento de lajes), *brinquedo*, *folguedo* e alguns outros vocábulos.

-ISMO

1216. Os termos *catecismo* (*catechismo*), *cristianismo*, *paganismo*, *aforismo*, *exorcismo* e vários outros devem-se ao latim da Idade Média, sendo uns tomados diretamente ao grego, outros formados analogicamente. Algumas destas palavras puderam, graças à Igreja Cristã, vulgarizar-se facilmente; mas nem por isso perderam o seu caráter erudito, e a linguagem popular, usando-as embora com freqüência, não manifestou a menor disposição para torná-las tipo produtor de novos derivados em *-ismo*. A tarefa de mudar a situação coube à língua culta, influenciada pelo movimento intelectual que se operou em França nos séculos XVIII e XIX. Não só adotou grande número de vocábulos criados no estrangeiro e que se internacionalizaram, mas ainda tornou o sufixo *-ismo* apto a produzir palavras tiradas de derivantes nacionais.

1217. Serve êste elemento formativo sobretudo para dar nome a doutrinas religiosas, filosóficas, políticas, artísticas: *maometismo*, *calvinismo*, *protestantismo*, *luteranismo*, *teísmo*, *ateísmo*, *politeísmo*, *budismo*,

bramanismo, epicurismo, darwinismo, positivismo, materialismo, espiritualismo, monoteísmo, espiritismo, fetichismo, socialismo, cosmopolitismo, republicanismo, capitalismo, federalismo, radicalismo, niilismo, terrorismo, jacobinismo, gongorismo, marinismo, byronismo, wagnerismo, simbolismo, naturalismo, impressionismo, etc.

1218. Designa a maneira de falar própria de certas pessoas em *vulgarismo, plebeísmo*; a imitação de língua estrangeira em *latinismo, grecismo* ou *helenismo, galicismo, anglicismo, arabismo, americanismo, mexicanismo, etc.*; particularidades de certas expressões que as diferenciam do falar usual em *arcaísmo, neologismo, solecismo, barbarismo.*

1219. Denota a maneira de proceder ou de pensar de acordo com o procedimento ou a doutrina própria de certo gênero de indivíduos em *heroísmo, pedantismo, fariseísmo, patriotismo, janotismo, servilismo, etc.*

1220. Em linguagem científica caracteriza certos fenômenos: *magnetismo, galvanismo, timpanismo, meteorismo, ptialismo, reumatismo, traumatismo, sincronismo, estrabismo, etc.*

-ISTA

1221. É outro sufixo de origem grega. A sua primeira aplicação foi aos partidários das doutrinas e sistemas acima referidos. Este mesmo uso perdura ainda hoje para a maioria dos nomes em *-ismo* de formação moderna: *calvinista* (porém *maometano, luterano, protestante*), *ateísta* (a par de *ateu*), *budista, darwinista, positivista, materialista, socialista, terrorista, comunista* (porém *jacobino*), *simbolista, impressionista, etc.*

1222. A par desta série de nomes existem outros, na maior parte modernamente creados ou importados do estrangeiro, com que se designam indivíduos cuja ocupação se relaciona com o objeto a que se refere o termo derivante: *florista, flautista, jornalista, copista, dentista, fadista, cronista, maquinista, organista, latinista, helenista, trocista, rabequista, paisagista, acionista, seminarista, novelista, romancista, folhetinista, naturalista, estadista, dormidista, etc.*

-OSO

1223. Sufixo de imensa fecundidade, formador de adjetivos que se tiram de substantivos e algumas vezes também de verbos. Denota o estar provido da qualidade ou objeto expresso pelo termo derivante, ou abundância de alguma coisa em: *caprichoso, orgulhoso, venenoso, dificultoso, penhascoso, furioso, gorduroso, arenoso, invejoso, mentiroso, ambicioso, anguloso, ansioso, pedregoso, argiloso, amoroso, gangrenoso, ulceroso, espinhoso, desejoso, cuidadoso, rigoroso, noticioso, sulfuroso, salitroso, raivoso, teimoso, vaidoso, leitoso, zeloso, bondoso, maldoso, terroso, tihoso, jeitoso, garboso, fogofo, poroso, talentoso, populoso, montanhoso, etc.*

1224. As vezes o adjetivo pode ter sentido ativo, significando "produzir ou provocar alguma coisa": *doloroso, saboroso, apetitoso, dispêndioso, ruinoso, oneroso, assombroso, delicioso, etc.*

1225. Alguns adjetivos podem-se usar em duplo sentido: *temeroso*, "que é cheio de temor" ou "que provoca temor", *lamentoso, lastimoso, vergonhoso, angustioso, etc.*

1226. Em certos casos o sufixo toma a forma *-uoso*: *voluptuoso, montuoso, impetuoso*. Estes vocábulos já vieram assim formados do latim. Nôvo é *luxuoso* (francês *luxueux*).

-UDO

1227. Significa "provido de" nos adjetivos *sisudo, pontudo, bicudo*. Em outros adjetivos denota grande massa ou também qualidade, tamanho ou feito desmesurados: *peludo, cabeludo, barrigudo, narigudo, espadaúdo, orelhudo, repolhudo, façanhudo, lanudo, guedelhudo, bochechudo, carnudo, polpudo.*

1228. Por metáfora diz-se *cabeçudo* para significar "teimoso em demasia".

-AVEL, -IVEL, -ÚVEL

1229. Esta última forma *-úvel* ocorre um *solúvel* e *volúvel*. Com *-ável* tiram-se adjetivos de verbos da 1.^a conjugação; *-ível* emprega-se para formar adjetivos de verbos da 2.^a e da 3.^a conjugação. Expressam a possibilidade da ação, ora em sentido ativo, como *durável, perectível*, ora, e mais freqüentemente, em sentido passivo: *vulnerável, desejável, substituível, vencível, remediável, suportável, violável, aceitável, censurável, louvável, tolerável, apreciável, admissível, reduzível, removível, punível, corrigível, defintível, discutível, etc.*

-ISCO, -ESCO

1230. Parecem filiar-se estes sufixos ao germânico *-isk*. Alguns linguistas lhes dão por origem o grego *-iskos*. Em português existem com a primeira destas formas os adjetivos *mourisco, levantisco* e o nome *chuveisco*. Termos em *-esco* vieram a princípio ao nosso idioma através do italiano, mais tarde concorreu o francês: *tudesco, turquesco, barbaresco, carnavalesco, burlesco, grotesco, fradesco, dantesco, pedantesco, truanesco, principesco, brutesco, cavaleiresco*. Do mesmo tipo é o substantivo *soldadesca*.

-ÊS, -ENSE

1231. Desempenham papel notável na formação dos nomes pátrios; *-ês*, redução de *-ense*, é a forma popular que se fixou em muitos vocábulos: *português (portugalês), francês, inglês, genovês, etc.*

1232. *-ense*, forma primitiva, restabelece-se nas modernas criações: *fluminense, bracarense, cearense, paraense, maranhense, eborense, conimbricense, vienense, etc.*

1233. Os adjetivos de uso geral tirados de nomes apelativos, como *mundano*, *humano*, foram quase todos recebidos do latim. A linguagem culta criou *diluviano*, *siluriano*, etc. Sobre os modelos *ciceroniano*, *horaciano*, etc., cunharam-se *camoniano*, *shakespeariano*, *wagneriano*, e outros. Mas onde se revela sobretudo a fertilidade do sufixo é na criação ou de nomes de seitas como *luterano*, *anglicano*, *galicano*, *ultramontano*, *maometano*, ou de nomes pátrios, como *americano*, *baiano*, *paraibano*, *cubano*, *peruano*, *prussiano*, *alentejano*, *açoriano*, *asturiano*, *italiano*, *napolitano*, *sevilhano*, *indiano*, etc.

-IÇO, -ICIO

1234. Do participípio do pretérito de certos verbos se derivam, por meio do sufixo *-iço*, adjetivos que denotam propensão para um ato ou facilidade de se poder realizar o dito ato. Em vários destes adjetivos entende-se o verbo em sentido ativo, em outros atribui-se ao termo derivante sentido passivo, reflexivo ou causativo: *abafadiço*, *chegadiço*, *movediço*, *quebradiço*, *fugidiço*, *metediço*, *escorregadiço*, *espantadiço*, *assustadiço*, *alagadiço*, *esquecediço*, *pegadiço*, *achadiço*, *sumidiço*, *perdidido*, *malhadiço*, *levadiço*, *encontradiço*, *arrojadiço*.

1235. Alguns derivados da 2.^a conjugação terminam em *-ediço* por *-idiço*.

1236. A par destes derivados verbais em *-iço* existem outros em *-icio*, como *translatício*, *acomodaticio*, que a linguagem erudita tirou diretamente do latim.

1237. Com o sufixo *-iciu-* produziu o latim também alguns derivados de nomes adjetivos que, passando ao português, tomaram a forma *-iço*: *noviço* (*noviciu-*), *porcariço* (*porcariciu-*), *vindiço*, *adventiço* (*adventiciu-*) (*).

1238. Com a mesma terminação ocorrem em nosso idioma alguns adjetivos e substantivos cuja filiação latina nem sempre é evidente, formados em parte por analogia: *roliço*, *inteiriço*, *magriço*, *passadiço*, *castiço*. *Sediço* filia-se ao verbo *sedere*, provindo de *sediticium* (cf. abruzz. *sedeticče*). *Mestiço* vem do latim *misticium*, empregado por S. Jerônimo; *postiço* procede de *posticius* por *aposticius* < *appositicius*; *feitiço* filia-se a *facticius*.

1239. Por via erudita introduziram-se em português com a terminação *-icio*: *natalício*, *pontifício*, *vitalício*, *esponsalício* e outros.

-LENTO, -ENTO

1240. Ocorre o primeiro destes sufixos em *opulento*, *corpulento*, *sonolento*, *turbulento* e outros adjetivos herdados do latim ou moderna-

(*) Em dicionários da língua latina faltam vários termos em *-icius*. A existência de *porcaricius*, *vaccaricius* e outros é documentada por Wölfflin em *Archiv für lateinische Lexikographie*, vol. V.

mente tomados a este idioma pela linguagem culta. Postos de parte tais vocábulos, verifica-se que estancou a produtividade do sufixo *-lento*. *Flatulento*, que veio provavelmente por intermédio do francês, e *famulento* são exceções. Fecundo se tornou, pelo contrário, *-ento* do latim *-entus* (ex. *cruentus*), formativo escassamente usado na língua-mãe. A sua significação varia; pode denotar "ter a qualidade de", "ser dotado de", "estar cheio de", "ter a semelhança de", "ser propenso a", etc., como se vê cotejando os seguintes exemplos: *vidrento*, *gosmento*, *barrento*, *bulhento*, *sarnento*, *peçonhento*, *rabugento*, *verrugento*, *pardacento*, *alvacento*, *cinzento*, *aguacento*, *lamacento*, *resinento*, *odiento*, *ciumento*, *crapulento*, *ferrugento*, *bolorento*, *bexiguento*, *nojento*, *musguento*, *natento*, *farinhento*, *sebento*, *pachorrento*, *areento*, *gafeirento*, *fedorento*, etc.

1241. Algumas vezes amplia-se *-ento* em *-orento*, *-arento*: *friorento*, *sumarento*. *Sedorento* por *sedento* lê-se em *Leal Conselheiro* 145: *dar de comer aos famintos e de beber aos sedorentos*.

b) Verbos

1242. Verbos que em português se formam por derivação imediata seguem o modelo da 1.^a conjugação: *murar*, *jardinar*, *casar*, *mesquinhar*, *almoçar*, *fantasiar*, *telefonar*, *telegrafar*, *modelar*, *ancorar*, *orientar*, *calafetar*, *armazenar*, etc.

1243. Seguem ainda a mesma conjugação a maior parte dos verbos de derivação mediata, isto é, aquêles que interpõem um elemento formativo entre o termo derivante ou vocábulo básico e o sufixo característico do verbo. Entre as formações desta espécie avultam os verbos em *-izar*, *-ear*, *-ejar*, e *-ficar*.

1244. A formação em *-IZAR* tem aplicação amplíssima na linguagem moderna, criando-se os verbos quer de substantivos quer de adjetivos: *organizar*, *feitorizar*, *civilizar*, *fertilizar*, *moralizar*, *simbolizar*, *amenizar*, *monopolizar*, *generalizar*, *solenizar*, *canalizar*, *brutalizar*, *centralizar*, *colonizar*, *vaporizar*, *eletrizar*, *harmonizar*, *satirizar*, *economizar*, *terrorizar*, *pulverizar*, *realizar*, *legalizar*, *imortalizar*, *utilizar*, *pluralizar*, *particularizar*, *vulgarizar*, *divinizar*, *simpatizar*, *antipatizar*, *militarizar*, *popularizar*, *fanatizar*, *arborizar*, *horrorizar*, *agonizar*, *fraternizar*, *rivalizar*, *neutralizar*, *socializar*, *democratizar*, *anarquizar*, *volatilizar*, *espiritualizar*, *formalizar*, *penalizar*, *finalizar*, *nacionalizar*, *personalizar*, *subtilizar*, *tranqüilizar*, *dogmatizar*, *escrupulizar*, etc.

1245. *-FICAR* (ou *-IFICAR*) é sufixo erudito, do latim *-ficare* (*-ificare*), tem as mais das vezes o sentido de "fazer", "tornar em estado de": *falsificar*, *danificar*, *retificar*, *clarificar*, *petrificar*, *identificar*, *purificar*, *bonificar*, *dignificar*, *dulcificar*, *nidificar*, *simplificar*, *unificar*, *fortificar*, *pacificar*, *mistificar*, *bestificar*, *estratificar*, etc.

1246. -EJAR forma principalmente verbos com significação freqüentativa: *apedrejar, forcejar, gargarejar, lacrimejar, gotejar, gaguejar, esbravejar, voejar*, etc.

1247. De alguns nomes de côres derivam-se, por meio dêste sufixo, verbos que exprimem "mostrar côr verde, negra, etc.", como: *verdejar, negrejar, branquejar, amarelejar*.

1248. -EAR dá verbos de sentido freqüentativo ou simplesmente durativo e também outros de significação menos precisa: *sapatear, floretear, assetear, golpear, saborear, pentear, custear, esporear, pleitear, fraquear, coxear, vozear, saquear, bloquear, mastrear, folhear, rarear, chapear, baratear, laurear, sanear, planejar, guerrear, altear, galantear, falsear, prantejar, nortear, granjejar, canhonear, sortear, clarear*, etc.

1249. Verbos em -AR derivados de adjetivos em -ante, -ente, -ento. — São dêste tipo os seguintes que nada oferecem de extraordinário: *abrilhantar, aqueantar, presentear, pacientar, violentar, aviventar, opulentar, peçonhentar, aparentar, ensangüentar*, etc.

1250. A analogia creou porém, a par destas formações regulares, os verbos *aformosentar, afugentar, amolentar, emagrentar* e alguns outros do mesmo gênero, como se houvesse os étimos *formosento, fugente, molento*, etc.

1251. Verbos de derivação mediata pertencentes à 2.^a conjugação tomam o sufixo -ecer <latim -escere, como *favorecer, fortalecer, escurecer, embranquecer, bolorecer, lourecer*, etc. É sufixo produtivo de numerosos verbos, sobretudo parassintéticos.

DERIVAÇÃO PREFIXAL

CON-, COM-, CO-

1252. Desnasaliza-se a vogal *õ* antes de outra vogal e antes de *l* e *r*: *coirmão, co-herdeiro, colaborar* (pronuncie *co-laborar*), *correligionário* (pronuncie *co-religionário*), *coincidir, coeficiente, coexistir*, etc.

1253. Antes de *m* e *n* pronunciar-se-ia outrora *cõ* e é possível que se conservasse a nasalidade ainda por muito tempo; hoje costuma-se pronunciar com vogal pura *co-mover, co-migo, co-nexo, co-meter, co-memorar, co-missão, co-mandante*, etc.

1254. A noção de companhia e as alterações de sentido por que passou a preposição *com* refletem-se necessariamente no mesmo vocábulo usado como prefixo. Entretanto, nem sempre é possível fazer a análise sem recorrer ao latim. Em muitos dos antigos compostos, como *comércio, considerar, conservar*, alterou-se o sentido primitivo de tal forma que hoje em nada parecem diferir de outras palavras simples.

IN-, IM-

1255. Qualquer que seja o seu valor semântico, pronuncia-se *ĩ* e está sujeito às seguintes alterações fonéticas. Simplifica-se na vogal pura *i* antes de *l* e *r*: *ilegível, ilegal, ilimitado, ilógico, ilegítimo, iletrado, irreligião, irracional, irresponsável, irremissível, irrefletido*, etc., que se dizem *i-legível, i-legal, i-legal, i-legal*, etc.

1256. Desdobra-se em vogal *i* e consoante *n* se se combina o prefixo com palavra iniciada por vogal (ou *h*): *inevitável, inexplicável, inofensivo, inocular, ineficaz, inábil, inibir, inelegante, inexistente, inesperado*.

1257. Desdobra-se em vogal e consoante e acrescenta *e* nestes dous vocábulos: *inenarrável, inelutável*.

1258. Se em lugar de *ĩ* se usa *ẽ* (grafia *en-, em-*), dá-se desdobramento antes de vogal ou *h*, como em *enaltecer*, mas a nasalidade se conserva antes de *r* e *l*: *enrijar, enrolar, enraivar, enlutar, enrugar, enroupar, enroscar, enlodar, enlamear, enraizar*, etc.

1259. Usa-se *ĩ* com dous valores semânticos de acôrdo com a sua origem dupla:

a) prefixo negativo: *incompleto, inútil*, etc.;

b) advérbio-preposição latina *in* com sentido diretivo: *inundar, implantar, inscrever, inspirar, insurgir, incorrer, imigrante*, etc.

1260. De muitos dos vocábulos desta segunda espécie não se pode fazer análise semântica sem remontar ao latim. A forma *ẽ* é a romanização, no Ocidente, de *in* advérbio-preposição: *ensinar, entender, emprestar, empreender, etc.*

DES-

1261. Contrariamente a alguns gramáticos, penso que este prefixo não procede da junção das preposições latinas *de* e *ex*. Semelhante operação não se fazia em latim culto e é improvável que o latim vulgar, onde justamente o emprêgo de *ex* como preposição tendia a desaparecer, sentisse a necessidade de agregá-la a outra partícula para constituir prefixo duplo. A meu ver, *des-*, como prefixo usado com sentido negativo ou de contradição, é a romanização de *dis-*, forma esta que se manteve inalterada em certo número de vocábulos recebidos da língua-mãe, mas cuja faculdade de criar novos termos dentro do domínio da língua portuguesa se transferiria à forma *des-*. A alteração fonética veio acompanhada de sensível diferenciação semântica, desenvolvendo-se fortemente o sentido negativo que se começava a observar em latim *dispar, dissimilis*, e outros vocábulos, apagando-se ao mesmo tempo o sentido de separação ou divisão próprio do prefixo latino.

1262. Fenômeno lingüístico de outra ordem é o emprêgo de *des-* com sentido positivo, ou pleonástico, resultante não da fusão de elementos latinos, mas da confusão de elementos já romanizados. É aliás extremamente diminuto o número de vocábulos destoutra espécie; foram criados depois de constituído o idioma, e usam-se, quase todos, como meras variantes de outras formações: *desinquieta* e *inquieta*; *desaliviar* e *aliviar*; *desfarelar* e *esfarelar*; *descalvado* e *escalvado*; *descampado* e *escampado* e alguns mais.

1263. Como sucessor do latim *dis-*, produz o prefixo *des-* substantivos que denotam:

a) coisa contrária ou falta daquilo que é denotado pelo termo primitivo: *desabrigo, desordem, desconfiança, desconforto, desprimor, desamparo, desacôrdo, desarmonia, desventura, desonra, desavença, desatenção, desrespeito, desequilíbrio, desproporção, descaso*;

b) cessação de algum estado: *desengano, desilusão, desagravo, desuso*;

c) coisa mal feita: *desserviço, desgoverno*.

1264. Forma adjetivos em que se nega a qualidade primitiva: *descortês, desumano, desconexo, desconforme, desleal, desnatural, desigual*.

1265. Nos verbos denota:

a) ato contrário ao ato expresso pelo verbo primitivo: *desenterrar, desfazer, desabotoar, desenrugar, desapertar, desentupir, desobedecer, desembrulhar, desatar, descoser, desembainhar, desembaraçar*;

b) cessação da situação primitiva: *desempatar, desoprimir, desmamar, desenganar, desimpedir*;

c) tirar ou separar alguma coisa de outra: *descascar, desmascarar, descaroçar, desbarbar, desbarrar, desfolhar, desbarretar*.

1266. Em *desfigurar* denota mudar de aspecto.

EX-

1267. Reaparece em português em vocábulos recebidos do latim ou que a esta língua se foram buscar ulteriormente. Romanizada, usamo-la sob a forma *es-* e com função diversificada da latina. Serve-nos sobretudo para a formação de parassintéticos verbais que denotam ações demoradas ou movimentos freqüentemente repetidos: *esfriar, esquentar, esperar, espreguiçar, esgravatar, escoucear, esbombardear, esburacar, esvoaçar, etc.*

RE-

1268. Une-se com verbos e tem o valor adverbial de "outra vez", "de novo": *reassumir, reatar, recomeçar, recompor, reaver, reconquistar, reconstruir, reeleger, refazer, refundir, reimprimir, reviver, renascer, reproduzir, restabelecer, reanimar, reaparecer, reflorir, reverter, retomar, etc.*

1269. O mesmo sentido tem o prefixo no parassintético *remoçar*, "ficar outra vez môço". A idéia que prevalece no espírito, ao crearem-se tais verbos, é a de volta, com vigor novo, ao ponto inicial de ações que com o tempo se enfraqueceram, alteraram ou desfizeram. Se imaginamos que a ação primitiva não tem perdido, antes aumenta a sua energia, então o prefixo *re-* indica o contra-movimento acompanhado de esforço com o fim de paralisar ou inutilizar aquela energia: *refluir, reagir, repugnar*.

1270. Às vêzes subsiste somente a idéia contraditória ou negativa, como em *reprovar*, em relação a *aprovar*. Outras vêzes torna-se dominante a noção de ato repetido: *recortar, retalhar*. Em *ressaudar* significa "retribuir a saudação".

1271. Na linguagem cômica de Portugal encontramos *re-* com valor reforçativo em combinação com outras palavras além dos verbos:

Isto é cama não de bem, mas de *re*bem (Antônio Prestes 310) — Quero e sou *re*contente (ib. 323) — Mui *re*senhor meu (ib. 185) — Eu adivinhei primeiro esta *re*doudice rasa (Chiado, Nat. Inv. 86) — Vós sois meu *re*senhor (ib. 33) — Sap: Digo-te que *re*-não quero. Diabo: Digo-te que si, *re*-si (Gil Vicente I, 224).

SOTO-, SOTA-

1272. Do latim *subtus*: *sota-vento, sotoopor*. Usava-se outrora em combinação com alguns substantivos para designar o indivíduo que, em caso de impedimento de outrem, lhe supria a função:

Sota-comitre, sota-capitão, sota-piloto (Sousa, S. Dom. 143), *soto-capitão* (Castanheda I, 68).

SUSO-

1273. Do latim *susum* < *sursum*. Ocorre em português antigo combinado com alguns participípios significando "acima": *susodito*, *susono-meado*.

SOBRE-, SUPER-, SUPRA-

1274. O português antigo utiliza-se geralmente da forma *sobre-* em inúmeros vocábulos que continuam a dizer-se do mesmo modo ainda hoje. As formas eruditas *supra-* e *super-* são de predileção da linguagem moderna em *supradito* por *sobredito*, *superposição* por *sobreposição*, *supranumerário* e nos termos criados novamente ou que se vão buscar ao latim: *superintendente*, *supersensível*, *superfetação*, etc.

ANTE-

1275. Tanto exprime tempo como lugar: *anteontem*, *antevéspera*, *antecâmara*, *ante-sala*.

ANTI-

1276. Prefixo grego, usado para significar oposição de idéias, de sentimentos, de tendências, de crenças, etc.: em *antimilitar*, *anti-social*, *anti-semita*, etc.; e efeito contrário ou combativo de certo estado em *anti-séptico*, *anti-reumático*, *anti-higiênico* e outros vocábulos análogos, criados na maior parte em nossos tempos. Bem mais antigos que tôdas essas criações são *Anticristo*, termo vulgarizado pela religião cristã para designar certo ente que está por vir ao mundo e que será o contrário de Cristo, e *antipapa*, que era o papa cismático eleito em oposição ao papa legítimo.

CIRCUM-

1277. *circunvizinho*, *circumurado*. Outras formações com êste prefixo remontam à língua latina.

CIS-

1278. Em vocábulos criados pela linguagem culta: *cisalpino*, *cisplatina*. Significa "da parte daquém".

VICE-, VISO-, VIS-

1279. Procedem do latim *vice*. A variante *viso-* usou-se em *viso-rei*; hoje se diz somente *vice-rei*. Aplicava-se êste termo ao governador nomeado para representar o rei em província ou colônia afastada da metrópole. *Vis-* ocorre em *visconde*, é o título imediatamente abaixo de *conde*. *Vice-almirante* significa posto imediatamente inferior a *almirante*. *Vice-* exprime o título dado a pessoa que deve substituir a outrem nos seus impedimentos nestas formações: *vice-presidente*, *vice-cônsul*, *vice-chanceler*, *vice-reitor*, *vice-mordomo*.

BIS-

1280. Do latim *bis* usa-se em *bisavô*, *bisneto*, e em termos cultos *bissexto*, etc.

PRE-, PRO-, PER-

1281. Usados em formações eruditas com o mesmo sentido que tinham em latim.

CONTRA-

1282. Prefixo muito fecundo: *contraveneno*, *contra-senso*, *contra-tempo*, *contraminar*, etc.

ENTRE-, INTER-

1283. A forma romanceada *entre-* (que em português antigo às vêzes alternava com *antre*) sofreu sempre a concorrência da forma latina, porém menos no português antigo que no falar hodierno, mais propenso a latinizar as criações novas. A par de *entrevir* temos *intervir* (português antigo *entrevir*) e possuímos *entremeter*, *entremeio*, *entrecorrer*, *entretecer*, *entreteter*, etc., ao mesmo tempo que *intermédio*, *intercurso*, *interlúnio*, *interoceânico*, etc.

SO-, SUB-

1284. A preposição *so* do português antigo foi desbancada em português moderno pela forma erudita *sob* que se transforma em *sub* quando serve de prefixo. Como elemento formativo conservou-se todavia *so* em *sonegar*, *sobraçar*, *soerguer*, *sujeitar*, *sujeição*, *sujeito* (por *sojeitar*, etc.), *soterrar*, *sorrir*, embora tal não sucedesse com os antigos *sojogar*, ou *sojigar*, *somerguer*, *soverter* e *someter* (ainda usado nOs *Lusíadas*).

TRANS-

1285. Conservou-se esta forma nas palavras portuguesas onde prevalece a tendência culta. A linguagem popular alterou-o em *tras-*, *tres-*, *tra-*, *tre-*: *tresladação* (*Côrte Imp.* 127, 128), *traladação* (*ib.* 129), *tre-ladação* (*ib.*), *tresladar* (*ib.*), *traladado* (*ib.*), *trasmudar* (*ib.* 46), *tresmudar*, *trasbordar*, *traspasar*, *tresvariar*, *tresler*, *tresloucado*, *tresfolegar*.

DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA

1286. Na derivação comum, em que de um vocábulo primitivo se tira um vocábulo nôvo, faz-se uso ou da sufixação ou da prefixação. Ocorrem entretanto palavras, como os verbos *ajoelhar*, *embarcar*, *apodrecer*, para cuja formação parece haver-se recorrido ao emprêgo simultâneo de um e outro processo derivativo. Dá-se-lhes o nome de parassintéticos, e são geralmente verbos ou parassintéticos verbais; raríssimos são os parassintéticos nominais ou nomes diretamente constituídos pelo duplo processo. A partícula nestas formações não afeta o sentido próprio do nome (substantivo ou adjetivo) que serve de elemento radical, e a sua presença, em certos casos, não influi na significação verbal. *Aquietar*, *enverdecer*, *emurcheecer* usam-se como equivalentes de *quietar*, *verdecer*, *murchar*.

1287. A partícula pode ser um verdadeiro prefixo, como *es-*, que acrescenta ao verbo a idéia de ação completa (*esvaziar*), de ação repetida (*esbombardear*, *escoucear*), de ação dispersiva (*esfarelar*), etc. Pode também ter caráter de preposição, como *a-*, *em-*, e neste caso é de notar que os chamados parassintéticos são devidos antes a nomes preposicionados do que a simples nomes como elementos derivantes. De *fôrca* se derivaria naturalmente *forçar*; mas a idéia de "lugar onde", *em fôrca*, do pensamento latente "pôr em fôrca", fêz com que se creasse *enforçar*; de *pobre* bastaria derivar *pobreecer* se não fôsse o pensamento "transformar em pobre", tirando-se pois de *em pobre* o verbo *empobreecer*; do pensamento "passar a podre", isto é, ao estado de podre, veio *apodrecer*. E assim por diante, presidindo às combinações com *em* e *a* a idéia de "pôr em algum lugar", "passar a algum estado ou situação", ou outra idéia correlata. Sôbre os primeiros modelos desta espécie creou naturalmente a analogia numerosos outros derivados, nem sempre cogitando de lhes analisar o sentido.

1288. Parassintéticos verbais com base substantiva: *abençoar*, *amaldiçoar*, *ajoelhar*, *apoderar*, *aninhar*, *encarecer*, *enclausurar*, *avistar*, *apinhar*, *atapetar*, *apregoar*, *enfileirar*, *embeijar*, *enregelar*, *incorporar*, *espiolhar*, *esfarelar*, *acolchoar*, *abotoar*, *aleitar*, *espavorir*, *esgaravatar*, *esburacar*, *espreguiçar*, *espezinhar*, *esfrangalhar*, *espernear*, *esvoaçar*, *esfuzilar*, *amanhecer* (<*amanhãecer*), *anoitecer*, *associar*, *acariciar*, *amotinar*, *engatilhar*, *ensaboar*, *enraizar*, *encolerizar*, *embainhar*, *embarcar*, *empestar*, *apestar*, *afunilar*, *acutilar*, *avinhar*, *apavorar*, *empastelar*, *empapelar*, *enforçar*, *alistar*, *enraivecer*, *ajeitar*, *embarrilar*, *envasilhar*, *enfarinhar*, *acorrentar*, *afadigar*, etc.

1289. Parassintéticos verbais com base adjetiva: *avivar*, *aligeirar*, *enrijar*, *enrijeecer*, *aquietar*, *entesar*, *engordar*, *entortar*, *endireitar*, *encrespar*, *esfriar*, *empeorar*, *afear*, *avermelhar*, *adelgaçar*, *aformosentar*, *empobreecer*, *enriquecer*, *esclarecer*, *esquentar*, *esvaziar*, *apodrecer*, *amadurecer*, *aportuguesar*, *enlouquecer*, *ensandecer*, *engrandecer*, *endurecer*, *amolecer*, *entristecer*, *enfraquecer*, *embrutecer*, *enrouquecer*, *enegreecer*, *enobreecer*, *empalidecer*, *ensurdecer*, *emudecer*, *envelhecer*, *enternecer*, *entorpecer*, *encarecer*, etc. Em *adoecer*, *aquecer*, *esmiuçar* houve redução dos adjetivos *doente*, *quente*, *miúdo*. *Adormecer* e *estremecer* procedem dos verbos *dormir* e *tremor*. Parecem filiar-se às formas *dormente* e *tremente*.

DERIVAÇÃO REGRESSIVA

1290. Consiste a derivação, segundo o exposto nas páginas precedentes, em formar um vocábulo nôvo adicionando a outro vocábulo ou a seu radical um prefixo ou um sufixo. O termo derivado resulta da ampliação do termo derivante.

1291. Além dêste processo normal, existe outro, o da derivação regressiva, em que se faz exatamente o contrário, obtendo-se a palavra nova, não por adição, mas por subtração do elemento formativo. Dá-se êste fenômeno por um erro de raciocínio. O termo preexistente é realmente primitivo, mas produz a impressão de ser derivado por causa da sua semelhança com outros vocábulos que, por sua vez, são derivados; e assim vai-se-lhe crear um suposto termo derivante à guisa dos derivantes destoutros vocábulos.

1292. Na formação das palavras de derivação regressiva o português não faz mais do que continuar um processo já usado em latim, sobretudo na linguagem vulgar. De *usus, cantus* se derivaram *usare, cantare* quando foi desaparecendo o emprêgo dos verbos *uti* e *canere*, e de *cursus* se formou *cursare*, que se empregou a par de *currere*. Dados êstes modelos de derivação regular, crearam-se análogamente os substantivos *computus* e *costus* para os verbos *computare* e *costare* < *constare*; mas nestoutros casos procedeu-se à derivação regressiva.

1293. Aos substantivos assim originados de verbos costumam os lingüistas chamar deverbais ou pós-verbais, ou simplesmente, substantivos verbais. Esta última denominação é pouco aceita.

1294. A linguagem popular é mais propensa a crear e empregar substantivos *deverbais* do que a linguagem culta. Nas obras escritas em português antigo nota-se a falta de muitos admitidos em português moderno. É possível que a produtividade se tenha manifestado mais fortemente do século XVI para cá; mas a escassez dos deverbais na antiga linguagem literária pode também ser devida à circunstância de se considerarem muitos dêsses vocábulos como expressões demasiadamente plebéias. Ainda hoje possuímos exemplos disso. Tendo o substantivo *almôço* produzido o verbo *almoçar*, o povo regressivamente creou de *jantar* o substantivo *janta*, termo não empregado pelos que timbram em falar "corretamente".

1295. Os deverbais podem ser masculinos ou femininos. Alguns têm ao mesmo tempo forma masculina e feminina. Sem fazer distinção entre os que vieram do latim e os que em épocas diferentes se formaram no seio da língua portuguesa, mencionamos:

1.º masculinos em -o: *amparo, desamparo, atraso, adôrno, arranjo, assento, amanho, castigo, fustigo, emprêgo, nado, reclamo, esforço, refôrço, vôo, escôo, erro, começo, chôro, embargo, desmancho, aparelho, apêlo, degêlo, repouso, recuo, descuido, transtôrno, reparo, mergulho, suspiro, afinco, descanso, desprezo, mando, desmando, comando, confronto, rodeio, galanteio, bloqueio, garganteio, gorjeio, granjeio, custeio, vozeio, floreio, passeio, festejo, gargarejo, gracejo, etc.*

2.º masculinos em -e: *embarque, desembarque, combate, rebate, levante, destaque, corte, toque, porte, transporte, traspasse, debate, encaixe, realce, etc.*

3.º femininos em -a: *amarra, pesca, réplica, súplica, perda, apara, sobra, conserva, descarga, leva, engorda, desova, desobriga, derruba, renúncia, denúncia, disputa, afronta, dúvida, muda, fala, lavra, rega, esfrega, apanha, visita, escolha, entrega, etc.*

4.º masculinos e femininos: *pago, paga; custo, custa; trôco, troca; achego, achega; grito, grita; ameaço, ameaça.*

COMPOSIÇÃO

1296. Chama-se palavra composta a toda combinação de vocábulos que serve de nome especial para certo gênero de seres, ou com que se exprime algum conceito novo, diferenciado do sentido primitivo dos elementos componentes. É o resultado da evolução e fusão semântica destes elementos, devendo-se notar que muitas das atuais palavras compostas, antes de se fundirem semânticamente para representar uma idéia simples, tiveram um período de existência bastante longo em que não se distinguiam de outros grupos sintáticos. Em outros casos o processo da composição efetua-se desde logo ou em tempo muito breve.

1297. A par daqueles exemplos que satisfazem a todos os requisitos, mostrando consumada por completo a fusão semântica, ocorrem naturalmente combinações que se acham ou parecem achar-se na fase de transição, isto é, em via de se tornarem palavras compostas. Dificultam sobremodo a análise, não sendo de admirar que a seu respeito reine desacôrdo entre lingüistas, classificando uns como verdadeiras palavras compostas o que a outros se afigura como meros grupos sintáticos do tipo comum.

1298. As denominações justaposição e palavras justapostas usam-se às vezes para assinalar essas combinações de categoria duvidosa, mas não se podem tomar em sentido rigoroso. Darmesteter, querendo estabelecer diferença exata entre composição e justaposição, propôs um critério simples, mas tão insustentável na prática, que não poudé deixar de provocar a justa crítica de Bréal, A. Thomas, Nyrop, Wundt e outros. Segundo o notável investigador, a elipse seria a essência da composição, ao passo que a justaposição consistiria na soldadura mais ou menos íntima de elementos reunidos sem elipse, simplesmente postos uns ao lado dos outros segundo as regras ordinárias da sintaxe.

1299. Por elipse entende-se aí tanto a ausência de palavra ou frase que em certos casos liga o sentido dos termos componentes (por exemplo no francês *timbre-poste*), como também o desaparecimento da terminação ou parte da terminação do primeiro componente (como em *liquefazer*). Mas é preciso notar que o primeiro termo pode, na sua parte final, sofrer também alterações que não se capitulam de elipse; de maneira que o latim *manifestus* (por *manifestus*) não seria nem propriamente justaposto nem composto. Bréal chama a atenção para semelhantes casos, e, contrariando a doutrina, sustenta que em francês *beau-frère*, *belle-fille*, *beau-père* são verdadeiros compostos, pois que para os constituir é condição necessária e bastante que dous termos reu-

nidos façam sobre o espírito a impressão de uma idéia simples. "Logo que o espírito reúne em uma só idéia duas noções até então separadas, todas as sortes de reduções ou de petrificações do primeiro termo se tornam possíveis. Mas são fatos acessórios, cuja presença ou ausência em nada altera a essência das cousas. A verdadeira composição tem seu critério no espírito".

1300. Acrescente-se a estas considerações que o composto representa uma idéia simples, porém caracterizada geralmente pela alteração ou especialização do sentido primitivo. O francês *beau-père* significa "sogra" e nada mais tem que ver com as noções "belo" e "pai". *Guarda-roupa* não é qualquer objeto onde a roupa se guarda, e sim certo móvel construído para tal fim.

1301. Não há ortografia uniforme para as palavras compostas; umas quer a convenção que se escrevam reunindo os termos em um só vocábulo; outras se representam interpondo o traço d'união; para outras finalmente é costume escrever os termos separadamente como se não houvesse composição alguma.

1302. Custa-nos considerar do mesmo modo que os compostos de tipo comum aquelas combinações de palavras ou frases de que a nossa fantasia, por metáfora ou qualquer motivo desconhecido, se serve para dar nome a plantas, a animais e a certos objetos, como sejam: *amor-perfeito*, *linda-flor*, *cravo-de-defunto*, *erva-de-S. João*, *malmequer*, *bem-me-quer*, *alma-de-gato*, *amor-de-homem*, *malícia-de-mulher*, *pé-de-moleque*, etc.

1303. Nas denominações *pica-pau*, para a ave que se singulariza por trabalhar com o bico no tronco das árvores, e *girassol*, flor que acompanha o movimento solar, usam-se palavras compostas tomadas no sentido próprio e susceptíveis de análise quer morfológica, quer semântica. Mas o nome *amor-perfeito* não tem outra significação senão que o termo *amor* com um qualificativo se aplicou por metáfora para designar certa espécie de flor e a respectiva planta. *Linda-flor*, se não fôsse sabermos ser o nome vulgar dado a certa planta do gênero *Coreopsis*, seria um disparate, pois que afinal de contas qualquer flor de jardim pode ser linda.

1304. Mas ainda assim, apesar de não serem estas expressões tomadas em sentido próprio, não as excluiremos da categoria das palavras compostas. Metafóricas ou não, preenchem a condição necessária, pois denotam uma idéia simples e se usam com acepção especial. *Amor-perfeito* ou *linda-flor*, como denominação de certas espécies de plantas, tem sentido restrito do mesmo modo que *pica-pau*, que não é aplicável a qualquer ave que fere com o bico o tronco das árvores.

1305. Os vocábulos que constituem a palavra composta podem ser dous substantivos, combinados ou diretamente ou por meio de preposição; dous adjetivos; adjetivo combinado com substantivo; um dos termos pode ser pronome adjunto, ou numeral, sendo o outro um

substantivo; pode-se unir uma partícula (preposição ou advérbio) a nome ou verbo; e pode finalmente resultar a palavra composta da junção de verbo com substantivo ou com outro verbo.

1306. Quando se estuda o fenômeno da composição dentro do domínio de certo idioma, deve-se atender principalmente ao que esse idioma tem produzido com seus próprios recursos. Não servem de prova para os fatos palavras compostas pré-existentes à formação do dito idioma, ou importadas de outra língua, dando a impressão de palavras simples. Pela criação do vocábulo *vinagre*, francês *vinagre*, italiano *vinagro* não é responsável a língua portuguesa, e este exemplo não atestaria a possibilidade de formarmos um vocábulo novo, combinando um substantivo com um adjetivo. A análise em português daria aliás mau resultado, primeiro porque não consta que existisse nesta língua algum adjetivo popular com a forma *agre*; em segundo lugar, parece que o resultado da composição, na melhor hipótese, havia de ser *vinhagre*.

COMBINAÇÃO DE SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO

1307. A língua portuguesa não revela muita facilidade em formar por si palavras novas juntando um substantivo a outro, excepto para as denominações de animais e plantas. Vários dos termos assim constituídos que andam disseminados pelo nosso léxico, não têm valor para a análise, por serem traduções ou aportuguesamentos de expressões que tiveram seu berço fora de Portugal. *Couve-flor* e *beterrava* transplantaram-se do francês *chou-fleur*, italiano *cavoli-fiori* e francês *betterave*. *Quartel-mestre* e *vagomestre* correspondem ao francês *quartier-maitre* e *vaguemestre*, imitações do alemão *Quartier-meister* e *Wagenmeister*. *Café-concérto* veio diretamente de França. *Caixeiro-viajante*, *algodão-pólvora*, *carro-dormitório*, *papel-moeda* traduzem, e de maneira feliz, *commis-voyageur*, *coton-poudre*, *wagon-lit*, *papier-monnaie*. As próprias expressões *mãe-pátria*, *língua-mãe*, *astro-rei*, que tanto nos agradam, não brotaram espontaneamente em solo lusitano; antes dos portugueses já os franceses diziam *mère-patrie*, *langue-mère*, *astre-roi*, etc.

1308. Creação lusitana, senão espanhola, é a palavra *arco-íris*. A par da expressão *arco-celeste* (e popular *arco-da-velha*) havia o termo *íris*, que significava a mesma cousa. Ainda em Vieira, *Serm.* 9, 312:

E em roda do tronco... vio hũa Iris, ou Arco celeste: 9A50: A Iris ou Arco celeste he o sinal da paz que Deus deu aos homens desde o tempo do Diluio.

1309. Ligou-se por fim um substantivo a outro, ficando eliminado, por desnecessário, o adjetivo especificador do primeiro vocábulo.

1310. Sem influência estrangeira se crearam ainda *fidalgo-aprendiz*, *paredemestra*, *chavemestra* e outros compostos formados com o termo *mestre* ou *mestra* (exceptuando naturalmente *quartel-mestre* e *vagomestre*).

1311. As combinações *mestre-sala*, *mestre-escola* estão em lugar de *mestre-de-sala*, *mestre-de-escola*. A preposição não se suprime em *mestre-de-capela*, *mestre-de-armas*, *mestre-de-cerimônias*, *mestre-de-obras*, etc.

1312. Nas denominações de animais e objetos o segundo termo tem geralmente função descritiva e indica a semelhança ou alguma relação remota que o animal ou objeto ou alguma de suas partes tem com outro ser: *peixe-espada*, *peixe-agulha*, *peixe-boi*, *peixe-serra*, *urubu-rei*, *tamanduá-bandeira*, *porco-espinho*, *pombo-leque*, *manga-espada*, etc.

COMBINAÇÃO DE SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO

1313. Condiz a formação desta espécie de palavras compostas muito com a índole da língua. Um se caracterizam pela delimitação de sentido, servindo para designar certas condições especiais de pessoas ou certos objetos determinados; outras são denominações dadas por metáfora a objetos em virtude de sua semelhança com outras cousas ou por outro motivo qualquer: *homem de estado*, *pai de família*, *estrada de ferro*, *mãe-d'água*, *menina dos olhos*, *arma de fogo*, *orelha-de-pau*, *pé-de-galinha*, *pé-de-cabra*, *unha-de-boi*, *beijo-de-frade*, *brinco-de-princesa*, etc.

SUBSTANTIVO + ADJETIVO

1314. Em umas combinações o adjetivo vem posposto ao substantivo; em outras, vem em primeiro lugar.

1315. 1.º O adjetivo vem depois do substantivo: *água-forte*, *amor-próprio*, *aguardente*, *água-régia*, *águas-furtadas*, *arma branca*, *Idade Média*, *mão-morta*, *cabra-cega*, *fogo-fátuo*, *sangue-frio*, *obra-prima*, *mão-cheia* (ou *mancheia*), *criado-mudo*, *mãos-rótas*, *mão-pendente*, *mão-tenente* (na frase à *mão-tenente*), etc.

1316. As vezes os dous vocábulos se unem mais intimamente, sofrendo o primeiro termo alteração ou perda de sons na sua parte terminal: *boquiaberto*, *manirroto*, *cabisbaixo*, etc.

1317. 2.º Vem em primeiro lugar o adjetivo: *gentil-homem*, *preia-mar*, *baixa-mar*, *belas-artes*, *livre-pensador*, *meia-cara*, *meia-idade*, *meia-noite*, *meio-dia*, *alto-forno*, etc.

ADJETIVO + ADJETIVO

1318. Unem-se muitas vezes dous adjetivos, ora para indicar que alguma pessoa ou cousa participa ao mesmo tempo de uma e outra qualidade, como em *surdo-mudo*, *claro-escuro*, *luso-brasileiro*, *anglo-saxônio*, *tragi-cômico* (por *trágico-cômico*), *herói-cômico*, ora para delimitar o sentido de um dos qualificativos, como em *verde-escuro*, *azul-marinho*, etc.

PRONOME + SUBSTANTIVO

1319. Combinações desta espécie são *Nosso Senhor* e *Nossa Senhora*, expressões usadas como equivalentes de "Deus" e "Sagrada Virgem",

e bem assim as formas de tratamento empregadas para pessoa de certa categoria *Vossa Alteza, Vossa Paternidade, Vossa Senhoria, Sua Santidade*, etc.

NUMERAL + SUBSTANTIVO

1320. Ocorre esta formação em *bisavô, bisneto, trigêmeo, três-fóllhas, mil-homens*, etc. Os nomes dos dias da semana *segunda-feira, terça-feira*, etc., vieram ao português do latim vulgar *secunda-feria, tertia-feria*, etc., expressões perfeitamente documentadas no texto de latim vulgar da *Peregrinatio Aetherae*.

COMBINAÇÕES COM OS ADVÉRBIOS MAL E BEM

1321. É considerável o número de palavras compostas formadas com o auxílio destes advérbios: *bendizera, maldizera, maldição, bem-aventurado, mal-aventurado, bem-afortunado, bem-criado, malcriado, mal-intencionado, bem-intencionado, mal-andante, bem-soante, mal-soante, bem-ferido, maltratar, mal-sofrido, malbaratar, malquerença, benquerença, malquisto, benquisto, malfeitor, malograr, malôgro*, etc.

COMBINAÇÃO DE VERBO + SUBSTANTIVO

1322. *Saca-rólhas, saca-trapo, beija-flor, quebra-nozes, quebra-cabeça, quebra-mar, tira-flor, tira-teimas, limpa-trilhos, limpa-chaminés, lança-perfumes, furta-fogo, fura-bolos, fura-paredes, guarda-louça, guarda-roupa, guarda-mão, guarda-braço, guarda-comida, mata-fome, mata-mouros, mata-pau, mata-ratos, mata-cavalo, manda-chuva, desmancha-prazeres, trinca-nozes, trinca-pintos, espanta-ratos, espia-maré, troca-tintas, lava-pés, lava-pratos, pica-peixe, pica-pau, mata-piolho, passatempo, passa-culpas, bate-fóllhas, bate-estacas, pinta-monos, busca-pé, tira-dentes, louva-Deus, ganha-pão, papa-vento*, etc.

1323. Pôsto que *portar* não se use em português com o sentido transitivo de “trazer”, “segurar” (como francês *porter*, italiano *portare* (*)), atribui-se-lhe contudo tal acepção empregando-o, à imitação do estrangeiro, nos compostos: *porta-voz, porta-bandeira, porta-estandarte, porta-lápis, porta-relógio*, etc.

1324. Também não são de genuína criação indígena os termos *para-peito, pára-quedas, pára-raios, pára-vento*, aparentemente formados com o auxílio do nosso verbo *parar*. *Para-peito*, usado em português da Renascença, foi importado do italiano *parapetto*. *Pára-quedas* é simples aportuguesamento de *parachute*, creado pelo aeronauta Blanchard. *Pára-raios* e *pára-vento* vieram ao idioma por ajeitamento do francês *paratonnerre, paravent*, italiano *paravento*. Postos de parte estes poucos vocábulos, que se devem à pré-existência de denominações estrangeiras para certos objetos, não se conhecem em português nomes compostos em que se applicasse o verbo *parar* com o sentido que aí se lhe dá.

(*) De uso corrente é todavia o termo *portador*. O verbo *portar* ocorre nos Forais, *portar armas*, e em outros documentos antigos. Depois caiu em desuso.

1325. Na análise das combinações de verbo com substantivo suscitou-se dúvida sobre a forma verbal empregada, se seria a 3.^a do singular do presente do indicativo, ou se a 2.^a do singular do imperativo. Darmesteter examinou minuciosamente o caso no tocante à língua francesa e chegou à conclusão de que, para os vocábulos mais antigos, se recorreu geralmente ao imperativo. Nos compostos de criação moderna, estudando a linguagem do povo e interrogando a operários, poude convencer-se de que para os nomes de certos utensílios não tinham êsses homens senão o sentimento da forma indicativa. “De fato, pode afirmar-se que o povo vê comumente nestas espécies de palavras um indicativo, e nada mais, e que, portanto, todos os compostos creados em nossos dias para satisfazer às necessidades do comércio e da indústria, contêm na realidade o indicativo: *Porte-cigares, copie-lettres, serre-papiers*, etc.”.

1326. Chegando a êste resultado objetivo, devia, me parece, o notável investigador contentar-se com assinalar os dous processos diferentes. Seduzido todavia pelos seus próprios estudos sobre a forma imperativa como elemento componente, prossegue e, em argumentação erudita e brilhante, mas não satisfatória, procura firmar uma doutrina geral, parecendo-lhe por fim poder submeter os compostos modernos à sua tese favorita, de modo que os supraditos exemplos *porte-cigares*, etc., acabam por figurar na lista dos compostos com o verbo no imperativo.

1327. Que o uso desta forma verbal prevalecesse a princípio, não se contesta. Nem se negará o seu emprêgo em alguns compostos modernos, sobretudo levando-se em conta o espírito galês. Em língua portuguesa haverá alguma cousa de análogo; mas em geral, não se pode afastar a convicção de que domina o sentimento do emprêgo do indicativo e que com êste sentimento se creou a maior parte dos vocábulos compostos de verbo e substantivo. Não creio que fôsse preciso dirigir-se uma pessoa a um objeto material, a modo de ordem, para que nascesse o termo *saca-rólhas*. A falta de nomes apropriados com que designar cousas e caracterizar pessoas, suscita instintivamente a idéia de se apeli-darem, e de maneira bem expressiva, daquelas pela sua função, pelo fim a que servem, estas pelos atos ou atributos particulares que as diferenciam de outras pessoas. Quer isto dizer que a estas denominações típicas que se enunciam por meio de palavras compostas de verbo e substantivos, precedem e estão latentes pensamentos mais desenvolvidos, v. g. “objeto que saca rôllhas”, “instrumento que quebra nozes”, “ave que beija flor”, “homem que desmancha prazeres”, “caranguejo que espia maré”, “ofício com que se ganha pão”, etc. Mas o individuo falante, confiado na sagacidade do ouvinte, deixa de parte dizeres desnecessários. Basta antepor artigo à combinação de 3.^a pessoa verbal com o substantivo, para se entender desde logo que se trata de algum ente a quem é próprio tal ato ou função.

1328. O segundo elemento componente, isto é, o substantivo, faz em geral papel de objeto direto. Sofre contudo restrições a regra quando o nome se combina com a forma verbal *guarda-* e êste verbo se toma

no sentido de "resguardar" ou "proteger contra". Em *guarda-roupa*, *guarda-comida*, *roupa* e *comida* é aquilo que se guarda; mas em *guarda-lama*, *guarda-chuva*, *guarda-sol*, *guarda-pó*, entende-se que os respectivos objetos resguardam *contra* a lama, a chuva, o sol, o pó. Esta última interpretação é também a que cabe no caso de *pára-raios*, *pára-quedas*, *pára-vento*, como nos equivalentes *guarda-raios*, *guarda-vento*, *guarda-quedas*, ao passo que *para-peito* se diz de parede ou muro que ampara ou resguarda o peito.

VERBO + VERBO

1329. São poucas as combinações desta espécie: *Vai vêm*, *perde-ganha*, *ganha-perde*, *corre-corre*.

SINTAXE

PROPOSIÇÃO EM GERAL

1330. "Definição do conceito da proposição que seja geralmente aceita, não existe." Com esta observação preliminar expõe Brugmann as divergentes definições formuladas pelos pensadores modernos que mais profundamente meditaram sobre tão importante assunto. Não as comenta, não as critica; não propõe fórmula que as substitua. Mas assinala como um dos pontos principais do desacôrdo a maneira de encarar as interjeições, os vocativos, os verbos impessoais e, até certo ponto, os imperativos.

1331. Feito êste reparo na *Kurze vergleichende Grammatik* (1904), Brugmann dedica-se ao estudo do problema e, anos depois, publica em monografia os resultados das suas investigações apresentadas à Sociedade Saxônia de Ciências de Leipzig. Nesta monografia, em que o eminente glotólogo se abstém de definir o que seja oração, vêm analisadas as relações entre as condições psíquicas e as formas oracionais que as exprimem, relações cuja existência todos reconhecem, mas cujo estudo anda esparso por uma porção de capítulos de qualquer gramática científica, sem que ninguém se atreva a incluí-lo e desenvolvê-lo no capítulo da oração propriamente dita. Temos por judiciosas as observações de Brugmann e faremos por aproveitar suas idéias nesta parte de nosso livro.

1332. Quanto a definir a proposição, oração ou sentença, sem pretender dizer melhor do que Hermann Paul, Delbrück e Wundt, quer-nos parecer que, além da questão dos verbos impessoais, interjeições, etc., persiste ainda uma grave dificuldade, que se aplainaria um tanto se os gramáticos se aferrassem menos a certos princípios de lógica e os psicólogos se desacostumassem um pouco mais de ver na linguagem com que se exprime a oração o reflexo perfeito da criação do pensamento e deixassem de identificar sempre a combinação dos termos da oração com o processo mental de juntar conceitos. Conviria refletir que um pensamento não se exprime necessariamente da mesma maneira, com o mesmo número de palavras, nas diversas línguas do mundo.

1333. Definir gramaticalmente a proposição recorrendo a princípios estabelecidos na lógica tradicional, é mover-se em círculo vicioso; pois que a lógica, neste caso, não podendo penetrar diretamente no pro-

cesso psíquico, teve de fundar as suas conclusões na manifestação deste processo por meio da linguagem. O que a lógica estabelece e ensina parece racional em certos casos gerais; não assim em outros. A proposição *A árvore é verde* não se apresenta em nosso cérebro decomposta em *árvore* e *verde*, como duas imagens distintas que se vêm juntar para constituir o pensamento. Por outra parte, podemos com um só vocábulo, como *amo*, *escrevo*, expressar duas idéias, a do ato e a do indivíduo que o pratica.

1334. Se se considera quão facilmente qualquer pessoa com certo preparo escolar aponta, em um trecho de leitura, as diversas orações explícitas e as distingue umas das outras, parece que estas, pelo menos, devem ter certos caracteres fáceis de perceber sem ser preciso ir procurar nos refolhos do raciocínio se o enunciado confere ou não com o processo que aí se passa. No discurso puramente expositivo reconhecem-se tais orações, uma por uma, pelos diferentes verbos no "modo finito", o que quer dizer que se notam — segundo a linguagem de nossa lexeologia — tantas proposições quantas as formas finitas dos verbos, quer em conjugação simples quer em conjugação composta.

1335. E não nos indicará esta regra empírica o caminho para chegar a alguma fórmula, com que mais claramente, mais corretamente se define o que seja a proposição? O verbo, pelo menos o verbo nocional, representa o predicado, isto é, um fato que o indivíduo falante sabe ou sente e de que dá ou procura dar conhecimento ao indivíduo ouvinte. É sobretudo esta última circunstância, o comunicar o fato a outrem, o querer torná-lo sabedor de cousa que desconhecia, é isto, digo, o que caracteriza o predicado, e portanto a proposição.

1336. Veremos ainda confirmado o mesmo princípio, se passarmos a examinar a proposição em que se exprime o predicado por meio de um adjetivo. As palavras *Esta casa é grande* constituem oração porque o ouvinte as percebe como informação ou opinião sobre a grandeza de certa casa. O vocábulo *é* tem aqui valor de verbo relacional, mas a sua presença dá ao adjetivo o caráter de termo predicativo, e na prática serve de ponto de apoio para reconhecer a oração.

1337. As vezes a proposição não representa uma notícia, uma informação propriamente nova para o ouvinte — como sucede, por exemplo, com os aforismos, os ditos proverbiais e as leis da ciência para quem as conhece — porém a mesma sentença, repetida sempre nos mesmos termos, vem em todo o caso como que reavivar a memória.

1338. Estas considerações permitem concluir que para o gramático, para o lingüista, é de pouca monta acrescentar à definição da oração cousas próprias do domínio da lógica e da psicologia e que levam os pensadores a enredar-se nos meandros da metafísica. Não é essencial averiguar rigorosamente o que se passa no intelecto dos indivíduos falante e ouvinte como pontos de partida e chegada do pensamento; o que importa é assinalar que um indivíduo transmite a outro o conhe-

cimento de um fato por meio de certa combinação de palavras ou, ainda, por uma só palavra.

1339. Com estas bases iremos naturalmente discriminar outras orações além das do tipo mais perfeito, que é o das orações explícitas. Distinguiremos também as interjeições que não passam de meros gritos espontâneos, daquelas que se proferem calculadamente contando tornar o ouvinte sabedor do que pensamos ou sentimos.

TÊRMOS DA PROPOSIÇÃO

1340. Os fatos que chegam à nossa percepção representam-se-nos ou como fatos propriamente ditos sem referência a quaisquer seres, ou como ações que se passam com alguém ou alguma cousa. Estão no primeiro caso os fenômenos da natureza que se traduzem pelas expressões verbais *chove, troveja*, etc. Formam êstes verbos sentido perfeito e constituem orações de um só termo, também chamadas orações sem sujeito.

1341. O caso mais freqüente é todavia aquêle em que em nosso cérebro existem dous conceitos, o de um ser e o da ação que com êle se passa, como nestes pensamentos: "*A terra move-se*"; "*O menino aprende*". Expressos êstes pensamentos em linguagem adequada, temos as proposições de dous termos, os quais se chamam *sujeito* e *predicado*.

1342. Se o intelecto não pudesse conceber outros pensamentos senão os dêste segundo tipo, é claro que o psicólogo e o gramático nada mais haviam de enxergar em um discurso senão proposições formadas de dois elementos, e o predicado, definido necessariamente como sendo aquilo que se diz do sujeito, reclamaria sempre o dito sujeito como termo correlato. Tem com efeito vigorado essa concepção exclusivista da proposição; e ajuntando-se ao preconceito a circunstância de identificar-se o verbo finito geralmente com o predicado, não se iria naturalmente com semelhante base imaginar a possibilidade de uma oração sem sujeito. Certo é todavia que as orações de um só termo do tipo "*Chove*", "*Troveja*" não têm sujeito, porque não pode ser sujeito aquilo que ninguém menciona e de que ninguém cogita. Nem tem valor de argumento a circunstância de achar-se o verbo na 3.^a pessoa. Esta forma verbal se emprega necessariamente por analogia, pois que a linguagem não dispõe de outro meio de expressão para descrever fatos quaisquer que não se refiram ao indivíduo falante ou ao indivíduo ouvinte.

1343. Inconfundíveis com tais orações são aquelas em que não se menciona senão o predicado, tendo porém os interlocutores a consciência de que se está falando a propósito de algum ser. Nestas condições o verbo tem um sujeito mental. Êste ou se perceberá facilmente pelo contexto, e então será elíptico, ou se deixou de nomear por conveniência ou por ser difícil especificá-lo, e em tal caso diremos que o verbo tem sujeito indefinido. Para dar a entender que se trata de sujeito indefinido, basta muitas vezes pôr o verbo na 3.^a pessoa do plural, ainda quando o agente real seja uma pessoa só. Refere-se sempre a ente humano:

Matom o Meestre! *matom* ho meestre nos Paaços da Rainha! Acorree ao Meestre que *matam* (Fernão Lopes, *D. J.* 21) — Ontê *prenderã* aqui hũ e antonte outro (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 367) — E junto do gigante estavã tres donzellas... Nisto *abriram* a porta e o gigante ao meteo dentro (*ib.* 1, 164) — Nisto *baterã* aa porta da torre com muita pressa. Platir foy a abrir por ver quẽ era e achou hũ homem antigo a maneyra de grego (*ib.* 1, 281) — Nesta hora recebi hũa carta de Portugal em que me *nomeavão* os companheiros que Vossa Reverencia tinha... Também me *dizem* que está ahi o meu mimoso frey João da Cruz (Sousa, *Arceb.* 1, 254) — O governador bradou impaciente: Que he isto, Portuguezes? *Tirão-vos* das mãos a victoria! *Tirão-vos* a bandeira! (Freire de Andrade, *D. J. de Castro* 310) — Eis que *tocão* neste momento a campainha da portaria, acode o porteiro, acha hum cesto de pão (Arg., *S. Caet.* 265).

1344. Pressupõe o emprêgo da 3.^a pessoa do plural que ficam excluídos ou são de todo estranhos à ação os indivíduos falante e ouvinte. Para incluí-los no número das pessoas que deixamos de especificar, temos de recorrer a outro expediente. A linguagem antiga podia valer-se para êste efeito do vocábulo *homem* com função de pronome indefinido. Êste processo desapareceu, e se modernamente se emprega por vêzes a expressão *um homem*, sente-se bem que já não é o antigo pronome, e sim um simples substantivo. Compare-se o seguinte exemplo com os que vêm citados [no parágrafo 561]:

Pode caber em entendimento com juizo maior loucura que trabalhar de dia e de noite *hum homem* e cançar-se e desvelar-se e matar-se pelo que passa com a vida...? (Vieira, *Serm.* 5, 53).

1345. Mas o emprêgo de *um homem* (ou seu equivalente *uma pessoa*) tem importância muito secundária, comparado com o uso do verbo na forma reflexa, linguagem de sentido vago e que tanto se aplica ao caso da inclusão dos indivíduos falante e ouvinte, como ao caso da sua exclusão. Aos exemplos mencionados [no parágrafo 898] acrescentaremos ainda êstes:

Ficarão tão contentes que não *se tratou* mais na successão do novo rei (Barros, *Déc.* 1, 10, 2) — Sepulcro quotidiano onde *se morre* á vida e *se nasce* á morte (Vieira, *Serm.* 5, 562) — Nem com os reys nem com os santos, nem com Deus *se pode* tratar sem ser mal julgados dos homens (*ib.* 5, 72) — O nome não lhe saberei eu dar, mas digo que he... hũa morte interior, que *se sabe* sentir, mas não *se sabe* explicar (*ib.* 5, 519) — Ao inferno *se vai* de sete annos (*ib.* 5, 151) — *Tratou-se* de dar nome ao minino (*ib.* 5, 555) — No baluarte de S. João *se resistia* á violencia do ferro sem temer a do fogo (Freire de Andrade 207) — Dest'arte... *se remonta* ao Polo (Castilho, *Fastos* 1, 32) — *Foge-se* (*ib.* 1, 131) — *Louva-se* ao deus Termino (*ib.* 1, 149) — Sobre taes corações ao bem propensos, sem custo e com delicias *se imperava* (*ib.* 1, 27) — *Lutava-se* com honra então, *cahia-se* com gloria, *vencia-se* muitas vezes morrendo (Garrett, *Viag.* 1, 152) — *Variou-se, varia-se* em tudo (Garrett, *Cam.* 231) — Obedecer-me no momento em que *se trata* não de ambições de gloria, mas da redempção da Hespanha (Herculano, *Eur.* 271).

1346. A êste tipo de linguagem pode-se juntar a fórmula *diz que*, usada em Portugal, mormente entre o povo, como equivalente de *diz-se*

que (caso não tenha resultado de eliminação de outro vocábulo ou não seja redução de *dizem que*):

Passem as calmas da Linha, onde *diz que* também refervem as consciências (Vieira, *Serm.* 6, 410) — O verdadeiro Alfaceme *diz que* era um espadeiro ou armeiro cutileiro ou cousa que o valha (Garrett, *Viag.* 1, 62) — *Diz que* então (e então só) por mais que se buscassem duas vacas iguaes... por toda essa região não houve dar com ellas (Castilho, *Metam.* 215) — Cobras... que *diz que* pastam terra (*ib.* 95).

1347. Em outro lugar (*Lexeologia do Português Histórico*) mostrámos as relações existentes entre as vozes ativa, passiva e medial e procurámos esclarecer as diversas funções semânticas do pronome reflexivo. Vimos também que nas proposições do tipo *Vendem-se casas* é latente a noção de um agente humano, do mesmo modo que nos vários exemplos acima transcritos. A interpretação semântica é pois a mesma. A circunstância de em *Vendem-se casas* se dizer, como realmente se diz em linguagem culta, o verbo no plural, fazendo-o concordar com o substantivo que se segue, é um dos ilogismos gramaticais, em que se continua a manter a forma demandada pelo sentido originário sem atender a que este sentido se acha alterado. A incoerência salta aos olhos, não somente quando se comparam as construções de verbo transitivo com as de verbo intransitivo, mas ainda quando se cotejam duas frases com o mesmo verbo transitivo, redigidas uma com o substantivo no plural precedido da preposição *a*, a outra com o substantivo sem preposição: "*Adora-se aos deuses*" e "*Adoram-se os deuses*".

1348. Vem aqui a propósito uma observação interessante feita por E. Löfstedt quanto ao latim vulgar. No manuscrito da *Peregrinatio Aetheriae* existe este trecho *Primum aguntur gratiae Deo, et sic fit orationem pro omnibus*. A maior parte dos editores emendaram *fit oratio* como o estava a pedir a gramática. Löfstedt restabelece a lição primitiva e mostra em outros escritores vestígios de que em latim vulgar se praticava a construção das formas passivas impessoais com acusativo objeto. Em Petrônio (nas edições de Bücheler e Friedländer, de acordo com os manuscritos) ocorre *faciatur, si tibi videtur, et triclinia*. Em latim da Idade Média aparece *Matthaeum legitur, psalmos erat ante legendum*.

1349. Alguns gramáticos querem explicar o nosso vulgarismo *Vende-se casas* pela influência do pronome *on* francês. Resta saber como explanariam os fenômenos análogos de latim vulgar.

1350. Outro caso semelhante de ilogismo é o da construção "*Há homens*", "*Houve épocas*", em que o verbo tem exata e rigorosamente a acepção de "existir", estando completamente apagado da memória o pensamento primitivo que deu lugar a empregar-se o verbo *haver* com sentido existencial. Nem à lingüística histórica nem à lingüística comparada é possível reconstituir esse pensamento e fixar o termo que serviria de sujeito à respectiva proposição. Quem busca este termo não dá prova de muita sagacidade nem de muito tino, se acaba por afir-

mar que *Há homens* tem sujeito oculto, mas ninguém sabe que palavra é. O que há de positivo nestas orações existenciais é que, dando-se grande transformação no pensamento, a linguagem ou forma de exprimir conservou-se em atraso ou paralisada.

1351. Pôsto que certos dizeres como "*Pedro chora*", "*Peixes nadam*" constituam proposições de sentido perfeito, bastando um vocábulo para expressar o sujeito e outro para o predicado, é todavia impossível discursar longamente com o só recurso de proposições tão simples. Os dous termos essenciais necessitam muitas vezes de outros termos secundários que lhes completem o sentido, que os individuem ou especifiquem, ou lhes acrescentem outro qualquer esclarecimento. E estes termos secundários podem por sua vez vir acompanhados também de seus dizeres completivos e elucidativos.

1352. Estas amplificações de sujeito e predicado dividem-se em:

a) objeto direto ou indireto (ou complemento), que é o nome ou pronome com que se completa o sentido do predicado ou do sujeito;

b) atributo, que é o adjetivo, pronome-adjetivo ou numeral ou qualquer locução que especifica ou individua o sentido do substantivo;

c) apôsto, ou aposição, isto é, um substantivo que se põe a outro substantivo ou a um pronome a título de equivalência, significando o mesmo ente;

d) advérbio;

e) anexo predicativo (V. *Lexeologia* [parágrafo 800] e seguintes).

1353. Atributo e advérbio como elementos da oração também são conhecidos pelas denominações de adjunto atributivo e adjunto adverbial. Em vez de "adjunto" poder-se-ia também dizer "determinante", vocábulo este que dá logo idéia da função; caberia então a qualificação de "determinado" ao termo cujo sentido se delimita.

1354. Tudo aquilo que se comunica a outrem é ou no sentido positivo ou no sentido negativo: quer isto dizer que a proposição é afirmativa ou negativa.

1355. O pensamento pode estar completamente formado no intelecto da pessoa falante, ou só parcialmente por falta de algum dado que deverá ser fornecido pelo ouvinte. No primeiro caso a oração terá caráter declarativo e chamar-se-á declarativa (ou expositiva). No segundo caso será proferida com tonalidade diferente, dando-se deste modo a entender o desejo de ver suprida a falta com a informação ministrada pelo ouvinte. A oração desta espécie chama-se oração interrogativa.

PROPOSIÇÕES SECUNDÁRIAS

PARATAXE E HIPOTAXE

1356. Os termos completivos e elucidativos e, até, o próprio sujeito de uma proposição nem sempre se podem expressar por meio de simples vocábulos e combinações de vocábulos ou locuções. Faz-se mister muitas vezes desenvolvê-los de modo que venham a ter a forma de novas proposições. Estas, atendendo ao papel que desempenham, passam a chamar-se secundárias, dependentes ou subordinadas, denominando-se oração principal aquela que contém o predicado denotador do fato que mais importa comunicar ao ouvinte. As orações principal e secundária ou secundárias, consideradas como um todo, constituem a oração composta.

1357. As subordinadas são orações substantivas se fazem as vezes de um substantivo, funcionando por exemplo como sujeito ou complemento; chamam-se orações adjetivas se têm o valor de determinante atributivo, e advérbias se modificam o sentido do verbo como os advérbios. Esta é divisão geral de caráter prático, mas convém notar que não é extremamente rigorosa; as advérbias, se bem abrangem as espécies tempo, lugar, modo e outras, como na divisão do advérbio, compreendem também algumas que não se enquadram nesta categoria léxica.

1358. A oração explícita do tipo expositivo, quer principal quer subordinada, caracteriza-se por ter, claro ou subentendido, um verbo em forma finita: "*Pediu-me que o procurasse*"; "*Nem ele nos visita, nem nós a ele*". Chamaremos orações implícitas aos dizeres em que se exprime o fato por uma forma verbal infinita (infinitivo, gerúndio ou particípio do pretérito), sendo esta forma usada como equivalente de alguma oração explícita subordinada, e podendo facilmente desdobrar-se em tal oração: "*Chovendo [= se chover], não sairei*"; "*Estuda a fim de saber [a fim de que saiba]*".

1359. Na oração composta podem ocorrer duas ou mais orações secundárias, quer de categorias diferentes, quer da mesma categoria. E neste último caso podem ser paralelas e exercer a mesma função; do mesmo modo que dous ou mais adjetivos se referem a um só nome, dous ou mais substantivos representam o sujeito ou o objeto. A relação existente entre tais proposições secundárias paralelas é expressa por uma conjunção coordenativa. São proposições secundárias coordenadas entre si, embora subordinadas igualmente à mesma principal.

1360. Outra possibilidade de construção é aquela em que, além da principal e respectiva secundária, ocorre, dependente desta última, uma segunda subordinada. Será proposição secundária de 2.º grau, como nestes exemplos: "*Disse-lhe que não sabia quem era tal homem*"; "*Será readmitido se provar que está inocente*", etc.

1361. Aos termos "coordenação" e "subordinação" prefere a lingüística moderna as expressões parataxe e hipotaxe. Será conveniente que o estudante de sintaxe se familiarize com estes dous vocábulos e conheça alguns fatos que não se costumam mencionar em compêndios.

1362. Na linguagem primitiva empregavam os homens proposições umas após outras, que tinham tôdas a forma de orações principais. O discurso tinha feição paratática. Nesta série de proposições havia com certeza umas que eram subordinadas a outras, que as completavam, que as determinavam. Percebia-se a diferença pelo sentido, não pela forma. Criando-se porém conjunções apropriadas, ou antes adaptando-se a esta função vocábulos de outra categoria (cf. capítulo das conjunções), pôde-se por meio da linguagem estabelecer as variedades da parataxe e diferenciar esta da hipotaxe. Da evolução do pronome demonstrativo anafórico para pronome relativo nasceu a oração subordinada a que chamamos adjetiva ou relativa.

1363. Dá-se parataxe quando a uma proposição inicial se acrescenta proposição copulativa, adversativa ou disjuntiva, que se reconhecem ou pela presença de partícula característica ou pelo sentido (construção assindética). Dá-se ainda o mesmo fenômeno se a segunda oração é causal, e se usa, sem conjunção ou com a partícula *porque*, tendo esta o sentido do francês *car*, inglês *for*, alemão *denn*; quer isto dizer, a proposição causal constituirá um pensamento à parte, podendo haver uma pausa forte entre ela e a proposição inicial. Se porém existe união mais íntima, e *porque* corresponde a francês *parce que*, inglês *because*, alemão *weil*, a oração causal figura como subordinada.

1364. Seguindo-se à sentença inicial uma proposição que tenha por fim exprimir o efeito, a consequência (conclusiva, consecutiva), haverá parataxe se a construção for assindética ou se se empregar como conjunção *logo*, *portanto*, *por conseguinte*, *por consequência*, ou se se usar *de modo que*, *de maneira que*, *de sorte que*, estando completo o sentido da primeira oração. Será evidentemente caso de hipotaxe a combinação por meio dos mesmos dizeres *de modo que*, *de sorte que*, etc., quando sem a segunda oração ficar suspenso ou alterado o sentido da sentença inicial. Confrontem-se: "*As duas nações chegaram afinal a um acôrdo; de modo que estamos livres do perigo da guerra*". "*Não proferiu a sentença de modo que contentasse a todos*".

1365. Por estas considerações e pelo estudo que na *Lexicologia* fizemos do sentido e origem das partículas conjuncionais, vê-se que nem sempre se manifesta bem clara ao analista a diferença entre parataxe ou coordenação e hipotaxe ou subordinação.

INTERROGAÇÃO INDIRETA

1366. Inconfundível com a sentença expositiva, de que se utiliza o indivíduo falante para transmitir seus pensamentos a outrem, é a frase que ele lhe dirige sob a forma de pergunta, quer proferida isoladamente, quer em meio de um discurso. Percebe-a o ouvinte logo pela tonalidade mais alta que, em frase de certa extensão, costuma ser mais notória no fim, ao contrário das frases expositivas, as quais em geral terminam por uma nota mais grave. Confrontem-se: “*Chove*”. “*Chove?*” “*Ficarás*”. “*Ficarás?*” “*Perdeste um grande amigo*”. “*Perdeste um grande amigo?*” Também se assinalam pela elevação de voz certos termos interrogativos com que se pode iniciar a pergunta.

1367. Da interrogação direta difere a interrogação indireta, que se exprime por meio de oração composta com a tonalidade habitual da linguagem expositiva, constituindo-se a oração principal com um verbo denotador de desconhecimento ou desejo de ser informado, e enunciando-se sob a forma de subordinada, iniciada por partícula dubitativa ou expressão interrogativa, aquilo sobre quê se deseja ter informação ou conhecimento: “*Não sei se ficarás*”; “*Diga-me se ele está em casa*”; “*Quisera saber onde anda, quando virá e porque se demora*”, etc.

1368. Caiu em desuso a construção antiga segundo a qual a *perguntar* e a *dizer* com a acepção de “perguntar” se seguia a conjunção *que*, mencionando-se depois a subordinada iniciada por expressão interrogativa:

Não teve em conta *dizendo que pera que* era aquilo bõ, *que porque* lhe não mandava ezarlata, que isso era o que queria (Castanheda 1, 6) — Disse... *que porque* não desembarcava ho governador (ib. 4, 13) — Perguntou-lhe... *que como* trazia armas...? (Barros, *Déc.* 2, 10, 5) — Martim Affonso ficou muito enfadado, *dizendo-lhe que com que* se havia de resgatar se estava alli perdido como elle via? (Couto, *Déc.* 4, 4, 10).

1369. O mesmo processo se observava também depois de *responder*, *replicar*, quando a resposta consistia em nova pergunta:

Replicaram-lhe, que porque não queria o jazigo onde estava o duque com seu marido? (Bernardes, *N. Flor.* 2, 304) — O Senhor *respondeo* a isto *que para que* lhe perguntava isto (Tomé de Jesus 2, 40).

LINGUAGEM AFETIVA

1370. Do tipo da linguagem comum com que se traduzem fatos próprios do domínio da inteligência, e em que só se manifesta o intuito de informar ou o desejo de ser informado, diversificam as orações exclamativas e as exclamações em geral. Ditadas pelo sentimento e por certos estados particulares da alma, pronunciam-se com intonação própria, sobressaindo por esta forma no meio da linguagem quotidiana.

1371. Levados em conta estes elementos novos, a oração exclamativa pode, em tudo o mais, ser constituída como a oração expositiva explícita. Na escrita assinala-se a diferença pelo ponto de exclamação. Comparem-se: “*Chove*”. “*Chove!*” “*Caiu o ministério*”. “*Caiu o ministério!*” Num caso narra-se o fato; noutra revela-se a surpresa. As vèzes a exclamação tem caráter irônico: “*Boa está essa!*” “*Essa é boa!*” “*É boa teima!*” “*Bem aviado estou eu!*” “*Bom sobrinho tem ele!*”

1372. Não é contudo a oração completa, exarada com todos os seus termos, a forma em que sempre se revestem os dizeres exclamativos. Sendo rápidas as explosões de sentimento, nada mais natural do que o procurar externá-las em poucas palavras e em tempo rápido. Daqui procede a predileção pelas frases breves e orações abreviadas ou reduzidas aos conceitos essenciais:

Da etherea gavea hum marinheiro, pronto co'a vista: *Terra! terra!* brada (Camões, *Lus.* 5, 24) — Eis as lanças e espadas retiniam por cima dos arnezes. *Bravo estrago!* (ib. 3, 113) — Nenhum commettimento alto e nefando... deixa intentado a humana geração. *Misera sorte, estranha condição!* (ib. 4, 104) — Tu, Hermengarda, *recordares-te? Mentira!*... (Herculano, *Eur.* 46) — *Christo e avante!* bradaram os godos; e os esquadrões de Ruderico precipitaram-se ao encontro dos mosselemanos (ib. 99) — E um velho ostiario viera cahir de bruços sobre as lageas do pavimento, soltando o grito doloroso que por tantos milhares de bocas diariamente se repetia: *os arabes!* (ib. 136) — *Prestes!* chamae-os aqui; Abdulaziz deve ter chegado. *Que venha!*... *Que venha salvá-los!* (ib. 158) — *De pé,* cavalleiros! *Aos infieis,* em nome de Christó (ib. 180) — Meu Deus, *o cavalleiro negro!* (ib. 184).

1373. Certas frases de linguagem familiar, enunciadas a princípio por extenso, ficaram reduzidas pelo uso continuado a fórmulas cristalizadas, aparentemente inanalísáveis, que em determinadas ocasiões todos repetem sempre da mesma maneira sem que alguém cogite em reconstituir as frases com seus elementos primitivos. Tais são os dizeres “*Boas!*” “*Ora essa!*” “*Pois não!*” “*Pois sim!*” que podem significar

muita cousa; e no "Viva!" com que damos expansão ao entusiasmo sentido por alguma pessoa, já não nos acode ser este o verbo ou predicado restante de uma oração optativa. Nem se nos dá disso, pois não hesitamos em dar também vivas aos irremediavelmente mortos. Por outra parte, "Oxalá", acomodamento do árabe *en shá allah* ("se Deus quiser", "assim Deus queira") à pronúncia portuguesa, continua a usar-se como expressão de desejo, embora se tenha apagado a consciência da origem islâmica dessa exclamação.

1374. Quanto às interjeições *ai! ah! oh!*, etc., é evidente que elas devem ser encaradas por dous aspectos. Se são apenas gritos involuntários que nos faz soltar à dor, a raiva, o susto, o pasmo, o nojo, a alegria, o riso, etc., ficam necessariamente aquém do domínio da linguagem. Se os mesmos gritos são utilizados de propósito para impressionar melhor o indivíduo ouvinte e provocar nêle a sensação que tais gritos costumam provocar, o papel das interjeições será como o das proposições.

1375. Pôsto que nem sempre se possa traçar rigorosa linha de fronteira entre as duas maneiras de considerar a interjeição, há todavia casos bastantes que não deixam lugar a dúvida alguma. Para lamentar a desgraça presente ou futura de alguém, basta, por exemplo, ante-*por ai de* a um nome ou pronome. É linguagem inteligível, satisfaz ao fim que se quer e vale tanto como uma oração:

Ai de vós, escribas e phariseus hypocritas... levareis um juizo mais rigoroso (S. Mateus 23, 14) — *Ai de ti* Corazain, *ao de ti* Bethsaida... haverá menos rigor para Tyro e Sidonia que para vós outros, no dia de juizo (ib. 11, 21-22) — *Ai de mim!* Logo se me enxugaram as lagrimas, porque eram de consolação, e essa lembrança as estancou! (Herculano, Eur. 43).

1376. É certo que expressões do gênero de *ai de ti*, *ai de vós* não são analisáveis e decomponíveis nos elementos sujeito e predicado. Mas é preciso notar que a *conditio sine qua non* da proposição não é a analisabilidade, é antes a circunstância de se exprimir com uma combinação de palavras (ou uma simples palavra) um pensamento ou sentimento. Ora, succede que as referidas formas exclamativas dizem uma e outra cousa; dão a conhecer um juízo desfavorável a respeito da sorte de alguém e ao mesmo tempo o sentimento de pesar que tal pensamento produz no indivíduo falante.

1377. Digno de exame é o modo fácil com que o homem se utiliza das vozes ou gritos que involuntariamente costuma pronunciar em certos momentos e, moderando-lhes a tonalidade, os incorpora refletidamente nos seus discursos, a fim de obter efeitos de expressão que não conseguiria com os sós recursos da linguagem comum. Sirva de exemplo a mesma interjeição *ai*, usada não somente como nos casos há pouco referidos, mas ainda em acepção que poderíamos chamar *translata*; isto é, quando não existe propriamente aflição ou dor, porém apenas

uma aflição simulada, ou melhor, mera contrariedade que convém manifestar.

Ai os meus craveiros de Manjerona! — *Ai* os meus olhos de alecrim (Antônio José, Alecr. 37) — *Ai* que me ensopou! Que mal lhe fiz eu? (ib. 38) — *Ai*, que a moça me fala por equívocos (ib. 45) — Mas *ai* que me apagaram a vela com um assoprol (ib. 55) — *Ai* sobrinha sem ventura! (ib. 14) — *Ai*, que me afogo, Senhor! (ib. 51).

1378. Repare-se, além disso, no vocábulo *ai*, usado como substantivo sinônimo de "dor" e "grito de dor", por onde se vê que uma voz originariamente pertencente ao domínio afetivo pode muito bem penetrar na linguagem intelectual e aí fazer o mesmo ofício que qualquer outro nome de cousa. *Ai* também se usa como exclamação de alegria, mas com esta significação não é susceptível de converter-se em nome apelativo.

1379. De tôdas as exclamações nenhuma se apresenta com uso tão freqüente e sentido tão variado como a interjeição *oh*. Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ela denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade, etc., ou servirá simplesmente para chamar a atenção de alguém para aquilo que se pretende dizer. Usa-se, sem que seja obrigatório o seu emprêgo, antes dos vocativos e antes das frases já de per si exclamativas iniciadas por *quanto*, *que*, *quão*, *como*, etc. Serve de refôrço. Comparem-se as seguintes exclamações:

Oh! que cea já tão cara! (Antônio Prestes 198) — *Oh! como* isso é bom! (ib. 377) — *Como* é galantinho! *Que lindo* que está! (ib. 85). — *Que alegria!* (ib. 99) — *Que má rua...!* (Gil Vicente 320) — *Oh que joias* esmaltadas, *oh que boninas* dos ceos, *oh que rosas* perfumadas! (ib. 3, 90) — *Oh que maldita molher!* (ib. 3, 98) — *Que galante!* *Que rosa!* *Que diamante!* *Que preciosa perla* final! (ib. 3, 65) — *Quam doce* he o louvor, e a justa gloria dos proprios feitos, quando são soados! (Camões, Lus. 5, 92) — *Oh que famintos beijos* na florestal *E que mimoso choro*, que soava! *Que afagos* tão suaves! *Que ira honesta...!* (ib. 9, 83) — *Quantos rostos* ali se vem sem cor... (ib. 4, 29) — *Quantos montes* então que derribaram as ondas que batiam denodadas! (ib. 6, 79).

1380. No tocante ao vocativo, não se pode, com o pressuposto creado pela definição tradicional da proposição, dizer qual seja o seu verdadeiro lugar no discurso. Certo é que não temos o direito de colocá-lo no mesmo plano inferior em que andam as interjeições quando não passam de meros gritos involuntários. Deve-se antes considerar que o vocativo figura em tôdas as línguas, e em tôdas elas é um meio de expressão imprescindível, pois que o homem para se comunicar com seus semelhantes busca primeiro despertar-lhes a atenção e a cada passo sente a necessidade de os chamar pelo nome. É tão consciente a linguagem do vocativo como a do verbo no imperativo, e ambas dimanam do mesmo fundo psíquico. Além disso, parece desarrazoado reconhecer no latim *serve* o caso vocativo de *servus*, isto é, afirmar que é um substantivo com certa forma flexional, e depois repudiar o dito substantivo

e negar-lhe qualquer função entre as unidades oracionais ou elementos constitutivos do discurso. O defeito está, repito, na maneira estreita de entender o que seja a proposição, segundo a qual só se contempla a linguagem intelectual com os termos sujeito e predicado, evidentes ou supríveis pelo senso ou pela imaginação. Para quem está prêso a tal critério, necessariamente hão de exorbitar do discurso regular os vocativos e muita outra cousa própria da linguagem afetiva.

1381. Sendo diferente a nossa maneira de ver, parece-nos que o vocativo, conquanto seja indecomponível em sujeito e predicado, tem, pelo tom em que é proferido, o valor de um verbo no imperativo com a significação de "ouvir" ou "prestar atenção", mas ao mesmo tempo se limita a pôr em relêvo, por símbolos fonéticos, somente o nome da pessoa a quem o discurso se dirige, ou o equivalente dêsse nome (substantivo ou pronome).

1382. Como o nome ou pronome nas sentenças de caráter expositivo ou narrativo, assim pode o vocativo achar-se acompanhado de termos que lhe seryem de atributo, expressos por simples vocábulos ou locuções ou desenvolvidos em orações subordinadas. Quer isto dizer que o vocativo, pertencente embora à linguagem afetiva, pode trazer em sua dependência dizeres próprios da linguagem intelectual que satisfazem a todos os requisitos da análise oracional, constituindo portanto uma oração subordinada. Ora, como tôda a sentença dêste gênero pressupõe sempre uma oração principal ou um termo de oração principal como elemento subordinante, claro está que no caso de se achar uma sentença na dependência do vocativo, cabe a êste a função ou de oração principal ou de elemento da oração principal. Entre os sobejos exemplos literários em que êstes fatos se verificam basta recordar os seguintes:

Oh tu, que tens de humano o gesto e o peito... a estas creancinhas tem respeito (Camões, *Lus.* 3, 127) — E vós também, oh terras transtaganas, afamadas co dom da flava Ceres, obedeceis ás forças mais que humanas (*ib.* 3, 62) — Oh tu, a cujos reinos e coroa grande parte do mundo está guardada, nós outros, cuja fama tanto voa,... te avisamos que he tempo que já mandes a receber de nós tributos grandes (*ib.* 4, 73) — Divina guarda, angelica, celeste, que os ceos, o mar e terra senhoreas! Tu que a todo Israel refugio deste por metade das aguas Eritreas... Porque somos de ti desemparados...? (*ib.* 6, 81-82).

CONCORDÂNCIA EM GERAL

1383. Consiste a concordância em dar a certas palavras flexionáveis as formas de gênero, número ou pessoa correspondentes à palavra a que no discurso se referem. É prática decorrente da própria flexiologia. Desde que de um vocábulo se oferecem várias formas à escolha, e o dito vocábulo vem determinar, esclarecer ou informar alguma cousa a respeito de outro, escolheremos naturalmente aquela forma que se harmonizar com estoutro termo.

1384. A concordância não é, como parecerá à primeira vista, uma necessidade imperiosamente ditada pela lógica. Repetir num termo determinante ou informativo o gênero, número ou pessoa já marcados no termo determinado ou de que se fala, é antes uma redundância. Daqui vem o desaparecimento da flexão (e portanto da concordância) do adjetivo predicativo em alemão e do adjetivo, quer predicativo, quer atributivo, em inglês. O sistema de sufixos de pessoa, tão desenvolvido no verbo das antigas línguas sintéticas, e que caracterizava a concordância do verbo com o sujeito, perdeu o seu valor em muitas línguas modernas, bastando nestas mencionar-se o pronome sujeito. No imperfeito do verbo inglês perdura a concordância para a 2.^a pessoa do singular. Para as demais pessoas do mesmo tempo, a regra que manda concordar o verbo com o sujeito é mera ficção; diz-se *loved*, indiferentemente para *I, he, we, you e they*. Em nosso idioma, pôsto que digamos *um, uma, dous, duas, duzentos, duzentas*, etc., ninguém repara na falta de análoga variação de gênero para os quantitativos *três, quatro, cinco*, etc. Os qualificativos em *-e* não são menos adjetivos que os que acabam em *-o*; mas a regra de concordância só os atinge quanto ao número, singular ou plural, e não acode a ninguém a lembrança de que se deveria distinguir formalmente *homem pobre e mulher pobre* do mesmo modo que se diferencia *homem rico e mulher rica*. Escolhemos de entre as variações de *pouco* aquela que convém ao gênero e número do nome a que se refere; e não sentimos o mínimo embaraço em aplicar o comparativo *menos*, forma única, tanto a nome masculino como a feminino, a singular como a plural.

1385. Nos casos mais elementares empregamos em português instintivamente a forma variável mais adequada. Os determinantes tomam o gênero e número da palavra determinada (substantivo ou pronome), quer se usem atributiva, quer predicativamente. O verbo, variável em número e pessoa, se empregará com a terminação que se harmonizar com o respectivo sujeito. Havendo, associados, dous ou mais nomes,

porém todos do mesmo gênero e número, pedirão naturalmente a forma do plural, tanto para o determinante, como para o verbo a que servirem de sujeito.

1386. A dificuldade da escolha começa quando a forma variável se tem de aplicar a termos associados, mas de diferente gênero, número ou pessoa. Nestas condições estabeleceu a tradição as seguintes regras fundamentais. A palavra determinante se usa:

a) no masculino, se as palavras determinadas forem uma do gênero masculino, a outra do gênero feminino;

b) no plural, se concorrer uma palavra determinada deste número com outra do número singular.

1387. O verbo irá:

a) para o plural, se os sujeitos forem de número diferente;

b) para a 1.^a do plural, se entre os sujeitos se incluir a 1.^a pessoa;

c) para a 2.^a do plural, se entre os sujeitos estiver incluída a 2.^a pessoa e não figurar a 1.^a.

1388. Estas regras dão idéia da prática da concordância em traços muito gerais. Não se aplicam a todos os casos, e, quando aproveitáveis, não podem ter a pretensão de valerem sempre com o rigor próprio das fórmulas matemáticas. Teremos de fazer, portanto, o estudo dos casos particulares mais importantes. Notaremos para alguns deles não uma, mas duas concordâncias que se contrariam, e que se justificam em épocas sucessivas.

1389. Primeiro que entremos neste estudo, convém explicar o sentido do termo sínese de que freqüentemente nos utilizamos. De ordinário, quando se diz que certo termo deve concordar com outro, tem-se em vista a forma gramatical deste termo de referência. *Dúzia, povo*, embora exprimam pluralidade e multidão de seres, consideram-se, por causa da forma, como nomes no singular. Há contudo condições em que se despreza o critério da forma e, atendendo apenas à idéia representada pela palavra, se faz a concordância com aquilo que se tem em mente. À frase assim constituída e que, analisada segundo os meios de expressão, parece incongruente, dão os gramáticos os nomes de *constructio ad sensum* ou, helenizando a parte explicativa, *constructio kata synesin*, ou, abreviando, simplesmente *synesis* (em português *sínese*). Consiste portanto a sínese em fazer a concordância de uma palavra não diretamente com outra palavra, mas com a idéia que esta sugere.

CASOS PARTICULARES DE CONCORDÂNCIA

1390. Nas construções, usadas mais em português quinhentista e seiscentista do que em português hodierno, nas quais o artigo, adjetivo, pronome adjunto ou quantitativo sendo comum a dous ou mais substantivos, não vem expresso senão antes do primeiro substantivo, a concordância se faz somente com este:

Tanto mar e terras (Camões, *Lus.* 2, 76) — Em *nenhum porto ou praia* (*ib.* 2, 83) — Com *tanta miseria e adversidade* (*ib.* 2, 104) — Da terra tua o *clima e região* (*ib.* 2, 109) — *Vosso preço e obras* (*ib.* 2, 86) — *Cuja valia e obras* (*ib.* 1, 38) — *A forma e gesto* (*ib.* 2, 86) — Assi mereça *eterno nome e gloria* (*ib.* 2, 52) — Ao outro dia *polla menhá...* se despedio *daquelle pay e mãy*, que tanto tempo o criaram (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 190) — Assi passaram *todo aquelle dia e noite* sem repousar *nenhū espaço* (*ib.* 1, 460) — *Deste Henrico e Therasia nasceo* Affonso Henriques (Arrais 287) — *Andaram todo aquelle dia e noite* a misericordia dos ventos (Freire de Andrade 218).

1391. O substantivo precedido de *um e outro*, *um ou outro*, *nem um nem outro* se diz geralmente no singular, não obstante se referirem tais locuções a mais de um ser: *uma e outra cousa*, *um e outro lugar*, *uma ou outra vez*, *um ou outro elemento*, *nem uma nem outra cousa*, *nem um nem outro filho*, etc. Está em contradição com esta regra o seguinte passo de Frei Luís de Sousa:

Não erão bem despedidos de *hum e outro Arcebispos* quando o convento se encheo de alto abayxo da melhor gente da villa (*Arceb.* 2, 174).

1392. Servindo de sujeito a locução *um e outro* com substantivo no singular, claro ou subentendido, o respectivo verbo, enunciado depois do sujeito, usa-se ora no singular ora no plural. Damos preferência ao plural quando os seres a que se refere *um e outro* se nos representam no espírito como indivíduos ou entidades perfeitamente distintas:

Hum e outro fizeram seus protestos e requerimentos (Couto, *Déc.* 4, 3, 6) — *Hũ e outro amor* não só *calificou*, mas *igualou* seus quilates (Vieira, *Serm.* 7, 47) — *Hũa e outra declaração juntas declaram* maravilhosamente a virtude da remora (*ib.* 2, 319, 320) — *Huma e outra cousa lhe desagrada* (Bernardes, *N. Flor.* 2, 251) — *Huma e outra Majestade acceitaram e receberam* o novo e sobrenatural parentesco (Vieira, *Serm.* 11 App. 14). — Vede a differença com que *hũ e outro ouviram* *hũ non licet* (*ib.* 7, 55) — *Seguiu-se d'ahi que hum e outro começaram* a ter guerras entre si (*ib.* 7, 489) — *Hũ e outro inimigo continuaram* em rezar o rosario (*ib.* 9, 194) — De repente, *um e outro desappareceram* como se a terra os houvera engulido (Herculano, *M. de C.* 1, 44) — *Hum e outro tiverão* a fortuna de o elegerem por mestre (Arg., *S. Caet.* 60).

1393. Com o verbo *ser* é mais freqüente o emprêgo do singular:

Huma e outra apprehensam foy vehemente: *huma e outra imaginação foy* causa (Vieira, *Serm.* 8, 124) — *Huma e outra doutrina he* de Salomão (Bernardes, *N. Flor.* 1, 268).

1394. Todavia para designar cousas diferentes:

Supposto que *huma e outra* [Igreja] *sejam* a mesma na Fé, sacramento e dogmas (Bernardes, *N. Flor.* 4, 395) — *Hum e outro lugar eram* os mais altos (Vieira, *Serm.* 5, 211).

1395. Sendo o sujeito expresso pela negativa *nem um, nem outro*, o verbo usa-se no singular:

Affirma-se que *nem um nem outro* falou verdade (Sousa, *D. João III* 75) — *Nem hũa nem outra diligencia se* poude fazer (Bernardes, *N. Flor.* 1, 141) — *Nem huma nem outra cousa* he necessaria (*ib.* 1, 281).

1396. Quando uma série de sujeitos separados entre si pela partícula *nem* termina por um dos pronomes indefinidos *alguém, outrem, ninguém* ou *algum, outro, nenhum* referidos ao substantivo *homem*, o verbo a enunciar-se em seguida toma a forma da 3.^a pessoa do singular de acôrdo com o último têrmo da série, desprezando-se os anteriores:

Nem eu, nem ninguém tem annos nem dias (Heitor Pinto 1, 23) — Os astrologos tratam do porvir, de que *elles nem ninguém* sabe pouco nem muito (Sá de Miranda 2, 117) — Sem *ella nem outrem* o conhecer delle (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 137) — Seu proprio nome he Deserto; *pay nem eu* nem *outro* o conhece (*ib.* 1, 267) — Até ver como vós, padre, provais que *nem vós, nem homem algũ está* (Heitor Pinto 1, 5) — He cousa verdadeiramente admiravel que *nem Moysés, nem algum outro* o pudera cuidar ou imaginar (Vieira, *Serm.* 14, 103) — Não era necessario que *elle nem outro* o dissesse (*ib.* 14, 144) — Com que *nem ellas nem outrem* se podia ver (*ib.* 11, 308) — Espero em Deus que *nem elles nem outrem* ha de possuir nada dellas (Vieira, *C.* 1, 52) — Era este canto doloroso e tetrico... que elle derramava em torrentes de amargura ou de fel sobre pergaminhos que *nem o ostiario nem ninguém* tinha visto (Herculano, *Eur.* 19) — Desde esse momento, de balde o duque de Cantabria o buscou: *nem elle, nem ninguém* mais o viu (*ib.* 302).

1397. O têrmo final da série de sujeitos pode enunciar-se também por um nome cuja significação abrange todos ou algum dos sujeitos anteriores e que vem combinado com qualquer dos indefinidos *algum, outro, nenhum, todo*. O verbo após êstes sujeitos costuma-se pôr no singular:

Nem cão, nem gato, nem adibe, nem outro bicho do mato *chegou* a pôr-lhe boca (Sousa, *D. J. III* 296) — Estou certo que *nem a morte, nem a vida, nem os Anjos, nem os Principados e Potestades, nem o presente, nem o futuro, nem tudo o que he forte no mundo, nem o mais alto, nem o mais profundo, nem alguma outra creatura* nos poderá separar da Charidade de Deus (Vieira, *Serm.* 8, 77) — *Nem elle nem outro escritor sagrado* escreveu as obras da conservação (*ib.* 1, 718).

1398. Se a série negativa termina por *algum dos...*, *nenhum dos...*, *algum dos outros...*, *nenhum dos outros...*, o verbo toma a forma do plural, ou a do singular:

Ele nem nenhũ dos outros não quizerão (Castanheda 3, 69) — E todavia *nem elle nem algum dos seus* chegaram a viver mais de hum anno (Bernardes, *N. Flor.* 4, 437) — *Nem Lucas, nem algum dos outros Evangelistas* dizem expressamente quando o diabo tornasse a tentar a Christo (Vieira, *Serm.* 2, 73) — E comtudo *nem o mesmo Adam nem algum de seus descendentes* chamou nunca tal nome a Eva (*ib.* 14, 44).

1399. Irá o verbo para a 1.^a ou a 2.^a do plural se entre os sujeitos houver algum dos pronomes *eu, nós* ou *tu, vós*:

Tu, nem algum dos homens não me *podeys* dar mais (Bernardes, *L. e C.* 384).

1400. Sendo a série de sujeitos, cuja ação se nega, constituída por substantivos referentes a sêres animados e pronomes da 1.^a ou 2.^a pessoa, ou por êstes pronomes sòmente, a presença de *eu* ou *nós* exigirá o verbo na 1.^a do plural; a de *tu* ou *vós* (faltando pronome de 1.^a pessoa) exigirá o verbo na 2.^a do plural:

Nem minha irmã, nem eu... estamos faltas de juizo (Bernardes, *N. Flor.* 1, 189) — Pois *vos nã elle* não *perdeys* nisso nada (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 267) — Tambem *vos* cabe aqui ficardes mãi do perturbador, do falsario, que *vós nem elles ereis* nem *sois* (Tomé de Jesus 2, 59) — E posto que *vós, nem vossos filhos* entrasseis naquelle sagrado (Vieira, *Serm.* 3, 73).

1401. Filinto Elísio seguiu esta regra em:

Nem eu, nem vós *commetemos* imprudencia alguma (20, 265) — *Nem eu, nem vós* *escapariamos* á sua vingança (20, 275).

1402. Desprezou-a contudo neste passo:

E mais ha no tal culto varias palavras que *nem eu nem ellas* *entendiam* (3, 219).

1403. No seguinte trecho de Antônio Vieira, em que um sujeito é ser animado, o outro é ente inanimado, o orador, conservando o verbo no singular, como que evita somar cousas heterogêneas:

Sim, respondeo intrepidamente o piloto; porque o padre Francisco Xavier me prometeo, que *nem eu, nem embarcação* que governasse, *havia* de perecer no mar (*Serm.* 8, 224).

1404. Se todos os sujeitos precedidos de *nem* forem expressos por substantivos no singular, o verbo comum a êles costuma-se dizer no plural:

Nem o manipulo da contrição, *nem o cingulo* da castidade, *nem a alva* da graça justificante *vestem* a sua alma (Bernardes, *N. Flor.* 4, 126) — *Nem Joseph, nem Policarpo* disseram (*ib.* 2, 174) — *Nem Abrahão nem Jacob* os conheceram (Vieira, *Serm.* 9, 53) — *Nem um movimento nem uma palavra* tinham interrompido a atenção geral (Herculano, *M. de C.* 1, 222) — *Nem a resigna-*

ção nem o consolo são possíveis para ti neste momento (ib. 2, 203) — Eis o que nem Fr. Amaro, nem Fr. Sueiro, nem o meditativo Fr. Julião compreendiam (ib. 2, 300) — João das Regras associou-se á execução do plano do monge... predispondo todavia as cousas de modo que nem João Affonso nem o Arcebispo viessem nunca a suspeitar (ib. 2, 332) — Alguma cousa que fazia lembrar um desses archanjos malditos, expulsos do céu quando ainda não existiam nem o espaço nem o tempo (ib. 2, 314).

1405. Casos há todavia em que se prefere empregar o verbo no singular:

Onde *nem a palavra nem a significação se estranha (Vieira, Serm. 7, 85) — Decreto seu, em que prohibia que nenhum homem, nem mulher pudesse entrar á sua presença (ib. 11, 24) — Nem a lisonja, nem a razão, nem o exemplo, nem a esperança bastava a lhe moderar as ancias nem as vozes (Vieira, Serm. 1, 324).*

1406. Se entre os sujeitos ligados pela conjunção *e* se achar o pronome *eu* ou *nós*, o verbo se usará na 1.^a pessoa do plural. Ocorrendo entre os ditos sujeitos o pronome *tu* ou *vós*, e não havendo nenhum da 1.^a pessoa, o verbo irá por via de regra na 2.^a pessoa do plural:

Acordo que *eu e estes fidalgos ouvemos (Fernão Lopes, D. J. 22) — Fallemos tu e eu (Gil Vicente 3, 270) — Escreverey tudo isto pera que tu e elles o leais (Heitor Pinto 1, 477) — As quaes elle e eu beijaremos (Barros, Clar. 1, 73).*

1407. Algumas vêzes porém, avultando o sujeito mais próximo do verbo como conceito precípua na mente do indivíduo que fala, concordará o verbo com o dito sujeito desrespeitando-se a regra precedente:

Senhor, vos sabees bem como eu som criado del Rei dom Fernando... e a homrra e acreçentamento que em mim fez, por a quall cousa *eu e quaesquer* criados que seus sejam, *se deviam* doer muito de sua desomrra e vingalla per hu quer que podessem (Fernão Lopes, D. J. 10) — Das cavas para fora nam saya se nam hũ e hũ, que não sendo assi poderiã sahir tantos, que *eu e os que me vẽ correriã* risco (Francisco de Moraes, Palm. 3, 327) — Desejo que *tu e quantos me ouvem se tornem* taes qual eu sou (Arrais 464) — E é tão grande a differença... que *vós e todos aquelles de que eu então me servir*, não só *hã de fazer* o que eu faria, senão maiores obras ainda (Vieira, Serm. 3, 33) — Assim tambem se sirva [a Virgem Maria] de te visitar a ti, e ao fruto do teu ventre, para que *tu que és a arvore, e o fruto que deres, sejam* para alegria dos Anjos, e gloria de Christo bemdito (Arg., S. Caet. 320) — *Tu e os outros velhaços* da tua laia lhe estorroaram na cara lixo e terra (Herculano, M. de C. 1, 153) — Se são embusteiros os que nos guiam para a vida eterna, que *serás tu, e os teus*, que meteis a pique as almas no Inferno? (Bernardes, N. Flor. 2, 77).

1408. No seguinte exemplo teve o autor em mente a pluralidade "cousas", "sêres", e neste sentido fêz a concordância:

Sei, amigo, que só *tu* neste mísero universo — *e o sepulcro* tambem — alfim me *restam* (Garrett, Cam. 180).

1409. Ligando-se a um sujeito no singular outro no singular ou no plural, e empregando-se para êste efeito, em lugar da conjunção copu-

lativa *e*, a palavra *com*, a fim de tornar mais clara a participação simultânea e por igual dos diversos sujeitos no mesmo ato ou na mesma situação, o verbo que vier depois irá para o plural:

Ele com os outros nossos se viram... em perigo (Castanheda 1, 91) — Elrey lhe disse que ele com todos seus irmãos se fossem logo fora da cidade (ib. 3, 141) — Eu com outros 26 companheiros nos fomos para Malaca (Fernão Mendes Pinto 3, 182) — Finalmente Antonio Correa com toda sua gente se fizeram senhores daquella fortaleza (Barros, Déc. 3, 3, 5) — Chegaram a Çaragoça... onde elrei com a Rainha Dona Isabel sua molher entraram antes de comer, sem nenhuma festa (Damião de Góis, D. M. 33) — Dentro se recolheram o regedor da cidade com muitos naires (ib. 244) — Quando Christo Senhor nosso com seus discipulos foram convidados aquellas vodas (Vieira, Serm. 7, 298) — Eu com o Dobrão ficamos para outro dia (Francisco Manuel de Melo, Ap. Dial. 88) — O juiz da terra com os vereadores arrecadando e revolvendo as mallas do defunto encontraram alli com hum microscopio (Bernardes, N. Flor. 4, 305) — Alegrou-se o bispo, vendo os exuberantes frutos da Divina graça; elle com o seu clero catequizaram e bautizaram por muitas semanas a copiosa multidão (Bernardes, N. Flor. 4, 223) — O Santo com a Comunidade passaram a tomar posse do templo (Arg., S. Caet. 243).

1410. Serviu-se desta concordância o autor dOs Lusíadas no seguinte passo:

Mas ha-se de soffrer que o fado desse a tam poucos tamanho esforço e arte, que *eu co grão Macedonio e o Romano demos* lugar [= cedamos lugar] ao nome lusitano? (1, 75).

1411. Mas desde que *com* não podia ser substituído por *e*, punha o verbo no singular:

E propondo-lhe [Vênus às filhas de Nereu] a causa a que decco, *com todas* juntamente *se partia* (2, 19).

1412. Nos seguintes trechos recorrem os autores à concordância alternativa como o poderiam fazer se em lugar de *com* escrevessem *e*:

E *eu com estes trinta* que ficam iremos com a gente de pee detras vós (Zurara, Inéd. 3, 269) — Porem *eu cos pilotos*, na arenosa praia, por *vermos* em que parte *estou, me detenho* em tomar do sol a altura e compassar a universal pintura (Camões, Lus. 5, 26).

1413. Faz-se a concordância somente com o primeiro sujeito se o verbo se achar imediatamente depois dêle, isto é, pôsto entre o primeiro sujeito e os co-participantes, ou se o verbo se achar no começo da oração:

A *guia fogio coeles* (Castanheda 3, 151) — *Tu deves* de ir tambem *cos teus* armado esperal-o em cilada (Camões, Lus. 1, 80).

1414. Duvidosa é a concordância do verbo *ser*, denotando equivalência e usado entre dous substantivos de número diferente. À primeira vista parece que se deveria aferir a forma verbal pelo nome mencionado em primeiro lugar por ser êste lugar próprio do sujeito; porém nem sempre pode prevalecer tal critério, pois que a inversão, freqüente

em outras sentenças, também nos permite aqui imaginar o sujeito pôsto em último lugar, e devendo com êle concordar o verbo. Testificam a liberdade de concordância os seguintes passos:

E descendo ás Armas particulares dos Reyes que sabemos. *As do Emperador he hãa Aguia* preta de duas cabeças em campo de ouro (Rodrigues Lôbo, *C. na Ald.* 18) — *As insignias* de seu estado Real *he huma enxada* mui pequena com hum cabo de marfim, que traz na cinta (Barros, *Déc.* 1, 10, 1) — *O geral vestido* de todos são *pannos d'algodão*, que fazem na terra, e outros que lhes vem da India (ib.) — *A madeira principal* que alli havia pera este mister *eram mangues*, que se criam ao longo daquelles alagadiços (ib. 2, 10, 2) — *Todolos seus trabalhos he esgrima* floreada ao som de umas argolas miudas (ib. 1, 9, 3) — *A causa era as estacadas* com que tinham atravessado o rio (ib. 2, 7, 5) — *A vida* daquella cidade *era os mantimentos* que lhe vinham pelo mar (ib. 2, 9, 5) — *Os reynos, as monarchias e os futuros era a materia...* em que elle estava cuidando (Vieira, *Serm.* 8, 8) — *Asia são aquelles vastissimos e poderosos imperios*, onde reynaram os Ninos, as Semiramis, os Xerxes... *Asia são aquellas terras populosissimas* nas quaes... se edificaram as Ninives e Babylonias (ib. 8, 14) — Por ventura *Herodes he muytos reys: Herodes he muitos principes?* (ib. 5, 526) — *A caridade não he duas virtudes*, huma com que amamos a Deus, e outra com que amamos ao proximo (Bernardes, *N. Flor.* 4, 215) — *Huma cousa são as occupaçoens* do officio, e outra as da pessoa (ib. 4, 194) — Bem sabem os versados na Mythologia que *as fabulas da gentildade era a sua theologia*, cujos segredos querião os doutos occultar por este modo (ib. 4, 7).

1415. Sendo primeiro tẽrmo um nome no plural denotador de povo, os quinhentistas freqüentemente empregavam a forma *é* no singular concordando com o tẽrmo *gente* claro ou subentendido:

Naquella paragem de Melinde *os negros cafres* do sertão *he gente* muito bestial e fera (Barros, *Déc.* 2, 3, 2) — *Os povos* destas ilhas *he* de cor baça e cabello corredio (ib. 3, 5, 5) — Ptolomeo... conjectura que *os Hespanhoes he gente* bellicosa que se não deixa desprezar (Arrais 263).

1416. Dizem-se com o verbo no singular as locuções *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é menos de*, *é tanto* junto a especificação de preço, pêso, quantidade, medida:

Cinco mil livras é muito (Herculano, *M. de C.* 2, 52) — *Doze léguas é pouco* — *Vinte metros é mais do que preciso*, etc.

1417. Nas interrogações directas ou indirectas, começadas pelos pronomes interrogativos absolutos *quem*, *que*, *o que*, o verbo *ser* concorda sempre com o nome ou pronome que se lhe segue:

Quem são estes? Quem eram eles? — *Que são honras e glórias* para vós?

1418. Nas orações constituídas por um dos pronomes *tudo*, *isso*, *isto*, *aquilo*, o verbo *ser* e substantivo no plural, o verbo toma a forma do plural:

São isto ardijs da pobreza (Eufr. 61) — *São isto leis* da cidade infalíveis (Regat. 33) — *Isso são gados* perdidos (Gil Vicente 1, 358) — Eu acho no meu caderno *qu'isto são desaventuras* (ib. 1, 380) — *Tudo eram traças* do mesmo Amam (Vieira, *Serm.* 11, 25) — *Tudo são effeitos* da estimação dos

homens (ib. 5, 546) — Para os semeadores *isto são glorias* (ib. 1, 35) — *Tudo na casa eram prevenções* festivas (Bernardes, *N. Flor.* 2, 300) — *Tudo no mundo são sombras* que passam (Matias Aires, *Vaid.* 34) — *Aquillo não são vozes*, são ecos do coração (ib. 231) — Como *tudo eram armas* de fogo, obrava menos o valor que a contingência (Freire de Andrade 176) — *Isso foram conselhos* desta senhora (Antônio José, *Alecr.* 14) — *Aquillo são convulsões* (ib. 19) — *Tudo foram vãos*, por isso agora *tudo são penas* (Antônio José, *D. Quix.* 37).

1419. Empregando-se com o pronome *tudo* a inversão, isto é, começando-se pelo verbo *ser*, êste tomará a forma do plural, como em *eram tudo memórias de alegria* (Camões, *Lus.* 3, 121), mas pode também conservar-se no singular concordando com o pronome: *Tratemos do que cumpre e não seja tudo floreato se me nam quereis estilar* (Eufr. 19).

1420. Nos exemplos acima expostos, o pronome indefinido é o sujeito da oração, pois representa aquilo de que se quer comunicar alguma cousa ao indivíduo ouvinte. Não tem aí lugar o torcer a frase e o pensamento, a fim de dar, por amor à regularidade da gramática normativa, como sujeito o nome no plural enunciado espontaneamente por último. O sentimento de linguagem em tais casos é bem diferente daquele em que *tudo* é de fato predicado da oração, como nos exemplos seguintes:

O protestantismo convem por isso ao Reino Unido, onde os quatrocentos mil senhores do solo *são tudo*, e são nada quinze ou vinte milhões de servos de gleba e de mendigos (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 20) — Nós temos ouvido a alguns que na execução das leis as formas *são tudo* (ib. 1, 20) — Esta parede e esta janella *são tudo* o que resta dos antigos paços d'apar S. Martinho (ib. 1, 76).

1421. Nas orações construídas com o verbo *ser*, em que um tẽrmo é substantivo e o outro um pronome pessoal, o verbo concorda com o pronome pessoal:

O dono sou eu — *As ultimas fomos nós* — Nas minhas terras, *o rei sou eu* (Herculano, *M. de C.* 1, 229) — Todos os meus bens *sois vós* (Vieira, *Serm.* 11, 521).

1422. Achando-se associado ao pronome pessoal *eu* ou *tu* um pronome de 3.^a pessoa no plural, faz-se às vêzes a concordância do verbo *ser* com esta 3.^a pessoa: *Hoje os pregadores são eu e outros como eu* (Vieira, *Serm.* 1, 43).

1423. Sendo sujeito da oração um pronome relativo, o verbo concorda com o tẽrmo antecedente, sujeito ou objeto de outra oração:

Nós, que eramos cativos e pobres, com a pobreza e mendiguez ficamos ricos (Vieira, *Serm.* 2, 193) — *Eu que prego* aos peyxes, para que vejais quam feo, e abominavel he [o escândalo], quero que o vejais nos homens (ib. 2, 325) — *Assi és tu que jazes* nessa sepultura (ib. 1, 125) — *Tambem me culpava a mim, que vos fiz* companhia (Bernardes, *N. Flor.* 4, 18).

1424. Se o referido antecedente do pronome *que* fôr um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva usa-se geralmente na 3.^a pessoa. Com as formas *os, as* emprega-se todavia o verbo na 1.^a ou 2.^a pessoa do plural, querendo-se pôr em evidência a inclusão da pessoa que fala ou daquela ou daquelas a quem se dirige a palavra. Pode-se também interpretar esta concordância como sendo o demonstrativo o apôsto do pronome pessoal *nós* ou *vós*, subentendido. Cotejem-se os seguintes exemplos:

Os que vistes as mayores Cortes da Europa, verieis a authorityde com que saem em publico os Nuncios Apostolicos (Vieira, *Serm.* 8, 160) — Como pode ser que eu, e vós que o ouvis, e todos *os que vivemos*, sejamos já pô? (*ib.* 1, 92) — *Os que nascemos* homens respondemos tão mal ás obrigaçoens de nosso nascimento (*ib.* 2, 345) — Só resta fazer-vos hũa advertencia muyto necessaria para *os que viveis* nestes mares (*ib.* 2, 342) — *Vós os que deixastes* por mim tudo e me *seguistes*, sentar-vos-eis no dia do meu juizo sobre doze cadeiras (*ib.* 2, 361) — *Os mais velhos, que me ouvis e estais presentes*, bem vistes neste Estado... que os mayores, que cá foram mandados, em vez de governar e augmentar o mesmo Estado, o destruíram (*ib.* 2, 328) — Isso dizeis *vós outros...* *os que não herdastes* um nome antigo (Herculano, *M. de C.* 1, 30).

1425. Funcionando o antecedente do pronome *que*, não já como sujeito ou objeto, e sim como predicado do verbo *ser*, faz-se a concordância com o sujeito dêste verbo. Tal é o uso em português antigo, em linguagem quinhentista e seiscentista, e em parte também em português hodierno.

Eu ssom aquella que te punguo e faço nojo comtra tua vōtade (*Livro de Esofo* 24) — *Som...* *homem que sempre possuy* fazenda (Zurara, *Inéd.* 3, 26) — *Eu fui o ladrão que roubei* vossa gloria (Tomé de Jesus 2, 103) — Ganhey muyto em *ser ho primeiro Portugues* que na lingua *resuscitey*... *fuy* tambem *ho primeiro que mostrey* ho engano que muytos tinham (Castanheda 3, Pról.) — *Fuy ho primeiro Portugues que tomei* tão homrrada empresa, e *lhe dey* fim tanto a minha custa (*ib.* 7, Pról.) — *Fui eu o primeiro que brotei* este fruto (Barros, *Déc.* 1, Pról.) Não *sois vós o primeiro que a deixastes* por ouro (Rodrigues Lôbo, *C. na Ald.* 61) — *Eu sou aquelle* occulto e grande cabo... *que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo, Plinio, e quantos passaram, fui* notorio (Camões, *Lus.* 5, 50) — *Sois vós aquelle* que um dia... me *mandastes* camarinhas...? (Gil Vicente 3, 154) — *Eu fui aquelle que preguei* os primeiros annos do reynado de Vossa Majestade... *eu sou o mesmo que torno* a prégar hoje o fim dos mesmos annos (Vieira, *Serm.* 13, 2) — *Vós, Pedro, sois o valente que haviéis* de morrer por mim (*ib.* 2, 334) — *Eu sou o príncipe* dos exercitos de Deus, *que em seu nome venho* assistir e ajudar (*ib.* 1, 218) — *Fui eu o primeiro que diligencieei* os acasos de tornar a ver-te (Filinto Elísio 19, 150) — *Sou eu o primeiro que não sei* classificar este livro (Herculano, *Eur.* 308) — Elle não me dizia nada. *Fui eu o primeiro que falei* (Herculano, *M. de C.* 1, 29).

1426. Contrariamente a êste uso escreveu Filinto Elísio 14, 5:

Direi *não sou eu o primeiro Portugues* que delles *se serviu* mui de proposito.

1427. Muito digna de notar-se, sobretudo pela abundância de exemplos em Vieira e Bernardes, é a construção paralela à sintaxe latina em *non is sum qui glorier*, na qual se considera o pronome demonstrativo apenas como elemento intermediário. Mas ao passo que o latim freqüentemente calava o pronome demonstrativo antecedente, a língua portugueza usada até fins do século XVIII não se prevalecia desta liberdade:

Tu és o que morreste, aquella vida era tua (Antônio Ferreira 2, 273) — *Quem te disse que eu era o que te sigo?* (Camões, *Lus.* 9, 77) — *Vós sois o que dissestes*: Deixo o mundo e vou ao Padre (Heitor Pinto 1, 496) — *Nós fomos os que matamos* os seus naturaes (Castanheda 2, 98) — *Não fui eu o que preguei* (Vieira, *Cartas* 2, 265) — *Eu fui o que sustentais* as Cartuxas e os Buçacos (Vieira, *Serm.* 2, 324) — *Ou seja o sol o que se move*, ou *nós os que nos movemos...* os efeitos são os mesmos (*ib.* 2, 443) — *Eu sou o que domei* os Leões e os Ursos no deserto (*ib.* 5, 130) — *Eu sou o que mais duvido* (*ib.* 5, 281) — *Não sou eu o que hei de deixar* as minhas raizes (*ib.* 5, 348) — *Não sou eu o que o digo* (*ib.* 8, 9) — *Seja eu o que lhe faça* a questão (*ib.* 8, 76) — *Eu serei o que as proporei* (*ib.* 9, 420) — *Sejamos nós os que roguemos* por ella (*ib.* 9, 16) — *Eu sou o que sou...* *Eu o sou o que edifico* os Reinos, e *os dissipô* (*ib.* 2, 239) — *Não és tu o que só restaste* dos quatro animaes que eu fiz reinar no meu mundo?... *Não és tu... o que sempre reynaste* com dolo, e *jugaste* contra a verdade, e *amaste* a mentira? *Não és tu o que debellaste* os muros e *conquistaste* as cidades e *destruiste* as casas, e *roubaste* e *despojaste* os pobres do fruto dos seus trabalhos? *Não és tu o que atribulaste* e *affligiste* os innocentes, e *tyrannizaste* os que te tinham offendido, e sobretudo *o que disseste* injurias, afrontas, e blasfemias contra o Altissimo? (*ib.* 13, 210) — *Não sou eu o que devo responder-lhe*, senão todos os Autores (Bernardes, *L. e C.* 140) — *Eu fui o que fiz* isso (*ib.* 352) — *E nós fomos os que não queremos* receber (*ib.* 400) — Ah peccador atrevido e infame! *Tu foste o que açoutaste* a Jesus, tu *o que o coroaste* de espinhos, *o que lhe lançaste* salivas no rosto, *o que o pregaste* na Cruz (*ib.* 570) — *Eu sou o que devo* dal-a (Francisco Manuel de Melo, *Ap. Dial.* 187).

1428. A mesma concordância e a mesma praxe de não omitir o pronome demonstrativo se observava quando o sujeito do verbo *ser* fôsse da 3.^a pessoa:

Ella [a justiça] é a que dá o merecimento (Heitor Pinto 1, 153) — *Maria foi a que se assentou* a seus pés sagrados (Vieira, *Serm.* 5, 566) — *E a lingua foi a que persuadiu* o povo a que cresse em Deus (*ib.* 8, 435) — *A lingua foi a que converteu* o rei (*ib.*) — *Brasonava de ser elle só o que seguia* e defendia as partes de Deus (*ib.* 8, 443) — *A sciencia ou ignorancia he a que dá* ou tira o ser, e *a que diminue* ou accrescenta a perfeição do amor (*ib.* 2, 376) — *A honra foi a que enganou* e destruiu o primeiro homem (*ib.* 9, 69) — *A vida he e não a morte, a que leva* os homens ao inferno (*ib.* 9, 70) — *O juizo he o que medita* a boca e a lingua *he a que fala* (*ib.* 9, 101) — *Deus era o que falava* (*ib.* 9, 131).

1429. O falar hodierno, continuando embora a dar ao verbo da segunda oração terminações de 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoa de acôrdo com o sujeito do verbo *ser*, difere todavia da praxe antiga em enunciar o relativo *que* prescindindo do antecedente *o, a, os, as*:

Não fui eu que o assassinei (Herculano, *Eur.* 284) — Foste tu que me buscaste (Herculano, *M. de C.* 1, 86) — Não serei eu que assista a elle (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 241) — Sou eu que exponho (Castilho, *Metam.* 41) — Sou eu que venho salvar-vos (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 46) — Sou eu que te mando vás vestir as vestiduras de missa (*ib.* 2, 65) — És tu que deves lembrar-te d'elle (*ib.* 1, 119) — Vós sois que doestaes os honrados burguezes desta leal cidade em minha pessoa (*ib.* 1, 10) — Mas fui eu, eu que lh'o preparei, eu que lh'o dei a beber (Garrett, *Fr.* 119) — Não foram os campinos que o fizeram, foi a nossa gente que o sachou e plantou (Garrett, *Viag.* 1, 9) — Fui eu que me esqueci (Eça de Queirós, *Crime* 68) — Não fora elle que abdicara (*ib.* 153) — Foi elle que escreveu o artigo? (*ib.* 176) — Não sou eu que o quero (*ib.* 204) — Fui eu que disse ao padre Natario (*ib.* 217) — Sou eu que peço (*ib.* 225) — Fui eu que pedi... fui eu que sonhei... E foi tua madrinha que t'os cortou (Júlio Dinis, *Morg.* 2, 73).

1430. A linguagem *sou eu quem...*, usada a par de *sou eu o que...*, remonta ao século XVIII, não ficando desde logo decidido se esta modificação acarretaria, ou não, mudança de concordância. Se *quem* equivalia a *aquêle que*, o *que*, era natural que persistisse o antigo processo de regular a forma do segundo verbo pela do verbo *ser*. Dêste raciocínio é ilustrativo o seguinte trecho de um volume publicado em 1711:

Não sou eu *aquelle que* pela boca de Montano vomitey publicamente muytas palavras cheias de horrivel blasphemia? Não sou eu *quem*, tomando a Maximilla por instrumento, obrei diversas e atrocissimas maldades...? Não sou eu *quem*, influnido em Ario, invadi a Alexandria e alcancey o triunfo de que affirmassem ser creatura o Filho de Deus vivo? O que por meyo de Manes, semeey e propaguey a heresia dos Manicheus e persuadi que me votassem jejuns e penitencias? O que por meyo de Donato, assoley toda a Africa? Eu, eu sou o mesmo (Bernardes, *N. Flor.* 3, 406).

1431. Desrespeitou-se contudo freqüentemente a praxe, pondo o segundo verbo na 3.^a pessoa quando o sujeito de *ser* era de 1.^a ou 2.^a. Não se funda êste nôvo processo em razão tão lógica, como hoje geralmente se supõe; mas surgiu por contágio, por usar-se o têrmo *quem* em orações de outra espécie com o verbo na 3.^a pessoa. Filinto Elísio uma vez que escreveu, segundo o costume antigo, *eu sou o que lhe aponto a aurora* (2, 81), não foi senão coerente ao traçar frases como as seguintes:

Nem sois *quem lutais*: luta arquejando contra a Razão robusta o vão orgulho (3, 148) — Nós fomos *quem* no berço o embaldmos com Delias Cantilenas (1, 274) — E tu és *quem tens* a culpa de eu viver sempre á sombra (13, 72) — Não fui eu *quem o privei della* (19, 115) — Nós somos *quem tanta ventura lhe devemos* (19, 155) — E eu mesma fui *quem taes desgraças me grangeei* (19, 221).

1432. E já deixando-se arrastar pela corrente que ia esquecendo um velho preceito de concordância, escreve o mesmo autor:

Se sou eu *quem* a essa vinda vos convida, ahl forrai a inutil jornada (19, 49) — Sereis vós *quem* me ensine (19, 101) — Sois vós, Susanna, *quem venceu* (19, 120) — Vós e unicamente vós, sois *quem* me occupa o animo (19, 150) — E és tu *quem* me é assim traidora (20, 26) — Sou *quem* vos despedaça o coração (20, 36) — Sois vós *quem* m'o assegura (20, 67) — Fui eu *quem* lançou a afflicção numa familia da primeira plana (20, 79).

1433. Antônio Pereira de Figueiredo, *Bíblia Sagrada* (1794-1819), serve-se geralmente da linguagem antiga. *Eu sou o que venho da batalha, e o que escapei do combate; tu és, oh Deus, o que me vingas; eu João sou o que ouvi e vi estas cousas*, etc., mas também oferece exemplos como êste:

Não sou eu *quem* o inventei de minha cabeça (Núm. 16, 28).

1434. Os seguintes passos dos *Cantos* de Gonçalves Dias mostram que o nosso grande poeta possuía ainda o sentimento de que o verbo da segunda oração devia concordar com o sujeito do verbo *ser*, não só quando a antiga expressão *o que* era substituída por *que*, mas também quando em seu lugar se usava *quem*:

Arde o pau de resina fumosa, não fui eu, não fui eu *que* o acendi ("Canto do Piaga") — Mas por fim do triumpho cruento direis vós se fui eu *quem* menti ("Tabira") — Sou *quem* prendo aos ceus a terra ("A Morte").

1435. É sobremodo eloqüente a série de exemplos nestes versos de "Te Deum":

Na innocencia do infante *és tu quem* falas;
A belleza, o pudor — *és tu que* as gravas
Nas faces da mulher, *és tu que* ao velho
Prudencia, *dás*, e o *que* verdade e força
Nos puros labios do *que* é justo *imprimes*.

És tu quem *dás* rumor á quieta noite,
És tu quem *dás* frescor á mansa brisa,
Quem *dás* fulgor ao raio, azas ao vento,
Quem na voz do trovão longe *rouquejas*.

És tu que do oceano á furia insana
Pões limites e cobro, — *és tu que* a terra
No seu vôo *equilibras*, — *quem* dos astros
Governa a harmonia, como notas
Accordes, simultaneas, palpitando
Nas cordas d'Harpa do teu Rei *Propheta*
.....

1436. A fôrça de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de syntaxe histórica portugüesa fundada em syntaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprêgo de *quem* com verbo em 1.^a ou 2.^a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*.

1437. Por outra parte, o emprêgo sistemático de *quem* com verbo em 3.^a pessoa, excluindo de todo a outra concordância a pretexto de ser êste pronome equivalente de "aquêle que", é falar amaneirado dos nossos dias que peca por excesso de raciocínio dentro de limitado círculo de idéias. Vê-se a regra aplicada escrupulosamente enquanto a referência se faz a pessoa no singular, como *fui eu quem mandou*. Tratando-se de pluralidade, já não se cogita da regra; porquanto não se vê o mesmo aqodamento para dizer, como o pediria a coerência, *fomos*

nós quem mandaram, fostes vós quem fizeram, etc. Com o verbo no singular ainda é possível construir. Coteje-se com os supracitados exemplos de Filinto Elísio o seguinte:

Eram as paixões, os vícios, os affectos personalizados quem fazia o serviço dos seus poemas (Herculano, Lendas e Narr. 2, 305).

1438. Se, em construções como *fui o primeiro Português que mostrei o caminho*, era costume pôr o verbo da oração restritiva de acôrdo com o sujeito da primeira oração, desprezando-se o antecedente imediato do pronome *que*, isto é, o predicado do verbo *ser*, parece que a mesma prática se deveria tornar extensiva àquelas construções em que o dito antecedente ou predicado de *ser* denotasse seleção, dizendo-se pois anàlogamente: *fui um dos primeiros Portugêses* (ou *fui dos primeiros Portugêses*) *que mostrei o caminho*. A linguagem familiar de hoje, espontânea e despreocupada de combinações lógicas e fórmulas gramaticais, manifesta notória predileção por esta concordância. Se a tendência se funda, como parece, em hábito consagrado por muitas gerações, devemos notar contudo que a tradição literária se revela mais tímida neste ponto, fazendo a concordância algumas vêzes com o sujeito do verbo *ser*, outras porém com o respectivo predicado. O receio parece diminuir quando o verbo da oração relativa se combina com o reflexivo se indicando agente indeterminado:

Esta foi hũa das maiores ditas que se vio (Eufr. 106) — Manuel de lacerda foy dos primeiros que subio (Castanheda 3, 27) — Este foy hũ dos noveis que no dia do torneio fez moores cousas em armas (Francisco de Moraes, Palm. 1, 183) — Esta foy hũa das milhores batalhas e mais pera ver que nunca em nenhũa parte se vio (ib. 1, 485) — Uma [nao]... que foi das mais fermosas velas que se vio em toda a Europa (Barros, Déc. 1, 6, 7) — E alguns quizeram dizer que a razão... foi per elle Diogo Lopes ser huma das principaes partes que favoreceo as cousas delle viso-rey (ib. 2, 4, 3) — Foi esta viagem uma das mais bem afortunadas que se fez de tão grossa armada (ib. 1, 7, 11) — Alem de ser um dos mais illustres feitos que na India se fizeram (ib. 2, 3, 1) — O qual caravelam veo e foy hũa das cousas que té então se vio da India por milagrosa (ib. 3, 1, 6) — Porque a entrada desta cidade foi hum dos illustres feitos que té aquelle tempo se fez naquellas partes (ib. 2, 1, 2) — Foi hum dos maiores golpes que se vio (ib. 2, 1, 6) — Era este Catual hum dos que estavam corrutos pela maometana gente (Camões, Lus. 8, 81) — Nós fomos dos primeiros que chegámos a elle (João dos Santos, Et. 1, 320) — A Santa Casa de Misericordia de Lisboa he huma das notaveis grandezas que illustram e acreditam esta real cidade (ib. 4, 176) — E eu fui um desses que no auto dos Pastores e em mais outros fiz meu papel a gosto dos vizinhos (Filinto Elísio 3, 219) — Elle [reino] foy hũa das primeiras terras de Espanha que recebeo a fé de Christo (Sousa, S. Dom. 2).

1439. O verbo, na oração relativa, pôsto no singular em concordância, não com o termo no plural que lhe serve de antecedente, mas com o termo seletivo *um*, ocorre também por vêzes na linguagem literária, quando a oração começa por *um dos... que*:

Huma das cousas que me mais espantou desno tempo que comeci a revolver livros foi a demasiada negligencia dos chronistas destes regnos (Damião de

Góis, D. M. 577) — *Huma das cousas que muito agradou sempre a Deus em seus servos, foi a peregrinação (Vieira, Sermon. 5, 568) — E huma das cousas que muito alegrou ao novo visitador foi, não achar já por estas aldeas entre os Christãos mais antigos o infame abuso da carne humana (Simão de Vasconcelos 118) — Huma das cousas que derrubou Galba do Imperio foy tardar algum tanto (Bernardes, N. Flor. 2, 181).*

1440. O fenômeno do emprêgo do verbo no singular em vez do plural na oração relativa observa-se também em grego, em latim, em inglês, em alemão, em espanhol, em francês. A. Tobler cita Boileau *M. de Soubise est un de ceux qui s'y est le plus signalé* e da Academia Francesa *L'astronomie est une des sciences qui fait le plus d'honneur à l'esprit humain*. Explica o mesmo lingüista o fato como uma atração ou assimilação progressiva.

1441. O adjetivo e o verbo servindo de atributo ou predicado à palavra *gente* dizem-se de ordinário no singular, notadamente se se acham junto dêste substantivo ou se vem interposto outro vocábulo ou locução curta:

Muita gente da terra se achava morta pelas ruas (Barros, Déc. 2, 6, 6) — Da armada a gente vigiava (Camões, Lus. 1, 58) — A gente estranha pelas cordas já subia (ib. 1, 49) — Esperam que a guerreira gente saia (ib. 1, 86) — Não soffre muito a gente generosa andar-lhe os cães os dentes amostrando (ib. 1, 87).

1442. Ao uso do verbo no singular de acôrdo com o sujeito *gente* preferem todavia os escritores algumas vêzes o verbo no plural, ao despreverem situações que impressionam sobretudo pelo número considerável de indivíduos:

Vendo os nossos como a gente destas terradas andavam nadando por se acolher a terra (Barros, Déc. 2, 2, 3) — Povoavam os degraos muyta sorte de gente que pareciam enfermos, huns nas cabeças entapados, outros em terem muletas, outros bordões nas mãos, todos esperavão pela benção do Santo (Sousa, Arceb. 2, 348).

1443. Se a referência ao coletivo vinha afastada dêle pela interposição de dizeres muito longos ou se fazia indiretamente por via de um adjetivo, pronome ou verbo em oração secundária, havia tôda a liberdade para o emprêgo da sinese. Barros, Camões e outros quinhentistas são insignes na prática desta linguagem:

A gente forasteira com a mesma necessidade (posto que tinham tomado armas contra nós, mais por temer receberem por isso mau tratamento del rey...) confiados no que Affonso d'Albuquerque mandou notificar... mandaram-lhe pedir seguro pera se tornarem á cidade e estarem nella té se embarcarem pera suas terras (Barros, Déc. 2, 6, 6) — Não erão ancorados quando a gente estranha polas cordas já sobia; no gesto ledos vem, e humanamente o Capitão sublime os recebia (Camões, Lus. 1, 49) — Sahindo a gente descuidada, cahirão facilmente na cilada (ib. 1, 80) — O grande estrondo a maura gente espanta, como se vissem horrida batalha. Não sabem a razão de furia tanta. Cuidam que seus enganos são sabidos (ib. 2, 25) — Ditosa gente, que não são de ciumes offendidos (ib. 7, 41) — A gente destes barcos era baça, vinham vestidos de pannos d'algodão listrados (Damião de Góis, D. M. 40).

1444. Não sendo obrigatório o uso do verbo no plural, e dependendo esta forma unicamente da intenção do autor de pôr em relêvo a pluralidade de indivíduos que exercem ou sofrem a mesma ação, podem-se naturalmente redigir períodos nos quais alternam nomes, pronomes, adjetivos e verbos no plural com verbos no singular:

A gente da cidade aquelle dia, *huns* por amigos, *outros* por parentes, *outros* por ver somente, *concorria*, *saudosos* na vista e *descontentes* (Camões, *Lus.* 4, 88) — A gente que esta terra *habita*, posto que todos ethiopes *eram*, mais humana no trato *parecia* que os outros... Com bailes e com festas de alegria a nós *vierão* (*ib.* 5, 62) — Se esta gente, que *busca* outro hemispherio, cuja valia e obras tanto amaste, não queres que *padeçam* vituperio... não ouças mais, pois és juiz direito, razões de quem parece que he sospeito (*ib.* 1, 38).

1445. Predominando o sentimento de coletividade sôbre o de sêres individuais, usa-se o verbo no singular:

Não se contenta a gente *portugueza*, mas seguindo a victoria *estruê* e *mata*; a povoação sem muro e sem defesa *esbombardeia*, *accende* e *desbarata* (Camões, *Lus.* 1, 90).

1446. O têrmo *gentio* também pode dar lugar ao emprêgo da sinese:

E depois que esclareceo que a terra foi appellidada, *acudio* tanto *gentio*, que *pareciam* gralhas que desciam das arvores (Barros, *Déc.* 1, 7, 2) — O *gentio* da cidade, como o principal mantimento de que se sustenta he pescado, vendo não ter modo de poder ir pescar, *ordenaram* huma cilada aos bateis de Vicente Sodré (*ib.* 1, 6, 7) — O *gentio* do interior daquellas terras *fazem* desta moeda thesouro (*ib.* 3, 3, 7).

1447. No seguinte passo faz o poeta a concordância não com o vocabulo "figuras", como o pediria a linguagem, mas com o têrmo "varões", que tem em mente, e que vêm representados nas figuras:

Estas figuras todas que aparecem, *bravos* em vista e *feros* nos aspeitos, mais *bravos* e mais *feros* se conhecem pela fama nas obras e nos feitos. *Antigos* são, mas inda resplandecem co nome entre os engenhos mais perfeitos (Camões, *Lus.* 8, 2).

1448. Não é comum a sinese com os vocabulos *multidão*, *povo*. Encontram-se esparsos êstes exemplos:

Era muyto amado de seu *poboo*, por os manter em dereito e justiça (Fernão Lopes, *D. P.* 14) — Em esto o *poboo* *Romaão* *começaram* de se alvoroçar, delles armados e outros sem armas, como algũas vezes soem de fazer; e *forom-se* (Fernão Lopes, *D. F.* 362) — Quando todo o *povo* o vio assi armado, sabendo a causa porque se queria combater, *começaram* a rogar a Deus em suas vontades que ajudasse ao cavalleiro (Barros, *Clar.* 1, 86) — A cuja vista se *abaterão prostrados* com profundissimo acatamento toda a *multidão* immensa do genero humano resuscitada (Vieira, *Serm.* 2, 430) — Simão Mago appellidou hum dia todo o *povo* Romano para o *verem* subir ao Ceo (*ib.* 6, 296) — Porem a *multidão* de todos os presentes, posto que dentro do Templo, não se *voltaram* para o Altar a dar graças e louvores a Deus, mas attonitos e pasmados *estavam todos* com olhos pregados nos Apostolos (*ib.* 8, 412).

1449. Os dizeres *um grande número de*, *grande multidão de*, *grande quantidade de*, quando considerados como sinônimos de *muitos*, fazem prevalecer o conceito de pluralidade, concordando o verbo com o nome ou pronome a que tais expressões se ajuntam. Daqui o emprêgo do plural nestes passos:

Assi accenderam a furia dos Gentios e Mouros das naos que eram presentes, que *vieram* com aquelle impeto *hum grande numero delles* sobre os nossos (Barros, *Déc.* 1, 9, 4) — Aqui *dos Scythas grande quantidade vivem* (Camões, *Lus.* 3, 9) — Então *um grande numero de crianças, de velhos e de mulheres...* *atravessam* por meio das duas fileiras (Herculano, *Eur.* 149) — *Uma grande multidão de crianças, de velhos, de mulheres penetraram* na caverna (*ib.* 296) — *Um grande numero de velas branquejavam* sobre as aguas do estreito (*ib.* 62)

1450. No seguinte exemplo, talvez por mencionar-se o verbo em primeiro lugar, faz-se a concordância com o substantivo *número*:

Lhe *saio* ao encontro *grande numero de molheres* (Heitor Pinto 1, 250).

1451. A sinese que põe o verbo no plural de acôrdo com o têrmo complementar de outro vocabulo, pode ser devida a ter o escritor em mente outra fórmula da mesma proposição:

Peró *nenhuma destas branduras*, de que D. Lourenço quiz usar, *aproveitaram*, antes *deram* ousadia aos da terra de tirarem ás frechadas a quem levava este recado [por influência de: *estas branduras... não aproveitaram, antes deram...*] (Barros, *Déc.* 1, 9, 4) — Diz Avidio Casio... que quasi *nenhum* dos grandes varões Romanos *deyxaram* filhos illustres [por influência de: *os grandes varões Romanos não deixaram...*] (Heitor Pinto 2, 722) — *O numero dos quaes* entre estes e os que morreram na praia *passaram* de quinhentos, e dos nossos dezoito [por influência de: *os quaes... passaram em numero...*] (Barros, *Déc.* 2, 1, 6) — E a *substancia das palavras eram* que elle não sabia que causa haveria pera aquelle moço de tão pequena idade ser mais verdadeiro herdeiro do que elle era [por influência de: *as palavras em substancia eram...*] (*ib.* 3, 5, 2) — *A formosura de Paris e Helena foram* causa da destruição de Troia [por influência de: *As formosas Paris e Helena foram causa...*] (Heitor Pinto 2, 669) — *Uma tempestade de paixões* tumultuosas e encontradas me *dilaceravam* o coração [por influência de: *paixões em tempestade... me dilaceravam...*] (Herculano, *M. de C.* 1, 40).

1452. No seguinte trecho, vem o verbo *demoram* no plural evidentemente por haver o autor pensado um *tôdas estas terras, que formam grande tracto*, como respectivo sujeito:

Seguindo o grande arco que faz aquelle golfo pelas costas da mesma Bengala, Pegu e Siam até o estreito de Cingapura, o mais austral de todo o Oriente, todas aquellas terras ficão á mão esquerda, e o mar por onde se navegão, que he o mesmo golfo á direita. Finalmente continuando depois de Malaca os reynos de Camboja, Champá e Cochinchina, e o vastissimo Imperio da China, *todo este tracto de terras demoram* á mão esquerda, e o mar ou mares do Oceano Chinense até o Japão á direita (Vieira, *Serm.* 8, 158).

1453. Verbo que tenha por sujeito algum dos dizeres *parte, grande parte, a maior parte*, tratando-se de muitos sêres, usa-se no singular se

a expressão fracionária se referir a nome coletivo: *parte do povo fugiu; a maior parte do exército morreu de fome*. Usa-se no plural, ou também no singular, se a referência se fizer a um substantivo no plural. A sínese aqui é de aplicação freqüente e aceita como boa linguagem na gramática do português hodierno. Comparem-se com o falar atual êstes exemplos quinhentistas:

Os amigos de Antonio *parte foram destruidos; parte desbaratados* (Heitor Pinto 1, 275) — A causa principal... fora... *estarem* em seu poder a *maior parte das especiarias* (Barros, *Déc.* 1, 4, 8) — *A maior parte dos quaes*, como gente offerecida á morte, não se contentaram esperar os nossos detrás das tranqueiras (*ib.* 2, 1, 6) — O viso-rey, a quem *parte destas cousas* per intelligencia delrey de Cochij *eram descobertas*... mostrou neste verão ter mais forças (*ib.* 2, 1, 4).

1454. A locução *o grosso de*, com sentido equivalente a “a parte mais numerosa de”, seguida de nome no plural, costuma-se dizer com o verbo no singular, se êle vier junto do sujeito:

Quando o fronteiro cahiu, *o grosso dos mouros fugia* já para alem do pinhal (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 93).

1455. Havendo porém entre o sujeito e o verbo interposição de dizeres longos ou sendo o contexto tal que recai a atenção principalmente sôbre a noção de pluralidade, o verbo diz-se no plural:

Collocados na entrada do valle, uma parte dos cavalleiros offerecer-lhes-iam debil resistencia, cedendo pouco a pouco... Então *o grosso dos cavalleiros*, em cilada nas selvas que se dilatavam para as alturas... *acomettel-os-iam* pelas costas (Herculano, *Eur.* 268).

1456. Nenhuma influência sôbre o verbo têm as locuções *obra de, cerca de, passante de, perto de, mais de, menos de*, postas antes de um número plural para indicar quantidade aproximativa:

Ficarom hi mais doiteemta (Fernão Lopes, *D. J.* 220) — *Hião* co ele *obra de tres mil* homens (Castanheda 3, 59) — *Sahiram* á praia *obra de oito mil* homens (Barros, *Déc.* 2, 2, 3) — *Seriam* juntos *passante de oitenta mil* homens (*ib.* 1, 3, 9) — Foi tirando até setenta; *restaram apenas obra de uma duzia dellas* (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 157).

1457. Em exemplos como *já lhe ficava atraz mais de cincoenta legoas* (Vieira, *Serm.* 8, 214), o verbo não concorda com *cinquenta léguas* nem com a expressão *mais de*, porém está no singular por ter-se presente no espirito a noção de “distância de cinquenta léguas”.

1458. Os cronistas quando designavam uma pessoa ou cousa pelo nome usado no Oriente, costumavam empregar o verbo *ser* no plural na definição ou explicação que incidentemente davam do termo. Referiam-se naturalmente a tôdas as pessoas ou cousas similares à que constituía assunto da narrativa:

Seguindo assi ho governador sua rota pera a costa da India foy surgir no porto da ilha de Anjadiva... onde achou hũ *patamar que* antre os Indios *sam* como antre nos os correos (Castanheda 2, 9) — Apareceo hũa *panguejava que sam* hũs navios... compridos (*ib.* 3, 51)

1459. Curiosa concordância é a do verbo *ser* nas orações incidentes em que se determina a distância de um ponto a outro. Em vez de porer o verbo no singular de acôrdo com o sujeito, empregavam-no os cronistas no plural fazendo a concordância com o número de léguas, dias, etc. Exemplos desta linguagem são freqüentísimos em Fernão Lopes, João de Barros e outros:

Partira de *Çamtilhana que som dalli cinco legoas* (Fernão Lopes, *D. P.* 56) — Ataa o dito *moesteiro, que eram dalli dezasette legoas* (*ib.* 114) — Estando elle em *Repelim, que serão té quatro legoas* de Cochij, mandou grandes amoestações a elrey de Cochij (Barros, *Déc.* 1, 7, 1).

1460. Na determinação das datas faz-se concordar o verbo *ser* com o numeral denotador do dia do mês. Fundados neste princípio, escreveram os cronistas:

Hũa *quinta feyra* que *forão tres* *Dagosto* se partio Vasco da gama (Castanheda 1, 2) — E ao outro *dia* que *forão 28* de *Julho* (*ib.*).

1461. Divergindo do francês, inglês, alemão, dizemos no plural *Que horas são? São duas horas, eram quatro horas*, etc. E assim se encontra na linguagem escrita do português moderno:

São dez horas: as horas de sua mercê se retirar (Herculano, *M. de C.* 2, 28) — *São horas* de vos recolherdes, e eu vou retirar-me (*ib.* 2, 43) — *São horas* de partir (*ib.* 2, 50).

1462. Contrariando êste costume, podia-se dizer em português antigo com o verbo no singular:

Logo me quero hir, ca já *he horas* de comer (Fernão Lopes, *D. J.* 18).

1463. A concordância acima, em que a noção de “horas” prevalece sôbre a de “tempo”, “instante”, tornou-se extensiva à linguagem *deram quatro horas, cinco horas*, etc., como se o verbo *dar* fôsse sinônimo de *soar*. Fixou-se o emprêgo do dito verbo *dar* na especificação das horas em virtude da acepção “bater”, “dar pancadas”, querendo-se significar que “o relógio deu” ou “bateu tantas pancadas”. Vê-se portanto que com o costume de calar, por brevidade de linguagem, o sujeito da oração, se deslocou o termo aferidor da concordância para *horas* ou *pancadas*, complemento do verbo *dar*. Restabelece-se todavia a concordância primitiva desde que se mencione a palavra *relógio* juntamente com o verbo:

Neste momento *o relógio deu* dez pancadas (Herculano, *M. de C.* 2, 27) — *O relógio tinha dado* onze pancadas (*ib.* 2, 43) — As oito horas devia nascer para elle um dia de gloria e contentamento, ou de desdouro e zanguinha. *Deram as oito* (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 226).

1464. Nomes (ou pronomes) usados como termos esclarecedores do sentido do sujeito e que o acompanham, quer diretamente sob a forma de apostos, quer mediante a partícula *ou* significando identidade ou equivalência, não constituem multiplicidade de sujeitos. A concordância se fará com um termo só, que pode ser o nomeado em primeiro lugar antes de qualquer termo esclarecedor, ou o equivalente mais próximo do verbo ou adjetivo:

Edificou em huma *fortaleza, ou castello, chamado* Wideleshores (Bernardes, *N. Flor.* 4, 18) — A rainha desmontava de um palafrem branco, em que viera do *cadafalso ou tablado erguido* no topo occidental da Rua Nova (Herculano, *M. de C.* 2, 162) — D'ahi para cima um *gibão* de mulher, *ou vasquinha, preto e affogado* na garganta, *escondia* debaixo das multiplicadas pregas as formas emmagrecidas daquelle corpo (*ib.* 2, 175) — O *truão, bobo ou bufão* era uma casta de animal indispensavel nos alcaceres regios e senhorias (*ib.* 2, 252) — É ao sentimento do dever, da justiça, da piedade filial que o *teu prelado, o teu amigo* te *revoca* (*ib.* 2, 210) — Credo que *essa grande benção* de Deus, *a franca e intima alegria, podia* penetrar no recinto consagrado ao egoismo das pequeninas vanglorias (*ib.* 2, 244).

1465. A partícula *ou* posta entre diferentes substantivos, todos no singular, pode denotar alternativa, perplexidade, incerteza ou dúvida. Se a situação fôr tal, que o verbo não comporte ou pareça não comportar como sujeito senão um dos substantivos nomeados, a concordância se fará no singular:

Credo que *Fainama ou alguma de suas irmãs* era morta (Barros, *Clar.* 1, 55) — E todas as grandes matronas que dentro da sucessão dos seculos *ou a graça ou a fortuna, ou a natureza* fez singulares, foram a sombra deste sol (Vieira, *Serm.* 7, 153) — O *temor ou o pejo* destas palavras fez por então aquietar a todos (Freire de Andrade 236) — *Deus ou o demonio* torceu-te os designios (Herculano, *M. de C.* 2, 208) — O *cutello ou a prostituição* é o que os arabes offerecem á innocencia (Herculano, *Eur.* 155) — Que lhe *importava esse vulto, essa mulher, ou esse demonio* que se *interpunha* entre elle e o alvo a que se dirigia? (Herculano, *M. de C.* 2, 123) — A má vontade para tudo quanto o *berço ou a fortuna* poz acima della (*ib.* 2, 69) — *Que Deus? Que homem? ou que demonio* me aturdiu a cabeça socegada... (Filinto Elísio 1, 29).

1466. Ação que pode ser praticada tanto por um como por outro dos seres expressos pelos substantivos ligados pela conjunção *ou*, enuncia-se pondo o verbo no plural. É de saber que nestas condições *ou* muitas vêzes é substituível por *e*, sem prejuízo de sentido:

As penas que *S. Pedro ou seus successores* fulminam contra os homens (Vieira, *Serm.* 2, 343) — O *Nilo ou o Tejo* não devem as suas correntes ás terras por onde *passam* (*ib.* 9, 52) — Ahi, a *luctuosa negrura* dos trajos do homem *ou as cores cançadas* das roupas feminis não dão o aspecto de festas de sombras ao folgar dos vivos (Herculano, *M. de C.* 2, 244).

1467. As vêzes o segundo termo, precedido de *ou*, se enuncia como que estendendo parenteticamente o caso a outro individuo. A concordância do verbo se fará então com um sujeito só:

Os mercadores naquela terra fazião o que *ho senhor dela ou seu governador* lhes *mandava* (Castanheda 3, 105) — *Se todos, ou alguns delles, vivam* alguma hora dor semelhante á sua (Vieira, *Serm.* 11, 471) — *Hum cardeal, ou hum Papa* emquanto *homem*, não *he* mais que huma pessoa (Bernardes, *N. Flor.* 2, 237) — *Religioso ou sacerdote*, que *fito* os olhos em mulher, bem *podirá* ser bom religioso e sacerdote, mas por então não o parece (*ib.* 2, 394) — *Se o porteiro Fr. Julião, ou outro subdito seu*, ainda mais somenos, *quizesse* alevantar-lhe a grimpá (Herculano, *M. de C.* 2, 195).

1468. Usando-se *ou* antes de nome idêntico a outro, porém no plural, para denotar que se admite retificação de número, o verbo concordará com o termo mais próximo, isto é, no singular se se achar o verbo no princípio da oração, mas no plural se vier depois do sujeito no plural:

O *poder ou poderes* do homem *erão* sobre todos os peyxes (Vieira, *Serm.* 6, 293) — *A parte ou partes* contrarias... *hiram* citar as outras partes (*Ordens de D. Manuel* 1, tít. 38) — E nom tendo por onde pagar será preso *ate a parte ou partes serem* satisfeitas (*ib.*) — *Essa crença ou antes essa infinidade de crenças*, unidas só em guerrear a igreja de dezoito seculos... não *podem* deixar de viver de um mysticismo perfumado (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 201; é um caso de sínese, "infinidade de crenças" sendo equivalente a "muitas crenças").

1469. Concordância análoga à precedente, isto é, com o nome mais próximo, se aplica também ao termo determinante do nome:

Capazes de lhe entortarem *uma ou mil missas cantadas* (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 269) — Sem que fosse possível perceber contra *qual os quaes individuos* se accumulava tanta sanha (*ib.* 1, 54).

1470. Falando-se de diversos individuos que tenham o mesmo nome ou que pertençam à mesma família, ou nomeando-se os monarcas da mesma dinastia, o respectivo nome próprio toma a forma do plural: *os Afonsos, os Césares, os Sousas, os Stuarts, os Antoninos, as três Marias, os Cipiões*, etc.

1471. Distinguindo as pessoas de igual nome por meio de adjetivos ou determinativos, costuma-se dizer no singular repetindo para cada caso o nome próprio, como *Cipião Africano e Cipião Asiático, Henrique Terceiro e Henrique Quarto*. Afastaram-se dêste uso os seguintes trechos quinhestistas:

O *quarto e quinto Affonsos e o terceiro* (Camões, *Lus.* 1, 13) — Concordância análoga: Em breves tempos acabei a *oitava e novena Decadas* (Couto, *Déc.* 8, *Pról.*).

1472. Nome próprio no plural também pode usar-se metafóricamente para significar individuos que têm dotes ou qualidades que os tornam comparáveis a individuo famoso por tais dotes ou qualidades. *Os Hércules* quer dizer "os homens fortes como Hércules", *os Cíceros* "os oradores semelhantes a Cícero", etc.

1473. Quando se designa um homem ou uma mulher por alguma particularidade característica de seus atos ou de seu aspecto, a concordância se faz com o termo *homem* ou *mulher* que temos em mente:

Aquelle mãos-rotas cahiu na miseria — Dizey-me, tia, quem he aquelle roupa longa, tão melancolico e mysterioso...? (Francisco Manuel de Melo, *Ap. Dial.* 197).

1474. Qualificativo comum a dous substantivos no singular e posto a êles, costumava-se dizer outrora no singular concordando com o último substantivo, e raramente no plural e no masculino se eram os nomes de gênero diferente. Esta segunda maneira de dizer tem tomado vulto em português moderno:

Hũa espada e hũ punhal ricos (Castanheda 6, 25) — As eguas de Arabia continuão em carreira desapoderada *hum dia e noite inteira* (Bernardes, *N. Flor.* 4, 266) — Assim como aquelle perfido deo a lançada, manou da ferida *sangue e agoa verdadeiros* (Bernardes, *N. Flor.* 4, 420) — Não procurava na algebeira o amago e substancia da *idealidade e poesia britannicas* (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 304) — Expirara em Toletum depois de ter estabelecido leis politicas e civis e a *paz e ordem publicas* nos seus vastos dominios (Herculano, *Eur.* 2) — Para cuja grandeza contribuiu... esta [a raça conquistada] com as tradições da *cultura e policia romanas* (ib.) — Ao cabo da estreita senda da cruz acharia elle, porventura, a *vida e o repouso intimos?* (ib. 11) — Angustias que resultam da *esperança e do temor combinados* (Herculano, *M. de C.* 2, 173) — Revestido d'estola e *pluvial pretos* (ib. 2, 292) — Para não ir de encontro á *tradição e crença communs* (ib. 2, 249) — Iam ainda mais uma vez provar-se com a *destreza e com a pericia arabes* (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 87).

1475. A palavra *meio*, servindo de qualificativo a um nome, toma, como outro qualquer adjetivo, o gênero e número dêsse nome:

Celebraram as *meyas noites* com procissão de golodices gostosas (Francisco Manuel de Melo, *Ap. Dial.* 23) — O fustigar da chuva nas vidraças progressivas das *meias-janelas* (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 133) — O relógio dava as horas e as *meias-horas* — Ter a forma de *meia-lua, meia-laranja*, etc.

1476. Empregada porém com valor adverbial, isto é, como determinante de adjetivo, a palavra *meio* oferece uma das mais curiosas anomalias de concordância. A forma invariável, que por via de regra então lhe compete, ocorre sem dúvida na prática; mas, a par dela, e com igual ou maior frequência, vem nas diversas épocas da linguagem moderna usada a forma variável, dando-nos o estranho espetáculo de um advérbio flexionado. *Meio* e suas variações têm em tais construções ora o sentido de "um tanto", "em parte", ora o de "quase" (*meio morto*, etc.):

Huns caem *meios-mortos*, e outros vão a ajuda convocando do Alcorão (Camões, *Lus.* 3, 50) — Outros *meios mortos* se afogavão, quando do ferro as vidas escapavão (ib. 3, 113) — Esta, *meia escondida*, que responde de longe á China... he Japão (ib. 10, 131) — Dous estavam já *meos mortos* (Castanheda 1, 85) — Tamanca multidão de imigos... que tudo cobriã e todos *meos nus*, e hũs baços e outros negros (ib. 1, 68) — As sete [naos] ficarão *meas alagadas*

(ib. 1, 31) — Foram queymados muytos mouros... e outros sayão *meos queymados* (ib. 2, 96) — Acharam alguma gente da propria terra quasi *meios selvages* no modo de seu viver (Barros, *Déc.* 1, 6, 1) — Os povos Cellates era gente baixa e vil, e os naturaes da terra *meios selvages* (ib.) — Naquelle sitio se mostram algumas ruinas dos edificios della [cidade] *meios cubertos* de areia (ib. 2, 8, 1) — Pera os nossos não ficarem magoados e *meio injuriados* de leixarem aquelle imigo sem maior castigo (ib. 2, 9, 3) — Tendo os olhos *meios abertos* (ib. 2, 10, 8) — Mandara começar quinze navios de remo, os quaes estavam *meios feitos* e eram guardados per té cincoenta Mamelucos (ib. 2, 8, 3) — Entraram *meios-mortos* pela cidade (ib. 2, 2, 5) — Que estes *meyo mortos* o fosse de todo (Bernardes, *N. Flor.* 1, 255) — Com as cabeças *meyo descubertas* (ib. 1, 331) — Os olhos *meyo chorosos* (ib. 1, 408) — Estão *meyo amadorrados* (Bernardes, *L. e C.* 58) — Os outros corpos estão *meios podres* (Bernardes, *N. Flor.* 2, 75) — Ficara em terra *meya morta* (ib. 2, 356) — Ossadas... já *meyo comidas* do tempo (ib. 2, 360) — A qual cobra estava sobre huma pedra *meya entrada* (ib. 2, 235) — Rodeado de mesquinhas e *meio-arruinadas* casas (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 88) — Cadaveres fetidos, não só de cavallos, mas tambem de homens, cujas carnes, *meias devoradas* pelos cães ou pelo tempo, lhe deixavam branquejar as ossadas (ib. 1, 182) — Os paços do Almirante, já *meio-demolidos* (Herculano, *M. de C.* 2, 117) — Estava [a porta] *meia-aberta* (ib. 2, 155) — Neste momento as portas da igreja *meio cerradas* abriram-se de golpe (ib. 2, 294) — Vê-se... a janella *meia-aberta* de uma habitação antiga (Garrett, *Viag.* 1, 88) — Os olhos ainda *meio fechados* (ib. 1, 202) — Obras de tapeçaria *meias-feitas* (Garrett, *Fr. L. de S.* 26).

1477. Foi, a meu ver, por influência das construções com *todo* posto ao nome, e cuja análise aliás é diferente, que veio a variabilidade de *meio* junto ao adjetivo. Sôbre a frase *A casa está toda arruinada* calçou-se *A casa está meia arruinada*. (Veja-se a propósito de *todo*, Said Ali, *Dificuldades da Língua Portuguesa* 2, página 176).

1478. Quando observamos em um ser duas qualidades, atributos, ou condições que se contradizem, e queremos significar a incerteza de nosso juízo, antepondo a cada um dos dous adjetivos (ou substantivos que fazem as vêzes de adjetivo) a palavra *meio*, é costume deixar de fazer a concordância:

Eram linguas e meyas linguas. Meyas linguas, porque eram *meyo européas* e *meyo Indianas*, porque eram *meyo politicas* e *meyo barbaras* (Vieira, *Serm.* 8, 165) — Joanninha *meio recostada, meio deitada* dormia profundamente (Garrett, *Viag.* 1, 195) — O sineiro da minha *meio rural, meio urbana* parochia (Herculano, *M. de C.* 2, 59) — Como se a consciencia de ter praticado um acto nobre e generoso... houvesse apenas sido um palliativo temporario contra a loucura, *meio natural meio voluntaria*, em que por tantos annos vivera (ib. 1, 251) — Raça achavascada, *meio-mourisca, meio-servil* (ib. 1, 219) — Eu sei lá, atalhou o hortelão com a cara *meio riso, meio colera* (ib. 2, 90).

1479. Destoa da linguagem dêste último exemplo o seguinte passo de Garrett, *Viag.* 1, 250: *dor meia dor, meia prazer*. Parece que o emprêgo da forma *meia* foi devido a ser esta palavra precedida e seguida do mesmo termo feminino *dor*.

1480. Verbo que se enuncia depois de sujeito múltiplo, constituído por substantivos no singular associados pela copulativa *e*, ocorre ora com a forma plural ora com a forma singular. A primeira destas lin-

guagens é a mais usada em português hodierno. Quinhentistas, principalmente Camões, e também seiscentistas manifestam predileção pelo emprêgo do verbo no singular quando os sujeitos são nomes abstratos e o segundo termo serve de completar, esclarecer ou reforçar o sentido do primeiro:

Triste ventura e negro fado os chama neste terreno meu (Camões, *Lus.* 5, 46) — *Teu seguro porto, cuja brandura e doce tratamento dará saude a um vivo, e vida a um morto* (*ib.* 5, 85) — *Cuja manha e grande esforço faz enveja á gente* (*ib.* 8, 26) — *Se alta fama e rumor delles se estende* (*ib.* 8, 40) — *Todo seu proposito e vontade era deter alli os descobridores da India* (*ib.* 9, 1) — *A sobriedade e temperança nos nossos Reys naturaes he tam louvada, que de muy poucos sabemos que bebessem vinho* (Rodrigues Lobo, *C. na Ald.* 68) — *O que a natureza, a arte e a graça organizou e uniu naquellas extremidades* (Vieira, *Serm.* 11, 207)

1481. Considerados como entidades distintas, ou cousas personificadas, os termos abstratos pedem o verbo no plural:

Mas a natura ferina e a ira não lhe compadecem que as costas dê (Camões, *Lus.* 4, 35).

1482. Nos seguintes passos o emprêgo do singular explica-se pela sínese, tendo o escritor em mente respectivamente “a minha pátria, assim como o sol”, “a vontade”, “o ferro mortal”, “o tempo”:

Somente sei que he gente lá de Hespanha, onde *o meu ninho e o sol no mar se banha* (Camões, *Lus.* 7, 68) — *A maior perigo, a mor affronta, por vós, ó rei, o espirito e carne é pronta* (*ib.* 4, 80) — *Em cujo corpo a morte e o ferro entrava* (*ib.* 4, 40) — *Fuge que o vento e o ceo te favorece* (*ib.* 2, 61).

1483. Se o verbo denota atos que ocorrem sucessivamente com os diferentes sujeitos, usa-se no plural:

O olho ironico, a face risonha e a meia frente de Alle surdiram junto á aresta do alisar de marmore (Herculano, *M. de C.* 2, 156) — *O mestre d'Aviz parecia distraído a principio; mas, pouco a pouco, a attenção, logo a curiosidade, depois o interesse, o espanto, a agitação pintaram-se-lhe successivamente no gesto* (*ib.* 2, 280).

1484. Denotando os diversos sujeitos no singular pessoas, animais ou objetos concretos perfeitamente definidos e distintos uns dos outros, o verbo, vindo depois, toma a forma plural:

Já Phlegon e Pyrois vinham tirando cos outros dous o carro radiante (Camões, *Lus.* 5, 61) — *Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam* arruinar a machina do mundo (*ib.* 6, 76).

1485. Se, depois de enumerados vários sujeitos ligados pela conjunção *e*, se emprega recapitulativamente a palavra *tudo*, o verbo que se segue toma a forma do singular, concordando somente com este termo recapitulativo:

Os campos, as flores, as aves, os rios, tudo nos serve de jogo innocente (Matias Aires, *Vaid.* 178) — *O falso e o verdadeiro, a verdade e a mentira, tudo passa*

(Vieira, *Serm.* 5, 11) — *A rodeira e as cuvilheiras e as sergentes, tudo abalara* para assistir ao grande drama de Corpus (Herculano, *M. de C.* 2, 158) — *A estas palavras, rei, cavalleiros, frades, povo, tudo se poz* de joelhos (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 255).

1486. Exceptuam-se desta regra aquelas construções em que, fazendo-se uso do verbo *ser*, o predicado é expresso por um substantivo no plural:

Pontos, coros e os mesmos comparsas, tudo eram parentes ou amigos intimos (Garrett, *Fr. Luis de Sousa* VIII).

1487. *Tudo* pode referir-se a um número mais ou menos considerável de indivíduos que temos em mente; o verbo nem por isso deixa de conservar-se no singular:

Tudo ficou pasmado; mas vendo e ouvindo o rir descompassado do ichacorvos, o povo começou a refluir para a praça (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 103) — *Dispara tudo* em longas gargalhadas (Castilho, *Fastos* 1, 49).

1488. Se o substantivo precedido de *e* se usa a modo de explicação parentética, generalização ou especialização, êle não influirá na concordância:

Ensine logo Adão, ensine o homem. *Eva e a mulher* [= Eva, e em geral a mulher] não *ensine* (Vieira, *Serm.* 3, 267).

1489. Se se enuncia o predicado primeiro que os diversos substantivos-sujeitos ligados pela conjunção *e*, e sendo estes nomes de pessoas diferentes, o verbo se usa geralmente no plural:

Vem a fazenda á terra... Co ella *ficam* Alvaro e Diogo (Camões, *Lus.* 8, 94).

1490. Casos há todavia de verbo no singular concordando apenas com o nome mais próximo. Mas esta linguagem não é favorecida por todos os escritores igualmente. *NOs Lusitadãs* há um exemplo, em Heitor Pinto vários; Vieira, em certas ocasiões, insiste em pôr o verbo no singular. Nestes casos excepcionais parece quererem os escritores pôr em relêvo atos que ocorrem sucessivamente, podendo-se repetir o verbo para cada sujeito. *Passou Fídiás e Lisipo* equivaleria a *Passou Fídiás e passou Lisipo*:

Tentou Peritho e Theseo, de ignorantes, o reino de Plutão horrendo e escuro (Camões, *Lus.* 2, 112) — *Como o conta Suetonio Tranquillo e Eutropio* (Heitor Pinto 2, 669) — *Na piquena ilha de Chou nasceo Hipocrates, e Phidias, e Apelles*, hum príncipe dos medicos, outro dos imaginarios, outro dos pintores (*ib.* 2, 747) — *Vote cada hum no que professa...* Nos casos da religião *vote Samuel e Hely*; nos negocios da guerra *vote Joab e Abner*;... nas occorrencias da navegção e do mar... *vote Pedro e André* (Vieira, *Serm.* 2, 217) — *Ainda que lho pedisse Noé, Job e Daniel*, não lho havia de conceder (*ib.* 2, 93) — *Ainda que interceda Noé, Job e Daniel* [quatro vèzes na mesma página] (*ib.* 2, 94) — *Do mesmo pai nasceo Isaac e Ismael* (*ib.* 7, 148) — *Na mesma hora nasceo Jacob e Esau*, hum foi amado de Deus, outro aborrecido (*ib.* 7, 149) — *Na mesma terra nasceo Caim e Abel*, e hum foi o primeiro tyranno, outro

o primeiro martyr (ib. 7, 148) — Na estatuaría *passou Phidias e Lysippo*; na pintura *passou Timantes e Apelles*; na architectura *passou Meliagenes e Democrates*; na musica *passou Orpheo e Anfion*; na historia, Tucídides e Livio (ib. 5, 9) — E la *vay o nosso governo, os nossos lugares e dignidades, e a nossa nação* (Bernardes, N. Flor. 4. 31).

1491. A timidez quanto ao emprêgo do verbo no singular desaparece entre os escritores de todos os tempos, desde que os sujeitos postos ao verbo se refiram a cousas ou sejam nomes abstratos. É syntaxe sobretudo usada quando se trata de cousas semelhantes, ou quase semelhantes, ou pouco distintas:

Se a tanto me *ajudar o engenho e arte* (Camões, Lus. 1, 2) — Muito pouco *val esforço e arte* contra infernais vontades enganosas; pouco *val coração, astucia e siso* se lá dos céos não vem celeste aviso (ib. 2, 59) — Mas nunca poderá com força ou manha a fortuna inquieta pôr-lhe noda, que lh'a não *tire o esforço e ousadia* dos bellicosos peitos (ib. 3, 17) — *Chega-se o prazo e dia* assinalado (ib. 6, 58) — Mas comtigo *se acabe o nome e a gloria* (ib. 4, 102) — O que alli fez a *malicia e a crueldade* dos ministros, *deve em nós fazer o fervor e prudencia* do espirito (Bernardes, N. Flor. 4, 118) — Elle folga e ri assentado no throno que lhe *deu a traição e o perjurio* (Herculano, Eur. 67) — *Padecer e calar* é o que nos *mãda o evangelho e a sancta regra* (Herculano, M. de C. 2, 268) — Dessa fonte inexaurível *mana a resignação e a paz* (Herculano, Lendas e Narr. 2, 202) — Esperando que da morada dos mortos *surgisse para mim descanso e esquecimento* (Herculano, Eur. 78) — Essa loucura que o cheiro de sangue produz é um respiradouro por onde *resfolegará a indignação e a colera* enthesourada por annos neste coração (ib. 77).

1492. Exemplos de uma e outra concordância com sujeitos denotando cousas concretas:

Cobrem ouro e aljofar ao velludo (Camões, Lus. 2, 95) — Não lhe *aproveita já trabuco* horrendo, *mina secreta, ariete* forçoso (Camões, Lus. 3, 79) — *Lustra* co sol o arnes, *a lança, a espada* (ib. 3, 107) — *Diga-me* agora a terra e o ceo, digam-me os homens e os anjos (Vieira, Serm. 7, 367) — *Fugio delle o ceo e a terra* (ib. 5, 28).

1493. Emprega-se o verbo no plural quando a cada um dos sujeitos postos se segue um complemento verbal diferente para cada caso e se faz uma pausa depois do verbo comum (a qual às vêzes vem indicada pela pontuação):

Deste modo *receberam Italico o premio* da sua fé, e seu *competidor o castigo* do seu peccado (Bernardes, N. Flor. 4, 269) — *Necessitam* aqui o *Mestre de alguma explicação, e o discipulo de seu vexame* (ib. 1, 22).

1494. Verbo no singular e sem pausa ocorre em:

Por *haver elrey* Dom João *empenhado* na facção o *poder, o infante* Dom Luis a *peessoa* (Freire de Andrade 5).

1495. Para significar que alguma cousa é digna de ser vista ou reparada, usam-se as frases *é de ver, é para ver, é de reparar* com o verbo

ser no singular quando antepostas ao substantivo, ainda que este se ache no plural. São frases estereotipadas resultantes de *é cousa de ver, é cousa para ver*, como a principio se diria:

He muito *de reparar os dous termos* com que no Testamento Velho se figuram a Maternidade da Senhora e a Cruz de Christo (Vieira, Serm. 2, 287) — *Era* muito *para ver os braços* que se levantavam e estendiam do meyo da multidão (ib. 8, 358) — Se o dia não fora de tanto cuidado, muito *seria para ver os homens grandes* de todas as cidades juntos (ib. 3, 151) — *Era para ver os nossos* investindo os Mouros (F. J. Freire, D. H. 59) — *He para admirar as estranhas cousas* que diziam sobre este ponto (F. J. Freire, A. Poét. de Hor. 125).

1496. Diz-se todavia o verbo no plural se vier enunciado depois de substantivo no plural.

Estes anjos eram de ver porque vestiam varias cores e roupas muito ricas (Sousa, Arceb. 2, 21).

1497. O verbo *haver*, fazendo as vêzes do verbo *existir*, usa-se no singular ainda quando se refira à existência de muitos seres expressos por substantivo no plural. Remonta esta prática ao período latino em que *habere*, mantendo ainda o sentido primitivo, teria sujeito próprio. Diferenciado o sentido e obliterada da mente a noção do dito sujeito, continuou-se todavia a usar o verbo no singular. A repugnância que sempre houve pelo emprêgo da forma *hão* como verbo nocional contribuiu para que, não somente em linguagem literária, mas ainda em linguagem popular, se dissesse até hoje sempre no presente do indicativo *há homens, há nações*, etc. Por analogia se havia de usar também o singular nas demais formas do verbo, não sendo contudo de estranhar que nestoutras prevalecesse alguma vez a razão semântica sobre a força do antigo uso. Em alguns escritores notáveis do século XIX têm-se apontado vários exemplos de orações existenciais com *houveram, houvessem*, etc., no plural. Mas a novidade vem de mais longe. De Matias Aires (1752) são estes passos:

Quantos Achilles *terão havido*, cujas noticias se acabarão só porque não tiverão Homeros que as fizessem durar hum certo tempo...? (Vaid. 29) — De quantas acções fará menção a historia, que já mais se virão?... E de quantos nomes, que nunca *houverão?* (ib. 363) — Deste modo he que antigamente *havião* Nobres, porque em todo o tempo *houverão* poderosos (ib. 396) — Enquanto *houverem* cores, sombras e pretextos, *hão* de padecer a verdade, a justiça, e a virtude (ib. 327).

1498. Outros autores contemporâneos de Matias Aires evitaram, escrupulosos e fiéis à tradição, escrever orações existenciais com o verbo *haver* no plural. Que esta forma alternava com o singular na linguagem falada daquele tempo, deprende-se destes passos de Antônio José da Silva:

Se não *houvessem* boas almas, já o mundo estava acabado (Alecr. 38) — Para que não *hajam* duvidas no dote, assentai-vos e sabereis o que haveis de levar (ib. 47).

1499. Os pronomes *tu* e *vós* exigem naturalmente, um o verbo na 2.^a pessoa do singular, outro o verbo na 2.^a do plural. Porém se tratarmos a pessoa a quem nos dirigimos por *vossa mercê, você, o Senhor, vossa reverência, vossa senhoria, vossa alteza, etc.*, poremos o verbo na 3.^a pessoa por causa do substantivo que entra em tais dizeres; e como dativo e acusativo destes tratamentos usaremos as formas pronominais *lhe, o, a*, próprias de 3.^a pessoa, mas as formas *o, a*, em lugar de concordarem em gênero com os ditos nomes, são referidas unicamente ao sexo da pessoa. Esta mesma sinese se estende à concordância dos adjetivos:

Vossa Reverencia agradeça a Deos as mercês que lhe faz (Sousa, *Arceb.* 1, 211) — *Vossa Reverencia*, ainda que Nosso Senhor o fez magnanimamente, bem sei que *deseja* minha tornada pera se ver *desapressado* dessa tempestade de negocios... Nosso Senhor o cubra de sua consolação e graça (*ib.* 1, 222) — *Peço-lhe* [a V. R.] por amor de Deus e, encarrego-*lhe* a consciencia que daqui não tire hum ceítíl (*ib.* 1, 220) — Quantas cartas de lá vem todas não falo outra cousa senão de quão bem V. R. tem mão no leme e de quão *amado* he dos de fora e dos de casa (*ib.* 1, 212) — *Escreva-me* o que nisto está feito e quão *rico* V. R. está (*ib.* 1, 208).

1500. Não permite o português moderno que, depois de dar a alguém um tratamento que demanda o verbo na 3.^a pessoa, se salte dessa prática para o pronome *vós* e 2.^a pessoa do plural. Seguimos neste ponto rumo contrário ao português antigo. Naquele tempo, se se dava ao príncipe *vossa mercê, vossa senhoria, etc.*, tais expressões pediam, como sujeito de oração, naturalmente o verbo na 3.^a pessoa; mas empregavam-se ainda com certa parcimônia, sendo necessário voltar logo ao pronome *vós* e insistir no uso deste pronome:

Sempre farei o que *vossa senhoria mandar*; porem a mi me parece que o infante meu irmão no que *vos* requiere, não faz menos do que *vós* (Rui de Pina, *D. Duarte* 56) — Isto que me *vossa alteza manda* fazer se deve a meu juizo antre outras *vossas* louvadas obras muito estimar (Duarte Galvão, *D. Af. Henr.* 31).

1501. Por volta do século XVI o tratamento cerimonioso com as referidas expressões *vossa mercê, etc.*, começa a ganhar vulto, tornando-se tão importante como o pronome *vós*. Pede então o bom estilo que se volva, de quando em quando, a este pronome. Resulta daí alterarem não somente as formas verbais, mas ainda ocorrerem ora *vós, vos, vosso, ora lhe, o, a*. João de Barros, dedicando a *Crônica do Imperador Clarimundo* a D. João III, escreve:

E elle me fez dispor os dias passados pera servir V. Alteza na trasladação desta chronica. E sabendo isto de mim, *usastes* tão liberalmente comigo, dando-me a isso favor... No qual tempo por vontade da Summa potencia *recebestes* o real cetro digno de *Vós, e vós* muito mais d'elle (*Pról.*) — São em V. Real Senhoria exemplo pera quem perfeitamente quizer obrar. E como eu, Illustrissimo Príncipe, fosse criado sobre a disciplina destas magnificas obras, que no discurso de sua vida *tem* feito... quiz imitar seu virtuoso exercicio, lendo as vidas e obras dos passados (*Pról.*).

1502. Semelhantemente lemos a páginas 180-181:

Senhora, veja *Vossa Alteza* o que *manda*, pois a isso sou vindo diante de *vós*, e pois já de mim não *tem* necessidade, *permita* beijar-*lhe* as mãos.

1503. E no prólogo das *Décadas*, que também dedica ao monarca:

Apresentei hum debuxo feito em nome de *Vossa Alteza*... afim de aparar o estilo de minha possibilidade pera esta *vossa* Asia. A qual pintura por ser em nome de *Vossa Alteza* assi contentou a elrei *vosso* Padre...

1504. Samuel Usque, contemporâneo de João de Barros, dirige-se a Dona Gracia Nasci nestes termos:

Era justo offerecel-o a *Vossa Excellencia*... pois nos remedios que *aveis* dado *sentistes* e ynda *sentis* seus trabalhos... Nesta parte nam me cega afeiçam em ser eu yllustrissima Senhora *vossa* feitura... enfluindo todas juntas suas vertudes na ultima provincia da terra, *vós* sobre todas *fizestes* e ynda *fazeis* sayr a luz o fruto das plantas que estam laa naquella escuridade sepultadas. Pello que *lhe* peço como costumada *he* de me fazer merces beninamente *aceite* este pique no serviço (*Trib., Pról.*).

1505. Hoje, que a combinação de *vossa* com *senhoria, alteza, etc.* aparece cristalizada em nossa mente como um todo, como um só vocábulo com função de pronome pessoal, a primeira impressão que nos vem da leitura dos trechos supraditos é a de incongruência estranhável em escritores de nota, como o são os autores de tais trechos, e tanto mais em epístolas e dedicatórias, onde se costuma usar de linguagem muito apurada. Todavia, se nos transportarmos à época de então e refletirmos mais detidamente, julgaremos melhor e acharemos senso lógico na disparidade e, até certo ponto, mais senso do que na concordância que acabou por ficar consagrada. Efetivamente, uma vez que se proferia um possessivo, e este possessivo era o vocábulo *vossa*, a referência se fazia ao possuidor *vós*; pressupunha-se o tratamento de *vós* para o indivíduo a quem o discurso era dirigido. Esta situação veio a ficar perturbada quando o homem, não contente com o tratamento direto magnificado pela pluralização, entendeu dever ainda honrar e lisonjear o seu superior, fingindo dirigir-se a uma das suas virtudes, qualidades ou condições extraordinárias. Se esta manifestação de louvor ou deferência era passageira e calculada só para certos momentos — e assim o era a princípio —, o verbo se usava sim na 3.^a do singular em toda oração que tivesse por sujeito o termo *mercê, senhoria, alteza, etc.*, perseverando-se contudo, fora destes casos excepcionais, no tratamento de *vós* e verbo na 2.^a do plural. É por isso que dirigindo-nos ao Creador, cujos atributos nada têm que ver com as lisonjas e títulos honoríficos de que usam os mortais uns com os outros, se diz:

Mas só digo e lembro a *vossa* Majestade, senhor, que estes mesmos que agora *desfavoreceis* e *lançais* de *vós*, pode ser que os *queirais* algum dia e que os não *tenhais* (Vieira, *Serm.* 3, 481) — Parece-me que nos está dizendo *vossa* divina e humana Bondade, senhor, que o *fizereis* assim facilmente (*ib.* 3, 490).

1506. Quanto à *Majestade* com que se sobredoura a grandeza dos monarcas terrenos, é de notar que veio o título a Portugal com Filipe II de Espanha, quando o domínio de Portugal passou à coroa de Espanha; e insistiu-se neste tratamento para com o rei, de tal sorte que se foi retraindo cada vez mais o *vós*, já um tanto vulgar. Diogo de Couto, em 1597, 1603 e 1616, pôsto que ainda empregue *vosso Pai*, em todo o caso já se abstém de recorrer, como o fazia João de Barros, ao pronome *vós* e 2.^a pessoa do plural em concomitância com *Vossa Majestade* e formas pronominal e verbal na 3.^a pessoa do singular:

Mostraremos ao mundo que, assi como em *Vossa Magestade* se acha a ventura de Cesar e prudencia de Fabio, o esforço de Scipião, assi *lhe* não falta a humanidade e clemencia de Filippo (*Déc. 4, XXXVI*) — Verá *Vossa Magestade* nos raros e espantosos feitos que estes *seus* vassallos tem feito (*ib. XXXVI*) — Mas ter *Vossa Magestade* tanta lembrança que até os que acabaram já ha tantos annos *quiz* que participassem da grandeza de *suas* mercês, mandando-me que *lhe* traga seus feitos á luz, cousa foi em que parece *quiz* imitar a Deus, que he em resuscitar mortos (*ib. XXXIII*) — Por mandado do muito catholico Rey D. Felipe *vosso Pai* de gloriosa memoria (*ib. 7, Pról.*) — Compuz por mandado do muyto catholico e prudente Rey D. Felipe *vosso Pai* e pelo de V. Magestade, que muytos annos viva (*ib. 8, Pról.*).

1507. É evidente que se a locução *Vossa Majestade* veio a funcionar como pronome pessoal, outro tanto se havia de dar também com *Vossa Senhoria*, *Vossa Paternidade*, etc., usando-se estas igualmente com o verbo na 3.^a pessoa do singular e abandonando-se o tratamento de *vós*, desde o tempo em que prevaleceu o costume de dar a certas personalidades título honorífico de acôrdo com a sua posição social. De *vossa mercê* resultou *voçê*, que adquiriu sentido familiar, mas isto naturalmente não influiu na sintaxe de concordância.

1508. Os pronomes *êle*, *ela* não se aplicam à pessoa com quem se fala, como sucede em italiano com *Ela*, *Lei*. Ocorrem entanto alguns exemplos na literatura portugêsa que ou refletem certo falar regional ou são vestígios de antiga linguagem mais generalizada. Estarão no primeiro caso:

BRAZIA NUNES: Bons dias *lhe* dê Deos, Domingas Nunes — DOM. NUNES: *Ella* vê que manham tam desabrida, pera quem vai ganhar a vida (*Regat. 20*) — Se quer *ella*, comadre, tal nam diga, perdeo em mim hũa grande amiga (*ib. 21*) — SILVIA: Acabem'a em me ler a carta, qu'eu soo maa ledor de letra tirada, assentemo-nos... ZELOT: Como *ella* mandar (*Eufr. 103*) — SILVIA: Folgo tanto de falar com *elle* como com meu irmão... ZELOT: Eu nessa conta me tenho pera a servir (*ib.*).

1509. Outra parece ser a explicação dêstes passos:

Aqui cabia bem tomar eu nas mãos louvores de *vossa senhoria*, pois hahi campo larguissimo pera me per *elle* poder nelles esprayar, mas eu nam o farey porque sey quanto mais *elle* quer merecelos, que ouvilos: cousa natural d'altos animos, ter a honra em muyto e o pregão della em pouco (Heitor Pinto 1, X) — E pois essa fazenda que [Vossa Reverência] feitoriza e mordomea, he toda de Deos, que nem eu nem *elle* a herdamos nem ganhamos,

convem na dispensação della ter o olho posto somente em Deos, e grite quem gritar, e murmure quem murmurar (Sousa, *Arceb. 1, 183*) — Por isso veja V. R. lá, pois o Senhor quiz que *elle* agora fosse Bispo na obrigação e sustancial do officio, ainda que não ponha mitra (*ib. 1, 210*) — Se V. R. quando esta ler não tiver gastado polo menos os duzentos mil reis em cubrir os pobres nestes frios que vão, heyme de aqueixar muyto *delle*, e chamar-lhe mais apertado que hũa certa pessoa que calo (*ib. 1, 211*) — Nenhũa cousa seria parte pera diminuir hum ponto do credito e boa opinião de V. S... nem da boa vontade e afeição de S. Santidade para com *elle* (*ib. 2, 280*).

FUNÇÕES DOS TEMPOS VERBAIS

a) Presente

1510. Quando empregamos o verbo no presente do indicativo, queremos significar que a ação se passa durante o tempo, breve ou longo, em que estamos falando ou discorrendo sobre o assunto. A noção do presente, claro é, não se há de limitar ao instante fugaz em que se profere o verbo. Qualquer acontecimento, qualquer ato, por muito breve que seja, tem duração mais longa. Não haveria enunciado sem a cognição e portanto sem a preexistência do fato; e, por outra parte, terminado o enunciado verbal, para o qual bastou um só segundo, o fato nem por isso deixará de perdurar ainda algum tempo. Por outras palavras, a forma do presente refere-se ao que começou no passado e terminará no futuro. Praticamente, porém, sempre que os momentos inicial e terminal não nos parecem muito afastados do instante da palavra, consideramos a expressão verbal como presente momentâneo.

1511. Em caso contrário, isto é, quando sabemos ou imaginamos que o ato ora em via de execução data de longo tempo e promete continuar por espaço igualmente longo ou indeterminado, classificaremos a expressão verbal como presente durativo. Tem este sentido o verbo em dizeres como os que se seguem:

A terra em si toda *he* baixa, alagadiça, retalhada com lagos e rios (Barros, *Déc.* 1, 9, 3) — A terra *gira* em tórno do sol — *Descarrega* este rio as suas águas no Oceano.

1512. Outra aplicação da mesma forma verbal é aquela a que chamaremos presente freqüentativo. Se no caso precedente entendemos que a ação se tem executado sem solução de continuidade, nestoutro caso, pelo contrário, consiste o fenómeno numa série de atos da mesma espécie que se repetem com intervalos mais ou menos longos. A forma do presente aqui significa que os ditos atos se efetuam em época mais ou menos longa, a qual abrange o momento de agora. Dada a intermitência, pode suceder que justamente este instante coincida com uma das pausas ou interrupções, falhando então o ato apesar da denominação "tempo presente". O presente freqüentativo não se refere necessariamente ao que agora se está fazendo, e sim àquilo que se costuma fazer:

A mosca achou hũa formiga, e começou-lhe a desonrrar de maas palavras, dizendo: Tu, formiga mizquinha... nom *comes* senom trijuo e eu *como*

viandas nobres, e *como* nas mesas dos reis e dos senhores; tu *bebes* augua na terra, e eu *bebo* com taças e copas d'ouro preciosas; tu *andas* com os pees na lama, e eu *ando* pellos rrostros dos reys e dos senhores (*Livro de Esopo* 24) — E com isto vive Francisca com tal trato que nem *varre* a casa, nem *lava* hum prato (*Regat.* 21) — Ao modo como nós cá *escrevemos* em livros... assi elles de ambalas partes *escrevem* em folha comprida ou curta; e depois que tem escrito grande numero de folhas em continuação de livros, *mettem-as* entre duas tallas de pao (Barros, *Déc.* 1, 9, 3) — Pois, Senhor, como *empregais* e *despendeis* tantas vezes o preço infinito de vossas palavras... com esse infeliz homem? (Vieira, *Serm.* 2, 81).

1513. Dada a possibilidade das acepções durativa e freqüentativa, natural é que se digam com o verbo no tempo presente tôdas as proposições consignadoras de fatos reputados verdadeiros em qualquer época ou que costumam repetir-se e verificar-se sempre da mesma maneira, como sucede com os provérbios, aforismos, teoremas, princípios ou leis gerais da ciência, etc.

1514. Freqüente, sobretudo em linguagem familiar, é o emprêgo do presente do indicativo para denotar ações que ainda estão por ser postas em efeito. Este presente-futuro tem sobre o futuro propriamente dito a vantagem de ser forma mais simples; é além disso bom recurso de linguagem para produzir impressão mais viva, pois que, expondo os sucessos vindouros, como se já fôsem realidade atual, sugerimos no ouvinte a certeza do cumprimento e lhe faremos esquecer as contingências do futuro. Comparem-se "*Amanhã vou à sua casa*" e "*Irei à sua casa*".

1515. Atos pertencentes ao domínio do passado, e que portanto devem ter como forma de expressão o verbo no pretérito, enunciam-se às vêzes por meio do verbo no presente. Resulta esta prática da consciência que temos de serem as imagens remotas um tanto apagadas em relação às atuais. Aproximá-las de nós e enquadrá-las no tempo presente terá por efeito impressão mais viva no espírito do ouvinte. É sobretudo notório este efeito na narração de atos diferentes que se sucederam uns aos outros com decisão e rapidez, podendo então a série de orações terminar bruscamente por um verbo no presente, como neste exemplo:

Tanto que Architofel vio isto... *põe-se* a cavallo, *parte-se* para sua casa, *faz* seu testamento, *deita* hum laço a hũa trave, *enforca-se* (Vieira, *Serm.* 5, 520).

1516. Mais harmoniosos entretanto parecem os períodos ou narrações do referido tipo em que, sem prejudicar a vivacidade da linguagem, se faz a terminação volvendo à forma do pretérito:

Estavam as molheres e filhos de terra vendo o perigo, e em suas almas correndo a mesma tormenta. Crescia a passos iguaes o medo e desesperação. *Desemparram* a praya, *correm* ao convento, e voz em grita *publicam* o perigo, *pedem* soccorro *amesquinham-se*, *carpem-se*. *Compadeceo-se* o Santo, *foy-se* prostrar diante do Santissimo Sacramento (Sousa, *Arceb.* 2, 144) — Aconteceo hir hum dia prégar longe, tornou tarde e moydo e afadigado do caminho. Eis que *tangem* a vesperras: no mesmo ponto *deyx*a mesa e comer, e *caminh*ou pera o coro (*Arceb.* 2, 114) — Tinha um dos mais nobres moradores de Viana hum filho

mancebo doente, agravou-se o mal, *juntam-se* os medicos, *assentam* que morre, que se trate d'alma, e acudam apressadamente aos Sacramentos. Entretanto *correm* os parentes ao Convento affligidos e desalentados, *pedem* algũa reliquia do Santo, *levam* hũa tunica que fora sua, *lançaram-na* sobre o enfermo; e *foy* Deos *servido* que sem outro beneficio tornasse das portas da morte (*ib.* 2, 307).

1517. Este chamado presente-histórico, que figura os acontecimentos passados como se se viessem desdobrando no proscênio da vida ho-dierna, aparece menos nos escritos em prosa do que em linguagem poética, que é aquela onde a fôrça imaginativa melhor se manifesta. N^{Os} *Lusíadas* ocorre a cada passo, dando vigor e colorido a tôda a sorte de narrações e descrições. Como exemplos citarei sem muito escolher:

Recebe o capitão alegremente o Mouro e toda sua companhia; *dá-lhe* de ricas peças hum presente, que só pera este effeito já trazia; *dá-lhe* conserva doce, e *dá-lhe* o ardente não usado licor, que dá alegria. Tudo o Mouro contente bem *recebe*, e muito mais contente *come* e *bebe* (*Lus.* 1, 61).

1518. A Camões porém não bastou empregar o presente histórico em inúmeros exemplos como o precedente, que agradam a qualquer leitor. Nota-se-lhe também certa facilidade não comum em jogar com as duas formas verbais, usando ora do presente, ora do pretérito e chegando até a desprezar a conformidade de formas temporais que deve existir entre oração principal e oração subordinada ou entre as subordinadas. Exemplos desta última espécie, desagradáveis aos ouvidos modernos e sem influência na literatura pós-camoniã (salvo em um ou outro poeta imitador), são freqüentes n^{Os} *Lusíadas*. Apontarei aqui os seguintes:

Vejo hum estranho vir de pelle preta, que *tomaram* por força *emquanto apanha* de mel os doces favos da montanha (*Lus.* 5, 27) — *Vi* logo por sinaes e por acenos *que* com isto *se alegre* grandemente (*ib.* 5, 29) — Com dadivas alegres *lhe rogava* *que* o leve á terra onde esta gente estava (*ib.* 1, 98) — E porque tudo *note* e tudo *veja*, ao capitão *pedia* *que* *lhe dê* mostra das fortes armas de que usavam (*ib.* 1, 63) — O Gama *lhe pedia* primeiro *que* *se assente* (*ib.* 7, 75) — Mas vendo o capitão *que* *se detinha* já mais do *que devia*, e o fresco vento o *convida* *que* parta e tome asinha os pilotos de terra e mantimentos, não *se quer* mais deter, que ainda *tinha* muito pera cortar do salso argento (*ib.* 6, 3).

1519. De Gabriel Pereira de Castro, um dos imitadores de Camões, é este trecho:

Conta-nos como o grande Heitor *deseja* saber o que no exercito *passava*, *que* a elle o *manda*, porque *note* e *veja* se a gente grega *espera* ou *se embarcava*; se os animos *dispõe* para a peleja, e o que sobre isto entre elles *se tratava* a ver, *dizia*, estes segredos *vinha*, e aqui me *trouxe* a má fortuna minha (*Ulis.* 6, 51).

1520. Confrontem-se com os exemplos de linguagem literária os seguintes dizeres próprios do falar do povo:

Vou e vendo hũa viola e hum gibão de fustão e botas de cordovão, que tinham inda boa sola, que durariam hum verão e vendi hũa gualteira e fiz da pousada feira (Gil Vicente 3, 14) — Emfim, *vou* eu muito asinha, *empenho* hũa sella que tinha, e *albardo* o meu cavallo (*ib.* 3, 175) — Esta noite eu lazerando sobre hũa arca e as pernas fora, elle *acorda-me* a hũa hora... *faz-me* accender candieiro, e que lhe tenha o tinteiro (*ib.* 3, 178).

b) Imperfeito e Perfeito

1521. São do domínio do passado todos os sucessos realizados, todos os atos que se puseram em effeito antes do momento de os relatarmos e que não chegaram a durar até este momento. Para exprimir estes atos e sucessos servem-nos as diversas formas do pretérito do indicativo.

1522. O pretérito imperfeito denota:

a) ação durativa:

Estavas, linda Ines, posta em socego (Camões, *Lus.* 3, 120) — Por estas naos os Mouros *esperavam* (*ib.* 9, 4) — Parece que o temor o *tornava* no que devia de fazer (Barros, *Déc.* 3, 8, 9) — E como foi sobre uma pouca de olla, que *estava* na coxia,... foi vista de huma torre alta, onde *estava* posta huma atalaia pera dar signal (*ib.* 3, 7, 2) — E continuando nossa viagem assi destrôçados como *hiamos* mais tres dias, nos deu hum temporal de vento esgarrão (Fernão Mendes Pinto 2, 198) — Os ventos nordestes nos *eram* ponteyros, e as agoas *corriam* muyto contra nós (*ib.* 2, 199).

b) ação freqüentativa, costume:

Quando os Censores *achavam* Roma muyto chea de gente, *descarregavã-na* mandando algũa della a povoar outra provincia (Arrais 248) — [Um mancebo costumado de menino a nadar dentro no mar] *penetrava* os intimos e remotissimos mares, *tornava* muytas vezes á praya, e *avisava* os marinheiros das tempestades (*ib.* 251) — Em cada hum anno todos no verão *navegavam* suas mercadorias destes lugares pera os portos de sima (Barros, *Déc.* 2, 1, 4) — Nem falemos em Maria Briolanja, que *vendia* limam, cidra e laranja (*Regat.* 22) — *Dezia* minha may Margarida Vas... filha, eu, tu, tua tia e tua avó, todas nos tornaremos cinza e pó (*ib.*) — Acudindo-lhe com agoa quando *esmoreciam* que era muytas vezes (Fernão Mendes Pinto 2, 293).

1523. O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito pelo contrário fixa a enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado:

Pedralvarez... *mandou* arvorar huma cruz mui grande no mais alto lugar de huma arvore, e ao pé della se *disse* missa (Barros, *Déc.* 1, 5, 2) — E ele *se foy* ás casas onde dō Garcia estava, e dahi ho *levou* aa fortaleza e com hūs grillhões ho *mandou* meter na torre de menagem onde *esteve* oytto dias (Castanheda 7, 58) — Já em algum tempo aquella imagem *recebeo* alli adoração (Barros, *Déc.* 2, 5, 1) — Todo o mundo que o demonio hoje *offereceo* a Christo *foy* por hũa alma alhea (Vieira, *Serm.* 2, 82) — Agora que *me vinguei* de ti, faça Deus de mim o que quizer (Couto, *Déc.* 8, 15).

1524. Algumas vezes, como neste passo *Eu conheci hum homem fidalgo que tinha o corpo semeado de escamas* (Arrais 251), parece à primeira vista referir-se o pretérito perfeito a uma época vaga e indeterminada. Seria incorreta tal interpretação. *Eu conheci*, no perfeito, pôsto que corresponda a tempo mais ou menos longo, todavia dá a entender que o conhecimento se travou em certo dia e terminou em outra ocasião ou porque morresse o individuo, ou porque eu desde então nunca mais o visse. O imperfeito *Eu conhecia* não teria cabimento neste caso.

1525. Repare-se também na diversidade de sentido em "*Sabia que seria condenado*" [sabia desde quando?] e "*Soube que seria condenado*" [isto é, fui informado em certo momento de que seria condenado]. Em francês se diria num caso *Je savais* e noutro *J'ai appris*.

1526. Supõem alguns gramáticos que ao imperfeito compete principalmente exprimir ação simultânea a outra ação passada. Não justificam tal hipótese dizeres como "*Quando a vi, chorei*", para ações momentâneas, ou "*Quando a via, chorava*", para atos repetidos.

1527. Um caso muito especial, e de linguagem forçada, é o uso do imperfeito em frases onde deveria estar a forma do presente. São raros os exemplos. Camões aventurou:

Dar-te-ei, senhor illustre, relação de mi, da lei, das armas que *trazia* (Lus. 1, 64) — Deste Deus-homem, alto e infinito, os livros que tu pedes não *trazia* (ib. 1, 66).

1528. E para completar estas ousadias, põe o poeta o futuro do pretérito em lugar do futuro do presente:

Se as armas queres ver, como tens dito, cumprido esse desejo te *seria* (Lus. 1, 66).

1529. Bem podia Camões usar desta linguagem em atenção à rima, já que não era rigoroso em observar, como vimos atrás [parágrafo 1518], a conformidade das formas temporais que a lógica estabelece entre as diversas orações.

1530. Na narração de atos passados que se foram sucedendo uns aos outros, é costume pôr os respectivos verbos todos igualmente no pretérito perfeito. Às vezes, sobretudo em português antigo e quinhentista, aparece desrespeitada esta harmonia, passando-se de súbito à forma do imperfeito. Em tal caso quer o autor pôr em evidência que estoutros atos são durativos ou freqüentativos:

A cegonha *meteo* o bico e collo dentro, e *comia* e *dizia* aa rraposa: Amiga, comede (Livre de Esofo 22) — Ho pastor... *tomou* hũm carneiro e *poseo* d'avante o lleom: ho lleom nom lh'o *quys* tomar, e *mostrava-lhe* ho *pee*... e *rrogava* ao pastor que lh'a [a espinha] tirasse (ib. 27) — O leam... ho *conheço* e *chegou-sse* a elle e *andava-o* lambendo e *defendia-o* dos outros lleões que lhe nom fezessem mall (ib. 28) — Hũu lobo *furtou* hũu bode e *levou-ho* a

hũu gram ssilvado e aly o *comia* a sseu gram ssabor (31) — Depois que o linho *foy* grande, *fez d'elle* rredes e laços, e *tomava* muytas aves (ib. 45) — E depois que *camto*, o *gaviam* *scarneçia* d'elle (31) — O cavaleyro *tomou* hũu ssodairo e *enxugava* ho rrostro (ib. 54).

1531. O imperfeito nestes passos não corresponde ao falar moderno. Hoje empregariamos, em seu lugar, o pretérito perfeito ou lançariamos mão das combinações: *pôs-se a comer*, *pôs-se a andar e defender*, *começou a tomar muitas aves*, *pôs-se a enxugar o rosto*, etc., que significam ação durativa e freqüentativa.

1532. O imperfeito tanto pode expressar a ação durativa realizada ao tempo de outra ação passada ou logo depois, como certa ação que habitualmente se praticava. O sentido interpreta-se pelo contexto. Quando o seu emprêgo possa dar lugar a equivocação, dá-se outro torneio à frase. Assim no trecho *e depois este gaviam voou em hũa arvor omde armavam aas aves com ho visco, e enviscou-se* (Livre de Esofo 31), o português moderno não hesitaria em substituir *armavam* por *costumavam armar*.

1533. O verbo de sentido existencial, servindo de comêço a lendas, contos ou histórias do passado, diz-se hoje geralmente no imperfeito. *Era uma vez um veado*, etc. O português antigo servia-se da mesma forma verbal se empregava *haver*; mas se recorria ao verbo *ser*, preferia a forma do pretérito perfeito:

Conta que em hũa provincia *avya* hũu hõem bóo que *avya* nome amaro (Santo Amaro 507) — Comta-sse que *foy hũa vez* hũu ladrom que queria de noute rroubar hũa casa (Livre de Esofo 47) — Comta-se que *foy* hũu senhor que *tyinha* hũu branchete, com o qual muytas vezes brincava (ib. 21) — Diz que *foy hũa vez* hũu leom que jazia em hũu mato de so hũa fremosa verdura (ib. 43).

c) Mais-que-perfeito

1534. Quando queremos significar que certo fato ocorreu antes de outro fato passado, damos ao competente verbo a forma do mais-que-perfeito. Satisfaz esta forma ao intento nas três pessoas do singular e na 1.^a e 2.^a do plural, ao passo que as terminações *-aram*, *-eram*, *-iram* são idênticas às do pretérito perfeito e com elas se confundem. Não há inconveniente nisto desde que pelo contexto se entenda o sentido; fazendo-se porém mister dissipar dúvidas, emprega-se em lugar do mais-que-perfeito simples a combinação *tinham + particípio do pretérito*, dando ao auxiliar a desinência pessoal respectiva. Não serve entanto esta forma composta só para diferenciar o mais-que-perfeito do pretérito perfeito, nem se limita o seu emprêgo à 3.^a pessoa do plural. Ela substitui a forma simples em qualquer pessoa, e nesta prática tanto foi insistindo a linguagem falada que o estilo familiar de hoje lhe dá indiscutível preferência sôbre as formas em *-ara*, *-era*, *-ira*. A linguagem escrita, pôsto que procure sempre pôr em primeiro plano o emprêgo

destas formas simples, por lhe parecerem mais elegantes, utiliza-se todavia da combinação *tinha* + *participio do pretérito* com menos liberdade, é certo, mas da mesma maneira que na linguagem falada.

1535. A referida combinação verbal, segundo vimos na *Lexicologia*, em rigor não é mais do que o pretérito imperfeito de certa conjugação composta; *tinha quebrado* é o imperfeito de *ter quebrado*, que se diz da ação completamente consumada e que é aspecto diferente da ação vaga e indefinida *quebrar*. Em virtude do sentido primitivo é a forma *tinha quebrado* mais apta que o simples *quebrara* para afirmar com precisão e energia a realização do ato passado anterior a outro.

1536. Estes diversos casos acima referidos que, em linguagem escrita, podem determinar o emprêgo ora de uma ora de outra forma verbal, acham-se reunidos nos seguintes passos colhidos nas primeiras páginas do *Eurico* de Alexandre Herculano:

A raça dos wisigodos conquistadora das Hespanhas *subjugara* toda a península havia mais de um seculo. Nenhuma das tribus germanicas que... *tinham vestido* sua barbara nudez com os trajas despedaçados, mas esplendidos, da civilização romana, *soubera* como os godos ajuncar esses fragmentos de purpura e ouro para se compôr a exemplo de povo civilizado (1-2) — Leuwigild... *acabara* com a especie de monarchia que os Suevos *tinham instituido* na Gallecia e *expirara* em Toletum (2) — A podridão *tinha chegado* ao amago da arvore, e ella devia secçar (4) — Uma longa paz com as outras nações *tinha convertido* a antiga energia dos godos em alimento das dissenções intestinas (5) — O orgulhoso Favila não *consentira* que o menos nobre gardingo pusesse tão alto a mira dos seus desejos (10).

1537. É de notar na página 4 da mesma obra o trecho:

As virtudes civis e, sobretudo, o amor da patria *tinham nascido* para os godos logo que, assentando o seu dominio nas Hespanhas, *possuíram* de paes a filhos o campo agricultado, o lar domestico, o templo da oração e o cimiterio do repouso e da saudade.

1538. O verbo *possuíram* deve-se interpretar aqui como pretérito perfeito por causa da conjunção *logo que*. Sendo assim, *tinham nascido* exprime ato simultâneo, senão conseqüente, ao do pretérito *possuíram*. Mas o autor empregou *tinham nascido* como mais-que-perfeito, isto é, como ocorrência anterior a outros sucessos que ao depois expõe e que vão constituir o assunto principal da sua narração.

1539. As formas verbais em *-ara, -era, -ira* têm aplicação secundária nas proposições condicionantes e condicionadas, fazendo as vezes do imperfeito do conjuntivo e do futuro do pretérito. Sendo tal linguagem comuníssima entre quinhentistas e seiscentistas, que a herdaram do português antigo, não tiveram os gramáticos dúvida em considerar em tais casos as ditas formas *-ara, -era, -ira* como colaterais de *-asse, -esse, -isse*, e *-aria, -eria, -iria*, ainda que morfológicamente não procedam senão do mais-que-perfeito latino.

1540. Porém esta equivalência tem limites. Em certos casos é impossível a substituição. Nunca se empregam as formas em *-ara, -era, -ira*

em lugar das que são próprias do imperfeito do conjuntivo e do futuro do pretérito em dizeres como *para que fizesse, disse que viria, contanto que partisse*, e outros. Entretanto faz-se às vezes a troca em oração concessiva:

Ainda que algum de nós *soubera* de certo e *tivera* revelação que a sua alma se nam havia de salvar, só por ser alma, a não havia de dar por nenhum preço do mundo (Vieira, *Serm.* 2, 81).

1541. A forma do mais-que-perfeito pode também suprir o imperfeito do conjuntivo em certas orações exclamativas:

Prouvera a Deus! (por *prouvesse a Deus!*) — Aos deoses *aprouvera!* (*Agam.* 86) — Oh quem não *fora* nascido, ou acabasse de viver! (*Gil Vicente* 3, 72).

d) Futuro

1542. O futuro é a forma verbal apropriada para significar que certo acontecimento, inexistente na época em que se fala ou de que se fala, se há de efetuar; em todo o caso, mais tarde. A linguagem porém não restringe o emprêgo do futuro somente a este caráter narrativo, profético ou anunciativo. Serve-se também da mesma forma verbal artificialmente, referindo-se a fatos ou intenções que se passam na atualidade, mas que convém expor como se pertencessem ao domínio vago e indefinido do porvir. Do futuro propriamente dito, denotador de atos realmente vindouros, dão prova os exemplos seguintes, em que, de acôrdo com a época de que se trata, se emprega ora o futuro do presente, ora o futuro do pretérito:

Aqui de Dom Filippe de Menezes se *mostrará* a virtude em armas clara (Camões, *Lus.* 10, 104) — Dissestes que *olhariéis e verieis* e parece que os aspectos do olhar e ver nesses dous divinos planetas se encontraram (Vieira, *Serm.* 13, 141) — Jurava que eu era boa e meiga, que eu era bella; que *seria* sua esposa (Herculano, *M. de C.* 2, 177) — Assegurava-lhe tambem que o caridoso parochio lhe *proporcionaria* os demais soccorros a que não chegava a sua pouquidade (*ib.* 2, 359) — Não *tardará* que os Arabes desçam do Calpe e se derramem pela provincia de Hespanha (Herculano, *Eur.* 70) — *Continuarei* as minhas correrias nocturnas para as bandas do Calpe (*ib.* 71).

1543. Passando às aplicações secundárias, começemos por assinalar a função imperativa ou compulsiva de que é capaz o futuro do presente na 2.^a pessoa do singular ou do plural. Este futuro compulsivo — assim lhe chamaremos por comodidade de linguagem — pode ser ou categórico ou simplesmente sugestivo.

1544. O tipo categórico exprime uma ordem dada no tempo presente, contando-se que será cumprida. É linguagem mais enérgica que o modo imperativo, pois que não faz o mínimo caso da vontade do individuo com quem se fala. São dèste teor as determinações e mandamentos do *Antigo Testamento*:

Não *acendereis* lume em tôdas as vossas casas no dia de sábadô — *Farás* também um altar de pau de cetim — *Honrarás* a teu pai e a tua mãe — Não *matarás* — Não *furtarás* — *Trabalharás* seis dias e *farás* nêles tudo o que tens para fazer, etc.

1545. A forma da linguagem pode ser tal, que o verbo no futuro venha a ficar na 3.^a pessoa, tendo um sujeito da 3.^a pessoa; mas desde que se subentenda que a ação só pode ser posta em efeito pelo indivíduo de quem se exige obediência, o dito futuro pertencerá ainda ao tipo categórico:

O dia sétimo *será* para vós santo — E *farás* para o seu serviço caldeiras... e uma grelha de bronze em forma de rêde; em cujos quatro cantos *haverá* quatro argolas de bronze, que porás abaixo da área do altar; e a grelha *estará* até ao meio do altar, etc.

1546. Nas disposições de leis em geral e nas cláusulas contratuais definem-se as obrigações, dando aos respectivos verbos a forma do futuro na 3.^a pessoa. É claro que aqui não se pretende anunciar ou profetizar acontecimento; devemos incluir êste futuro no tipo categórico. Pôsto que as mais das vêzes não dimanem tais obrigações de uma autoridade individual capaz de impor a sua vontade e exigir cumprimento, procedem todavia de certas instituições que têm a mesmíssima fôrça.

1547. O futuro sugestivo é outro substituto do imperativo. Pelo tom de voz em que é proferido e pelo contexto reconhecemos que é cousa diversa do futuro categórico. Se por meio dêste, segundo vimos, o indivíduo que fala quer fazer sentir que tem autoridade e está disposto a prevalecer-se dela em caso de desobediência, ao servir-se do futuro sugestivo, procurará, pelo contrário, provocar em outrem apenas o sentimento da necessidade de pôr em efeito aquilo que deseja ver praticado. A forma do futuro neste caso tem sôbre o imperativo comum a vantagem de dar a perceber que se conta com a realização vindoura da ação, que esta realização é uma quase profecia, mas que não se entende senão como simples conselho, pedido ou sugestão. É um estratagem de linguagem, pois intimamente esperamos que o indivíduo a quem nos dirigimos, suggestionado por nossas palavras, não oporá resistência ao cumprimento da nossa vontade. A frase *Dar-me-ás o dinheiro imediatamente*, enunciada de modo categórico, é áspera e vem prenhe de ameaças; a frase sugestiva *Dar-me-ás o dinheiro quando puderes*, proferida em tom ameno, é recebida como expressão de cortesia. Nos passos seguintes faz-se uso do futuro compulsivo sugestivo:

Queria que por amor de mi fosseys la e vos combatesseis co guardador della por minha parte e em meu nome, e, vencendo-o, *trareys* o escudo do vulto a esta corte (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 480) — E vós, alma, *rezareis*, contemplando as vivas dores da Senhora; vós outros *respondereis*, pois que fostes rogadores até gora (Gil Vicente 1, 202) — Vedes aqui hum collar... e dez aneis... Neste espelho vos *vereis*, e sabereis que não vos hei de enganar. E *poreis* estes pendentes, em cada orelha seu (*ib.* 1, 193) — E se eu viver, *usaráis* commigo da misericórdia do Senhor; se porem for morto, não *cessaráis*

nunca de usar de compaixão com a minha casa (*I Reis* 20, 14-15) — D. Judas, disse esta em tom mavioso, tu has de fazer serviço a elrei para esta jornada. *Dardás* os dous mil maravedis velhos (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 122).

1548. Confrontem-se os citados trechos com estoutros, em que se emprega o futuro compulsivo com valor categórico:

Será bom que vos caleis, e mais *sereis* avisada que não me *respondereis* nada (Gil Vicente 3, 145) — Tu has de ficar aqui. Olha, por amor de mi, o que faz tua senhora. *Fechal-a-ds* sempre de fora (*ib.* 3, 146) — E *dirás* a tua mãe mais, que me guarde os corporaes (*ib.* 3, 232).

1549. Exemplos há susceptíveis de interpretação tanto num como noutro sentido. Assim ora parece convite irônico, ora simples ordem o que Gil Vicente faz o personagem Diabo dizer às almas que se dirigem para o outro mundo:

Entra, entra, e *remarás* (Gil Vicente 1, 220) — Embarque vossa doçura que cá nos entenderemos; embarcae, e partiremos; *tomareis* hum par de remos (*ib.* 1, 226) — Ponde hi o chapeirão, e *ajudareis* a botar (*ib.* 1, 227).

1550. A dúvida pode dissipar-se e a expressão verbal adquirir perfeito caráter categórico quando ao futuro comum se substitui a forma composta de *haver de* + *infinitivo*. É linguagem de uso mais freqüente:

Vós não *haveis de fallar* com homem, nem com mulher que seja (Gil Vicente 3, 145) — Vós não *haveis de mandar* em casa somente hum pello; s'eu disser isto he novello, *haveil-o de confirmar*. E mais quando eu vier de fora, *haveis de tremer* (*ib.* 3, 146) — Avisa-te que *has de estar* sem barrete onde eu estou (*ib.* 3, 136).

1551. A formação própria do futuro não é aquela a que em nossos dias, e particularmente no Brasil, mais freqüentemente se recorre para traduzir a noção de futuro sugestivo. Prevalece sem dúvida em certos casos como "*O Sr. me perdoará*" por "*Perdoe-me o Sr.*"; mas em outros dizeres costumamos servir-nos do presente do indicativo ou de uma combinação verbal em que entre a forma do presente. "*O Sr. hoje janta* [em vez de *jantar*] *comigo*" é frase que tem o mesmo valor que o imperativo empregado para significar convite; "*Vais-me fazer um favor*", "*Vais copiar esta carta*" equivalem a pedidos; e para aconselhar a alguém o que deve fazer, diremos v. g. "*O Sr. segue por esta rua afora, toma a quinta rua à esquerda, e dobra a primeira esquina do lado direito*". São formas do presente que estão em lugar dos futuros sugestivos *seguirá, tomará, dobrará*.

1552. Muito diferente dos casos até aqui examinados é o futuro problemático, isto é, o emprêgo da forma verbal denotadora de ação ainda não consumada quando se tem dúvida ou incerteza sôbre fatos ou sucessos próprios do tempo presente.

1553. É um processo engenhoso de dizer, de afirmar e de fazer crer uma cousa verdadeira ou não verdadeira, que não acarreta responsa-

bilidade para o indivíduo que assim se exprime. Transplantando o fato da atualidade para uma época vindoura satisfaz-se entretanto a uma necessidade de ordem psicológica; pois que, se o fato se me apresenta na mente como uma dúvida, como um problema, é claro que a solução só poderá vir futuramente, e eu no meu enunciado terei de servir-me de uma forma verbal em harmonia com essa solução futura do meu caso. Nesta asserção problemática “O prisioneiro a estas horas estará morto” sou levado a empregar a forma *estará* por influência do pensamento “Só mais tarde se há de saber isto ao certo”. O que agora digo acêrca da morte do prisioneiro, é portanto a antecipação de um juízo dependente de averiguação que ainda não se fêz. Como manifestação de certeza direi “Entre os pontos A e B há um espaço de cinquenta metros”, pois que a distância foi medida, dando o dito resultado; mas, se disser “Entre os pontos A e B haverá um espaço de cinquenta metros”, quero significar que suponho existir tal distância, e ela *existirá* depois que se proceder à medição e fôr verificado o meu cálculo. Nas referências a acontecimentos passados, o verbo tomará naturalmente a forma do futuro do pretérito: “Haveria naquela noite duas mil pessoas na rua”.

1554. Neste sentido empregaram os escritores o futuro freqüentemente:

Averá vinte e seis ou vinte sete annos que em Beja se achou hum marmore com a inscripção que eu tresladei (Arrais 246) — E da villa Rexet te a foz do rio Eufrate, que *será* espaço de cincoenta e oito leguas, está a ilha Cargue, notavel neste mar, que *distará* da terra firme cinco leguas (Barros, *Déc.* 3, 6, 4) — Os moradores do qual [lugar] leixaram a povoação de baixo, que *seriam* algumas dez ou doze casas (*ib.* 3, 8, 9).

1555. O futuro problemático também se emprega em expressões interrogativas. Paralelamente a *Que é isto? Que foi aquilo?* existem *Que será isto? Que seria aquilo?* Quando se espera resposta imediata, faz-se a pergunta segundo o primeiro processo; com a forma do futuro, pelo contrário, reconhece-se ser difícil satisfazer de pronto à pergunta, devendo vir a resposta futuramente, pouco importando que o espaço de tempo entre a pergunta e a resposta seja longo ou breve, de horas ou de minutos. Visa portanto a linguagem aqui uma averiguação vindoura exatamente como nas asserções problemáticas.

1556. Dirigindo a uma segunda pessoa a pergunta com o verbo no futuro a propósito de alguém ou de alguma cousa, servir-me-ei de um modo de inquirir polido e em todo o caso cauteloso. Revelarei a minha curiosidade e, embora desejoso de informação, finjo não esperar que me respondam. Dêste futuro diplomático difere a pergunta quando a dirigimos tão-sòmente a nós mesmos. Neste caso, mostraremos que nos preocupa a solução do problema, e que esta solução, impossível ao presente, acharemos nós por ventura em tempo vindouro.

1557. O futuro problemático do pretérito é empregado não raro por Antônio Vieira em interrogações para expor ou sugerir uma perplexi-

dade séria, mas de pouca dura, com que interrompe de súbito alguma narração. Em certos passos êste futuro do pretérito pode ser interpretado como incerteza ou vacilação da parte do sujeito do verbo; em outros parece antes que o orador se dirige ao auditório e, valendo-se da dita forma verbal, quer significar que os sucessos que agora vai narrar não correspondem ao que se esperaria:

Isto é o que a razão, a verdade, e a justiça devia aconselhar e persuadir a Xavier. Mas como *mostraria* elle que era morto o mesmo que tinha sido vivo? Sahe e apparece o sagrado deposito em terra e no mesmo ponto todos os que estavam feridos, e espirando da peste, se levantaram subitamente sãos (*Serm.* 8, 355) — Põem a proa em terra, mas hum navio que sahia do mesmo porto os avisou que estava cheyo de piratas... E que *faria* o demonio e o que se governava por elle? Ao menos forçados deste modo *seguiriam* a sua derrota ao Japão? De nenhũ modo. Resolvem arribar outra vez a Cantão desfazendo a viagem (*ib.* 8, 308) — Deu conta desta mudança a Xavier; e que *lhe responderia* elle? Não quero que percais a fazenda, nem arrisqueis a pessoa (*ib.* 8, 288) — Emfim partiram e chegaram; e que *faria* então Joseph sobre aquella promessa com todo o poder da monarchia nas mãos? Instruio aos irmãos que... respondessem que eram pastores de ovelhas (*ib.* 8, 240).

1558. Uma vez que dos sucessos próprios de época presente ou passada podemos dar notícia, ou a êles aludir, empregando respectivamente o futuro do presente e o futuro do pretérito para significar a nossa dúvida ou incerteza sòbre a realização efetiva, segue-se que o futuro em tais casos representa papel análogo ao modo potencial em certos idiomas, e supre em português as combinações verbais *poder* ou *dever* com infinitivo. Um exemplo notável em português antigo e quinhentista é o da expressão *ouvirieis* por *deveis ter ouvido* ou *prouvavelmente ouvistes*:

Aallem de ell seer mui çeoso como já *ouviriees*, desprougue-lhe muito de taes amores (Fernão Lopes, *D. J.* 354) — Mamdou seus rrecados aa tia e aa sobrinha, de guisa que a ouve estomçe, como *ouviriees* dizer (*ib.*) — Creio que já *ouvirieis* e sabeis (Rui de Pina, *D. Duarte* 60) — Esta dona... a qual se chama Eutropa, tia do grã Dramusiando, que bẽ *ouvirieis* nomear (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 396) — E por esta rezam se chamam estes montes os montes das tres hirmaãs como ja algumas vezes *ouvirieis* nomear (*ib.* 1, 171) — Mas olhai, Senhor, como he certo o que já *ouvirieis* que de tres cousas nace a ingratitude (*Eufr.* 48) — Ja *ouvirieis*: vem a ventura a quem a procura (*ib.* 23).

1559. Comparem-se os seguintes passos de português moderno:

O que o Mela escreve que os homens da Mauritania sam para pouco, *seria* no seu tempo (Arrais 236) — A nao, estando atravessada e sem governo, começou a sordir sobre a vaga; *seria* caso, mas pareceo milagre (Freire de Andrade, *D. J. de Castro* 36) — O valeroso Cavalleiro... *lhe respondeo* que... se em Cambaya havia renegados, *serião* de outras nações (*ib.* 249).

1560. Servem finalmente as duas formas do futuro para caracterizar as *asserções condicionadas*, dependendo o emprêgo de uma ou outra forma do sentido da proposição condicionante. Se esta se refere a um fato cuja realização esperamos ou, pelo menos, não julgamos impossí-

vel, empregaremos o futuro do presente: “*Se puder, lá irei*”. Se alude a fato que não se realizou nem se realizará, servir-nos-emos do futuro do pretérito: “*Se pudesse, lá iria*”. Dêstes dous casos, e particularmente da substituição das formas verbais por outras, quer na proposição condicionada, quer na condicionante, tratamos desenvolvidamente [no parágrafo 1539]. Quanto à descabida denominação de modo condicional dada ao futuro do pretérito, e somente a êle, por ocorrer em proposições condicionadas, remetemo-nos para o que já escrevemos no livro *Dificuldades da Língua Portuguesa*², 229-242.

EMPREGO DOS MODOS

a) Imperativo

1561. É função essencial do imperativo denotar ordem, convite, conselho, pedido, súplica, quer dizer manifestações de vontade ou desejo acompanhadas da esperança do seu cumprimento da parte do indivíduo a quem nos dirigimos. Outras formas verbais podem ocasionalmente preencher o mesmo fim, porém sempre como função secundária.

1562. Formas próprias tem o imperativo português somente para os sujeitos *tu* e *vós* nos dizeres afirmativos. A deficiência nas frases negativas para os ditos sujeitos, nas afirmativas ou negativas para os sujeitos *você*, *o Sr.*, etc., e para a 1.^a pessoa do plural, supre-se recorrendo a formas do presente do conjuntivo.

1563. O imperativo é *categorico*, se exprime ordem cujo cumprimento se exige, ordem que dimanará ou de homem consciente de sua superioridade em relação a outro, ou do Ser supremo, como nestes passos bíblicos:

Toma a Isaac, teu filho único a quem amas, e *vai* à terra da Visão (*Gén.* 22, 2) — Sai da arca tu e tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos contigo. *Faze* também sair todos os animais (*ib.* 8, 16-17).

1564. Apesar do nome “imperativo”, são em geral tais as circunstâncias e as relações da vida humana, que o modo imperativo vem a servir com mais frequência como expressão de convite, conselho ou pedido, e portanto em situações de igual para igual ou de inferior para superior, sendo então o sentido diametralmente oposto ao de ordem ou mando.

1565. Consideraremos a nossa forma verbal como imperativo rogativo não somente quando denota pedido propriamente dito, mas ainda quando significa imprecisão, invocação e outras noções semelhantes:

Dai-nos o pão nosso de cada dia — *Perdoai-nos* as nossas dívidas — Senhor, *valei-me* aqui; *dizei* a este homem que me dê huma cabeça destas (*Barros, Déc.* 3, 8, 9) — *Dai-me* agora hum som alto e sublimado, hum estilo grandiloco e corrente (*Camões, Lus.* 1, 4) — *Inclinaí* por hum pouco a magestade (*ib.* 1, 9) — *Vinde*, vos peço, meus senhores, para casa de vosso servo, e *ficai* nela (*Gén.* 19, 2).

1566. Classificaremos como tipo diferente dêste o imperativo incitativo ou exortativo, isto é, o imperativo usado para induzir alguém a

fazer alguma cousa no seu próprio interêsse, ou para fazer sentir que esta pessoa não é menos interessada que o individuo falante. Está compreendido nesta categoria o imperativo denotador de conselho, convite, admoestação, advertência, insinuação e outras noções semelhantes:

A' feira, á feira... *comprai* aqui pannos, *mudai* os vestidos, *buscai* as çamarras dos outros primeiros (Gil Vicente 1, 155) — *Mette-te* nessa silveira, qu'eu d'aqui hei d'espreitar (*ib.* 1, 168).

b) Indicativo e Conjuntivo

1567. Primeiro que tudo convém esclarecer uma questão de terminologia. *Indicativo* é termo consagrado pelo uso. A dúvida entre *conjuntivo*, que significa "modo unido, conjunto", e *subjuntivo*, que indica "modo subordinado", responde-se que nenhum dos dous termos exprime com exatidão o que seja o respectivo modo verbal.

1568. Ele não só ocorre em orações subordinadas, mas, em vários idiomas, também em orações principais, e este emprêgo em orações principais é justamente o mais antigo. Nem a linguagem creou um modo especial para o verbo da oração dependente, nem esta função é privativa do conjuntivo. Há muitos casos de oração subordinada em que, pelo contrário, o uso do indicativo é simplesmente obrigatório. Dada a liberdade de escolha, pois não pensamos em propor um termo nôvo que ninguém aceitaria, decidimo-nos pelo nome *conjuntivo*.

1569. Com o verbo no indicativo se enuncia a certeza ou realidade do fato; por opposição de idéias, entende-se que o conjuntivo será o modo da irrealidade ou incerteza. Mas êste conceito que só visa o pólo contrário não basta para definir o emprêgo do conjuntivo. Trata-se de um problema complexo, a começar pela circunstância que às funções próprias do conjuntivo se ajuntaram em latim ainda as do optativo, o qual em outros idiomas indo-europeus constituía um modo à parte. Considerando certos casos de emprêgo de conjuntivo que especialmente ferem a atenção, somos tentados a classificá-lo em volitivo, potencial, optativo, deliberativo, concessivo, prospectivo, hortativo, etc.; mas não convém insistir muito na especificação de tais categorias, pois não há limites seguros que as separem umas das outras. Deve-se trabalhar por enquadrá-las tôdas em duas ou três classes gerais.

1570. Que há um tipo de conjuntivo do desejo, da aspiração, reconhece-se logo nas orações optativas (*Prouesse a Deus!*). Usa-se em português também esta mesma forma modal para o imperativo negativo e para certos dizeres que denotam vontade, ordem ou convite. Na oração principal em que se interroga ou naquella em que meramente se expõe, usamos o indicativo. Na subordinada emprega-se ora um, ora outro modo. Examinaremos êstes diversos fatos, procurando descobrir a razão da preferência dada já ao indicativo, já ao conjuntivo, e observando ao mesmo tempo a variação da linguagem em épocas diferentes.

1571. As interrogações *quem é, qual é, que cousa é*, feitas sob a forma direta, dizem-se sempre com o verbo no modo indicativo; postas porém sob a forma de orações subordinadas, ocorrem com o verbo *ser* ora no indicativo, ora no conjuntivo. O primeiro modo apropriou-se às perguntas que requerem resposta imediata: *perguntando-lhe primeiro quem era* (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 322) — O emprêgo de *quem* (*que* ou *qual*) *seja* ou *fôsse* supõe, pelo contrário, que não se pode responder sem primeiro refletir:

Perguntado hũ sabio *qual fosse* a vida, deo hũa volta e desapareceo, mostrou-se, e escondeo-se logo para mostrar que era momentanea e fugia com grande velocidade (Heitor Pinto 2, 532).

1572. É sobretudo depois de *não saber, não conhecer, sem saber* e outros dizeres denotadores de ignorância ou dúvida, que têm cabimento as subordinadas *quem seja, qual fôsse*, etc.:

Qual a materia *seja não se enxerga* (Camões, *Lus.* 10, 78) — Todos quatro juntamente chegarão aa entrada da ponte *sem se conhecer quaes fossem* os primeiros (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 103) — Fazia espanto em todalas cortes de principes onde chegava, *sem ninguem saber quem fosse* (*ib.* 1, 144) — *Qual fosse*, disse o doctor, a tenção dos homicidas na morte de Cesar, *nã no sey* (Heitor Pinto 2, 472) — Quem assim discorre *não sabe que cousa seja* religião, nem que religião seja esta (Vieira, 11, 272) — *Que alma fosse* esta de generosidade tão dura, *não se sabe* em particular (*ib.* 14, 28) — *Quaes fossem* estes vinte e quatro modos de negar eu o *não sei*, nem me occorrem (*ib.* 2, 115) — Questão he curiosa nesta filosofia, *qual seja* mais precioso e de maiores quilates; se o primeiro amor, ou o segundo (*ib.* 2, 385) — Com grande advertencia e justiça não diz [Horácio] "poeta cyclicus", mas "scriptor". Porem *quem fosse* este escritor a que elle allude, não he facil de averiguar (Cândido Lusitano, *A. Poët. de Hor.* 85) — A disputa sobre *qual seja* a lição verdadeira he mui renhida (*ib.* 221).

1573. Em lugar do conjuntivo pode todavia estar o indicativo, mormente se não se trata de pôr em evidência a perplexidade, ou esforço de indagação:

O emperador ficou em extremo descontente de *não saber quem era* [o cavaleiro] (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 174) — E posto que os de hũa banda *não sabiam quem erã* os da outra, estavam todos tan contentes e confiados de se acharem juntos, que cada hũs cuydavam que a outra parte seria mais fraca (*ib.* 1, 237) — O alvoroço foi tamanho em algũs, *que nã sabiam qual era mayor*, se o contentamento de o ver naquella casa pera sua salvaçam delles, se a paixão que sentiam do perigo em que o viam a elle (*ib.* 1, 276) — Eu *nam sey quem soys* (*ib.* 1, 347) — Elle se foy ao gigante Gatam, que o fez *sem saber quem era* (*ib.* 1, 87).

1574. Não se costuma empregar senão o indicativo *quem é, qual é, quem foi*, etc., quando o verbo da oração principal está na afirmativa ou tem caráter de afirmação. Entretanto encontramos por vêzes exemplos com as formas *quem seja, qual fôsse*, etc., parecendo querer o autor aludir a qualquer sombra de dúvida que no espírito do leitor ou ouvinte possa haver a respeito de fato verdadeiro:

No capitulo doze do Apocalypse diz S. João que appareceo no ceo hũ grande prodigio... e declarando logo qual fosse este prodigio e sua grandeza, diz que era hũa mulher (Vieira, *Serm.* 2, 13) — A [estola] que Deus deu a Xavier despachado logo e sem dilação, sabe-se com evidencia qual fosse, porque foi visto muitas vezes com ella (ib. 8, 342) — Quem fosse ou representasse esta mulher ninguem haverá que o não tenha entendido (ib. 9, 251) — Posto que elle por seus estudos sabia já que cousa seja recto discernimento em materias poeticas, como bom discipulo de seu grande pai, com tudo sempre lhe quer [Horácio] dizer huma cousa muito importante sobre este ponto (Cândido Lusitano, *A. Poét. de Hor.* 168).

1575. Sendo questão meramente subjetiva isto de avivar ou desprezar a dúvida sobre algum fato, não é muito de estranhar que o escritor exprima o seu pensamento ora com o conjuntivo, ora com o indicativo:

Pera se saber quem fosse este gigante, em cujo poder Dom Duardos estava, diz a historia que... (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 10) — Pera se saber quem era este cavalleiro diz a historia que... (ib. 1, 492).

1576. Importa notar que nas sobreditas orações subordinadas, constituídas com pronome interrogativo e verbo *ser*, pode-se usar *seria* como equivalente de *fôsse*:

Tendo Dramusiando em muito a valentia de todos que naquelle valle entravam. Mas Primaliã nam podia julgar quem fosse... e não sabia determinar quem seria o que co elle se combatia (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 104) — Chegando-se mais por ver quem seria, acabou de conhecelo pelo escudo que tinha nas mãos (ib. 1, 342) — Houve hum mercador grande usurario chamado Jacob. Não dizem os annaes dominicanos em que terra fosse; mas mercador e Jacob bem se deixa ver de que nação seria (Vieira, *Serm.* 9, 478).

1577. A forma modal em que se reveste o verbo nas asserções com sujeito indefinido, *certas pessoas dizem, certas cousas se perdem*, e outras do mesmo tipo, nada oferece de extraordinário. Frequentemente, parecendo-nos esta singela linguagem pouco apropriada para convencer, preferimos valer-nos de outra maneira de dizer, por meio da qual se dirija a atenção do ouvinte não somente para o fato anunciado pelo verbo, mas ainda, e em particular, para a existência real dos seres a que se refere o sujeito indefinido. Desdobramos então em duas a oração primitiva, assinalando o sujeito por meio de oração existencial e dando ao predicado a feição de oração subordinada: *Pessoas há que dizem, há cousas que se perdem*.

1578. Neste desdobramento a oração subordinada tem, como a principal, o verbo no indicativo. Já não sucederá o mesmo se se negar ou puser em dúvida a existência das pessoas ou cousas indefinidas. O verbo na segunda oração irá então para o conjuntivo:

Em hum bello dia não ha vento que encrespe as aguas, que perturbe as aves, e que desfolhe as flores (Matias Aires, *Vaid.* 237) — Não ha furor a que hum homem se não entregue só pela vaidade de ser cabeça de um dogma (ib. 261) — Que parte haverá no corpo que não tenha hum movimento proprio! (ib. 352) — Nenhum christão ha que não diga que ha de fazer penitencia (Vieira, *Serm.* 5, 149) — Não ha cousa que mais obrigue... não ha outra que

mais provoque (ib. 1, 178) — Não ha escriptura que diga (ib. 1, 136) — Que vivo ha que queira ser pai ou filho de hum enforcado? (ib. 1, 167) — Ha ouvidos que não sejam de ouvir? (ib. 1, 177) — Não ha pinceis nem cores que possam estampal-os na tela (Herculano, *M. de C.* 2, 189).

1579. Se a oração existencial tiver por sujeito o pronome *quem*, ou se ao verbo *haver* se seguir o pronome *quem* como sujeito da oração subordinada, usar-se-á nesta última o verbo no conjuntivo, não somente quando se derem as condições da regra precedente, mas ainda quando todo o enunciado tenha caráter afirmativo:

Não havia quem quizesse nem lhe lembrasse buscar repouso (Sousa, *Arceb.* 2, 188) — Não havendo quem catequise nem quem administre sacramento, havendo porem quem cativa e quem tyrannise (Vieira, *Cartas* 18) — Quem ha que não reconheça em todas estas propriedades o sanctissimo sacramento? (Vieira, *Serm.* 1, 742) — Ha quem o diga? (ib. 5, 561) — Não haverá quem se queixe delle (ib. 5, 105) — Quem haverá que respeite a prohibição das leis na falta de tudo contra a durissima lei da necessidade? (ib. 9, 168). — Quem ha que não conheça a sua culpa? (M. Aires, *Vaid.* 242) — Quem ha de haver que negue...? — (ib. 391).

1580. A ausência ou inexistência de individuo ou individuos que deveriam executar a ação mencionada na segunda oração, pode exprimir-se por outros dizeres além do verbo *haver*: *Falta quem governe, não falta quem queira*, etc.:

Não faltaria quem melhor o servisse (Sousa, *Arceb.* 2, 214) — Não faltou quem inventasse novo genero de reliquias (ib. 2, 200) — Não faltará quem cuide e diga o contrario (Vieira, *Serm.* 1, 178).

1581. No seguinte trecho de Antônio Vieira causa estranheza que as orações subordinadas de resposta dupla tenham uma o verbo no indicativo, a outra no conjuntivo. Parece contudo que o autor neste último caso quis aludir a dúvida que poderia subsistir na mente de seus ouvintes:

E houve jamais no mesmo mundo quem fosse senhor de todo elle?... algum houve, que o poz em praxi, como Tiberio... e hum só houve, que realmente tivesse esta grande fortuna, que foy o mesmo que a perdeu, Adam (*Serm.* 8, 174).

1582. Completando-se o sentido dos verbos *crer, cuidar, pensar, supor, imaginar, entender, presumir* e *achar* (significando "pensar", "crer") e o impessoal *parecer* (a alguém) por meio de oração substantiva que exprima um fato considerado como real, o verbo desta segunda oração se diz em geral no indicativo, algumas vezes porém no conjuntivo.

1583. Casos de verdadeira hesitação com o verbo *ser* são os seguintes:

Cuydaram que [os nossos] eram turcos (Castanheda 1, 5) — Fez paz com Vasco da gama *cuydando* que fosse Turco (ib. 1, 6) — *Crendo* que fossem turcos os mouros (ib.) — Entendeo Nicolao Coelho que *cuydava* ele que os nossos eram mouros (ib.) — Mandou logo visitar *crendo* que fossem turcos (ib.) — *Cuydando* que fosse outra cousa (ib. 1, 7).

1584. Em Gil Vicente ocorre:

Commendo ó demo o aviso, que sempre *cuidei que* nisso *stava* a boa condição; *cuidei que fossem* cavalleiros fidalgos e escudeiros, não cheios de desvarios, e em suas casas macios e na guerra lastimeiros (*Obras* 3, 147-8).

1585. O indicativo da subordinada em *cuidei que estava* parece significar que, embora contrariada, a opinião continua de pé; o conjuntivo em *cuidei que fôsem* confessaria uma desilusão, um modo de pensar que não resistiu à lógica dos fatos.

1586. Outras vezes — e dêste caso ocorrem mais exemplos — o conjuntivo refere-se a atos de realização futura. Êste emprêgo é sobretudo notável quanto ao imperfeito do conjuntivo, o qual aparece nas narrações alternando com o futuro do pretérito e como seu equivalente:

Estavã todos tam contentes e confiados de se acharem juntos que cada hũs *cuydava* que a outra parte *seria* mais fraca (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 237) — *Cuydando que* per aquella via mais prestes se *vencessem* (*ib.* 1, 250) — *Cuydando que* com isso melhor que per outra via *ganharia* sua amizade (*ib.* 1, 252) — *Cuydando que* o *matassem* (*ib.* 1, 266) — Sempre eu *cuidei*, oh padre poderoso, *que* para as cousas que eu do peito amasse te *achasse* brando, affabil e amoroso (Camões, *Lus.* 2, 39) — As forçosas raizes não *cuidaram* que nunca pera o ceo *fossem* viradas (*ib.* 6, 79) — Nunca me *pareceo* quando vos tinha *que* vos *visse* mudadas tão asinha em tão compridos annos de tormento (Camões, *Son.*) — Mandou Rumeção acometer o baluarte S. João, *crendo* pela informação dos escravos *que* *achasse* a entrada franca (Freire de Andrade 231) — Foram combater em grande determinação *cuydando que* *rompessem* o esquadrão (Couto, *Déc.* 4, 5, 6) — Quando *cuidou* que *ferrasse* a costa de Chaul, achou-se na enseada de Cambaya já com o inverno cerrado (*ib.* 4, 1, 4) — *Cuidava* eu *que* correndo *desceria* do monte ao valle, onde tinham deixado os dous criados com o jumento, e *que*, contando-lhes o que passava, *subissem* todos tres ao monte e, quando o não persuadissem, o *atassem* por força com os mesmos cordeis (Vieira, *Serm.* 8, 315).

1587. Que o indicativo é a forma apropriada para exprimir um fato real ou atual em relação ao tempo presente ou passado dos verbos *crer*, *cuidar*, *pensar*, etc., vê-se pelos numerosos exemplos que se colhem em qualquer período da linguagem:

Eu *creio que cuidais que sou* correio que vai e vem polas costas (Gil Vicente 3, 226) — *Cuidava que* ninguem se *podia* igualar co ella (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 185) — *Creo que deve* ser mui perto (*ib.* 1, 268) — Não *presumo que* a vista me *enganava* (Camões, *Lus.* 5, 19) — Não *cuide* ninguem *que* falta prudencia ás gentes (Arrais 305) — Não *creias*, fero Boreas, *que te creio que me tiveste* nunca amor ardente (Camões, *Lus.* 6, 89) — Quando imagina *crê que he* a latina (*ib.* 1, 33) — *Eu imaginey que podia* ser a antiga Moro (Arrais 243) — Não *creio que* os que governam as conquistas *cuidam* o mesmo (Vieira, *Serm.* 5, 338) — Todos estes authores não conheceram nem *suppunham que* o Anjo do Apocalypse *representava* a S. Francisco Xavier (*ib.* 8, 15) — *Cuidais que eu sou* Deos só de perto (*ib.* 5, 338) — Não *cuide* algum escrupuloso *que me atrevo* demasiadamente (*ib.* 8, 123) — Quasi *cuidando que* tambem não *estava* em si o prégador (*ib.* 8, 210) — *Cuidava eu que* para remediar a fome *era* melhor meyo cavar e trabalhar que jogar (*ib.* 8, 254) — *Cuidamos que foi* a cruz o que o matou (*ib.* 8, 335) — Não *creio que pode* haver caso em que mais habitualmente se entenda aquella sen-

tença (*ib.* 8, 458) — Quem *cuidais que está* tendo mão na peste...? Quem *cuidais que a está* rebatendo...? (*ib.* 2, 181) — Não *achas que era* uma predilecção exquisita? (Herculano, *M. de C.* 2, 317) — E *pensavas que eu pretendia* salvar-te (*ib.* 2, 320) — *Pensei então que corria* grande risco em a conservar em casa (*ib.* 1, 92).

1588. Requer o verbo no conjuntivo a oração que completa o sentido da expressão impessoal *é possível*, usada para manifestar a incerteza acêrca de algum acontecimento: "*É possível que venha*", "*É possível que escape*". Proferida porém em tom interrogativo ou exclamativo com o intuito de revelar a surpresa ou espanto ante a contradição entre a expectativa e a realidade, exprime-se enfaticamente esta realidade pondo o respectivo verbo no modo indicativo. É sobretudo na oratória do padre Antônio Vieira que encontramos com freqüência esta linguagem:

He possível que ha tantos mundos e *que eu* ainda não *acabei* de conquistar hum? (*Serm.* 8, 193) — *He possível que* em hum dia *hei* de perder e ficar orfã de hum e outro filho? (*ib.* 3, 85) — *He possível que sou* eu tido no mundo pelo valente da fama e *que bastou* hũa mulher para me vencer...! *He possível que me prezo* eu de principe verdadeiro e *que mandei* cometer hũa aleivosia tão grande... e *que a* hum vassallo tão fiel... *lhe tirei* tambem a vida enganosamente! *He possível que me fez* Deos rey do seu povo para lho conservar e defender e *que consolo* eu a nova da rota do meu exercito, com a nova da morte de Urias e *que pesa* mais na minha estimação a liberdade de um appetite...! *He possível que eu sou* o celebrado de benigno e piadoso e *mando* tirar a vida a hum homem...! (*Serm.* 5, 129-130).

1589. Outras vezes, o mesmo autor não põe dúvida em valer-se do modo conjuntivo, chegando até a entremear esta linguagem com os exemplos sobreditos:

He possível que me tenha o mundo por profeta e *que não antevisse* eu *que* de hũa vista se havia de seguir hum pensamento...! *He possível que me preze* eu de inteiro e *que*, sendo tão justificada a causa de Nabal... não *bastasse* para me aplacar a sua justiça... e *que... pudesse* mais hum memorial acompanhado do seu rosto *que da sua razão!* (*Serm.* 5, 129-130) — *He possível, Senhor, que estejais* nessa Cruz julgado e condenado, sendo a mesma innocencia, e eu não *soffrerei* ser julgado e condenado, sendo peccador! (*ib.* 5, 140) — *E he possível que* o seu crescer *dependa* do Bautista? (*ib.* 5, 545).

1590. Em português hodierno usa-se o modo conjuntivo, salvo se daí resultar sentido ambíguo. Assim diríamos, com Antônio José da Silva, *Alecr.* 14, "*É possível que vejo a um filho de meu irmão!*" para significar "Custa-me a crer que me acho em presença de um filho de meu irmão". Com o conjuntivo "*É possível que veja*" exprimiríamos antes a possibilidade de chegar a ver mais tarde a referida pessoa.

1591. À exclamativa *Quem dissera* (ou *Quem diria*) segue-se uma oração substantiva em que se enuncia o acontecimento que veio frustrar a nossa esperança. A linguagem corrente põe o verbo no modo indicativo. Contrariam êste uso os passos de Matias Aires, *Vaid.:*

Quem dissera que o amor, que he como a alma de toda a natureza, tenha na vaidade o seu principio, e algumas vezes o seu fim (165) — Quem dissera que hum mesmo objecto seja capaz de inspirar amor e aborrecimento! (200).

1592. Entretanto a páginas 325 e 326 da mesma obra se escreve de acôrdo com o uso geral:

Quem dissera que a escuridade das trevas pode ter lugar na mesma parte em que a luz preside! Que huma voz irracional e rouca pode entrar sem desordem no concerto da armonia! Que... pode ter valor a pedra tosca! Que o metal grosseiro tem hum preço igual ao metal brilhante!

1593. Quando as exclamações iniciadas pela conjunção *que* se proferem como orações independentes, isto é, sem virem expressos outros dizeres a que se subordinem, usamos o verbo no conjuntivo:

E que as profecias de Xavier viessem finalmente a conseguir tal autoridade...! (Vieira, Serm. 8, 225) — Que já o mundo e a vida não saibão enganar! Que vejamos tantos desenganos da vida em tão poucos annos de vida! (ib. 5, 541) — Que nam corte os cabellos Sara depois de pentear desenganos; e que os cabellos de Absalão na idade de ouro sintão os rigores do ferro! (ib.).

1594. Orações que denotam fatos em contradição com a expectativa, usam-se com o verbo no modo conjuntivo quando servem de complemento a *admirar*, *admirar-se*, *espantar-se*, *é maravilha*, *é admiração*, *é de pasmar*, *é incrível*, e outros dizeres denotadores de espanto e surpresa:

Não me espanto que a mesma Rainha... se quizesse fazer fundadora (Vieira, Serm. 2, 208) — Não me espanto que de cousas tão estremadas saisse hũ estremo tamanho (Francisco de Moraes, Palm. 1, 353) — O que mais admira he que o moço... não julgasse que o velho endoudecera (Vieira, Serm. 8, 315) — Não he maravilha que na synagoga judaica e na historia do presente Evangelho os vejamos semelhantes (ib. 9, 366) — Não he muito que [= não é de admirar que] lhe sejam mais agradaveis (ib. 9, 296) — É maravilha que um miseravel cubra outro (Antônio José da Silva, Alecr. 19).

1595. Os verbos *permitir*, *consentir*, *admitir*, *obstar*, *impedir*, *proibir*, *recomendar*, *aconselhar*, *ordenar*, *fazer* (significando “causar”, “ocasionar”) e outros que se usem com o mesmo sentido que qualquer dêstes, uma vez que se referem a atos a serem executados ulteriormente, ou àquilo que se há de continuar a fazer ou deixar de fazer, requerem naturalmente o modo conjuntivo na oração complementar:

Conselhavam os sabios da Grecia que nam se procurassem muitas amizades (Eufr. 63) — Permittiu Deos que hum dos presos... tivesse modo de escapular (Couto, Déc. 4, 9, 4) — Domesticos já tanto e companheiros se nos mostrão, que fazem que se atreva Fernão Velloso a hir ver da terra o trato (Camões, Lus. 5, 30) — Disse-lhe que com tal condição a recebesse e levasse (Sousa, Arceb. 2, 230) — Mandou que lhe trouxessem hum escapulario (ib. 2, 283) — Mandou-os avisar que tal não fizessem (ib. 1, 105) — Não obsta que o preço e merecimento da esmola seja daquelles que a dão (Vieira, Serm. 2, 197) — Consentiu que... lhe cortassem hũa parte tão principal (ib. 8, 159) — Como havemos de impedir que as cousas nos pareção o que são? (Matias Aires, Vaid. 205) — A vaidade das sciencias não consente que haja cousa de que

ella não possa nem se saiba aproveitar (ib. 291) — O ar puro e immovel faz que as fontes corraõ e não murmurem; que as aves cantem com mais suavidade, e mais ternura, e que as flores cresção livremente (ib. 237).

1596. Em Gil Vicente, os atos decorrentes do causativo *fazer* vêm expressos por verbos não só no conjuntivo, mas também no indicativo. Não se descobre na diversidade da forma verbal outra razão semântica senão o intuito de particularizar ocasionalmente (ainda que por graço ou ironia) fatos existentes no momento em que se fala e verdadeiros em todos os tempos:

E que fazem os poderes dos sinos [= signos] resplandecentes? Fazem que todas as gentes ou são homens ou mulheres, ou crianças innocentes (Obras 1, 149) — He tão alto seu reinado... que faz per curso ordenado que tanto val hum cruzado de noite como de dia. E faz que hũa nao veleira... não preste sem pregadura (ib. 1, 152) — As constellações não alcançam mais poderes que fazer que os ladrões sejam filhos de mulheres (ib. 1, 153).

1597. As expressões impessoais *é necessário*, *é justo*, *é bom*, *importa*, *cumpre*, *basta* e outros dizeres de significação análoga, com que se afirma ou nega a conveniência ou necessidade de fazer ou perseverar em fazer alguma cousa, requerem a forma conjuntiva para o verbo da oração complementar:

Que se diga, que S. João nasceo comprido o tempo, porque não antecipou o nascimento, bem está (Vieira, Serm. 5, 539) — Que fação grande penitencia os grandes peccadores, he muito justo (ib. 5, 552) — Bem he que o faça o tempo (ib. 5, 539) — Basta que as [heresias] deteste e as mate em si mesmo (ib. 9, 374) — Importa que daqui por diante sejam mais republicos e zelosos do bem commum (ib. 2, 329) — Necessario he que olheis por vós e que não façais pouco caso da doutrina (ib.) — Não he necessario que faça algum acto de virtude (Matias Aires, Vaid. 318) — O ponto he que fique satisfeita em hum homem a gloria de arguir, e em outro a vaidade de responder (ib. 279) — Não bastava que essa mesma fortuna tivesse poder nas cousas que nos rodeiam (ib. 342).

1598. De notar é todavia que com o verbo *bastar* se combina por vêzes uma oração com o verbo no indicativo. Alude-se então particularmente a um fato certo e atual:

Basta que nosso inimigo faz e nós não fazemos? (Vieira, Serm. 2, 222) — Basta que é fidalgo? (Antônio José da Silva, Alecr. 23).

1599. *Querer* e *pedir* (e seus sinônimos *rogar*, *suplicar*, *implorar*, etc.) completados por uma oração iniciada pela particula *que*, requerem para esta segunda oração o conjuntivo como forma própria para denotar fatos a cuja realização se aspira: “*Peço a Deus que me favoreça*”; “*Quero que me obedeça*”; “*Pedia que o mandasse*”; “*Queria que o guardasse*”, etc.

1600. Por influência da regra geral vem o conjuntivo empregado depois do verbo *querer*, ainda quando os atos sejam referidos à vontade divina, os quais não dependem de contingências, mas se efetuam neces-

sariamente. Ocorrem entretanto exemplos de acôrdo com a noção que se tem dessa vontade superior e omnipotente:

Quiz Deos e meus peccados que faleceo e se perdeo todo o meu bem (Couto, Déc. 4, 6, 7) — Quer Deos que trago um corninho por amor do quebranto (Antônio José da Silva, Alecr. 16).

1601. A oração explícita complementar do termo *prometer*, tomado na acepção de obrigar-se ou oferecer-se uma pessoa a pôr em efeito alguma cousa em outra época que não a atual, exprime-se em português hodierno por uma forma verbal adequada a êste ato vindouro e tirada sempre do modo indicativo. Outrora podia servir ao mesmo fim o conjuntivo, quer se usasse *prometer* com a dita acepção, quer se tomasse o vocábulo — o que se fazia freqüentemente — no sentido de afiançar ou garantir fatos realizáveis de per si, sem a ação, vontade ou intervenção de quem assegura seu cumprimento. Se por meio da expressão *eu prometo* se queria afiançar a realidade ou existência de um fato não por cumprir, e sim atual, a respectiva oração tinha necessariamente o verbo no presente do indicativo:

Prometi a Jesu Christo que guardasse [por guardaria] a limpeza da virgindade (S. Josafate 32) — Antes lhe prometia qu'ê todas as cousas de seu gosto o ajudasse (Francisco de Moraes, Palm. 1, 471) — Eu te prometo que he boa candieirada essa pera tua alma (Eufr. 57) — Prometo que não se chame desamparada a poder que eu possa (ib.) — Eu te prometo que nam me metas a palha na albarda (ib. 61) — Se Christo lha não mandara metter na baihna, eu vos prometto que havia cortar mais orelhas que a de Malcho (Vieira, Serm. 2, 333) — Tambem vos prometto que Deos pagará esta misericórdia e verdade (ib. 2, 424) — Se a mesma censura viesse á Bahia por appelação, eu prometo que iria de cá mais bem sentenciada (ib. 13, 9) — Se houvera justiça... eu vos prometo que... não houvera tantas guerras (ib. 2, 403) — Eu vos prometo que havia de correr menos o papel e que haviam de voar os negocios (ib. 2, 434) — Eu te prometto que andes na boléa (Antônio José da Silva, Alecr. 41) — Eu te prometto que tu fiques desenganado, e por estes par de annos não montarás a cavallo (Antônio José da Silva, D. Quix. 3).

1602. Se a oração explícita complementar denota ato cumpridouro do verbo *jurar*, é ainda o indicativo o modo de que se utiliza o português hodierno para enunciá-lo. Antigamente, no falar popular como no falar culto, servia ao mesmo fim freqüentemente o conjuntivo:

Sobre a quall [patena] elRei pos suas mãos, jurando que nelle guardasse e cumprisse todallas cousas e cada huía dellas... e que nunca vehesse contra ellas em parte nem em todo (Fernão Lopes, D. J. 350) — Juro ao corpo de Deos que esta seja a derradeira (Gil Vicente 3, 145) — Juro em todo meu sentido que se solteira me vejo, assi como eu desejo, que eu saiba escolher marido (ib. 3, 148) — Juro a Christo que vos dê mil bofetadas (Regat. 28) — Tanto que o escrivam da Chancelaria for provido do officio, ante de o servir jurará que bem e verdadeiramente o serva (Ordenações de D. Manuel 1, tit. 13) — Eu Foam juro aos Sanctos Avangelhos em que ponho as mãos que bem, fiel e verdadeiramente serva este officio (ib.) — Jurarão na Chancelaria que o façam... e nom se movam por amor, nem desamor (ib. 1, tit. 20).

1603. Podia-se empregar também o indicativo (futuro):

E assi juro que quanto a mim e minhas forças e juizo for possível, eu servirei o officio... como a serviço de Deos... cumprir (Ordenações de D. Manuel 1, tit. 29).

1604. Oração explícita que sirva de complemento a verbos, substantivos e adjetivos denotadores de desejo, esperança, temor, prazer, desgosto, pesar e outros sentimentos, usa-se por via de regra com o verbo no conjuntivo:

Desejamos que fique — Receoso de que morresse — Lamento que teu filho não possa vir — Estimaria que não tardassem as noticias — Sinto profundamente que tenha adoecido — Folgo que estejas bom — Estimarei que as suas obras correspondam ás suas palavras (Antônio José da Silva, Alecr. 35) — Desejara que triunfasse a mangerona (ib. 8).

1605. Verbos há todavia que, achando-se compreendidos na precedente classe, como *esperar*, *temer*, vêm empregados, com maior ou menor freqüência, também com o indicativo na oração dependente.

1606. *Esperar* pede o conjuntivo se o fato a cumprir-se é muito duvidoso ou representa mera aspiração; mas virá o segundo verbo no futuro do indicativo se a realização do fato é tida como certa:

Espero que não hey de enfastiar (Vieira, Serm. 8, 159) — Esperava o mundo, que quando apparecesse em publico, fosse com tal aparato, que representasse a grandeza da suprema Magestade que o enviava (ib. 8, 298) — Posto que lhe falte o braço direito, espero e prometo que serão tantas as suas victorias do esquerdo, que... do esquerdo se diga: Et decem millia a sinistris tuis (ib. 8, 373) — Do religioso pode-se esperar que faça bom hum homem (ib. 8, 482) — Todos estes juizes hão de ser julgados hoje, e espero que hão de sair bem julgados (ib. 5, 122) — Agora pedir-vos-ei a mercê que espero me concedais (Herculano, M. de C. 1, 119).

1607. A oração que completa o sentido dos verbos *temer*, *recear*, diz-se de ordinário com o verbo no conjuntivo. Algumas vêzes a certeza ou quase certeza de ver cumprido o acontecimento que se receia, pode dar lugar a preferir-se o verbo no futuro do indicativo:

Temo que aquellas feridas fossem as derradeiras de seus dias (Francisco de Moraes, Palm. 1, 169) — Desejou saber-lhe o nome, receando que fosse algú amigo seu (ib. 1, 485) — Attentai com quem luitais que temo que cahireis (Gil Vicente 1, 163) — Alguns temeram que fossem os mesmos barbaros (Vieira, Serm. 8, 188) — Muyto temo que vos não ha de succeder bem nesta viagem (ib. 8, 225) — Receias acaso que te accuse a consciencia... (Herculano, M. de C. 2, 210) — Dir-se-ia recear que os restos inanimés de sua irman podessem ver alguma cousa (ib. 2, 310).

1608. Em proposição concessiva usa-se, de cem milla a esta parte, em geral o verbo só no modo conjuntivo. A linguagem dos séculos precedentes socorria-se ora do indicativo, ora do conjuntivo nas orações de *ainda que*, podendo-se assim distinguir pela forma verbal se o fato era real ou simplesmente imaginado:

Ainda que temeo que aquellas feridas fossem as derradeiras de seus dias, consolava-se (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 169) — Todos sabeis... que hum homem a quem deram huma bofetada, *ainda que tirasse* pela espada contra seu inimigo, se não chegou a lhe tirar sangue, não ficou desaffrontado (Vieira, *Serm.* 8, 116) — [S. Paulo] *ainda que tirou tres vezes* pela espada da oração, nam chegou a lhe tirar sangue (*ib.* 8, 116) — *Ainda que* huns e outros são imagens, elles são imagens com as raizes na terra (*ib.* 5, 344) — *Ainda que* o sangue assim recolhido *bastava* para nosso remedio, não bastava para a gloria de Christo (*ib.* 8, 100) — Com a agitação da tartana cahira ao mar e *ainda que* lhe lançaram huma taboa e se *valeo* della, era certo o seu naufrágio á vista do impulso e alteração dos mares (*Arg. S. Caet.* 384) — Para com a sua assistencia conseguir o beneplacito de seu Filho, a quem, *ainda que* *tinha offendido* ingrato, desejava agradar como servo (*ib.* 91).

1609. O português hodierno, construindo sentença causal de *como*, prefere o imperfeito do indicativo ao imperfeito do conjuntivo para os atos passados, e serve-se do indicativo se tem de pôr o verbo no tempo presente. Antigamente era mais freqüente o emprêgo do imperfeito do conjuntivo e em alguns autores ocorrem também exemplos do presente do conjuntivo:

Como a tarde fosse serena e as arvores com gracioso ar *se meneassem*... lhe trouxe aa memoria aquelle gracioso tempo (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 4) — *Como* o gigante viesse folgado e fosse dos mais fortes do mundo... pelejava tam animosamente (*ib.* 1, 60) — E *como* o amor de Deos *seja* alto e *vença* todas as cousas, fica o bom subdito alto e vencedor obedecendo a hum baixo e vencido (Heitor Pinto 1, 129) — *Como* amizade *seja* hũa das boas cousas que ha no mundo, e *seja* fundada em virtude e razão natural, e no mesmo Deos, está claro que a não ha entre perversos e depravados inimigos da virtude (*ib.* 2, 289) — *Como* não *achasse* mais que folhas [na figueira], amaldiçoou-a (Vieira, *Serm.* 5, 540).

1610. Nas proposições consecutivas significa o modo indicativo que o fato decorrente de outro se acha consumado, que se consumará com certeza, ao passo que o conjuntivo diz simplesmente que se visa conseguir o dito fato:

Faz [a mentira] nos entendimentos hũs nevoeiros tam cerrados e obscuros *que* lhe não *deyx*a ver a certeza e realidade das cousas (Heitor Pinto 2, 561) — Com tal salvo conducto *que* *passem* per qualquer porto (*ib.* 2, 22) — O nosso ingenho todo se esforça em pôr as cousas em huma perspectiva tal, *que*, vistas de um certo modo, *fiquem parecendo* o que nós queremos que ellas sejam e não o que ellas são (Matias Aires, *Vaid.* 227) — A immensidade de regras, de opiniões e de doutrinas de tal sorte os occupa, *que* *ficam* como presos e immoveis (*ib.* 305).

1611. Acrescentando-se a uma proposição outra com o mesmo valor sintático, porém iniciada pela partícula *ou* para significar alternativa ou pensamento contraditório, irá o verbo para o indicativo ou para o conjuntivo, de acôrdo com a forma modal do verbo da primeira proposição.

1612. Se são duas proposições independentes, enunciadas com o intuito de asseverar que uma, sem que se possa decidir qual, corresponde

necessariamente à realidade, emprega-se em ambas o verbo no modo indicativo: "*Ou vencemos ou morremos*"; "*Ou são mouros ou gentios*".

1613. Usa-se, pelo contrário, o conjuntivo, quando a alternativa se refere a pensamentos secundários, isto é, a orações dependentes em que se aponta, mas não se procura resolver, a dúvida sôbre a causa, condição ou outra circunstância que por ventura influuiu ou possa influir num fato mais importante e que constitui a oração principal. Pode-se exprimir a dúvida não sòmente por *ou... ou...*, mas também por *quer... quer...*, *ora... ora...* ou simplesmente pelo conjuntivo do verbo *ser*: *seja... seja...*, *fôsse... fôsse...*, etc.:

Ora fossem forros, *ora* cativos (Zurara, *Guiné* 89) — *Quer seja* príncipe, *quer seja* capitam de príncipe (*ib.* 149) — *Quer ganhemos, quer percamos*, tudo nos fica na mão (Gil Vicente 1, 267) — Em cada viagem, *ou partissem* muytos navios *ou* poucos, conhecia o successo de cada hum (Vieira, *Serm.* 8, 219) — O outro pão he de todos, *ou tenham fé, ou não tenham, ou estejam em graça, ou não estejam* (*ib.* 9, 293) — Os dias da minha vida... *ou eu queyra, ou não queyra*, hão se de acabar brevemente (*ib.* 1, 1088) — A cabeça da aguia, que estava da parte direita... he Constantinopla, cabeça do imperio do Turco, *ou se considere* desde Roma, que foy o principio do Imperio Romano, *ou se considere* desde Jerusalem, que foy o lugar donde Esdras vio e escreveo a visão (*ib.* 13, 212).

1614. Os quinhentistas também empregavam o indicativo na alternativa de orações causais. As vêzes serviam-se do indicativo a par do conjuntivo:

Ou que a natureza ali os *produzio, ou que fossem* trazidos... todo o circuito desta ilha he coalhada de lagartos de agua (Barros, *Déc.* 2, 5, 1) — *Ou que* não se *atreveo* tornar ao Senhor com tamanha perda, *ou que* a fortuna o *chamava*, leixou-se ficar naquelle reyno (*ib.* 2, 5, 2) — *Ou que elle* a *ouvisse, ou que* alguem lho *foi dizer* (*ib.* 2, 3, 5).

1615. Do conjuntivo nos servimos geralmente em oração secundária quando queremos aludir a fatos que, embora próprios para contrariar ou prejudicar, não exercem em todo o caso tal ação sôbre outro fato capital cuja realização afirmamos ser verdadeira:

Caiba a nossos corpos a sorte que lhe couber e *façam* seu fim no ventre das aves... não temos que temer (Arrais 543) — Já não faço caso dos homens nem dos seus juizos: *digam* o que quizerem (Vieira, *Serm.* 5, 139) — *Faça* os tiros que quizer o juizo dos homens que, se o coração está ferido de Deus, ou não offendem, ou não magoam (*ib.*).

1616. Nos enunciados de caráter condicional, em que a hipótese condicionante se refere a um fato inexistente e cuja realização não se espera ou não parece provável, serve o imperfeito do conjuntivo para exprimir a dita hipótese, empregando-se na oração principal o futuro do pretérito: "*Se a guerra se declarasse, estaríamos perdidos*". Tais formas verbais podem todavia ser substituídas. Em português antigo e em linguagem da Renascença preferiam-se geralmente formas como as do mais-que-perfeito no indicativo, quer numa, quer noutra oração: "*Se*

assim fizera, andara mais avisado". Na linguagem familiar do português hodierno costuma-se substituir ao futuro do pretérito o imperfeito do indicativo: "Se pudesse, andava mais depressa".

1617. Vem de longe êste falar vulgar, chegando a ser aceito na linguagem escrita:

Se não andavão sobre aviso, lá ia a cepa e a cepeira (Gil Vicente 1, 265) — Se alguém pudera julgar antes do fim, era Deus (Vieira, Serm. 5, 76) — Se Christo arrancara olhos e fizera cegos... então tinham razão de se scandalisar de Christo (ib. 5, 68) — Se Deus nos deixara tentar mais do que podem as nossas forças, então tinhamos justa causa de recusar as tentações (ib. 9, 22).

1618. Referindo-se a hipótese a algum fato vindouro cujo cumprimento se espera ou se admite como provável, servimo-nos do futuro do conjuntivo para exprimi-la, pondo o futuro do indicativo na oração principal, para representar o fato vindouro decorrente da dita hipótese: "Se seguirem o conselho, serão felizes". É de notar que nas Ordenações de D. Manuel muitas disposições nas quais regularmente se faz uso desta linguagem, trazem intercaladas outras hipóteses e situações secundárias com os respectivos verbos no imperfeito do conjuntivo e no futuro do pretérito, como se fôsem hipóteses remotas. Hoje em dia não se redigem leis desta maneira:

E se a casa, ou qualquer outra propriedade, onde a moeda falsa for feita nom for do culpado, em o dito maleficio, e o senhor della no dito tempo estevesse tam perto della, e tevesse com o culpado tanta conversaçam, que razoadamente se podesse congeiturar que dello deveria seer sabedor, será confiscada; salvo se o dito senhor tanto que do dito maleficio fosse sabedor o descobrisse a Nós, ou a Nossas Justiças; ca em tal caso nom perderia o senhor sua casa, ou propriedade, onde a moeda falsa fosse feita, pois do dito maleficio nom era consentidor: porem se o dito senhor da casa, ou propriedade ao tempo do maleficio estevesse di tam longe que razoadamente nom se podesse congeiturar que dello fosse sabedor, em tal caso nom perderá sua casa ou propriedade, onde o maleficio fosse feito (Ord. 5, tit. 6).

1619. Proposições condicionantes caracterizadas pela conjunção *se*, quando se referem a atos que imaginamos existirem no momento presente ou terem-se efetuado em época anterior, dizem-se com o verbo no modo indicativo e no tempo presente, ou pretérito, conforme o caso:

Pois se o reyno já então era chegado, como pedimos nós ainda agora que venha?... Se queremos remissão de peccados, tomemos a penitencia como bautismo... Se tendes fé, como não fazeis penitencia? (Vieira, Serm. 5, 149) — Se me ouve algũ que esteja resolutu de nam se converter já mais, não fallo com elle (ib. 5, 150).

1620. Muitas vêzes emprega-se o presente do indicativo em proposições condicionantes nas quais poderia estar o futuro do conjuntivo. Esta prática tem perfeito cabimento para os sucessos cuja realização podemos supor tanto no futuro mais ou menos remoto, como dentro do domínio do presente que se estende no sentido do porvir e com êle se confunde:

Se pomos a Deos aos pés do mundo, crece o mundo, e diminue Deos, se pomos o mundo aos pés de Deos, crece Deos e diminue o mundo (Vieira, Serm. 5, 546) — Se dais a Deos o que Deos vos dá, dareis muito; mas se dais a Deos o que o mundo vos promete, dais muito mais (ib. 5, 548).

1621. Proposições com o verbo no presente do indicativo, por meio das quais se manifesta uma opinião, ou um intento, e cujo sentido parece completo, são às vêzes acrescidas de uma cláusula condicionante que começa pela partícula *se*, mas, contra a expectativa, tem o verbo no imperfeito do conjuntivo. Esta flagrante dissonância entre as formas verbais das duas orações funda-se na necessidade, que sente o indivíduo que fala, de passar do tom assertivo para a linguagem cautelosa ou diplomática, em que ou expõe uma cousa provável e muito natural como possibilidade muito remota, ou lamenta ter de considerar como possibilidade remota o que desejara fôsse realidade:

Ay, senhor, que boas palavras [subtendendo-se: são essas!] disse a donzella, se a obra dissesse co'ellas (Francisco de Moraes, Palm. 1, 462) — Sam vossas cousas tais que me fazê mudar a vontade que me aqui trouve, e desejar servir vos na cura dessas feridas, se em minha pousada quisesses repousar os dias que para isso forem necessarios (ib. 1, 84) — Nã he mao esse simile, disse o negociante, se fosse verdadeiro (Heitor Pinto 2, 321) — Estes estudantes bons mancebos sam, se nam fossem tam devassos (Eufr. 88).

EMPREGO DO INFINITIVO

1622. Pôsto que se costuma dizer *ir a serviço, vir a serviço*, pondo regularmente a preposição *a* antes do substantivo denotador da ação para cujo efeito alguém se move de um sítio para outro, todavia, se em lugar do dito nome usarmos de um infinitivo com o mesmo sentido, diremos *vir servir* sem partícula e *ir servir* de preferência a *ir a servir*.

1623. Tem sem dúvida emprêgo freqüente a linguagem *vir a + infinitivo*, porém já com a diversificação semântica de resultado final. *Vim a saber* equivale a “soube finalmente”; *vir a ser rico* equivale a “acabar por ser rico”.

1624. Há contudo exemplos em que se conserva a significação primitiva:

Dize porque te detêes que já me nam vês a ver (*Ving. de Agam.* 52).

1625. A combinação de *ir a + infinitivo*, pelo contrário, ocorre em geral apenas como forma mais explícita que a mesma linguagem sem a partícula *a*:

Pedio-me que a fosse a ver muitas vezes (*Eufr.* 29).

1626. Em raros casos o infinitivo preposicionado pôsto depois de *ir* tem significação passiva:

GIL: A hum fidalgo da sala tal fazeis? Sabel-o-ha el-rei. BELT. Saberá que lho direi quando fordes a enforçar (*Francisco Manuel de Melo, Fid. Apr.* 55) — Os defuntos que vão a enterrar (*Vieira, Serm.* 8, 125) — Dizemos que morreo; que vai a enterrar, que está sepultado, que ha de resuscitar (*ib.* 11, 454).

1627. Servindo a combinação das formas de *ir* com outro verbo no infinitivo para denotar locomoção no sentido de efetuar um ato ulterior, pareceu a mesma linguagem apropriada também a expressar, ainda que exageradamente, primeiro a decisão para a dita locomoção, e por fim a decisão para um ato qualquer ou a certeza do seu cumprimento. Assim nos dizeres “*Vou ler agora mesmo esta carta*”, “*Vou dizer já o que penso*”, “*Vai chover*”, “*Ele vai ficar zangado*” e outros do mesmo gênero, tão freqüentes em nosso falar quotidiano, vem o primeiro verbo já sem o sentido de deslocamento de um ponto para outro. Funciona como auxiliar dos diversos infinitivos, significando a forma assim composta um ato cuja realização próxima prometemos com firmeza, falando de nós mesmos, ou damos como certa, falando de outrem.

1628. Está ainda à espera de esclarecimento satisfatório o curioso fato, comum a outros idiomas modernos (ainda que em casos diversos do português), de antepor preposição a infinitivos dependentes de certos verbos, sendo entretanto tal o sentido destes termos regentes que parece dispensável a partícula. Em português usa-se antes do referido infinitivo ora *a*, ora *de*, podendo a sintaxe variar de uma época para outra, o que ainda mais complica a análise.

1629. Assentado está hoje que se deve dizer *atrever-se a fazer alguma coisa* e, sem preposição, *ousar fazer*. Em português antigo e também em era quinhentista não eram nada claras as idéias sobre a regência destes verbos sinônimos:

Nom *ousava de tanger* (*S. Maria Egipcíaca* 201) — Nom *se atrevom* per pallavras *mostrar* suas descreenças (*D. Duarte, Leal Cons.* 257) — Nom *ousava de falar* (*Eufr.* 29) — Sem algum *ousar de cometter* a passagem (*Barros, Déc.* 1, 1, 2) — Não se *atreveram irem em companhia* destes religiosos (*ib.* 1, 3, 5) — Isto me não *atrevo pairar* salvo á força de grande necessidade (*Jorge Ferreira, Ulis.* 338).

1630. Ao sentir hodierno é imprescindível a preposição em *obrigar a fazer*. A linguagem antiga entendia que tanto se havia de empregar *de* como *a*, e até se podia omitir a partícula depois de *obrigar, ser obrigado* e *ser teúdo* (sinônimo de *ser obrigado*):

Quanto o desejo os *obrigava ir* em sua companhia, tanto a necessidade os constringia a se tornar ao reyno (*Barros, Déc.* 1, 1, 11) — Com condição que... fosse *obrigado descobrir* pela costa em diante cem leguas (*ib.* 1, 2, 2) — Tão *obrigado a cumprir* o que lhe mandava (*ib.* 1, 3, 2) — Ficaram *obrigados de varrer* e alimpar a igreja (*ib.* 1, 3, 10) — Per este modo de lhes dar fiado os *obrigam cavar* (*ib.* 1, 10, 1).

1631. Que não havia a mínima diferença de sentido, e que era perfeitamente lícito fazer uso de qualquer das três formas segundo o capricho e sabor do momento, prova-se pela variada linguagem com que se repetem os mesmos pensamentos no título 37 do livro 4.^o das *Ordenações de D. Manuel*:

Será theudo tornar todo aa partaçam — Nom *será obriguado trazer* as ditas novidades aa colaçam — *Será... obrigado refazer* ao irmão — *Sam obriguadas a refazer* — *Será obriguado de as trazer* aa colaçam — *Será obriguado trazer* aa colaçam — *Será theudo de trazer* aa partilha — *Será o marido theudo dar* aos filhos... partaçam — *Sejam theudos de venderem* — Nom *será theudo tornar* os frutos, etc.

1632. Esta prática de ora enunciar ora omitir a partícula antes do infinitivo dependente observa-se ainda em outros casos da língua antiga. Assim causa-nos estranheza ver a variedade de linguagem quando rege ao infinitivo algum destes verbos: *começar*, que hoje só se construi com preposição *a* ou *de*; *costumar*, que dizemos acompanhado de *a*, se este verbo estiver no participio do pretérito. Para o primeiro destes verbos bastem os exemplos referidos [no par. 882] da *Lexeologia*. Para o segundo sirvam os seguintes:

Todos eram costumados a pelear (Barros, *Déc.* 1, 5, 10) — Eram costumados andar neste recolhimento (*ib.* 1, 5, 5) — Eram costumados ver somente hum ou dous navios (*ib.* 1, 3, 12).

1633. *Soer*, sinônimo de *costumar*, e verbo hoje pouco usado, podia-se construir com *a* antes de infinitivo completador do seu sentido:

Cantavã hũ canto que *sooẽ* a cantar na Sancta igreja (*Santo Amaro* 51) — Agua que os negros *soiam* a pôr na praia (Barros, *Déc.* 1, 1, 15).

1634. Ao verbo *dever* se ajuntava infinitivo, ou diretamente ou por intermédio de preposição, que podia ser *de* ou *a*. A terceira maneira de dizer caiu em completo desuso, porém a hesitação entre *deve ser* e *deve de ser* perdura até a época presente.

1635. A par da linguagem, hoje corrente, *haver de + infinitivo*, dizia-se outrora também *haver a + infinitivo* como neste exemplo: *como se hoje ouesses a partir deste mundo* (*S. Josafate* 12) — Porém o papel que aqui faz a partícula é cousa difícil de explicar. Do préstimo dela devia estar pouco convencido Manuel Bernardes e, ainda menos, Cândido Lusitano, escritor estimável do século XVIII, pois que a suprimiam, aquê de quando em quando, e êste com freqüência bem notória:

Não havemos ser como meninos de teta (Bernardes, *N. Flor.* 4, 417) — *Havemos esmolar* (*ib.* 4, 412) — *Havião ser* cidades (*ib.* 4, 297) — Que a praça *havia conservar-se* (Cândido Lusitano, *D. Henr.* 94) — Não soffria o animo intrepido do infante D. Henrique considerar que *havia apparecer* na presença de seu pai (*ib.* 108).

1636. Em português antigo podia-se calar entre dous verbos não somente a partícula inexpressiva, mas por vêzes também a preposição claramente denotadora de certa relação existente entre as duas ações diversas. Assim notamos a falta da partícula *de*, com que se exprime a causa determinante do conceito “ter vergonha” ou “correr-se” nestes passos:

Corro-me cometer-lhe cousa tam desarrazoada (*Eufr.* 31) — *Corro-me dizer-lo* (*ib.* 22).

1637. E fazia-se sobretudo êste jôgo com a dita partícula, tomada no mesmo sentido, depois do verbo *folgar*, e isto ainda perdurava em era quinhentista:

Folgavam de comprar escravos (Barros, *Déc.* 1, 3, 3) — *Folgando ter* a communição dos nossos (*ib.* 1, 5, 4) — *Folgavam ganhar* jornal por lhes ser mui bem pago — *Folgavam de vir* com elle — Certeza he de pais *folgarem ter* em que carreguem as culpas dos filhos (Jorge Ferreira, *Ulis.* 340).

1638. Prática diametralmente oposta consiste em completar o sentido de certas frases com o infinitivo, antepondo-lhe a partícula *de*, sem que esta tenha função apreciável. Observa-se cousa semelhante em francês. Com relação a certos verbos de sentido transitivo já dissemos o

bastante na *Lexeologia*. A par dêstes verbos é freqüente em português antigo o emprêgo de frases com o infinitivo preposicionado do tipo das seguintes:

Bem seria folia de atender golpe de homẽ (*Santo Graal* 50) — Recebi e resposta que nõ era cousa convinavel de tu morreres agora (*S. Josafate* 45) Pois te *praz de me leixares* ainda conversar (*ib.* 17) — *Seria bom de hirem* a Mançor (Zurara, *C. M.* 408) — Milhor he que ajas assi filho *ca de o fazeres* morrer (*S. Josafate* 35) — Depois te direi aquello que *compre de fazeres* (*ib.* 16) — *Acontece* aos reys de o fazerem (*Livro de Montaria* 35) — Bem creio que de força *será de teer* em ello o coração (*ib.* 39) — Ao rey he dado sempre *de seer* acompanhado (*ib.* 39) — A elles *convinha de fazer* (*ib.* 47) — *Nom era bem de o assi cercarem* (*ib.* 192) — Pouco ou nada *valeria de as poerem* (*ib.* 203) — Tende, Senhor, *por bem de me allumiar* (Tomé de Jesus 3, 80) — *Fazeis bem de o desculpar* (Barros, *Clar.* 1, 133).

1639. Ao infinitivo preposicionado se transferiram as funções exercidas por certas formas infinitas do verbo latino que foram desaparecendo, não chegando a introduzir-se em línguas românicas. O supino em *-um*, por isso que denotava direção ou fim a que se encaminhava um ato, não fazia mais do que o próprio infinitivo empregado para igual efeito; e desde que êste sentido especial se podia assinalar com a preposição *a*, como se fêz em românico, já o supino seria mais do que supérfluo.

1640. O supino em *-u*, empregado como dativo e, depois, como ablativo de um substantivo verbal, combinava-se com certos adjetivos e denotava direção e delimitação. Admitiam esta forma verbos que significavam “dizer” e “perceber” e alguns outros, mas o seu uso começa a escassear entre os poetas do latim clássico. Substituíam-no pelo infinitivo que, apesar das diversas funções adquiridas, não perdera ainda a função originária de dativo, sendo pois, nestas condições, equivalente do segundo supino. A esta forma corresponde em português o infinitivo ora precedido de *a* ou *para*, ora precedido da partícula *de*.

1641. O lugar do gerúndio-geritivo foi ocupado pela combinação *de + infinitivo*; *ars vivendi = arte de viver*. O gerúndio-acusativo regido de *ad*, e o gerúndio-dativo, que já em latim vinha sendo suplantado pelo uso do acusativo com *ad*, foram substituídos por infinitivo precedido de *a* ou *para*.

1642. Combinado com certos adjetivos ou com o verbo *ser* ou *estar*, o infinitivo preposicionado pode ter sentido passivo, correspondendo umas vêzes ao supino *-u*, outras ao gerúndio latino:

Isto procedia de ser elle *mau de contentar* (Barros, *Déc.* 1, 6, 6) — Foi cousa maravilhosa e *dura de crer* (*ib.* 2, 2, 8) — Estes anjos *eram de ver* porque vestiam varias cores e roupas muyto ricas (Sousa, *Arceb.* 2, 371) — E quando se foy assentar á mesa, estava já tudo tal, que nem *era para ver* [sentido passivo], quanto mais *pera ter sabor* [sentido ativo] (*ib.* 2, 235) — As cousas não *eram para dizer*, nem *são para ouvir* (Vieira, *Serm.* 5, 330) — Não disse “vede-o”, senão “ouvi-o”; porque *estando Christo tanto para ver, estava muyto para ouvir* (*ib.* 8, 68) — Hum engenho agudo muyto *he para lastimar* (*ib.* 2, 243) — Esta mesma representação he muyto *difficultosa de conservar* (*ib.* 5,

345) — Isto que tão facilmente se diz, não he tão *facil de entender* (*ib.* 2, 61) — Era cousa *maravilhosa de ver* (*ib.* 2, 163) — Em nós *serão* ainda mais de *estranhar* estes termos (*ib.* 7, 476) — Esta virtude he mais *facil de louvar* que de *descobrir* (Freire, *D. H.* 375) — Este passo he *difficil de entender* e *peior de traduzir* (Freire, *Arte Poét. de Hor.* 184) — Emmudeçam arbitrios e discursos *faceis de escrever*, mas *impossiveis de executar* (Vieira, *Serm.* 9, 417).

1643. Com o adjetivo *digno* usa-se o infinitivo ora na forma ativa, ora na passiva, ora na reflexiva:

Disse cousas *dignas de notar*, que nenhum dos infieis alcançou (Heitor Pinto 2, 59) — Entendiam ser a vida contemplativa excelente e *digna de desejar* (*ib.* 2, 111) — He muito novo e *digno de se notar* aquelle termo (Vieira, *Serm.* 5, 504) — Huma circumstancia *digna de se saber* (*ib.* 8, 161) — Mas he muyto *digno de reparar* que... hia no mesmo navio (*ib.* 8, 386) — Daqui se inferem duas consequencias muito *dignas de ser notadas* (*ib.* 8, 392).

Infinitivo Pessoal

1644. O infinitivo em português tem a particularidade de poder referir a ação a um sujeito determinado e expressar êste fato por meio das terminações *-es* (2.^a do sing.), *-mos*, *-des*, *-em* (para as 3 pessoas do plural) faltando à 1.^a e 3.^a do singular desinências que as distingam do infinitivo impessoal. Ao verbo assim empregado para individualizar a ação dá-se o nome de infinitivo pessoal ou flexionado:

Somos ledas de *tu padeceres* por Christo (Nunes, *Crest.* 218) — Menos mal he *saberem os pequenos* enganar que *poderem os grandes* por via de ignorantes ser enganados (Arrais 361) — Era costume *contribuirem os Christãos* para sustentação dos velhos necessitados (*ib.* 511) — Donde vem *dizerem as mulheres* prenhes que ás vezes está no ventre tão quieta a criança (*ib.* 569) — Dizendo *serem aquellas cousas* engano (Barros, *Déc.* 1, 238) — O *serdes vós* tam miudo nas cortesias me deu muyta pena (Rodrigues Lôbo, *C. na Ald.* 3) — Que cousa poz aos homens entre as estrelas senão o *saberem dar?* (*ib.* 133) — Perdoe-te o ceu o *haveres-me* obrigado a sacrificar aos pés desse orgulho o sentimento de amor (Herculano, *Eur.* 283).

1645. A forma pessoal é regularmente usada na combinação de *ao + infinitivo* servindo de equivalente a uma oração temporal explícita iniciada pela conjunção *quando*:

Ao aproximarem-se, os dous exercitos de nuvens prolongaram-se (Herculano, *Eur.* 53) — Rugindo de colera *ao contemplarem* este espectáculo, apertavam contra o peito a cruz das espadas (*ib.* 166) — Os arabes adivinharam-no *ao descortinarem* o espectáculo que tinham ante si (*ib.* 230) — Não causariam nem estranheza nem receio *ao apparecerem* ahi sem seus donos (*ib.* 242).

1646. Nas exclamações e interrogações que se limitam a enunciar um fato por meio do verbo no infinitivo acompanhado, se o sentido o exigir, de complemento ou outro termo accessório, recorre-se à forma pessoal quando se quer deixar patente que o ato é referido a um sujeito determinado:

E *ousares* tu, ladrão, calumniar tal santo! (Castilho, *Tart.* 99) — Tu, Her-
mengarda, *recordares-te?!* (Herculano, *Eur.* 46) — *Morreres?!* Oh não! (*ib.*
289) — *Assassinares* uma fraca mulher, assassinar-te a ti proprio e *renegares*
da vida eterna (Herculano, *M. de C.* 1, 2).

1647. Neste último exemplo teve o escritor por desnecessário acrescentar novamente a flexão ao repetir o verbo em *assassinar-te a ti proprio*.

1648. Mencionando-se claramente o sujeito em tais frases interrogativas e exclamativas, pode-se entretanto juntar-lhe um infinitivo impessoal. Com esta linguagem se acentua o contraste entre o agente e a ação, que determinam a surpresa, parecendo cousas incompatíveis:

Alcarac, não poso creer taes cousas, como me dizes, ca som contra natura; *quatro mil cavaleiros mâteer* lide a tantos e tã boos como os meus erã! (*Livro de Linhagem* 189) — *Vós arriscar* vossa Pessoa, e a vossa vida! *Vós ir* padecer e morrer a mãos de vossos inimigos (Vieira, *Serm.* 7, 269) — E bem, Senhor, *vós a mim lavar-me* os pés (*ib.* 7, 354).

1649. Usa-se o infinitivo com a forma impessoal nas combinações em que lhe cabe exprimir a noção predicativa principal, competindo ao verbo precedente denotar, além das noções de pessoa, número, tempo e modo, certas modalidades, como sejam: início da ação (*começar a, pôr-se a*), duração ou continuidade (*estar a, continuar a*), repetição (*tornar a, costumar, soer*), terminação (*cessar de, deixar de, acabar de*), necessidade (*haver de, ter de, dever, precisar de*), possibilidade ou capacidade (*poder*), vontade ou desejo (*querer, desejar*), esforço ou tentativa (*buscar, pretender, tentar, ousar, atrever-se a*):

Podíamos respirar uma viração mais pura — *Se vos pusésseis a contemplar* aquêl gesto — As reflexões de Fr. Lourenço *começavam a secar* sofrivelmente — Os senhores *costumavam residir* nas terras a êles sujeitas — *Precisamos de chegar* antes dêles — *Deviam pagar* a multa — *Tiveram de contentar-se*. — Tais razões *deixam de subsistir* — *Continuaram a ficar* enraizados no solo português — *Acabamos de examinar* a sua figura e vestuário — São os capitães que *buscam ordenar* as batalhas — Debalde os almogaures *tentavam suste* a corrida — *Ousavam ofender* êsses desgraçados — Não *queriam obedecer*.

1650. Está no mesmo caso o infinitivo dependente de *saber*, denotando estoutro verbo em tal combinação, à semelhança de *poder*, a faculdade de fazer alguma cousa, a capacidade de fazer uso de um conhecimento, adquirido previamente:

Sabião festejar moderadamente as graças alheas (Rodrigues Lôbo, *C. na Ald.* 76) — Não *sabem dar* hum passo sem palanquino (*ib.* 84) — Havia um livro que fazia o que nunca *souberam fazer* os commentarios de cada um delles (Herculano, *M. de C.* 1, 71) — Choréas vividas e variadas que só elles *sabiam tecer* (*ib.* 1, 78).

1651. É ainda com a forma impessoal que se usa o infinitivo dependente de: a) *ir, vir*, por se ter em vista somente o ato em si, como resultado de movimento ou intento; b) *vir a, chegar a*, por ser o infini-

tivo aqui o verbo principal, a que os verbos regentes, apagado o conceito próprio de locomoção, servem de auxiliares:

Vozes confusas *vieram despertar-me* (Herculano, *M. de C.* 1, 37) — Como se receassem que as paredes da acanhada cella podessem *vir a revelar* alguma parte dos seus intentos (*ib.* 1, 139) — Por algumas destas leis... *chegaram a ficar* sujeitos a graves penas aquelles que ousavam offender esses desgraçados (*ib.* 1, 71) — Onde as terradas de Ormuz *hiam fazer* sua aguada (Barros, *Déc.* 2, 3, 2).

1652. Há uma excepção possível à regra relativa ao infinitivo dependente de *poder*, *dever*, *querer*, *começar*, *costumar*, *deixar de* e respectivos sinónimos. É quando êle vem tão afastado do verbo subsidiário que ficaria obscuro o sentido se o agente não fôsse novamente lembrado pela flexão do infinitivo:

E aquelles que allí nom vierom *podeis* lhes *notificar* vossa tenção pedindo-lhes conselho e ajuda... e des y *ordenardes* per bom espaço como la vades com entençom de morrer ou vencer (Zurara, *apud Inéd. Port.* 2, 482) — Parece que não *podião tirar* nada delles, nem *elles levarem* mais (Rodrigues Lôbo, *C. na Ald.* 63) — Bem lhe *pode* o príncipe *negar* o que elles pedirem, e *elles prezarem-se* muito dessas negações (Vieira, *Serm.* 2, 97) — Mas a selva *começa a rarear*, e os ginetes a *resfolegarem* com mais violencia (Herculano, *Eur.* 227) — Nê por isso em todalas festas e cousas passadas *deixarã* sempre ambos de *serê* tidos como pessoas muy principaes naquella companhia (Francisco de Morais, *Palm.* 1, 327) — *Deviam-no* trazer todos vocês nas palmas, dar mil graças aos céus, e *acabarem* de crer (Castilho, *Tart.* 11) — *Possas tu*, descendente maldicto de uma tribu de nobres guerreiros, implorando crueis forasteiros *seres* presa de vis Aymorés (Gonçalves Dias, *I-Juca Pirama*).

1653. Pôsto que com os verbos *buscar*, *tentar*, *pretender*, *ousar*, *atreve-se a* se use, como acima dissemos, o infinitivo impessoal, outros verbos há denotadores de esforço ou tentativa, com os quais ocorrem também exemplos de infinitivo flexionado:

Esforça-te cada dia *por sobires* aa mui alta contemplaçõ de Nosso Senhor (S. Josafate 12) — Que seja por ti enxenpro aos outros que nunca *se trabalhê de enganarê* os filhos dos reis (*ib.* 27) — Mandou-lhes que *trabalhassem por tomarem* algûs homêes naturaes da cidade (Fernão Mendes Pinto 1, 247) — *Trataram de se recolherem* por terra (Couto, *Déc.* 5, 33) — Emquanto duravam os requerimentos referidos *trataram* os Religiosos de *acomodarem* o corpo no cayxão (Sousa, *Arceb.* 2, 196).

1654. As combinações verbais constituídas com *mandar*, *deixar* ou *fazer* e infinitivo impessoal, pode-se juntar um têrmo que exerça a dupla função de objeto do verbo regente e sujeito do infinitivo regido; mas êste segundo verbo, indiferente ao número e pessoa de seu sujeito, continuará a usar-se com a forma impessoal:

Mandou alcarac Reis e Infantes e outros altos homees *acometer* os christãos (Port. Mon. Hist., I Script. 186) — O fumo *faz fugir* as abelhas (S. Josafate 13) — *Farei os asnos zurrar e cantar* os rouxinoes (Gil Vicente 3, 281) — Isto dizendo, *manda os diligentes ministros amostrar* as armaduras (Camões, *Lus.* 1, 67) — *Os deuses faz decer* ao vil terreno, e os humanos *subir* ao ceo sereno (Camões, *Lus.* 9, 20) — *Faz hir* docemente murmurando as agoas (*ib.* 10, 6) — Os assopros *esforça* iradamente com que *nos faz vencer* a grão

torrente (*ib.* 5, 67) — Trabalhos que *vos fação ser* aceitos ás eternas esposas e fermosas (*ib.* 10, 142) — Ha muitos homens tão palavrosos que *vos não deixão tomar* carta na conversação (Rodrigues Lôbo, *C. na Ald.* 82) — Entre tanto *deixa andar os homens* nesta vida semelhantes ao brutos (Arrais 575) — Os [preceitos] positivos que *nos mandão seguir* o bem, os negativos que *nos mandão fugir* o mal (Vieira, *Serm.* 5, 536) — *Fazei-os parar* (Herculano, *Eur.* 210) — Um brado subito deste *os fez parar* (*ib.* 216) — Mandava prender os juizes... e *os fazia descer* por cordas aos subterraneos (Herculano, *M. de C.* 1, 120) — Aquelle atractivo divertimento *fizera voar* as horas (*ib.* 1, 211).

1655. A regra precedente também se aplica às combinações de *ver* e *ouvir* com infinitivo quando os dous verbos, regente e regido, vêm próximos um do outro. Achando-se porém o infinitivo afastado do primeiro verbo pela interposição de dizeres um tanto extensos, poderá tomar flexão de acôrdo com o sujeito. Ocorre, além disso, o infinitivo flexionado, onde há intenção de realçar o sujeito. Em tôdas as épocas da linguagem são sobretudo numerosos os exemplos de *ver + infinitivo impessoal*. Citarei apenas os seguintes, de uma e outra espécie:

Ali *veeriades cavalos* sem senhores *andar* soltos (Nunes, *Crest. Arc.* 48) — *Vy* estes portogueses asi *revolver* a lide e *ferir* tã estranhamente (*ib.* 56) — *Vio estar cordas* d'orgãos e *viollas* (*ib.* 66) — Eu *vi governar muytos* [entenda-se *muytos* como sujeito de *governar*] e *vi morrer muytos* (Vieira, *Serm.* 3, 174) — Prodigiosos *excessos* que cada dia *vemos crescer* mais (*ib.* 5, 491) — Mas quando eu para cá *vi tantos vir* daquelles cães, mais depressa hum pouco vim (Camões, *Lus.* 5, 35) — *Verão morrer* com fome os filhos caros... *verão os Cafres...* tirar á linda dama seus vestidos (*ib.* 5, 47) — *Verá braços e pernas hir* nadando (*ib.* 10, 36) — *Vimos as Ursas*, a pesar de Juno, *banharem-se* nas aguas de Neptuno (*ib.* 5, 15) — *Viu* de antigos, longinquos e altos montes *nascерem duas claras e altas fontes* (*ib.* 4, 69) — A vizinhança que dirá, se meu marido aqui não 'stá e *vos ouvirem cantar?* (Gil Vicente 3, 35) — *Viram desapparecer os godos* numa garganta estreita (Herculano, *Eur.* 233) — *Ouviu ramalhar as arvores* (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 40) — *Ouve mugir os bois* (Castilho, *Geörg.* 125) — Nada mais delicioso para o coração do que *ouvir estes dous irmãos fallarem* della (Castilho, *Out.* 70) — Apenas *vissem fluctuar...* os *estandartes* (Herculano, *Eur.* 198) — Os pastores *viram os nossos cavalleiros transporem* o Sallia (*ib.* 263) — *Viram reluzir* no chão *troços d'armas* (*ib.* 207) — Tinham-se abalado para o combate apenas *viram partir os esquadões* de Ruderico (*ib.* 101) — Não *ouve fallar as pedras; bradar as inscripções, levantar-se as estatuas* dos tumulos (Garrett, *Viag.* 2, 8).

1656. Junto a verbos que significam “declarar”, “mostrar”, “pensar”, pode-se usar, como equivalente de oração complementar explícita, uma construção de infinitivo que difere do chamado acusativo com infinitivo da gramática latina em ter o sujeito sempre na forma própria (nominativo). Se êste sujeito não é o mesmo que o do verbo regente, terá o infinitivo naturalmente a forma pessoal. Se o sujeito é o mesmo, pode a forma pessoal servir para pô-lo novamente em relêvo:

Para que indinasse a elrey contra elles com algumas razões apparentes, que lhe deram para o caso, *affirmando serem* verdadeiras (Barros, *Déc.* 1, 4, 9) — *Dizendo serem* aquellas cousas engano (*ib.* 1, 3, 10) — Começaram nomear Christo Jesus e sua Madre... *dizendo serem* christãos (*ib.* 3, 3, 10) — E estando elle e os outros contentes, *cuidando terem* bom posto... foram de noite todos chamados (*ib.* 3, 2, 9) — Porque se começavam as cousas da India *mostrar*

serem maiores do que té li tinhamos sabido (*ib.* 2, 3, 9) — *Mostrando não serem* tão infelices (*ib.* 3, 1, 1) — *Mostravam terem* recebido muito dano (*ib.* 3, 6, 9) — Estiveram mui promptos, *mostrando terem* contentamento na paciência (*ib.* 1, 5, 2) — Começou de lhe [aos Mouros] perguntar donde vinham... Os quaes *responderam* virem de Dio (*ib.* 2, 10, 8) — E porem todos *confessam serem* estrangeiros e não proprios indigenas e naturaes da terra (*ib.* 3, 5, 6) — *Confessam deverem*-vos a vida que vivem (Sousa, *Arceb.* 2, 33) — Ainda... se enxergavam alguns orificios profundos, que *mostravam terem servido* para embeber as traves da ponte (Herculano, *Eur.* 236).

1657. Com o verbo *parecer* usado impessoalmente combinam-se construções de infinitivo flexionado:

— *Parece serem* sómente vindos a este effeito (Barros, *Déc.* 1, 1, 14) — Vio o mar coalhado de malhas vermelhas, que *parecia serem* degollados alguns bois (*ib.* 2, 8, 1) — *Parecia quererem* saltar no regaço do Santo (Sousa, *S. Dom.* 242) — Já devastavam o norte da Lusitania e *parecia encaminharem-se* para o lado de Tude (Herculano, *Eur.* 128) — Espreitando... o caminho que seguia a multidão dos infieis, os quaes lhes *pareceu dirigirem-se* para o lado do celebre mosteiro da Virgem Dolorosa (*ib.* 169) — Assemelha-se-lhes a uma legião de demonios e a um rir infernal o tinir das espadas, o resfolegar dos cavallos e o murmurar dos cavalleiros, que *parece entoarem*-lhes já o hymno da morte (*ib.* 229).

1658. Se se emprega *parecer* como verbo pessoal, prefere-se, sobretudo em português hodierno, combiná-lo com infinitivo sem flexão. Exemplos contrários, com infinitivo flexionado, se encontram às vêzes em linguagem quinhentista. No falar de hoje ocorrem mais freqüentemente quando o infinitivo vem afastado de *parecer* pela interposição de outras palavras:

Vinham em tres batalhas armados a seu modo... assi ordenados em feiras, e modo de cantar, que *pareciam virem* na ordem das procissões da invocação (Barros, *Déc.* 1, 3, 9) — As naos... andavam á vontade das ondas, sem acudir a leme, as quaes com aquelles impetos muitas vezes *pareciam cortarem* pelo ar, e não pela agua (*ib.* 1, 5, 2) — Os corceis... mordiam os freios brilhantes e *pareciam adivinhar* que estava proximo um dia de combate (Herculano, *Eur.* 83) — Os leves escudos orbiculares, que os compridos saios de malha *pareciam tornar* inuteis... brilhavam com as suas cores vivas e variadas (*ib.* 93) — *Pareciam rolar* pela encosta (*ib.* 221) — As aves aquaticas... *pareciam* nos seus voos incertos, ora vagarosos, ora rapidos, *folgarem* com os primeiros dias da estação dos amores (*ib.* 42) — As sombras *pareciam dançar* e agitar-se (*ib.* 283) — O guerreiro conservou-se por algum tempo immovel e com os olhos cravados nos astros scintillantes, que *pareciam sorrir-lhe* e *chamá-lo* para o seio immenso do Senhor (*ib.* 278).

1659. Quando se exprime por meio de um infinitivo regido da preposição *de* a causa determinante de um sentimento e se quer mostrar que a pessoa a quem este verbo se refere é ou deve ser vivamente afetada pelo sentimento, dá-se ao infinitivo a forma pessoal. O termo de que depende o infinitivo preposicionado pode ser verbo, adjetivo ou substantivo.

1660. a) Alegria, contentamento:

Folgaste de achares em mi o que viste (Zurara, *Inéd. Port.* 3, 202) — Que sempre nos reinos havia homens amigos de novidades, que *haviam de folgar*

de o servirem (Couto, *Déc.* 5, 2, 1) — Não t'o posso dizer assim depressa, pois bofee que has de *folgar* bem de o *saberes* (Jorge Ferreira, *Eufr.* 245) — *Folgam de se enganarem* pera sua desculpa (Jorge Ferreira, *Eufr.* 159) — Elles se desviaram, vendo que era elrey, *contentes de se verem* fora de tamanho receo (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 210) — Não somente ousados *se contentão de soffrerem* da terra firme os damnos, mas inda o mar instabile exprimentão (Camões, *Lus.* 10, 91) — *Folgarás de veres* a policia portuguesa na paz e na milícia (*ib.* 7, 72) — Ficando contentes e *alegres de verem* entre aquelles dous fidalgos tamanhas discordias (Couto, *Déc.* 4, 4, 3) — Não *se contentavão de o verem* hũa vez (Sousa, *Arceb.* 1, 411) — Ficava no couce o Cabido da Sé de Braga com sobrepellizes e mursas, *alegres* todos aquelles veneraveis Padres *de se verem* chegados a solenizar a gloria e triumpho de hum Prelado de que foram suditos (*ib.* 2, 372) — *Folgay*, Antiocho, *de terdes* exprimentado os revezes da fortuna (Arrais 76) — Não *contentes de serem* tintoreyros dos affectos, o querem tambem ser das horas (Francisco Manuel de Melo, *Ap. Dial.* 42) — Platão não tinha condição de lisonjar os tyrannos, nem outras pessoas algũas: antes em duas obras extranha muyto o vicio da adulação e a condição daquelles que *folgam de os adularem* (Heitor Pinto 2, 311) — Tem obedição as Religiosas portugesas de se edificarem e *alegrarem* muito *de verem*... hum tão novo e particular espirito na profissão de seu estado (Vieira, *Serm.* 5, 569) — Aceitaram ellas [freiras] facilmente a condição, muito *satisfeitas de se verem* alliviadas para sempre das instancias ou perseguição da reforma (*ib.* 9, 191).

1661. b) Espanto, admiração:

Espantavan-se de não verem nenhũs dos inimigos (Castanheda 2, 6) — Os que com elle iam ficaram *espantados de verem* a multidão das chagas (Damião de Góis, *D. M.* 3, 40) — *Espantados de verem* tamanha destruição (*ib.* 2, 33) — Não *te espantes* de Baco nos teus reinos *receberes* (Camões, *Lus.* 6, 15) — *Pasmas-te* de me *veres* a mim, ou *de te veres* a ty em tamanha honra? (Fernão Mendes Pinto 3, 169) — Nós todos estavamos como *psmados de vermos* o modo com que attribuição suas cousas á causa principal de todos os beês (*ib.* 2, 66) — Nam *te debes espantar de a veres* tal tornada (*Ving. de Agam.* 97) — Estes, *psmados de verem* o sol, que se não movia; aquelles, tambem *psmados de esperarem* pelo sol, que não chegava (Vieira, *Serm.* 7, 505) — *Pasmam* todos *de o verem* vivo (*ib.* 11, 362) — Ao estrondo da artilharia, nunca d'antes ouvido naquellas regiões, se abalaram, como attonitos, dos arredores de suas serranias, bandos de barbaria, *suspensos de verem* que sustentava o corpo das aguas maquinas tão grandes como a de nossas naos da India; e muito mais *de verem* hospedes tão estranhos, brancos, com barba e vestido, cousas entre elles nunca imaginadas (Simão de Vasconcelos XXXII) — Os nossos não receando tanta esperteza em gente bruta, ao romper da manhã entraram pela ilha, e *psmados de a verem* deserta, conheceram o engano (F. J. Freire, *D. H.* 260) — *Assombram-se* as Nereidas *de avistarem*... bosques, edificios (Castilho, *Metam.* 23).

1662. c) Ufania, orgulho:

Os que tem algũa indole e *se prezam de serem* verdadeiros filhos de seus pais, soẽ ser emulos de sua dignidade (Arrais 42) — *Gloriando-se de já serem* senhores daquella costa (Barros, *Déc.* 2, 1, 2) — Nem houve mais officiaes que nas artes mecanicas *se prezassem de terem* as perfeições que os antigos teverão (Castanheda 7, *Pról.*) — Mas elles *gloriando-se de terem* em seu thesouro hum varão insigne... fingiram (Heitor Pinto 1, 336) — Na sagrada Escritura lemos que os filhos de Israel *se prezavam de procederem* de Abraham e de Israel (*ib.* 2, 726) — Abrirá novo caminho pera ti, grande imperio, que

te arrears de seres de Candace e Sabá ninho (Camões, *Lus.* 10, 52) — *Gloriam-se de serem* os primeiros (Simão de Vasconcelos 120) — A tua gloria é outra e mais bella; a *gloria de seres* o vencedor dos vencedores da cruz (Herculano, *Eur.* 294).

1663. d) Vergonha:

Eu esperava que te avia de criar cõ toda guarda e que fosses soffrimento e logo da minha velheçe e que ficasses por bom sucessor do meu Reino, mais tu nõ has *vergonha de me mostrares* obras de inimigo mortal (*S. Josafate* 23) — *Vergonha* havias tu de ter de me *allegares* com o Santo (Bernardes, *N. Flor.* 1, 52) — Pois não nos *envergonhamos de nos prezarmos* de lindos, sendo homens? (*ib.* 4, 73) — Dalli expedia os repetidos exploradores que quasi *envergonhados de não desempenharem* a expectação, vinham pela costa de Barbaria (F. J. Freire, *D. H.* 152) — *Envergonhamo-nos* de muitas vezes não seguirmos na vida pratica os dictames do christianismo (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 193) — E ainda estes se detem com *vergonha de me verem* (Sousa, *Arceb.* 1, 521) — Em nos começando a *envergonhar de repetirmos* que no ensino das primeiras letras não cabe novidade (Castilho, *Outono* X).

1664. e) Temor, esperança, desesperança:

Já *desesperamos de te vermos* alegria (*Ving. de Agam.* 50) — *Desconfiados de poderem* atinar com elle (Sousa, *Arceb.* 2, 144) — Sem aver outra cousa que perturbasse aquelle contentamento mais que o *receo de serem* por algum modo conhecidos (Rodrigues Lôbo, *C. na Ald.* 95) — O *temor de serem conhecidos* os desviava sempre do povoado (*ib.* 90) — [Os presos] tem logo *esperança* certa de serem livres (Fernão Mendes Pinto 2, 88) — Muitos se escusão de emprestar dinheiro a juro... por *recearem ficarem* defraudados (Bernardes, *N. Flor.* 1, 435).

1665. Não há necessidade de acrescentar ao exposto outras rubricas e mais exemplos. Medite antes o leitor sôbre o espirito que ditou os trechos citados, faça o cotejo imaginando as mesmas frases com o infinitivo sem flexão e verá quanto perderiam a energia e clareza se de fato os autores as houvessem escrito com o infinitivo impessoal. Em outro lugar (*Dificuldades da Língua Portuguesa*², págs. 97-98 e 110-111) mostrei neste sentido o bastante a propósito de dous belíssimos exemplos camonianos que, contrariando certa regra gramatical errônea, causavam estranheza por não se haver até então cuidado de procurar lições paralelas em outros escritores e, coligida uma razoável série, decidir se eram êstes os que desconheciam as delicadezas e os segredos da linguagem ou se era o formulador da tal regra quem se havia enganado. Cumpre advertir que seria êrro não menos grave do que essa regra estatuída *a priori* o cair no extremo oposto e concluir dos numerosos exemplos aqui citados e divulgados que se daria sempre a forma flexionada ao infinitivo dependente de *folgar de*, *espantar-se de*, etc. Os escritores portugueses, que neste ponto não conheciam sistematismo, regulavam-se para cada caso particular unicamente pelo sentimento de linguagem, e assim muitíssimas outras vêzes não havendo razão para fazer valer a ênfase, pôsto que empregassem os mesmos verbos, adjetivos ou nomes, se lhes impunha a necessidade de recorrerem ao infinitivo sem flexão. Limitar-me-ei a citar:

Ha muitas cousas que não queremos dizer e *folgamos* em extremo de as *ouvir* (Rodrigues Lôbo, *C. na Ald.* 77) — Os verdadeiros religiosos *gloriam-se de ser* bem obedientes e não se afrontam de obedecer a outros mais baixos (Heitor Pinto 1, 133) — Os subditos *folgam de se accomodar* a suas condições (*ib.* 2, 587) — Por mais que nos *gloriamos de os frequentar* (Arrais 165) — Os quais se *prezavam de guardar* juntamente a ley de Christo e a de Moyses (*ib.* 164) — As portas o recebe acompanhado das Nymphas que *se estão maravilhando de ver* que cometendo tal caminho entre no reino da agoa o Rey do vinho (Camões, *Lus.* 6, 14) — Mas muito mais *se espantará de ver* a maneira da cova (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 327) — Elrey e o emperador Trinco e os outros reys ficará pouco *contentes de ver* aquelle descontentamento de Floramã (*ib.* 1, 334) — Aos que *se envergonham de poupar* a vida, para a perder com gloria quando o dia do sacrificio chegar, darei eu o exemplo (Herculano, *Eur.* 225).

1666. O infinitivo regido da preposição *de*, quando usado como complemento especificador ou delimitador de uma noção expressa por substantivo ou adjetivo, tem a forma impessoal se se considera a ação em abstrato. Havendo porém conveniência ou necessidade de referir a ação em especial a um sujeito, recorrer-se-á ao infinitivo flexionado:

Há homens tão *soffregos de fallarem* tudo, que atalhão as palavras ao que lhes começa a responder (Rodrigues Lôbo, *C. na Ald.* 76) — São tam *amigos de levarem* hum comprimento té o fundo que nem com o silencio vos defendeis dos seus (*ib.* 82) — Sendo essas honras tão *merecedoras de serem* estimadas (Sousa, *Arceb.* 1, *Pról.*) — Proposição inventada e asserta por mestres mintirosos, *amigos de lisonjearem* os Summos Pontifices (*ib.* 1, 261) — Tão *amigos de conservarem* a Fé em sua pureza, e *de a dilatarem* forão sempre seus pais e avós (*ib.* 1, 311) — Achar-te-ás muito cheyo de vícios e peccados, que te fazem totalmente *merecedor de seres* digno instrumento de tão santa empresa (Vieira, *Serm.* 11, 248) — Ha muitos malaventurados *incapazes de comprehenderem* a sancta poesia que derrama em nossa alma o espectaculo da natureza (Herculano, *M. de C.* 2, 228) — Nem seiscentos Chaparros seriam *capazes de lhe entortarem* uma ou mil missas cantadas (Herculano, *Lendas e Narr.* 2, 268) — Os godos, porem, tinham a *vantagem de caminharem* ordenados (Herculano, *Eur.* 90) — Requeimados pelo sol ardente... *incapazes de conhecerem* a vantagem da ordem e disciplina, estes homens rudes combatiam meios-nús (*ib.* 96) — Quem te deu, pois, o *direito de correres* a morte certa? Quem te deu o *direito de apagar* no sangue dos ultimos godos o unico facho que alumia as trevas do futuro da escravizada Hespanha? (*ib.* 183).

1667. Com a idéia do efeito produzido ou almejado por um ato de coerção ou constrangimento costuma avivar-se também a imagem da vítima da coerção. Daqui procede o freqüente emprêgo da forma pessoal no infinitivo dependente de *obrigar a*, *constranger a*, etc.:

Ninguém as *obriga a queimarem-se* (Castanheda 2, 6) — Tanto que o primeiro tocar o buzio, todos os outros que o ouvirem são *obrigados a tocarem* logo os seus so pena de morte (Fernão Mendes Pinto 3, 190) — E como a ley natural nos *obrigue a não fazermos* o que não queriamos que nos fizessem (Heitor Pinto 2, 278) — *Constrangeo* muytos homens a *fazerem-se falsos* (*ib.* 2, 546) — Pera com isso os *obrigarem a fazerem* feitos dignos de serem por elles eternizados (Couto, *Déc.* 4, *Epist.*) — Mas por derradeiro... os *constrangeo a lhe pedirem* paz (Arrais 273) — Os pobres mendigos das portas, que aqui acudiram em grandes bandos, dando-se por *obrigados a celebrarem* tambem segundo suas forças a festa (Sousa, *Arceb.* 2, 372) — Parecia mais movimento

de poder celestial que amor da terra o que os *obrigava a o reconhecerem* por santo e digno de tal veneração (*ib.* 2, 382) — Serão *forçados a se accommodarem* com a paz (Vieira, *Cartas*, 2, 57) — *Obrigou* a muitos doutores a *filosofarem* nas indulgências dos vivos (Vieira, *Serm.* 7, 205) — *Obrigar* os donos do achado a *darem* premio a quem achou (Bernardes, *N. Flor.* 1, 431) — A mesma razão nos *obriga a passarmos* pelos achaques (Francisco Manuel de Melo, *Ap. Dial.* 355) — A falta de christãos habilitados para tractarem materias de fazenda publica, *obrigou* os reis portugueses a *desprezarem* a lei das côrtes (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 128) — Para *obrigar* os povos a *pagarem* um imposto que por propria autoridade lançara (Herculano, *M. de C.* 1, 130) — Queixavam-se de que... os *obrigava a trabalharem* gratuitamente nos reparos dos seus castellos (*ib.*).

1668. Confrontem-se com os exemplos que acabamos de citar estoutros em que o uso do infinitivo impessoal se refere essencialmente ao ato em si, não havendo lugar para novamente pôr em evidência a personalidade:

Isto *obrigou* os Religiosos a *cortar* por todas as contrariedades, e *tratar* de o mudarem com muyta pressa (Sousa, *Arceb.* 2, 409) — Aquelles em cujos peitos Deos encerrara ouro e prata eram *obrigados a desprezar* os metais da terra (Arrais 311) — Como os Hebreos amavão tanto ao seu Moysés e se vião *forçados a o deixar*, fazião este discurso (Vieira, *Serm.* 5, 567) — Arrastado pelos turbilhões de fugitivos, forcejando por *obrigá-los a voltar* o rosto contra os arabes... o duque de Cordoba combatia mui longe d'elle (Herculano, *Eur.* 120) — Os que não cairam ante a acha d'armas foram *constrangidos a fugir* (*ib.* 221) — *Obrigados a parar* frequentemente para conhecerem a que parte elles se dirigiam (*ib.* 233) — Os nossos ginetes, ensinados a voltarem sós ao campo christão do deserto quando os ardis ou perigos da guerra nos *obrigam a abandoná-los* não causariam nem estranheza nem receio ao apparecerem ahi sem donos (*ib.* 242).

1669. Com *ensinar a* emprega-se de ordinário infinitivo sem flexão para designar simplesmente o ato que se ensina alguém a praticar; *ensinei-te a escrever, a nadar* (e não *a escreveres, a nadares*). Desde porém que se desenvolve o infinitivo em frase com tēmos explicativos de certa extensão, torna-se às vêzes conveniente personalizá-lo, chamando assim novamente a atenção para o respectivo sujeito:

Em vós he gentileza esse receyo, e ainda que fosse fingido, eu o tenho por a primeira regra de fallar bem, pois *insinais aos discretos a o não fazerem* com sobeja confiança (Rodrigues Lôbo, *C. na Ald.* 79) — Cf.: Os dous amigos nos *insinarão a acertar* (*ib.* 100) — Pois ella nos *ensina a amarmos* nossos amigos (Sousa, *Arceb.* 2, 348) — Cf.: Que nos *ensina a morrer* hūs pelos outros (*ib.* 2, 341) — *Ensinou os homens a fugirem* da sensualidade (Heitor Pinto 1, 171) — Os nossos ginetes, *ensinados a voltarem sós* ao campo christão do deserto... não causariam nem estranheza nem receio (Herculano, *Eur.* 242).

1670. Com *pronto a* ou *para* emprega-se também ora o infinitivo impessoal, ora o pessoal:

Mais *promptos para entender* as respostas e resoluções de suas duvidas (Arrais 381) — Aqui estamos *promptos para obedecer* o que mandares (Vieira, *Serm.* 5, 480) — Pedras... *promptas para serem* collocadas em seus logares (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 228) — Dize aos nossos cavalleiros que antes de romper a manhan estejam a cavallo com a lança em punho *promptos a marcharem* para a entrada do valle (Herculano, *Eur.* 266).

1671. Nas orações reduzidas em que se usa o infinitivo regido de qualquer das preposições *até, para, com, em, sem, por, em vez de, antes de, depois de, além de, sobre*, emprega-se ora a forma impessoal, ora o infinitivo flexionado. A forma impessoal tem cabimento quando se cogita sòmente da ação:

Armemo-nos de prudência e paciência *pera receber* os contrastes desta vida (Arrais 81) — Este he o veo posto sobre o coração dos Judeus que olhão *pera Moysés, sem pôr* os olhos em Deos (*ib.* 157) — He tão culpavel o feitio que nisso se perde como o que usão as mulheres *em desmentir* as graças da natureza (Rodrigues Lôbo, *C. na Ald.* 83) — Vamos com elle, *sem nos apartar* hum ponto (Vieira, *Serm.* 5, 538) — Esperaram seu imperio ou consentimento *para vingar* suas injurias (*ib.* 5, 478) — O juizo de Deos he o seguro que nos dá o mesmo Deos *para não temer* os juizos dos homens (*ib.* 5, 80) — Só nos servirá *para notar* no mesmo fogo a differença, como servem as sobras, e os oppostos *para mais illustrar* os contrarios (*ib.* 5, 502) — Os que passavam curvavam-se *para beijar* a fimbria da sua estribe (Herculano, *Eur.* 36) — Ao pôr do sol, gepidas, ostrogodos... preparavam-se *para morrer* (*ib.* 26) — O nome de Al-Gharb (o Occidente) que, igualmente deram á Peninsula *para a distinguir* de Mauritanea (*ib.* 321) — Que não tardes *em fortificar* essa estreita passagem (*ib.* 64).

1672. Convindo, pelo contrário, pôr em evidência o agente do verbo, emprega-se o infinitivo pessoal. Que é árbitro, para a escolha entre as duas formas de infinitivo preposicionado, o intuito do próprio escritor, e não um preceito gramatical fixo (*), decidiu-o Antônio Vieira nos seguintes passos:

Parce que havia de dizer: os Anjos ouvem a palavra de Deos *para a fazerem* e nam, os Anjos fazem a palavra de Deos *para a ouvirem*... Pois porque diz que fazem *para ouvir*, e não ouvem *para fazer*? (*Serm.* 3, 53) — Guardaram a palavra de Christo *antes de a ouvirem* (*ib.* 3, 53) — Executaram a palavra de Christo *antes de a ouvirem* (*ib.* 3, 54) — Os que hião detrás, não he muito que o fizessem *depois de ouvirem* e *verem* a Christo: mas que o fizessem os que hiam diante *sem verem* a Christo, nem o *ouvirem*, esta foy a maravilha (*ib.* 3, 58).

1673. Sobee ao português antigo o emprêgo do infinitivo pessoal para produzir o mencionado efeito:

Cavaleiros de todo o mundo veem aa corte, (e) muy mais ayinda *por vos veerem* ca por al, delles *por vos veerem* e delles *por averem* vosa conpanha (*Santo Graal*) — [Eu muito roguei a Nosso Senhor] que dures *ẽ* teu trabalho *ataa gaanhares* coroa esplandecente, ca ainda nõ lidaste avondosamente *pera averes* o galardõ que te está aparelhado (*S. Josafate* 45) — Mandavã em scripto os nomes d'algũs d'antre elles que lhe parician antre ssy mais ydoneos *pera rreynarem* (Nunes, *Crest. Arc.* 100) — E *por seerem* mais certos, lhe perguntarom como avya nome (*ib.* 101) — Non filhedes tresteza, nõ esmaiedes, ca tempo averedes *pera filhardes* vingança (*ib.* 55).

(*) Reporta-se a êsse preceito Faria e Sousa em comentarios à linguagem camoniana. Soares Barbosa reviveu o reparo do comentador, formulou a regra e desprezou-a na prática, como todos os escritores portugueses dalém-mar.

1674. Mas não foi senão em português moderno que se reconheceu tódta a importância de semelhante linguagem. Os exemplos são literalmente sem conta. Escolheremos alguns:

1675. Época quinhentista e seiscentista:

Era o que os Mouros desejavão *pera* os *tomarem* a sua vontade (Damião de Góis, *D. M.* 285) — Como estais *sem irdes* a pregar a santa fé? (Camões, *Lus.* 10, 119) — Enchem-se os peitos todos de alegria *por terem* o remedio verdadeiro *pera acharem* a terra que buscavam (*ib.* 2, 89) — Todos morreram *sem se quererem* entregar (Barros, *Déc.* 2, 3, 6) — E já pode ser que caísseis vós neste erro, ou *por não advertirdes*, ou *por* mais não *entenderdes* (Arrais 52) — Assi se ficam cõ a letra da escritura, *sem entenderem* o espirito della (*ib.* 156) — *Depois de gastarem* algũas palavras de comprimento chegaram Dom Julio e Solino (Rodrigues Lôbo, *C. na Ald.* 34) — Vão com a pratica em muletas *até tomarem* assento com muito trabalho (*ib.* 78) — As risadas *alem de arguïrem* falta de entendimento são mais impertinentes quando hum homem festeja seus proprios ditos (*ib.* 76) — Disseram que só *com comerem* e *usarem* muito do sal concebião alguns animaes (*ib.* 85) — Homens que servem *sem saberem* porque (Heitor Pinto 1, 367) — Acho eu muita graça aos Prégadores que *para nos representarem* a terribilidade do juizo divino, trazem aquella authoridade ou oraculo de Deos a Samuel (Vieira, *Serm.* 5, 65) — As proposições filosoficas *para serem* axiomas, hão de ser de Aristoteles; as Medicas *para serem* aforismos, hão de ser de Hypocrates; as geometricas *para serem* theoremas hão de ser de Euclides (Vieira, *Serm.* 9, 141) — *Em vez de aborreçerem* o mal, aborreçem a luz (*ib.* 3, 110) — São taes os teus poderes, como os meus, que despidas do Céu os rayos, e elles *depois de executarem* tornem a ti e te digão: Aqui estamos promptos para obedecer o que mandares? (*ib.* 5, 480) — Os rayos, *depois de calificarem* a sua obediencia com a execução, então he que protestam *com dizerem*: Aqui estamos (*ib.*) — Mas *para governarem* e *terem* jurdição, todas forão primeiro cortadas das mesmas raizes (*ib.* 5, 348) — *Em lugar de dizerem* que o queriam ouvir disseram que queriam ver (*ib.* 7, 255) — *Antes de nascerem* nem *serem*, já estão juntos (*ib.* 7, 298) — Tu *em quererem* que não padeça, queres que eu o não seja (*ib.* 7, 269) — Já sabemos que és nascido *para nos alegrares* e *espojares* com o riso (Bernardes, *N. Flor.* 1, 53).

1676. Época hodierna:

Depois de a examinarem por largo espaço, voltavam ao campo (Herculano, *Eur.* 88) — As vozerias que sussurravam ao longe foram pouco a pouco esmorecendo, *até cahirem* num silencio tremendo (*ib.* 97) — São como dous bulcões enovelados que, *em vez de correrem* pela atmosphera nas azas da procella, rolam na terra (*ib.* 99) — Os cabos das decanias, *antes de seguirem* os fugitivos, tinham enviado um buccellario (*ib.* 220) — Os melhores almogaures deviam persegui-lo sem descanso *até o captivarem* (*ib.* 221) — Lançaram-se despedadamente após elle *para o alcançarem* antes que chegasse ao bosque (*ib.* 222) — Cercando-lhes os membros desguarnecidos quasi *sem serem* vistos (*ib.* 84) — Os dous dias que me pediste *para chorares* o teu cativoiro passaram (*ib.* 196) — Grande era o preço que davas por uma filha da serva raça dos godos: guarda-o *para o empregares* melhor: *para comprares* as livres e nobres donzellas do teu paiz (*ib.* 201) — Persegui-o *até o encontrardes* (*ib.* 216) — A falta de christãos habilitados *para tractarem* materias da fazenda publica, obrigou os reis portuguezes a desprezarem a lei das cortes (Herculano, *Lendas e Narr.* 1, 128) — Tu, *em vez de os condemnares* á forca, ainda lhes prometterás desagravo (Herculano, *M. de C.* 1, 223) — Tomam odio prematuro aos livros, que os despojam das suas suaves horas, *sem nada lhes darem, nem prometterem* (Castilho, *Out.* XII) — Por ultimo queriamos, *sem*

nos desviarmos do nosso guia, retocar... um ou outro descuido (*ib.* 72) — Com os esforços que fizerem para melhorar futuros a todas as familias, *para facilitarem* a todos os velhos com o melhoramento da sua descendencia (*ib.* 59) — Vai e deixa-te lá estar *até veres* chegar o bergantim (Garrett, *Fr. L. de Sousa* 102) — Junctámos as nossas miserias *para as chorarmos* como irmãos que somos (Garrett, *Viag.* 2, 151).

1677. Conserva-se impessoal o infinitivo usado com sentido passivo e forma ativa, e bem assim o infinitivo preposicionado que supre o supino e formas gerundiais latinas de que tratámos [no parágrafo 1639]: *discursos fáceis de escrever; homens maus de contentar; estão para morrer; cousas muito para lastimar; os castigos de Deus são para temer; as obras estavam por fazer, etc.*

1678. A presença de um complemento e a necessidade de pôr em evidência um sujeito nôvo podem contudo determinar o emprêgo da forma pessoal na construção *é para + infinitivo: ele as [letras] pos alli pera mostrar que a ymagem do escudo era pera a verê e elle pera se guardarê delle* (Francisco de Moraes, *Palm.* 1, 361).

EMPREGO DO GERÚNDIO

1679. Não suplantaria o gerúndio ao participio do presente, tão usado em latim, se às funções verbais próprias não acrescentasse aquelas que competiam ao participio. O papel de adjetivo, sobremodo conspícuo nestoutra forma infinita, reaparece de fato ocasionalmente nas terminações *-ando, -endo, -indo*. Bernardes (*N. Flor.* 4, 60) aludindo a um trecho da *Vulgata*, em que ocorre o participio *ludens*, e parafrazeando o dito trecho, compõe este cabeçalho de capítulo:

Deos menino *jugando* as cartas com outra Rosa do Carmelo, e *dando* barato; *perdendo* e *pagando* comsigo mesmo.

1680. Por circunlóquio poderia servir-se de oração adjetiva dizendo: *Deus menino que joga... que dá barato*, etc.

1681. Análogo desdobramento, se não preferisse a concisão, faria o autor nos seguintes passos:

Santo Quintino, senador romano, que foy banhado em azeite e *pez fervendo*... que foy atanzado com *faxas ardendo* (*N. Flor.* 4, 78) — Eu porque sou hum homem particular *roubando* o pouco que posso sou digno de morte; mas tu que és ladrão grande e roubas o mundo inteiro, todavia como és emperador, és digno de honra, e ninguem pode culpar-te (*ib.* 4, 121) — Ajuntemos pois esta fabula... com a que fantaziou mais atrevido Ariosto do ginete Rabicano, gerado só de fogo e do vento, e *pastando* ar como camalião (*ib.* 4, 267) — Nicephoro Calixto refere de Teridates, rei de Armenia, com outros muitos da sua corte, convertidos em cochinos e *mordendo-se* huns aos outros, em castigo de que teve a S. Gregorio Thaumaturgo quatorze annos preso (*ib.* 3, 464) — Depois de passar a voz, costuma ficar ainda o echo *resultando* das paredes (*ib.* 2, 219) — Teve por certo que havia alli almas *padecendo* tormentos por ordem da justiça divina (*ib.* 2, 263) — Ahi, balas e mais balas *disparando!* Ahi, settas e mais settas *chovendo!* (*ib.* 1, 240) — A todos estes se podia applicar o symbolo ou hieroglyphico da serpente *mordendo* a propria cauda (*ib.* 3, 450).

1682. Confronte-se com o exemplo de Bernardes *azeite e pez fervendo* estoutro da *Crónica dos Frades Menores* 1, 29: *trouxerom os vasos cheos de olio e de vinagre fervente*.

1683. Equivale sem dúvida a oração adjetiva o gerúndio nestes exemplos de escritores que precederam a Bernardes:

De junto do qual [samorij] se alevantou hum homem de grande idade, que era o seu Brahmane maior, vestido de humas vestiduras brancas, *representando* nellas, e em sua idade e continencia, ser homem religioso (Barros, *Déc.* 1, 4, 8) — Se os fidalgos de Braga querem ver passeyos de ginetes formosos, e

mulas gordas e anafadas e nuvens de pagens enfeitados e *rugindo* sedas, desenganem-se (Sousa, *Arceb.* 1, 145) — Prelados santos e religiosos, convertidos oje em Platões e Tullios *formando* republicas gentlicas com razões e preceitos em todo humanos (*ib.* 1, 141) — Amanheceo o dia nomeado: aparece o Arcebispo na Sé com mesa posta e escrivão comsigo, e meirinho *convocando* testemunhas (*ib.* 1, 396) — Entrando hum comedante no theatro *representando* a Lucifer... entra outro *representando* a Nero (Vieira, *Serm.* 5, 90).

1684. Como o adjetivo, o gerúndio pode denotar não sòmente atributos temporários, mas ainda qualidades essenciaes, inerentes aos seres, próprias das cousas:

Acudiam cartas do nosso arcebispo a miude, escritas com muito calor, e *pedindo* a Sua Santidade declarasse a preminencia conhecida da Igreja de Braga sobre todas as de Espanha (Sousa, *Arceb.* 2, 221) — Algumas [comédias] havia com este nome [Tabernaria] *contendo* argumentos mais solidos, como bem prova João Savio (Freire, *Arte Poét. de Hor.* 146) — Gregorio IX diminuo a prohibição do Concilio de Pariz por huma Bulla expedida em 1231, *prohibindo* a leitura das obras de Aristoteles (Matias Aires, *Vaid.* 204) — Achar-se-hão na Secretaria de V. M. papeis, cartas, e lembranças minhas, *prevenindo, lembrando e pedindo* a V. M. aquillo que, a meu fraco juizo, parecia mais conveniente as presentes occurencias (Francisco Manuel de Melo, *apud Bo. do Esp.*) — Carta de lei *dando* o Regio Beneplacito á Bulla Dominus ac Redemptor da extincção dos Jesuitas (*apud Bo. do Esp.* 309) — A cadeira... ostentava... a sua solida base terminada em duas gargulas, uma *imitando* o corpo de um leão rapante com face humana, outra o de homem estirado sobre o ventre com a carranca leonina (Herculano, *M. de C.* 2, 158) — Existe tambem uma carta... dirigida ao infante D. Henrique, *dando-lhe* conta de um auto-da-fé que se acaba de celebrar (Herculano, *Inq.* 3, 187) — Eram os primeiros [diplomas], além da bulla de perdão, um breve *eximindo* do confisco por dez annos os criminosos sentenciados; outro *suspendendo* por um anno a entrega ao braço secular dos réus de crime capital (*ib.* 3, 323) — O breve *Cum saepius, annunciando* a elrei a remessa da bulla... é datado de 5 de julho (*ib.* 3, 325) — Tres documentos originaes sobre este assumpto se acham na Collecção... São dous acordos assignados por Ugolino e por Montepoliziano a 24 de março de 1549, *contendo* o que fica substanciado neste §, e uma declaração de Lucas Geraldo, em que se obriga a pagar as dividas (*ib.* 3, 335).

1685. Ao participio do presente latino, substituível por infinitivo, usado em *vides puerum currentem, Tibicinam cantantem audis*, etc., corresponde em português o emprego do gerúndio junto ao objeto direto dos verbos *ver* e *ouvir*:

Vereis o mar fervendo aceso cos incendios dos vossos pelejando (Camões, *Lus.* 2, 54) — *Hum sacerdote vê brandindo* a espada contra Arronches (*ib.* 8, 19) — Só por *ouvir o amante* da donzella Euridice *tocando* a lyra (*ib.* 7, 29) — *Viram* ao longe *dous navios brandamente* cos ventos *navegando* (*ib.* 2, 68) — Era para *ver os nossos investindo* os Mouros no principio das ruas, e estes andarem por ella ondeando (Freire, *D. H.* 59) — *Vio hum homem nú* com dous dardos na mão *conduzindo* um camello (*ib.* 199) — *Vio cortando* aquelles mares *outro navio portuguez* (*ib.* 203).

1686. Funciona este gerúndio como adjetivo e em seu lugar pode-se pôr uma oração adjetiva. Das duas maneiras de dizer dão testemunho os exemplos seguintes:

E foy ouvida em no aar huia voz de Jesu Christo, dizendo que elle queria que aquella regra fosse guardada (Crónica dos Frades Menores 1, 48) — Ouviram vozes dos angeos que cantavam com melodia louvores a Deus (ib. 1, 54) — Ouvio hũa voz que lhe fallava com voz humanall (ib. 1, 17).

1687. Usa-se com freqüência o gerúndio para denotar ação simultânea a outra ou que sucede dentro do periodo de duração de outra. Equivale este emprêgo do gerúndio a oração explícita iniciada pela conjunção *enquanto* ou *ao mesmo tempo que*. Exemplos deste gerúndio de simultaneidade colhem-se facilmente na linguagem narrativa. Em Camões são notáveis, entre outros, os seguintes passos:

Os animaes cavalgam de Neptuno, *brandindo* e *volteando* arremessões (Lus. 4, 21) — Os Pereiras tambem arrenegados morrem, *arrenegando* o céu e os fados (ib. 4, 40) — E nós coa virtuosa companhia de mil religiosos diligentes, em procissão solene a Deus *orando*, pera os bateis viemos caminhando (ib. 4, 88) — *Comendo* alegremente lhe perguntavam, pela arabica lingoa, donde vinham (ib. 1, 50) — *Gritando* marciam velas (ib. 2, 24) — Levam *gritando* as ancoras acima (ib. 2, 65) — Como doudo corri, de longe *abrindo* os braços pera aquella que era vida deste corpo (ib. 5, 55) — Eu, *levantando* as mãos ao santo coro dos anjos... a Deos pedi que removesse os duros casos que Adamastor contou futuros (ib. 5, 60).

1688. Emprega-se também o gerúndio na narração de um fato, não rigorosamente simultâneo a outro, mas em todo o caso realizado imediatamente antes ou pouco antes de outro acontecimento. Corresponde aqui a forma infinita a uma oração explícita introduzida pela conjunção *depois que*:

O qual gallego *sahindo* com outros em terra, quando veio ao recolher, se leixou ficar como homem que queria saber o que lá passava (Barros, *Déc.* 1, 8, 9) — Mas Marte... o forte escudo *deitando* pera tras, medonho e irado, a viseira do elmo de diamante *alevando* hum pouco... e *dando* hũa pancada penetrante co conto do bastão, no solio puro... disse assi: Ó Padre... não ouças mais (Camões, Lus. 1, 36-38) — Isto *dizendo*, o Mouro se tornou a seus bateis com toda a companhia, do capitão e gente se apartou, com mostras de devida cortezia (ib. 1, 56) — Isto *dizendo*, manda os diligentes ministros amostrar as armaduras (ib. 1, 67) — Pera o ceo crystalino *alevando*... os olhos e depois, nos mininos atentando... pera o avô cruel assi dizia: Mova-te a piedade (ib. 3, 125-127) — *Sopesando* a lança quatro vezes, com força tira; e deste unico tiro muitos lançaram o ultimo suspiro (ib. 4, 38) — Mas hum velho d'aspecto venerando, que ficava nas praias entre a gente, postos em nós os olhos, *meneando* tres vezes a cabeça, descontente... taes palavras tirou do experto peito (ib. 4, 94) — Assi *passando* aquellas regiões, por onde duas vezes passa Apollo... vimos as Ursas, apesar de Juno, banharem-se nas aguas de Neptuno (ib. 5, 15).

1689. Outras vêzes dá-se o caso inverso, denotando a oração explícita o fato que se realiza primeiro, e exprimindo o gerúndio um acontecimento ulterior. — Poder-se-á então desdobrar o gerúndio em oração coordenativa iniciada pela partícula *e*:

Elrei dom Fernando lhe tomou a molher, *recebendo*-a depois de praça (Fernão Lopes, *D. J.* 348) — Ffoy visitar... os portaes... e alli lhe aparecerom os samtos apóstollos *abraçando*-o amigavelmente e *fazendo*-lhe graças (*Crónica*

dos Frades Menores 1, 14) — Mas o leal vassalo... se vai ao Castelhana, *prometendo* que elle faria dar-lhe obediencia (Camões, Lus. 3, 36) — Achámos ter de todo já passado do Semicapro peixe a grande meta, *estando* [e que estavam] entre elle e o circulo gelado austral (ib. 5, 27) — Foi o primeiro a receber o premio o infante D. Duarte, seguio-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique, *acabando* a cerimonia com o conde de Barcellos (Freire, *D. H.* 88).

1690. Querendo expressar com mais rigor a precedência imediata de um fato a outro ou a coincidência exata de dous fatos, combina-se o gerúndio com a preposição *em*. Esta linguagem, equivalente a orações iniciadas ora por *logo que*, ora por *no momento em que*, tem aplicação em português hodierno principalmente quando se trata de acontecimentos futuros.

1691. Os escritores da Renascença empregavam-no com igual facilidade na narração de fatos consumados em tempo passado. Cotejem-se os seguintes exemplos com o falar hoje corrente:

Tem lapidairos que a [pedraria] conhecem tam bem que trazendo-lhe hum punhado de terra, *em a vendo* logo dizem as pedras que acharão (Castanheda 2, 22) — E como Fernão Eanes era muyto esforçado, *em os immigos chegando* sobre ho pagode, sayo-lhes ao encontro (ib. 6, 40) — E como Lionel de Lima estava perto, *em ouvindo* a grita acodio logo (ib. 6, 65) — Sayram algús fora da cidade a ver o que era; e *em apparecendo* vio-os João Serrão (ib. 5, 65) — *Em desembarcando* [os Portuguezes] começam os Mouros de desparar os berços que estavam na estancia (ib.) — *Em vendo* [Monçaide] o mensageiro, com jocundo rosto, como quem sabe a lingoa hispana, lhe disse: Quem te trouxe a estoutro mundo...? (Camões, Lus. 7, 25) — Vós poderoso rei, cujo alto imperio o sol, logo *em nascendo*, vê primeiro (ib. 1, 8) — Foram surgir adiante, e *em surgindo* por o rio ser alcantilado, saltaram muytos em terra (Damião de Góis, *D. M.* 108) — *Em amanhecendo*, saíram a caçar (ib.) — *Em Duarte Pacheco chegando* ao passo de Cambalão, esteve até o romper da alva no meo do rio, e *em amanhecendo* se chegou perà terra (ib. 111) — [Os Naires] lhe quiseram tolher que nam desembarcassem, mas *em chegando* ao porto despararam a artelharia, com que os immigos fugiram (ib.) — *Em se ouvindo* o nome do Summo Pontifice, do Padre Geral, e esta palavra obediencia, obedeceo o Santo, obedeceo a terra (Vieira, *Serm.* 8, 373).

1692. O gerúndio precedido de *em* pode também exprimir um fato durativo, equivalendo a uma oração temporal começada pela conjunção *enquanto*. Desta linguagem andam exemplos esparsos em português antigo:

Do conhecymto das doenças, criamento e enssyno [das bestas] *em seendo* novas nõ entendo fallar (D. Duarte, *Ens.* 12) — E se *em durando* os ditos dous meses, em que assi andar pelo Reyno o dito homiziado, cometer algũ maleficio... perderá o privilegio do couto e será punido pelo maleficio (*Ordenações de D. Manuel* 5, 52) — Por servir a Deus *em vivendo* tinha renunciado a seu filho legitimo do dicto ducado com a pompa do mundo, e estava em religião com certos nobres homens apartado (Rui de Pina, *D. Duarte* 43) — Aprovou totalas cousas que *em sendo* Papa ordenara (ib.).

1693. Atos simultâneos ou sucessivos podem passar-se como cousas independentes, sem haver influência de um sobre outro. Muitas vêzes porém existe entre elles evidente relação de causa e efeito. O efeito

exprime-o o gerúndio em exemplos como os seguintes, em que a oração principal tem caráter meramente expositivo ou narrativo:

Os ventos brandamente respiravam, das naos as velas concavas *inchando* (Camões, *Lus.* 1, 19) — Já no largo oceano navegavam, as inquietas ondas *apartando* (*ib.*).

1694. Presta-se igualmente o gerúndio a exprimir a causa determinante de outro fato, sendo este enunciado sob a forma de oração principal. Nestas condições o gerúndio diz o mesmo que as orações subordinadas causais caracterizadas pelas conjunções *porque, como, visto que, etc.*:

O çamorim, *vendo* que per nenhum modo de quantos cometeo o podia mover, assentou publicamente de ir contra elle com mão armada (Barros, *Déc.* 1, 7, 1) — Duarte Pacheco *sentindo* esta desconfiança e temor que elrey trazia, o esforçou (*ib.* 1, 7, 5) — E *sendo* já Velloso em salvamento, logo nos recolhemos pera a armada, *vendo* a malicia feia e rudo intento da gente bestial bruta e malvada (Camões, *Lus.* 5, 34) — O padre Baco ali não consentia no que Jupiter disse, *conhecendo* que esquecerão seus feitos no Oriente se lá passar a lusitana gente (*ib.* 1, 31) — Não falta com razões quem desconcerte da opinião de todos na vontade... *Podendo* o temor mais, gelado, inerte, que a propria e natural fidelidade, negam o rei e a patria (*ib.* 4, 13) — Nam quis Dom Joam de Meneses sair a estes, *esperando* que decessem mais das aldeas (Damião de Góis, *D. M.* 109).

1695. Muitas vezes o gerúndio serve para denotar o modo, o meio ou instrumento:

Muitos dos naturaes de Cochij se passavam do reyno a outras partes, *fugindo* de noite em barcos (Barros, *Déc.* 1, 7, 5) — A disciplina militar prestante não se aprende, senhor, na fantasia, *sonhando, imaginando, ou estudando*; senão *vendo, tratando e pelejando* (Camões, *Lus.* 10, 153) — A lei tenho daquelle... que padeceo deshonra e vituperio, *soffrendo* morte injusta e insufrível (*ib.* 1, 65) — Tem o Tarragonéz que se fez claro *sojeitando* Partenope inquieta (*ib.* 3, 19) — Elles como acordados os sentiram, *voando* e não *remando* lhe fugiram (*ib.* 2, 66) — Já Christo neste tempo lhe ordenava que *padecendo* fosse ao ceo subido (*ib.* 10, 117) — Dizem que desta terra, coas possantes ondas o mar *entrando*, dividiu a nobre ilha Samatra (*ib.* 10, 124) — Mas os anjos do ceo *cantando e rindo* te recebem na gloria que ganhaste (*ib.* 10, 118) — Senacherib por aquella blasphemia perdeu o exercito, a coroa e a vida: o exercito, *fugindo* ignominiosamente; a coroa, *rebellando-se* lhe os vassallos: e a vida, *sendo* morto por seus proprios filhos (Vieira, *Serm.* 8, 202).

1696. Por meio da forma gerundial se podem dizer abreviadamente as orações condicionais:

Pague o dobro do que paguaria *sendo* em rixa (*Ordenações de D. Manuel* 5, tit. 11) — Rogando-lhe que logo lha mandasse antes que anoytecesse, e não lha *mandando*, que iria por ela (Castanheda 5, 65) — *Falando* propriamente e a nosso proposito, titulo não he outra cousa senão hum sinal e denotação do direito (Barros, *Déc.* 1, 6, 1) — Ainda lhe ficou esperança que *tornando* outra vez, alcançaria victoria (*ib.* 1, 7, 8) — Não teve resistência: e se a tivera, mais damno *resistindo* recebera (Camões, *Lus.* 2, 69) — Mansamente as amarras lhe cortavam, por serem, *dando* á costa, destruidos (*ib.*

2, 66) — Assi como a bonina... *sendo* das mãos lascivas maltratada... o cheiro traz perdido e a cor murchada (*ib.* 3, 134) — Assi fica o numero comprido, *contando* duas vezes o do meio (*ib.* 3, 54) — *Insistindo* tu, por derradeiro com não vistas victorias, sem receio, a quantas gentes vês porás o freio (*ib.* 4, 74) — [Acudiu] a mãe, para que, *estando* cahida, se levantasse; e ao filho, para que, *estando* longe..., a buscasse (Vieira, *Serm.* 8, 218).

1697. Em exemplos como os que se seguem usa-se a forma gerundial como equivalente de oração concessiva introduzida por *pôsto que, ainda que, apesar de que, etc.*:

Occultos os juizos de Deus são. As gentes vãs, que não os entenderam, chamam-lhe fado mau, fortuna escura, *sendo* só providencia de Deus pura (Camões, *Lus.* 10, 38) — Vio Alexandre Apelles namorado da sua Campaspe e deu-lha alegremente, não *sendo* seu soldado experimentado, nem *vendo-se* n'hum cerco duro e urgente (*ib.* 10, 48) — Chamam-te illustre, chamam-te subida, *sendo* dina de infames vituperios (*ib.* 4, 96) — Com esta confiança até Susana, *sendo* mulher, e não só desamparada, mas até condenada de todos, só com levantar os olhos ao Ceo... prevaleceo contra o injustos e infames juizes (Vieira, *Serm.* 8, 201) — A resolução da qual [fala] estava... na pouca obediencia que lhe elrey de Cochij tinha, *sendo* elle çamorij do Malabar (Barros, *Déc.* 1, 7, 1).

1698. Dada a variedade de relações e circunstâncias expressáveis pelo gerúndio, sucede por vezes fazer-se em encadeado de orações implícitas tôdas com o verbo sob a forma gerundial, mas de espécies diferentes, devendo cada qual ser interpretada segundo o pedir o sentido:

A jangada dos vinte paraos... se adiantou de toda a frota, *chegando-se* pera nossa caravella e bateis, *tirando* muitas bombardadas com que davam assás de trabalho aos nossos. Mas *avendo* ja bom espaço que de huma e de outra parte fervia a artelharia... mandou Duarte Pacheco tirar com hum camello que ainda não descarregara (Damião de Góis, *D. M.* 112) — Os quaes [cristãos] indo deste reyno na armada do almirante, em lugar de marinheiros, deixaram-se ficar com os nossos em a feitoria, *simulando* que eram lapidairos, *sendo* seu proprio officio bombardeiros e fundidores de artilharia (Barros, *Déc.* 1, 7, 1).

1699. O gerúndio denotador de ação simultânea, pôsto ao lado de certos verbos, combina-se com êles, constituindo uma das variedades da conjugação composta, como deixámos explicado [no parágrafo 819] da *Lexologia*. A mais perfeita das combinações faz-se com as diferentes formas do verbo *estar*, o qual perdendo muito cêdo a significação de "estar em pé", "permanecer", passou a ser empregado como simples auxiliar. Esta combinação de *estar* + *gerúndio* com que se denota o momento rigoroso, faz parte do falar quotidiano de hoje e ocorre frequentemente na linguagem literária da Renascença:

E da casa maritima, secreta, lhe *estava* o deus nocturno a porta *abrindo* (Camões, *Lus.* 2, 1) — Desta maneira emfim lhe *está dizendo* (*ib.* 2, 43) — Quando depois de hum pouco *estar cuidando* (*ib.* 3, 3) — Não de outra sorte a tímida Maria *falando está* que a triste Venus (*ib.* 3, 106) — Vai ajudar ao bravo Castelhana, que *pelejando está* co Mauritano (*ib.* 3, 114) — Húa

suave e angelica excellencia, que em si *está* sempre as almas transformando (ib. 3, 143) — As mãos lhe *estava atando* hñ dos duros ministros rigurosos (ib. 3, 125) — Da boca do facundo capitão *pendendo estavam* todos embebidos (ib. 5, 90) — Dureza nossa vida ha de ser, segundo entendo que o trabalho por vir m'o *está dizendo* (ib. 6, 41) — *Estava* o sol nas armas rutilando (ib. 6, 61) — Assi Pompilio, ouvindo que a possança dos imigos a terra lhe corria, a quem lhe a dura nova *estava dando*, "Pois eu, responde, *estou sacrificando*" (ib. 8, 31).

1700. Usado ao lado dos verbos *andar*, *ir* e *vir*, o gerúndio terá o sentido de simultaneidade, formando oração à parte, caso nos ditos verbos prevaleça o conceito de locomoção. Se, pelo contrário, servirem apenas para denotar duração e atualidade da ação expressa pelo gerúndio, passam a funcionar como verbos auxiliares de uma conjugação composta. Nos seguintes exemplos interpreta-se a forma infinita ora neste sentido como elemento combinativo, ora como ação simultânea à dos verbos de locomoção *andar*, *ir* e *vir*:

As memorias gloriosas daquelles reis que foram dilatando a fé e o imperio, e as terras viciosas de Africa e Asia *andaram devastando*, e aquelles que por obras valerosas se vão da lei da morte *libertando* (Camões, *Lus.* 1, 2) — E vereis *ir cortando* o salso argento os vossos Argonautas (ib. 1, 18) — *Rompendo* os ramos vão da mata escura (ib. 1, 35) — Pedio afincadamente que o desenganasse se era verdade que o avia de ajudar nestes trabalhos, ou se eram somente mostras o que *andava fazendo* (Damião de Góis, *D. M.* 110) — Pera verem algũs gentis homens de sua casa que *andavam jugando* á pella (ib. 29) — E por mandado seu *buscando andamos* a terra oriental que o Indo rega (Camões, *Lus.* 1, 52) — Não soffre muito a gente generosa *andar-lhe* os cães os dentes *amostrando* (ib. 1, 87) — O lucido planeta que as horas vai do dia *distinguindo* chegava á desejada e lenta meta (ib. 2, 1) — E se *buscando vds* mercadoria (ib. 2, 4) — As ancoras tenaces vão levando com a nautica grita costumada (ib. 2, 18) — A linda Ericina, que *guardando andava* sempre a gente lusitana (ib.) — Dest'arte *vai fazendo* a gente amiga (ib. 2, 58) — Nos perigos passados vão *falando* (ib. 2, 67) — E faz correr vermelho o rio que Sevilha *vai regando*, co sangue mauro, barbaro e nefando (ib. 3, 75) — Quem tudo em fim *vencendo andava*, da larga e muita idade foi vencido (ib. 3, 83) — Tantos trpfeos do Mahometa *allevantando vai* (ib. 3, 89) — *Vindo* o Castelhana *devastando* as terras sem defesa, esteve perto de destruir-se o reino totalmente (3, 138) — *Matando vão* amigos e parentes do adultero conde e da rainha (ib. 4, 4) — Cidade nobre e antiga a quem *cercando* o Tejo em torno *vai* suave e ledó, que das serras de Conca *vem manando* (ib. 4, 10) — O campo *vai deixando* ao vencedor (ib. 4, 43) — Das pontas dos cabellos lhe cahiam gotas, que o corpo todo *vão banhando* (ib. 4, 71) — Pera os bateis *viemos caminhando* (ib. 4, 88) — Qual *vai dizendo*: Ó filho, porque me deixas misera e mesquinha? — (ib. 4, 90) — Eu, que *chorando andava* meus desgostos, comecei a sentir do fado imigo por meus atrevimentos o castigo (ib. 5, 58) — Ja Phlegon e Pyrois *vinham tirando* cos outros dous o carro radiante quando a terra alta se nos *foi mostrando* (ib. 5, 61) — E o deus, que foi... convertido em peixe... inda *vinha chorando* o feio engano que Circe tinha usado coa formosa Scylla (ib. 6, 24) — Os ventos, mais que nunca impetuosos, começam novas forças a *ir tomando* (ib. 6, 37) — Eis o mestre, que *olhando* os ares *anda*, o apito toca... E porque o vento *vinha refrescando*, os traquetes das gaveas tomar manda (ib. 6, 70) — Nós já *vamos* com medo *escrevendo* semelhantes ações (Freire, *D. H.* 131) — As pedras de que se formam os padrões *vão perdendo* a união das suas partes (Matias Aires, *Vaid.* 34).

1701. Em português antigo o gerúndio podia usar-se não só com a preposição *em*, mas igualmente com a partícula negativa *sem*. Desta linguagem, que em português moderno foi substituída por *sem + infinitivo* ou *não + gerúndio*, colhem-se numerosos exemplos, sobretudo nas obras de Fernão Lopes. Cotejem-se os seguintes:

Filharam sandia delleitaçom em algũas cousas com pecado *sem sperando* boa nem virtuosa fim (D. Duarte, *Leal Cons.* 207) — *Sem o dando* a entender (D. Isab. 51) — E possa em ella morar... *sem* por ella *pagando* pensom algũa (Ordenações de D. Afonso 4, tít. 74) — *Sem teendo* algũa justa e lidema razom (ib. 4, tít. 75) — *Sem* lhe *poendo* tall contradicçõ, confesso-o (Fernão Lopes, *D. J.* 349) — E el que os sentio, *sem sabendo* quem eram, rreçoou-sse muito (ib. 4) — *Sem quebrando* esta aveemça (Fernão Lopes, *apud Inéd. Port.* 4, 180) — *Sem fazendo* (Zurara, *Guiné* 59, 130) — *Sem havendo* nenhuma contrariedade (Zurara, *apud Inéd. Port.* 2, 385).

INDICES

NOTA DO ORGANIZADOR DESTA EDIÇÃO

Na edição de 1921 da *Lexicologia do Português Histórico*, como na *Gramática Histórica*, apresenta Saíd Ali inicialmente, numa relação intitulada "Literatura", a bibliografia de que se valeu. Todavia, em muitos casos as indicações são falhas, imprecisas, ou incompletas, como as seguintes: "Bern., L. e C. = Luz e Calor do Padre Manuel Bernardes", "Castilho, Geórg. = As Geórgicas, tradução de A. F. de Castilho", "Sá de Mir. = Obras de Sá de Miranda. Edição D. Carolina de Michaëlis", "S. Mar. Egip. = S. Maria Egípcia na Revista Lusitana". Não constam da relação várias obras utilizadas por Saíd Ali, como os *Autos* de Antônio Prestes, o *Auto da Natural Invenção* de Chiado, a *Crônica de D. Fernando* de Fernão Lopes, os livros de Francisco José Freire (Cândido Lusitano), as *Lendas da Índia* de Gaspar Correia, as *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens* de Matias Aires, etc. Além do mais, abreviaturas como *Agam.*, *Fig. Dan.* e outras, constituem verdadeiros enigmas, que o leitor interessado teria de decifrar pacientemente.

Foi nosso propósito, organizando estes índices, resolver da melhor maneira e sempre que possível tais problemas. Como se pode imaginar, trabalho longo e cansativo o levantamento destes dados: o leitor benévolo relevará as imperfeições encontradas, sabendo que não houve tempo nem meios de solucionarmos tôdas as dúvidas.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

(Os números indicam os parágrafos.)

A

Alexandre Herculano - v. Herculano, Alexandre.
 Antônio Ferreira - 17, 98, 139, 238, 642, 643, 644, 649, 714, 715, 716, 718, 719, 1110, 1427.
 Antônio José (da Silva) - 1377, 1418, 1498, 1590, 1594, 1598, 1600, 1601, 1604.
 Antônio Prestes - 23, 547, 658, 721, 1271, 1379.
 Arrais, Frei Amador - 24, 102, 178, 203, 205, 259, 400, 401, 403, 404, 503, 573, 642, 644, 648, 657, 728, 744, 780, 816, 851, 946, 973, 995, 1034, 1035, 1037, 1041, 1042, 1045, 1049, 1055, 1059, 1077, 1078, 1119, 1390, 1407, 1415, 1522, 1524, 1554, 1559, 1587, 1615, 1644, 1654, 1660, 1662, 1665, 1667, 1668, 1670, 1671, 1675.
 Aulete, Caldas - 685.

B

Barros, João de - v. João de Barros.
 Bernardes, Padre Manuel - 27, 29, 102, 146, 177, 181, 229, 229 (nota), 230, 259, 262, 273, 333, 334, 337, 341, 342, 369, 383, 390, 400, 403, 406, 407, 416, 418, 422, 428 (nota), 456, 517, 518, 521, 531, 565, 573, 575, 578, 583, 584, 587, 588, 649, 684, 685, 686, 735, 768, 772, 780, 812, 843, 844, 845, 846, 849, 850, 851, 854, 862, 864, 866, 880, 894, 926, 929, 941, 984, 996, 999, 1000, 1001, 1007, 1016, 1029, 1081, 1369, 1392, 1393, 1394, 1395, 1398, 1399, 1400, 1404, 1407, 1409, 1414, 1418, 1423, 1427, 1430, 1439, 1464, 1467, 1474, 1476, 1490, 1491, 1493, 1635, 1663, 1664, 1667, 1675, 1679, 1682, 1683.
 Bernardo da Cruz, Frei - 244, 735, 854, 996.
 Blanchard - 1324.
 Boileau - 1440.
 Bourciez - 37.
 Bréal - 1298, 1299.
 Brugmann - 525, 1330, 1331.
 Bücheler - 1348.

C

Camões, Luís de - 17, 18, 90, 94, 95, 105, 125, 140, 141, 146, 177, 201, 238, 249, 262, 314, 318, 325, 327, 340, 367, 377, 386, 391, 392, 393, 400, 404, 414, 439, 454, 467, 468, 468 (nota), 471, 472, 478, 487, 488, 489, 494, 495, 497, 498, 500, 502, 512, 515, 527, 528, 534, 535, 556, 564, 573, 574, 576, 577, 582, 586, 587, 588, 596, 598, 632, 643, 644, 647, 657, 718, 719, 728, 746, 750, 773, 800, 805, 812, 818, 844, 846, 852, 855, 859, 862, 865, 871, 872, 873, 880, 898, 901, 902, 936, (937), 960, 1011, 1018, 1019, 1021, 1028, 1029, 1034, 1035, 1036, 1037, 1039, 1040, 1042, 1055, 1059, 1065, 1078, 1079, 1101, 1112, 1117, 1372, 1379, 1382, 1390, 1412, 1413, 1419, 1425, 1427, 1438, 1441, 1443, 1444, 1445, 1447, 1449, 1471, 1476, 1480,

1481, 1482, 1484, 1489, 1490, 1491, 1492, 1518, 1519, 1522, 1527, 1529, 1542, 1565, 1572, 1586, 1587, 1595, 1654, 1655, 1660, 1661, 1662, 1665, 1675, 1685, 1687, 1688, 1689, 1691, 1693, 1694, 1695, 1696, 1697, 1699, 1700.
 Camilo (Castelo Branco) - 868, 902.
 Cândido Lusitano - v. Freire, F(rancisco) J(osé).
 Carolina de Michaëlis - v. Michaëlis, D. Carolina de.
 Castanheda, Fernão Lopes de - 20, 96, 102, 132, 244, 262, 264, 265, 273, 328, 335, 347, 350, 361, 389, 391, 414, 415, 417, 424, 426, 428 (nota), 573, 586, 601, 746, 750, 751, 759, 767, 805, 844, 844 (nota), 861, 862, 863, 960, 984, 985, 998, 1019, 1028, 1029, 1041, 1101, 1118, 1272, 1368, 1398, 1409, 1413, 1425, 1427, 1438, 1456, 1458, 1460, 1467, 1474, 1476, 1523, 1583, 1661, 1662, 1667, 1691, 1696.
 Castilho, Antônio Feliciano de - 147, 246, 252, 254, 346, 354, 389, 544, 546, 644, 658, 694 (nota), 778, 860, 871, 898, 936, 1345, 1346, 1429, 1487, 1646, 1652, 1655, 1661, 1663, 1676.
 Chiado, Antônio Ribeiro - 23, 1271.
 Cícero - 159, 802.
 Couto, Diogo de - v. Diogo de Couto.

D

Damião de Góis - 20, 129, 274, 517, 780, 810, 818, 862, 874, 1409, 1439, 1443, 1661, 1675, 1691, 1694, 1698, 1700.
 Dante - 98, 415 (nota).
 Darmsteter - 1298, 1325.
 Delbrück - 525, 1332.
 Diogo Bernardes - 1112.
 Diogo de Couto - 19, 243, 245, 259, 266, 282, 309, 400, 401, 404, 406, 419, 437, 604, 659, 826, 844, 845, 860, 862, 1368, 1392, 1471, 1506, 1523, 1586, 1595, 1600, 1653, 1660, 1667.
 Dom Duarte - 13, 90, 103, 149, 163, 184, 192, 388, 483, 650 (nota), 657, 686, 775, 786, 993, 1027, 1066, 1067, 1075, 1119, 1171, 1193, 1629, 1692, 1701.
 Dom João I - 13.
 Duarte Galvão - 482 (nota), 1122, 1500.
 Durão, Frei Santa Rita - 370, 928, 943.

E

Eça de Queirós - 490, 491, 903, 906, 1429.
 Epifânio Dias - 120, 133, 1081.

F

Faria e Sousa - 1672 (nota).
 Fernão d'Oliveira - 251, 284, 336, 366, (369), 437, 648, 937.
 Fernão Lopes - 13, 99, 103, 105, 106, 116, 155, 163, 171, 178, 186, 192, 242, 309, 315,

ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO

Relação das obras utilizadas por Said Ali para a elaboração da *Gramática Histórica* (coleções, livros, poemas, textos avulsos), com as respectivas abreviaturas entre parênteses e a indicação entre colchêtes dos parágrafos em que tais obras são citadas.

A

- ALEXANDRE HERCULANO: v. HERCULANO, ALEXANDRE.**
Antigo Testamento [1544]. V. *Bíblia Sagrada*.
ANTÔNIO FERREIRA:
 - *Obras Completas de António Ferreira*. Rio de Janeiro - Paris, 1865 (*Obras*) [716].
 - *Poemas Lusitanos de António Ferreira*. Lisboa, 1829, Tipografia Rolandiana (*Poem. Lus.*) [98, 714, 715].
 - *Bristo* [238, 718, 1110].
ANTÔNIO JOSÉ (DA SILVA):
 - *Guerras do Alecrim e Manjerona (Alecr.)* [1377, 1418, 1498, 1590, 1594, 1598, 1600, 1601, 1604].
 - *Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança (D. Quix.)* [418, 1601].
ANTÔNIO PRESTES:
 - *Autos de António Prestes. 2.ª edição, extraída da de 1587. Revistos por Tito de Noronha*. Pôrto, 1781 [23, 547, 658, 721, 1271, 1379].
ARRAIS, FREI AMADOR:
 - *Diálogos de Dom Frei Amador Arrais... Revistos e acrescentados pelo mesmo autor na segunda impressão. Nova edição*. Lisboa, 1846, Tipografia Rolandiana [102, 178, 203, 205, 259, 400, 401, 403, 404, 503, 573, 642, 644, 648, 657, 728, 744, 780, 816, 851, 946, 973, 995, 1034, 1035, 1037, 1041, 1042, 1045, 1049, 1055, 1059, 1077, 1078, 1119, 1390, 1407, 1415, 1522, 1524, 1554, 1559, 1587, 1615, 1644, 1654, 1660, 1662, 1665, 1667, 1668, 1670, 1671, 1675].
AULETE, CALDAS:
 - *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (1.ª edição): Rio de Janeiro, B. L. Garnier - Livreiro-Editor, 1884* [685].
- ### B
- BARROS, JOÃO DE: v. JOÃO DE BARROS.**
BERNARDES, PADRE MANUEL:
 - *Nova Floresta (1.ª edição): 5 volumes, 1706-1728 (Nova Flor. ou N. Flor.)* [27, 177, 229, 229 nota, 230, 259, 262, 273, 333, 334, 337, 341, 369, 390, 400, 403, 406, 407, 416, 418, 422, 428 nota, 456, 517, 518, 521, 531, 565, 575, 578, 583, 587, 588, 649, 686, 768, 772, 780, 843, 844, 845, 849, 850, 851, 854, 862, 864, 866, 880, 894, 926, 929, 941, 984, 996, 1000, 1007, 1016, 1029, 1369, 1392, 1393, 1394, 1395, 1398, 1400, 1404, 1407, 1409, 1414, 1418, 1423, 1430, 1439, 1464, 1467, 1474, 1476, 1490, 1491, 1493, 1635, 1663, 1664, 1667, 1675, 1679, 1681].
 - *Luz e Calor (1.ª edição: Lisboa, 1696) (L. e C.)* [27, 146, 177, 259, 342, 383, 416, 573, 575, 578, 583, 584, 587, 685, 735, 772, 812, 880, 929, 999, 1001, 1399, 1427, 1476].
BERNARDO DA CRUZ, FREI:
 - *Crônica d'El-Rei D. Sebastião*. Lisboa, 1903 (*D. Seb.*) [244, 735, 854, 996].
Bíblia Sagrada:
 - 868 (*Dan.* = *Daniel*, *Esd.* = *Esdra*s), 1375 (*S. Mat.* = *São Mateus*), 1433 (*Núm.* = *Números*), 1544 (*Antigo Testamento*), 1547 (*I Reis*), 1563 e 1565 (*Gên.* = *Gênesis*), 1679 (*Vulgata*).
BOURCIEZ:
 - *Éléments de Linguistique Romane (Ling. Romane)* [37].
BRUGMANN:
 - *Kurze Vergleichende Grammatik*, 1904 [1331].
- ### C
- CAMILO (CASTELO BRANCO):**
 - *Boemia do Espírito*. 2.ª edição, Pôrto, Livraria Chardron, 1903 (*Bo. do Esp.*) [868, 902, 1684].
CAMÕES, LUIS DE:
 - *Os Lusíadas (1.ª edição: 1572) (Cita-se canto e estância) (Lus.)* [17, 19, 28, 120, 127, (132), 133, 140, 146, 172, 177, 201, 202, 238, 249, 262, 314, 318, 320, 325, 326, 327, 335, 359, 367, 386, 391, 392, 393, 400, 404, 414, 439, 454, 455 (nota), 467, 468, 468 (nota), 471, 472, 478, 487, 488, 489, 494, 495, 497, 498, 500, 502, 512, 515, 522, 527, 528, 534, 535, 556, 564, 573, 574, 576, 577, 582, 586, 587, 588, 596, 598, 632, 643, 644, 647, 657, 718, 719, 728, 746, 750, 773, 800, 805, 812, 844, 846, 852, 855, 857, 859, 862, 865, 871, 872, 873, 880, 898, 901, 902, 936, 937, 1011, 1018, 1019, 1021, 1028, 1029, 1034, 1035, 1036, 1037, 1039, 1040, 1042, 1055, 1059, 1065, 1078, 1079, 1081, 1101, 1112, 1117, 1125, 1139, 1284, 1372, 1379, 1382, 1390, 1410, 1411, 1412, 1413, 1419, 1425, 1427, 1438, 1441, 1443, 1444, 1445, 1447, 1449, 1471, 1476, 1480, 1481, 1482, 1484, 1489, 1490, 1491, 1492, 1517, 1518, 1522, 1527, 1528, 1542, 1565, 1572, 1586, 1587, 1595, 1654, 1655, 1660, 1661, 1662, 1665, 1675, 1685, 1687, 1688, 1689, 1691, 1693, 1694, 1695, 1696, 1697, 1699, 1700].
 - *Anfitriões* [340].

Canção de D. Dinis (Canc. Din.):
 - *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal von Henry R. Lang*. Halle a. S., 1894 [185, 456, 457, 558, 721, 775, 785].

Canção de D. Afonso V (Canc. Aj.) [965, 992, 997, 998].

CÂNDIDO LUSITANO: v. FREIRE, F(RAN-CISCO) J(OSE).

CASTANHEDA, FERNÃO LOPES DE:
 - *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*. Nova edição, Lisboa, 1833, Tipografia Rolandiana, 8 volumes (Cita-se tomo e capítulo) [102, 132, 244, 262, 264, 265, 273, 328, 335, 347, 361, 389, 391, 414, 417, 424, 426, 428 (nota), 573, 586, 601, 746, 750, 751, 759, 767, 805, 844, 844 (nota), 861, 862, 863, 960, 984, 985, 998, 1019, 1028, 1029, 1041, 1101, 1118, 1272, 1368, 1398, 1409, 1413, 1425, 1427, 1438, 1456, 1458, 1460, 1467, 1474, 1476, 1523, 1583, 1661, 1662, 1667, 1691, 1696].

Castelo Perigoso [161].

CASTILHO, ANTÔNIO FELICIANO DE:

- *As Geórgicas de Virgílio trasladadas a português*. Paris, 1867 (*Geórg.*) [252, 346, 644, 778, 860, 871, 1655].
 - *As Metamorfoses de Públio Ovídio Nasão. Poema em 15 livros, vertido em português*. Lisboa, 1841 (*Metam.*) [246, 346, 354, 546, 860, 1346, 1429, 1661].
 - *Camões. Estudo histórico-poético...* Ponta Delgada, 1849 (*Cam.*) [546].
 - *Fausto, de Goethe (tradução)* [389, 546, 694 (nota)].
 - *Os Fastos de Públio Ovídio Nasão*. Rio de Janeiro, 1866 (*Fast.*) [898, 936, 1345, 1487].
 - *O Outono*. Coleção de poesias. Lisboa, 1863 (*Out.*) [694 (nota), 1655, 1663, 1676].
 - *Padre Manuel Bernardes - Excerptos, seguidos de uma notícia sobre sua vida e obras, um juízo crítico, apreciações de belezas e defeitos e estudos de língua...* 2 tomos. Rio, 1865 (*Excerptos de Bern.*) [898].
 - *Teatro de Molière... O Misanthropo... Versão libérrima de António Feliciano de Castilho (2.ª edição: Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926) (Misant.)* [254, 871].
 - *Teatro de Molière... Tartufo. Comédia vertida livremente e acomodada ao português por António Feliciano de Castilho (2.ª edição: Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924) (Tart.)* [658, 1646, 1652].

CHIADO, ANTÔNIO RIBEIRO:
 - *Auto da Natural Invenção*. Lisboa, 1917 (*Nat. Inv.*) [1271].

Coleção de Livros Inéditos de História Portuguesa (Inéd. Port. ou Inéd.):

- *Coleção de Livros Inéditos de História Portuguesa dos Reinados de D. João I, D. Duarte, D. Afonso V e D. João II. Publicados de Ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa por José Correia da Serra*. Tomo I: Lisboa, 1790. Tomo II: Lisboa, 1792 (acham-se neste tomo a *Crônica del-Rei D. João II* de Rui de Pina e a *Crônica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara*). Tomo III: Lisboa, 1793 (ai se encontram a *Crônica do Conde D. Duarte de Meneses de Gomes Eanes de Zurara* e o *Livro Vermelho do Senhor Rei D. Afonso V*).

- *Coleção de Livros Inéditos de História Portuguesa dos Reinados de D. Dinis, D. Afonso IV, D. Pedro I e D. Fernando*. Publicados de Ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa pela Comissão de História da mesma Academia. Tomo IV, Lisboa, 1816 (acham-se neste tomo a *Crônica do Senhor Rei D. Pedro I* e a *Crônica do Senhor Rei D. Fernando de Fernão Lopes*).

- *Coleção de Inéditos de História Portuguesa. Publicados de Ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa pela Comissão de História da mesma Academia*. Tomo V, Lisboa, 1824 (acham-se neste tomo os *Foros Antigos dos Concelhos de Grândola, Guarda e Beja* e a *Descrição do Terreno em Roda da Cidade de Lamego*). [249, 264, 279, 435, 439, 569, 600, 641, 642, 648, 706, 739, 745, 847, 953, 956, 988, 1029, 1412, 1425, 1652, 1660, 1701].

Côrte Imperial:

- *O Livro da Côrte Imperial (Coleção de Manuscritos Inéditos)*. Pôrto, 1910 (*Côrte Imp.*) [13, 99, 103, 171, 176, 323, 561, 581, 757, 1150, 1163, 1165, 1171, 1193, 1285].

COUTO, DIOGO DE: v. DIOGO DE COUTO.
Crônica dos Frades Menores:

- *Crônica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*. Manuscrito do século XV, agora publicado inteiramente pela primeira vez e acompanhado de introdução, anotações, glossário e índice onomástico por J. J. Nunes. I e II. Coimbra, 1918. (*Frades Menores*) [13, 190, 363, 388, 435, 439, 969, 981, 1072, 1682, 1686, 1689].

D

DAMIÃO DE GOIS:

- *Crônica de D. Manuel*. Lisboa, 1749 (*D. M.*) [274, 780, 810, 818, 862, 874, 1409, 1439, 1443, 1661, 1675, 1691, 1694, 1698, 1700].

DANTE:
 - *Divina Comédia* [415 (nota)].

DIOGO BERNARDES:

- *O Lima*. Lisboa, 1820, Tipografia Rolandiana [1112].

DIOGO DE COUTO:

- *Da Ásia*. Lisboa, 1778 (Cita-se década, livro e capítulo) (*Déc.*) [19, 245, 259, 266, 282, 309, 400, 401, 404, 406, 419, 437, 604, 659, 826, 844, 845, 860, 862, 1368, 1392, 1471, 1506, 1523, 1586, 1595, 1600, 1653, 1660, 1667].

DOM DUARTE:

- *Leal Conselheiro*. Lisboa, Tipografia Rolandiana, 1820 (*Leal Cons.*) [13, 92, 99, 106, 116, 131, 145, 146, 149, 155, 163, 174, 175, 180, 186, 323, 388, 483, 563, 648, 650 (nota), 656, 686, 786, 993, 1119, 1145, 1150, 1171, 1193, 1241, 1629, 1701].
 - *Livro da Enseñança de Bem Cavalgar Toda Sela*. Lisboa, Tipografia Rolandiana, 1820 (*Ens. de Cav. ou Ens.*) [13, 184, 686, 775, 1027, 1066, 1067, 1075, 1171, 1193, 1692].

D. JOÃO I:

- *Livro da Montaria feito por D. João I. Rei de Portugal*. Coimbra, 1918 (*L. da Mont.*) [13, 868, 876, 1638].

DUARTE GALVÃO:

- *Crônica de El-Rei D. Afonso Henriques*. Lisboa, 1906 (*D. Af. Henr.*) [482 (nota), 1122, 1500].

DURÃO, FREI SANTA RITA:

- *Caramuru (Caram.)* [370, 928, 943].

E

EÇA DE QUEIRÓS:
- *O Crime do Padre Amaro*. Lisboa, 1876 (Crime ou Padre Am.) [490, 491, 903, 906, 1429].

EPIFANIO DIAS:
- *Os Lusíadas de Luís de Camões comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias*. Porto, 1910, 2 tomos (2.ª edição melhorada: Porto, 1916) [120, 133, 1081].

Eufrosina (Eufr.): v. JORGE FERREIRA (DE VASCONCELOS).

F

FERNÃO D'OLIVEIRA:
- *Gramática da Língua Portuguesa* (1.ª edição: 1536; 2.ª edição: Porto, 1871) (Gram.) [251, 284, 336, 366, 369, 437, 648, 937].

FERNÃO LOPES:
- *Primeira parte da Crônica de D. João I por Fernão Lopes*. Edição do Arquivo Histórico Português, Lisboa, 1915 (D.J.) [99, 103, 105, 106, 155, 171, 178, 186, 242, 309, 315, 336, 351, 352, 369, 377, 389, 417, 429, 456, 468 (nota), 483, 498, 516, 568, 569, 602, 650 (nota), 696, 698, 701, 715, 739, 740, 741, 745, 758, 761, 762, 767, 780, 785, 786, 813, 826, 871, 872, 873, 877, 917, 933, 938, 954, 955, 956, 961, 963, 965, 966, 979, 992, 993, 1001, 1029, 1032, 1043, 1071, 1075, 1079, 1145, 1152, 1343, 1406, 1407, 1456, 1462, 1558, 1602, 1689, 1701].

- *Crônica de El-Rei D. Fernando*. 3 volumes, Lisboa, 1895-1896 (Cr. D. F. ou C. F. ou D. F. ou D. Fern.) [361, 553, 554, 1448].

- *Crônica de El-Rei D. Pedro*. Lisboa, 1895 (D. P.) [1448, 1459].

FERNÃO MENDES PINTO:
- *Peregrinação*. Lisboa, Tipografia Rolandiana, 1829 [21, 316, 340, 356, 400, 404, 418, 503, 517, 518, 531, 657, 735, 862, 865, 872, 903, 991, 996, 998, 1409, 1522, 1653, 1661, 1664, 1667].

FERREIRA, ANTÔNIO: v. ANTÔNIO FERREIRA.

FIGUEIREDO, A(NTÔNIO) P(EREIRA) DE (FIG.):
- *Bíblia Sagrada* [868, 1433].

FILINTO ELÍSIO:
- *Obras*. Lisboa, 1836-1840 (Obr.) [254, 439, 451, 644, 658, 685, 686, 717, 752, 766, 778, 868, 902, 950, 981, 1401, 1402, 1425, 1426, 1431, 1432, 1437, 1438, 1465].

Foral da Guarda [161].

Forais [1323 (nota)].

Foros de Beja [745, 953]. v. *Coleção de Livros Inéditos de História Portuguesa*.

Foros de Santarém [952]. v. *Portugaliae Monumenta Historica*.

Frades Menores, Crônica dos: v. *Crônica dos Frades Menores*.

FRANCISCO DE MORAIS:
- *Crônica de Palmeirim de Inglaterra*. Lisboa, 1786 (Palm.) [17, 482 (nota)], 1343, 1390, 1396, 1400, 1407, 1438, 1547, 1558, 1571, 1572, 1573, 1575, 1576, 1586, 1587, 1594, 1601, 1607, 1608, 1609, 1621, 1662, 1660, 1665, 1678].

FRANCISCO MANUEL DE MELO, DOM:
- *Apólogos Dialogais*. Lisboa, 1721 (Ap. Dial.) [178, 238, 283, 337, 339, 439, 503, 650, 929, 930, 941, 967, 1027, 1409, 1427, 1473, 1475, 1660, 1667].

- *Auto do Fidalgo Aprendiz*. Edição revista por Mendes dos Remedios, Coimbra, 1898 (Fid. Apr.) [238, 354, 449, 922, 931, 1626].

- *Carta de Guia de Casados (G. Cas.)* [751, 805].

FREIRE, F(RANCISCO) J(OSÉ) (CÂNDIDO) LUSITANO:
- *Arte Poética de Quinto Horácio Flaco traduzida e ilustrada (Arte ou A. Poët. de Hor.)* [332, 1495, 1572, 1574, 1642, 1684].

- *O Secretário Português (Sec. Port.)* [769].

- *Vida do Infante D. Henrique (D. Henr. ou D. H.)* [1495, 1635, 1642, 1661, 1663, 1685, 1689, 1700].

FREIRE DE ANDRADE, JACINTO:
- *Vida de D. João de Castro (D. J. de Castro)* [1343, 1345, 1390, 1418, 1465, 1494, 1559, 1586].

G

GABRIEL PEREIRA DE CASTRO:
- *Ulisséa*. Lisboa, 1826, Tipografia Rolandiana (Cita-se canto e estância) (Ulis.) [28, 242, 647, 851, 925, 1519].

GABRIEL SOARES DE SOUSA:
- *Tratado Descritivo do Brasil em 1587. Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal, Espanha e França, e acrescentada de alguns comentários à obra por Francisco Adolfo de Varnhagen*. 2.ª edição, Rio de Janeiro, 1879 [21, 739, 1150].

GARRETT, ALMEIDA:
- *Frei Luís de Sousa (Fr. L. de S. ou Fr. L. de Sousa)* [492, 498, 506, 546, 1429, 1476, 1486, 1676].

- *Camões (Cam.)* [544, 1345, 1408].

- *Viagens na Minha Terra (Viagens ou Viag.)* [254, 544, 936, 1345, 1346, 1429, 1476, 1478, 1479, 1655, 1676].

GASPAR CORREIA:
- *Lendas da Índia*. Lisboa, 1858-1864 [340].

Gên. (= Gênesis) [1563, 1565]. v. *Bíblia Sagrada*.

GIL VICENTE:
- *Obras de Gil Vicente*. Lisboa, 1852 [61, 93, 132, 277, 324, 361, 409, 439, 457, 459, 460, 479, 492, 532, 540, 547, 561, 642, 644, 647, 648, 705, 711, 713, 718, 721, 754, 922, 923, 945, 949, 968, 970, 971, 974, 980, 1000, 1124, 1165, 1171, 1271, 1379, 1406, 1418, 1425, 1520, 1541, 1547, 1548, 1549, 1550, 1566, 1584, 1587, 1596, 1602, 1607, 1613, 1617, 1654, 1655].

GOÑÇALVES DIAS:
- *Cantos. Coleção de Poemas de A. Gonçalves Dias*. 4.ª edição, 2 tomos, Leipzig, 1865 [1434 ("Canto do Piauí"), 1.º tomo - pág. 7: "Tabira", 1.º tomo - pág. 172; "A Morte", 1.º tomo - pág. 67], 1435 ("Te Deum"), 1.º tomo - págs. 122 e 123], 1652 ("I-Juca-Pirama"), 2.º tomo - pág. 101].

GOÑÇALVES VIANA:
- *Portugais, Phonétique et Phonologie, Morphologie, Textes*. Leipzig, Teubner, 1903 [68 (nota)].

H

HEITOR PINTO, FREI:
- *Imagem da Vida Cristã ordenada per diálogos como membros de sua composição*. Lisboa, 1843, Tipografia Rolandiana [102,

115, 120, 146, 149, 171, 185, 331, 338, 356, 414, 437, 561, 573, 578, 600, 604, 647, 683, 686, 718, 719, 795, 854, 855, 856, 862, 868, 871, 872, 894, 903, 918, 960, 963, 973, 984, 996, 1000, 1062, 1063, 1113, 1114, 1115, 1121, 1124, 1396, 1406, 1427, 1428, 1450, 1451, 1453, 1490, 1509, 1571, 1572, 1609, 1610, 1621, 1643, 1660, 1662, 1665, 1667, 1669, 1675].

HERCULANO, ALEXANDRE:
- *Eurico o Presbítero*. Lisboa, 1876 (Eur.) [396, 453, 467, 468 (nota), 470, 473, 477, 488, 495, 496, 498, 500, 501, 502, 515, 521, 535, 575, 583, 585, 595, 596, 597, 778, 898, 1345, 1372, 1375, 1396, 1425, 1429, 1449, 1455, 1465, 1474, 1491, 1536, 1537, 1542, 1644, 1645, 1646, 1652, 1654, 1655, 1656, 1657, 1658, 1662, 1665, 1666, 1668, 1669, 1670, 1671, 1676].

- *Lendas e Narrativas*. Lisboa, 1858 (Lendas e Narr.) [209 (nota), 337, 412, 467, 470, 477, 502, 506, 544, 546, 573, 575, 576, 583, 585, 658, 746, 751, 778, 780, 845, 849, 862, 864, 866, 1023, 1420, 1429, 1437, 1454, 1456, 1463, 1468, 1469, 1474, 1475, 1476, 1485, 1487, 1491, 1547, 1655, 1663, 1666, 1667, 1670, 1676].

- *O Monge de Cister*. Lisboa, 1887 (M. de C.) [254, 257, 337, 345, 392, 400, 414, 491, 577, 586, 694 (nota), 746, 843, 846, 864, 872, 1029, 1090, 1392, 1404, 1407, 1416, 1421, 1424, 1425, 1429, 1451, 1461, 1463, 1464, 1465, 1466, 1467, 1474, 1476, 1478, 1483, 1485, 1491, 1542, 1578, 1587, 1606, 1607, 1646, 1650, 1651, 1654, 1666, 1667, 1670, 1684].

- *Harpa do Crente* [546].

- *Opúsculos* [546].

- *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal (Inq.)* [1684].

História Trágico-Marítima compilada por Bernardo Gomes de Brito. Lisboa, 1904 (Hist. Trág. Mar.) [405, 981].

História de Lamego [1150].

I

Inéditos Portugueses (Inéd. Port.): v. *Coleção de Livros Inéditos de História Portuguesa*.

Itinerários da Índia a Portugal por Terra revistos e prefaciados por Antônio Baião... I. Itinerário de Antônio Tenreiro... II. Itinerário de Mestre Afonso... Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923 (Itin.) [400, 773, 844, 981].

J

JERÔNIMO DE MENDONÇA:
- *Jornada de Africa*. Lisboa, 1904 (Jorn. de Afr. ou Journ.) [317, 439, 868, 903, 925, 935, 1055].

JERÔNIMO RIBEIRO (SOARES):
- *Auto do Físico (Fis.)* [658].

JOÃO DE BARROS:
- *Da Ásia*. Lisboa, 1778 (Cita-se década, livro e capítulo) (Déc.) [19, 177, 201, 242, 243, 244, 245, 306, 308, 328, 333, 335, 340, 344, 353, 356, 366, 369, 393, 405, 414, 439, 553, 573, 576, 642, 657, 686, 728, 735, 736, 737, 739, 742, 746, 751, 753, 754, 759, 763, 773, 776, 777, 814, 851, 855, 861, 862, 863, 872, 877, 882, 898, 984, 986, 987, 992, 993, 1023, 1025, 1030, 1045, 1064, 1066, 1101, 1125, 1138, 1345, 1368, 1409, 1414, 1415, 1425, 1438, 1441, 1442, 1443, 1446, 1449, 1451, 1453, 1456, 1459, 1476, 1503, 1511, 1512,

1522, 1523, 1554, 1565, 1614, 1629, 1630, 1632, 1633, 1637, 1642, 1644, 1651, 1656, 1657, 1658, 1662, 1675, 1683, 1688, 1694, 1695, 1696, 1697, 1698].

- *Crônica do Imperador Clarimundo*. Lisboa; 1843, Tipografia Rolandiana (Clar.) [17, 273, 632, 658, 777, 847, 848, 963, 979, 1004, 1119, 1125, 1406, 1448, 1465, 1501, 1502, 1638].

JOÃO DOS SANTOS, FREI:
- *Etiópia Oriental*. Lisboa, 1891 (Et.) [21, 400, 735, 1438].

JORGE FERREIRA (DE VASCONCELOS):
- *Comédia Eufrosina*. Edição de 1786 (Eufr.) [23, 93, 686, 1418, 1419, 1438, 1508, 1558, 1595, 1601, 1621, 1625, 1629, 1636, 1660].

- *Comédia Ulissippo*. 3.ª ed. fielmente copiada por Bento José de Sousa Farinha. Lisboa, 1787 (Ulis.) [23, 925, 1629, 1637].

JÚLIO DINIS:
- *A Morgadilha dos Canaviais*. Edição de 1918 (Morg.) [503, 508, 871, 872, 874, 875, 902, 906, 1429].

- *Serões da Província*. Edição de 1916 (Ser. da Prov.) [902, 903, 905, 906].

L

Lam. [642]; *Descrição do Terreno em Roda da Cidade de Lamego*. V. *Coleção de Livros Inéditos de História Portuguesa*, tomo V.

LEITE DE VASCONCELOS, JOSÉ:
- *Fabulário Português Medieval, publicado conforme a um manuscrito do século XV existente na Biblioteca de Viena de Austria por J. L. de Vasconcelos*. Lisboa, 1906 (L. de Esopo) [13, 120, 188, 192, 250, 259, 340, 343, 356, 359, 417, 423, 641, 696, 698, 705, 712, 861, 870, 882, 921, 954, 979, 1067, 1070, 1075, 1119, 1123, 1171, 1425, 1512, 1530, 1532, 1533].

- *Textos Arcaicos*. 2.ª edição ampliada, Porto, 1908 (Text. Arc.) [161, 179, 964, 965].

Livro de Esopo (L. de Esopo): v. **LEITE DE VASCONCELOS, Fabulário Português Medieval**.

Livro de Linhagens (Livro de Linh.) [457, 650 (nota), 1648].

Livro da Montaria de D. João I: v. **D. JOÃO I**.

Livro Vermelho [249, 279, 745, 956]. v. *Coleção de Livros Inéditos de História Portuguesa*, tomo III.

LUCENA, JOÃO DE (LUC):
- *História da Vida do Padre Francisco de Xavier* [414, 652, 658, 862, 863, 894].

M

M(ATIAS) AIRES (RAMOS DA SILVA DE EÇA):
- *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens ou Discursos Morais sobre os Efeitos da Vaidade*. Lisboa, 1752 (Vaid.) [332, 333, 354, 1418, 1485, 1497, 1578, 1579, 1591, 1592, 1595, 1597, 1610, 1684, 1700].

MEYER-LÜBKKE:
- *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft* [1104].

M. Polo (= Marco Paulo):
- *O Livro de Marco Paulo - O Livro de Nicolau Veneto - Carta de Jerônimo de Santo Estêvão conforme a impressão de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502; com t'is fac-similes, introdução e índices por Francisco Maria Esteves Pereira*. Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1922 [340, 408, 755].

N

Núm. (= Números) [1433]. V. *Bíblia Sagrada*.
 NUNES, J(OSE) J(OAQUIM):
 - *Crestomatia Arcaica*. Lisboa, 1906 (*Crest. Arc. ou Crest.*) [146, 161, 692, 705, 712, 716, 742, 788, 965, 1152, 1644, 1655, 1673].

O

Ordenações de D. Afonso (Ordenações Afonsinas ou Ord. Af.) [423, 1701].
Ordenações de D. Manuel:
 - *Ordenações do Senhor Rei D. Manuel*. Coimbra, 1797 [69, 250, 423, 425, 570, 749, 874, 994, 1150, 1152, 1468, 1602, 1603, 1618, 1631, 1692, 1696].

P

PADRE ANTÔNIO VIEIRA: v. VIEIRA, PADRE ANTÔNIO.
 PADRE MANUEL BERNARDES: v. BERNARDES, PADRE MANUEL.
Peregrinatio Aetheriae [1320, 1348].
 PINA, RUI DE: v. RUI DE PINA.
Poema del Cid [415 (nota)].
Portugaliae Monumenta Historica (Port. Mon. Hist.) [336, 952, 1654].
 PRESTES, ANTÔNIO: v. ANTÔNIO PRESTES.

R

Regra de São Bento [729].
Regat. [1418, 1508, 1512, 1522, 1602].
Reis: I Reis [1547]. V. *Bíblia Sagrada*.
 RODRIGUES LÔBO, FRANCISCO:
 - *Côrte na Aldeia (C. na Ald.)* [818, 1414, 1425, 1480, 1644, 1650, 1652, 1654, 1664, 1665, 1666, 1669, 1671, 1675].
 RUI DE PINA:
 - *Crônica del-Rei D. Duarte*. Lisboa, 1901 (*D. Duarte ou D. Du.*) [439, 1120, 1500, 1558, 1692].
 - *Crônica del-Rei D. João II em Coleção de Inéditos de História Portuguesa*, tomo II [264].

S

SÁ DE MIRANDA, FRANCISCO DE:
 - *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*. Edição feita sobre cinco manuscritos inéditos e tôdas as edições impressas, acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossário e um retrato. Edição de D. Carolina de Michaëlis, Halle, 1885 (Onde há indicação de volume, seguiu-se a edição rolandiana) [72, 99, 139, 171, 238, 259, 363, 417, 547, 561, 660, 683, 685, 686, 706, 715, 767, 777, 894, 979, 1001, 1396].
 - *Os Vilhalpandos (Vilh.)* [658].
 SAID ALI (IDA), M(ANUEL):
 - *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 2.ª edição, 1919 [195, 546 (nota), 571 (nota), 824, 1477, 1560, 1665].
 - *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1930 [340 (nota)].
 SAMUEL DE USQUE:

- *Consolação às Tribulações de Israel. Com revisão e prefácio de Mendes dos Remedios*. Coimbra, 1906 (*Trib.*) [281, 1504].
Santa Maria Egípcíaca (ou S. Maria Egípcíaca):

- J. J. Nunes, *Textos Antigos Portuguezes, Vida de Santa Maria Egípcíaca e do Santo Homem Zozimas*, em "Revista Lusitana", XX, 1917 [641, 648, 701, 710, 1629].
 Santo Amaro (ou Vida de Santo Amaro):
 - Otto Klob, *A Vida de Santo Amaro, texto português do XIV século*, em "Romania", XXX, 1901 (*S. Amaro ou S. Am.*) [13, 188, 190, 563, 568, 650 (nota), 869, 870, 882, 972, 992, 997, 998, 1533, 1633].

Santo Graal:
 - *A História dos Cavaleiros da Mesa Redonda e da Demanda do Santo Graal*. Edição de Karl von Reinhardtstoettner, Berlim, 1887 [13, 103, 146, 262, 456, 457, 561, 563, 567, 641, 648, 650 (nota), 656, 696, 701, 706, 732, 785, 788, 847, 869, 870, 872, 873, 917, 919, 920, 933, 939, 954, 958, 959, 963, 965, 975, 1027, 1032, 1043, 1069, 1070, 1071, 1123, 1638, 1673].

Santos Barlaão e Josafate:
 - G. de Vasconcelos-Abreu, *A Lenda dos Santos Barlaão e Josafate*. Lisboa, 1898 (*S. Josafate*) [13, 99, 178, 188, 336, 343, 359, 483, 532, 561, 581, 603, 647, 648, 656, 686, 696, 698, 705, 706, 710, 712, 718, 732, 788, 868, 870, 880, 882, 917, 919, 933, 952, 958, 1032, 1125, 1150, 1171, 1193, 1601, 1635, 1638, 1653, 1654, 1663, 1673].

S. Josafate: v. Santos Barlaão e Josafate.
 S. Mat. (= São Mateus) [1375]. V. *Bíblia Sagrada*.

SOMMER, F.:
 - *Handbuch der lateinischen Laut und Formenlehre* 117.

SOUSA, FREI LUIS DE:
 - *Vida de D. Fr. Bertolameu dos Mártires... por Fr. Luís de Cácegas... Reformada em estilo e ordem, e ampliada em sucessos e particularidades de novo achadas por Frei Luís de Sousa*. Lisboa, 1842, Tipografia Rolandiana (*Arceb. ou Arc.*) [229, 249, 400, 517, 518, 735, 736, 816, 844, 845, 922, 997, 1023, 1025, 1026, 1112, 1140, 1343, 1391, 1442, 1496, 1499, 1509, 1516, 1579, 1580, 1595, 1642, 1653, 1656, 1660, 1663, 1664, 1666, 1667, 1668, 1669, 1683, 1684].
 - *História de São Domingos (S. Dom.)* [205, 229, 340, 354, 401, 407, 517, 576, 866, 1272, 1438, 1657].
 - *Anais de D. João III (D. J. III)* [587, 1395, 1397].

SOUSA DE MACEDO, ANTÔNIO DE:
 - *Ulissipo* [28].

T

Testamento de D. Afonso II [166, 952].
 TOMÉ DE JESUS, FREI:
 - *Trabalhos de Jesus (Trab.)* [850, 1001, 1369, 1400, 1425, 1638].

U

USQUE, SAMUEL DE: v. SAMUEL DE USQUE.

V

Vida de Santo Amaro: v. Santo Amaro.
 VIEIRA, PADRE ANTÔNIO:
 - *Sermões do Padre Antônio Vieira (Tôdas as referências são feitas ao texto dos volumes da 1.ª edição, 1679-1748) (Serm.)* [93, 94, 121, 145, 146, 172, 176, 177, 178,

206, 229, 238, 242, 259, 267, 276, 282, 319, 329, 330, 331, 332, 333, 337, 339, 342, 347, 348, 349, 350, 354, 369, 389, 392, 401, 405, 406, 414, 416, 418 (nota), 420, 435, 458, 467, 468 (nota), 470, 472, 473, 478, 502, 506, 507, 508, 517, 518, 521, 532, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 583, 584, 586, 588, 602, 606, 610, 613, 633, 644, 649, 652, 658, 659, 683, 685, 686, 718, 720, 721, 735, 736, 738, 743, 750, 751, 754, 765, 770, 772, 800, 805, 816, 844 (nota), 845, 848, 849, 851, 853, 854, 855, 858, 859, 860, 861, 862, 864, 867, 868, 870, 872, 876, 880, 898, 900, 901, 926, 927, 941, 942, 947, 948, 949, 978, 984, 985, 995, 996, 997, 998, 999, 1000, 1006, 1016, 1019, 1023, 1024, 1025, 1026, 1027, 1029, 1033, 1055, 1059, 1066, 1083, 1085, 1101, 1107, 1110, 1141, 1142, 1163, 1308, 1344, 1345, 1346, 1392, 1393, 1394, 1396, 1397, 1398, 1400, 1403, 1404, 1405, 1407, 1409, 1414, 1421, 1422, 1423, 1424, 1425, 1427, 1428, 1439, 1448, 1452, 1457, 1465, 1466, 1467, 1468, 1478, 1480, 1485, 1488, 1490, 1492, 1495, 1505, 1512, 1515, 1523, 1540, 1542, 1557, 1572, 1574, 1576, 1578, 1579, 1580, 1581, 1586, 1587, 1588, 1589, 1593, 1594, 1595, 1597, 1598, 1601, 1606, 1607, 1608, 1609, 1613, 1615, 1617, 1619, 1620, 1626, 1642, 1643, 1648, 1652, 1654, 1655, 1660, 1661, 1666, 1667, 1668, 1670, 1671, 1672, 1675, 1683, 1691, 1695, 1696, 1697].
 - *Cartas do Padre Antônio Vieira*. Lisboa, 1885 (Foi também consultada a edição de J. Lúcio de Azevedo, em 3 tomos, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, 1926, 1928) (C.) [273, 396, 400, 404, 406, 409, 439, 685, 735, 743, 805, 812, 900, 901, 949, 998, 1000, 1101, 1396, 1427, 1579, 1667].

Ving. de Agam. (= Vingança de Agamenom): v. VITÓRIA, ANRIQUE AIRES.

Virtuosa Benfeitoria:
 - *O Livro da Virtuosa Benfeitoria do Infante D. Pedro*, em *Coleção de Manus-*

critos Inéditos agora dados à estampa, II. Prefácio e edição de José Pereira de Sampaio. Pôrto, 1910 (*Virt. Benf. ou V. Benf.*) [13, 155, 192, 437, 439, 641, 1145, 1165, 1171, 1193].

VITÓRIA, ANRIQUE AIRES:
 - *A Vingança de Agamenom. Tragédia de Anrique Aires Vitória. Conforme a impressão de 1555... por Francisco Maria Esteves Pereira*. Imprensa Nacional de Lisboa, 1918 (*Ving. de Agam. ou Agam.*) [1541, 1624, 1661, 1664].
Vulgata [1679]. V. *Bíblia Sagrada*.

W

WÖLFFLIN:
 - *Archiv für Lateinische Lexikographie*, vol. V [1237 (nota)].

Z

ZURARA, GOMES EANES DE:
 - *Crônica do Descobrimento e Conquista de Guiné... dada pela primeira vez à luz por diligência do Visconde da Carreira, precedida de uma introdução e ilustrada com algumas notas pelo Visconde de Santarém*. Paris, 1841 [387, 389, 456, 479, 540, 561, 568, 569, 706, 935, 946, 997, 1007, 1118, 1122, 1125, 1613, 1701].
 - *Crônica da Tomada de Ceuta por El-Rei D. João I composta por Gomes Eanes de Zurara. Publicada por ordem da Academia das Ciências de Lisboa... por Francisco Maria Esteves Pereira*. Lisboa, 1915 (*Ceuta*) [516].
 - *Crônica do Conde D. Pedro de Meneses (P. Men., C.P., C.M., D.P. ou P.P.)* [456, 553, 554, 569, 706, 871, 992, 1001, 1002, 1638, 1652]. V. *Coleção de Livros Inéditos de História Portuguesa*, tomo II.
 - *Crônica do Conde D. Duarte de Meneses* [739, 745, 847, 988, 1029, 1412, 1425, 1660]. V. *Coleção de Livros Inéditos de História Portuguesa*, tomo III.

ÍNDICE GERAL

Apresentação	5
Prólogos das edições anteriores:	
Prólogo da <i>Lexeologia do Português Histórico</i>	7
Prólogo de <i>Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico</i>	10
Prólogo da <i>Gramática Histórica</i>	11
Índice (dos capítulos)	13
1. ^a Parte — Estudo dos Sons e Lexeologia	15
2. ^a Parte — Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico	227
Índices:	
Nota do organizador desta edição	364
Índice onomástico	365
Índice bibliográfico	368